



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
FACULDADE DE CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO

MERI NADIA MARQUES GERLIN

NO BALANÇO DAS REDES DOS CONTADORES DE HISTÓRIAS:
COMPETÊNCIA NARRATIVA E COMPETÊNCIA EM INFORMAÇÃO NO
SÉCULO XXI

BRASÍLIA

2015

MERI NADIA MARQUES GERLIN

NO BALANÇO DAS REDES DOS CONTADORES DE HISTÓRIAS:
COMPETÊNCIA NARRATIVA E COMPETÊNCIA EM INFORMAÇÃO NO
SÉCULO XXI

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em
Ciência da Informação (PPGCINF) da Universidade
de Brasília (UnB), como requisito para obtenção do
título de Doutor em Ciência da Informação.
Orientação: Prof^a Dr^a Elmira Luzia Melo Soares
Simeão.

BRASÍLIA

2015

Ficha Catalográfica

G371b

Gerlin, Meri Nadia Marques.

No balanço das redes dos contadores de histórias: competência narrativa e competência em informação no século XXI / Meri Nadia Marques Gerlin. – Brasília, 2015.

325f.

Tese (Doutorado) – Universidade de Brasília, Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação.

Orientadora: Elmira Luzia Melo Soares Simeão.

1. Contação de histórias. 2. Memória social. 3. Competência narrativa. 4. Competência em informação. 5. Rede Colaborativa. I. Simeão, Luzia Melo Soares Simeão, orient. II. Universidade de Brasília – UnB. III. Título.



FOLHA DE APROVAÇÃO

Título: "No balanço das redes dos contadores de historias: competência narrativa e competência em informação no século XXI"

Autor (a): Meri Nádia Marques Gerlin

Área de concentração: Gestão da Informação

Linha de pesquisa: Comunicação e Mediação da Informação

Tese submetida à Comissão Examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Pós-graduação em Ciência da Informação da Faculdade em Ciência da Informação da Universidade de Brasília como requisito parcial para obtenção do título de **Doutor** em Ciência da Informação.

Tese aprovada em: 10 de novembro de 2015

Prof.^a Dr.^a Elmira Luzia Melo Soares Simeão
Presidente (UnB/PPGCINF)

Prof.^a Dr.^a Regina Célia Baptista Belluzzo
Membro Externo (UNESP)

Prof.^a Dr.^a Dulcinea Sarmento Rosemberg
Membro Externo (UFES)

Prof.^a Dr.^a Lillian Maria Araújo de Rezende Alvares
Membro Externo (UnB/ PPGCINF)

Prof. Dr. Antonio Lisboa Carvalho de Miranda
Membro Interno (UnB/PPGCINF)

Prof.^a Dr.^a Kelley Critine Gonçalves Dias Gasque
Suplente (UnB/PPGCINF)

AGRADECIMENTOS

À Elmira Simeão a eterna gratidão pelo aconchego, acadêmico e humano, durante os longos e, ao mesmo tempo, revigorantes momentos de orientação. Esses encontros ocasionaram numa tempestade de ideias que assumiram os contornos desta pesquisa de doutorado e, por conseguinte, do trabalho desenvolvido com a comunidade interna e externa à Universidade.

Às professoras Dulcinea Rosemberg e Regina Belluzzo um agradecimento especial pelas valiosas contextualizações, sugestões e críticas que transbordaram na banca de qualificação. Aos demais membros da banca, expresso, além do agradecimento, a minha admiração: Antônio Miranda; Lillian Alvares e Kelley Gasque.

À CAPES pelo incentivo à pesquisa concedido ao Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da Universidade de Brasília, no âmbito do Doutorado Interinstitucional firmando com a Universidade Federal do Espírito Santo. À diretora da Faculdade de Ciência da Informação Elmira Luzia Melo Soares Simeão e aos professores que atuaram na coordenação do programa de pós-graduação, desde o processo de seleção até a defesa: André Lopez Ancona; Dulce Maria Baptista; Lillian Maria Araújo de Rezende Alvares; Fernando César Lima Leite e Georgete Medleg Rodrigues.

Aos coordenadores do doutorado interinstitucional Cláudio Gottschalg Duque e Dulcinea Sarmiento Rosemberg, bem como, aos professores que ministraram as disciplinas em terras capixabas: André Porto Lopez Ancona; Antônio Lisboa Carvalho de Miranda; Cláudio Gottschalg Duque; Elmira Luzia Melo Soares Simeão; Jorge Henrique Cabral Fernandes; Renato Tarcisio Barbosa de Sousa; Rogério Henrique de Araújo Júnior e Sofia Galvão Baptista. Aos secretários da Faculdade e do Programa pelo apoio concedido ao longo de quase quatro anos: Silene Ramalho; Martha Araújo; Vívian Miatelo; Jaqueline Ferrapeira e tantos outros colaboradores, como Denise Bacellar Nunes, em especial, pela amizade que (re)encontrei em terra estranha no início e, depois de tantas idas e vindas, um pouco minha.

Aos 68 sujeitos que participaram desta pesquisa, contadores de histórias contemporâneos, metamorfoseando-se em diversos espaços tempos de informação, educação e cultura do Estado do Espírito Santo e, especialmente, aos 19 entrevistados pelo encantamento de suas palavras: Alzinete Biancardi; Alzira Bossois; Cláudia Perere; Eduardo Valadares; Elane Uliana; Eugênia Broseguini; Eugênio Fernandes; Fabiano Moraes; Fábio Perere; Gab Kruger;

Ingrid Pereira; Marcela Mendonça; Márcia Helena; Marta Samôr; Rita Santos; Rosário Varejão; Silvana Sampaio; Tiana Magalhães e Vânia Célia.

Aos narradores de histórias que participaram do pré-teste da pesquisa no *1º Seminário No balanço das redes dos contadores de histórias*, realizado na Biblioteca Demonstrativa de Brasília, assim como, aos diversos sujeitos que contribuíram para a realização dos eventos no Distrito Federal e no cenário espírito santense. Aos alunos do Curso de Biblioteconomia da Universidade Federal do Espírito Santo, matriculados nas disciplinas *Serviço de Recuperação da Informação I, Ação Cultural, Trabalho de Conclusão de Curso* e, tantos outros sujeitos de cultura, que participaram dos movimentos de pesquisa e extensão que antecederam a finalização desta pesquisa.

Às companheiras Lucileide Lima e Luzia Zorzal pelo apoio no *2º Seminário No balanço das redes dos contadores de histórias* realizado nas dependências da Universidade Federal do Espírito Santo e, principalmente, pela amizade e companheirismo demonstrados nos momentos de alegrias, dificuldades e (re)criação de vários contextos da pesquisa. Aos demais companheiros do Doutorado em Ciência da Informação das Universidades Federais do Espírito Santo e de Brasília, pela parceria em sala de aula, projetos e grupos de pesquisas: Ada Solano; Ana Cláudia Borges; André Malverdes; Célia Costa; Henrique Cristovão; Janelucy Gama; Júlia Margoto; Márcia Marques; Rachel Guimarães; Taiguara Villela e outros.

Às amigas de profissão Ana Cláudia Borges, Nádia Elôina, Neuza Balbino e Rosa Ferreira, assim como, ao professor Attilio Provedel pelas trocas no processo de concepção do projeto. Aos demais companheiros do Departamento de Biblioteconomia e Arquivologia da Universidade Federal do Espírito Santo que, direta ou indiretamente, auxiliaram na composição deste trabalho estendendo esse agradecimento.

À professora Alzinete Maria Rocon Biancardi na atualidade companheira de atividades extensionistas e outrora coordenadora do Grupo Experimental de Contadores de Histórias da Universidade Federal do Espírito Santo, minha mentora e grande agenciadora dos encantos da arte de narrar no Estado do ES. À professora Daniela Lucas pelo apoio em época de desespero, auxiliando no processo de representação da rede dos contadores de histórias, ampliando nossas próprias redes e, com elas, as possibilidades de trabalhos colaborativos no Departamento de Biblioteconomia da Ufes.

DEDICATÓRIA

Ao Senhor Deus por conceder a minha vida e a capacidade de completar essa etapa da caminhada acadêmica, tendo como perspectiva novos trabalhos no campo das atividades extensionistas e da pesquisa universitária no Estado do Espírito Santo.

À irmã Patricia Pereira Pavesi com quem compartilho práticas culturais desde os movimentos da Pastoral da Juventude da Igreja Católica, responsável pela leitura da primeira lenda capixaba que compõe o meu repertório: *O pássaro de fogo*.

À irmã Márcia Marques pelo apoio concedido nas horas mais difíceis da escrita desta tese, incluindo nesse processo a lida com a doença dos membros da família e, por fim, pela aplicação dos questionários de perfil e contexto nas redes que nos (re)ligam no campo da atuação profissional.

À Avó materna, Senhora Albertina Maria Ricardo (*in memoriam*), a contadora de causos que me ensinou a ouvir as belas histórias que tanto influenciaram e continuam influenciando a minha vida pessoal, profissional e acadêmica em um eterno *continuum*.

Aos membros mais próximos da minha família pelo apoio recebido durante as inúmeras viagens ao Distrito Federal, durante o período de um intenso trabalho que, segundo meu filho José Henrique, *não acabava nunca* (risos e lágrimas)...

... Então dedico de maneira especial o término deste trabalho ao filho amado José Henrique Gerlin de Lemos e a mãe eterno porto seguro Isabel Marques Gerlin;

Ao esposo companheiro de todas as horas Carlos José Andrade de Lemos;

Aos queridos pai Hedyr Ranulfo Gerlin e irmão Carlos Henrique Marques Gerlin;

Dedico a escrita desta tese de doutoramento a todos vocês, entes queridos e minha razão de existir!

RESUMO

Narrativa e oralidade sustentam a prática do contador de histórias contemporâneo, atravessada por uma memória social constituída no movimento de um coletivo que preserva e dissemina seus mitos, suas lendas e seus contos. O contexto desta pesquisa consolida-se perante a capacidade desse narrador estabelecer relações com pares, apoiadores e público em contextos presenciais e virtuais, ao mesmo tempo em que cotidianamente aprende a buscar, recuperar, produzir e compartilhar informações. Com isso, cresce a necessidade de aperfeiçoar o aprendizado de como acessar, avaliar e usar informações específicas de sua área de atuação. O exposto fornece elementos à apresentação do objetivo geral que é identificar competência narrativa e competência em informação que os contadores de histórias contemporâneos possuem e aquelas que lhes são necessárias para uma conexão colaborativa, a fim de propor um modelo de rede que seja potencializado ou não pelas tecnologias de informação e comunicação. Todavia, acredita-se que o domínio das redes digitais se apresenta como um desafio aos atores culturais do universo da pesquisa que durante décadas dominam os mecanismos da comunicação interpessoal no Estado do Espírito Santo. Desenvolvida no âmbito do Grupo de Pesquisa Competência em Informação do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da Universidade de Brasília, quanto aos fins se classifica como uma combinação de estudos exploratórios e descritivos, sendo do tipo qualitativa e assumindo em outros momentos contornos quantitativos. Quanto aos procedimentos assume as características de uma pesquisa participativa, devido ser imperativo os diálogos e a interação entre os sujeitos que dela participam. Divide-se em quatro momentos inteiramente interligados. No primeiro procede-se a uma pesquisa teórica por meio de uma leitura flutuante do que fora publicado pela Ciência da Informação e áreas afins sobre assuntos como memória, competência narrativa, competência em informação e redes colaborativas. No segundo momento mapeiam-se as redes dos contadores de histórias e inicia-se a coleta dos dados no campo da pesquisa, tendo como meta diagnosticar as competências do contador de histórias no Estado do Espírito Santo. Mediante a aplicação de questionário contendo indicadores de perfil e contexto, identificaram-se habilidades direcionadas ao desenvolvimento da prática narrativa, produção de conhecimentos e compartilhamento de informações em redes de colaboração. No terceiro momento, acrescentam-se outras estratégias ao processo de identificação das competências dos contadores de histórias, tais como, entrevistas que tiveram como base perguntas semiestruturadas que, de maneira flexível, conduziram ao processo de observação da competência narrativa no campo de atuação dos contadores de histórias. A competência em informação identificada ao longo do processo e a competência narrativa observada nos territórios de atuação, conduziram ao quarto momento da pesquisa: a representação da rede dos contadores de histórias da pesquisa e a proposição do planejamento de um modelo de rede colaborativa que gira em torno da prática narrativa dos narradores do Estado do Espírito Santo. Com os resultados da pesquisa de doutoramento levou-se em consideração o fato de que as tecnologias inovadoras tendem a ampliar a conexão entre os contadores de histórias em redes, sejam elas centralizadas, descentralizadas ou distribuídas. O modelo de planejamento apresentado caracteriza-se como uma tentativa de estimular a organização de vários grupos de contadores de histórias (profissional, voluntário, etc.) em redes que se mostrem mais distribuídas, o que não elimina a centralidade na estrutura de comunicação. Envolve também as relações dos atores sociais que atuam em diversos territórios de informação, educação e cultura, presencialmente e virtualmente, caracterizando-a como uma rede de comunicação híbrida. Tendo em vista que a maior parte dos sujeitos da pesquisa não participa de redes (presenciais ou virtuais) voltadas para o campo da narrativa oral, preocupa-se em fomentar contextos de acesso e de compartilhamento de uma informação

que fortaleça a competência narrativa em contextos híbridos de comunicação. Assim sendo, a proposição do modelo de rede deverá estimular a participação do contador de histórias capixaba em contextos de busca, avaliação e uso da informação narrativa, assim como, permitir o compartilhamento de informações e a produção de conhecimentos voltados a sua área de atuação. A estrutura da rede de colaboração dos contadores de histórias, também deverá incluir grupos de contadores de histórias que ainda não foram privilegiados na sociedade da informação com os benefícios gerados pelas tecnologias de informação e comunicação.

Palavras-chave: Contação de histórias. Contador de histórias. Narrativa oral. Memória social. Competência em informação. Competência Narrativa. Sociedade da informação. Rede colaborativa. Modelo de rede.

ABSTRACT

Narrative and orality provide support to the contemporary storyteller's practice, which is permeated by social memory built along the movement of group that preserves and spreads its myths, legends and tales. The context of this investigation is consolidated in face of this narrator's ability to establish relationships with peers, supporters and audience in physical and virtual settings as he learns to search, retrieve, produce and share information. Thus, grows the need of improving learning about accessing, assessing and using this specific information in his area of expertise. The foregoing issue provides elements to introducing the general purpose which is to identify narrative competency and information literacy that contemporary storytellers already have and those they need for collaborative connection so as to propose a network model to be boosted by information and communication technologies. However, it is believed that digital networks set a challenge to cultural actors in the research universe which has ruled the interpersonal communication mechanisms in the State of Espírito Santo for decades. Carried out within the research group on Information Literacy in the Postgraduate program in Information Science at University of Brasilia, this investigation is a combination of exploratory and descriptive studies. It is a qualitative investigation that sometimes has quantitative features. As far as procedures are concerned, it has features of participative research, since dialoguing and interacting are essential among participants. It is divided into four fully interconnected stages. During the first stage, a theoretical study is carried out through skimming on what has been published by Information Science and relevant areas on subjects such as memory, narrative competency, information literacy, and collaborative networks. During the second one, we map the storytellers' networks and start collecting data in the research field so as to diagnose the competencies of storytellers in the State of Espírito Santo. By administering a questionnaire containing profile and context indicators, we were able to identify abilities addressing the development of narrative practice, production of knowledge and sharing of information in collaborative networks. During the third stage, we added other strategies to the process of identification of storytellers' competencies, such as interviews based on semistructured questions which, in a flexible way, led the process of observation of narrative competency in storytellers' field of expertise. The information literacy competency identified throughout the process and the narrative competency observed in work territory led to the fourth stage of this study: the representation of storytellers' networks in the study and the proposition of planning a collaborative network model that revolves around the narrative practice of storytellers in the State of Espírito Santo. With the results of this doctoral research, we took into account the fact that innovative technologies tend to broaden the connections between storytellers and networks, whether they are centralized, decentralized or distributed. The planning model presented is characterized as an attempt to stimulate the organization of several groups of story tellers (professional, volunteers, etc.) in networks that are more distributed, which does not eliminate centrality in the communication structure. It also involves the relationships of social actors who operate in different areas of information, education and culture, physically and virtually, characterized as a hybrid communication network. Since most study individuals do not participate in networks (physical or virtual) addressing oral narrative, this study aims at fostering bases to access and share information to strengthen narrative competency in hybrid communication network settings. Therefore, the proposition of the network model should stimulate participation of the Espírito Santo storyteller in contexts of search, assessment, and use of narrative information, as well as allow sharing information and production of knowledge in his field of work. The

structure of the storytellers' collaborative network should also include groups of storytellers who have not yet been benefitted from information technology in our information society.

Keywords: Storytelling. Storyteller. Oral narrative. Social memory. Information Literacy. Narrative Competency. Information society. Collaborative network. Network model.

LISTA DE FOTOGRAFIAS

Fotografia 1 – O Contador de histórias	20
Fotografia 2 – A persistência da memória.....	40
Fotografia 3 – O Frade e a freira	73
Fotografia 4 – Contação de histórias com Eduardo Valadares (Livraria Saraiva)	85
Fotografia 5 – Contação de histórias com Rodrigo Campanelli no Projeto Lendo na Calçada	86
Fotografia 6 – Oficina com Grupo Hannah Contadores de Histórias (Viagem pela Literatura).....	87
Fotografia 7 – Conexões dos atores sociais.....	91
Fotografia 8 – Narração com uso de recursos na EMEF ABL.....	126
Fotografia 9 – O Grito.....	137
Fotografia 10 - Contação de histórias com Tiana Magalhães (Museu Capixaba do Negro).....	165
Fotografia 11 – Contação de histórias com Silvana Sampaio (Encontro com o escritor)	169
Fotografia 12 – Curso de Formação com Fabiano Moraes (Projeto Colorir).....	171
Fotografia 13 – Contação de histórias com Gab Kruger (A Mala Produções).....	173
Fotografia 14 – Grupo Filhos de Griô (1º Encontro Estudantil de Histórias Afro Brasileiras).....	175
Fotografia 15 – Produções em torno da obra “Diversidade” de Tatiana Belinky	178
Fotografia 16 – Contação de histórias com Marcela Mendonça (Biblioteca da EMEF ABL).....	179
Fotografia 17 – Contadores de histórias Rita Santos e Eugênio Fernandes (Projeto Colorir)	205
Fotografia 18 – Contação de histórias com Fábio Perere (MUCANE).....	222
Fotografia 19 – Narradora de histórias Rosário Varejão conectada às redes digitais	223
Fotografia 20 – Rede de formação do Grupo Experimental de Contadores de Histórias da Ufes	242
Fotografia 21 – Encontro com o Grupo Chão de Letras na Ufes	277

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Griots e narradores	57
Figura 2 – Dados, informação, conhecimento e inteligência	101
Figura 3 – Disciplinaridade no contexto da Ciência da Informação	144
Figura 4 – Interdisciplinaridade no contexto da Ciência da Informação.....	146
Figura 5 – Multidisciplinaridade no contexto da Ciência da Informação	148
Figura 6 – Transdisciplinaridade no contexto da Ciência da Informação.....	150
Figura 7 – Rede centralizada (a), rede descentralizada (b) e rede distribuída (c)	243
Figura 8 – Território que deu início ao processo de mapeamento da rede.....	247
Figura 9 – Representação gráfica da rede dos contadores de histórias da pesquisa.....	249
Figura 10 – Atributo de territórios de atuação do contador de histórias.	250
Figura 11 – Atributo de profissões paralelas à área da contação de histórias.	251
Figura 12 – Atributo do tipo de ligação com a área da contação de histórias.	252
Figura 13 – Indicador do grau de centralidade da rede de contadores de histórias.	253
Figura 14 – Estratégia de análise da rede colaborativa dos contadores de histórias.	256
Figura 15 – Elementos da estrutura do planejamento da rede de colaboração.....	256
Figura 16 – Estrutura de relacionamento centralizada	263
Figura 17 – Estruturas de colaboração descentralizada.....	264
Figura 18 – Estrutura de comunicação extensionista	265
Figura 19 – Fases do planejamento da arquitetura da rede de colaboração.	274
Figura 20 – Proposta de planejamento da rede colaborativa	276

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – O percurso do mapeamento da rede dos contadores de histórias da pesquisa.....	157
Tabela 2 – Total de questionários enviados e preenchidos (devolvidos)	160
Tabela 3 – Média de idade do contador de histórias	167
Tabela 4 – Início da atividade do contador de histórias	167
Tabela 5 – Atividades paralelas e atuação no campo da contação de histórias.....	168
Tabela 6 – Influência de narradores da tradição no processo de formação informal	183
Tabela 7 – Pesquisa e seleção de histórias para o repertório.....	207
Tabela 8 – Estratégias utilizadas no preparo da narrativa oral	215
Tabela 9 – Tarefas simples que os contadores de histórias executam.....	226
Tabela 10 – Participação em redes sociais (presenciais e virtuais) da área.....	234
Tabela 11 – Grau de entrada e saída	254

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Tipos de ligação com a área da contação de histórias.....	172
Gráfico 2 – Indicação da formação escolar e acadêmica do contador de histórias	180
Gráfico 3 – Participação em atividades de formação	186
Gráfico 4 – Instituições que oferecem espaços de formação.....	188
Gráfico 5 – Avaliação do relacionamento com pares, público e apoiadores.....	198
Gráfico 6 – Caracterização da atividade cultural comumente desenvolvida.....	200
Gráfico 7 – Desenvolvimento do trabalho narrativo no espaço virtual.....	203
Gráfico 8 – Forma de seleção das histórias contadas	209
Gráfico 9 – Faixa etária do público atendido	214
Gráfico 10 – Equipamentos mais utilizados para o acesso á rede digital.....	226
Gráfico 11 – Intensidade do uso das mídias sociais	227
Gráfico 12 – Ferramentas de busca e recuperação da informação na internet	229
Gráfico 13 – Critérios de avaliação da qualidade das fontes de informação.....	232
Gráfico 14 – Importância atribuída às redes digitais.....	237
Gráfico 15 – Interesse em participar da rede colaborativa proposta	240

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Características da cultura oral e escrita	48
Quadro 2 – A memória no contexto da prática cultural do contador de histórias	55
Quadro 3 – Trajetória do conto universal literário e popular	67
Quadro 4 – Territórios de atuação dos contadores de histórias (TACHi)	81
Quadro 5 – Tipos de laços/interação social do contador de histórias contemporâneo	96
Quadro 6 – Dados, informação e conhecimento.....	99
Quadro 7 – Conceitos imbricados com a competência em informação	103
Quadro 8 – Competências em informação em ambiente de rede digital	110
Quadro 9 – Habilidades e técnicas relacionadas com a competência narrativa	118
Quadro 10 – Indicação de histórias tendo em vista a faixa etária do público	120
Quadro 11 – Categorias dos indicadores e descrição dos assuntos	158
Quadro 12 – Identificação dos entrevistados e descrição das atividades desenvolvidas.....	162
Quadro 13 – O estado da arte da atuação do contador de histórias contemporâneo	175
Quadro 14 – Espaços tempos de aprendizagem (formais e informais)	192
Quadro 15 – Rede formal e informal dos contadores de histórias.....	261
Quadro 16 – Grupo experimental e rede de colaboração	266

LISTA DE SIGLAS

ACS – Agentes Comunitários da Saúde
ALA – American Library Association
ALFIN – Alfabetização em informação
AASL – American Association of School Librarians
ACRL – Association of College and Research Library
BDB – Biblioteca Demonstrativa de Brasília
AECT – Association for Educational Communications and Technology
CAJUN – Serviço de Convivência para Crianças e Adolescentes
CRAS – Centro de Referência de Assistência Social
CBBD – Congresso Brasileiro de Biblioteconomia, Documentação e Ciência da Informação
CBO – Classificação Brasileira de Ocupações
CI – Ciência da Informação
CMEI – Centro Municipal de Educação Infantil
DF – Distrito Federal
EMEF – Escolas Municipais de Ensino Fundamental
ES – Espírito Santo
FCI – Faculdade de Ciência da Informação
FINDES – Federação das Indústrias do Espírito Santo
FNLIJ – Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil
FUNCULTURA – Fundo de Cultura do Estado do Espírito Santo
GECHUFES – Grupo Experimental de Contadores de Histórias da Universidade Federal do Espírito Santo
GEETAB – Grupo de Estudos Educação e Trabalho em Arquivologia e Biblioteconomia
GPCI – Grupo de Pesquisa Competência em Informação
IDEIAS – Indicadores de inclusão digital e informacional direcionada a saúde
INDICOM – Indicadores de competências dos narradores conectados em redes
LIBRAS – Língua Brasileira de Sinais
MEC – Ministério da Educação
MUCANE – Museu Capixaba do Negro
PMC – Prefeitura Municipal de Cariacica
PMJM – Prefeitura Municipal de Jerônimo Monteiro
PMV – Prefeitura Municipal de Vitória
PM Viana – Prefeitura Municipal de Viana
PMVV – Prefeitura Municipal de Vila Velha
PNBE – Programa Nacional Biblioteca da Escola
PPGE – Programa de Pós-Graduação em Educação
PPGCINF – Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação
PROLER – Programa Nacional de Incentivo à Leitura
RMGV – Região Metropolitana da Grande Vitória
SEDU – Secretaria de Estado da Educação
TAHis – Territórios de Atuação dos Contadores de Histórias
TIC – Tecnologias de Informação e Comunicação
Ufes – Universidade Federal do Espírito Santo
UnB – Universidade de Brasília

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	20
1.1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS: ESSE DIÁLOGO TINHA QUE PARTIR DE ALGUM PONTO!.....	21
1.2 CONTEXTO DA PESQUISA.....	27
1.3 PROBLEMA E HIPÓTESE.....	35
1.3 OBJETIVOS.....	37
1.3.1 <i>Objetivo geral</i>	37
1.3.2 <i>Objetivos específicos</i>	38
2 MEMÓRIA SOCIAL E COLETIVA DOS CONTADORES DE HISTÓRIAS: UMA ABORDAGEM TRANSDISCIPLINAR	40
2.1 MEMÓRIA INDIVIDUAL, COLETIVA E SOCIAL SOB O PRISMA DA TRANSDISCIPLINARIDADE.....	41
2.2 O TECIDO DE UMA MEMÓRIA VISUALIZADA NO CONTEXTO DA ATIVIDADE CULTURAL DO CONTADOR DE HISTÓRIAS.....	52
3 NARRATIVA ORAL: A COMPOSIÇÃO DE INFORMAÇÕES QUE ALIMENTAM UMA PRÁTICA MILENAR NOS TERRITÓRIOS DE ATUAÇÃO DO CONTADOR DE HISTÓRIAS	57
3.1 A NARRATIVA ORAL NO CONTEXTO DA CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS	58
3.1.1 <i>Conto popular e literário: registro de lendas, mitos, contos de fadas... tudo isso pra narrar e um pouco mais!</i>	65
3.2 O NARRADOR DE HISTÓRIAS PROFISSIONAL: A APRESENTAÇÃO DE ALGUNS POSSÍVEIS NOS SEUS TERRITÓRIOS DE ATUAÇÃO.....	76
3.2.1 <i>O estado da arte de contar histórias em territórios de educação, informação e cultura</i>	82
4 COMPETÊNCIAS NECESSÁRIAS ÀS CONEXÕES EM ESPAÇOS TEMPOS DE PRODUÇÃO DE INFORMAÇÃO, EDUCAÇÃO E CIBERCULTURA	91
4.1 ENTRE O ERA UMA VEZ E AS CONEXÕES EM REDES	92
4.2 O CONTEXTO DA COMPETÊNCIA EM INFORMAÇÃO	98
4.2.1 <i>Competência em informação (Information literacy): origens</i>	104
4.2.2 <i>Competência em informação: alfabetização digital e alfabetização em informação</i>	110
4.3 A COMPETÊNCIA NARRATIVA DO CONTADOR DE HISTÓRIAS: HABILIDADES VOLTADAS À PESQUISA, PREPARAÇÃO E COMUNICAÇÃO DE UMA HISTÓRIA	116
4.3.1 <i>Habilidades voltadas à pesquisa da história</i>	118

4.3.2 <i>Habilidades voltadas ao preparo da história</i>	122
4.3.3 <i>Habilidades voltadas à comunicação da história</i>	127

5 ENTRE TEXTOS DA TRANSDISCIPLINARIDADE E CONTEXTOS DA PESQUISA DE CAMPO 137

5.1 TRANSDISCIPLINARIDADE NO CAMPO DA CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO: A ABORDAGEM DE UMA CIÊNCIA QUE NÃO SE ENCERRA NA DISCIPLINARIDADE.....	138
5.1.1 <i>Multi, pluri e interdisciplinaridade</i>	142
5.1.2 <i>O contexto da transdisciplinaridade</i>	149
5.2 PROCEDIMENTOS DA PESQUISA.....	152
5.2.1 <i>Classificação da pesquisa</i>	154
5.2.2 <i>Estratégias, técnicas e instrumentos</i>	154
5.2.3 <i>Coleta e análise dos dados</i>	155
5.3 ESTRUTURAÇÃO DOS MOMENTOS DA PESQUISA.....	155
5.3.1 <i>Mapeamento da rede e início da coleta dos dados</i>	156
5.3.2 <i>Entrevistas e proposição do modelo de rede colaborativa</i>	161

6 UMA ARTE MILENAR BORDADA NA ORALIDADE: PERFIL PROFISSIONAL E CONTEXTO DE ATUAÇÃO DOS ATORES SOCIAIS DA PESQUISA 165

6.1 INDICADORES DO PERFIL PROFISSIONAL.....	166
6.1.1 <i>Categoria dados pessoais e profissionais</i>	166
6.1.2 <i>Categoria formação profissional</i>	179
6.2 INDICADORES DO CONTEXTO DE ATUAÇÃO.....	193
6.2.1 <i>Categoria da atuação cultural</i>	193
6.2.2 <i>categoria da competência narrativa</i>	206

7 A VISTA DE UM PONTO SOBRE AS COMPETÊNCIAS E AS CONEXÕES DO CONTADOR DE HISTÓRIAS NA SOCIEDADE DA INFORMAÇÃO 223

7.1 INDICADORES DA COMPETÊNCIA NARRATIVA E DAS CONEXÕES EM REDES.....	224
7.1.1 <i>Categoria da competência em informação</i>	224
7.1.2 <i>Categoria da conexão em rede do contador de histórias</i>	234

8 A PROPOSIÇÃO DO MODELO DE REDE DE COLABORAÇÃO DOS CONTADORES DE HISTÓRIAS CAPIXABAS 242

8.1 REDE DO CONTEXTO DE ATUAÇÃO DOS CONTADORES DE HISTÓRIAS DA PESQUISA	243
9.2 A PROPOSIÇÃO DO PLANEJAMENTO DO MODELO DE REDE	255
8.3 ALGUNS POSSÍVEIS EM TORNO DA REDE COLABORATIVA	262
8.4 ESTRUTURA DE COLABORAÇÃO NECESSÁRIA AO PLANEJAMENTO DO MODELO DA REDE.....	267
<i>8.4.1 Principais eixos da arquitetura da rede de colaboração híbrida: foco na estrutura do grupo presencial.....</i>	<i>267</i>
<i>8.4.2 Fases de planejamento da arquitetura da rede de colaboração: foco na arquitetura da página web</i>	<i>271</i>

À GUIA DE CONCLUSÕES 279

9 ERA UMA VEZ... A PROPOSIÇÃO DE TRABALHOS QUE SE INICIAM NO DIÁLOGO COM OS SUJEITOS DA PESQUISA..... 280

10 NÃO É O FIM! 284

REFERÊNCIAS 288

APÊNDICES..... 303

APÊNDICE A – INDICADORES DE PERFIL E CONTEXTO DAS COMPETÊNCIAS DOS CONTADORES DE HISTÓRIAS DE BRASÍLIA (1ª FASE, PRÉ-TESTE)	304
APÊNDICE B - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIMENTO (1ª FASE)	307
APÊNDICE C – INDICADORES DE PERFIL E CONTEXTO DAS COMPETÊNCIAS DOS CONTADORES DE HISTÓRIAS DO ESTADO DO ESPÍRITO SANTO (2ª FASE, QUESTIONÁRIO)	308
APÊNDICE D: TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIMENTO DOS INDICADORES DE PERFIL E CONTEXTO DO CONTADOR DE HISTÓRIAS DO ESTADO DO ESPÍRITO SANTO (2ª FASE, QUESTIONÁRIO).....	312
APÊNDICE E: QUESTÕES NORTEADORAS DO PROCESSO DE ENTREVISTA E INDICADORES DE PERFIL E CONTEXTO DO ESTADO DO ESPÍRITO SANTO NA VERSÃO COMPLETA (2ª FASE, ENTREVISTAS).....	313
APÊNDICE F: TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIMENTO DO PROCESSO DE ENTREVISTAS COM CONTADORES DE HISTÓRIAS DO ESTADO DO ESPÍRITO SANTO (2ª FASE, ENTREVISTAS).....	320
APÊNDICE G – AÇÕES PROMOVIDAS DE FORMA A VIABILIZAR O DIÁLOGO COM OS NARRADORES DURANTE O PROCESSO DE PLANEJAMENTO DAS DIVERSAS FASES DESTA PESQUISA.....	321
APÊNDICE H: QUADRO DE RELAÇÃO DAS INTERAÇÕES DOS SUJEITOS DA REDE DA PESQUISA.....	323

1 INTRODUÇÃO

Fotografia 1 – O Contador de histórias



Fonte: LIMA (2014).

“E para ficar ecoando: quando optamos por contar histórias, optamos por uma série de resgates: recusar nossa infância e as fogueiras invisíveis que sempre imaginamos, a magia ideal para acender uma história; reencontrar nossos folguedos, medos (por que não?), mitos e, assim, refazer nossa trajetória afetiva; redefinir nossa imagem social diante daquilo que nos tornamos; visitar nossa noção de cidadania para redimensionar nossas crenças na palavra como gesto sonoro capaz de se propagar ao infinito e incitar mudanças; remexer nossa imaginação com cargas sempre maiores de liberdade; recompor o lugar de seres criadores que todos ocupamos no mundo” (SISTO, 2012a, p. 26).

1.1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS: ESSE DIÁLOGO TINHA QUE PARTIR DE ALGUM PONTO!

Uma vez que aspectos da minha vida acadêmica são trazidos para o desenvolvimento deste capítulo, reservo para depois o desdobramento de elementos importantes como problema e objetivo que movem esta tese de doutoramento, o que pode causar estranhamento por se tratar da introdução de um trabalho acadêmico. Em minha defesa, os elementos aqui trazidos melhor justificam a minha ligação com o objeto de uma pesquisa inserida no contexto da Ciência da Informação (CI).

Como o instante é efêmero e as lembranças proporcionam uma certa continuidade para a reconstituição da minha história de profissão/vida, o esquecimento muitas vezes auxilia no processo de seleção das reminiscências da pesquisadora, ouvinte e contadora de histórias que me constituem (OLIVEIRA; ORRICO, 2005). A primeira recordação conduz ao período da infância, precisamente à varanda da casa em que minha avó contava histórias, espaço de produção de significados que nesse momento evoca o pensamento de que “O papel do ouvinte não é menos importante que o do contador” (MATOS, 2014, p. 79). Com detalhes revejo as sessões em que ouvia contos¹ de lobisomens, assombrações e fantasmas, regados aos petiscos que minha mãe preparava para a audição de histórias.

A lembrança da experiente avó narradora, Libertina Maria Ricardo, encantando com o contorno de sua voz e comunicando com riqueza de detalhes as histórias selecionadas, remete-me aos ritos narrativos em torno de fogueiras em culturas orais e outros momentos tradicionais de contação de histórias. Essa recordação acaba despertando-me para o fato de que “Em muitas culturas de tradição oral, as avós são narradoras [...] e] contam histórias que transmitem os frutos do seu aprendizado sobre a vida para o benefício das gerações futuras” (MATOS; SORSY, 2009, p. 37).

Durante os anos que se passaram, mais precisamente na juventude e fase adulta, ressignifiquei e musicalizei algumas das histórias ouvidas na infância. Outras foram esquecidas. “Se as lembranças às vezes afloram ou emergem, quase sempre é uma tarefa, uma paciente

¹ Para Matos (2014, p. 4) “[...] termos conto, história, palavra do conto, palavra contadora [são usados] para designar a palavra do contador de histórias”. Torna-se importante colocar que o termo conto constantemente utilizado no texto desta tese se diferencia do conto pertencente ao gênero literário, que se constitui como um tipo de narrativa mais curta e que tem como característica principal condensar conflito, tempo, espaço e reduzir o número de personagens (GANCHO, 2006).

reconstituição. Há no sujeito² plena consciência de que está realizando uma tarefa” (BOSI, 1994, p. 39). Destaco uma narrativa que minha avó constantemente contava, talvez aquela de que eu mais gostava de ouvir: a história que descreve a trajetória de uma família que possuía um cocho de socar grãos, objeto que estranhamente era utilizado por uma assombração. Na obra infantojuvenil intitulada *O Pássaro de fogo* (CORADINE; GERLIN, 2007) registrei uma outra versão para essa história, conhecida como *O pilão assombrado*.

A recriação do conto ouvido proporcionou que aspectos do cotidiano de minha avó, natural do município de Afonso Cláudio no Espírito Santo (ES), fossem transmitidos e preservados: *O que é que o pilão soca Bertina? O que é que o pilão soca? Arroz até a casca soltar, mandioca, até virar farinha, milho, até virar fubá, amendoim, até virar paçoca* (GERLIN, 2007b). Tendo em vista que a memória individual não é isolada e fechada (HALBWACHS, 2013), o seu resgate se constitui no coletivo permitindo a interação com o dia-a-dia do homem do campo retratado nas narrativas de minha avó, perpassando suas atividades laborais e sua relação com a cultura oral. “Recordar, nesse caso, não é somente interpretar, no presente, o já vivido; a escolha sobre o que vale ou não ser recordado funciona como um penhor e, como todo penhor, diz respeito ao futuro” (GONDAR, 2005, p. 17).

A audição de histórias conduziu-me à prática oral de meus antepassados e mais tarde apresentou-me o contexto de trabalho do Grupo Experimental de Contadores de Histórias da Universidade Federal do Espírito Santo (GECHUFES)³, época da graduação no Curso de Biblioteconomia da Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes). Aos poucos a competência necessária para contar histórias fora adquirida e perante a aquisição de habilidades necessárias para um contador de histórias profissional, tornou-se possível, por exemplo, que trabalhasse melhor a voz⁴, a expressão corporal e a comunicação interpessoal nos momentos de apresentação com esse grupo.

² A exemplo de Bosi (1994) adotarei a denominação “sujeito” para referir-me aos indivíduos ou pessoas. Essa opção se dá devido à crença de que cada sujeito ou grupo de sujeitos revela uma subjetividade que lhes é própria e que os identifica nos grupos sociais, assim como, também acredito que as lembranças e experiências compartilhadas se manifestam de maneira representativa no tempo presente (BOSI, 1994). Nessa direção, para me referir ao contador de histórias utilizarei a expressão “sujeito narrador” como forma de diferenciá-los dos demais sujeitos.

³ Projeto de extensão criado em 1996 pelo Departamento de Biblioteconomia da Ufes, tendo como objetivo formar contadores de histórias no universo capixabas (GECHUFES, 2011).

⁴ Além da palavra oral é comum explorarmos num momento de contação de histórias a escrita, a imagem, gestos, etc. Um conto, por exemplo, pode ser comunicado por meio da Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS). Todavia, esta pesquisa enfoca a narrativa oral e, por conseguinte, destaca a importância da utilização da voz dos contadores de histórias.

Lembro-me da primeira história trabalhada nos encontros com os sujeitos do GECHUFES: a lenda *O pássaro de fogo* (NOVAES, 1968). Narra a saga de dois índios de tribos rivais, conduzidos por um pássaro misterioso a cômodos fronteiros de onde podiam trocar promessas de amor. O desfecho, momento em que são descobertos e transformados em pedras, explica magicamente a constituição de duas importantes formações rochosas avistadas do litoral capixaba⁵: Mestre Álvaro e Mochuara que se localizam respectivamente nos municípios de Serra e de Cariacica; ambos pertencentes à Região Metropolitana da Grande Vitória (RMGV) do ES⁶.

Essa lenda do universo espírito santense tornou possível que aspectos socioculturais fossem trabalhados por intermédio da narrativa oral. Os elementos presentes nas narrativas (ficcionais e reais) remetem às cenas cotidianas, constituindo-se como depoimentos que complementam os momentos de contação de histórias. A ilustração da formação rochosa do Mochuara, fornece testemunho visual e material de fatos ausentes na narrativa. “A imagem fotográfica é o que resta do acontecido, fragmento congelado de uma realidade passada [...]” se reconstituindo no presente (BURKE, 2004, p. 37).

A comunicação oral traz muitos desafios e pontos tecidos em torno de um conto que tenha como parâmetro a multimodalidade⁷ (NORRIS, 2004). As imagens complementam as narrativas e exercem um papel importante na construção da sociedade (BURKE, 2004, p. 131), razão pela qual se constituem como testemunhas dos contextos sociais e culturais dos sujeitos que narram. Há que se considerar no processo de criação as imagens e as palavras, assim como a inter-relação entre as duas. A audição de uma história remete às imagens das formações rochosas e de outros elementos presentes na estrutura da lenda resgatada por Novaes (1968). Essa questão remete a multidimensionalidade da narrativa, ao conjunto da linguagem combinatória do som, do texto e da imagem, hoje muito presente nas redes telemáticas (MIRANDA; SIMEÃO, 2014).

⁵ *Capixaba* ou *espírito santense* são termos utilizados para a indicação de sujeitos nascidos no Estado do ES e, ao mesmo tempo, para designar monumentos, serviços e produtos desse Estado.

⁶ A Região Metropolitana da Grande Vitória (RMGV) do Espírito Santo (ES) é composta pelos municípios de Vitória, Cariacica, Vila Velha, Serra, Guarapari e Fundão.

⁷ Multimodalidade é “[...] um termo que vem sendo utilizado em estudos que dizem respeito a **uma certa** expressão dos sentidos por meio de diferentes linguagens” (RIBEIRO, 2012, grifo nosso). Assim sendo, as narrativas e as imagens (palavras, textos, vídeos e fotografias) resgatadas comunicam mensagens significativas tanto para o emissor quanto para o receptor.

As imagens das narrativas no espaço virtual⁸ registram uma variedade de histórias que se constituem como um instrumento de divulgação da arte dos sujeitos narradores de diversos segmentos: contemporâneos; tradicionais; profissionais; autônomos atravessando instituições como escolas, bibliotecas, ciberespaço e outros espaços tempos⁹ de educação formal e informal¹⁰.

No mundo físico, que abrange espaços e tempo, podemos distinguir os seguintes fatores: o lugar e o momento de produção, o emissor e o receptor. No caso da narração de histórias, o receptor situa-se no mesmo espaço-tempo do emissor, podendo também exercer a função de coprodutor ou interlocutor, por meio das várias formas de interação possíveis (MORAES, 2012, p. 15).

Tendo em vista que "Lembrança puxa lembrança e [que] seria preciso um escutador infinito" para entendê-las (BOSI, 1994, p. 39), puxo outros fios para dar conta do contexto que as narrativas trabalhadas evocaram. Então, faço um recorte da minha atuação como contadora de histórias em instituições de informação, educação e cultura. Esse exercício torna visível o processo de recordação da prática de narradora em secretarias de educação, bibliotecas, escolas e comunidades, em espaços tempos nos quais aos poucos a atividade de contar histórias fora desenvolvida e aperfeiçoada.

Como bibliotecária do Colégio Castro Alves da rede particular de Cariacica (ES), o contato com a narrativa oral fora iniciado, ampliando a oportunidade de desenvolvimento das práticas narrativas. Logo em seguida, na Secretaria Municipal de Educação de Vitória (ES), ao assumir um cargo de assessoria técnico-pedagógica, trabalhei nos projetos de Revitalização dos Espaços Escolares e Educação Ampliada. Nesses projetos tornou-se possível desenvolver inúmeros trabalhos¹¹ como contadora de histórias profissional em bibliotecas, salas de aulas e

⁸ Também conhecido como ciberespaço é fortalecido com o uso de recursos tecnológicos como o celular, o computador e o tablet que conecta os sujeitos. No processo de comunicação o humano se reinventa nesse espaço em que "Desenha e redesenha várias vezes a figura de um labirinto móvel, em expansão, sem plano possível, universal [...]. Essa universalidade desprovida de significado central, esse sistema de desordem, essa transparência labiríntica, chamo-a de 'universal sem totalidade'" (LÉVY, 2010, p. 113).

⁹ Aborda o contexto da narrativa oral e social, "Já que o espaço e o tempo estão interligados na natureza e na sociedade [...]", em outros momentos o mesmo termo poderá ser utilizado para exemplificar diversas estruturas de interações em espaços de informação, educação e cultura, ao considerar as dimensões da vida humana ressignificadas ou não pelo uso das novas tecnologias na contemporaneidade (CASTELLS, 2011, p. 467).

¹⁰ "A aprendizagem formal é aquela efetiva em instituições apropriadas e previstas legalmente, em parte obrigatória (como Ensino Fundamental). A aprendizagem não formal é realizada fora desse contexto, e ganhou impulso sem precedentes com as 'novas alfabetizações' de estilo digital" por exemplo (DEMO, 2012, p. 15).

¹¹ "O *trabalho* [...] produz um mundo de coisas completamente diferentes de qualquer ambiente natural. E é exercido por diversos fluxos. [...] Uma das qualidades dessa condição humana é criação, e o registro, em código próprio, da informação e de sua representação. Com a apropriação e elaboração gera-se o conhecimento" (BARRETO, 2002, p. 67).

outros espaços internos e externos às Escolas Municipais de Ensino Fundamental (EMEF) da Prefeitura Municipal de Vitória (PMV).

Na proporção em que o fio da narrativa se desenrolava nos espaços de informação, educação e cultura, uma diversidade de trabalhos, em regiões urbanas e interioranas, deram passagem para apresentações performáticas em cursos, palestras e oficinas, requisitadas muitas vezes por bibliotecas, instituições de ensino superior, secretarias de educação, secretarias de cultura e outras instituições situadas em Cariacica, Linhares, Marechal Floriano, Santa Leopoldina, Serra, Viana, Vitória e outros municípios do Estado do ES.

As atividades desenvolvidas em torno das narrativas assumiram uma ligação muito forte com as instituições educacionais, encaminhando-me ao mestrado do Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE) da Ufes. Essa etapa contribuiu para o aperfeiçoamento da pesquisadora e, em seguida, permitiu-me assumir a cadeira de docente no Departamento de Ciências da Informação da Ufes que na ocasião abrigava os cursos de Arquivologia e Biblioteconomia. Na atualidade, a carreira como professora é desenvolvida em um Departamento que abriga apenas o Curso de Biblioteconomia¹², conduzindo-me às atividades de ensino, pesquisa e extensão universitária, constituindo-me pesquisadora do Grupo de Estudos Educação e Trabalho em Arquivologia e Biblioteconomia (GEETAB) e coordenadora do projeto de extensão Informação e Cultura.

Por conta da especificidade do trabalho assumido na docência do ensino superior, concorri a uma vaga e, posteriormente, matriculei-me no curso de doutorado subsidiado pelo Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação (PPGCINF) da Universidade de Brasília (UnB). Nesse programa, inicialmente refleti a criação da arquitetura de um banco de lendas capixabas, tendo como meta disponibilizar informações narrativas no ciberespaço. Todavia, o estabelecimento das discussões com a orientadora desse processo e com os sujeitos do Grupo de Pesquisa Competência em Informação (GPCI),¹³ conduziu-me a um processo de investigação estruturado em torno das competências dos narradores conectados em redes na

¹² O Curso de Biblioteconomia do Centro de Ciências Jurídicas e Econômicas (CCJE) da Ufes, foi criado 1974. Depois da criação do Curso de Arquivologia em 1999, passou a compor o Departamento de Ciência da Informação. Devido a um processo de redepartamentalização vivido no ano de 2009, retornou a denominação Departamento de Biblioteconomia (UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO, [2013?]).

¹³ Grupo certificado pelo CNPq e ligado ao PPGCINF, composto por pesquisadores da Faculdade de Ciência da Informação (FCI) da Universidade de Brasília (UnB) e outras Universidades brasileiras e do exterior.

sociedade em que vivemos,¹⁴ constituindo-se, assim, como objeto de estudo desta pesquisa. Como pesquisadora docente e imbricada num contexto de investigação pertencente à CI e áreas afins, interessa-me entender um pouco mais sobre o universo do contador de histórias contemporâneo numa sociedade essencialmente conectada por redes.

Após justificar minha ligação com o objeto da pesquisa e o interesse de trabalhar na tessitura de um texto que recebeu importantes contribuições dos sujeitos narradores e pesquisadores, a partir desse momento utilizarei, na maioria das vezes, a primeira pessoa do plural. Nessa direção, emergem problemáticas ligadas às questões científicas e culturais, bem como, pressupostos fundamentados na atividade profissional do contador de histórias. A constituição de uma pesquisa em torno das competências do contador de histórias do século XXI absorve um conjunto de métodos assinalados por diferentes disciplinas, saberes e práticas inerentes à profissão desse sujeito. Admite-se, então, que seja necessário considerar uma perspectiva de trabalho pautada na transdisciplinaridade, abordagem que torna possível o diálogo entre disciplinas e outras áreas do conhecimento, permitindo o livre trânsito de um campo do saber para outro.

Com a adoção dessa perspectiva, nenhum campo de conhecimento pode ser considerado mais importante do que o outro no processo de troca teórica e prática (práxis)¹⁵, instaurando momentos de integrações significativas entre saberes, fazeres e atitudes orbitando em torno da atuação do narrador de histórias do século XXI. Dessa relação nasce uma dependência da análise de variados contextos dos sujeitos do universo da pesquisa, o que requer a percepção de diferenciados repertórios (culturais, cognitivos e afetivos), bem como, diferentes modos de trabalho e de vida colocados em questão no Estado do ES.

Narradores, pesquisadores e outros sujeitos envolvidos no processo de investigação podem se abrir a um diálogo fundamentado nos temas que se constituem na diversidade de colocações que a sua práxis sugere no universo capixaba. Essa ação torna possível o estabelecimento de contato com a educação, biblioteconomia, informática, pedagogia, cultura, informação, “[...] as artes, a literatura, o conhecimento popular, as religiões e Filosofia, buscando mostrar uma nova visão da realidade, percebida além das fronteiras [...]” (PINTO, 2007, p. 113).

¹⁴ Essa frente de investigação culminou no registro projeto de pesquisa “No balanço das redes dos contadores de histórias: competências em informação do sujeito narrador no século XXI” (n. 5601/2014 PRPPG Ufes).

¹⁵ Expressa o entendimento da necessidade de refletir criticamente sobre uma prática contemporânea, tornando-se uma exigência em se tratando da relação teoria/prática. Contribui para a efetivação das ações políticas no contexto educacional, cultural e informacional, apreendendo a práxis como uma atividade transformadora (no ambiente em que o sujeito vive e constantemente interfere) (FREIRE, 2005; SANCHCHEZ, 2007).

Já que a *fronteira* é uma metáfora citada no contexto da CI, cabe criar outras metáforas, outros modelos e, por que não, outras possibilidades de trabalhos fundamentados nos pressupostos desta tese. E como quem conta um conto, aumenta sempre uma diversidade de outros pontos, cabe daqui por diante estruturar uma pesquisa centrada na produção de conhecimento que permita o livre trânsito entre a ciência e as diversas áreas que sustentam novas paisagens para o contador de histórias. Para isso, é essencial entender o cenário de atuação e as competências desse profissional emergente que exerce uma prática tradicional, numa época de intensificação da conexão em redes digitais.

1.2 CONTEXTO DA PESQUISA

A narrativa assume uma importância fundamental no processo de disseminação das informações contidas nos mitos, nas lendas e em outros tipos de histórias tradicionais. Termos como narração de histórias e contação de histórias referem-se à atividade de um narrador que milenarmente (re) conta e preserva suas histórias por meio de uma memória que acima de tudo é coletiva e social (HALBWACHS, 2013).

A denominação “contador de histórias tradicional” é empregada para definir um tipo de narrador que desenvolve a sua prática artesanalmente na comunidade em que vive, aprendendo a narrar principalmente por meio da experiência compartilhada em seu grupo social. A expressão “contador de histórias contemporâneo” geralmente referencia o sujeito narrador que atua nos grandes centros, adquirindo técnicas em cursos e outros eventos de formação (BUSATTO, 2011a). Entretanto, tanto o narrador de histórias que aprende tradicionalmente o ofício no seio de sua comunidade quanto em eventos de formação em centros urbanos no século XXI, são contadores de histórias contemporâneos. Há que se considerar que o contador de histórias pode ocupar várias posições na *sociedade contemporânea*¹⁶, ao iniciar a arte tradicionalmente por meio da audição de experiências e, posteriormente, aperfeiçoando-a em cursos de formação.

De maneira geral a prática do contador de histórias penetra centros urbanos, interioranos e comunidades tradicionais, definindo uma profissão que se fortalece nos séculos XX e XXI. O contador de histórias profissional atende a um público cada vez mais diversificado: infantil,

¹⁶ Diz respeito aos processos de interação que ocorrem entre os sujeitos, bem como, às mudanças ocasionadas pelas TIC nos séculos XX e XXI provocando mudanças em nossa sociedade (CASTELLS, 2011; LÉVY, 2011).

juvenil, adulto e terceira idade. A diferença que envolve seu público deve ser considerada não apenas em termos de faixa etária, alcança também questões de gênero, étnicas, políticas e outras demandadas socialmente. Assim sendo, a narração de histórias desse profissional pode ser considerada como uma prática que possui uma função social que é indissociável da diversão, da brincadeira e do encantamento (MATOS, 2014). A prática do contador de histórias se dá em territórios e contextos diferenciados¹⁷, como na escola, biblioteca, residências, comunidades e outros espaços de educação, informação e cultura que exigem competências específicas desse narrador.

A competência narrativa do contador de histórias contemporâneo é composta por habilidades (saberes, fazeres e atitudes) adquiridas por meio da experiência e em atividades de formação promovidas em seminários, chats, cursos, blogs, oficinas e outras estruturas de aprendizagens formais e informais que estejam ao seu dispor. Desse modo, torna-se possível definir esse tipo de competência como habilidades comunicativas e técnicas adquiridas, que possibilite ao contador de histórias transmitir a palavra oral.

O contador de histórias profissional torna efetivo o processo de comunicação com seu público ao adquirir habilidades específicas que sustentam a sua atividade, culminando em verdadeiros espetáculos de narração oral, performances elaboradas, domínio de técnicas corporais e vocais (FLECK, 2007). Muitas vezes (re) constrói a narrativa oral a ser disseminada aos seus ouvintes, pesquisando em textos impressos ou digitalizados que o auxiliam a selecionar, preparar e encontrar recursos que tornem as narrativas de maneira performática (MATOS, 2014). Ao comunicá-la utiliza “[...] a vocalidade para levar um texto (seja recolhido por meio de registros orais ou escritos) aos seus ouvintes, estejam eles no teatro, na sala de aula, em casa, na rua, na fábrica, na festa, no parque ou no shopping center” (BUSATTO, 2011a, p. 29).

Quem conta tem que estar disposto a criar uma cumplicidade entre história e ouvinte, oferecendo espaços para o ouvinte se envolver e recriar. Esses espaços de locomoção do ouvinte dentro de uma história podem ser construídos pelas pausas, silêncios, ações, gestos e expressões, de forma harmônica. O contador de histórias não pode ser nunca um repetidor mecânico do texto que escolheu contar. Como garantia de uma narração viva estão elementos, como originalidade, surpresa, conflitos instigantes,

¹⁷ Refere-se aos territórios de atuação, palco de desenvolvimento do trabalho do contador de histórias que acabam perpassando o espaço físico demarcado institucionalmente, ao mesmo tempo dá passagem ao instituinte e para o encantamento, bem como, para o momento de um olhar, da expressão e da voz do contador de histórias. “Sem deixar de perceber a (re) construção de outros territórios, que marcam o momento de um olhar ao mesmo tempo em que se propõem a desterritorializar. Nessa perspectiva, novos territórios são inventados na escola, na biblioteca, enfim, levando a acreditar que o trabalho seja permanente (re) criação” (GERLIN, 2006, p. 41).

questionamentos nas entrelinhas, a agilidade da contação e a expressividade (SISTO, 2012a, p. 25).

O sucesso de cada apresentação depende do estabelecimento da relação do contador com as histórias e do processo de seleção daquilo que é narrado. Um contador profissional que não atualiza o seu repertório dificilmente consegue manter-se no mercado formal ou informal. Para a realização dessa tarefa, tradicionalmente utilizam narrativas disponibilizadas oralmente, em suportes bibliográficos e digitais trazidos pela modernidade.

Para o desenvolvimento de seu trabalho o contador da atualidade utiliza como fonte de pesquisa principalmente registros escritos, pouco fazendo uso de registros orais como o contador tradicional. Ele baseia-se tanto em livros de contos populares, que são relatos orais e tradicionais de criação coletiva recolhidos por folcloristas, quanto em textos autorais: contos, crônicas, poesias, cordéis, de autores contemporâneos ou não, ou até mesmo do próprio contador (FLECK, 2007, p. 221).

O narrador que ainda se apropria de técnicas advindas da cultura oral, com o advento da escrita e com a intensificação do uso de recursos tecnológicos adquiri habilidades diferenciadas para o exercício de sua profissão. “Com a escrita também se dialoga e as palavras também podem ser apreendidas em suportes audiovisuais, mas o que difere a cultura oral da escrita é a capacidade de diálogo e da interação entre emissores e receptores bem mais evidente e dinâmica” (SIMEÃO, 2006, p. 30).

Devido à característica universal das histórias narradas, muitas vezes o contador de histórias adota o recurso da (re) escrita de contos brasileiros e de outras procedências. Histórias de variadas procedências podem ser produzidas, armazenadas e divulgadas em (formato de) livros e (suporte de) mídias digitais como CDs, DVDs e internet. “A história, a que também chamo de conto, pode ser definida como texto empírico proferido oralmente no ato de narrar e considerada um texto produzido na forma oral, mesmo que anteriormente tenha sido concebida na modalidade escrita” (MORAES, 2012, p. 15).

O contador de histórias contemporâneo apropria-se das tecnologias de informação e absorve as influências dos meios de comunicação que o cerca (SIMEÃO, 2006). Destacam-se os avanços trazidos pela *World Wide Web*, ambiente em rede da internet conhecida como *Web* e, com isso, o fato de que os narradores se utilizam dos recursos disponibilizados pela internet (sites, blogs, etc.) para a realização de pesquisas, divulgação de eventos, viabilização de fóruns de discussões e comercialização de produtos e serviços voltados para a arte de narrar (FLECK, 2007).

Essas ferramentas proporcionaram, assim, que atores pudessem construir-se, interagir e comunicar com outros atores, deixando, na rede de computadores, rastros que permitem o reconhecimento dos padrões de suas conexões e a visualização de suas redes sociais através desses rastros. É o surgimento dessa possibilidade de estudo das interações e conversações através dos rastros deixados na internet que dá novo fôlego à perspectiva de estudo de redes sociais, a partir do início da década de 90. É, neste âmbito, que a rede como metáfora estrutural para a compreensão dos grupos expressos na internet é utilizada através da perspectiva de rede social (RECUERO, 2009, p. 24).

Citar, portanto, os benefícios trazidos pelo advento da internet e com ele as mudanças proporcionadas no seio da sociedade atual, é essencial ao processo de estruturação desta pesquisa que especificamente procura identificar as competências necessárias à conexão do narrador de histórias em redes. A capacidade de expressão e sociabilização por meio do uso das ferramentas de comunicação, mediada pelo computador, são referenciadas nesse contexto de discussão.

Contudo, apesar da sua difusão, a lógica, a linguagem e os limites da internet não são bem compreendidos além da esfera de disciplinas estritamente tecnológica. A velocidade da transformação tornou difícil para a pesquisa acadêmica acompanhar o ritmo da mudança com um suprimento adequado de estudos empíricos os motivos e os objetivos da economia e da sociedade baseada na internet (CASTELLS, 2003, p. 8).

Não se pode negar que a internet é a espinha dorsal da comunicação global mediada por computadores, constituindo-se como um meio de comunicação interativo e universal na era da informação. Entretanto, “[...] a desigualdade espacial no acesso à internet é um dos paradoxos mais impressionantes da era da informação” (CASTELLS, 2011, p. 434). Ainda assim é inegável o poder de comunicação da internet junto aos novos progressos em telecomunicações e computação que possibilitam grandes mudanças tecnológicas a uma sociedade potencialmente conectada em redes. Deve-se evitar um deslumbramento típico dos contornos da era da informação, que nos dias de hoje pode fazer esquecer um de seus principais objetivos: possibilitar ao cidadão o acesso à informação. Nesse sentido, a denominação sociedade da informação, bastante empregada para representar as transformações vividas, deve ser refletida antes de sua utilização no corpo deste trabalho.

A expressão ‘sociedade da informação’ deve ser entendida como abreviação (discutível!) de um aspecto da sociedade: o da presença cada vez mais acentuada das novas tecnologias da informação e da comunicação. Serve para chamar a atenção a este aspecto importante. Não serve para caracterizar a sociedade em seus aspectos relacionais mais fundamentais (ASSMANN, 2000, p. 8).

A caracterização da sociedade da informação é baseada na economia alicerçada na informação e telemática (VALENTIM, 2002), havendo a disponibilização de enormes fluxos de informação e de recursos tecnológicos que não bastam para caracterizar a sociedade da

informação. Torna-se necessário investir no desencadeamento de um vasto e continuado processo de aprendizagem, segundo coloca Assmann (2000). Esse autor também sustenta a ideia de que é necessário entender a sociedade da informação como sociedade da aprendizagem. “O processo de aprendizagem já não se limita ao período de escolaridade tradicional [...] trata-se de um processo que dura toda a vida, com início antes da idade da escolaridade obrigatória, e que decorre no trabalho e em casa” (ASSMANN, 2000, p. 9). Por outro lado, devemos entender que “Em nenhum momento a sociedade da informação pretendeu ser responsável pelo conhecimento gerado na sociedade. Foi sempre uma tecnoutopia e nunca uma utopia para um conhecimento social divulgado e ampliado” (BARRETO, 2005, p. 2).

A atual rede hipertextual da *web* possui uma racionalidade que nasce no século dezessete mudando o nível e a qualidade da tecnologia vigente. A sociedade hipertextual em rede é o fim do mito e modismo da sociedade de informação dando lugar a uma sociedade do saber ou sociedade do conhecimento porque cada indivíduo entra no universo tecnológico das redes interligadas trazendo sua cultura, suas memórias cognitivas e sua odisseia particular (BARRETO, 2005, p. 2).

De fato essa grande rede digital a cada dia oferece uma diversidade de bancos de dados, novos sistemas de telecomunicações e softwares de consolidação de informações, tornando possível a produção de novos conhecimentos. “O conhecimento é, também, um fenômeno social que se desenvolve a partir de interações comunicativas complexas realizadas em estruturas sociais” (JOHNSON, 2011, p. 23). As redes de conhecimento tornaram-se uma ferramenta de sobrevivência essencial também aos narradores de histórias, facilitando, por conseguinte, a gestão da incerteza, o apoio social e, finalmente, a ascensão na carreira, sem perder de vista que esses cidadãos também devem ter garantido o direito à informação.

O ambiente em rede torna possível que novas ligações sejam constituídas entre o espaço virtual e presencial (espaços híbridos), permitindo autonomia e liberdade de expressão ao contador de histórias que é um usuário de informação. Ao disponibilizar em páginas hipermídia textos, imagens, sons e outros formatos na rede hipertextual, ofertam-se informações multimodais para uma navegação rápida e *intuitiva* no ciberespaço. A estrutura de comunicação possibilitada em rede conduz o sujeito narrador a um processo de interação com o mundo que o rodeia, direcionando-o a um contexto de participação diferenciada no que se refere aos processos de aprendizagem, produção e compartilhamento das informações voltadas à arte de narrar.

Se por um lado, a rede digital pode permitir interatividade e compartilhamento de informações, constituindo-se como uma ferramenta importante com o objetivo de potencializar os processos de trocas de experiências entre os narradores de histórias, por outro lado a rede social não depende de tecnologia e sim da interação dos sujeitos:

Sem dúvida, ninguém parece saber muito bem o que são essas famosas redes [sociais] e, sobretudo, o que apresentam de novidade. Afinal de contas, se as redes de que falamos são as que as pessoas formam quando se relacionam umas com as outras, então a sociedade sempre foi uma rede (UGARTE, 2008, p.13).

Uma rede social é ainda definida por dois elementos: os atores sociais representados pelos sujeitos, territórios, grupos, nós da rede, etc. e as suas conexões que não podem ser resumidas numa diversidade de interações e, por conseguinte, com a amarração dos laços sociais que se formam (RECUERO, 2009).

Os sujeitos que interagem socialmente tendem a se apropriar das tecnologias digitais para ampliar a capacidade de relacionamento e de trocas de experiências. As transformações da sociedade hibridizam os processos de comunicação e consolidam novas e antigas estruturas de colaboração: redes que permitem o fortalecimento da capacidade de interagir e aprender autonomamente, gerando uma diversidade de conexões¹⁸, permitindo ao narrador contemporâneo operar socialmente sem precisar da mediação de outros sujeitos e ou instituições externas para buscar informação ou produzir conhecimento.

As redes colaborativas inicialmente podem ser definidas como estruturas constituídas a partir das relações de trabalho, técnico-científicas, culturais, artísticas ou de outras naturezas que reúnem por meio das conexões os sujeitos narradores e outros grupos de indivíduos (VALENTIM, 2013). Ao tornar visível uma diversidade de conexões disponíveis aos contadores de histórias em espaços híbridos, esse conceito encaminha-nos a uma reflexão sobre os variados formatos que as redes dos narradores podem assumir. Torna-se importante colocar que o sujeito narrador tende a se envolver numa dinâmica de comunicação constituída pelos mais diversos tipos de tecnologias de informação que muitas vezes coexistem com as produções culturais e educacionais por elas mediatizadas.

¹⁸ “Em termos gerais, as conexões em uma rede social são constituídas dos laços sociais, que, por sua vez, são formados através da interação social entre os atores” (RECUERO, 2009, p. 30).

A estrutura de relacionamento que comumente é oferecida ao contador de histórias não se configura como uma rede distribuída¹⁹, um ideal de interação a ser perseguido pelo contador de histórias contemporâneo e que aparece como uma oposição ao desenho das redes centralizadas e descentralizadas²⁰. As redes são em sua maioria centralizadas e descentralizadas e geralmente podem ser visualizadas no momento em que a transmissão de informações específicas da área de atuação desse profissional é de responsabilidade apenas do próprio narrador (rede centralizada) (BARAN, 1964).

Obviamente nesse tipo de interação apenas o narrador é responsável por estabelecer comunicação com outros sujeitos. Há interação apenas em um nó da rede, caracterizando-a como extremamente centralizada. E esse nó é o responsável por transmitir a informação aos demais participantes da rede. A informação pode ser buscada ou recebida em outros pontos da rede, mas ainda assim é disseminada por um único nó (BARAN, 1964). Na rede descentralizada observam-se outros poucos atores como responsáveis pela transferência da informação, porém, não se constitui como uma rede distribuída.

Essa discussão aponta em direção as competências dos contadores de histórias do século XXI e para a necessidade de identificar caminhos que conduzam a uma melhor utilização das tecnologias disponibilizadas numa sociedade conectada, requerendo do sujeito narrador aprender a produzir e compartilhar informações direcionadas a sua área de atuação. O exposto envolve considerar as habilidades que compõem tanto a competência narrativa quanto a competência em informação.

As habilidades do contador de histórias constituem uma competência diferenciada no século XXI, porém, ainda assim permitem a disseminação de histórias fantásticas que interessam aos sujeitos tanto das regiões interioranas quanto das urbanas, atingindo espaços tempo em que a narrativa oral se fortalece. Os narradores das maravilhas são herdeiros da tradição da oralidade e ao mesmo tempo encontram-se “[...] inseridos num contexto mediado pelos novos meios de comunicação e transmissão de saber. Estão por aí, nas comunidades centrais ou periféricas dos grandes centros urbanos” (BUSATTO, 2011a, p. 19). Tendo o auxílio de

¹⁹ Assemelha-se a uma rede de pescador e cada nó da estrutura de comunicação é independente e ao mesmo tempo ligado. Esse modelo de rede consiste na descentralização do poder na estrutura da rede permitindo, assim, que os sujeitos sociais possam trabalhar colaborativamente (BARAN, 1964; JOHNSON, 2011).

²⁰ O desenho de rede descentralizada apresentado por Baran (1964) se aproxima do modelo de rede em que há centralização das tarefas por parte de apenas um nó (sujeito social), sendo dele o poder e a responsabilidade de gerenciamento da rede, por exemplo. Na rede descentralizada não há apenas um nó no controle da distribuição da informação, todavia, ainda não se configura como uma rede distribuída (BARAN, 1964).

variadas tecnologias o contador de histórias na contemporaneidade interage com um (con)texto diferenciado nas páginas dos livros, na tela de um computador e de outros equipamentos eletrônicos.

O leitor de um livro ou de um artigo no papel se confronta com um objeto físico sobre o qual uma certa versão do texto está integralmente manifesta. Certamente ele pode anotar nas margens, fotocopiar, recortar, colar, proceder a montagens, mas o texto inicial está lá, preto no branco, já realizado integralmente. Na leitura de uma tela, essa presença extensiva e preliminar à leitura desaparece. [...] A tela apresenta-se então como uma pequena janela a partir da qual o leitor explora uma reserva potencial (LÉVY, 2011, p. 39).

O acesso ao hipertexto digital²¹ em um computador, tablet ou outro equipamento conectado à internet, possibilita o alcance a uma diversidade de serviços e produtos na área de informação. Para isso, torna-se necessário que o sujeito contemporâneo saiba usar e gerir a informação de lazer, divulgação, técnica ou científica. Existem múltiplos meios de produção, armazenamento e distribuição da informação em “[...] fóruns e listas de discussão, *prints*, jornais *on line*, blogs, enciclopédias e dicionários colaborativos [...]” e outros recursos (GARCÍA-MORENO, 2011, p. 50).

O relacionamento social não deve ser desconsiderado no processo de comunicação de uma narrativa que exige competências diferenciadas na contemporaneidade (foco de nossa discussão), as iniciativas de interação no espaço virtual e em espaços presenciais (tradicionais) conduzem, potencialmente, a característica de colaboração²² que as redes possuem. Depreende-se que as Tecnologias de informação e comunicação (TIC) trouxeram consigo um desafio ao contador de histórias, na medida em que o sujeito contador atualmente pode se conectar em redes com uma diversidade de sujeitos que na maioria das vezes atuavam isoladamente em instituições de educação, cultura e outras. Assim sendo, uma narrativa resgatada em qualquer região brasileira, por exemplo, pode ser compartilhada e buscada por inúmeros sujeitos no espaço virtual, potencializando relações de trocas entre narradores e um público (ambos leitores *aprendentes* potenciais) que nesse caso interagem com uma força cada vez maior em espaços presenciais e virtuais (espaços híbridos).

²¹ “O hipertexto digital seria definido como informação multimodal disposta em uma rede de navegação rápida e ‘intuitiva’ (LÉVY, 2010, p. 59).

²² O ambiente cooperativo do ciberespaço pode fazer surgir processos de interações necessários ao trabalho colaborativo do contador de histórias. A cooperação envolve processos de comunicação e negociação coletiva entre os narradores de histórias conectados em redes, culminando na colaboração que está relacionada com o trabalho coletivo (KNIHS; ARAÚJO JÚNIOR, 2007).

Os contadores de histórias, então, precisam aliar as habilidades da área da sua atuação e as habilidades necessárias à legitimação de sua prática na sociedade da informação. As habilidades que os sujeitos narradores conservam e que ainda precisam adquirir relacionam-se com ações específicas e necessárias à aquisição das competências que atravessam os seus saberes e fazeres (GASQUE, 2011).

A cada dia esse sujeito precisa interagir com um número maior de pares, público e outros sujeitos que fazem parte de uma aldeia global. As reflexões e os resultados gerados nesta pesquisa aproximam-se das discussões realizadas nacionalmente sobre a competência em informação, conceito que engloba questões necessárias à mobilização, integração, habilidade, transferência de conhecimentos direcionados à área da informação (DUDZIAK, 2003). Esse termo melhor representa a criação de significados ao partir da identificação de habilidades que tornam possível a busca, a recuperação e o uso efetivo da informação, também coloca em questão um aprendizado permanente do contador de histórias nas suas estruturas de comunicação ao longo da vida (BELLUZZO; FERES; KOBAYASHI, 2004).

A competência em informação é definida como um processo de interação e internalização de fundamentos conceituais, atitudinais e habilidades específicas relacionadas com a informação ao longo da vida, bem como, com o compromisso do livre acesso e uso crítico da informação e geração de conhecimento (BELLUZZO, 2013). “Destaca-se que a natureza de estudo da competência em informação envolve conjuntos de ideias em relação ao conhecimento aplicado para interpretar e compreender situações ou fenômenos e se fundamenta, em especial, em teorias da ciência da informação” (BELLUZZO, 2013, p. 68).

1.3 PROBLEMA E HIPÓTESE

A exposição do contexto da pesquisa permite pensar que o narrador contemporâneo tem diante de si um oásis de possibilidades em termos de conexões em redes, cada vez mais distribuídas. Então, por que mesmo assim constantemente se deparam com barreiras nesse processo? Em se tratando do acesso à informação disponível e necessária a formação e consecução de sua prática, muitas vezes as dificuldades são ocasionadas pelo desconhecimento dos mecanismos de busca, recuperação e compartilhamento da informação em ambientes que possibilitam os processos de conexão na rede digital.

Trabalhar na manutenção dos laços de comunicação nas estruturas de colaboração que interligam público e pares, por exemplo, é imperativo, ao possibilitar estruturas de relacionamentos sociais, profissionais, de “trabalho, técnico-científicas, culturais, artísticas ou de outra natureza” do contador de histórias (VALENTIM, 2013). Diante do fato de que o contador de histórias precisa aperfeiçoar seu aprendizado para comunicar informações específicas de sua área de atuação, torna-se imprescindível levar em consideração o contexto das *competências* que possuem e que ainda lhes são necessárias para se manterem conectados e aprendendo sempre na sociedade da informação. Todavia, resta questionar: como considerar nesta pesquisa aspectos pouco pontuados pela literatura da CI sobre as competências narrativas e em informação do contador de histórias?

As perguntas elaboradas anteriormente se refere a uma certa inquietação que levou ao processo de investigação sobre as *habilidades necessárias para a transferência de conhecimentos* direcionados à informação narrativa. Tendo em vista que os espaços de troca de informação e de interação dos contadores de histórias com os pares, muitas vezes, se caracteriza de maneira centralizada, como propor ações colaborativas e interativas em redes de comunicação mais distribuídas, sem, com isso, desconsiderar os diversos espaços, eventos e situações em que elas se efetivam e interagem?

O conhecimento prévio necessário a organização deste estudo exploratório acaba requerendo uma investigação acerca das competências do narrador de histórias contemporâneo. Antes de expor os contornos da pesquisa teórica e dos procedimentos do trabalho de campo, apresentam-se alguns pressupostos da pesquisa que consideramos importantes para a estruturação dos conteúdos organizados nos capítulos subsequentes:

- Perante a existência de habilidades que compõem as competências (narrativas e em informação) dos sujeitos narradores, acreditamos que ainda seja necessário percorrer caminhos que os auxiliem a aprender autonomamente, a legitimar a sua prática e a divulgar a sua arte numa sociedade potencialmente conectada por redes.
- Logo em seguida, reconhecermos a capacidade de o sujeito narrador estabelecer relações com outros sujeitos, ao mesmo tempo em que recupera e comunica informações em territórios híbridos de comunicação (presenciais e virtuais).

- Também expressamos a crença de que os contadores de histórias precisam adquirir habilidades de como acessar, avaliar e usar a informação específica de sua área de atuação de modo a compartilhá-la em redes de comunicação tendo, com isso, o auxílio das tecnologias disponibilizadas pela sociedade da informação.

- O acesso às redes distribuídas, torna possível ao narrador de histórias estabelecer relações com seus pares (companheiros de atividade), apoiadores, público e outros sujeitos interessados em acessar, produzir e compartilhar informação que gira em torno da sua prática. Desse modo, as redes sociais com essas características podem ser potencializadas pelo domínio das TIC que se apresentam como um desafio contemporâneo e com outras formas de tecnologias (oralidade, escrita, etc.) que com elas coexistem.

As questões apresentadas não são de fácil resolução, requerendo o delineamento de uma estratégia que além de expressar uma certa capacidade de esse narrador obter maior autonomia na seleção e processamento das informações, também torne mais fácil a realização de uma investigação com características transdisciplinares e baseada no seguinte problema de estudo: *quais as competências que os sujeitos narradores possuem e aquelas que lhes são necessárias para o compartilhamento de informações específicas numa sociedade conectada por redes?*

O problema de estudo conduz ao delineamento da hipótese desta pesquisa: os contadores de histórias apresentam competências narrativas e em informação necessárias a sua inserção na sociedade da informação, necessitando e podendo ampliar a capacidade de estabelecer relações com pares ao mesmo tempo em que buscam, produzem e compartilham informação numa sociedade cada vez mais conectada por redes. O uso das tecnologias apresenta-se como um desafio aos atores da pesquisa que durante décadas dominam os mecanismos de comunicação interpessoal no Estado do ES.

1.3 OBJETIVOS

1.3.1 Objetivo geral

Na direção do que foi exposto, o objetivo geral desta pesquisa é identificar a competência narrativa e a competência em informação que os contadores de histórias possuem e aquelas

que lhes são necessárias para uma conexão colaborativa na sociedade da informação, com a finalidade de propor um modelo de rede potencializado ou não pelas TIC.

1.3.2 Objetivos específicos

Com a finalidade de alcançar o objetivo proposto, apresentamos a seguir os objetivos específicos desta pesquisa:

- Contextualizar narrativa oral e memória social no espaço de atuação do contador de histórias do Estado do ES, considerando o perfil de comunicador como indispensável a sua inserção na sociedade da Informação;
- Apresentar os territórios de atuação do contador de histórias representados nesta pesquisa por bibliotecas, livrarias, escolas, ciberespaço e outros espaços tempos de articulação dos sujeitos das redes que se (re) atualizam na contemporaneidade;
- Identificar habilidades que os narradores de histórias possuem para o desenvolvimento da competência narrativa e aquelas que constituem a competência em informação necessária aos processos de busca, recuperação e compartilhamento da informação;
- Averiguar habilidades necessárias ao compartilhamento de informações e à consecução da produção de conhecimentos nas redes de colaboração dos contadores de histórias, dentre elas constam as habilidades de acessar, avaliar e usar informação específica de sua área de atuação;
- Acompanhar nos territórios de atuação movimentos das conexões em redes (centralizadas, descentralizadas e distribuídas) de produção de conhecimento e compartilhamento da informação narrativa, considerando possíveis contribuições em processos de aprendizagem;
- Planejar a proposição de um modelo de rede colaborativa em que o contador de histórias possa comunicar-se livremente com seus pares (companheiros de atividade), público, apoiadores e outros sujeitos interessados em acessar, produzir e compartilhar informação que gira em torno da competência narrativa.

À luz dos objetivos e com o auxílio de pesquisadores e narradores de histórias citados ao longo desta tese, tornou-se mais fácil pensar em estratégias situadas no campo da CI e áreas afins. Trabalhando com uma abordagem transdisciplinar (melhor detalhada nos capítulos 2 e

5), selecionamos uma produção mais teórica nos capítulos 2, 3 e 4, abordando-se principalmente os contextos da memória, narrativa oral, territórios de atuação e competências de um contador de histórias conectado em redes. Nos capítulos 5, 6 e 7 foram retratadas paisagens do trabalho de campo e, por conseguinte, dos processos de observação que assumiram os contornos da competência narrativa e da competência em informação dos narradores de histórias inseridos na sociedade da informação. No capítulo 8 o planejamento de um modelo de rede de colaboração voltado para a prática do sujeito narrador é proposto.

Tendo em vista que o modelo de rede de colaboração apresenta-se como possibilidades que não se esgotam com os caminhos trilhados nesta pesquisa, nos capítulos 9 e 10 consideramos que este trabalho de tese é ponto de partida para a implantação do planejamento da rede de colaboração. Tornando-se, então, necessário considerar as trocas que foram estabelecidas nos processo de diálogos, entre os sujeitos (emissor e receptor), submersos em um processo de comunicação da narrativa oral e imbricados por uma memória que é social e coletiva, constituindo-se, pouco a pouco, nos territórios de atuação de um contador de histórias conectado...

2 MEMÓRIA SOCIAL E COLETIVA DOS CONTADORES DE HISTÓRIAS: UMA ABORDAGEM TRANSDISCIPLINAR

Fotografia 2 – A persistência da memória



Fonte: Dalí (2014).

“Quando se conta uma história, começa-se a abrir espaço para o pensamento mágico. A palavra, com seu poder de evocar imagens, vai instaurando uma ordem mágico-poética, que resulta do gesto sonoro e do gesto corporal, embalados por uma emissão emocional, capaz de levar o ouvinte a uma suspensão temporal. Não é mais o tempo cronológico que interessa e, sim, o tempo afetivo. É ele o elo da comunicação” (SISTO, 2012a, p. 32).

2.1 MEMÓRIA INDIVIDUAL, COLETIVA E SOCIAL SOB O PRISMA DA TRANSDISCIPLINARIDADE

Ao buscar uma relação entre narrativa e memória, uma definição inicialmente apresentada na obra de Le Goff (1990) recai perfeitamente a esse contexto introdutório: “A memória, como propriedade de conservar certas informações, remete-nos em primeiro lugar a um conjunto de funções psíquicas, graças às quais o homem pode atualizar impressões ou informações passadas” (LE GOFF, 1990, p. 423). Minimamente, essa citação toca em aspectos relacionados à memória e pertencentes às áreas da biologia, psicologia e outras. Para além das questões cognitivas e psíquicas, importa refletir a memória não apenas como reprodução daquilo que fora vivido no passado culminando ou não no seu armazenamento para posterior disseminação.

Interessa-nos uma memória pensada no contexto das reflexões das áreas humanas e sociais, ao conceber que “Não haveria memória sem criação: seu caráter repetidor seria indissociável de sua atividade criativa; ao reduzi-la a qualquer uma dessas dimensões, perderíamos a riqueza do conceito” (GONDAR, 2005, p. 26). Nessa direção, evocamos os contornos necessários às contextualizações trazidas sobre memória individual, coletiva e social que “[...] não são nítidos, e não é de modo fácil que podemos privilegiar uma delas em detrimento de outra” (GONDAR, 2005, p. 1).

A memória individual retira sua força e sua duração do fato de ter por suporte uma diversidade de sujeitos que são capazes de se lembrar como membros de um grupo, colocado de outra maneira que dispõem de um sentimento de pertencimento em relação ao lugar que ocupam nesse grupo:

Dessa massa de lembranças comuns, umas apoiadas nas outras, não são as mesmas que aparecerão com mais intensidade a cada um deles. De bom grado, diríamos que cada memória individual é um ponto de vista sobre a memória coletiva, que este ponto de vista muda conforme o lugar que ali ocupo e que esse mesmo lugar muda segundo as relações que mantenho com outros ambientes. Não é de surpreender que nem todos tirem o mesmo partido do instrumento comum. Quando tentamos explicar essa diversidade, sempre voltamos a uma combinação de influências que são todas de natureza social (HALBWACHS, 2013, p. 69).

Tendo em vista que, para recordar, os sujeitos têm como base as estruturas sociais que os antecedem, a abordagem da memória coletiva é inicialmente cunhada por Halbwachs (2013). A memória coletiva compreende ação criativa de sujeitos que se relacionam, ou seja, que

interagem uns com os outros e que produzem no coletivo. Ela se dá no entrecruzamento das memórias individuais, o que torna difícil a tarefa de separá-las em categorias distintas:

[...] a memória coletiva contém as memórias individuais, ma não se confunde com elas - evolui segundo suas leis e, se às vezes determinadas lembranças individuais também a invadem, estas mudam de aparência a partir do momento em que são substituídas em um conjunto que não é mais uma consciência pessoal (HALBWACHS, 2013, p. 72).

Cada membro de um grupo social mantém uma capacidade semelhante de persuasão junto aos demais componentes (HALBWACHS, 2013). Recordar muitas vezes é um exercício de poder que pode ser exercido de maneira desigual e “Se a memória faz parte do jogo do poder, se autoriza manipulações conscientes ou inconscientes” (LE GOFF, 1990, p. 34). A memória compreende a capacidade de evocar as reminiscências quando o narrador tradicional ou contemporâneo deseja disseminá-las, por outro lado existem momentos que também culminam num obstáculo que o impede de recordar e contá-la.

Como resultado, alguns fatos, acontecimentos e notícias aos quais recorrem os narradores são mais fáceis de lembrar tornando-se de domínio comum. Esse processo permite que essas lembranças estejam ao acesso de todos, podendo delas se apropriar a qualquer momento. Aquelas lembranças do passado que tiverem maior dificuldade de trazer a tona, por serem mais difíceis de evocar, são aquelas recordações que concernem apenas ao sujeito narrador, constituindo-se como o seu bem mais exclusivo e precioso, como se elas não pudessem escapar aos outros (HALBWACHS, 2013).

Estudos sobre uma memória basicamente coletiva contribuem para a constituição de uma nova abordagem: a memória social; fornecendo referências para entender a prática coletiva dos grupos sociais no seu contexto de origem e ao levar em consideração os processos de interação entre os sujeitos que compõem esses grupos.

A memória social, como objeto de pesquisa possível de ser conceituado, não pertence a nenhuma disciplina tradicionalmente existente, e nenhuma delas goza do privilégio de produzir o seu conceito. Esse conceito se encontra em construção a partir dos novos problemas que resultam do atravessamento de disciplinas diversas (GONDAR, 2005, p. 15).

Gondar (2005) apresenta algumas proposições²³ que possibilitam entender a constituição do campo de estudo da memória social. Interessa-nos entender aquela que é pautada na

²³ Diante do fato de que a primeira proposição que nos interessa é a transdisciplinar, cabe expor que a segunda proposição é entendida na esfera dos vetores social, ético e político, assumindo o risco de uma apresentação do

transdisciplinaridade, devido conceber a memória como um campo que admite diferentes configurações histórico-sociais e, com isso, a interseção de diversos saberes e fazeres capazes de produzir concepções distintas de memória social (conforme os problemas que se pretende responder). Junto a esse autor, ressaltamos que a proposta transdisciplinar

[...] pretende pôr em xeque a disjunção entre as disciplinas, valorizando pesquisas capazes de atravessar domínios separados. A ideia não é reunir conteúdos, mas produzir efeitos de transversalidade entre os diversos saberes. Transversalidade que, evidentemente, não toma a síntese por horizonte: não se trata de promover o diálogo entre as disciplinas em prol de um consenso, de um equilíbrio último em que a razão domine o caos. Ao contrário, supõe que é justamente do dissentimento que se faz a invenção e podem ser geradas novas ideias. O objeto transdisciplinar não é comum a diferentes disciplinas; ele é criado como um novo objeto, de maneira transversal, quando problemas que até então eram próprios de um campo de saber atravessam seus limites e fecundam outros. Esse objeto não existe antes que o atravessamento se dê (GONDAR, 2005, p. 14-15).

A ideia de interação entre disciplinas, muito ainda deverá ser discutida, envolvendo, assim, diferentes tarefas em numerosos níveis humanos e categorias no contexto de trabalho da CI. Pombo (2005) contextualiza que não há uma definição precisa e exaustiva em torno da interdisciplinaridade, entretanto, reconhece que por detrás das palavras multi, pluri, inter e transdisciplinaridade existem uma mesma raiz: a disciplina²⁴. Todavia, o sufixo trans supõe ir além, uma ultrapassagem daquilo que é próprio da disciplina.

A interdisciplinaridade corresponde a uma nova etapa de desenvolvimento do conhecimento científico, assim como, da divisão epistemológica, exigindo com isso que as disciplinas científicas estejam inseridas num processo de interpenetração (JAPIASSÚ; MARCONDES, 2001). Alguns modelos aparecem como uma tentativa de diálogo entre as disciplinas, como a multidisciplinaridade que subentende uma gama de disciplinas que propomos simultaneamente (PINHEIRO, 2007), mas sem fazer aparecer as relações que podem existir entre elas e a pluridisciplinaridade que seria traduzida pela justaposição entre as disciplinas (JAPIASSÚ, 1976).

A interdisciplinaridade é apresentada “[...] como uma questão mais ampla, não somente acadêmica, uma vez que suas teorias são também teorias sobre conhecimento e cultura” e que

conceito de memória social sob uma determinada perspectiva, admitindo sua transversalidade e suas implicações ético-políticas. A terceira é entendida como uma construção processual: a memória é algo a ser construída a partir das relações sociais. A quarta proposição concebe a memória social como uma esfera pela qual uma sociedade representa para si mesma, sem desconsiderar a sua articulação do presente e passado, configurando, em consequência, o modo pelo qual os indivíduos sociais representam a si próprios, as suas produções e as relações que estabelecem com os demais (GONDAR, 2005).

²⁴ Os conceitos que giram em torno da disciplinaridade (multi, pluri, inter e transdisciplinaridade) são aprofundados no capítulo 5, tendo como foco os caminhos adotados para esta pesquisa inserida no campo da CI.

permite chegar ao assunto que nos interessa: a transdisciplinaridade no contexto do desenvolvimento de pesquisas no campo dessa ciência (PINHEIRO, 2007, p. 73).

A transdisciplinaridade, como o prefixo 'trans' indica, diz respeito àquilo que está ao mesmo tempo entre as disciplinas, através das diferentes disciplinas e além de qualquer disciplina. Seu objetivo é a compreensão do mundo presente, para o qual um dos imperativos é a unidade do conhecimento (NICOLESCU, 1999, p. 52).

Discutida no sentido de conceber a integração dos saberes que ultrapassa as barreiras disciplinares (BICALHO; OLIVEIRA, 2011), destacamos a valor de conceber a abordagem transdisciplinar em constante processo de construção e como sendo importante para entender os conceitos de memória coletiva e social no contexto desta pesquisa.

A transdisciplinaridade pode representar a solução à departamentalização cada vez maior do conhecimento científico, mantendo-se e respeitando-se a contribuição de cada disciplina. Esta reforma, contudo, deve passar pelo entendimento de que a sociedade está em evolução permanente e que deverá ser feito um esforço para entender o todo, contextualizado, evitando-se as dicotomias próprias do paradigma cartesiano. O surgimento de abordagens complementares à disciplinaridade indicam que um movimento rumo a um novo paradigma científico está emergindo (BICALHO; OLIVEIRA, 2005, p. 2).

Torna-se possível pensar então que com a transdisciplinaridade, há uma maior possibilidade da eliminação das fronteiras por meio da superposição e da interpenetração de uma diversidade de metodologias e experiências, tendo em vista que na contemporaneidade é necessário propor metodologias que consigam prever a complexidade que essa transgressão metodológica apresenta. “No projeto transdisciplinar todas as disciplinas são reconstruídas para além de seus próprios limites e, assim, esvaziadas de seus limites convencionais, passam a ter um caráter de abstração” (BICALHO; OLIVEIRA, 2011, p. 96).

Como no caso da disciplinaridade, a pesquisa transdisciplinar não é antagônica mas complementar à pesquisa pluri e interdisciplinar. A transdisciplinaridade é, no entanto, radicalmente distinta da pluri e da interdisciplinaridade, por sua finalidade: a compreensão do mundo presente, impossível de ser inscrita na pesquisa disciplinar. A finalidade da pluri e da interdisciplinaridade sempre é a pesquisa disciplinar. Se a transdisciplinaridade é tão frequentemente confundida com a inter e a pluridisciplinaridade (como, aliás, a interdisciplinaridade é tão frequentemente confundida com a pluridisciplinaridade), isto se explica em grande parte pelo fato de que todas as três ultrapassam as disciplinas. Esta confusão é muito prejudicial, na medida em que esconde as diferentes finalidades destas três novas abordagens (NICOLESCU, 1999, p. 54).

Mueller (2007) apresenta o planejamento como sendo fundamental a pesquisa científica, ao permitir ao pesquisador familiarizar-se com a realidade de mundo em que os sujeitos estão inseridos, além disso, aponta a necessidade de o pesquisador ter uma visão ampla do seu objeto de estudo. Ou, seja, expõe que os sujeitos submersos em diversos campos de pesquisas

deverão levar em consideração as reais condições e uma diversidade de “possíveis” ao seu dispor.

Com isso, consideramos nesse processo de pesquisa uma perspectiva de trabalho transdisciplinar, pautada em um planejamento que se constitui no diálogo com os diversos tipos de conhecimentos necessários ao processo de pesquisa que envolva as possíveis articulações entre memória e narrativa oral na Sociedade da Informação.

Entendemos que a proposição da memória social pautada na transdisciplinaridade melhor representa o problema lançado na direção do contexto da *narrativa oral que se constitui como um meio de comunicação ancestral* (SISTO, 2012a) e que na atualidade é ressignificada pelo contador de histórias que necessita lidar com as TIC. Nessa direção, recorreremos aos estudos precursores de Halbwachs (2013) e também lançamos mão da contribuição de Le Goff (1999), Benjamin (1996), Dodebei (2005), Gondar (2005), Ong (1998), Simeão (2007) e outros autores que tornam possível entender a memória no contexto social e criativo dos narradores contemporâneos.

No ensejo de trabalhar com um contexto de pesquisa que articula temas como: memória e narrativa oral, etc., destacamos a valorização de uma memória gerada no seio de uma sociedade da informação em que os sujeitos não se apropriam da escrita. Nesse tipo de sociedade impera a cultura oral primária, que a caracteriza e, em que a narrativa, acaba constituindo-se como um tipo de “[...] comunicação oral [que] agrupa as pessoas” (ONG, 1998, p.82).

Quanto maior a naturalidade com que o narrador renuncia às sutilezas psicológicas, mais facilmente a história se gravará na memória do ouvinte, mais completamente ela se assimilará à sua própria experiência e mais irresistivelmente ele cederá à inclinação de recontá-la um dia. Esse processo de assimilação se dá em camadas muito profundas e exige um estado de distensão que se torna cada vez mais raro (BENJAMIN, 1996, p. 204).

Nos domínios de uma sociedade oral, muitas vezes a memória se cristaliza, girando em torno de uma diversidade de demandas. Le Goff (1990) expõe que nas sociedades sem escrita, a memória coletiva ordena-se em torno de três grandes questões: a idade coletiva do grupo que se funda nos mitos de origem, “[...] o prestígio das famílias dominantes que se exprime pelas genealogias e o saber técnico que se transmite por fórmulas práticas fortemente ligadas à magia religiosa” (LE GOFF, 1990, p. 432).

O advento da escrita permite um progresso desencadeado pelo desenvolvimento de duas maneiras de expressar a memória. A primeira assume a conformação de celebração de um acontecimento memorável, através de um monumento comemorativo. Enquanto que, a outra, de certa forma, relaciona-se ao documento registrado “[...] num suporte especialmente destinado à escrita (depois de tentativas sobre osso, estofa, pele, como na Rússia antiga; folhas de palmeira, como na Índia; carapaça de tartaruga, como na China; e finalmente papiro, pergaminho e papel)” (LE GOFF, 1990, p. 78). O registro da memória em documentos escritos assume funções diferenciadas, sendo que uma gira em torno do armazenamento de informações que comunicam e outra em torno da possibilidade de revisão daquilo que foi registrado. Ambas asseguram a passagem efetiva da esfera auditiva à visual (LE GOFF, 1990, p. 433).

Le Goff (1990, p. 434) ao citar Leroi-Gourhan situa a transformação da memória atrelada ao aparecimento e à difusão da escrita, estando, por conseguinte, ligada ao desenvolvimento social e especialmente do desenvolvimento urbano. A memória e as versões que dela possam surgir se deve ao fato da invenção da escrita, depois da imprensa e na atualidade se fortalece com o advento das TIC.

A cultura oral conduziu-nos a um agir comunicativo que acabou culminando em experiências que modificaram a relação do sujeito com o mundo. Nesse tipo de cultura, a informação é percebida por meio dos sentidos, diferente da comunicação da civilização moderna que comumente é associada aos processos ocasionados pela invenção da escrita e da imprensa (SIMEÃO, 2006). Na cultura oral o conhecimento adquirido deve ser constantemente repetido para diminuir o risco de se perder, por conseguinte padrões de pensamentos fixos tornam-se fundamentais para a manutenção da memória (ONG, 1998).

Nas culturas orais, o conhecimento adquirido por várias gerações ao longo dos tempos é armazenado na memória. Nessas culturas, os anciãos têm um lugar privilegiado porque representam a memória viva de seus antepassados. Referindo-se a eles, os povos africanos, que guardam muito dos valores e das tradições da cultura oral, costumam dizer: ‘Na África, cada velho que morre é uma biblioteca que se queima’. Isso porque, nesse modelo de cultura, em que as mudanças de uma geração a outra são mínimas, são eles que melhor poderão transmitir às novas gerações a riqueza cultural de seu povo (MATOS; SORSY, 2009, p. 3).

A cultura letrada torna possível que o contador de histórias faça o resgate das narrativas no sentido literal da palavra, já que o processo de busca geralmente acaba sendo feito num texto escrito ao qual o narrador retorna tantas vezes quanto forem necessários para aperfeiçoar a

história a ser contada (ONG, 1998). “Na cultura escrita, os requisitos para julgar a beleza de uma narrativa estão na habilidade de o autor manejar as palavras com maestria para dispô-las [...]” (MATOS; SORSY, 2009, p.5). A memória verbal a que recorre o contador de histórias de culturas orais, ainda é valorizada pelo contador contemporâneo que reconhece a força que o resgate pela palavra possui:

[...] a palavra oral é o veículo de transmissão de conhecimentos, mas nas sociedades contemporâneas as condições e os veículos de transmissão de saberes são muito diferentes. Nascemos e crescemos na cultura escrita e já somos fortemente influenciados também pela oralidade secundária, que usa dos suportes mecânicos para difusão da voz e da imagem (MATOS, 2014, p. 32).

O narrador com característica mais tradicional é aquele que faz parte de uma comunidade que retém informações apenas por meio da oralidade, absorvendo e transmitindo contos, lendas e outras histórias preservadas pela memória popular. Originalmente esse grupo de narradores faz parte “[...] de uma cultura totalmente desprovida de qualquer conhecimento da escrita ou da impressão” (ONG, 1998, p.19)²⁵. Ainda existem contadores que mantêm as características do narrador tradicional, mesmo atuando no seio de sociedades em que há a predominância da escrita. Em termos de diferenciação de postura, o contador de histórias profissional comumente busca informações em textos escritos. No entanto,

[...] a despeito dos mundos maravilhosos que a escrita abre, a palavra falada ainda subsiste e vive. Todos os textos escritos devem, de algum modo, estar direta ou indiretamente relacionados ao mundo sonoro, habitat natural da linguagem, para comunicar seus significados. ‘Ler’ um texto significa convertê-lo em som, em voz alta ou na imaginação, sílaba por sílaba na leitura lenta ou de modo superficial na leitura rápida, comum a culturas de alta tecnologia. A escrita nunca pode prescindir da oralidade. [...] A expressão oral pode existir – e na maioria das vezes existiu – sem qualquer escrita; mas nunca a escrita sem a oralidade (ONG, 1998, p.16, grifo nosso).

Oralidade e escrita são práticas que se encontram relacionadas na modernidade. Nessa direção, recorreremos ao que foi escrito por Simeão (2006) para expor características da cultura oral e da cultura em que há a predominância da escrita. Como resultado, constatamos que “[...] toda tecnologia e seus respectivos suportes, desde a formação tribal do homem, criam um ambiente próprio ampliado ou limitado” no agir comunicativo (SIMEÃO, 2006, p. 33).

Tendo em vista que os narradores contemporâneos são herdeiros de uma tradição fundada na oralidade (BUSATTO, 2011a), algumas características da cultura oral primária ainda são

²⁵ Atualmente a cultura oral primária, no sentido restrito, praticamente não existe, uma vez que todas as culturas têm conhecimento da escrita e sofreram alguns de seus efeitos. Contudo em diferentes graus, muitas culturas e subculturas, até mesmo num meio de alta tecnologia, preservam muito da estrutura mental da oralidade primária (ONG, 1998, p.19).

conservadas desde a preparação da narrativa até o ato de contá-la. A capacidade de tecer redes de convivência com seu público no momento da transmissão da narrativa é uma delas, assim como, proporcionar uma participação mais integradora em cada apresentação cultural (Quadro 1).

Quadro 1 - Características da cultura oral e escrita

CULTURA ORAL	CULTURA ESCRITA
Ressonância tribal	Ressonância restrita
Tempo e espaço se realizam no momento da mensagem	Tempo e espaço desvinculados da mensagem
Rede convivência e interação intensa	Interação restrita, convivência fragmentada
Espaço visual e sensitivo, aberto e extensivo	Espaço visual, sequencial e contínuo
Participação integradora de todos os sentidos	Sentidos independentes, desconectados

Fonte: Simeão (2006).

Se, por um lado, o processo de interação do sujeito contador com o seu público baseia-se em estruturas de comunicação presenciais; por outro, as tradições narrativas atravessadas pela oralidade e escrita aproximam-se cada vez mais do computador e de outras ferramentas que possibilitam a estruturação/ampliação de redes no espaço virtual. A esse respeito convém ressaltar que na atualidade a memória do narrador se expressa por meio da escrita e das TIC, mas de maneira alguma em oposição à oralidade que deve manifestar-se no espaço virtual. “Nos dias atuais, a leitura de uma história não é suficiente para entreter uma criança. O computador e os novos meios de comunicação estão presentes [...]” e muitas vezes nos afetam (LANZI, 2012, p. 43).

A velocidade com que a humanidade adotou as tecnologias de comunicação comprova a capacidade de adaptação do sujeito moderno aos seus suportes de transmissão (SIMEÃO, 2006). A revolução das comunicações no século XX não se separa da revolução da informática, possibilitando um redimensionamento das noções de espaços e se posicionando perante o uso das TIC. “Atualmente, o panorama de mudanças – que de uma forma ou outra, sempre existiu – é muito mais tangível, qualquer que seja o ângulo sob o qual se concentrem a percepção e análise de um atento pesquisador” (BASSETTO, 2013, p. 11).

A disseminação dos computadores e dos meios de comunicação permite que a informação delineie um cenário de crescimento técnico e social, ocasionado pela explosão dos seus fluxos (LE COADIC, 1996). O narrador de histórias, por conseguinte, encontra-se no centro dessas transformações, estando ele inserido num regime de oralidade secundária²⁶ fixada em parâmetros ditados por uma cultura letrada e pela apropriação das tecnologias que acabam por expandir as suas possibilidades de conexão em redes de comunicação.

No século XXI a narração oral ganha outra dimensão ao ocupar o espaço telemático, o que implica numa mudança de foco, de entendimento e aceitação de outras perspectivas da fruição dessa arte e do desempenho de um outro contador de histórias, que se utiliza do computador para narrar (GERLIN; ROSEMBERG, 2012, p. 9).

Consideramos que o narrador pode utilizar os recursos da Sociedade da Informação para interagir com os pares e disponibilizar as narrativas produzidas no formato eletrônico. Também pode aperfeiçoar a sua prática ao buscar por textos narrativos e outras informações multimodais no espaço virtual. Outro aspecto importante é que “Ler na tela torna-se uma prática social corrente, e os hipertextos²⁷ são, agora, escritos sociais tão legítimos quanto os documentos impressos” (PERRENOUD, 2000, p. 128).

As informações se juntam aos dispositivos tecnológicos em uma lógica hipertextual nas páginas *Web*, integradas a um certo espaço de múltiplas opções em termos de formatos e tipologias documentais (SIMEÃO; PROENÇA, 2011). Desenvolvidas para atender as necessidades dos humanos, possibilitam uma estrutura amigável com conteúdo significativo em suas páginas, ambientes nos quais os agentes narradores podem facilmente realizar suas atividades, tarefas cada vez mais sofisticadas e representativas para esses usuários (BERNERS-LEE; HENDLER; LASSILA, 2001).

Um texto linear clássico mesmo digitalizado não pode ser lido por esse ator cultural como um hipertexto. O contrário também acontece na tela de um computador, por exemplo, um texto impresso que geralmente é lido linearmente (como em um livro ou documento impresso) pode disponibilizar informações multimodais e assumir um formato multilinear/multi-sequencial dotado de sentido para o narrador de histórias (GERLIN; ROSEMBERG, 2012).

²⁶ Ong (1998, p. 179) expõe que “Diversos tipos de oralidade residual, assim como a ‘**oralidade escrita**’ da **cultura oral secundária**, gerados pelo rádio e pela televisão, [e na atualidade pelas tecnologias de informação e comunicação] estão à espera de um estudo aprofundado” (ONG, 1998, p.179, grifo nosso), o que não é o caso desta pesquisa que cita os reflexos da oralidade e da cultura escrita no perfil do contador de histórias para alcançar aos objetivos propostos.

²⁷ “O hipertexto é constituído por nós (os elementos de informação, parágrafos, páginas, imagens, sequências musicais, etc) e por links entre esses nós, referências, notas, ponteiros, ‘botões’ indicando passagem de um nó ao outro” (LÉVY, 2010, p. 58).

Devido ao aparecimento de diversas mídias, o sujeito contemporâneo lida com formatos híbridos, dinâmicos e flexíveis de linguagem no espaço virtual. A estrutura de leitura que conduz ao hipertexto integrou-se à linguagem cotidiana e adquiriu inúmeras conotações, sendo utilizado para descrever um *web site*, para se referir a qualquer tipo de texto não linear, englobando com isso imagens e sons (LARA FILHO, 2003).

A revolução do texto eletrônico conduz para “[...] novas maneiras de ler, novas relações com o escrito, novas técnicas intelectuais [...]” no ciberespaço (CHARTIER, 1994, p. 190). Ler num monitor, celular ou num tablet diferencia-se da prática de ler num livro impresso. Então, podemos concluir que o uso das TIC e comunicação são extremamente importantes para a socialização do material produzido e necessário para a realização das buscas do narrador contemporâneo.

A era da percepção linear e fragmentária, iniciada com a descoberta da escrita, foi desencadeada na história da comunicação contemporânea com a disseminação dos tipos móveis de Gutenberg. O livro, ícone permanente desta trajetória, conduziu o processo sofrendo também interferências do aparato tecnológico (SIMEÃO, 2006, p. 33).

Chartier (1994) revela que a primeira revolução da leitura é a da técnica; que modifica até os dias de hoje quase que totalmente as práticas relacionadas à leitura. Em meados do século XV, verifica-se a técnica de reprodução do texto e da produção do livro, dinamizada *com os caracteres* móveis e a prensa de imprimir, a cópia manuscrita deixa de ser o único recurso disponível para assegurar a multiplicação e a circulação dos textos. Para além da prática, registra-se que a revolução exibida por Gutenberg, transforma a técnica de reprodução e estruturação gráfica do texto, ao oferecer uma diversidade de suportes direcionados para comunicação da informação aos seus leitores.

O livro impresso tem sido, até hoje, o herdeiro do manuscrito: quanto à organização em cadernos, à hierarquia dos formatos, do *libro da banco* ao *libellus*; quanto, também, aos subsídios à leitura: concordâncias, índices, sumários etc. Com o monitor, que vem substituir o códice, a mudança é mais radical, posto que são os modos de organização, de estruturação, de consulta do suporte do escrito que se acham modificados. Uma revolução desse porte necessita, portanto, outros termos de comparação (CHARTIER, 1994, p. 186).

A mudança nos meios de transmissão da informação resulta numa revolução, no que diz respeito à relação do sujeito com o texto escrito e, por conseguinte, relacionada a dois contextos de leitura. O primeiro contexto engloba o leitor intensivo que é “[...] confrontado com um corpus limitado e fechado de textos lidos e relidos, memorizados e recitados, ouvidos e sabidos de cor, transmitidos de geração a geração” (CHARTIER, 1994, p.189). No segundo,

o leitor extensivo consome muitos e variados tipos de textos impressos, o que possibilita lê-los com rapidez e avidez, processo no qual se exerce em relação a eles uma atividade crítica (CHARTIER, 1994; SIMEÃO, 2006).

Simeão e Melo (2009) complementam que no caso da leitura intensiva, a absorção de conteúdos de um texto impõe regras e normas ao leitor, confrontado com um número restrito de possibilidades que perpetuam os mesmos textos e os mesmos formatos, fornecem referências idênticas, assim como, os conteúdos são mais reconhecidos do que lidos. Mas, se o contador de histórias se vê diante das possibilidades de uma leitura extensiva, não se trata apenas de entender essa nova relação pelo prisma apresentado, trata-se também da ampliação da visão ao ser entendida como um

[...] processo dinâmico de aprendizagem, de mediação construída pela definição de padrões e códigos, e, ainda, conforme aponta Chartier, **numa** relação íntima que se estabelece, muitas vezes, entre o leitor solitário e espaço aberto para a imaginação, (como no livro), entre leitores e seu jornal diário (com suas modernas versões *on-line* ampliando-lhe a capacidade criativa). Essa intimidade do leitor agora integra um espaço de ‘convivência virtual’ onde os internautas e seus pares compartilham experiências e saberes para além dos espaços convencionais (SIMEÃO; MELO, 2009, p. 59, grifo nosso).

Simeão (2006) expõe que a leitura pode ser restrita para a maioria dos sujeitos. Isso se deve a fatores técnicos e culturais que limitam o aprendizado na Sociedade da Informação, época em que a tecnologia informática aliada às telecomunicações (com destaque para a internet), possibilitaram a divulgação da leitura digital, gerando um constante (re) aparecimento de linguagens de expressão.

A abordagem mais simples do hipertexto é descrevê-lo, em oposição a um texto linear, como um texto estruturado em rede. Sendo assim, o hipertexto é constituído por nós (os elementos de informação, parágrafos, páginas, imagens, sequências musicais etc.) e por links entre esses nós, referências, notas, ponteiros, ‘botões’ indicando a passagem de um nó a outro (LÉVY, 2010, p. 58).

Não resta dúvida que as tecnologias (tipográfica, eletrônicas, etc.) são imperativas para a produção de conhecimento e compartilhamento de informação, podendo atingir diretamente o modo de buscar, produzir e compartilhar informação no campo da narrativa oral. Também são imprescindíveis para que o narrador realize suas leituras e aprenda a compartilhar seus saberes e fazeres ao efetivar suas conexões em redes de colaboração.

Na atualidade, a memória preservada pela escrita está fadada a, também, transmitir seus significados no espaço virtual, chegando aos novos leitores/ouvintes conectados em potentes

redes de comunicação. Independente do espaço em que a memória seja processada, oralidade e escrita possibilitam que os sujeitos permaneçam horizontalmente “[...] interconectadas em redes de criação e de troca de subjetividades, das quais, blogs são um bom exemplo para o espaço virtual, assim como os espetáculos teatrais de improvisação o são para o espaço da convivência presencial” (DODEBEI, 2005, p. 46).

Ao falar de memória, tratamos de um fenômeno que diz respeito às relações entre os sujeitos no seio de uma comunidade e entre o passado e o presente. Nesse eixo espaciotemporal, devemos entender como se dão a construção e a exteriorização da memória. Tendo em vista dois pressupostos básicos – a reconstituição integral da memória é impossível e a memória é seletiva –, a memória se manifesta por intermédio da obra humana. Considerada a natureza da linguagem, isso pode ocorrer, entre outras formas, pela narração (oral e escrita), pela pintura e pelos filmes (OLIVEIRA; ORRICO, 2005, p. 85).

A memória (re) constituída na prática narrativa pode então ser compreendida como um processo de construção do presente e reflexão do futuro. Nessa direção, torna-se necessário pensar na produção de um novo tipo de narrador que dissemina suas histórias e que por meio delas reflete traços da memória de um coletivo que deve ser constantemente refletido.

2.2 O TECIDO DE UMA MEMÓRIA VISUALIZADA NO CONTEXTO DA ATIVIDADE CULTURAL DO CONTADOR DE HISTÓRIAS

Numa sociedade permeada pelas tecnologias de escrita e informação, a narrativa oral é externizada com maior facilidade, podendo culminar no acesso de todos os interessados ao constituir-se como material de registro. A literatura oral, por exemplo, dissemina, ao longo dos séculos, mitos, lendas, contos populares, fábulas, etc., tornando possível que as histórias sejam ressignificadas no tempo atual. Por meio do seu acesso, identificam-se variados aspectos de culturas em que as narrativas foram geradas e no processo de (re)contar aquilo que foi preservado culturalmente,

A reminiscência **fundase na** cadeia da tradição, que transmite os acontecimentos de geração em geração. Ela corresponde à musa épica no sentido mais amplo. Ela inclui todas as variedades da forma épica. Entre elas, encontra-se em primeiro lugar a encarnada pelo narrador. Ela tece a rede que em última instância todas as histórias constituem entre si. Uma se articula na outra, como demonstraram todos os outros narradores, principalmente os orientais. Em cada um deles vive uma Scherazade, que imagina uma nova história em cada passagem da história que está contando. Tal é a memória épica e a musa da narração (BENJAMIN, 1996, 211, grifo nosso).

A memória é uma faculdade épica por excelência, por esse motivo não se pode perdê-la, devendo reproduzir-se de geração em geração ao religar os fios que originalmente se cruzam, prolongando a reminiscência original puxada por muitos dedos (BOSI, 1994). “Memorização e criatividade correspondem, de certo modo, às lembranças do passado e à reinvenção do presente. Ao mesmo tempo em que rememoramos, criamos. Ao olharmos para trás seguimos adiante” (MORAES, 2012, p. 53). Esse poder de reprodução reflete a capacidade que o contador de histórias desenvolve ao narrar aquilo que foi tecido com os fios da memória, dominando com maestria o ofício cultural e criativo para que as narrativas tenham visibilidade e aceitação.

A arte de contar histórias é também uma arte da memória. Não é difícil perceber que a memória é sempre o reencontro com a tradição. Tradição social efetuada pelo exercício social da oralidade. Ou seja, a arte de contar histórias apresenta-se como um exercício social de oralidade que reaviva e atualiza a memória social. Em minha prática como educadora, foi nos acordais da tradição oral com os alunos que percebi a importância deste exercício poético da turma (GOMES, 2012, p. 23).

O conceito de memória está articulado com o de vida social e cultural, assim como, a ideia de cultura está ligada a definição de *culto*, cultivo, culto coletivo, tradição, informação compartilhada, memória e *cultura animi*, aprimoramento, elevação e refinamento individual (DODEBEI, 2005). Eagleton (2005) trabalha com o significado da palavra cultura na mesma direção que Dodebei (2005), ao acrescentar que “[...] a cultura não está nem dissociada da sociedade nem completamente de acordo com ela. Se num nível constitui-se uma crítica da vida social, é cúmplice dela em outro” (EAGLETON, 2005, p. 19). O fato de que as culturas estão inteiramente envolvidas umas com as outras e, por conseguinte, de que nenhuma delas sobrevive isolada ou caracteriza-se como pura, conduz a uma ideia de coletivo híbrido e heterogêneo (EAGLETON, 2005).

Cada memória individual é um ponto de vista sobre a memória coletiva. Nossos deslocamentos alteram esse ponto de vista: pertencer a novos grupos nos faz evocar lembranças significativas para este presente e sob a luz explicativa que convém à ação atual. O que nos parece unidade é múltiplo. Para localizar uma lembrança não basta um fio de Ariadne; é preciso desenrolar fios de meadas diversas, pois ela é um ponto de encontro de vários caminhos, é um ponto complexo de convergência dos muitos planos do nosso passado (BOSI, 1994, p. 413).

Pensar a memória no contexto da prática do grupo de contadores de histórias requer considerar que “[...] ela se exerce também em uma esfera irrepresentável: modos de sentir, modos de querer, pequenos gestos, práticas de si, ações políticas inovadoras” (GONDAR, 2005, p. 24). As relações sociais dos grupos desses narradores podem ser representadas por meio das práticas culturais destacadas neste estudo, especificamente em dois grupos:

animação cultural e ação cultural; sendo a última um ideal em termos de atividades a ser desenvolvida pelo narrador contemporâneo.

A ação cultural envolve a participação de sujeitos de memória, desde a elaboração de um planejamento até a implantação que pode ter suas etapas alteradas durante todo o processo. Esse tipo de ação deve provocar algum tipo de transformação, o que necessariamente não precisa acontecer em um processo de animação cultural, o qual tem como finalidade desenvolver uma prática previamente estabelecida e meramente voltada para a diversão. Outras estruturas de relacionamento podem ser desenvolvidas nos territórios de atuação, como a fabricação cultural e a ação educativa²⁸. A ação educativa muitas vezes é dirigida e depende de alguém para acionar o processo cultural que provavelmente não aconteceria sem um impulso exterior. A fabricação cultural possui fins ideológicos, com um início determinado, um fim previsto e as etapas estipuladas devem necessariamente levar aos objetivos estabelecidos (COELHO NETTO, 2002).

Ao administrar o processo das atividades culturais, o contador de histórias pode ser considerado como um agente cultural que atua no contexto de uma equipe transdisciplinar, podendo gerir produtos e serviços (COELHO NETTO, 2002; GERLIN, 2011). Comumente o agente cultural é definido como um administrador que não se envolve diretamente com as produções artísticas (COELHO NETTO, 2002). Diante da realidade brasileira acreditamos que como educador ou produtor cultural pode ser considerado como *gente* de cultura, ou seja, como um profissional que se envolve diretamente com a expressão artística e com o seu público.

Na atividade caracterizada como uma animação cultural, o contador de história é um animador e, como o próprio nome expressa, dele parte o planejamento da ação (COELHO NETTO, 2002). Sendo o narrador o criador do momento, dele também parte a ação que costuma ser caracterizada por práticas diversionistas voltadas apenas para o lazer e com a ausência de reflexão. A transmissão da narrativa oral volta-se para o esquecimento do tempo e da vida e desse modo os outros sujeitos assumem a função de meros objetos, ou seja, ouvintes passivos no processo cultural (Quadro 2).

²⁸ O que não significa que existam ações educativas que se aproximam da definição de ação cultural proposta por Coelho Netto (2002). Nesta tese tornou-se necessário definir e trabalhar com conceitos necessários ao processo de reflexão por ela exigido, todavia, no cotidiano de trabalho do contador de histórias entendemos que muitas vezes as práticas são misturadas e constantemente ressignificadas.

Quadro 2 - A memória no contexto da prática cultural do contador de histórias contemporâneo

ANIMAÇÃO CULTURAL	AÇÃO CULTURAL
Apenas o animador/narrador é o criador da atividade cultural	O narrador é o mediador da atividade que pode ser (re)criada pelo coletivo
A elaboração do planejamento é de responsabilidade do sujeito narrador	A elaboração do planejamento pode ser compartilhada com o coletivo
O desenvolvimento da ação se resume apenas em práticas diversionistas e sem reflexão	Além da diversão a atividade narrativa possibilita práticas reflexivas que podem gerar importantes transformações para o coletivo
Participantes (ouvintes, clientes, etc.) assumem a função de objetos da ação	Participantes são sujeitos da ação assumindo uma função importante no processo narrativo, ao passo que podem interferir e contribuir no momento da comunicação
Aspectos relacionados com a memória do narrador ganham maior visibilidade	As lembranças evocadas pela narrativa se constituem como manifestações do coletivo e não apenas aquelas da memória do narrador de histórias
Na ação de recordar impera o ponto de vista do narrador de histórias	As reminiscências giram em torno das necessidades do grupo

Fonte: Produzida pela autora durante a elaboração da pesquisa.

Diferentemente, uma atividade narrativa fundamentada na ação cultural se constitui como um processo com início, porém, sem etapas intermediárias e finais especificadas e pelos quais os sujeitos devem de maneira inflexível passar (COELHO NETTO, 2002). Os participantes do grupo assumem uma função ativa no planejamento das ações e no seu processo de construção, além da diversão a atividade narrativa possibilita práticas reflexivas que podem gerar importantes transformações. As lembranças evocadas se constituem como manifestações do coletivo que não giram apenas em torno da memória do sujeito narrador (Quadro 2).

Trazer essa discussão para o campo da informação e cultura torna o caráter da ação cultural transitório, solicitando dos sujeitos envolvidos uma consciência de que são agentes de ação e, acima de tudo, de transformação social. Os estudos realizados no campo da ação cultural contribuem para o entendimento de que essas produções só têm sentido quando se constituem como um momento de teorização da prática social (GERLIN, 2011).

Não haver um ponto terminal ao qual o grupo deve chegar nesse tipo de atividade, não significa existir a ausência de planejamentos ou projetos elaborados para desencadear diálogos em torno da narrativa comunicada, por exemplo. Tendo em vista que a ação cultural gera algum tipo de transformação, é preciso a participação efetiva do narrador e do público de forma a caracterizá-los como sujeitos ativos nesse processo.

A ação cultural não é uma tarefa fácil, mas poucos são os agentes culturais que afirmam que fazem animação cultural (COELHO NETTO, 2002). A dificuldade de elaborar planejamentos coletivos em torno da memória social e criativa, na maioria das vezes conduz ao

desenvolvimento de momentos diversionistas, devendo ser levado em consideração que muitas vezes a própria instituição contrata o narrador com esse objetivo.

Numa interação embasada na animação cultural, quase sempre a memória do narrador/agente cultural e, por consequência, seu ponto de vista ganham visibilidade, o grupo/público não participa do processo de produção ou de efetivação do momento narrativo. Ao contrário, em um processo de interação pautado na ação cultural podemos considerar que as lembranças são manifestações dos grupos sociais que se organizam em torno das suas necessidades e não apenas em torno de um sujeito que apresenta a atividade narrativa (HALBWACHS, 2013).

Entender a narrativa oral como uma tradição que se alimenta da memória social de um coletivo requer, então, destacar movimentos culturais que permitam compartilhar experiências como no caso da ação cultural. Nessa direção, “O trabalho com atividade/ação cultural deve buscar materializar projetos, gerar condições de retorno à coletividade, a arte, a cultura, criando condições para a sua revitalização e transformação” (GERLIN, 2011).

É habitual conceber a memória social como a esfera por meio da qual uma sociedade representa para si mesma a articulação de seu presente com o seu passado, configurando, em consequência, o modo pelo qual os indivíduos sociais representam a si próprios, as suas produções e as relações que estabelecem com os demais. Sob esse ponto de vista, o campo da memória é o campo das representações coletivas. Ora, fazer avançar o pensamento sobre a memória social implica questionar a evidência dessa relação e das ideias que aí se encontram inter-relacionadas (GONDAR, 2005, p. 23).

Presenciamos um modelo de sociedade complexa, diversificada e heterogênea, uma *sociedade plural* e que, no nosso modo de ver, contempla possíveis relações entre memória e oralidade direcionadas para o objetivo desta tese de doutorado. Mesmo que a memória não seja citada a todo o momento nesta pesquisa, faz-se presente ao longo das reflexões que envolvem as competências dos narradores que se apropriam das reminiscências de um coletivo para desenvolver a sua prática.

No caso da prática do narrador que geralmente dissemina as informações de interesse do seu público, adotar uma perspectiva de trabalho tendo como parâmetro a ação cultural é tornar a memória dinâmica ressignificando-a no presente, porém, sem desconsiderar as transformações que podem ser geradas no futuro. A memória social pode ser refletida na dimensão da oralidade, da escrita e da imagética dos narradores na sociedade da informação, sem determinismos.

3 NARRATIVA ORAL: A COMPOSIÇÃO DE INFORMAÇÕES QUE ALIMENTAM UMA PRÁTICA MILENAR NOS TERRITÓRIOS DE ATUAÇÃO DO CONTADOR DE HISTÓRIAS

Figura 1 – Griots e narradores



Fonte: ANCIENT... (2015).

“O griô tem sido considerado historicamente como o dono da palavra, ou seja, a memória social do grupo. Registra os fatos e os acontecimentos mais significativos de sua época, bem como os do passado, os quais seus progenitores lhes têm confiado, para que, por sua vez, transmitam para gerações futuras” (NKAMA, 2012, p. 254).

3.1 A NARRATIVA ORAL NO CONTEXTO DA CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS

Na antiguidade o homem sentava-se ao redor do fogo e sob a luz das estrelas contava histórias, bebendo das palavras que o ajudavam a conviver com os medos forneciam explicação para aquilo que era incompreensível aos seus olhos (CASTRONOVO; MARTIGNONI, 1994). O cenário permeado por griots que contam fatos reais da vida (NKAMA, 2012) e narradores dos famosos *causos* pouco a pouco se desfaz. “Hoje não há mais a fogueira e o ritmo da noite, aconchegando ouvintes em torno dos acontecimentos guardados na memória do narrador tradicional” (SISTO, 2012a, p. 23).

O sujeito contemporâneo não se prende às narrativas contadas oralmente como seus antepassados, o que requer resgatar práticas geralmente esquecidas como a contação de casos, os contos de assombração e outras velhas histórias compartilhadas em praças, varandas e bancos de quintais. No século XXI, a narrativa não é tão valorizada como a troca de informações que acontece nos bate-papos mediados pelo WhatsApp e pelas inúmeras postagens que o Facebook torna possível na labuta e nas horas de lazer na praia, numa festa e em um bar. Em qualquer lugar, com o auxílio de um celular ou de outra ferramenta, pode-se compartilhar, comentar e curtir virtualmente aquilo que fornece prazer de ver, ler e ouvir hipertextualmente.

A nova geração aprende facilmente a se comunicar tendo o auxílio das tecnologias fornecidas pela sociedade da informação. Com o advento das TIC as histórias são transmitidas com maior rapidez, motivo pelo qual se corre o risco de abreviar a capacidade de o sujeito contemporâneo contá-las com riqueza de detalhe. A preferência pelo ato de *teclar*, ao invés de telefonar para os pares pode ser uma prova disso.

Com a evolução da tecnologia, o desenvolvimento das cidades, a globalização e o mundo caminhando sempre apressadamente, as tradições populares se tornaram, e continuam se tornando, cada vez mais esquecidas, obsoletas. Costumes como os de reunir famílias para escutar os ‘causos’ contados por algum parente mais velho, por exemplo, já foram completamente substituídos por partidas de *videogame*, pela televisão, por conversas ao telefone, hoje possíveis em qualquer lugar e para qualquer lugar (SANTIS; CARMELINO, 2011, p. 33).

Apesar do exposto, não se pode afirmar que os sujeitos que se utilizam dos equipamentos para acessar as redes digitais desconsideram a importância que a oralidade tem para a humanidade e tampouco que novas tradições narrativas não possam surgir no espaço virtual. A arte performática e comunicacional do contador contemporâneo ainda se baseia na riqueza da

narrativa oral e, ao contrário do que é profetizado, não corre o risco de extinção, passa por um importante processo de ressignificação.

Narrar é contar, relatar e expor as sequências de um acontecimento, um fato ou uma notícia, constituindo-se como uma potente estratégia de manifestação popular e transmissão de informações. As narrativas acompanham o homem desde a sua origem e podem ser classificadas como ficcionais (ao narrar um mundo imaginário) e não ficcionais (ao narrar aquilo que aconteceu no mundo real) (GANCHO, 2006). Citamos os mitos e as lendas, narrativas que procuram explicar o surgimento do mundo e daquilo que nele há, conciliando ficção e realidade que são transmitidas através das gerações, fornecendo um repertório universal aos narradores contemporâneos.

Narra-se oralmente e por escrito, em prosa ou em verso e, conforme expõe Gancho (2006, p. 6), narrar é contar uma história, “[...] uma atividade praticada por muita gente: pais, filhos, professores, amigos, namorados, avós... Enfim, todos contam-escrevem ou ouvem-leem toda espécie de narrativa”. As narrativas podem ter o acompanhamento da imagem, da música, a validação da escrita nas sociedades modernas, alternando-se entre os formatos impressos e as novas mídias digitais. Não se pode esquecer que essa prática se constitui como herança dos nossos antepassados.

E podemos ainda pensar nos aedos, bardos, jograis, trovadores, saltimbancos, menestréis, bufões que, de diversas formas, contavam histórias e difundiam obras. E o que dizer de um dos livros mais antigos – a Bíblia – que fala também por intermédio de histórias? E como esquecer dos contadores de histórias das sociedades tribais primitivas, em seus papéis de transmissores da história e do conhecimento acumulado por gerações, em crenças, mitos, costumes e valores preserváveis pela comunidade (SISTO, 2012a, p. 32-33)?

A narrativa ainda se constitui como uma maneira potente de disseminar as histórias guardadas na memória de um coletivo desde a antiguidade, estendendo-se às sociedades tradicionais e naquelas em que há o predomínio da escrita, da impressão e de outras tecnologias (sociedades modernas). Na Antiguidade Clássica, reconheciam-se apenas os gêneros *épico*, *lírico* e *dramático*, “O gênero épico recebe tal nome das epopeias (narrativas heroicas em versos), apesar de modernamente este gênero manifestar-se, sobretudo, em *prosa*²⁹” (GANCHO, 2006,

²⁹ O gênero *épico* se refere ao contexto narrativo ou de ficção que se estrutura sobre uma história, enquanto o gênero *lírico* pertence ao contexto da poesia lírica e o gênero *dramático* ao contexto teatral que engloba o texto de teatro, sendo que o espetáculo foge à alçada da literatura (GANCHO, 2006). A prosa narrativa é uma forma de escrita que conta uma história por meio de ações em vez de poesia.

p. 4). Mais tarde surgem outras variações para o gênero narrativo (romance, novela, conto, crônica, fábula) que nos dias atuais interessam a uma diversidade de narradores:

O gênero narrativo apresenta elementos de prosa com características diferentes, o que fez com que surgissem divisões de outros gêneros literários dentro do estilo narrativo: o romance, a novela, o conto, a crônica, a fábula. Porém, praticamente todas as obras narrativas possuem elementos estruturais e estilísticos em comum e devem responder a questionamentos, como: quem? que? quando? onde? por quê? Ou seja, relato centrado num fato ou acontecimento, em que há personagem (ns) atuando em uma narrativa que relata a ação num espaço e tempo determinado (RAMOS, 2011, p. 11).

As perguntas trazidas por Ramos (2011) fazem referência a cinco elementos imprescindíveis a estrutura de uma narrativa: personagens; enredo; tempo; espaço e narrador. O enredo (que?) de uma narrativa centra-se num fato/acontecimento e em seus personagens (quem?), remetendo o ouvinte/leitor à figura do narrador responsável por caracterizá-la (por quê?) num determinado espaço (quando e onde?). As histórias podem ser contadas pelo narrador na primeira pessoa – momento em que aparece como personagem da história – ou na terceira pessoa – o narrador é um observador que narra os fatos observados (GANCHO, 2006). A narrativa está presente nos fatos e nos acontecimentos constantemente relatados nos romances de diversos contextos, nas novelas produzidas pelas emissoras de televisão, nos filmes e nas peças teatrais. Também observamo-na em notícias dos jornais e nas revistas que imprimem a realidade cotidiana.

Do ponto de vista da contação de histórias, a narração oral possui três elementos: história; narrador e ouvinte (MORAES, 2012). A história, em alguns momentos é chamada de conto, pode ser definida como texto articulado oralmente durante o processo de narração, constituindo-se como um texto produzido oralmente, mesmo tendo assumido anteriormente o formato escrito. O narrador/contador de histórias é o agente cultural que (re)produz o texto oralmente e o ouvinte recebe o texto oral, sem deixar de assumir uma posição de coprodutor durante o processo da comunicação da narrativa oral.

Na relação narrador-história-ouvinte, o contador de histórias, enquanto agente, detém em suas mãos diversas decisões com relação ao processo de adaptação e ao momento de contar. Estas decisões, embora estejam ligadas diretamente às ações do narrador perante a história, sofrem a influência do ouvinte enquanto coprodutor; este último, por sua vez, mesmo que não efetive o diálogo de fato com o narrador, interage com a história através de suas emoções expressadas, de seus olhares e da sua atenção (MORAES, 2012, p. 17).

A narrativa oral permite que o narrador contemporâneo (re)conte as histórias muitas vezes ouvidas numa peça, lidas num romance, visualizadas num filme, etc. Não podemos esquecer-

nos das histórias impressas nos livros e das animações infantis que encantam e divertem diversas gerações com roupagens diferentes. Essas narrativas apropriam-se do formato original das lendas, contos de fadas, mitos e fábulas recontados no decorrer dos séculos. “Mais propriamente [podemos registrar que essas e outras] narrativas são formas vivas produzidas através da interação social para informar à plateia e também para diverti-la com força, espírito, riso e drama” (LANGDON, 1999, p. 19).

A narrativa comunicada pela oralidade a todas as idades é o alvo desta discussão, o que requer uma breve análise da obra clássica “O narrador” de Benjamin (1998), tarefa que vários pesquisadores atingiram com maestria. Então, por que citá-lo quando tantos outros já o fizeram? No momento em que alguma coisa parece faltar ao (con) texto do referencial teórico desta pesquisa, aquilo que foi escrito por esse autor no início do século passado ainda é trazido como novo, pois se trata de um clássico.

Esse autor nos auxilia no processo de escrita e reflexão sem se render a aprofundamentos desnecessários, oferecendo a contrapartida de que necessitamos para repensar a prática atual do narrador que em alguns momentos se contrapõe ao modelo tradicional e artesanal de contar. A experiência é a fonte a que recorreram e recorrem todos os narradores, fornecendo elementos para que o narrador contemporâneo retire dos registros da memória aquilo que narra e ressignifique a sua ação criativa.

Uma experiência quase cotidiana nos impõe a exigência dessa distância e desse ângulo de observação. É a experiência de que a arte de narrar está em vias de extinção. São cada vez mais raras as pessoas que sabem narrar devidamente. Quando se pede num grupo que alguém narre alguma coisa, o embaraço se generaliza. É como se estivéssemos privados de uma faculdade que nos parecia segura e inalienável: a faculdade de intercambiar experiências (BENJAMIN, 1996, p. 197-198).

Com o cenário em que se encontrava a prática de narrar no início do século passado, Benjamin (1996) descreve que a maneira de narrar tradicional estaria *em vias de extinção*, o que na contemporaneidade não significa praticamente estar extinta. Um dos motivos que ocasionou no movimento de ressignificação da técnica da escrita e da prática narrativa seria o desenvolvimento histórico de impressão do livro, iniciado Johannes Gutenberg por volta de 1450. O enfraquecimento da prática artesanal do narrador teria se iniciado com a invenção da imprensa no século XV e, séculos depois, paulatinamente com o fortalecimento da impressão de uma variedade de documentos (CHARTIER, 2010). Cabe então “[...] identificar as durações sedimentadas da cultura escrita para compreender mais acertadamente as mutações que afetam no presente” (CHARTIER, 2010, p. 13):

A partir do século XV, e provavelmente antes, a utilização do escrito cumpriu um papel essencial em várias evoluções maiores das sociedades ocidentais. A primeira foi a construção do Estado de justiça e de finanças, o qual supôs a criação de burocracias, a constituição de arquivos, a comunicação administrativa e diplomática. É verdade que os poderes desconfiaram do escrito e, de diversos modos, esforçaram-se por censurá-lo e controlá-lo. Mas é verdade também que se apoiaram cada vez mais para o governo dos territórios e dos povos, na correspondência pública, no registro escrito, na ostentação epigráfica e na propaganda impressa. As exigências novas dos processos judiciais, a gestão dos corpos e das comunidades ou a administração da prova multiplicaram assim os usos e as obrigações de escrita (CHARTIER, 2010, p. 15).

Alimentada pela escrita, uma informação sempre nova e veiculada cotidianamente nos jornais impressos, seria outro motivo da tão anunciada “quase extinção” da narrativa oral, mas é claro que não apenas a esse tipo de informação se reporta o autor. Especificamente seria o romance o responsável por afastar vários sujeitos da prática da narrativa oral:

O primeiro indício da evolução que vai culminar na morte da narrativa é o surgimento do romance no início do período moderno. O que separa o romance da narrativa (e da epopeia no sentido estrito) é que ele está essencialmente vinculado ao livro. A difusão do romance só se torna possível com a invenção da imprensa. A tradição oral, patrimônio da poesia épica tem uma natureza fundamentalmente distinta da que caracteriza o romance. O que distingue o romance de todas as outras formas de prosa - contos de fada, lendas e mesmo novelas - é que ele nem procede da tradição oral nem a alimenta (BENJAMIN, 1996, p. 201).

Se tradicionalmente o saber popular costumava vir de longe, de maneira demorada e (re) elaborada conforme pontua Benjamim (1996), a informação aspira uma verificação imediata com o surgimento de outros modos de comunicação e linguagem. Nada obstante, “O crédito dado ao escrito, para melhor ou para pior, e suas conquistas em todos os campos da experiência social não podem ser separados de seu avesso, ou seja, uma nostalgia duradoura por uma oralidade perdida” (CHARTIER, 2010, p. 25).

Cada manhã recebemos notícias de todo o mundo. E, no entanto, somos pobres em histórias surpreendentes. A razão é que os fatos já nos chegam acompanhados de explicações. Em outras palavras: quase nada do que acontece está a serviço da narrativa, e quase tudo está a serviço da informação (BENJAMIN, 1996, p. 203).

O fato de que a informação tem valor no momento em que é nova, radicalmente a diferencia da narrativa. A informação alimenta-se do momento, precisando entregar-se apenas ao relato dos fatos e, sem perda de tempo, tem que se explicar. Já a narrativa “[...] conserva suas forças e depois de muito tempo ainda é capaz de se desenvolver” constituindo-se como uma forma artesanal de comunicação (BENJAMIN, 1996, p. 204). Desse modo, torna-se possível entender que diferente da narração, “A informação só nos interessa enquanto novidade e só tem valor no instante que surge. Ela se esgota no instante em que se dá e se deteriora (BOSI, 1994, p. 87)”.

A narrativa, que durante tanto tempo floresceu num meio de artesanato - no campo, no mar e na cidade -, é ela própria, num certo sentido, uma forma artesanal de comunicação. Ela não está interessada em transmitir o 'puro em si' da coisa narrada como uma informação ou um relatório. Ela mergulha a coisa na vida do narrador para em seguida retirá-la dele. Assim se imprime na narrativa a marca do narrador, como a mão do oleiro na argila do vaso. Os narradores gostam de começar sua história com uma descrição das circunstâncias em que foram informados dos fatos que vão contar a seguir, a menos que prefiram atribuir essa história a uma experiência autobiográfica (BENJAMIN, 1996, p. 205).

As questões trazidas por Benjamin (1996) e Bosi (1994) coexistem com o fato de que hoje em dia se torna cada vez mais raro encontrar pessoas que estejam dispostas a narrar histórias nos moldes tradicionais. Essa situação permite uma articulação com o dilema dos personagens do filme *Narradores de Javé* (2003), que retrata o resgate de aspectos sociais e culturais contidos nas narrativas de vidas, apreendidas na batalha contra a chegada do avanço tecnológico que destruiria a memória social da cidade. Ao saberem que a sua cidade desapareceria para dar lugar à construção de uma usina hidrelétrica, os sujeitos do povoado nordestino fictício buscaram resgatar sua história perdida no tempo, o que obviamente poderia ser definido como um resgate pelos narradores da cidade com o auxílio de quem soubesse narrar e escrever (GERLIN, 2006; GERLIN, 2015).

A obra de ficção cinematográfica e a teoria de Benjamin (1996, p. 206) conduz a uma discussão sobre a realidade vivida pelo sujeito contemporâneo, ao considerar que com a chegada das TIC abreviou-se “[...] a narrativa que descreve fatos cotidianos. Assistimos em nossos dias ao nascimento da *short story*, que se emancipou da tradição oral”. Compete-nos, então, utilizar as novas tecnologias da escrita, informação e comunicação, para resgatar a narrativa oral que ainda é fonte alimentadora da prática de um narrador contemporâneo que se apropria de uma diversidade de histórias registradas na memória de *bibliotecas vivas* (THOMPSON, 1992)³⁰, livros e, por que também colocar, no ciberespaço?

A narrativa oral contemporânea remete a uma prática que comumente é desenvolvida em espaços presenciais de comunicação e que acontece no centro da percepção do sujeito narrador que ainda continua sendo o auditivo (MATOS; SORSY, 2009). Esse novo narrador tem ao seu dispor um repertório oral de contos registrados pelo saber popular e em obras literárias, tudo isso ao seu dispor...

³⁰ Sujeitos que possuem histórias de vida para contar, a história dos excluídos segundo Thompson (1992) e, por conseguinte, que também possuem o potencial de narrar histórias de ficção e reais.

A estrutura narrativa dos contos de literatura oral segue os mesmos padrões dos contos do gênero literário (personagens; enredo; tempo; espaço e narrador) enunciados por Gancho (2006) e Ramos (2011), o que dispensa a sua apresentação restando apenas que seja afirmada a sua procedência oral. Tendo em vista que vários contos pertencentes à literatura brasileira e universal foram recolhidos oralmente, torna-se difícil separar o que é ou não é de procedência oral.

Sem a pretensão de classificar aquilo que genuinamente é ou não de procedência oral, apropriamo-nos da classificação que Cascudo (2006, p. 280) utiliza para os contos de encantamento, de exemplo, de animais, religiosos, de adivinhação, acumulativos e de morte. Para esse autor “A classificação dos contos populares simplifica o seu agrupamento, distribuindo-se segundo critério convencional. Esse critério continua sendo discutido” (CASCUDO, 2006, p. 280).

Lisboa (2002) organiza uma diversidade de narrativas da literatura oral, trabalhando com três grupos de narrativas de origem indígena, europeia e africana: lendas, contos e fábulas. Na divisão utilizada, reúne em blocos narrativas que possuem características diferenciadas e, com isso, acaba juntando numa mesma categoria contos como *A sopa de Pedra* (popular) e *A bela e a fera* (encantamento).

Matos e Sorsy (2009) classificam os tipos de contos/histórias³¹ que comumente são trabalhadas pelo sujeito narrador em contos de fadas (também conhecidos como maravilhosos ou de encantamento), mitos, fábulas, histórias de animais, contos acumulativos, contos de assombração e lendas.

De maneira geral as histórias podem ser divididas em populares (tradicionais) ou literárias, contudo, essa divisão não pode ser analisada de maneira inflexível³² e, tampouco, uma não pode ser considerada melhor do que a outra. O equívoco de tentar hierarquizá-las nasceu “[...] em meio à atmosfera intelectual do romantismo europeu, momento em que à arte popular (incluindo o conto popular) opôs-se a arte refinada (incluindo o conto literário)” (MATOS; SORSY, 2009, p. 2). As duas possibilidades de expressão são importantes para a preservação

³¹ Matos e Sorsy (2009) expõem que ambas as denominações carregam o mesmo sentido para a prática do contador de histórias, representando as narrativas que comumente são contadas. Esse termo também pode ser utilizado para designar as histórias classificadas como contos de fadas, contos populares, etc.

³² As classificações e divisões são utilizadas neste estudo como forma de expor academicamente os temas trabalhados.

da memória popular e se constituem como elementos importantes para a constituição das obras literárias, contribuindo para a prática do contador de histórias contemporâneo.

Começando pelo contexto dessas narrativas, podemos dizer que os contos populares são próprios da cultura oral, enquanto os literários são próprios da cultura escrita. [...] Enraizado na oralidade, o conto popular tem na sua base de comunicação a percepção auditiva da mensagem, enquanto o literário, enraizando-se na escrita, tem sua base de comunicação a percepção visual da mensagem. Além disso, o conto literário é produção de um autor que nele irá imprimir seu estilo pessoal e sua própria visão de mundo. Os contos tradicionais, cuja origem parece encontrar-se nos mitos primitivos, que por muitos séculos orientaram os homens em sua busca de conhecimento do cosmo e de si mesmos, não são obras de um só autor. Resultam da produção coletiva de um povo que os cria a partir das representações de seu imaginário coletivo e, ao mesmo tempo, encontra neles o alimento para nutrir esse mesmo imaginário (MATOS; SORSY, 2009, p. 2).

Dentre as características dos contos populares destacam-se: a facilidade de assimilação em diversas culturas devido a uma certa universalidade dos temas; a utilização de metáforas e leitura de imagens; acessibilidade a todas as idades e classes sociais (MATOS; SORSY, 2009). São transmitidos oralmente e atravessam fronteiras sendo ressignificados na voz de seus contadores. Podemos observar que alguns contos literários são adaptações ou inspirados em contos populares, sendo difícil trabalhar com essa divisão:

Variam os nomes dos personagens, o espaço geográfico, aparecem referências sobre os costumes e as particularidades da cultura em questão, mas a estrutura de base, ou trama principal, se mantém, evidenciando que se trata do mesmo conto de outro jeito (MATOS; SORSY, 2009, p. 60).

Em relação à classificação desse tipo de conto Matos e Sorsy (2009) expõem que devido ao critério homogêneo de classificação por parte dos folcloristas, não há um consenso. O mesmo também pode ser expresso sobre a divisão comumente utilizada entre contos de literatura oral e literários. Desse modo, apresentamos simplesmente histórias que estão à espera de seus narradores. Dentre elas, destacam-se os contos populares que nesse momento deixam de representar uma divisão, entre o popular e o literário, para se constituir apenas como narrativas que são disseminadas pelos contadores de histórias durante séculos, séculos e séculos.

3.1.1 Conto popular e literário: registro de lendas, mitos, contos de fadas... tudo isso pra narrar e um pouco mais!

Narrativa e oralidade sustentam a prática do contador de histórias contemporâneo, atravessada por uma memória social constituída no movimento de um coletivo que preserva e dissemina seus mitos, suas lendas e seus contos.

As histórias utilizadas no processo narrativo pelo contador de histórias são atravessadas pela oralidade e escrita. Nessa direção, torna-se necessário entender a contribuição que a Literatura Oral exerce sobre a prática do contador de histórias. Cascudo (2006, p. 207) expõe que “As fontes da Literatura Oral brasileira são o material mantido e fixado pela tradição, os livrinhos impressos, novelas, romances em versos, livros religiosos, de orações (de oras, como se dizia)”. A denominação criada por Paul Sébillot em 1881, também abrange os contos e cantos populares, danças cantadas e poesias recitadas.

A literatura que inicialmente seria limitada aos provérbios, adivinhações, contos, frases-feitas, orações e outros modos de manifestações, amplia-se mantendo a persistência pela oralidade e, influencia até os dias de hoje, o desenvolvimento da prática dos contadores de histórias. Esses se utilizam das narrativas em prosa registradas e disseminadas ao longo dos séculos pela escrita. Também podemos colocar que essa literatura acendeu às

[...] memórias de nossos escritores, daqueles principalmente que tiveram sua infância transcorrida na segunda metade do século XIX [...], durante muitos anos, ao predomínio da literatura oral, não só como consequência de um fenômeno social, o privilégio da leitura circunscrito a uma classe distinta [...]. Os leitores se limitavam aos livros religiosos e, quanto ao plano profano, à literatura oral, que veio naturalmente com os primeiros marinheiros portugueses e, aqui, foi acrescida da mitologia e das tradições indígenas, tendo sido, mais tarde, ambas as correntes enriquecidas pela contribuição africana. São, portanto, três correntes culturais agindo no plano histórico da formação brasileira: a europeia, a indígena e a africana (ARROYO, 2011, p. 43-44).

A Literatura Oral brasileira reúne manifestações mantidas por uma tradição³³ fortalecida na memória de diversas raças. Indígenas, africanos e europeus forneceram cantos, danças, poesias, cantigas de embalar, anedotas e outras manifestações de domínio dos sujeitos que sabiam falar e entoar (CASCUDO, 2006). Essa mistura contribuiu para a constituição de um repertório de histórias brasileiras de diversas procedências, possibilitando o registro e a disponibilização de uma diversidade de contos preservados pela memória popular. Destacam-se contos de fadas e fábulas que pertencem ao repertório literário universal (Quadro 3).

Antes de chegarem ao Brasil, esses contos sofreram alterações e acréscimos de cada tipo de sociedade que os criou ou que se apropriou das histórias em sua formação original. A importância de autores como Charles Perrault, Hans Christian Andersen, Jacó Luís e Guilherme Carlos Grimm é inegável. “A importância de Perrault não é apenas de criador, mas

³³ “Entende-se por tradição, *traditio*, *tradere*, entregar, transmitir, passar adiante, o processo divulgativo do conhecimento popular à grafo. É quase definição dicionarista do Moraes, na edição de 1831: ‘Tradição, notícia que passa sucessivamente de uns em outros, conservada em memória, ou por escrito’” (CASCUDO, 2006, p. 27).

também de escritor que rompeu com o preconceito mantido em torno da cultura popular e em torno da criança” (ARROYO, 2011, p. 20).

Quadro 3 - Trajetória do conto universal literário e popular

TIPO DE CONTO	ORIGEM	OBRAS	AUTORIA
Fábulas de tradição oral	Grécia Antiga	<i>A raposa e as uvas; A cigarra e a formiga; A tartaruga e a lebre; etc.</i>	Esopo
Fábulas orientais (século IX)	Oriente	<i>Pantcha-Tantra; Ramayana; Mil e uma noites</i>	Popular
Contos de fadas (século XIV)	Europa (Itália)	<i>Conti de conti</i> , reunindo personagens como <i>Gata Borralheira e Bela Adormecida, Branca de Neve</i> que aparecem pela primeira vez.	Giambattista Basile
Fábulas (século XVII)	Europa (França)	Coletânea de Fábulas que reuniram contos como <i>A cigarra e a formiga; A raposa e a cegonha; etc.</i>	La Fontaine
Contos de Fadas (século XVII e XVIII)	Europa (França)	Contos de ma Mère L’Oye, fixando em livro a tradição oral e outras obras em que a <i>Cinderela</i> e <i>O gato de Botas</i> , por exemplo, ganham visibilidade.	Charles Perrault
Contos de Fadas e fábulas (século XVIII)	Europa (Alemanha)	Apropriação de contos da tradição popular: <i>Chapeuzinho vermelho; A bela adormecida; etc.</i>	Jacó Luís e Guilherme Carlos Grimm
Contos de fadas (século XIX)	Europa (Dinamarca)	Apropriação de temas da tradição popular: <i>A pequena sereia; O soldadinho de chumbo; Polegarzinha; etc.</i>	Hans Christian Andersen

Fonte: Adaptado de Arroyo (2011).

As obras clássicas de Perrault, Andersen e Grimm são amplamente readaptadas tendo em vista as tendências culturais e educacionais de cada país (ARROYO, 2010) e, assim, os **contos de fadas** são trabalhados em diversas instituições, chegando de maneira simbólica à linguagem da criança, adquirindo traços maniqueístas devido apresentar situações básicas, simples e definidas entre o bem e o mal. Os personagens geralmente são caracterizados como bons ou ruins, falsos ou leais, sem apresentar durante o processo narrativo explicação: “Desde o começo da história, cada um se apresenta da mesma maneira [...] O que possibilita a compreensão mesmo para crianças muito pequenas” (DOHME, 2013, p. 21).

Constantemente esses contos são ressignificados e trabalhados com outras linguagens pela literatura, pelo cinema ou pela televisão. A série fantástica da televisão americana, *Once Upon a Time* (2015) retrata o exposto. Há na trama a visibilidade da trajetória de uma diversidade de personagens dos contos de fadas que são transportados para o mundo real. Dentre eles, destacam-se Branca de Neve, Chapeuzinho Vermelho, Pinóquio, Grilo Falante, Peter Pan e outros. A característica maniqueísta marcante e determinante dos contos de fadas, é eliminada da trama na medida em que Chapeuzinho Vermelho, por exemplo, carrega dentro de si a menina inocente e o lobo mal ao mesmo tempo.

A *fábula* é um tipo de conto em que os personagens são animais dotados de qualidades humanas, assumindo posições bem demarcadas entre o bem o mal. As mais célebres fábulas são as de Esopo e La Fontaine (BAYARD, 1957, p. 4). O mais antigo registro de tradução das fábulas de Esopo, no contexto brasileiro, envolvendo tradução integral e não adaptação, “[...] refere-se ao ano de 1857, publicada no Rio de Janeiro [...] em um volume de 375 páginas. Reuniam-se no volume 92 peças do fabulista” (ARROYO, 2011, p. 247). Esse tipo de texto muitas vezes exige narração em verso e carrega consigo uma lição de moral, desse modo, torna-se necessário uma espécie de adaptação, conforme realizada por Gerlin (2007b). Na narrativa *Raposa, cegonha e sopa*, baseada na fábula *A raposa e a cegonha* de La Fontaine, brinca-se com a seguinte lição: quem com ferro fere, com ferro será ferido, ou seja, aquilo que fizer ao outro também será feito contra você:

Sopa, sopa, sopa, sopa, sopa, sopa...
Sopa, sopa, sopa, sopa, sopa, sopa...

Tomar sopa em prato raso
A cegonha não vai conseguir tomar...

Tomar sopa em jarro estreito
A raposa não vai conseguir tomar...

Sopa, sopa, sopa, sopa, sopa, sopa...
Sopa, sopa, sopa, sopa, sopa, sopa...

Em prato raso ou jarro estreito
a raposa e a cegonha
Não conseguiram tomar sopa...

Quem com ferro fere
recebe o ferro e a ferida

E não conseguem tomar sopa... (GERLIN, 2007, p. 20).

Gerlin (2007b) brincou com as palavras e musicou a narrativa, procurando romper com a estrutura original da história. Ao contar uma fábula, o narrador deve driblar a lição de moral

que é a sua maior característica, podendo usar uma adaptação para isso. Há quem defenda o trabalho com os textos originais sem nenhuma reestruturação aparente, “Mas, quando a história contada vem em função de instaurar um espaço lúdico, ela pode gerar um outro tipo de expectativa: não mais a da cobrança, mas a do encantamento” (SISTO, 2012a, p. 25).

Os contos de animais podem ser confundidos com fábulas, devido apresentarem animais como personagens centrais que também assumem qualidades humanas, no entanto, a sua estrutura narrativa geralmente é mais livre das lições de moral que as fábulas carregam (BAYARD, 1957, p. 4). Assim como acontece com os contos mais tradicionais (de fadas, fábulas, etc.), torna difícil saber a procedência precisa dos *contos populares* que são acrescidos à atualidade ao repertório do narrador de histórias. Sabe-se que alguns deles vieram de Portugal.

Os contos populares de Portugal trouxeram para o Brasil estórias, as de encantamento, com o processo europeu de narrativa [...] As tradições mais bonitas e conhecidas são, quase totalmente, de fundo comum no Continente, entretecidos os fios de muitas e distantes procedências. Difícil será um conto popular sem correspondência alienígena. Adolfo Coelho e Consiglieri Pedroso constataram essa dissolução que nada mais significativa que uma convergência de episódios ao longo de um fio temático.

Em janeiro de 1882, J. Leite de Vasconcelos ouviu em Cabeceiras de Basto, contada pela Margarida Rosa, e confirmada em Guimarães por duas pessoas, uma estória tradicionalíssima em Portugal, sobre aventuras de Pedro Malasarte (CASCUDO, 2006, p. 184-185).

No século XX, Lisboa (2002) resgata contos populares de tradição oral europeia, apresentando narrativas que possuem como personagem central *Pedro Malasarte*, tais como, “A sopa de pedra” e “Os talheres de ouro”. “Em 1915, Monteiro Lobato manifestava em carta a Godofredo Rangel seu interesse pelo tipo popular de Pedro Malasarte. Estava colecionando as suas aventuras [...]” (ARROYO, 2010, p. 292). Logo, o personagem europeu adquire os traços da cultura brasileira, um deles a malandragem para sobreviver perante as dificuldades econômicas e sociais da época em que as histórias foram ressignificadas. A popularidade desse personagem leva às telas do cinema brasileiro uma narrativa popular de enorme destaque.

Histórias de origem europeia como a de *Pedro Malasarte*, constantemente oralizadas pelos narradores brasileiros, apontam a coexistência do resgate de fontes orais e impressas. “As histórias populares, mesmo vindo de outros países, tiveram fonte comum. Os livros impressos em castelhano, francês, italiano e latim apenas recolheram, de pomares distantes, frutos esperados pelo paladar coletivo” (CASCUDO, 2006, p. 197). As narrativas do início do

século XX foram resgatadas por Monteiro Lobato nas zonas rurais e nas cidades brasileiras. Como exemplo, Arroyo (2010) cita *O Saci*, personagem da credence popular nacional, resgatado em 1918, entre contadores de histórias tradicionais de São Paulo e Minas Gerais (ARROYO, 2010).

Do vasto acervo de histórias escritas, contamos no Brasil com uma variedade de títulos publicados, alguns dos quais são classificados como literatura infantil e juvenil, outros como coletas ou recontos de histórias da tradição oral: contos, fábulas, lendas e mitos registrados ou organizados por folcloristas, escritores, narradores e pesquisadores (MORAES, 2012, p. 47).

Os *mitos* trazidos da Europa são estruturas narrativas universais também impregnadas de lições que o sujeito possa delas retirar. Importa colocar que “[...] Na tradição oral, haverá tantas variantes menores de um mito quantas forem as repetições dele, e a quantidade de repetições pode aumentar indefinidamente” (ONG, 1998, p.53). A história de lobisomem, por exemplo, ilustra uma narrativa universal constantemente evocada por contadores tradicionais, como as avós e os contadores de causos que habitam as cidades interioranas brasileiras. Reza a lenda, que o lobisomem, um filho que nasce depois de uma série de sete filhas de um determinado casal, toma o formato de um lobo. “O lobisomem, *vervolfe*, *loup-garou*, *voukodlak*, dos alemães, franceses e eslavos, mito geral dos povos indo-europeus, é aquele que por um fado se transforma de noite em lobo, jumento, bode ou cabrito montês” (CASCUDO, 2006, p. 194).

As histórias mitológicas a que constantemente recorrem os narradores contemporâneos, tornam possível destacar um outro lado da história mitológica: a qualidade do herói que “[...] apresenta um nome próprio, possui uma gênese definida, uma natureza complexa, sujeita a erros e acertos” (BUSATTO, 2012, p. 33). O personagem mortal desse tipo de trama mitológica é exposto a uma jornada que contém desafios, “[...] porém ele conta com a ajuda dos deuses, e, em alguns casos, com a ira de outros. Ao concluir a sua missão, retorna trazendo aquilo que faltava para a sua evolução pessoal e da sua comunidade” (BUSATTO, 2012, p. 33). Os mitos que narram batalhas de Jasão, Perseu, Herácles e outros heróis da mitologia grega (POUZADOUX, 2001, p. 38), agregam as características anteriormente citadas. Apesar dessas características, destaca-se um personagem muito conhecido que auxilia Teseu no labirinto que encarcerava o Minotauro, criatura metade homem e metade touro bastante conhecida:

A filha do rei, Ariadne, viu-o no meio dos jovens apavorados e notou sua estatura excepcional. Ele parecia ser o único a não aceitar a morte. A determinação e a bravura

de Teseu lhe agradaram, e ela decidiu ajudá-lo na luta contra o Minotauro (POUZADOUX, 2001, p. 82).

Ariadne destaca-se na história de Teseu ao utilizar a astúcia ao invés da força, novelos de fios ao invés de espadas: "Se você quer escapar, pegue este novelo de fio branco. Eu fico segurando a outra ponta. É só desenrolá-lo na ida e seguir o fio ao voltar. Que os deuses o protejam!". A estratégia de Ariadne não apenas funcionou no enredo da história como inspirou-nos a utilizar a expressão o "fio de Ariadne" nos momentos em que procuramos soluções para situações difíceis (POUZADOUX, 2001, p. 82).

O mito é uma forma de lenda; mas os personagens humanos tomam-se divinos; a ação é então sobrenatural e irracional. O tempo nada mais é do que uma ficção. Na realidade, essas categorias se embarçam e os mitos são de uma infinita variedade; relacionam-se às religiões, são **cosmogônicos**, divinos – ou heroicos. As lendas, com personagens mais modestos, fazem evoluir mágicos, fadas, bruxas, que, de uma maneira quase divina, influem nos destinos humanos (BAYARD, 1957, p. 4).

Enquanto os mitos se ocupam em explicar a origem do universo e estabelecer modelos de ações humanas que repercutem cotidianamente, constituindo-se como uma narrativa que geralmente destaca relacionamentos entre homens e deuses, as lendas costumam elencar os elementos da natureza e giram em torno de seres mágicos que muitas vezes mudam tragicamente o rumo das trajetórias dos personagens da trama.

A **lenda** inicialmente trazida pela comunidade europeia envolve aparição de imagens divinas possibilitando, facilmente, traçar uma relação com os costumes religiosos dessa nação. Os mitos constituídos através dos séculos, tornam mais difíceis conhecermos fielmente a sua procedência: "As lendas têm maior sentido de individualização e fixidez geográfica. O mito é mais geral e amplo, com uma projeção indefinida porque não é fácil delimitar as [suas] fronteiras" (CASCUDO, 2006, p. 193). Podemos ainda colocar que "[...] mitos e outras formas de folclore foram criados através dos desejos, exageros, transformações, e esperanças de tornar o mundo real no mundo ideal imaginário" (LANGDON, 1999, p. 18).

A palavra *lenda* provém do latim *legenda* que significa "o que deve ser lido". No princípio, as lendas constituíam uma compilação da vida dos santos, dos mártires; eram lidas nos refeitórios dos conventos. Com o tempo ingressaram na vida profana; essas narrações populares, baseadas em fatos históricos precisos, não tardaram a evoluir e embelezar-se. Atualmente, a lenda transformada pela tradição, é o produto inconsciente da imaginação popular. O herói sujeito a dados históricos, reflete os anseios de um grupo ou de um povo; sua

conduta depõe a favor de uma ação ou de uma ideia cujo objetivo é arrastar outros sujeitos para o mesmo caminho (BAYARD, 1957). Esse tipo de narrativa pode então ser considerada

[...] como um produto inconsciente da imaginação popular e a ser reconhecida como uma narrativa na qual um personagem, sujeito a um determinado contexto histórico, sintetiza os anseios de um segmento social ao incorporar em sua conduta ações ou ideias compartilhadas por esse grupo (COELHO, 2003, p. 18).

Não se pode então ignorar que as narrativas das lendas religiosas (europeias) inseriram-se num contexto cultural (particular), contendo implicações deste evento para o contexto narrativo do povo brasileiro (LANGDON, 1999), contextualizadas e ressignificadas perante a realidade de vida do seu povo. Destaca-se uma curiosa narrativa do Estado de Recife (PE) que gira em torno de um personagem idoso que não recebendo abrigo na Igreja do Corpo Santo³⁴, desaparece magicamente para dar lugar à imagem do Senhor Bom Jesus dos Passos: “No lugar do velhinho humilde que desaparecera, estava a imponente imagem do Senhor Bom Jesus dos Passos, a mesma que ainda hoje está na Madre de Deus, onde se foi abrigar em virtude do arrasamento da Igreja do Corpo Santo” (CASCUDO, 2006, p. 191).

Da mesma maneira, as lendas indígenas remetem os ouvintes/leitores aos principais traços da cultura de quem as criou, revela aspectos estéticos criados pela língua nativa dos índios da América Latina (LANGDON, 1999). Esse tipo de narrativa é carregada de explicações líricas que descrevem acidentes naturais e sociais de todas as épocas, aspectos como a constituição das serras, grutas, trabalhos, lagos, relacionamentos e rivalidades são destacados, dentre outras características e costumes do ambiente em que os seus criadores viviam.

Que as lendas indígenas brasileiras se constituem como um gênero textual oral³⁵ e como formas discursivas de revelar o cotidiano da cultura de nosso povo, isso já sabemos. Resta, então, destacar que existe uma diversidade de histórias fantásticas transmitidas pela tradição oral através dos tempos, que combinam fatos históricos aos fictícios do universo da pesquisa desta tese: o Estado do ES. Aproveitamos o momento para explicitar a riqueza de uma lenda que mistura elementos das narrativas indígenas e fatos presenciados pelos sujeitos desse Estado:

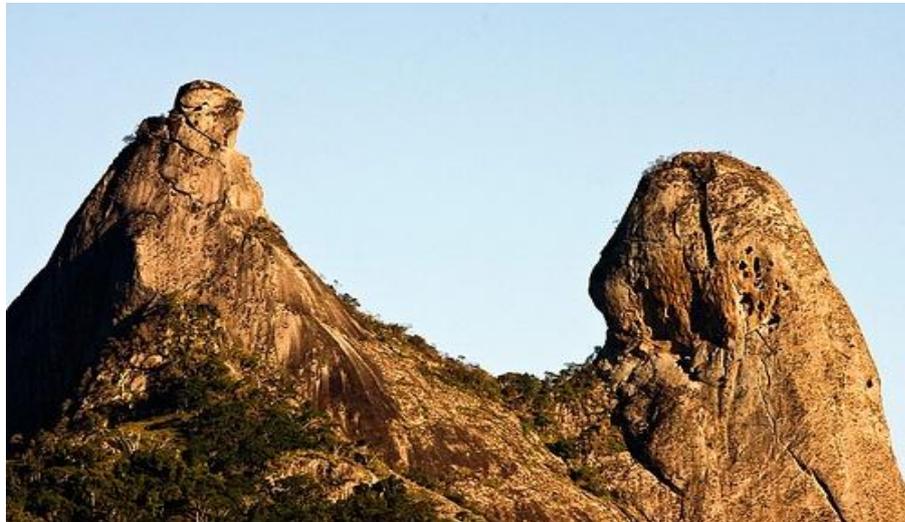
³⁴ Antiga lenda de Recife, Pernambuco (PE), prendendo-se à imagem do Bom Jesus dos Passos pertencente à Igreja dos Passos até o momento em que foi derrubada em 1913, sendo o vulto recolhido à igreja da Madre de Deus em 1944 (CASCUDO 2006).

³⁵ “[...] tradicionalmente, a noção de gênero tem sido mais associada aos textos literários; entretanto, tal conceito expandiu-se e, nos dias atuais, por gênero entendem-se quaisquer usos distintivos e tipificados de discursos falado ou escrito que ocorrem em interações sociais recorrentes. Subjacente a essa reconceitualização de gênero está a concepção de linguagem como atividade interativa e inerentemente social” (SILVEIRA, 2005, p. 9).

Na atitude piedosa de quem reza, e como que num hábito embuçado, pôs naquele recanto a natureza, a figura de um frade recurvado. E sob um negro manto de tristeza, vê-se uma freira tímida a seu lado, que vive ali rezando, com certeza, uma oração de amor e de pecado. Diz a lenda – uma lenda que espelharam que aqui, dentre os antigos habitantes, houve um frade e uma freira que se [amaram...] Mas que Deus os perdoou lá do infinito, e eternizou o amor dos dois amantes nessas duas montanhas de granito! (SILVA apud CASCUDO, 2003, p. 163).

A narrativa *O Frade e a freira* (CASCUDO, 2003) contextualiza fatos históricos e geográficos do povo espírito santense, ao passo que personagens lendários são lembrados e perpetuam a história de um amor proibido. Essa lenda explica a constituição das formações rochosas que carregam o mesmo nome, localizadas ao sul do ES, no município de Itapemirim (Fotografia 3).

Fotografia 3 – O Frade e a freira



Fonte: FRADE... (2013).

A lenda é um tipo de conto ao qual constantemente recorrem os narradores e com o qual a ação maravilhosa dos personagens permite localizar com exatidão o contexto sociocultural das localidades em que os narradores atuam. Os personagens são precisos e definidos conforme pode ser observado na narrativa capixaba apresentada. As ações se fundamentam em fatos históricos conhecidos das regiões em que são trabalhadas e frequentemente a sua narrativa é deformada e adaptada pela imaginação popular (BAYARD, 1957).

Assim como as lendas indígenas, os *contos africanos* evocam o contexto cultural de uma nação diversa que carregam como pano de fundo o contato do homem com a natureza. “A África é considerada por muitos analistas como o berço da oralidade, porque é uma terra de tradições orais profundamente enraizadas” (NKAMA, 2012, p. 247). Cascudo (2006) apresenta narrativas da literatura africana que influenciam o contador brasileiro. Destacamos a

história de um caçador (*sanam-bouka*) que viveu uma aventura em meio à vida selvagem, encontrando uma mulher que não podia seguir seu caminho devido não ter uma pele de búfalo, então, lhe dá abrigo, casa-se e tem um filho com ela. Muita coisa acontece no desenrolar da história apresentada, porém nos interessa o seu desfecho: “O filho indicou a sua mãe onde o pai guardava a pele de búfalo [escondida]. A mulher tomou a pele de búfalo. Ela levou seu filho e fugiram ambos para a floresta” (CASCUDO, 2006, p. 174). Essa narrativa expressa o desejo de liberdade de um povo que a criou e recriou, trazendo-a para o Brasil.

Tendo em vista que cada conto é a vista de um ponto, torna-se necessário conhecer o lugar social do povo que produziu o conto africano e que ainda continua a (re) produzi-lo, de modo que os encontros, experiências e escolhas do contador de histórias no campo da atuação criativa tenham visibilidade. A força que as histórias africanas exercem é expressada por James Aggrey, narrador citado na obra *A águia e a galinha*. A história contada carrega o mesmo nome da obra de Boff (1997) que a dissemina e, por meio da apropriação da sabedoria popular, fornece elementos contra a dominação inglesa na África: Era uma vez um camponês que fora à floresta vizinha aprisionar um pássaro para mantê-lo cativo em sua casa. Assim conseguiu pegar um filhote de águia. Colocou-o no galinheiro junto com as galinhas, local em que comia milho e ração própria para galinhas. Embora a águia fosse o rei/rainha de todos os pássaros...

As correntes culturais negras trazidas para o Brasil durante o ciclo da escravidão fizeram florescer alguns institutos de velhos narradores e contadores de **histórias**. Floresceu, cresceu e alterou-se mais tarde a corrente europeia com os recontos maravilhosos dos *akpalôs* e *dialis* ou, ainda, *alôs* negros, instituições que teriam subsistido no Brasil na pessoa de velhos negros e negras, predominantemente as negras velhas, que só sabiam contar estórias (ARROYO, 2011, p. 44, grifo nosso).

Destacamos a importância da experiência dos escritores e oradores de crônicas antigas e genealogistas africanos: “São os *akpalô*, *kpatita*, *ologbo*, *griotes*. “Vale um registro de que o contador de histórias da tradição, como os griôs, possuía um papel social ora mais reservado, ora mais sagrado, confundindo-se com [... um] porta-voz de memórias e ideologias, mesmo em comunidades que não eram ágrafas (YUNES, 2012, p. 64). A maioria dos narradores de histórias africanos chega a essa arte pela tradição e aprendizagem, sem ter participado de nenhuma formação específica.

Assim, como verdadeiro profissional da palavra, o griô procura transmiti-la fielmente. O griô é solicitado em grandes eventos; neles, e ao som da cora [instrumento de cordas africano] ou de qualquer outro instrumento, reconstituía a genealogia de determinada família (NKAMA, 2012, 254).

Devemos [também] atentar aqui para as implicações desse fato em relação às genealogias orais. Um griot da África Oriental ou outro genealogista oral recitará aquelas genealogias que seus ouvintes entendem. Se ele conhece genealogias que já não são perdidas, elas são descartadas de seu repertório e com o tempo desaparecem (ONG, 1998, p.60).

O uso da palavra griô acabou se generalizando nas últimas décadas segundo expõe Sisto (2012b). É utilizada para se referir o sujeito que pratica uma arte africana, mas ainda assim ligada a tradição oral. De maneira geral, os narradores africanos constituem castas, com regras, direitos, deveres, interditos, privilégios. De geração em geração, mudando de lábios, persiste a voz evocadora, ressuscitando o que não deve morrer no esquecimento” (CASCUDO, 2006, p. 163). Essa influência pode ser verificada no contexto brasileiro desde a época da colonização.

As narrativas africanas com seus velhos contadores de histórias muito contribuíram para a constituição e divulgação do acervo popular e literário que temos hoje. Junto com as outras culturas acabaram exercendo uma forte influência sobre a prática dos narradores, ouvintes, leitores e escritores brasileiros (ARROYO, 2011). “Dizer que tal conto pertence a tal raça é impossível. Os contos são tecidos cujos fios vieram de mil procedências. Cruzam-se, recruzam-se, combinam-se, avivados, esmaecidos, ressaltados na trama policolor do enredo” (CASCUDO, 2006, p. 280). Todavia, junto com Sisto (2012b, p. 284) podemos colocar que “O contador de histórias que se proponha a estudar e se especializar nos contos populares africanos, de certa maneira acabará fazendo um trabalho cartográfico. Mapear as publicações no mercado editorial brasileiro é urgente!”. Resta, então, entoar um canto africano recontado por Sisto (2012b), no qual os baobás desafiam o tempo e os homens: “Caluê, caluê dendê; Sem boca, cantamos pra você; Caluê, caluê dendê Sem voz, falamos com você; Caluê, caluê dendê Coração sem porta Abre e ninguém vê” (SISTO, 2012b, 289).

O grande acervo oral e de livros de memória com que contamos, fornece preciosos depoimentos que demonstram a confluência cultural europeia, indígena e africana em nosso desenvolvimento cultural e social. A necessidade de resgatar as histórias de tradição oral características das regiões em que os sujeitos narradores estão inseridos é latente, tais como, as lendas, os mitos, os contos e outras narrativas folclóricas típicas do ES e trazidas de outros Estados (NEVES, 2009). Interessa-nos no momento focar a trajetória do narrador que adquire competências (narrativas e em informação) para transmitir os contos herdados e que constituem um imenso repertório ganham visibilidade.

Perante as redes que foram tecidas ao longo dos tempos “Se o narrador a que Benjamin se refere verdadeiramente desapareceu, um novo narrador se apresenta na contemporaneidade, e é, costumeiramente, denominado ‘contador de histórias’” tendo ao seu dispor um imenso repertório preservado pela memória (FLECK, 2009, p. 33). Alguns deles são narradores da resistência que se dedicam a uma prática recentemente denominada contação de histórias, resistindo aos contornos do progresso nos seus territórios de atuação. Outros são narradores com características mais tradicionais, ainda assim fazem parte da rede de preservação do repertório universal que continua a ser disponibilizado em plena sociedade da informação.

3.2 O NARRADOR DE HISTÓRIAS PROFISSIONAL: A APRESENTAÇÃO DE ALGUNS POSSÍVEIS NOS SEUS TERRITÓRIOS DE ATUAÇÃO

Assumem a posição de guardiões de tesouros constituídos pelas palavras. Semeiam sonhos e esperança ao mesmo tempo em que conscientizam populações acerca dos direitos que possuem. Ao divertir e informar são muitas vezes chamados de narradores das maravilhas. Os fantásticos contadores de histórias sabem narrar contos em que coexistem personagens do mal e heróis encantados que passam por difíceis provações. “Coisas como essas [muitas vezes] são estranhas a nossa contemporaneidade – frenética, tecnológica, barulhenta e acesa a néon -, em que a necessidade é comunicar de forma cada vez mais rápida e sofisticada e o desejo pelo novo é insaciável” (MATOS, 2014, p. 1).

No cenário internacional os grupos de contadores de histórias estiveram inseridos em um contexto de enfraquecimento de sua prática devido ao processo de industrialização. Essa situação teve uma mudança nas últimas décadas do século XX perante ao fortalecimento da arte de contar histórias. Esse fenômeno teria acontecido em vários países no final do século passado (BUSATTO, 2011a; MATOS, 2014). “Em torno dos anos de 1970, vários países foram surpreendidos por um fenômeno urbano, no mínimo curioso, numa sociedade essencialmente tecnológica: a volta dos contadores de histórias” (MATOS, 2014, p. 18).

Na França, Escócia e Itália iniciou-se o processo de recuperação da narração como profissão, devido ao surgimento dos primeiros narradores não profissionais. “No final de 1970, esse interesse se estendeu aos países da Europa Central e aos países nórdicos. No início dos anos 1980, esse avivamento chegou aos países do Mediterrâneo” (GARCÍA, 2012, p. 318).

Ao mesmo tempo em que assistimos ao saudável retorno das narrações orais em diversos setores da sociedade – já que, anteriormente, ela se mantinha presente em alguns poucos locais, como a escola, a biblioteca – por meio da presença dos contadores de história que se espalham por todos os cantos do planeta, talvez movidos por um traço primeiro, um impulso de transcender o real através do imaginário, para dar forma à complexidade das vivências, vamos encontrar as histórias migrando para outros meios, ainda que mediados pela presença humana, como no caso das narrações digitais (BUSATTO, 2011a, p. 13).

Na Inglaterra, o revigoramento da arte de contar histórias se deu como “[...] uma reação à tecnologia e a tudo o mais que a acompanha” (HAGGERTY, 2004 apud MATOS, 2014, p. 18). Nesse país, o movimento em torno da narrativa oral ganhou visibilidade em 1970, tendo como registro a realização de um chá regado a histórias da tradição oral do oriente. Na França teria acontecido na mesma época, por meio da iniciativa de um estudante de letras modernas de *Toulouse*, ao instituir 15 minutos diários para a narração de contos universais.

Em fevereiro de 1989, um colóquio internacional foi realizado no Musée National des Arts et Traditions Populaires, de Paris, sob a iniciativa da Dirección Régionale des Affaires d’île de France (DRAC), de Association l’Âge d’Or de France e do próprio Museu. Trezentos e cinquenta participantes representaram catorze países (MATOS, 2014, p. 18).

O objetivo do colóquio internacional foi avaliar o impacto social e cultural da prática dos contadores de histórias nos países em que esse fenômeno ocorrera com maior força. No final do século XX, registra-se o aparecimento de associações de contadores de histórias no mundo. Só nos Estados Unidos da América, foram criadas cerca de 40 associações.

A palavra do contador de histórias também não cessou em instituições educacionais formais brasileiras (BUSATTO, 2011a). A arte de contar histórias não desapareceu totalmente *nos rincões mais profundos* do Brasil (MATOS, 2014). Nas regiões interioranas o veículo de transmissão de informações e conhecimentos foi preservado na voz dos narradores com características mais tradicionais.

Em ambientes de escolas³⁶, instituições de educação infantil³⁷ e bibliotecas, a sua voz fora considerada como um importante instrumento de apoio ao processo de aprendizagem. Essas instituições contavam, muitas vezes, com a *performance* do narrador contemporâneo na condição de bibliotecário, professor e outros profissionais que a elas pertenciam.

³⁶ Referem-se às escolas podem se referir às instituições de atendimento ao ensino fundamental, ensino médio, educação de jovens e adultos e escolas técnicas.

³⁷ Denominadas como creches (0 a 3 anos) e pré-escolas (4 a 5 anos), assim como, centros de educação infantil movidos por recursos públicos ou privados (OLIVEIRA, 2002).

No entanto, nos grandes centros urbanos, onde o contador de histórias parecia ter deixado a cena definitivamente, podemos identificar, por volta dos anos 1990, o seu reaparecimento. Nessa época, em Belo Horizonte [...], os primeiros contadores, isoladamente ou em grupos formados, inicialmente, pela ou através da Biblioteca Pública Infantil e Juvenil, começaram a ficar conhecidos pela comunidade, por meio de suas apresentações realizadas com sucesso, em vários locais da cidade (MATOS, 2014, p. 20).

Seja no contexto internacional, nacional ou regional a prática da narrativa de histórias desenvolveu-se consideravelmente desde o final do século passado, permitindo a coexistência de fazeres e saberes tradicionais. A arte de narrar não virou fumaça no tempo, o contador de histórias se multiplicou e hoje assistimos ao nascimento de muitos grupos ao longo dos anos (SISTO, 2012a), nos quais o contador de histórias interage com seus pares, compartilhando informações sobre habilidades ligadas à prática de narrar.

No final do século XX, o contador de histórias do cenário espírito santense, sedimentou movimentos importantes ao proporcionar espaços de trocas de experiências em torno de ações formativas da arte de narrar. Em 1996 surge o GECHUFES, consolidando um trabalho de formação extensionista nessa área que perdura no século XXI³⁸. O projeto de extensão universitária é especificamente voltado para a formação do narrador capixaba em cursos, palestras e oficinas, atividades nas quais se absorve técnicas específicas da área da contação de histórias:

Nessa formação, são dados os primeiros passos para a arte antiga e sutil de contar histórias, sendo desenvolvidas e praticadas habilidades ligadas a pausa, ritmo, gesto e memorização, além de fundamentos sobre a origem e o tipo de histórias e suas características. O curso é eminentemente prático e fundamentado na metodologia desenvolvida pelo grupo e coordenadores, que trabalha com histórias para o resgate da autoestima, da coragem de viver e do viver no coletivo (GECHUFES, 2011).

Na maioria das vezes, a interação dos sujeitos nas redes que se formam se caracteriza de maneira isolada e centralizada, ocorrendo no âmbito da informalidade, porém, sem deixar de representar a constituição de um movimento importante de cooperação nos moldes propostos pela sociedade em rede. Registramos que os processos de institucionalização dos espaços de formação importantes para a profissionalização, geralmente acontecem

[...] em algumas universidades, por meio de cursos de extensão; por órgãos públicos de cultura e educação; organizações privadas [...]; organizações não governamentais,

³⁸ O GECHUFES no seu formato original fora desativado em 2011 e as suas atividades foram absorvidas pelo Projeto de Extensão Informa-Ação e Cultura do Departamento de Biblioteconomia da Ufes (GERLIN, 2013). As ações do Grupo experimental e do Projeto Informa-Ação e Cultura têm como propósito de sistematizar e desenvolver de forma integrada as atividades de ensino, extensão e pesquisa, conforme o estabelecido pelo Projeto Pedagógico do Curso de Biblioteconomia e Plano Nacional de Extensão como atividade complementar (FÓRUM DE PRÓ-REITORES DE EXTENSÃO DAS UNIVERSIDADES PÚBLICAS BRASILEIRAS, 2012).

como o Leia Brasil, e os tantos espaços privados que ministram oficinas nessa categoria. [Assim] Os contadores da contemporaneidade frequentam encontros de narração oral, buscam novidades na área e criam espaços para se apresentar (BUSATTO, 2011a, p. 29-30).

Busatto (2011a, p. 37) expõe que uma rede mundial dos contadores de histórias está sendo formada e “[...] que o movimento dos contadores de história está apenas começando, e, à parte os modismos que o envolve, ele resistirá, porque a humanidade e o planeta conspiram por graça e beleza”. Nessa direção várias conexões são constantemente estabelecidas nos seus territórios de atuação, habitando o espaço presencial que lhe é peculiar e paulatinamente o espaço virtual, seu maior desafio em termos de aproveitar o que lhe é oferecido no campo profissional. Tendo em vista a abertura que a internet nos apresenta em termos de conexão em redes (CASTELLS, 2003), no século XXI estruturamos esta pesquisa em torno das conexões dos contadores de histórias, tendo em vista a necessidade de identificar as competências necessárias a esses atores sociais para se conectar em redes.

A rede de relacionamento dos contadores de histórias do Estado do ES acontece em territórios híbridos, podendo ocorrer no espaço virtual e presencial, envolvendo os pares e outros sujeitos a eles ligados institucionalmente ou autonomamente. Os territórios também compreendem a inovação e ao mesmo tempo inúmeras possibilidades de aprendizagens formais e informais no ciberespaço, eventos, livrarias, escolas, empresas, praças, bibliotecas e outros. Observar, portanto, as conexões dos contadores de histórias é estender essa ação para as conexões expressas no espaço virtual, ao entender os elementos dinâmicos e de composição dos grupos sociais (RECUERO, 2009).

A Classificação Brasileira de Ocupações (CBO) apresenta a contação de histórias como um campo de atuação do ator, ligado a interpretação e representação de um personagem diante de um público, requerendo o auxílio de técnicas de expressão gestual e vocal, exigindo, muitas vezes, um diretor externo (MINISTÉRIO DO TRABALHO E EMPREGO, 2010). O contador de histórias possui um diretor interno, diferente de um ator que, na maioria das vezes, permite a um diretor determinar o ritmo da peça teatral. O ator decora o texto, palavra por palavra, incorpora e desenvolve um certo personagem e, com isso, interage com um público ao comunicar a peça teatral. Tudo isso acontece seguindo a ótica do diretor (MATOS; SORSY, 2009).

A relação do contador de histórias com o público se dá de uma maneira criativa e por meio da familiaridade com as narrativas, recorrendo a um texto escrito selecionado em um livro e/ou

em outro tipo de suporte impresso ou digital. Também recorre ao conto ouvido numa audição de histórias, aprendendo e reaprendendo como os narradores faziam nas culturas orais. De um modo ou de outro (presencialmente ou virtualmente) a voz que emite a palavra ainda é o seu veículo motor. Nesse caso, “[...] a oralidade mostra sua vitalidade e desempenha um papel de difusão ágil, valorizando recursos que na publicação perdem sua força mobilizadora do interlocutos imediato” (YUNES, 2012, p. 69-70).

No processo de absorção e incorporação das informações contidas nas histórias, possui a liberdade de adaptar o conteúdo do texto, para melhor interagir com o seu público no momento da comunicação da história. Apropria-se de técnicas e inventa diferentes maneiras de transmitir a mensagem da história. Atinge ao objetivo da comunicação das histórias em múltiplos territórios de atuação. Por conta da diversificação desses territórios, a palavra contada não é apenas caracterizada pela fala mecânica, requer um ritmo especial, a entonação, a expressão facial, a expressão gestual e o silêncio que de uma maneira especial integra-se ao discurso. “O valor estético da narrativa oral está, portanto, na conjugação harmoniosa de todos esses elementos” (MATOS; SORSY, 2009, p. 4).

Esse processo requer criatividade e a exploração das inúmeras possibilidades que o contexto social de atuação lhe apresenta. A prática de contar histórias é uma ação cultural que exige criação artística. Entendemos, então, que “[...] contar histórias, como expressão artística, pode configurar-se como uma forma de construção e (re)construção da identidade, quer a do contador e a do ouvinte, quer da comunidade onde se habita” (FLECK, 2009, p. 27).

[...] se todo ato de criação é exercido por um criador, no ato de contar histórias é o narrador quem molda a sua criatura, a história, exercendo o caráter de criador sobre a sua criação no momento em que prepara e conta uma história (MORAES, 2012, p. 18).

Perante a possibilidade de exercer uma função política na sociedade em que vive, enxergamos o “[...] contar histórias como um ator social e coletivo, que se materializa por meio de uma escuta efetiva e afetiva” (BUSATTO, 2011a, p. 13). Nessa direção, há que se buscar constantemente a (re)criação, “[...] ansiamos sempre mais por novidades, mas para o homem da cultura oral o prazer não está [apenas] na novidade. A centésima repetição de um conto ou de um relato qualquer pode emocionar e surpreender o ouvinte como se ele o estivesse ouvindo pela primeira vez” (MATOS; SORSY, 2009, p. 3).

Contar histórias, neste cenário contemporâneo, é uma maneira de estar no mundo, é auto-expressão pessoal e coletiva, é legitimação da própria história e das

manifestações culturais. Um caminho por excelência para o encontro com si mesmo e com o outro (FLECK, 2009, p. 79).

A arte de contar exige o desenvolvimento da competência narrativa³⁹ e conhecimento sobre os territórios sociais nos quais os contadores de histórias atuam. Neles em alguns momentos é necessário desterritorializar e por meio da ação cultural transformar. Mesmo sem perceber, em alguns momentos trabalha na dissolução das formas dadas e cristalizadas, seguindo uma espécie de movimento instituinte que, ao se instituir, ao configurar um território, assume uma dada forma-subjetividade (MACHADO, 1999). Os Territórios de atuação do contador de histórias (TACHi) são apresentados nesta tese para (re) pensar um jogo de possíveis em termos da competência narrativa do contador de histórias (Quadro 4).

Quadro 4 - Territórios de atuação dos contadores de histórias (TACHi)

TACHi		ALGUNS POSSÍVEIS
TERRITÓRIOS PRESENCIAIS	TERRITÓRIOS VIRTUAIS	
Escolas; Centros de educação infantil; Instituições de ensino superior; etc.	Blogs; Web sites; Redes de relacionamento sociais como o Facebook; etc.	- (Re) criação do trabalho desenvolvido, planejamento flexível, diálogo, atitudes no que se refere ao desenvolvimento da ação cultural.
Universidades, bibliotecas públicas e escolares (grupos, projetos de extensão, etc.). Secretarias de Educação e Cultura (programas de incentivo á leitura, etc.).	Wikis; Chats; Fóruns; Redes sociais de relacionamento profissional como LinkedIn; etc.	- Realização de cursos, oficinas, palestras e outros eventos de formação (formais e informais) que tornem possível <i>aprender a aprender</i> , bem como, compartilhar saberes e fazeres.
Bibliotecas especializadas; Museus; Arquivos; Livrarias; Feiras de livros; Shopping Center; Parques; Igrejas; etc. Espaços abertos como calçadas, praças, etc. Espaços corporativos, educativos, culturais e de informações não citados.	Bibliotecas virtuais; Banco de Imagens; Web Sites; Youtube; etc. O ciberespaço de maneira geral devido possibilitar a comunicação de uma atuação narrativa em rede.	- Promoção de eventos direcionados ao público, troca de experiências e busca de apoio para o desenvolvimento da prática em constante (trans)formação. - Apresentação de espaços presenciais e virtuais (híbridos) de atuação e de compartilhamento de informações e produção de conhecimento.

Fonte: Produzido pela autora durante a elaboração da pesquisa.

³⁹ Identificamos a competência narrativa como habilidades (saberes e fazeres) que o contador de histórias contemporâneo possui e que possibilitam o desenvolvimento de sua prática nos diversos territórios de atuação. Desse modo, no próximo capítulo trabalharemos melhor esse conceito apresentado *a priori* na introdução desta tese.

Os territórios representados no contexto desta pesquisa estão sujeitos a diversas articulações e devem ser entendidos com uma certa flexibilização. Em termos de realização do trabalho que cotidianamente é (re)criado pelos contadores de histórias, compreendemos a importância da atividade profissional em espaços como escolas, bibliotecas e centros de educação infantil, estendendo esse atendimento ao público das comunidades nas quais essas instituições estão inseridas:

[...] As escolas, jardins de infância⁴⁰, acampamento de verão, festas infantis, bibliotecas, todos aqueles lugares onde os adultos foram percebendo que as histórias poderia ser algo fundamental na recreação e educação dos filhos (CASTRONOVO; MARTIGNONI, 1994, p. 17)⁴¹.

O desenvolvimento da prática de narrar transcende a mera apresentação da performance técnica adquirida para comunicar a história em territórios híbridos e atravessados pelos vetores educacionais, culturais, de informação e de produção de conhecimento que a sociedade da informação apresenta.

Torna-se comum apresentar a arte de contar histórias como uma atividade meramente recreativa (animação cultural) que atinge a um público de todas as idades, envolvendo no processo de comunicação pais, filhos, professores, alunos, avós, netos e outros sujeitos que preservam a memória contida no repertório brasileiro e universal. Nessa direção, algumas metas são alimentadas por instituições de educação (formais e informais) como a escola e a família. Podemos citar a prática de incentivo à leitura e as estratégias de aprendizagens cotidianamente alimentadas com a narrativa oral. Talvez por conta disso, a prática de narrar tenha sido preservada por essas instituições.

3.2.1 O estado da arte de contar histórias em territórios de educação, informação e cultura

Em alguns momentos o professor, o bibliotecário e outros educadores assumem a função de narrar profissionalmente. Essa constatação permite a condução o mais flexível possível por parte desta pesquisa, ao trabalhar posteriormente na composição do perfil do contador de histórias que se profissionalizou para narrar no seu próprio ambiente de trabalho. A trajetória profissional desse sujeito se confunde com as metas da biblioteca escolar, do canto de leitura,

⁴⁰ Em atendimento a diversidade humana a educação infantil rompe com a ideia de jardim de infância, dedicando-se ao atendimento de crianças até 5 ou 6 anos em creches e pré-escolas (OLIVEIRA, 2002).

⁴¹ “[...] escuelas, jardines de infantes, colonia de vacaciones, festivales infantiles, bibliotecas, todos aquellos lugares donde los adultos iban comprendiendo que los cuentos podían ser algo fundamental en la recreación y formación de los chicos” (CASTRONOVO; MARTIGNONI, 1994, p. 17).

da sala de aula e de outros. Nesses espaços, considera-se a contribuição que os espaços de incentivo à leitura oferecem em instituições de educação formais, conduzindo, por exemplo, ao “Estabelecimento de estreita relação entre as bibliotecas e as escolas, mediante trabalho integrado e conjunto, com o intuito de promover leitura e pesquisa” (BELLUZZO, 2013, p. 77).

Em espaços de educação e de cultura como as bibliotecas escolares e as salas de aula, “[...] as histórias contribuem com diversos aspectos na formação de crianças e de jovens. Esses aspectos podem variar de intensidade de uma história para outra”. Mas em geral, as histórias costumam ser usadas de modo a propiciar o desenvolvimento da atenção e do raciocínio, bem como, do senso crítico, da imaginação, da criatividade, da afetividade e da transmissão de valores (DOHME, 2013, p. 25).

Nesse ambiente, a contação de histórias corre o risco de ser caracterizada pela didatização de conhecimentos e práticas culturais em função dos objetivos desse espaço. “Na escola, a tentação a transformar qualquer linguagem ou qualquer forma de expressão em algo que seja útil aos seus objetivos, leva a escolarização também da palavra do contador de histórias” (MATOS, 2014, p. 177). Para os contadores de histórias que atuam em instituições de ensino a audição de uma história geralmente é acompanhada de alguma atividade que auxilia no processo ensino aprendizagem.

Conciliar a proposta do encantamento que a narração de histórias carrega e a estrutura pedagógica que sustenta as práticas nesses territórios de atuação não é uma tarefa fácil, porém, não é impossível de ser feito. Não se pode negar que a narrativa de histórias envolve algo mais e que contempla

O desejo de contar, de transmitir essa palavra, imemorial, saída da noite dos tempos, comum a diversas culturas, elaborada numa cadeia de transmissão particular, no seio de dada comunidade cultural, contada ao longo de séculos, não é uma questão de moda (MATOS, 2014, p. 16).

Todo dia esse profissional das maravilhas não faz tudo igual, envolvendo-se num processo de diálogo com sujeitos das comunidades interna e externa às instituições de trabalho. A palavra do contador de histórias necessariamente se faz presente, e mesmo que não faça parte do quadro de profissionais de uma escola, por exemplo, “Quanto à dimensão educativa de sua palavra, fica claro que ela está relacionada à educação no âmbito da formação e não apenas na escola” (MATOS, 2014, p. 180).

Matos e Sorsy (2009) citam que os sujeitos de instituições educacionais às vezes não contam histórias devido a falta de estrutura e de tempo para preparar as narrativas com a riqueza que essa atividade requer. Talvez por isso seja mais fácil se dedicar a leitura de histórias do que da denominada contação de histórias.

Na condição de professores, pais e bibliotecários que realizam a tarefa diária de levar a literatura infantil para as crianças, advertimos, então, que não podemos preparar facilmente tantas histórias para contá-las como exigem de nós. Esta última análise, determina a impossibilidade de trabalhar a narração de histórias de forma variada e suficiente. A leitura de contos se converte em um complemento necessário para o desenvolvimento do prazer e do gosto pela leitura (CASTRONOVO; MARTIGNONI, 1994, p. 21)⁴².

A prática narrativa sobrevive às mudanças dos tempos e “[...] não exige espaço fechado nem aparatos de tecnologias específicos [para que possa acontecer]. Basta um que conte e um que ouça. E pronto! O banquete está servido” (SISTO, 2012a, p. 11). As atividades culturais podem desenvolver-se ao ar livre e em espaços fechados como festas infantis, livrarias, residências, feiras de livros, aniversários, oficinas e outros eventos de diversas naturezas. Nesses eventos muitas vezes acontecem mudanças no planejamento do contador de histórias, orientações e direções que se opõem à adaptação requerida pelos modelos da educação tradicional.

Entretanto, narrar uma história em vez de ler pode ser mais produtivo e aconchegante, dotando de credibilidade a exposição da narrativa e proporcionando uma maior interação entre o contador e o público ouvinte. O desprendimento do livro permite que o educador trabalhe melhor sobre as características desejadas e incentive a criatividade dos envolvidos no processo. “Alguns elementos podem ser introduzidos ao [texto] original: buscando semelhanças as situações pelas quais a criança está passando, introduzindo valores que se deseja abordar ou mesmo somente para dar mais colorido ou humor” (DOHME, 2013, p. 30).

Estendemos essa discussão para outros territórios de atuação, ao recordamos da obra cinematográfica *Mensagem pra você* (1998). A trama narra encontros e desencontros de dois livreiros, Kathleen e Joe Fox (vividos por Tom Hanks e Meg Ryan) que se conhecem em um chat de relacionamento da internet do século XX. Em determinado momento da trama,

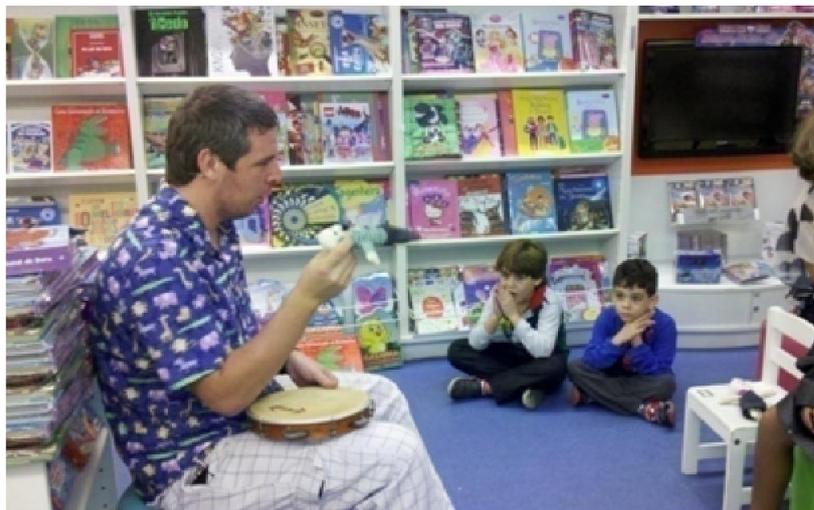
⁴² “Podemos advertir, entonces, que los docentes, padres y bibliotecarios que llevamos a cabo diariamente la tarea de acercar la literatura a los niños no podemos fácilmente preparar tantos cuentos para narrar como ellos nos demandan. Esto, en definitiva, determina La imposibilidad real de acercar La narración de forma variada y suficiente. La lectura de cuentos se convierte así en el complemento necesario para desarrollar el gusto y el placer por lectura” (CASTRONOVO; MARTIGNONI, 1994, p. 21).

Kathleen, proprietária de uma pequena loja de livros infantis, promove um momento de contação de histórias em um espaço improvisado. A estratégia utilizada é a leitura de histórias para um grupo de crianças que ouve atentamente a narração de uma obra literária.

Sendo esse o primeiro momento em que Joe encontra Kathleen pessoalmente, a ficção permite contextualizar que tanto a leitura quanto a contação de histórias são práticas recorrentes em livrarias e em outros espaços de cultura que carregam uma proposta em torno do livro. Ao mesmo tempo em que esse trabalho é realizado em um território tradicional como a livraria, também existe a possibilidade de acontecer no ciberespaço, representado na trama no formato de um relacionamento que permite que a conexão aconteça (MENSAGEM, 1998).

Não é sempre que as apresentações acontecem em espaços improvisados, como se deu no filme *Mensagem pra você* (1998). A ficção apresenta uma possível articulação entre as práticas que se dão no espaço presencial e virtual e, ao mesmo tempo, de realização e da divulgação da prática narrativa, como no caso das atividades acontecem quinzenalmente na Livraria Saraiva do Shopping Vitória (ES). A divulgação acontece no espaço presencial da livraria por meio de cartazes e no espaço virtual (redes sociais e sites de internet) (Fotografia 4).

Fotografia 4 – Contação de histórias com Eduardo Valadares (Livraria Saraiva)



Fonte: Produzida pela autora durante a elaboração da pesquisa.

As livrarias são caracterizadas como empresas privadas e sem ligação com os territórios de educação formal, responsáveis pela promoção de atividades de formação profissional do contador de histórias. Mesmo que geralmente utilizem a narrativa oral para alcançar metas

comerciais, o trabalho que comumente é desenvolvido nos espaços infantis das livrarias (ou em feiras de livros que muitas vezes são por elas organizadas, em parceria com as editoras) pode ser caracterizado como uma atividade de incentivo à leitura.

Ainda é possível lembrar que, em sua atividade, o contador de histórias é um divulgador das obras de autores e das próprias editoras, uma vez que não deve ocorrer narração sem o anúncio das fontes. Abre-se, pois, a possibilidade de fazer circular autores pouco conhecidos, obras mais raras, textos abandonados e visões culturais *sui generis* que merecem ser apresentadas como modos de pensar, ser e agir dos outros povos (YUNES, 2012, p. 64).

Atividades organizadas em torno da narrativa oral podem se configurar como espaços de trocas de experiências entre o narrador e um público de qualquer idade. Não podemos deixar de citar a estrutura de relacionamentos que também acaba sendo estabelecida com os pares dos narradores e outros sujeitos que apoiam, preparam e divulgam eventos que envolvem a prática de narrar. Dentre as iniciativas desenvolvidas por parte de sujeitos organizadores e apoiadores da prática narrativa nos territórios das escolas, das bibliotecas, das praças e dos parques dos bairros da Região Metropolitana da Grande Vitória (ES), destacamos uma das ações que promove a tradicional troca de livros regada aos momentos de contação de histórias: o projeto *Lendo na calçada* (Fotografia 5).

Fotografia 5 – Contação de histórias com Rodrigo Campanelli (Lendo na Calçada)



Fonte: CASA... (2015).

O projeto *Lendo na calçada* que tem como objetivo incentivar à leitura e acontece na Casa da Stael na Rua Sete de Setembro, no Centro de Vitória (ES). Os sujeitos envolvidos na sua

organização constantemente inserem em suas atividades momentos de apresentação de contação de histórias e oficinas para formação de narradores (CASA..., 2015).

Na mesma direção, destaca-se o projeto “Viagem pela Literatura”, coordenado pela Biblioteca Municipal Adelpho Poli Monjardim da Secretaria de Cultura da PMV (ES), unidade de informação e cultura abrigada pela FAFI (antiga Faculdade de Filosofia). Entre as diversas atividades desenvolvidas por esse projeto citamos aquelas que estão ligadas a prática da contação de histórias:

O Contador de Histórias, diz respeito à terceira atividade promovida pelo projeto [Viagem pela Literatura]. Participam, do início em 1994 até o ano de 2007, 42 contadores de histórias e quatro grupo em 216 apresentações. As formas de apresentação são alternadas e definidas segundo o local e as circunstâncias.

A quarta atividade é a Oficina para Formação de Contadores de Histórias que visa reverter à constatação [...] de que a literatura está perdendo espaço para a televisão. Desse modo, uma alternativa para a conquista de leitores é o encantamento por meio da contação de histórias [...] podendo oportunizar aos moradores da própria comunidade, professores e bibliotecários da rede municipal de ensino de Vitória, a continuidade de ações motivadas pelo projeto. Essa atividade foi incluída no projeto no ano de 2006, com a realização de quatro oficinas, envolvendo 104 participantes (MAROTO, 2009, p. 127).

Nas atividades de incentivo à leitura do projeto Viagem pela literatura, destacam-se as oficinas de contação de histórias que se constituem como espaços tempos de formação, inventividade e interação. Evidencia-se também a realização de oficinas, muitas vezes, servindo de palco aos contadores de histórias formadores do ES e de outros Estados (Fotografia 6).

Fotografia 6 – Oficina com o Grupo Hannah Contadores de Histórias (Viagem pela Literatura)



Fonte: GRUPO... (2014).

O desenvolvimento da prática registrada no blog organizado grupo Hannah Contadores de Histórias de Sergipe (SE), permite identificar a utilização do espaço virtual para divulgar a prática dos narradores no Estado do ES (GRUPO..., 2014). Outras ações de incentivo à leitura que envolve a narrativa oral são destacadas no espaço virtual e fortalecidas no contexto presencial, como as apresentações culturais em territórios diferenciados como praças, feiras e festas literárias.

Em oficinas pode-se disseminar conhecimento e compartilhar experiência relacionada com a prática da narrativa oral, no momento em que lhes é dada a possibilidade de conectar os sujeitos em redes de relacionamentos potenciais. Esse espaço tempo de formação permite ao narrador contemporâneo trabalhar com um público *aprendente*⁴³, que deseja adquirir técnicas de como contar e entregar-se as inúmeras possibilidades de trocas:

As oficinas são uma possibilidade contemporânea de ‘formação’ dos contadores de histórias. São um espaço de experimentação de si mesmo. Ali, conhecer os próprios limites e potencialidades tem por objetivo o trabalho da própria evolução no processo criador em torno da palavra oral (MATOS, 2014, p. 36).

O envolvimento do narrador de histórias com outros sujeitos em espaços de formação, envolve autoconhecimento e observação dos pares (público, apoiadores, outros contadores, etc.). Exige “[...] o ritual de abrir o imaginário com a chave que cada um escolher, pelo exercício de contar uma história como se conta um fato de vida pessoal, com envolvimento, emoção, naturalidade, credibilidade” (SISTO, 2012a, p. 34).

O alcance que a narrativa oral possui não se encerra em funções previamente fixadas pelos meios educacionais. Tampouco se consegue medir aquilo que ela pode provocar com as ações comumente desenvolvidas em espaços presenciais. Compreende também o ciberespaço que possui uma proposta diferenciada ao possibilitar novas maneiras de aprender autonomamente. Os territórios citados são demarcados pela tradição em termos de incentivo à leitura, pouco sendo citada a contribuição do ciberespaço para a arte de narrar em todos os seus sentidos.

Destacam-se outros possíveis para um contador de histórias que na contemporaneidade se apropria das tecnologias de transmissão da informação no espaço virtual: mediante a disponibilização de vídeos interativos, a criação de elementos para o desenvolvimento de uma

⁴³ Termo utilizado por Assmann (2000).

espécie de *A hora do conto*⁴⁴ virtual. Mas, será isso possível? Por maior que pareça ser desapropriado a utilização desse termo no espaço virtual, a cada dia se torna mais possível. Entretanto, substituiria o tradicional momento de contar histórias que se alimenta das relações interpessoais em contextos presenciais?

Não temos a pretensão de responder a essa pergunta de modo a dirimir todas as dúvidas que porventura possam aparecer. Esse tipo de acesso jamais poderá substituir um momento de narração presencial nos mesmos moldes. A cada dia que se passa, vídeos postados com as histórias performáticas dos sujeitos narradores e são cotidianamente disponibilizados, acessados e utilizados em espaços formais e informais de educação.

Conferimos o acesso aos movimentos de contação de histórias no espaço virtual no Youtube. Por meio das ferramentas disponíveis nesse site, identificamos que um dos vídeos da narradora Bia Bedran⁴⁵, *Macaquinho saí daí* (BEDRAN, 2008), adaptação da história infantojuvenil *Macaquinho* de autoria de Ronaldo Simões Coelho, possuía cerca de 135.472 visualizações. Outro exemplo é a disponibilização de vídeos no site *Tricotando palavras* (2014). A página é organizada por um grupo que responde pelo mesmo nome, possui um link apenas para a disponibilização de vídeos de contação de histórias, contendo narrativas que foram apresentadas na TV Cultura e outras histórias performáticas que dão visibilidade à prática que é desenvolvida pelo sujeito contador em espaços presenciais.

O exposto também permite visualizar uma atividade ressignificada em termos de opções de acesso à prática de narrar. Para Lévy (2011) a transmissão e compartilhamento da memória social acompanha o movimento da evolução da humanidade. O desenvolvimento da prática narrativa, repassada de geração em geração, ampliou-se consideravelmente com o acesso às tecnologias de escrita e informação, disponíveis nos estoques de conhecimentos que podem ser acessados tanto nas estantes de uma biblioteca presencial quanto no espaço virtual.

A memória coletiva posta em ato no ciberespaço (dinâmica, emergente, cooperativa, retrabalhada em tempo real por interpretações) deve ser claramente distinguida da transmissão tradicional das narrativas e das competências, bem como dos registros estáticos das bibliotecas (LÉVY, 2011, p. 115).

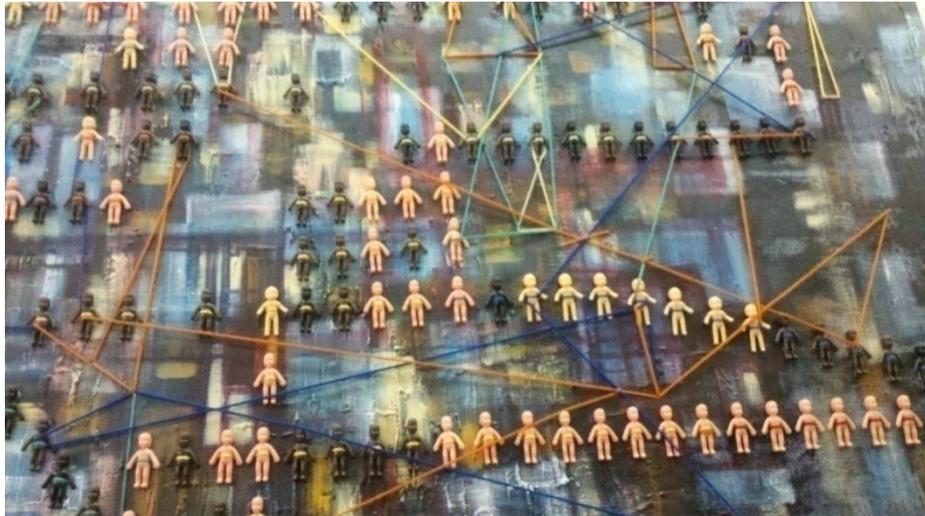
⁴⁴ Prática tradicionalmente desenvolvida pelo contador em espaços presenciais, costumam reunir os sujeitos em biblioteca, livrarias e outros espaços para contar, ler e ouvir histórias.

⁴⁵ Bia Bedran é uma contadora de histórias mestre em Ciência da Arte pela Universidade Federal Fluminense, graduada em Musicoterapia e Educação Artística, cantora, compositora e escritora (BIA..., 2015).

O arsenal de ferramentas que a sociedade da informação disponibiliza pode, então, ressignificar as formas de aprender e trabalhar, possibilitando o acesso à prática narrativa no espaço telemático. O exposto implica em outras perspectivas para um narrador *aprendente* e um público cada vez mais exigente com o qual interage. Informação e conhecimento são criações humanas, devendo esse sujeito levar em consideração que desempenha um papel fundamental nesse processo (DAVENPORT, 1998).

4 COMPETÊNCIAS NECESSÁRIAS ÀS CONEXÕES EM ESPAÇOS TEMPOS DE PRODUÇÃO DE INFORMAÇÃO, EDUCAÇÃO E CIBERCULTURA

Fotografia 7 – Conexões dos atores sociais



Fonte: Produzida pela autora durante a elaboração da pesquisa.

“Contar histórias sempre foi a arte de contá-las de novo, e ela se perde quando as histórias não são mais conservadas. Ela se perde porque ninguém mais fia ou tece enquanto ouve a história. Quanto mais o ouvinte se esquece de si mesmo, mais profundamente se grava nele o que é ouvido. Quando o ritmo do trabalho se apodera dele, ele escuta as histórias de tal maneira que adquire espontaneamente o dom de narrá-las. Assim se teceu a rede em que está guardado o dom narrativo. E assim essa rede se desfaz hoje por todos os lados, depois de ter sido tecida, há milênios, em torno das mais antigas formas de trabalho manual” (BENJAMIN, 1996, p. 205).

4.1 ENTRE O ERA UMA VEZ E AS CONEXÕES EM REDES

A ideia de rede é muito antiga, refere-se a um conjunto de nós (sujeitos) interconectados (RECUERO, 2009; UGARTE, 2008). A obra de Tão Cascão (Fotografia 7) conduz à estrutura das redes que comumente são tecidas com as conexões dos atores sociais em contextos presenciais e virtuais⁴⁶. A arquitetura da internet⁴⁷ consiste no desenvolvimento autônomo do sujeito contemporâneo, refletindo as mudanças vividas no campo das relações sociais em ambientes comunitários, institucionais e acadêmicos, à proporção que os usuários tornaram-se artesãos dessa tecnologia (CASTELLS, 2003, p. 28).

Há, porém, dois elementos novos relacionados com esta questão que todo o mundo entende intuitivamente. Por um lado, a internet e sua consequência mais direta: a eclosão de uma nova esfera de relação social que conecta milhões de pessoas a cada dia. Por outro, o surgimento, nos últimos anos, de uma ampla literatura sobre redes, aplicada a todos os campos, da física ou biologia até a economia, com toda a sua inevitável seqüela de livros de divulgação, aplicações ao marketing e jogos publicitários (UGARTE, 2008, p. 13).

Essa nova estrutura de organização é potencial como ferramenta de conexão, disseminação da informação e organização do conhecimento humano. “O advento da internet trouxe diversas mudanças para a sociedade. Entre essas mudanças, temos algumas fundamentais” (RECUER, 2009, p. 24). Por esse motivo, ganha força em várias camadas da sociedade e organizações devido à flexibilidade e adaptabilidade de sua estrutura. Conta com uma nova tecnologia que permite a comunicação de muitos com muitos em escala global, conforme expõe Castells (2003).

⁴⁶ Capturamos essa imagem durante o 1º Seminário *No balanço das redes dos contadores de histórias*, realizado na Biblioteca Demonstrativa de Brasília (BDB) (GERLIN; SIMEÃO, 2015) e, desde então, ela nos acompanha nas reflexões sobre as conexões dos atores sociais. Conta-se, que o artista Tão Cascão presenteou com essa obra a antiga coordenadora da BDB Maria da Conceição Moreira Salles, responsável por reunir uma diversidade de sujeitos em atividades promovidas durante a sua gestão.

⁴⁷ A internet como uma rede de computadores foi pensada pela *Advanced Research Projects Agency* (ARPA) em setembro de 1969. Com a finalidade de montar uma rede interativa o *Information Processing Techniques Office* (IPTO), fundado em 1962, utilizou-se a tecnologia de transmissão de telecomunicações desenvolvida por Paul Baran na *Rad Corporation* e por Donald Davies no *British National Physical Laboratory*. O projeto de Baran, uma rede de comunicação descentralizada e flexível, foi uma proposta que a *Rand Corporation* fez ao Departamento de Defesa para a construção de um sistema militar de comunicações. Em 1972 ocorreu a primeira demonstração bem sucedida da *Arpanet*, o passo seguinte foi tornar possível a conexão da *Arpanet* com outras redes de computadores. Isso introduziu um novo conceito: uma rede das redes. Em 1973 o protocolo de controle de transmissão (TCP) acrescentando o protocolo intra rede (IP) gerou o protocolo TCP/IP. Em 1983 o Departamento de Defesa cria a MILNET, uma rede independente para uso militares. A *Arpanet* tornou-se *Arpa-INTERNET* e dedicou-se a pesquisa. Em 1984 foi montada a própria rede de comunicações e em 1990 a *Arpanet* foi retirada do ar e iniciou-se um planejamento para a comercialização da tecnologia da internet. No mesmo ano a maioria dos computadores do EUA tinha a capacidade de entrar em rede. Em 1995 abriu-se caminho para a operação privada da Internet (CASTELLS, 2003).

Ocorre com essa mudança a estruturação de redes mais descentralizadas, conectando uma infinidade de computadores, celulares e outros equipamentos de conexão hierarquicamente iguais; comandando a transição de uma estrutura de poder descentralizada para distribuído e, segundo Ugarte (2008), esse é o desenho de um mundo de conexões que estamos começando a construir no ciberespaço. “O ciberespaço se constrói em sistema de sistemas, mas, por esse mesmo fato, é também o *sistema do caos*. Encarnação máxima da transparência técnica, acolhe, por seu crescimento incontido, todas as opacidades de sentido” (LÉVY, 2010, p. 113).

O ciberespaço é um labirinto móvel, cujo centro está em toda a parte (LÉVY, 2010 e 2011) e no qual, muitas e muitas vezes, precisamos do novelo de Ariadne para navegar juntamente com Dédalo (POUZADOUX, 2001). O novelo jamais sonhado seria a competência necessária para estar conectado e, mais do que isso, para aproveitar ao máximo as inúmeras possibilidades de conexão na grande rede. “Quaisquer que sejam seus avatares no futuro, podemos predizer que todos os elementos do ciberespaço continuarão progredindo rumo à integração, à interconexão, ao estabelecimento de sistemas cada vez mais interdependentes, universais e ‘transparentes’” (LÉVY, 2010, p. 115).

Lévy, Miranda e Simeão (2014) consideram que o virtual não pode se opor ao real: o virtual é uma potência, uma possibilidade do ser, da entidade concebida no mundo das vivências conscientes e inconscientes, anterior à sua realização (registro). Com o auxílio desses autores torna-se possível refletir que o registro no mundo do conhecimento objetivo requer competências para que possa se expandir com o avanço das teorias, das metodologias e das tecnologias constantemente criadas ao longo do século XX e XXI⁴⁸.

O processo de virtualização sendo uma heterogênese, um devir outro, processo de acolhimento da alteridade, entendendo heterogênese como a variação na concepção e expressão, ou seja, as diferentes maneiras de manifestação de uma ideia. Em suma, a inscrição depende da alma (alma) do criador e dos recursos ao seu alcance no processo criativo (poiesis), ou seja, uma ideia pode expressar-se de diferentes maneiras, mais ou menos eficiente conforme as faculdades e condições do criador, sujeitas a críticas, refutações e transformações (MIRANDA, SIMEÃO, 2014, p. 53).

Lévy (2010) expõe que a internet não resolverá os problemas culturais e sociais. Reconhece que o crescimento do ciberespaço resulta de um movimento de experimentação de comunicação coletiva e, por conta disso, estamos vivendo a abertura de um novo espaço de

⁴⁸ Miranda e Simeão (2014, p. 52) referem-se aos três mundos de Popper, “[...] 1 – o mundo físico, que ‘distinguimos em corpos animados e inanimados e que também contém estados e eventos especiais, como tensões, movimentos, forças, campos de força’; 2 – o mundo metafísico, das ‘vivências conscientes e, presumivelmente, de vivências inconscientes’; e o mundo 3 – do conhecimento registrado, ‘dos produtos objetivos do espírito humano, originários da ação do mundo 2’”.

comunicação. Cabe então explorar as suas potencialidades. “O ambiente inédito resulta das novas redes de comunicação para a vida social e cultural. Apenas dessa forma seremos capazes de desenvolver estas novas técnicas dentro de uma perspectiva humanista” (LÉVY, 2010, p. 12). Castells (2003) explica que estamos ingressando em um admirável mundo novo: a “Galáxia da internet”⁴⁹.

As comunidades conectadas à nova comunidade virtual trabalham tendo como base duas características: “o valor da comunicação livre, horizontal”⁵⁰ e o “valor de comunidades que surge das comunidades virtuais”⁵¹. A influência das redes baseadas na internet vai além da quantidade de sujeitos a ela conectados, “diz respeito a qualidade de uso”. O entendimento da cultura desse novo espaço como um conjunto de técnicas (materiais e intelectuais), práticas, atitudes, pensamentos e valores (CACCIOLARI; MATSUDA, 2009) que se desenvolvem junto ao crescimento da internet e da interatividade, encaminha-nos a três princípios básicos do crescimento dessa estrutura: da interconexão; a criação de comunidades virtuais e a inteligência coletiva:

[...] passamos das noções de canal e de rede a uma sensação de espaço envolvente. Os veículos de informação não estariam mais no espaço, mas, por meio de uma espécie de reviravolta topológica, todo o espaço se tornaria um canal interativo. A cibercultura aponta par uma civilização da telepresença generalizada. Para além de uma física da comunicação, a interconexão constitui a humanidade em um contínuo sem fronteiras, cava um meio informacional oceânico, mergulha os seres e as coisas no mesmo banho de comunicação interativa (LÉVY, 2010, p. 129).

Mesmo diante de um oásis em termos de tecnologias, lidamos com sérios problemas relacionados com a exclusão dos sujeitos que se encontram as margens do processo, bem como, com problemas práticos ocasionados pela descentralização do poder nas estruturas das redes centralizadas. Dependendo do tamanho e da complexidade da rede pode-se encontrar dificuldade na coordenação de funções, na concentração de recursos, no atendimento de metas específicas e na realização de tarefas. Se por um lado, essa tecnologia transforma as nossas vidas, por outro, encontra-se em constante transformação. “O mundo social da internet é tão diverso e contraditório quanto a própria sociedade. Assim, a cacofonia das comunidade

⁴⁹ Diante da difusão da máquina impressora criada no ocidente MacLuhan cria a denominação “Galáxia de Gutenberg” parafraseada por Castells (2003).

⁵⁰ “Essa liberdade de expressão de muitos para muitos foi compartilhada por usuários da Net desde os primeiros estágios da comunicação on-line, e tornou-se um dos valores que se estendem por toda a internet” (CASTELLS, 2003, p. 48).

⁵¹ O que Castells chama de formação autônoma de rede “[...] é a possibilidade dada a qualquer pessoa de encontrar sua própria destinação na Net, e não encontrando, de criar e divulgar sua própria informação , induzindo assim a formação de uma rede” (CASTELLS, 2003, p. 49).

virtuais não representa um sistema relativamente coerente de normas e valores sociais [...]” (CASTELLS, 2003, p. 48).

As relações sociais possibilitadas pela internet não são desconsideradas por Castells (2003) que julga essa tecnologia possível em termos de comunicação dos sujeitos em redes livre e autônoma. Porém, mesmo depois de tantos anos o seu uso ainda é desigual e ainda vemos pessoas, comunidades e países excluídos desse processo. Falta-nos estrutura tecnológica e competência em informação para aproveitar potencialmente esse recurso. Sem desconsiderar a desigualdade em termos de conexão, estar conectado muitas vezes ocasiona em desinformação. Podemos então refletir que essa tecnologia é algo relativamente novo em nossas vidas, assim como a prensa móvel o era na época de Gutenberg. Para além das tecnologias que surgem, urge lembrar que as redes conectam não apenas equipamentos eletrônicos: conectam sujeitos sociais (RECUERO, 2009).

Ademais, à medida que novas tecnologias de geração e distribuição de energia tornaram possível a fábrica e a grande corporação como os fundamentos organizacionais da sociedade industrial, a internet passou a ser a base tecnológica para a formação organizacional da Era da informação: a rede (CASTELLS, 2003, p. 7).

O foco desta pesquisa é a interação, as relações e os laços sociais que aparecem como elementos de conexão do contador de histórias contemporâneo. A interação aparece, então, como uma ação que tem um reflexo comunicativo entre esse narrador e seus pares, como reflexo da memória social desse profissional que milenarmente se relaciona em redes presenciais (GONDAR, 2005; HALBWACHS, 2013). “A interação no ciberespaço também pode ser compreendida como uma forma de conectar pares de atores e de demonstrar que tipo de relação esses atores possuem. Ela pode ser diretamente relacionada aos laços sociais” (RECUERO, 2009, p. 34).

A internet é a espinha dorsal da comunicação, mediada por computadores e outros equipamentos eletrônicos, é a rede que liga a maior parte das redes. É o meio de comunicação interativo universal da Era da Informação. “O que caracteriza o novo sistema de comunicação, baseado na integração em rede digitalizada de múltiplos modos de comunicação, é sua capacidade de inclusão e abrangência de todas as expressões culturais” (CASTELLS, 2011, p. 461).

A comunicação no espaço virtual se dá de maneira síncrona que estimula os sujeitos em tempo real e por outro lado assíncrona⁵², culminando em dois tipos de interações que envolvem o contexto de comunicação virtual: interação mútua e interação reativa. A interação mútua é aquela caracterizada por relações interdependentes de negociação, em que cada um interage e participa da construção inventiva e cooperativa da relação, afetando-se mutuamente. Enquanto que a interação reativa é limitada por relações determinísticas de estímulo e resposta (PRIMO, 2003, p. 61 apud RECUERO, 2009, p. 32). As tipologias de laços relacionais permitem entender a interação dos atores sociais que ocorre por meio do relacionamento (interação) entre diversos sujeitos de uma rede social. Os laços associativos não estariam sujeitos ao estabelecimento de relação entre os atores da rede, mas de um pertencimento a algum tipo de território, espaço, grupo, etc. (Quadro 5).

Quadro 5 – Tipos de laços/interação social do contador de histórias contemporâneo

TIPO DE LAÇO	TIPO DE INTERAÇÃO	POSSIBILIDADES
Laço associativo (pertencimento)	Interação reativa (sem estímulo)	Conversas em redes profissionais, redes de relacionamento centralizadas, etc.
Laço dialógico (relacionais)	Interação mútua (construção inventiva e cooperativa)	Dialogar com outros sujeitos em Chats, redes sociais descentralizadas e distribuídas, etc.

Fonte: Adaptado de Recuero (2009).

O processo de interação depende de reciprocidade entre os sujeitos narradores, podendo, então, numa determinada relação social no contexto presencial ou virtual, haver a criação de laços assimétricos ou simétricos. A relação dos laços assimétricos consiste no fato de que um dos atores aproxima-se de outro que não o corresponde com a mesma intensidade. No momento em que o sujeito é correspondido com a mesma intensidade, a relação ganhará força para ambos, culminando em laços simétricos⁵³.

⁵² “Uma comunicação síncrona é aquela que simula uma interação em tempo real. Deste modo, os agentes envolvidos têm uma expectativa de resposta imediata ou quase imediata, então ambos presentes (**on line**) [...]. é o caso dos canais de chat, ou mesmo de conversas nos sistemas de mensagens. Já o e-mail, ou um fórum, por exemplo, têm características mais assíncronas, pois a expectativa de resposta não é imediata” (REID, 19991 apud RECUERO, 2009, p. 32, grifo nosso).

⁵³ “Quando os laços que conectam dois indivíduos possuem forças diferentes nos dois sentidos (AB e BA), tratam-se de laços assimétricos. Já os laços são considerados simétricos quando têm a mesma força nos dois sentidos (AB e BA). Essa reciprocidade, portanto, não é compreendida como uma troca de forma igualitária, mas apenas como uma troca de interações e informações” (RECUERO, 2009, p. 42).

[...] a interação mediada pelo computador é também geradora e mantenedora de relações complexas e de tipos de valores que constroem e mantêm as redes sociais na internet. Mas mais do que isso, a interação mediada pelo computador é geradora de relações sociais que, por sua vez, vão gerar laços sociais (RECUERO, 2009, p. 36).

Por outro lado, os laços sociais dos contadores de histórias profissionais estão inteiramente relacionados com a constituição de uma prática em contextos presenciais, porém, não se pode desconsiderar que pouco a pouco esse profissional leva sua arte ao ciberespaço. Sendo assim, o processo de comunicação entre esses atores pode ocorrer em diversas mídias sociais como blogs, wikis, redes de relacionamento, etc. Destaca-se a importância de relações/diálogos que incentivem laços relacionais/simétricos e ações inventivas e cooperativas. Há também a definição de “laços fortes e fracos” dentro de um contexto de comunicação em redes:

Laços fortes são aqueles que se caracterizam pela intimidade, pela proximidade e pela intencionalidade em criar e manter uma conexão entre duas pessoas. Os laços fracos, por outro lado, caracterizam-se por relações esparsas, que não traduzem proximidade e intimidade (RECUERO, 2009, p. 41).

Os laços sociais dos contadores de histórias podem ser caracterizados como *multiplexos*⁵⁴ devido esses sujeitos não interagirem apenas profissionalmente. Essa análise encaminha-nos ao âmbito das *redes multiplexas* (JOHNSON, 2011), fornecendo elementos para iniciar um processo de comparação do nível de participação do contador de histórias em redes de relacionamento de amizade e profissional.

Entender as conexões dos narradores de histórias requer observar processos de interações que acontecem no campo da comunicação virtual possibilitada pela internet e, em outros momentos, em torno da prática narrativa que acontece no espaço presencial. Compreendemos que a utilização da conexão virtual deva ser melhor explorada por esse narrador⁵⁵, assim como, a utilização de conceitos que giram em torno de *laço social* no espaço virtual, seja de vital importância para a condução de possíveis análises que possam surgir no contexto desta pesquisa.

Nesse *admirável mundo novo* informações podem ser buscadas autonomamente pelos próprios protagonistas em redes de diversos formatos, caminhando inevitavelmente para

⁵⁴ “Refere-se à sobreposição ou correspondência entre redes distintas (por exemplo, amizade distinta de trabalho). A natureza dessas sobreposições é de grande interesse pragmático, uma vez que pode indicar as capacidades inerentes de atores individuais dentro dos sistemas e também tem importantes implicações para a compreensão dos sistemas sociais em geral” (JOHNSON, 2011, p. 57).

⁵⁵ O processo de interação é uma ação que tem um reflexo comunicativo entre o indivíduo e seus pares, como reflexo social da relações que costumam acontecer em espaços híbridos. Apesar da importância da discussão que gira em torno dos benefícios da rede virtual (a internet), torna-se necessário em alguns momentos também considerar a estrutura de interação social que compreende a comunicação em espaços presenciais.

modelos de comunicação cada vez mais híbridos. A cada dia que passa os sujeitos se encontram cercados por uma estrutura social fundamentada na microeletrônica e por redes digitais que geram, processam e distribuem informação a partir do conhecimento acumulado nos nós de suas redes (CASTELLS, 2005).

A utilização dos recursos disponibilizados pela sociedade da informação pode potencializar a capacidade de aprender autonomamente, mas ao contrário do que muitos pregam, essa capacidade não elimina a aprendizagem e troca de experiência em grupos presenciais, principalmente aquelas voltadas a sua formação integral. “A construção do conhecimento já não é mais produto unilateral de seres humanos isolados, mas de uma vasta cooperação cognitiva distribuída, da qual participam *aprendentes* humanos e sistemas cognitivos artificiais” (ASSMANN, 2000, p. 11).

4.2 O CONTEXTO DA COMPETÊNCIA EM INFORMAÇÃO

Com o advento da eletrônica, seguido da informática, novos modos de comunicação de informações (telecomunicações) amplificam-se e armazenam-se enormes volumes de informações. Assim, Le Coadic (2004) vai apresentando um cenário do contexto da explosão da informação, representada pelo avanço técnico e social na sociedade da informação. Fundamentado no poder criativo da linguagem e no raciocínio lógico percebe-se a importância que é dada à comunicação verbal da informação.

Com o advento da escrita, a comunicação passou de oral a escrita. Isto teve como consequência, por um baixo custo energético, multiplicar a informação (cópia de manuscritos, impressa, fotocópia) e memorizá-la, permitindo assim exteriorizar, primeiro nas bibliotecas, uma das funções do cérebro humano, que é a memória. Essas operações de multiplicação e memorização explicam uma boa parte do que se costumou chamar de explosão da informação (mais exatamente a explosão da quantidade de informação) (LE COADIC, 2004, p. 7).

Que as novas tecnologias estão integrando o mundo em redes globais não se pode negar. Muito menos que a memória humana foi estendida com a popularização dos meios digitais. Também já trabalhamos elementos para discutir a importância das redes de intercâmbios que conectam e desconectam sujeitos narradores e outros grupos de profissionais, regiões e países, etc. (CASTELLS, 2011).

Essa realidade requer dos comunicadores preparo para produzir e disponibilizar conteúdos em informação adequados aos diversos canais de comunicação (BELLUZZO, 2007). Tendo em vista que vivemos mudanças no paradigma comunicacional e migramos do gabarito midiático para aquele que está sob o signo da digitalização, há uma convergência de sistemas digitais de transmissão e uma recepção que favorece a segmentação de receptores perante a disponibilização de enormes fluxos de informação.

Com o maior fluxo da informação vem a necessidade de seu gerenciamento e sua organização em esquemas que ficam cada vez mais acessíveis a um entendimento do usuário. O sonho de unir o maior número de pessoas a mundialização da informação conectando-as em redes passa por uma diferenciação qualitativa dos conteúdos (BARRETO, 2005, p. 5).

Surge então uma preocupação em definir uma informação relacionada com a prática desenvolvida nos territórios dos narradores de histórias, assim como, a sua inter-relação com grupos que incluem conteúdos relacionados com seus saberes, fazeres e suas condições de trabalho (BARRETO, 2005, p. 5). A eficiência/eficácia⁵⁶ do sujeito narrador na era da informação depende de como as informações são utilizadas; se são ignoradas, aceitas ou armazenadas para futuramente serem usadas para busca de conhecimento e sabedoria. A maioria das informações recebidas não tem utilidade imediata, são armazenadas, mesmo que de forma “desapercebida”, para vir à tona no momento em que for necessário (MCGARRY, 1999).

Quadro 6 - Dados, informação e conhecimento

DADOS	INFORMAÇÃO	CONHECIMENTO
Simple observações sobre o estado do mundo;	Dados dotados de relevância e propósito;	Informação valiosa da mente Humana;
Facilmente estruturado; facilmente obtido por máquinas; frequentemente quantificado e facilmente transcrito.	Requer unidade de análise; exige consenso em relação ao significado; exige necessariamente a mediação humana.	Inclui reflexão, síntese, contexto; de difícil estruturação; de difícil captura em máquinas; frequentemente tácito; de difícil transferência.

Fonte: Davenport (1998).

Um dos fatores determinantes da sociedade contemporânea, consiste na rapidez de acumulação e geração de conhecimento que se concretiza perante a disseminação e o

⁵⁶ Oliveira (2008) define eficiência como um saber fazer as coisas de maneira adequada, ao buscar a resolução de problemas (salvaguardando os recursos aplicados). A eficácia é a capacidade de produzir alternativas criativas, maximizando a utilização de recursos de forma a obter resultados. Do ponto de vista de uma constante (re)criação do trabalho do narrador de histórias, a eficiência (processo) e eficácia (resultado) são dois pólos que não se separam, sendo incluído nesse processo tanto a capacidade de criar problemas quanto de resolvê-los.

aproveitamento eficiente/eficaz do conhecimento existente (BELLUZZO, 2007). Assim sendo, os sujeitos dessa sociedade apresentam uma disposição de se organizar em redes na medida em que produzem e compartilham informação e conhecimento, ocasionando muitas vezes na confusão desses dois termos. O exposto permite que busquemos uma distinção bastante conhecida entre informação e conhecimento que também acaba incluindo no processo de reflexão a definição de dados (Quadro 6).

Dados podem ser definidos como um conjunto de registros qualitativos ou quantitativos, porém, que pode ser quantificado mais facilmente. Constituídos como observações sobre o estado do mundo, podem facilmente ser estruturados, organizados, agrupados, categorizados e padronizados de modo a transformarem-se posteriormente em informação (DAVENPORT, 1999; VALENTIM, 2002).

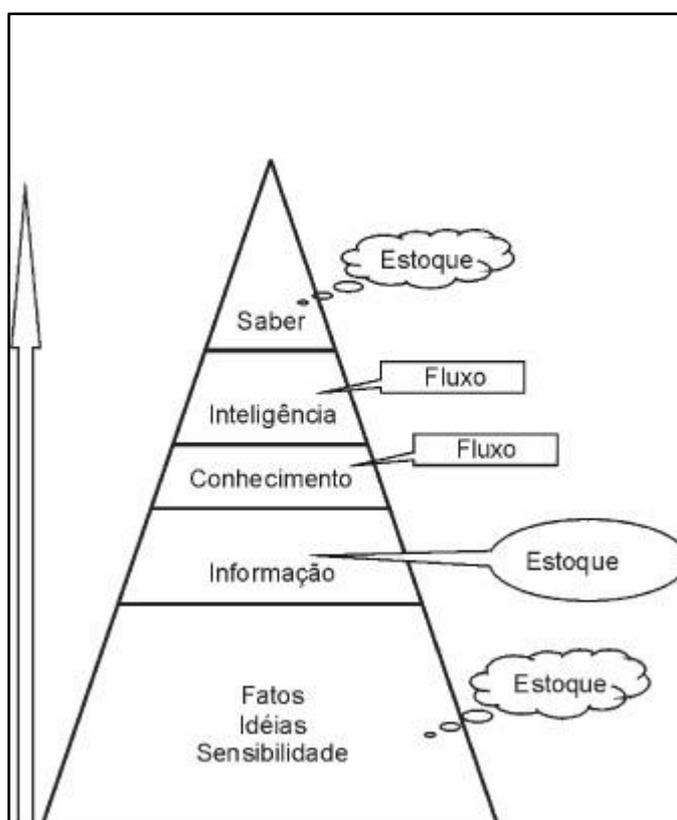
Ao contrário de dados, a informação exige análise e consenso em relação ao seu significado. Outra característica da informação é a necessidade de mediação humana (DAVENPORT, 1999). Pode ser traduzida como aquilo que reduz a incerteza ou de outras tantas maneiras, entretanto, a distinção entre conhecimento e informação não é algo fácil de se conseguir (MCGARRY, 1999). Também pode ser definida como um conhecimento escrito, oral ou audiovisual (LE COADIC, 2004).

A definição de Le Coadic (2004) torna possível perceber que informação e conhecimento são conceitos relacionados. Conhecimento pode ser definido como uma informação valiosa, a medida em que o sujeito atribui valor à informação que está inserida dentro de um contexto que possui um significado, uma interpretação relevante, exigindo que o sujeito reflita e nele acrescente a sua própria sabedoria. O conhecimento pode até ser incorporado em máquinas, mas é de difícil categorização e localização por ser subjetivo (DAVENPORT, 1999).

Quando o assunto é informação, preserva-se a compreensão de significado (*information as meaning*), ao se tratar de dados, a compreensão é ligada à associação da informação como matéria (*information as matter*) e no que se refere ao conhecimento, pensa-se em informação como compreensão (*information as understanding*). No campo da inteligência associa-se a esse último conceito à oportunidade (*information as opportunity*), referindo-se a uma estrutura do conhecimento relevante que permita a intervenção da realidade, sendo capaz de modelá-la (URDANETA apud BELLUZZO, 2007).

Mais importante do que apenas saber é saber como fazer, saber buscar informações e manejar os equipamentos que podem auxiliar nos processo de busca, produção e compartilhamento com inteligência. Com isso, acrescenta-se mais um elemento ao quadro que compreende dados, informação e conhecimento: a inteligência (BELLUZZO, 2007); direcionando essas definições ao contexto da competência que possibilita o mapeamento dos fluxos de informação. Barreto (2002) refere-se aos fluxos de informação como itens agregados segundo o interesse de receptores potenciais. São dados de uma memória (convencional ou digital) inseridos no estoque, para posterior recuperação.

Figura 2 – Dados, informação, conhecimento e inteligência



Fonte: Barreto (2002).

Os fluxos de informação se referem ao seguimento de eventos produzidos no âmbito das práticas de informação que devem ser levados em consideração pelo contexto desta pesquisa. Por conseguinte, ilustra-se a condição da informação e o seu tempo de vida determinado pelo conhecimento, pela inteligência e pelo saber (Figura 2). “O saber tem, quando se nasce, uma condição de vida igual ao *labor*; o conhecimento surge pela conquista, pelo *trabalho* e é inserido nas práticas de uma *ação* de inteligência com a realidade” (BARRETO, 2002, p. 68).

Quando se fala da inteligência supõe-se a ação de introdução dinâmica de um conhecimento assimilado na realidade do receptor; pode ser caracterizada como uma ação social, política, econômica ou técnica; representa um conjunto de atos voluntários pelo qual o indivíduo re-elabora seu mundo e tenta modificar seu espaço. Trata-se de um início do que não se realizou antes e que só se completa na pluralidade da política e resultará sempre em uma modificação como resultado da ação; ainda que possa ocorrer uma volta, para uma permanência ao estado inicial, o processo em si terá modificado a realidade (BARRETO, 2002, p. 68).

Belluzzo (2007, p. 15) expõe que “O conhecimento é cada vez mais apropriado coletivamente através da informática e das telecomunicações. Essa capacidade de distribuir e ‘acessar’ os conhecimentos é uma exigência da produção e da vida social”. Barreto (2002, p. 68) entende o conhecimento como um fluxo de acontecimentos fora do estoque, mapeado em um determinado espaço social e na mente dos sujeitos que fazem parte dos grupos sociais. “É um caminho subjetivo e diferenciado para cada indivíduo” e ao mesmo tempo uma construção social e histórica (BARRETO, 2002, p. 68).

Belluzzo (2007) ao considerar a importância do impacto gerado pela evolução tecnológica na área da informação e comunicação, destaca a importância da utilização do termo competência em informação. Esse termo concebe a criação e a identificação de habilidades que tornam possível a busca, a recuperação e o uso efetivo da informação, envolvendo também *um aprendizado permanente ao longo da vida* (BELLUZZO; FERES; KOBAYASHI, 2004). Torna-se então importante estabelecer uma ligação com os saberes acessados cotidianamente, dando-lhes o devido sentido (MORIN, 2003).

Todo conhecimento constitui, ao mesmo tempo, uma tradução e uma reconstrução, a partir de sinais, signos, símbolos, sob a forma de representações, ideias, teorias, discursos. A organização dos conhecimentos é realizada em função de princípios e regras; comporta operações de ligação (conjunção, inclusão, implicação) e de separação (diferenciação, oposição, seleção, exclusão). O processo é circular, passando da separação à ligação, da ligação à separação, e, além disso, da análise à síntese, da síntese à análise. Ou seja: o conhecimento comporta, ao mesmo tempo, separação e ligação, análise e síntese (MORIN, 2003, p.24).

A questão contemporânea de maior impacto não é como buscar e acessar a informação, mas o uso que se faz da informação acessada (BELLUZZO, 2007). Belluzzo (2013) apresenta a definição de competência como sendo um conjunto de habilidades necessárias para se obter o sucesso de demandas individuais e, principalmente, sociais. A competência em informação seria constituída de uma combinação de habilidades cognitivas e práticas inteiramente relacionadas, bem como, de informações e conhecimentos adquiridos ao longo da vida, envolvendo também motivação, atitudes, emoções e outros componentes sociais que mobilizam o sujeito contemporâneo para uma ação eficiente e eficaz.

Quadro 7 - Conceitos imbricados com a competência em informação

COMPETÊNCIA	Conjunto de habilidades necessárias para obter o sucesso de demandas individuais e, principalmente, sociais. A competência em informação seria constituída de uma combinação de habilidades cognitivas e práticas inteiramente relacionadas, bem como, de informações e conhecimentos adquiridos ao longo da vida, envolvendo também motivação, atitudes, emoções e outros componentes sociais que mobilizam o sujeito contemporâneo para uma ação eficiente e eficaz (BELLUZZO, 2007).	
ALFABETIZAÇÃO	Tradicionalmente vincula-se ao domínio do código da língua, abrangendo conhecimentos e destrezas variados, como a memorização das convenções existentes entre letras/sons, a comparação entre palavras e significados, o conhecimento do funcionamento do alfabeto, o domínio do traçado das letras e a aprendizagem de instrumentos específicos, como lápis, canetas, papéis, cadernos e computador (GUASQUE, 2011).	Na atualidade deve ser entendida como a aquisição do sistema convencional da escrita, contudo, aparece a necessidade de perceber que se encontra imbricada em um contexto de letramento e por meio de atividades de letramento; este, por sua vez, só pode desenvolver-se na dependência da e por meio da aprendizagem do sistema da escrita relacionado com o contexto social (SOARES, 2004).
LETRAMENTO	Focaliza os aspectos sócio-históricos da aquisição da escrita. Entre outros casos, procura estudar e descrever o que ocorre nas sociedades quando adotam um sistema de escritura de maneira restrita ou generalizada; procura ainda saber quais práticas psicossociais substituem as práticas “letradas” em sociedades ágrafas. (TFOUNI, 2010).	Comportamentos e práticas sociais da área da leitura e da escrita que ultrapassem o domínio do sistema alfabético e ortográfico, nível de aprendizagem da língua escrita perseguido, tradicionalmente, pelo processo de alfabetização (SOARES, 2004).
ALFABETIZAÇÃO EM INFORMAÇÃO	Direciona-se ao desenvolvimento das competências de saber localizar, avaliar e utilizar informações agregando valor aos tipos de competências adquiridas e compartilhadas cotidianamente (GARCÍA-MORENO, 2011).	Conjunto de habilidades e competências, desenvolvidas de forma disciplinada e coerente, capazes de tornar uma pessoa mais autônoma na busca e uso de (SIMEÃO; PROENÇA, 2011).
ALFABETIZAÇÃO DIGITAL	Envolve competências consideradas básicas para a sobrevivência na era do conhecimento, momento em que a internet aparece como um diferencial para aprender a manipular equipamentos e colaborar, aprendendo a usar a informação e a resolver problemas (BELLUZZO, 2007).	Direciona-se ao desenvolvimento de competências para o acesso e utilização de tecnologias de informação e comunicação e de habilidades de aprendizagem com meios e recursos digitais e eletrônicos (GARCÍA-MORENO, 2011).
COMPETÊNCIA EM INFORMAÇÃO	Definida como um processo de interação e internalização de fundamentos conceituais, atitudinais e habilidades específicas relacionadas com a informação ao longo da vida, bem como, com o compromisso do livre acesso e uso crítico da informação e geração de conhecimento (BELLUZZO, 2013).	

Fonte: Elaborado durante a realização da pesquisa.

A capacidade de aprender é imprescindível à aquisição da competência em informação dos sujeitos narradores, sendo esta composta por duas dimensões. A primeira é dividida entre o domínio de saberes e habilidades de diversas naturezas, ao possibilitar a intervenção da realidade vivida durante sua trajetória. A segunda é permeada por uma visão crítica do alcance das ações (fazer) e do compromisso com as necessidades concretas, que emergem e caracterizam o contexto social dos sujeitos narradores (BELLUZZO, 2007; BELLUZZO; FERES; KOBAYASHI, 2004):

Tais processos podem ser desenvolvidos em parte mediante o manejo das tecnologias da informação, a utilização de métodos válidos de pesquisa, porém, sobretudo por meio do pensamento crítico e da racionalidade humana. Assim, a *information literacy* (IL) ou competência em informação (CI) se inicia e estende a aprendizagem ao longo da vida por meio de uma série de habilidades que podem incluir o uso de tecnologias, porém, são em última análise independentes das mesmas (ACRL, 2000). Inegavelmente, está ligada ao aprendizado e à capacidade de criar significado a partir da informação, sendo uma condição indispensável que as pessoas saibam ‘aprender a aprender’ e realizem o ‘aprendizado ao longo da vida’ (BELLUZZO; FERES; KOBAYASHI, 2004, p. 85).

A aquisição de habilidades necessárias para alcançar a competência em informação, exige a capacidade de *aprender* autonomamente. Nessa direção, entende-se o *aprender a aprender* como uma habilidade necessária ao contador de histórias: “[...] implicando igualmente na capacidade de manter-se aprendendo sempre. Nesse sentido, considera-se a aprendizagem como consentânea com a própria vida: viver é aprender” em diversos campos de atuação (DEMO, 2012, p. 12). Com base no exposto refletiremos a cerca da competência em informação, ao enfatizar conceitos a elas relacionados como o próprio conceito competência, alfabetização, letramento, alfabetização em informação e alfabetização digital (Quadro 7).

4.2.1 Competência em informação (Information literacy): origens

Historicamente a expressão competência está ligada à área jurídica, sendo entendida como capacidade atribuída a alguém ou a uma instituição para apreciar e julgar certas questões, mais tarde passou a designar (de forma mais genérica) a qualificação de uma pessoa capaz de realizar determinada atividade com efetividade (principalmente na linguagem das organizações) (BELLUZZO, 2007).

O conceito de competência se fortaleceu no campo empresarial tendo como objetivo trabalhar com programas de capacitação de recursos humanos, aparecendo como uma alternativa “[...] para melhorar a produtividade e a competitividade em decorrência especialmente do processo

de substituição tecnológica que produz novas formas de organização do trabalho” (GASQUE, 2011, p. 86).

Perrenoud (2000) dá visibilidade a um conceito de competência que emerge no contexto da educação, desse modo, designa uma capacidade de enfrentar situações advindas desse meio. A utilização das novas tecnologias e a capacidade de trabalhar em equipe são algumas delas. Enfrentar e analisar um conjunto de situações complexas, formando grupos e elaborando projetos em equipe são questões trabalhadas no âmbito da competência na área educacional. Outra questão trabalhada na esfera das competências por esse autor é que não se pode ignorar o potencial do uso das TIC:

Formar para as novas tecnologias é formar o julgamento, o senso crítico, o pensamento hipotético e dedutivo, as faculdades de observação e de pesquisa, a capacidade de memorizar e classificar, a leitura e a análise de textos e de imagens, a representação de redes, de procedimentos e estratégias de comunicação (PERRENOUD, 2000, p. 128).

Para encontrar aproximação entre os campos da educação, informação e outras áreas que dialogam com a CI, o termo letramento informacional é destacado por Campello (2009). A autora apresenta essa denominação como uma forma de trabalhar com a capacidade necessária aos cidadãos de se adaptar a cultura digital, à globalização e a emergente sociedade baseada na informação e no conhecimento. Trabalhar no território da biblioteca e outros espaços tempo de informação, “Implicaria fundamentalmente que as pessoas tivessem a capacidade de entender suas necessidades de informação e de localizar, selecionar e interpretar informações, utilizando-as de forma crítica e responsável” (CAMPELLO, 2009, p. 13).

A noção de competência no campo da informação pode representar perspectivas teóricas divergentes (BELLUZZO, 2007). O delineamento da sua definição exigiu um diálogo em torno das diversas interpretações da *Information Literacy*, evocando traduções no contexto brasileiro desde a sua apropriação na década de 70. Dentre elas citamos a alfabetização informacional, letramento informacional, *literacia*, fluência informacional, competência informacional e competência em informação.

A information literacy como conceito é carregado de conotações, nem sempre bem vista ou entendida. A information literacy apresenta um significado que vai além da soma de suas partes (information e literacy). Admitindo que informação é um conceito muito complexo que engloba muitas definições e interpretações, conforme a área de conhecimento na qual se insere (DUDZIAK, 2003, p. 23).

A expressão *Information Literacy* teve visibilidade em 1974 com a publicação do relatório *The information service environment relationships and priorities* "[...] de autoria do bibliotecário americano Paul G. Zurkowski que era, naquele momento, o Presidente da Information Industry Association (IIA), e integrava a equipe da National Commission on Libraries and Information Science (DUDZIAK, 2010, p. 5). “A principal prioridade da Comissão esteve direcionada para o estabelecimento de um grande programa nacional, tendo como meta alcançar a alfabetização em informação até 1984” (ZURKOWSKI, 1974, p. 27)⁵⁷.

Com a publicação de *The Library Context and the Information Context: Bridging the Theoretical Gap* em 1981, Paul G. Zurkowski faz uma revisão sobre o impacto da tecnologia de informação sobre as bibliotecas. Nessa mesma década, houve um avanço no que se refere ao uso da expressão orientação bibliográfica como ação educativa relacionada à busca, recuperação e disseminação da informação. “As necessidades de aprendizado dos alunos não podiam mais ser satisfeitas com os livros textos e os materiais existentes nas bibliotecas. Era preciso dar a eles condições para que aprendessem mais e melhor, de maneira independente e autônoma” (DUDZIAK, 2010, p. 6).

A publicação de 1989, *Presidential Committee on Information Literacy: Final Report*, ressalta que a *Information Literacy* reforça “[...] o papel da informação na resolução de problemas e tomada de decisão. As recomendações se concentraram na implantação de um novo modelo de aprendizado, com a diminuição da lacuna existente entre sala de aula e biblioteca (DUDZIAK, 2010, p. 8). Esse documento apresenta as bibliotecas como instituições importantes para o acesso à informação dos cidadãos, sendo ainda pouco explorada por aqueles que dela mais precisam (AMERICAN LIBRARY ASSOCIATION, 1989).

Pesquisadores constantemente mencionam uma importante publicação da American Library Association (ALA): *Presidential Committee on Information Literacy: Final Report* (DUDZIAK, 2010; GASQUE, 2011). Esse documento enfoca ainda a importância da *Information Literacy* principalmente no que se refere aos benefícios do acesso à informação na vida do cidadão. Destaca que a informação deve ser disponibilizada a quem dela precisar e, principalmente, aos sujeitos que não têm acesso a ela, contudo, “É lamentável o fato de que as

⁵⁷ “The top priority of the Commission should be directed toward establishing a major national program to achieve universal information literacy by 1984” (ZURKOWSKI, 1974, p. 27).

peças que mais precisam de capacitação em informação são os menos propensos a ter experiências de aprendizagem^{58c} (AMERICAN LIBRARY ASSOCIATION, 1989).

Instituições representativas de bibliotecários e entidades educacionais trabalharam na transposição da dimensão conceitual da *Information Literacy* para a prática, ao apresentaram diretrizes indicadas para bibliotecas escolares e de forma geral ligadas ao contexto educacional (CAMPELLO, 2009; CERVERÓ, 2008). A American Association of School Libraries (AASL) e a Association of Educational Communications and Technology (AECT) definem a função pedagógica da biblioteca e, por consequência, a competência do bibliotecário nesse processo. O *Information Power: Guidelines for School Libraries Media Programs*, documento divulgado na década de 1980, foi atualizado em 1998 pela AASL e a AECT, sendo direcionado para dirigentes escolares e bibliotecários no planejamento do programa da biblioteca, de acordo com as necessidades específicas de cada escola. Uma das funções do bibliotecário seria a de educador

[...] encarregado de ensinar não apenas as habilidades que vinha tradicionalmente ensinando (localizar e recuperar informação), mas também envolvido no desenvolvimento de habilidades de pensar criticamente, ler, ouvir e ver, enfim ensinando a aprender a aprender (CAMPELLO, 2003, p. 30).

Em 2000 a Association of College and Research Library (ACRL) publica os Padrões de competências em informação para o ensino superior: *Information Literacy Competency Standards for Higher Education*; definindo os elementos característicos do letramento informacional, o papel educacional das bibliotecas e a importância dos programas educacionais para a capacitação dos aprendizes. Apresenta a *Information Literacy* como um conjunto de habilidades que exigem dos sujeitos elementos para reconhecer a informação necessária, ao aprender localizar, avaliar e utilizar as informações. Relaciona essas habilidades aos saberes e fazeres no campo tecnologia da informação e aponta que exigem mais do que alfabetização digital: crítica; discernimento e raciocínio ao longo da vida. As instituições de ensino superior teriam como missão assegurar as habilidades intelectuais de raciocínio e pensamento crítico, ajudando a construir uma estrutura para *aprender a aprender* para um crescimento contínuo durante as carreiras dos aprendizes, bem como, em seus papéis como cidadãos informados e membros das comunidades de origem (ASSOCIATION OF COLLEGE AND RESEARCH LIBRARIES, 2000).

^{58c} It is unfortunate that the very people who most need the empowerment inherent in being information literate are the least likely to have learning experiences which will promote these abilities” (ALA, 1989).

Ao partir da realização do Colóquio de Nível Superior sobre Competência em Informação e Aprendizagem ao longo da vida em 2005, produziu-se a *Declaração de Alexandria sobre Competência Informacional e Aprendizado ao Longo da Vida*. Nela se declara que o aprendizado auxilia indivíduos, comunidades e nações a enfrentarem desafios tecnológicos, econômicos e sociais (INTERNATIONAL FEDERATION OF LIBRARY ASSOCIATIONS AND INSTITUTIONS, 2005). Depois de dois anos a UNESCO disponibilizou um importante documento: *Understanding Information Literacy: a primer*; destacando a importância da competência em informação para perceber que a resolução de problemas (social, político, comunitário, etc.) requer saber buscar, avaliar, usar e, em alguns momentos, criar informações/conhecimentos para uma resolução satisfatória. A sua aplicação requer habilidades (saberes, fazeres e atitudes) permitindo tomadas de decisões relacionadas com questões familiares, educacionais, relacionadas com o trabalho, cidadania e outros desafios (HORTON JUNIOR, 2007).

Em 2007 a UNESCO publicou o documento *Understanding Information Literacy: a primer* e em 2013 *Overview of Information Literacy Resources Worldwide*, fornecendo um panorama das pesquisas dessa área. Os documentos publicados pela UNESCO e organizados por Horton Junior (2007; 2013) conduzem à definição de que a *Information Literacy* deve ser compreendida à luz da cultura de cada nação. No último documento foram indicadas referências de obras de autores brasileiros como Regina Belluzzo, Adriana Dudziak e Bernadete Campello, dando visibilidade as seguintes denominações: letramento informacional, competência informacional e competência em informação. Na lista oficial de termos de vários países selecionou-se para o Brasil a denominação “Competência em Informação” (HORTON JUNIOR, 2013).

No Brasil avanços são registrados em documentos que expressam um posicionamento das entidades representativas na área de informação. Em 2011 destaca-se a *Declaração de Maceió sobre a competência em informação* (2011) publicada no *Seminário Competência em Informação*, realizado no XXIV Congresso Brasileiro de Biblioteconomia, Documentação e Ciência da Informação (CBBDD). Nesse documento, considera-se como “[...] base inicial para a capacitação no uso da informação, o papel social da biblioteca escolar como centro de recursos para a aprendizagem e o desenvolvimento de Competência em Informação”. Expressa a necessidade de envolver na discussão outras instituições que disseminam a informação e que trabalham com alfabetização em informação e digital, sem, com isso,

excluir desse processo “[...] escolas de formação em Biblioteconomia e Ciência da Informação [que] deverão integrar conteúdos relativos à Competência em Informação nos seus projetos político-pedagógicos” (DECLARAÇÃO DE MACEIÓ SOBRE A COMPETÊNCIA EM INFORMAÇÃO, 2011).

A *Declaração de Maceió sobre a competência em informação* (2011) é um documento que constantemente “[...] vem sendo citado em outros eventos nacionais e internacionais, contribuindo para a evidência e reconhecimento de que o Brasil é um dos países que também está focado nessa direção, embora ainda com certa timidez” (BELLUZZO, 2013, p.73). Desse modo, não se pretende excluir dessa contextualização a explicitação do conceito de competência como aquilo que se deseja construir e desenvolver ao longo de um processo (que envolve teoria e prática). No caso do letramento informacional, termo utilizado como expressão do *saber fazer principalmente no cotidiano da biblioteca escolar*, deriva das relações entre o conhecimento que o sujeito detém, a experiência adquirida pela prática e a reflexão sobre a ação. Em se tratando da habilidade que constantemente é citada ao longo deste trabalho, refere-se a cada ação específica e necessária para alcançar determinada competência (GASQUE, 2011).

No *Manifesto de Florianópolis sobre a competência em informação e as populações vulneráveis e minorias* (2013), publicado no II Seminário Competência em informação: cenários e tendências, realizado no XXV CBBB, considera-se que o Brasil precisa reavaliar as políticas direcionadas ao acesso e uso da informação importante para a inclusão social. “A Competência em Informação deve ser compreendida como um direito fundamental da pessoa humana, intrínseco ao seu próprio ser, sendo essencial à sua sobrevivência (MANIFESTO DE FLORIANÓPOLIS SOBRE A COMPETÊNCIA EM INFORMAÇÃO E AS POPULAÇÕES VULNERÁVEIS E MINORIAS, 2013).

A *Carta de Marília* (2014), produzida no III Seminário de Competência em Informação: cenários e tendências, acaba dando continuidade ao processo de reflexão iniciados com as publicações oficiais da *Declaração de Maceió* (2011) e do *Manifesto de Florianópolis* (2013). Este documento apresenta a sigla CoInfo que vem sendo utilizada como designação do termo Competência em informação⁵⁹. Nesse documento aborda-se a necessidade de

⁵⁹ Neste trabalho optou-se pela utilização da denominação “Competência em Informação” na íntegra. Os diálogos sobre o tema no Estado do ES foram iniciados no Fórum de discussão: *Information Literacy*, possíveis caminhos e reflexões em março de 2015, sendo agendada a segunda edição para o segundo período de 2016. Em

compartilhamento de experiências e vivências aplicáveis à realidade brasileira no que se refere ao âmbito de acesso e uso efetivo da informação para o exercício da cidadania na tentativa de reduzir iniquidades sociais e desigualdades regionais (CARTA DE MARÍLIA, 2014).

4.2.2 Competência em informação: alfabetização digital e alfabetização em informação

A escola, universidade, outras instituições educacionais e sociedades profissionais, procuram responder ao desafio de trabalhar com a competência em informação, formando integralmente os indivíduos, preparando-os para os desafios do novo século. A competência num ambiente de rede digital exige alfabetização em informação, de modo que o sujeito contemporâneo “[...] saiba acessar e utilizar os serviços de comunicação diferentes (e-mail, chat, newsgroups, etc.) e acesso a conteúdo, navegação e diretórios e motores de busca para localizar informações” (GARCÍA-MORENO, 2011, p. 43) (Quadro 8).

Quadro 8 - Competências em informação em ambiente de rede digital

COMPETÊNCIAS NUM AMBIENTE DE REDE	
Acesso às redes	Correio, chat, redes sociais, etc.
Busca da informação	Diretórios, motores de busca, hipertexto, etc.
Habilidades necessárias	Conhecer fontes, avaliar fontes, aprender, integrar, etc.

Fonte: Adaptado de García-Moreno (2011).

Um dos maiores desafios para o contador de história é a conexão em redes digitais que potencializem as suas relações sociais na sociedade em que vivem. Belluzzo (2007) expõe que a competência em informação (*information literacy*) compõe o cenário da sociedade da informação ou a então chamada sociedade em rede, ao apresentar diferentes concepções que podem ser resumidas como digital (ênfase nas TIC), informação propriamente dita (ênfase nos processos cognitivos) e social (ênfase na inclusão social). Faz-se necessário obter conhecimentos de informática e a capacidade de saber usar e operar as máquinas de processamento de informações. Deter conhecimentos necessários para a utilização de novas e antigas tecnologias de comunicação deve-se constituir como uma ferramenta potente, de maneira a engendrar a cidadania ao desenvolvimento de uma sociedade mais democrática (HORTON JUNIOR, 2007).

novembro deste ano participaremos de um evento organizado pelo Conselho Regional de Biblioteconomia (6ª Região MG/ES), no qual apresentaremos os resultados desta pesquisa de doutoramento no campo da Coinfo e de possíveis aplicações em espaços tempos de educação, informação e cultura.

Com base nessas concepções, pode-se dizer que se trata, inicialmente, da compreensão de uma verdadeira ‘alfabetização digital’, o que envolve cinco tipos de competências, consideradas básicas para a sobrevivência na era do conhecimento, onde a internet parece ser um diferencial marcante: aprender a manipular símbolos, aprender a colaborar, aprender a usar a informação, aprender a resolver problemas e aprender a aprender (BELLUZZO, 2007, p. 40).

Na visão de Belluzzo (2007) saber navegar na internet com a finalidade de buscar novas fontes de conhecimento é uma habilidade fundamental e importante na composição da competência em informação. Uma vez que o sujeito deve envolver-se em processos que ocasionem aprendizagens constantes. Urge o crescimento de análises acerca dos vetores desse novo desenvolvimento humano, de forma a criar estratégias e meios para a participação efetiva do cidadão no processo de reflexão do “novo paradigma tecnológico social vigente”. Antes de mais nada, deve-se firmar um compromisso com a comunidade e desenvolvimento global mediante ao livre acesso e uso crítico da informação (BELLUZZO, 2013).

Além disso, é importante ressaltar que as competências consideradas tradicionais da promoção do acesso à informação, organizando-a e descrevendo-a, preservando-a e criando instrumentos facilitadores da sua localização e difusão, não podem ser colocadas de lado, pois, podem constituir uma condição agregadora de valor de serviços eletrônicos e em rede. No entanto, as condições serão substancialmente diferentes, exigindo novas condutas de gestão, novas competências e novas funções (BELLUZZO, 2007, p. 41).

O ciberespaço fortalecido pela Web fornece meios para a ressignificação das relações sociais do cidadão e, por conseguinte, acaba requerendo meios para a aquisição de habilidades e competências essenciais na contemporaneidade. Com um tempo diferenciado em termos de cooperação, as TIC potencialmente disponibilizam uma gama de recursos importantes à manutenção de aspectos profissionais do contador de histórias que se baseia na oralidade preservada na memória dos grupos sociais.

As estruturas colaborativas que possibilitam o processo de comunicação do narrador de histórias podem ser potencializadas ou não pelas TIC (VALENTIM, 2013), todavia, acreditamos que o domínio das redes digitais apresenta-se como um desafio aos contadores de histórias, atores culturais que durante décadas dominam os mecanismos da comunicação interpessoal. Muitas dificuldades também são ocasionadas pelo desconhecimento das ferramentas de conexão em redes digitais, bem como, pela falta de domínio das ferramentas de busca, recuperação e utilização efetiva da informação, sendo necessário percorrer caminhos que possam auxiliar aos contadores *aprender a aprender*.

Em se tratando dos espaços direcionados aos processos de aprendizagens do contador de histórias, são constituídos por meio da experiência dos narradores em cursos, oficinas e outros eventos presenciais que muitas vezes não se utilizam das tecnologias existentes para ampliar as relações de troca. Torna-se imperativo a esse profissional, buscar informação com competência em diversos pontos da imensa rede hipertextual que se forma em nossa sociedade e saber manejar equipamentos que possibilitem construir o seu próprio processo de aprendizagem (BELLUZZO, 2007).

Consideramos que durante o ato da pesquisa que envolve a leitura, o sujeito narrador necessita da aquisição de um vocabulário. Também precisa adquirir conhecimentos das regras da língua e do seu uso, entretanto, para além da aquisição da técnica (alfabetização) aparece uma necessidade urgente de aquisição de noções e conceitos sobre o texto selecionado a fim de possibilitar a compreensão do que é lido tendo como base as vivências cotidianas. Urge então a necessidade de articulação com as noções de mundo que esse sujeito possui.

A alfabetização vincula-se ao domínio básico do código da língua, abrangendo conhecimentos e destrezas variados, como a memorização das convenções existentes entre letras/sons, a comparação entre palavras e significados, o conhecimento do funcionamento do alfabeto, o domínio do traçado das letras e a aprendizagem de instrumentos específicos, como lápis, canetas, papéis, cadernos e computador. O letramento, por sua vez, envolve o conceito de alfabetização, transcendendo a decodificação para situações em que há o uso efetivo da língua nas práticas de interação em um contexto específico. Por exemplo, o indivíduo lê um romance, executa uma receita, compreende a bula do medicamento. Pelo fato de a alfabetização e o letramento envolverem desde a decodificação de uma palavra até a leitura de uma obra, em um longo *continuum*, há referências a tipos e níveis de letramento, considerando, em qualquer situação, a experiência do indivíduo (GASQUE, 2011, p. 85).

Ser alfabetizado significa ter o conhecimento do alfabeto e de instrumentos específicos que possibilitem ler, escrever e narrar com competência. A cada dia que se passa uma discussão teórica no campo da educação gira em torno do entendimento de que a alfabetização deve considerar os aspectos sociais e a visão de mundo dos sujeitos *aprendentes*, encaminhando-nos a uma nova reflexão sobre o letramento e da alfabetização que são *indissociáveis, simultâneos e interdependentes* (SOARES, 2004). A alfabetização encontra-se imbricada “[...] em práticas sociais de leitura e de escrita e por meio dessas práticas, ou seja, em um contexto de letramento e por meio de atividades de letramento; este por sua vez, só pode desenvolver-se na dependência da e por meio da aprendizagem do sistema da escrita (SOARES, 2004, p. 97).

O letramento, por sua vez, focaliza os aspectos sócio-históricos da aquisição da escrita. Entre outros casos, procura estudar e descrever o que ocorre nas sociedades quando adotam um sistema de escritura de maneira restrita ou generalizada; procura ainda saber quais práticas psicossociais substituem as práticas “letradas” em sociedades ágrafas. Desse modo, o letramento tem por objetivo investigar não somente quem é alfabetizado, mas também quem não é alfabetizado, e, nesse sentido, desliga-se de verificar o individual e centraliza-se no social (TFOUNI, 2010, p. 12).

A discussão que gira em torno da alfabetização adquire sentido envolvida no âmbito das práticas sociais. A contextualização de letramento comumente é defendida como conceito de alfabetização, “[...] provavelmente devido ao fato de o conceito de letramento ter sua origem em uma ampliação do conceito de alfabetização” (SOARES, 2004, p. 97). Essa discussão encaminha-nos ao questionamento do seu conceito tradicional que a considera como a aquisição da escrita enquanto aprendizagem de habilidades para leitura, escrita e as chamadas práticas de linguagem (TFOUNI, 2010). De maneira geral, a leitura do mundo precede a leitura da palavra: “[...] primeiro, a ‘leitura’ do mundo do pequeno mundo em que se movia; depois, a leitura da palavra que nem sempre, ao longo da sua escolarização, foi à leitura da *palavra mundo*” (FREIRE, 1997, p. 11).

Letramento é palavra e conceito recentes, introduzidos na linguagem da educação e das ciências linguísticas há pouco mais de duas décadas. Seu surgimento pode ser interpretado como decorrência da necessidade de configurar e nomear comportamentos e práticas sociais na área da leitura e da escrita que ultrapassem o domínio do sistema alfabético e ortográfico, nível de aprendizagem da língua escrita perseguido, tradicionalmente, pelo processo de alfabetização (SOARES, 2004, p. 96).

No campo da informação destaca-se o contexto da alfabetização no campo da informação que não desconsidera a importância do processo de formação da leitura com significado e entendimento, percebendo esses aspectos como sendo imprescindíveis ao acesso à sociedade da informação. “Na sociedade contemporânea, todo indivíduo está inserido em um meio letrado e faz uso da leitura e da escrita de acordo com suas necessidades” (BELLUZZO, 2007, p. 50). A alfabetização informacional (ALFIN) direciona-se ao desenvolvimento das competências de saber localizar, avaliar e utilizar informações agregando valor aos tipos de competências adquiridas e compartilhadas cotidianamente (GARCÍA-MORENO, 2011).

Entende-se ALFIN como um conjunto de habilidades e competências, desenvolvidas de forma disciplinada e coerente, capazes de tornar uma pessoa mais autônoma na busca e uso de informações. Ou seja, dentro de um ciclo completo de ações, o sujeito deverá perceber suas limitações e necessidades, o contexto onde se insere, para em um segundo momento iniciar a busca de informações que supram suas carências (SIMEÃO; PROENÇA, 2011, p. 121).

A importância do tema ALFIN conduziu pesquisadores da Faculdade de Ciência da Informação (FCI) da UnB à realização de oficinas de capacitação sobre informação, pesquisa

e comunicação apoiadas nas TIC, com destaque para a utilização da internet⁶⁰. Os pesquisadores utilizaram no processo o modelo “Indicadores de Inclusão Digital e Informacional direcionada à saúde” (IDEIAS) (SIMEÃO; PROENÇA, 2011). Ao partir de três indicadores principais (interatividade, hipertextualidade e hipermediação) avaliaram aspectos dos formatos de documentos na web e criaram um modo de verificar o modelo de comunicação extensiva⁶¹. Tendo como base conhecimentos relacionados com a ALFIN, na primeira etapa das oficinas desenvolveram as habilidades para pesquisa e busca de informação. Na segunda etapa trabalharam com as necessárias habilidades para a comunicação da informação.

Com a percepção dos conteúdos da oficina, o sujeito torna-se mais hábil na ação comunicativa e mais comprometido socialmente. Os Módulos Específicos estão baseados no modelo conceitual proposto (comunicação extensiva) e nas diretrizes do projeto ALFIN, cujas habilidades obedecem a uma sequência, trabalhada no modelo IDEIAS. São consideradas as atuações de multiplicadores (alunas de graduação e pós-graduação) e o público-alvo (SIMEÃO; PROENÇA, 2011, p. 134).

As ações do projeto ocasionaram em aspectos relacionados com a inclusão digital que fora trabalhada por meio de oficinas e seminários preparatórios, estimulando as habilidades e buscando uma atitude de pesquisa para encontrar soluções de problemas relacionados com atividades cotidianas e propriamente relacionadas com o uso das tecnologias (SIMEÃO; PROENÇA, 2011).

Torna-se importante então colocar que a “[...] alfabetização em informação é a capacidade de um indivíduo para detectar as informações que precisa saber acerca das diferentes fontes de informação, distinguindo-as de acordo com sua qualidade e confiabilidade” (GARCÍA-MORENO, 2011, p. 43). Estando também ligada a capacidade de localizar, recuperar e apreender criticamente as informações que busca ou recebe em diversos formatos (imagem, texto, som, etc.), o sujeito contemporâneo deve aprender a integrar as TIC a sua realidade de vida e trabalho.

Enquanto a ALFIN requer a capacidade de obter autonomia na seleção, avaliação e processamento de informações, procurando garantir a aquisição de habilidades para a

⁶⁰ O trabalho envolveu pesquisadores da Faculdade de Ciência da Informação da UnB e Universidad Complutense de Madrid, ampliando o debate dos conhecimentos produzidos no campo da Competência Informacional. Cita-se trabalho de ALFIN que fora iniciado em 2008 com Agentes Comunitários da Saúde (ACS) de Sergipe e Brasília.

⁶¹ O Modelo da comunicação extensiva é definido como um processo que avança com a instrumentalização de sistemas abertos, cooperativos e de compartilhamento de dados, tendo como objetivo a solução de problemas que atingem comunidades interpretantes e produtoras de conteúdos com uma forte influência dos aparatos tecnológicos (SIMEÃO, 2006; SIMEÃO; MELO, 2009).

formação ao longo da vida, a alfabetização digital direciona-se ao “[...] desenvolvimento de competências para o acesso e utilização de tecnologias de informação e comunicação e de habilidades de aprendizagem com meios e recursos digitais e eletrônicos” (GARCÍA-MORENO, 2011, p. 40).

Alfabetização digital aliada a ALFIN envolve a capacidade de esses e outros profissionais trabalharem em ambiente de rede e integrarem-se no ambiente local de atuação o que apreende, produz e compartilha no espaço digital. A sociedade da informação exige deles uma habilidade integradora que se dá no campo da competência em informação ao possibilitar ao sujeito contemporâneo “Ser capaz de entender o que significa acesso a uma rede de comunicações, seja no trabalho, em casa, em um café ou em qualquer outro local que permita serviços de internet” (GARCÍA-MORENO, 2011, p. 42).

Conhecimentos de informática que possibilitam usar computadores e outros equipamentos são frequentemente definidos como importantes para a constituição da alfabetização em informação. Na prática, um sujeito alfabetizado digitalmente deve ser capaz de saber o que um computador (ou outro tipo de equipamento) pode produzir e também deve executar tarefas simples, tais como, entender mensagens do sistema operacional das máquinas, copiar arquivos, copiar pastas, modificar área de trabalho, imprimir, apagar, criar diretórios, guardar dados/informação no disco, transferi-los, capturar imagens e textos digitais, etc. (GARCÍA-MORENO, 2011).

As habilidades citadas acabam requerendo uma base de conhecimentos avançados sobre as TIC, importantes para acessar aos serviços que as redes de comunicação oferecem. Os sujeitos se encontram envolvidos nesse processo como profissionais responsáveis pela produção e gestão de uma parcela significativa do conteúdo acessível à internet, em bibliotecas e em outros espaços tempo presenciais e virtuais de informação, educação e cultura, sendo eles jornalistas, professores, atores, bibliotecários, administradores, músicos, arquivistas e outros profissionais como os contadores de histórias.

A identificação das habilidades do narrador de histórias conectado em redes conduz a questões sobre o acesso à informação no campo da competência narrativa e, por conseguinte, das possíveis trocas de experiências e conhecimentos do sujeito narrador na sociedade da informação. Belluzzo (2013) inspira a abertura de algumas considerações sobre o trabalho desenvolvido entre bibliotecas e escolas (territórios de atuação dos contadores de histórias),

no que se refere ao campo da promoção da leitura e pesquisa, importante para tornar o cidadão capaz de buscar e acessar informações relevantes ao longo de sua vida.

4.3 A COMPETÊNCIA NARRATIVA DO CONTADOR DE HISTÓRIAS: HABILIDADES VOLTADAS À PESQUISA, PREPARAÇÃO E COMUNICAÇÃO DE UMA HISTÓRIA

E maneira mais completa, podemos colocar que a competência narrativa é composta por habilidades (saberes, fazeres e atitudes) adquiridas pelo sujeito narrador por meio da experiência e em atividades de formação (formais e informais), em diversos espaços tempos de informação, educação e cultura. Por conta disso, acaba sendo definida como habilidades de comunicação de uma narrativa que compreende o domínio de técnicas voltadas à transmissão da palavra oral.

As habilidades de comunicação estão ligadas a capacidade de o contador de histórias apresentar-se em público, verbalizar a narrativa com linguagem apropriada, bem como, entender as mensagens que são emitidas pelo público durante a sua *performance* já que estes também emitem mensagens como coprodutores do processo (DEMO, 2012; MORAES, 2012).

Torna-se comum ouvirmos a colocação de que contar histórias é um dom e que os narradores de histórias apresentam “habilidades naturais” definidas como capacidades de saber fazer algo “sem estudo ou formação” (DEMO, 2012, p. 9). Também podemos observar que alguns sujeitos possuem maior facilidade do que outros para contar e cativar seu público. Além de ser uma atividade inata, contar histórias exige a aquisição de técnica e preparo para o seu aperfeiçoamento.

Como toda arte, a de contar histórias também possui segredos e técnicas. Sendo uma arte que lida com matéria-prima especialíssima, a palavra, prerrogativa das criaturas humanas, depende, naturalmente, de certa tendência inata, mas pode ser desenvolvida, cultivada [...] (SILVA, 1999, p. 9).

A colocação de que todos os narradores são capazes de aprimorar a prática da contação de histórias é verdadeira. “Para obter maior experiência e segurança, ao narrador é essencial preparar antecipadamente e cuidadosamente o conto que irá contar” (CASTRONOVO;

MARTIGNONI, 1994, p. 30)⁶². Qualquer pessoa que esteja disposto a contar histórias profissionalmente deve trabalhar sua habilidade comunicativa adquirindo as técnicas necessárias aos contextos de seleção, preparação e apresentação. “Dessa forma, poderíamos dizer que qualquer pessoa que tenha voz, algum poder de memória e uma capacidade de observação, de reflexão, e que seja capaz de tirar lições da vida é um contador de histórias em potencial” (MATOS; SORSY, 2009, p. 36).

O levantamento teórico sobre a arte de contar histórias permitiu que entrássemos em contato com conceitos, definições e que entendêssemos como as habilidades comunicativas podem ser aperfeiçoadas. Tornou possível compreender diferentes abordagens sobre técnicas de transmissão da palavra oral que comumente são direcionadas ao aperfeiçoamento dessa prática milenar. A prática narrativa acaba então requerendo a necessidade de reafirmar as competências que os sujeitos contadores possuem de maneira a possibilitar “[...] a construção do conhecimento para a inovação e desenvolvimento social” nos seus territórios de atuação (BELLUZZO, 2007, p. 17).

A mola propulsora da atividade do sujeito narrador continua sendo a fantasia, a imaginação e, principalmente, a criatividade no momento de preparação de um conto que aumenta uma diversidade de encontros de ideias. Também é importante enfatizar “[...] que a utilização da criatividade requer a existência e promoção de espaços dinâmicos e interativos e atividades que permitam o acesso e uso da informação para a aquisição e produção de conhecimento que envolve a competência em informação [...]” e a competência narrativa (BELLUZZO, 2013, p. 67).

Ao pensar no exposto, elaboramos uma possível identificação das habilidades (ser, conhecer e fazer), necessárias para compor a categoria da competência narrativa. O levantamento apresentado demonstra a capacidade de narrar do narrador de histórias contemporâneo, ao se debruçar sobre a história que é resgatada oralmente, em livros, sites da internet ou compartilhada pelos pares. Sendo assim, inicialmente ganham destaque, as habilidades de seleção, preparação e comunicação da narrativa (Quadro 9).

Habilidades componentes da competência em informação e da competência cênica também são necessárias para que a narrativa oral seja comunicada em diferentes espaços da sociedade

⁶² “Por más experiencia o seguridad que el narrador posea, es imprescindible preparar con anterioridad y cuidadosamente el cuento a narrar” (CASTRONOVO; MARTIGNONI, 1994, p. 30).

em rede. “A narração oral é uma maneira de mediar, de ‘construir ponte’, porque conecta uma cultura com a outra... Não apenas conecta porque permite ir ao encontro do ser humano, mas porque usa técnicas e ferramentas [...]” (NKAMA, 2012, p. 260). A articulação das habilidades, então, requer a articulação e o domínio de técnicas a elas relacionadas, compreendidas nesta tese como um conjunto de procedimentos que têm como meta transmitir a narrativa oral em diversos territórios de atuação do contador de histórias.

Quadro 9 - Habilidades e técnicas relacionadas com a competência narrativa

HABILIDADES DA COMPETÊNCIA NARRATIVA	HABILIDADES RELACIONADAS	TÉCNICAS RELACIONADAS
Pesquisa de histórias	Busca, recuperação, avaliação e seleção de um texto, áudio e/ou imagem narrativa e outras habilidades componentes da competência em informação.	Conhecimento sobre o manuseio de equipamentos eletrônicos ou não; consulta a catálogos manuais e digitais; domínio de acesso às redes digitais e aos acervos presenciais para buscar, avaliar e recuperar informação. Técnicas de seleção/resgate de contos da tradição oral que foram ou não registrados.
Preparação de histórias	Leitura, (re)escrita e memorização da narrativa e outras habilidades ligadas ao processo de alfabetização e letramento.	Conhecimento que possibilita a compreensão do código da escrita, competência leitora e de escrita, conhecimento do contexto social de modo a ler, escrever um roteiro, gravar a história, acrescentar recursos, (re)escrevê-la quando necessário e memorizar a história.
Comunicação de histórias	Expressão vocal, corporal e facial, etc. e outras habilidades classificadas nesta tese como cênicas ⁶³ .	Conhecimento do uso da voz, da expressão facial e do corpo, bem como, de técnicas relacionadas com a previsão do tempo de realização, ambientação do espaço e interação com o público.

Fonte: Produzido pela autora durante a realização da pesquisa.

4.3.1 Habilidades voltadas à pesquisa da história

Ao preparar um texto, o narrador faz uso de várias habilidades e na maioria das vezes a pesquisa de histórias é a primeira delas. Essa habilidade comunicativa é entendida como um processo orientado e planejado com o objetivo de encontrar e avaliar um texto narrativo, envolvendo com isso outras habilidades. Destacamos principalmente as habilidades que

⁶³ Neste estudo as habilidades cênicas, importa colocar são entendidas com base nos estudos de Fernandes (2006) que as relaciona com (re) construção de memórias corporais e história social. Por meio dos estudos dessa pesquisadora compreendemos a necessidade de integrar habilidades como corporais e faciais ao contexto da competência narrativa do contador de histórias.

constituem a competência em informação, a saber: busca; recuperação, avaliação e seleção do texto da história.

A busca de um texto ocorre em contextos híbridos (espaço presencial e virtual), como em acervos físicos de bibliotecas, internet, CD, etc., tornando possível a sua apropriação por meio de variadas técnicas a recuperação para posterior assimilação. A apropriação das técnicas acontece de maneira muito pessoal, requerendo o manuseio de equipamentos eletrônicos, consulta a catálogos manuais, domínio dos mecanismos de acesso às redes digitais e presenciais. Requer também a aquisição de técnicas de seleção/resgate de contos da tradição oral que foram ou não resgatados e posteriormente registrados.

A habilidade de pesquisa requer o conhecimento dos territórios de atuação que envolve elementos como a percepção do tipo de público a ser atendido e a faixa etária com a qual se trabalhará (avaliação da relevância do texto a ser utilizado). Em outras palavras, ao selecionar uma história direcionada a um público infantil, por exemplo, saber buscar e avaliar a história que fará parte do repertório requer o conhecimento do interesse desse público. Em linhas gerais, o contador de histórias deve conhecer a realidade social dos atores para os quais estabelecerá contato. Dependerá das habilidades de pesquisa para viabilizar o momento central da contação de histórias direcionada a infância, juventude, idade adulta e terceira idade que dispõem de gostos por narrativas diferenciadas.

A faixa etária predominante entre os ouvintes influenciará não apenas a escolha da história, mas também a construção linguística, a maneira de narrar, os recursos utilizados, assim como o tempo de duração da história, que costuma variar entre cinco a dez minutos nos meios urbanos, podendo, é claro, alcançar vinte ou mesmo quarenta minutos com o uso de recursos e técnicas adequadas ao momento e ao público. Na infância a variação da duração pode ser considerada diretamente proporcional à faixa etária. Por outro lado, o uso de recursos tais como interação, música e mudanças de ritmos podem aumentar o tempo de atenção dos ouvintes e conseqüentemente a duração da mesma (MORAES, 2012, p. 50).

Narrando pode-se encantar jovens, crianças, adultos, não existe uma melhor idade para aderir a essa prática. Os contadores contemporâneos interagem com um público cada vez mais diversificado. “Como um alfaiate, experiente ou novato, o contador precisa conhecer o seu ofício que também se faz em cortar, emendar, conhecer a tessitura do texto” (GOMES, 2012, p, 24). Desse modo, apresentamos uma indicação dos interesses predominantes em fases de idades diferenciadas que deve ser analisado de maneira flexível tanto pelo contador de histórias que acabou de se iniciar na arte quanto pelo experiente (Quadro10).

Quadro 10 - Indicação de histórias tendo em vista a faixa etária do público

FAIXA ETÁRIA		NARRATIVAS
1ª FASE	Até 3 anos: fase pré – mágica 3 a 6 anos: fase mágica	<ul style="list-style-type: none"> • histórias de bichinhos, brinquedos, objetos, seres da natureza (humanizados); • histórias de crianças; • histórias de repetição e acumulativas; • histórias de fadas
2ª FASE	7 anos	<ul style="list-style-type: none"> • histórias de crianças, animais e encantamento; • aventuras no ambiente próximo: família, comunidade; • histórias de fadas;
	8 anos	<ul style="list-style-type: none"> • histórias de fadas com enredo mais elaborado; • histórias humorísticas;
	9 anos	<ul style="list-style-type: none"> • histórias de fadas; • histórias vinculadas à realidade;
	Até 15 anos	<ul style="list-style-type: none"> • aventuras, narrativas de viagens, explorações, invenções; • fábulas, mitos, lendas;
3ª FASE	15 anos em diante: Juventude, fase adulta e melhor idade	<ul style="list-style-type: none"> • adaptação principalmente das histórias da 2ª fase, tendo em vista os objetivos do público.

Fonte: Adaptado de Silva (1999).

A indicação apresentada é importante principalmente para o narrador iniciante. Deve-se, então, levar em consideração a predileção do público para o qual as informações das narrativas serão disseminadas. De todo modo, a história deve ser o mais condizente possível com os interesses e faixa etária dos ouvintes, devendo o contador de histórias não levar em consideração apenas o seu próprio estilo e gosto. Este, por sua vez, em função do público, muitas vezes deve adaptar a linguagem tornando a narrativa mais dinâmica e interessante de ser ouvida (SILVA, 1999).

Um contador mais experiente consegue perceber mais facilmente as necessidades do público que pode ir ou não ao encontro da indicação de histórias adaptada da obra de Silva (1999), não devendo aparecer como uma camisa de força ao tocar em elementos que fazem parte de um processo subjetivo. “Adequar a escolha da história à necessidade e realidade do grupo para o qual se vai contar também é importante, sobretudo quando o narrador permite um contato que suscite perguntas e respostas internas aos anseios dos ouvintes” (MORAES, 2012, p. 49). Com a seleção de um texto narrativo “[...] o contador toma parte da autoria das histórias que narra, ao mesmo tempo em que também oferece aos seus ouvintes a possibilidade de apoderar-se delas” (FLECK, 2009, p. 38).

O momento de escolher uma história pra contar é muito importante. Critério indispensável é o que leva em conta a qualidade literária (o trabalho com a linguagem escrita) do texto que vai ser contado. Então, abrir espaço para o lúdico, para o humor, sem deixar de observar a força e a coerência dos personagens, atentar para a magia e a fantasia ou o real entremeando os diálogos fluidos e ricos. É sempre bem-vinda a sugestão poética perpassando o texto e tocando a sensibilidade do ouvinte (SISTO, 2012a, p. 25).

Sisto (2012a, p. 39) expõe que o interesse pela contação de história também pode surgir devido a ausência delas em alguma fase da vida: “A história tem que preencher em nós alguma coisa que provavelmente nos falta”. Silva (1999) contextualiza que os primeiros passos para a seleção das narrativas é gostar delas, compreendê-la para melhor transmiti-las aos ouvintes, devendo antes disso o contador levar em consideração o interesse do público.

O primeiro passo parece um mistério: sentir algo especial pelo conto, porque acreditamos que só poderemos contar bem uma história quando ela nos toca de forma especial, quando faz vibrar alguma coisa dentro de nós. É a paixão que vai permitir o trânsito e a circulação da história (SISTO, 2012a, p. 34).

Existem diversas maneiras de descobrir as riquezas de um conto, porque são várias as riquezas que se podem fazer dele. Igualmente variadas são as possibilidades de trabalhar com ele. E cada contador, usando de suas habilidades, deverá encontrar sua forma de fazê-lo (MATOS; SORSY, 2009, p. 17-18).

Tendo como base a exposição teórica de Sisto (2012a), Matos e Sorsy (2009), entendemos que a escolha de uma história pode surgir no momento em que o narrador é tocado pelo enredo da narrativa. Logo em seguida, torna-se possível que o trabalho com o texto seja algo especial para narrador e público. Apesar de essa habilidade parecer um processo individual e solitário, se constitui na memória social de um coletivo que permite a criação de diálogos em torno da história recuperada.

Recorrendo à própria memória e analisando-se um pouco, o contador poderá perceber o quanto existe de semelhança entre as experiências que ele vem adquirindo ao longo

de sua vida e a trajetória dos personagens de um conto. Através desse processo de identificação e de empatia com os personagens, o conto a ser narrado deixa de ser apenas interessante, engraçado, ou o que quer que seja, para transformar-se também num meio de compartilhar com sabedoria, charme, humor e sutileza as próprias experiências de vida (MATOS; SORSY, 2009, p. 10).

Com a finalidade de adquirir ou ressignificar a habilidade de pesquisa das histórias, em suma o contador deve buscar uma ligação efetiva com os personagens, buscar uma identificação com as situações que eles vivem e estabelecer um paralelo com as suas próprias experiências que subentende a história de vida de um coletivo. “Contar histórias não é nunca uma opção ingênua. É uma maneira de olhar o mundo” (SISTO, 2012a, p. 39).

O sujeito narrador possui um olhar diagnóstico, permitindo observar o público e logo as imagens mentais da melhor história a ser contada aparecerá. “O contador de histórias tem que ter seus sentidos sempre duplicados: ele olha para si e para o público ao mesmo tempo. [...] Ele sente a história que está contando. Sem essa perspectiva a contação de história não nasce” (SISTO, 2012a, p. 51).

Sisto (2012a, p. 41) nos auxilia a pensar que a narração de histórias é um ato de mobilização de uma série de habilidades e “Cada contador conta diferente do outro – a mesma história”. Tendo em vista o exposto, debruçamo-nos sobre a continuação do estudo das habilidades necessárias a composição da competência que possibilita a preparação da história selecionada com maestria. São elas as habilidades de leitura, memorização e (re)escrita da história, importantes para a preparação de um texto.

4.3.2 Habilidades voltadas ao preparo da história

A habilidade comunicativa que permite a preparação de uma história envolve a mobilização de conhecimentos (saberes) adquiridos ao longo da vida pessoal e profissional do contador de histórias. Essa capacidade de mobilização requer uma atitude (saber ser) no campo da narrativa oral ao conduzir o narrador de histórias à execução (saber fazer) de sua atividade. A leitura, escrita e memorização, por exemplo, relacionam-se ao contexto da alfabetização (conhecimento da técnica de saber ler e escrever) que não exclui o conhecimento de mundo que o narrador de histórias possui (letramento).

A leitura (silenciosa ou em voz alta) é uma habilidade importante para o início do processo de preparação de um conto. Permite a interiorização da história e com ela também se pode realizar uma espécie de “auto escuta” no momento de preparação e posterior apropriação.

“Todas essas ações permitem que o narrador naturalmente esteja familiarizado com o texto, com suas palavras, suas voltas, estribilhos, nomes próprios, lugares, etc.⁶⁴” (CASTRONOVO; MARTIGNONI, 1994, p. 31).

A grande ‘dica’ para ser um bom narrador de contos é ler muito; os livros, as placas, os gestos, as pessoas, a vida que vai em cada coisa. E não ter pressa: o contador de histórias tem que ter paixão pela palavra pronunciada e contar a história pelo prazer de dizer (que é muito diferente de ler uma história, que também é diferente de explicar uma história!). Mas igualmente intensa deve ser a paixão pelo silêncio. E esse é o aprendizado mais difícil pelo imediatismo que nos assola nesse final de século! Só quando o silêncio interior se torna insuportável é que o contador está pronto para contar uma história. É preciso estar cheio desse silêncio para que contar a história seja absolutamente necessário. Toda preparação de história produz um rumor silencioso que vai se amplificando até explodir na palavra. Esse é o processo de maturação de uma história, sem o qual não há contação (SISTO, 2012a, p. 24-25)!

A leitura permite o conhecimento do texto selecionado o que é de suma importância, devendo também o sujeito narrador sair do campo de uma leitura superficial. Uma leitura mais aprofundada se torna fundamental, de maneira a fomentar o reconhecimento das partes importantes do texto (SISTO, 2012a). A preparação de um conto também envolve o conhecimento de técnicas que possibilitem a compreensão do código da escrita, de maneira a escrever e reescrever um roteiro para aprender a contar uma história, por exemplo.

A escrita permite que o contador de histórias trabalhe na demarcação das partes da história (introdução, enredo, ponto culminante e desfecho), podendo em alguns momentos “Anotar frases que se repetem [o que] é muito significativo para a história” (CASTRONOVO; MARTIGNONI, 1994, p. 31)⁶⁵. Destacar “de onde” e “de que época” se trata a história também é importante, bem como, “[...] quem são os personagens principais, os secundários, quais são as suas características. Perceber se esses personagens e suas características irão permitir um toque especial na voz, uma imitação” (DOHME, 2013, p. 31).

Em alguns momentos, a simples demarcação dos pontos centrais da história não é o bastante, requerendo do sujeito narrador a capacidade de (re) escrita da história de forma que possibilite facilmente a sua narração e posterior interesse do público. É preciso “Não esquecer que uma história, para ser contada, precisa estar adequada ao público, ao espaço onde vai ser contada e ter uma linguagem acessível e que não descaracterize o estilo do texto” (SISTO, 2012a, p.

⁶⁴ “Todas estas acciones permiten familiarizarse naturalmente con el texto, con sus palabras, sus giros, estribillos, nombres propios, lugares, etc” (CASTRONOVO; MARTIGNONI, 1994, p. 31).

⁶⁵ “Anotar también giros, rimas y frases que se repiten, o muy significativas para el relato” (CASTRONOVO; MARTIGNONI, 1994, p. 31).

49). Enfocamos que muitas vezes essa habilidade possibilita que uma adaptação de sucesso seja publicada e disponibilizada, por exemplo, em obras literárias e em sites da web/internet.

A relação que será estabelecida com o público deve ser pensada desde o início da preparação de um conto ou não conto. “Claro que o ouvinte de uma história experimenta o prazer e a necessidade de voltar ao texto, buscar o livro, se a história tiver sido bem [selecionada e posteriormente] contada” (SISTO, 2012a, p. 46). Tendo como finalidade também auxiliar no processo de incentivo à leitura, o narrador pode dividir as histórias em três partes: introdução, desenvolvimento (que envolve o clímax) e desfecho. A divisão de uma sequência com palavras-chaves ajudam na recuperação da estrutura narrativa, constituindo-se como um modo de construção de um roteiro. “Se o contador da história constrói esse roteiro, no início do trabalho e dos ensaios, ele vai ganhando segurança e domínio da história que está preparando” (SISTO, 2012a, p. 115).

Como um colecionador, que conhece a fundo cada peça de sua coleção, o contador de histórias há de reconhecer cada parte da estrutura de uma história que ele conta. É a familiaridade, pelo estudo, com as partes do conto que vai permitir trabalhar uma história com coloridos diferentes para cada movimento. Uma história não é só introdução, desenvolvimento, clímax e conclusão. Uma história é forma e conteúdo. Mas é pelo reconhecimento da forma que se pode valorizar o conteúdo na hora de contar. Perceber uma história, como se percebe a batida do coração e os estímulos nervosos do cérebro, não é apenas decodificá-la, é recheá-la de vida e de humanidade. E a arte tenta, a todo momento, reencontrar essa fonte original (SISTO, 2012a, p. 34)!

O vocabulário usado é de extrema importância, precisando ser correto, evitando, com isso, o uso indevido de gírias e palavras grosseiras. Deve-se optar por palavras de acordo com o entendimento do público atendido. Deve-se evitar a tendência de infantilização da platéia, como se a contação de história fosse sempre direcionada ao público infantil (SISTO, 2012a). Uma mesma história pode ser contada de várias formas tendo como vertente a articulação da narrativa oral e das diversas técnicas que o sujeito narrador tem ao seu dispor e que pode com liberdade escolher. Também se deve considerar os objetivos e as circunstâncias ao utilizá-los (SILVA, 1999).

[...] o narrador deve estar consciente de que importante é a história, ele apenas conta o que aconteceu, emprestando vivacidade à narrativa, cuidando as limitações impostas pela escrita. A história é que sugere o melhor recurso de apresentação, sugere inclusive as interferências feitas por quem a conta (SILVA, 1999, p. 11).

O roteiro também auxilia no processo de memorização da história, habilidade importante que não apenas consiste em gravar na memória a sequência em que a história será contada. “Frequentemente observamos que a primeira intenção de um futuro narrador é tentar

memorizar literalmente toda história palavra por palavra. Isso não é recomendado porque a narrativa da história perde a naturalidade” (CASTRONOVO; MARTIGNONI, 1994, p. 34)⁶⁶. Sisto (2012a) corrobora com o exposto, ao afirmar que o contador de histórias deve entender a sequência da história e despertar emoção no momento exato da narração. A memória social possibilita que esse narrador busque em suas vivências elementos que possam suscitar a emoção necessária. Ainda acerca dessa etapa,

Na atualidade o narrador memoriza as histórias que comumente são encontradas nos textos dos livros, em web sites e outros suportes. Os textos escritos funcionam como um instrumento de memorização da tradição popular. “A nova viagem dos contos é, portanto, a história de um novo sopro que os faz sair dos livros para retornar ao vento. E, como palavra reinventada na voz dos contadores contemporâneos, deverão encontrar novos caminhos” (MATOS, 2014, p. 16).

Enquanto estamos contando histórias a mente transita entre a busca daquilo que foi memorizado e a lembrança da história escolhida, estudada e preparada, e a construção linguística das frases, a escolha criativa das palavras que expressarão, no presente, aquilo que memorizamos (MORAES, 2012, p. 54).

A memória é uma habilidade valorizada nas culturas orais e que possibilita a comunicação da tradição. “Mas o modo como a memória verbal funciona em formas artísticas orais é muito diferente daquele que os indivíduos pertencentes à cultura escrita do passado comumente imaginavam” (ONG, 1998, p.70). Para que tudo aconteça precisa dedicar-se ao ensaio das narrativas. O ensaio talvez seja uma das fases mais importantes para o contador de história que se vê próximo do momento da comunicação da narrativa, exigindo com isso algumas habilidades que não podem ser confundidas com as de um profissional ator.

Com base na experiência adquirida nos anos de narração de histórias e formadores nessa área, em primeiro lugar sugerimos que durante o ensaio seja usado a gravação para escutar e eliminar erros (CASTRONOVO; MARTIGNONI, 1994, p. 36)⁶⁷.

Se você nunca narrou, faça sozinho em voz alta ou para outros que praticam a narrativa. Lembre-se que a crítica bem intencionada é uma das melhores ajudas para superar-se (CASTRONOVO; MARTIGNONI, 1994, p. 36)⁶⁸.

⁶⁶ “Frequentemente observamos que una primera intención del futuro narrador es intentar memorizar literalmente, palabra por palabra, todo el cuento. No lo recomendamos. El relato pierde frescura y personalidad” (CASTRONOVO; MARTIGNONI, 1994, p. 34).

⁶⁷ “Sugerimos, de acuerdo a la experiencia recogida en estos años de narrar y formar narradores, que el ensayo se realice en primer lugar mediante una grabación para poder escucharse y detectar posibles errores” (CASTRONOVO; MARTIGNONI, 1994, p. 36).

⁶⁸ “Si nunca narró, hagalo solo, en voz alta o ante adultos que practiquen la narración. Recuerde que la critica bien intencionada es una de las mejores ayudas para superarse” (CASTRONOVO; MARTIGNONI, 1994, p. 36).

Sem determinismos é possível afirmar que não existe uma receita mágica para a estruturação e realização de um ensaio e, por conseguinte, as palavras escritas por Sisto (2012a) acabam contraponto aquilo que foi exposto por Castronovo e Martignoni (1994): “Mas, alto lá! Só se conta bem aquela história que a gente amou, estudou e contou pras paredes, pro teto, pro espelho, pros filhos, até que ela brote dos lábios com veemência, convicção, detalhe e emoção” (SISTO, 2012a, p. 25).

A narração no ensaio em frente ao espelho não é recomendada por alguns autores, devido poder de alguma maneira atrapalhar a concentração e impedir a interiorização da história (CASTRONOVO; MARTIGNONI, 1994). Entretanto, é uma técnica bastante recomendada em oficinas de contação de histórias e, portanto, comumente utilizada pelos narradores. Enquanto durar a insegurança a gravação e a apresentação da narrativa para os amigos, familiares e pares, pode ser boas opções para a realização dos ensaios, importantes para qualquer tipo de narrador (profissional ou amador).

Fotografia 8 – Narração com uso de recursos na EMEF ABL



Fonte: Produzida durante a elaboração da pesquisa.

Antes de terminar a contextualização das habilidades citadas e que tanto auxiliam no processo de exposição da narrativa, torna-se importante colocar que “A originalidade não consiste em introduzir novo material, mas em adaptar o material tradicional de modo eficaz a cada situação específica, única, e/ou ao público” (ONG, 1998, p.73). Para isso, o narrador de histórias também conta com recursos auxiliares que contribui na preparação de sua *performance* (ensaio), podendo apresentar uma história como a simples narrativa, com o auxílio de um livro, usando gravuras ou com a interferência do narrador e dos ouvintes (SILVA, 1999).

Recursos comumente são testados antes de serem utilizados numa sessão de contação de histórias. Durante os ensaios os narradores poderão abrir mão de uma infinidade de recursos, conforme destacado: fantoches; músicas, instrumentos; ilustrações e outros recursos que são cotidianamente utilizados por contadores de histórias que combinam essa arte com técnicas de outras áreas (SILVA, 1999).

Importante colocar que a utilização de recursos exige uma maior habilidade por parte do narrador de histórias, tais como, saber manejar os fantoches com propriedade, cantar ou tocar instrumentos (Fotografia 8). Todavia, o contador de histórias também pode fazer parcerias com músicos e outros profissionais que possam auxiliar no processo de utilização de recursos.

O uso de recursos dá uma outra direção à questão da interação entre o ouvinte e o narrador. Tira um pouco da intimidade entre ambos, pois há outra “pessoa” na ação. Por outro lado, algumas crianças poderão se sentir mais à vontade falando com o personagem (DOHME, 2013, p. 32).

Um recurso ao ser utilizado, não deve aparecer mais do que a narrativa oralizada. A simples narrativa é o maior de todos os recursos, “Não requer nenhum acessório e se processa por meio da voz do narrador, de sua postura. Este, por sua vez, com as mãos livres, concentra toda a sua força na expressão corporal” (SILVA, 1999. p. 31). A expressão vocal, corporal e facial são extremamente importantes para a transmissão de uma narrativa oral.

4.3.3 Habilidades voltadas à comunicação da história

Dohme (2013) expõe que contar histórias funciona como um meio de comunicação entre crianças, jovens e adultos que podem estabelecer suas relações com base numa convivência harmônica ao adotar trabalhos que tenham como base a narrativa oral. A comunicação interpessoal continua sendo a base do trabalho do contador de histórias. Tendo em vista que

“Um dos maiores problemas das crianças em idade escolar é a comunicação” (CASTRONOVO; MARTIGNONI, 1994, p. 45)⁶⁹. As histórias podem ser usadas como uma forma de comunicação por pais e filhos que, por intermédio da narrativa oral, encontram a possibilidade de dialogar sobre o vivido. Esse processo permite uma “[...] auto-identificação, favorecendo a aceitação de situações desagradáveis, ajuda a resolver conflitos, acenando com a esperança. Agrada a todos, de modo geral, sem distinção de idade, de classe social, de circunstância de vida” (SILVA, 1999, p. 12).

Mesmo sem se dar conta, as pessoas usam este artifício no dia a dia. É comum, querendo dar mais ênfase ou veracidade a uma afirmação, o interlocutor usar de uma história acontecida com ele, com amigos ou até com uma pessoa de quem ‘ouviu falar’. Isso dá a impressão de que a outra pessoa irá entender melhor aquilo que está querendo transmitir (DOHME, 2013, p. 16).

A comunicação da narrativa fundamenta-se na ressignificação de narrativas como os mitos. Nos mitos encontram-se explicações para as grandes questões do mundo/da vida. Crianças, jovens e adultos de todas as idades revivem nos contos antigos temas que remontam mais de dois mil anos atrás. Por meio dos contos, costumes ganham visibilidade e são assumidos em diferentes tipos de personagens, animais e formas desconhecidas de vida que abrem novos horizontes em termos de conhecimento e imaginação (CASTRONOVO; MARTIGNONI, 1994).

Especialmente em setores populares, os professores muitas vezes falam uma língua diferente para as crianças. Por esse motivo, recomendamos a leitura ou a contação de história, porque por meio da afetividade a história serve como um elo entre os dois lados (CASTRONOVO; MARTIGNONI, 1994, p. 45)⁷⁰.

Dohme (2013) parte do princípio de que as histórias são veículos de informação com conteúdos relevantes de serem disseminados, com características diferenciadas no ato de contar histórias e que distingue essa prática do ato de ler, prática bastante utilizada em ambientes de educação formal e informal. “O primeiro passo para uma boa história é amar a leitura, desfrutar dela e desejar transmiti-la às crianças e os jovens em torno de nós” (CASTRONOVO; MARTIGNONI, 1994, p. 30)⁷¹.

⁶⁹ “Uno de los mayores problemas de los chicos en edad escolar es el de la comunicación” (CASTRONOVO; MARTIGNONI, 1994, p. 45).

⁷⁰ “Frecuentemente, sobre todo en los sectores populares, los docentes hablan un lenguaje distinto al de los niños. Por eso, recomendamos el cuento narrado o leído, porque sirve de puente entre ambos por vía de La afectividad” (CASTRONOVO; MARTIGNONI, 1994, p. 45).

⁷¹ “El primer paso hacia una buena narración es amar la lectura, desfrutar de ella y desear transmitirla a los niños y jóvenes que nos rodean” (CASTRONOVO; MARTIGNONI, 1994, p. 30).

É necessário [também] sublinhar as diferenças de naturezas do texto escrito e da narração oral: a do primeiro aponta para o consumo solitário, a do segundo para o consumo solidário. A transposição de um meio para outro vai determinar outras exigências; não mais a descrição, mas a síntese: não só a palavra, mas o gesto, as pausas, os silêncios, os movimentos corporais e as expressões faciais (SISTO, 2012a, p. 33).

A habilidade de comunicação da história exige conhecimentos e atitudes perante uma análise mais apurada do texto apropriado por meio da leitura, escrita e memorização. Também é preciso saber buscar um texto narrativo e ligá-lo ao contexto social de atuação. Por meio desse conjunto de habilidades (pertencentes à competência em informação e que requer alfabetização/letramento), torna-se possível a transmissão da narrativa acontecer com maior naturalidade.

Não é necessário tomar partido por uma técnica, desprezando a outra: “A narração e leitura de histórias se complementam e nutrem uma a outra [...]” (CASTRONOVO; MARTIGNONI, 1994, p. 17)⁷². Muitas vezes o contador de histórias exercita a leitura inúmeras vezes antes de narrá-la de memória. Desse modo, entendemos que narrar pressupõe tanto a escuta quanto a leitura de um texto.

A tradição dos estudos históricos ensina que a oposição entre contar e ler não se sustenta como prática de letramento. Assim como ouvir demanda atenção e falar pressupõe uma escuta, a leitura de um texto escrito não desqualifica a narração oral que por ventura a anteceda. Há sempre uma acomodação nos sistemas com a introdução de uma nova prática (YUNES, 2012, p. 59).

Leitura e narração são técnicas diferenciadas que merecem uma melhor contextualização, principalmente do ponto de vista da narrativa oral que alimenta a prática comunicativa de contar histórias. Castronovo e Martignoni (1994) entendem que existem contos⁷³ destinados a serem narrados enquanto outros a serem lidos.

Advertimos que as histórias contadas com maior facilidade, são provenientes da tradição oral ou obra de um autor com as seguintes características: linguagem clara e simples; estrutura linear; predominância do discurso direto; enredo simples (CASTRONOVO; MARTIGNONI, 1994, p. 19)⁷⁴.

Da mesma forma, histórias para serem lidas são aqueles que têm essas peculiaridades: recursos estilísticos particulares; complexidade na estrutura; qualidade estética do

⁷² “La narración y la lectura de cuentos se complementan, se nutren una a la otra [...]” (CASTRONOVO; MARTIGNONI, 1994, p. 17).

⁷³ “O conto é a arte da relação entre o contador e seu auditório. É através dessa relação que o conto vai adquirindo seus matizes, suas nuances. Contador e ouvintes recriam o mesmo conto infinitas vezes” (MATOS; SORSY, 2009, p.8).

⁷⁴ “Advertimos que los cuentos para ser narrados con mayor facilidad, son todos aquellos provenientes de La tradición oral o de autor que posean las siguientes características: lenguaje claro y sencillo; estructura lineal; predominio del estilo directo; anécdota simple” (CASTRONOVO; MARTIGNONI, 1994, p. 19).

livro como objeto; integração de texto e ilustração (CASTRONOVO; MARTIGNONI, 1994, p. 19)⁷⁵.

A comunicação (verbal ou não) de um momento narrativo difere do modelo que sugere que a ação de comunicar transfere informação entre receptores e emissores? “Na comunicação humana real, o remetente deve estar não apenas na posição de remetente, mas também na do receptor antes que ele possa enviar algo” (ONG, 1998, p.196). O objetivo original de comunicação do contador de histórias (emissor) deverá ser conservado pelo ouvinte (receptor) durante a apresentação oral. Nesse processo de comunicação, o público e o contador de histórias que trabalha com ação cultural em determinados momentos assumem a posição de emissor e receptor.

Tenho de perceber algo na mente do outro, com o que meu discurso possa se relacionar. A comunicação humana nunca possui mão única. Durante todo o tempo, ela não apenas exige uma resposta, mas tem sua própria forma e seu próprio conteúdo moldados pela resposta prevista (ONG, 1998, p.197).

Os canais não verbais como a expressão facial, os gestos, a postura ou até mesmo a distância entre os participantes, conduzem a um processo de comunicação significativo, tornando possível o resgate das narrativas preservadas pela memória e a aplicação delas no contexto de vida dos participantes. Esse processo acontece em um momento de apresentação que assuma a característica de ação cultural, ao envolver o estabelecimento de diálogos em torno das histórias contadas. O mesmo pode ser iniciado com o objetivo apenas de diversão (animação cultural), culminando em uma ação que tenha a participação do coletivo.

Contar histórias não é uma tarefa fácil e estamos cada vez mais convencidos de que é preciso certa habilidade, exercício e preparo para controlar todos os mecanismos que entram em jogo a cada vez que se quer ‘comunicar’ uma história a uma plateia (SISTO, 2012a, p. 41).

A contação de histórias é um *espetáculo performático* e essa noção espetacular muitas vezes carrega consigo a utilização de recursos artísticos advindos de diversas áreas (SISTO, 2012a) e habilidades advindas do teatro, da dança, do canto e de outras expressões artísticas tornam mais efetivo o processo de comunicação com seu público.

A contação pode complementar-se também com a utilização de outras artes como a música, a dança, a poesia, a declamação, a mímica, as artes plásticas... Não existem regras fixas, alguns utilizam elementos (objetos), outros preparam cenários e figurinos sofisticados, enquanto há aqueles que utilizam somente a sua própria voz com grande maestria e são capazes de manter a plateia atenta por bastante tempo. Cada um

⁷⁵ “De igual modo, los cuentos para ser leídos, son aquellos que tienen estas peculiaridades: recursos estilísticos particulares; complejidad en la estructura; calidad estética del libro como objeto; integración de texto e ilustración” (CASTRONOVO; MARTIGNONI, 1994, p. 19).

determina a sua maneira de narrar. Os contadores se apresentam em grupos, duplas ou sozinhos (FLECK, 2007, p. 221).

No processo de comunicação de uma história “As emoções se transmitem pela voz, principal instrumento do narrador” (SILVA, 1999, p. 50). A narração oral possui alguns elementos que devem ser considerados para que esse momento tenha sucesso (DOHME, 2013). As técnicas ligadas à competência de comunicação acabam estando relacionadas com a *performance* artísticas mais comuns ao contador de histórias profissional, sendo responsáveis pelo uso da voz, da expressão corporal e facial, etc., nesta tese sendo apresentadas como habilidades cênicas. Apesar da apropriação do termo,

O narrador não é um ator, não dramatizada. Adota atitudes caracterizam os personagens, muitas vezes com simples gestos, olhares, sobrancelhas ligeiramente levantadas... antes de tudo isso vem a coisa mais importante: o texto, a palavra (CASTRONOVO; MARTIGNONI, 1994, p 35)⁷⁶.

O teatro é um exemplo do que está sendo exposto e, nessa direção, torna-se comum encontrarmos atores que também desenvolvem a arte de narrar com competência. A narração demanda a apropriação de técnicas a ser acompanhada de expressões faciais como uma careta, um olhar apaixonado, uma expressão de indagação (DOHME, 2013). A expressão facial muitas vezes é o elo de contato entre o narrador e o público. Ela não pode ser estudada sem considerarmos a sua articulação com a expressão corporal. “Contar com naturalidade implica ser simples, sem artificialismos. São também indispensáveis sobriedade nos gestos e equilíbrio na **expressão corporal**” (SILVA, 1999, p. 50). O contador de histórias tem ao seu dispor recursos importantes a serem utilizados do processo de preparação de uma narrativa: a expressão do rosto e do corpo; que devem ser consideradas como um conjunto.

Na preparação de uma história é essencial escolher e adaptar a postura corporal em função das características dos personagens, assim como, o seu tamanho, a sua localização no espaço, o acompanhamento de suas ações (CASTRONOVO; MARTIGNONI, 1994, p. 35)⁷⁷.

Sisto (2012a) apresenta-nos três possibilidades de gestos expressivos: ilustrativo, enfáticos e sintéticos; importantes para a comunicação de uma narrativa. O gesto ilustrativo é o mais usado pelo contador de histórias, na medida em que age sobre ideias (conceitos) de domínio

⁷⁶ “El narrador de cuentos no es un actor, no dramatiza. Adopta actitudes que caracterizan a los personajes, muchas veces con gestos sencillos, miradas, enarcando levemente las cejas... todo esto acompaña lo importante: el texto, la palabra” (CASTRONOVO; MARTIGNONI, 1994, p. 35).

⁷⁷ “En la preparación de un cuento es fundamental elegir y adecuar las posturas corporales en función de las características de los personajes, sus tamaños, la ubicación de éstos en el espacio en el acompañamiento de las acciones” (CASTRONOVO; MARTIGNONI, 1994, p. 35)

coletivo. Geralmente é utilizado por muitos e a sua autoria dificilmente será recuperada, estão ligadas à realidade objetiva e coletiva. Um exemplo bastante utilizado é o desenho de objetos com a mão no momento da narrativa. “Os gestos de tal conjunto tendem a se estruturar de forma esquemática, a tal ponto que a ideia pessoal do narrador deixa de ser percebida para dar lugar a gestos uniformizados, convencionais e, por isso, mais previsíveis” (SISTO, 2012a, p. 50).

Os enfáticos são gestos de força reforçando aquilo que está sendo narrado, chamando atenção do público e são mais inconscientes/arbitrários e estão dissociadas da palavra proferida (exemplo dado é a colocação da palma da mão para frente ao representar o tamanho de algo). Os gestos sintéticos são mais simbólicos e metafóricos e não são de convenção da coletividade, exprimindo valor subjetivo do narrador em relação àquilo que profere no ato narrativo (alisar a perna ao falar de amor ao invés de colocar a mão no coração como seria feito no gesto ilustrativo é um exemplo do exposto).

As habilidades citadas também envolvem a mobilização de conhecimentos e atitudes, devendo ser testadas antes de cada apresentação, porque não são tidas como tarefas fáceis e espontâneas, assim como, também não é tarefa fácil dominar “As expressões do corpo, os gestos, o ritmo e a entonação de voz [que] imprimem sentido às palavras e desvelam para o ouvinte as emoções por trás do texto” (MATOS; SORSY, 2009, p. 7).

Toda história tem uma sequência rítmica que começa a vigorar no momento em que o contador abre a boca. Cada parte da história exige uma ‘orquestração’ diferente. Um ritmo que se usa para introduzir os elementos que serão desenvolvidos numa história não pode ser o mesmo utilizado quando a história vai se aproximando de seu ápice ou de seu momento de impasse. Portanto, o contador, ao estudar o texto para ser contado, tem que saber depreender a partitura rítmica de sua história (SISTO, 2012a, p. 52).

A colocação de que o sujeito narrador deve considerar a voz como um prolongamento do corpo e a de que “Com a voz também se toca, se tateia, se abraça, se soca, se afaga, se acaricia” (SISTO, 2012a, p. 47), conduz ao domínio da velocidade, tonalidade e volume da voz com propriedade para conseguir combinar as habilidades que permitem a composição dos personagens:

No caso de usar composições especiais de voz, é importante não usá-las em demasia, nem todos os personagens precisam ter vozes diferentes, o que ficaria cansativo e tiraria a surpresa. É interessante escolher uma voz especial para o personagem principal ou para um ou dois personagens cujas características deem ensejo a isso. Nas falas dos outros personagens e no decorrer da narração da história propriamente dita o correto é usar a voz normal. Deve-se tomar cuidado para não esquecer ou confundir as vozes no decorrer da narração (DOHME, 2013, p. 35).

O narrador ainda poderá escolher as vozes e sons de acordo com o personagem, considerando idade, sexo, tamanho e outros elementos (CASTRONOVO; MARTIGNONI, 1994). A mudança de voz e a utilização de sons que enriqueçam um conto, requer o domínio de um timbre de voz que eficientemente defina cada um dos personagens. Essas técnicas apenas devem ser colocadas em prática no momento em que o contador estiver realmente dominando o enredo da história.

É bom tornar-se um observador da natureza e do mundo em torno de nós, a fim de reproduzir os sons e dar maior realismo e vivacidade às narrativas. Ouvir, deletar, lembrar e reproduzir os sons do vento, das abelhas, do mar, dos sinos, dos carros, etc. nos ajudará na hora da trilha sonora da contação de história (CASTRONOVO; MARTIGNONI, 1994, p. 35)⁷⁸.

O volume da voz deverá ser mais alto quando estiver narrando ao ar livre e mais baixo no momento em que estiver trabalhando em um auditório, local em que a acústica costuma auxiliar no processo narrativo. O contador deverá escolher um volume de voz que seja adequado à situação do ambiente de atuação. “Deve-se ter o cuidado de falar em um volume que seja audível perfeitamente, mas não irrite ou comprometa o momento de intimidade” com o público (DOHME, 2013, p. 35).

O narrador deverá prestar atenção à sua dicção, pronunciar bem cada sílaba, não ‘engolir’ os finais, os encontros vocálicos e os consonatais. A princípio, isso parece exagero, mas é importante que todas as palavras de uma história sejam entendidas. Uma palavra mal pronunciada fará com que a criança perca a frase [por exemplo], e até o fio condutor da história, pois o narrador estará falando de um novo fato, e a criança ainda estará tentando compreender o fato anterior “ (DOHME, 2013, p. 35).

Ao evitar determinismos, o narrador deve prever um tempo destinado ao público refletir sempre que possível, de maneira que a atmosfera e a audição da história possam encorajar os participantes a dialogar sobre a história compartilhada. A duração da comunicação de uma narrativa não deve passar de 5 a 10 minutos para as crianças e de 15 a 20 minutos para jovens e adultos (SILVA, 1999).

O sujeito narrador deve mostrar-se atento ao tipo de espaço e ambientação reservado para o momento da narrativa. “A narração poderá acontecer no jardim, na praia, em um parque, [em qualquer lugar]. Deve-se apenas ter um pequeno planejamento para se assegurar de que o local escolhido seja seguro, confortável, livre de barulho e de interrupções” (DOHME, 2013,

⁷⁸ “Es bueno convertirse en observador de la naturaleza y del mundo que nos rodea a fin de poder reproducir los sonidos y dar mayor realismo y viveza a los relatos. Escuchar, deletar, recordar y reproducir sonidos como el viento, las abejas, el mar, las campanas, los autos, etc. nos ayudará en el momento de sonorizar el cuento” (CASTRONOVO; MARTIGNONI, 1994, p. 35)

p. 34). O contador de histórias poderá criar um clima propício, ao seguir as seguintes recomendações: “Evitar ruídos irritantes ocorrer e manter-se longe de ambientes onde não há tranquilidade; colocar placas para que a conta não seja interrompida; convocar o silêncio dos ouvintes e atrair com olhar e gestos suaves a atenção do público” (CASTRONOVO; MARTIGNONI, 1994, p. 36)⁷⁹.

A apresentação poderá ser organizada em um espaço com almofadas e sem a interferência de sons, culminando num momento aconchegante e que propicie atenção do público. Tendo em vista que essa preparação não costuma ser uma constante, pelo menos deve garantir que o espaço reservado à narrativa não seja “[...] um local onde as pessoas não param de passar, com a televisão ligada ou onde ambos fiquem mal-acomodados. O lugar deve ser tranquilo e confortável” (DOHME, 2013, p. 33).

E o melhor é que o lugar para ouvir histórias vai depender também de quem conta. Pode ser na sala de aula – transformada em pátio de castelo -, pode ser na sala de casa – transformada em sala do trono -, pode ser embaixo de uma árvore – transformada na torre mais alta da fortaleza – e ainda numa praça, num campo, numa biblioteca, aproveitando para dar a cada lugar o desenho necessário para enriquecer a narração (SISTO, 2012a, p. 24).

Essa tarefa deve ser realizada junto com outros sujeitos, também são responsáveis pelo sucesso da transmissão oral e não apenas pelo contador de histórias. Existem momentos em que o próprio público pode ser envolvido no processo, auxiliando com isso na apropriação do espaço para o desenvolvimento da contação de histórias.

O momento de contação propriamente dito inicia-se com uma conversa informal com o público que pode ser introduzida com “Era uma vez” e finalizada com “E foram felizes para sempre”. Lembrando que durante um momento de contação de histórias há sempre o desejo de que os personagens tenham um final feliz... Mas como coloca o poeta *sempre não é todo dia* (MONTENEGRO, 2014). O momento da comunicação narrativa deve provocar esse desejo de felicidade, de quero mais tanto para o ouvinte quanto para o contador. Em alguns momentos, deve proporcionar o final feliz que muitas vezes o contador e o público não costumam ter na vida real. Em outros deve tocar em questões relacionadas com a vida real e, com isso, proporcionar momentos de reflexão e transformação do vivido.

⁷⁹ “Evitar que se produzcan ruídos molestos y alejarse de los ambientes donde no haya tranquilidad; colocar carteles a fin de que el relato no sea interrumpido; convocar el silencio de los oyentes e atraer con la mirada y suaves gestos la atención del auditorio” (CASTRONOVO; MARTIGNONI, 1994, p. 36).

Como costuma ser dito no meio popular, a apresentação das histórias possuem altos e baixos, podendo-se ter sucesso em um dia e, em outro, a comunicação não atender as demandas do grupo com o qual o sujeito narrador interage. O contador de histórias precisa provocar uma certa empatia com o público, o que requer que o conheça melhor os sujeitos com os quais irá estabelecer contato de modo a oportunizar o estabelecimento do processo de comunicação (SILVA, 1999). Nem sempre esse contato é possível, então esse comunicador deve procurar sentir o seu público no momento em que o contato é iniciado, podendo para isso abrir mão de recursos como dinâmicas e músicas para criar um clima de aproximação necessário no início do processo.

Muitas habilidades que compõem a competência narrativa e que são compartilhadas em redes de comunicação, não foram citadas ou apreendidas nesta pesquisa. Existem também aquelas que são inatas e que o contador de histórias carrega consigo, não sendo adquiridas em oficinas, cursos ou registradas em documentos (DEMO, 2012). Tampouco os sujeitos narradores puderam lê-las em livros escritos sobre a narrativa oral. São produtos do desenvolvimento do ser humano que narra histórias desde o seu surgimento e da tradição cultural de um povo.

Essas competências na atualidade constituem os saberes e fazeres de um profissional que se relaciona interpessoalmente com uma diversidade de sujeitos que habitam os territórios e, que muitas vezes, criam variadas formas para atender a suas demandas (no espaço presencial e ciberespaço). Sabe-se que alguns territórios foram criados recentemente e outros fortalecidos perante a prática de uma experiência milenar. Abordar a característica que sustentam ações educativas, culturais e comunicacionais e que é inerente à prática milenar do contador é essencial.

As habilidades advindas do teatro, da dança, do canto e de outras expressões artísticas tornam mais efetivo o processo de comunicação com seu público (FLECK, 2007) e devem integrar-se a um conjunto de habilidades e competências importantes na sociedade da informação. Ao utilizar técnicas corporais e vocais, os contadores realizam verdadeiros espetáculos de narração oral, com apresentação de *performances* cada vez mais elaboradas, e são capazes de transmitir o conhecimento das culturas garantindo sua preservação ao culminar na exploração da capacidade de produzir informações que precisam ser compartilhadas com os grupos sociais.

Habilidades de selecionar, estruturar uma narrativa e comunicá-la se fundamentam no estabelecimento de diálogos com o coletivo e garantem a competência narrativa. Esse processo se dá por meio de uma atividade narrativa que assuma a condição de ação cultural, ao explorar a propriedade de uma competência que o contador de histórias possui e ao promover a ação de comunicação em espaços de educação e cultura presenciais e virtuais. Com base no exposto, acreditamos que a rede tecida por meio da narrativa irá se fortalecer na medida em que esses profissionais utilizem as redes digitais e sociais para estreitar os laços de interação com seus pares, público e demais interessados em compartilhar informações relacionadas com a narrativa oral.

A ação da pesquisa que teve como objetivo investigar previamente as competências que o contador de histórias possui na sociedade da informação, envolve diretamente o conhecimento da competência em informação. Acreditando que o domínio das redes digitais apresenta-se como um desafio para essa sociedade e, por conseguinte, para os atores culturais que durante décadas dominam os mecanismos da comunicação interpessoal, na medida em que ao mesmo tempo potencializa as relações que são estabelecidas com seus pares, público e apoiadores requerendo, com isso, a realização de uma pesquisa desenvolvida no campo da CI e áreas afins.

5 ENTRE TEXTOS DA TRANSDISCIPLINARIDADE E CONTEXTOS DA PESQUISA DE CAMPO

Fotografia 9 – O Grito



Fonte: Munch (2015)

“Mas, se os sons não podiam entrar, verdade é que também não podiam sair. Qualquer palavra dita, qualquer espirro, soluço, canto, ficava vagando prisioneiro do castelo, sem que lhe fossem de valia fresta de janela ou porta esquecida aberta. Pois se ainda era possível escapar às paredes, nada os libertava da redoma” (COLASANTI, 1985, p. 88).

5.1 TRANSDICIPLINARIDADE NO CAMPO DA CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO: A ABORDAGEM DE UMA CIÊNCIA QUE NÃO SE ENCERRA NA DISCIPLINARIDADE

Surgindo no século XVII no bojo de grandes transformações sociais, a ciência moderna acabou inaugurando um novo modo de obter e usar conhecimento, sendo considerada como resultado da ligação do empirismo dos artesãos/inventores e da racionalidade de filósofos como Francis Bacon e René Descartes. A nova racionalidade científica aparece como um modelo totalitário, negando o caráter racional a todas as formas de conhecimento que não se pautem pelos seus princípios epistemológicos e regras metodológicas.

As bases da ciência moderna assentam-se nas obras de Copérnico, Kepler, Galileu, Descartes e Newton, entre outros. O método experimental desses pensadores, aliado ao pensamento matemático, constituiu-se em critério de validação da verdade. A natureza perde assim a força prescritiva que até então exercia sobre a consciência ética e política dos homens, passando a ser concebida como algo uniforme e quantificável, um fenômeno mecânico (BICALHO; OLIVEIRA, 2005, p. 2).

A ciência moderna é caracterizada por duas concepções antagônicas, “[...] a primeira sujeita ao jugo positivista, a segunda liberta dele, e qualquer delas reivindicando o monopólio do conhecimento científico-social” (SANTOS, 2010, p. 34). A primeira concepção, cujo compromisso epistemológico é simbolizado pelo nome de física social, parte do pressuposto de que as ciências naturais são uma aplicação ou concretização de um modelo de conhecimento universalmente válido. A segunda concepção reivindica para as ciências sociais um estatuto metodológico, no qual os obstáculos podem ser considerados como intransponíveis. O argumento fundamental que nela se apresenta é que a ação humana é subjetiva e, por conseguinte, “O comportamento humano, ao contrário dos fenômenos naturais, não pode ser descrito e muito menos explicado com base nas suas características exteriores e objectiváveis” (SANTOS, 2010, p. 38).

Devido à ciência social se voltar mais para a subjetividade do que às ciências naturais, torna-se importante pensar na utilização de métodos de investigação e critérios epistemológicos diferentes daqueles que são utilizados nas ciências naturais. Da mesma maneira, faz-se necessário considerar na maioria das vezes “[...] métodos qualitativos em vez de quantitativos, com vista à obtenção de um conhecimento intersubjectivo, descritivo e compreensivo, em vez de um conhecimento objectivo, explicativo e nomotético” (SANTOS, 2010, p. 38). No bojo da ciência moderna, surge uma espécie de *crise do paradigma*

*dominante*⁸⁰, desenhando um paradigma anunciado como emergente e que não pode ser considerado apenas como científico (o paradigma de uma vida prudente), mas também como um paradigma social (o paradigma de uma vida decente) (SANTOS, 2010).

Dessa discussão surge uma necessidade de superação da dicotomia entre ciências naturais e ciências sociais, no entanto, o paradigma emergente está diretamente vinculado ao rompimento com a epistemologia e a metodologia positivista das ciências naturais. Assim sendo, recorre-se a uma concepção humanística das ciências sociais que, ao contrário do pensamento das humanidades tradicionais, apresenta o indivíduo como autor e sujeito do mundo social em que vive.

Ciência pode ser definida com um conjunto de ferramentas, métodos, procedimentos, exemplos, conceitos e teorias que explicam coerentemente um conjunto de objetos ou assuntos que podem ser reformulados, tendo em vista as contingências externas da sociedade e demandas intelectuais internas da comunidade científica (BICALHO; OLIVEIRA, 2011, p. 88). Nessa direção, disciplinas das ciências naturais e humanas devem ser mobilizadas, de modo que possa convergir para a condição humana podendo atender demandas que constantemente surgem da sociedade contemporânea (MORIN, 2003, p. 43).

A organização disciplinar foi instituída no século XIX, notadamente com a formação das universidades modernas; desenvolveu-se depois, no século XX, com o impulso dado à pesquisa científica; isto significa que as disciplinas têm uma história: nascimento, institucionalização, evolução, esgotamento etc.; essa história está inscrita na Universidade, que, por sua vez, está inscrita na história da sociedade; daí resulta que as disciplinas nascem da sociologia das ciências e da sociologia do conhecimento. Portanto, a disciplina nasce não apenas de um conhecimento e de uma reflexão interna sobre si mesma, mas também de um conhecimento externo. Não basta, pois, estar por dentro de uma disciplina para conhecer todos os problemas referentes a ela (MORIN, 2003, p. 103).

O estabelecimento de um novo parâmetro de conhecimento científico estabelecido a partir da segunda metade do século XX, não nega o valor da ciência clássica nem tampouco concorre com ela. A revolução que transforma e gera novas fronteiras para a ciência contemporânea, possibilita o questionamento de ideias fundamentais que provocam alterações no paradigma científico moderno (MORIN, 2003). Na ciência moderna, o conhecimento avança pela especialização e caracterização monodisciplinar, com expressiva demarcação das fronteiras entre as disciplinas.

⁸⁰ Santos (2010) utiliza a denominação de pós-modernidade para explicar esse processo de crise e transição.

Segundo Pombo (2005) o problema da especialização encontra seus limites no momento em que a ciência toma consciência que o todo não é a soma das partes. “É hoje reconhecido que a excessiva parcelização e disciplinarização do saber científico faz do cientista um ignorante especializado. Isso acarreta efeitos negativos, que são, sobretudo, visíveis no domínio das ciências aplicadas” (SANTOS, 2010, p. 74). A chamada parcelização do conhecimento e reducionismo arbitrário desencadeiam em novas disciplinas para resolver os problemas que muitas vezes acabam por reproduzir o mesmo modelo de cientificidade.

Ao contrário do que sucede no paradigma dominante, no paradigma emergente a fragmentação moderna não é disciplinar e sim temática. Tendo em vista que os temas são galerias por onde os conhecimentos progridem ao encontro uns dos outros, o conhecimento pode avançar à medida que seu objeto se amplia. Um conhecimento deste tipo constitui-se a partir de uma pluralidade metodológica. Conforme Santos (2010, p. 78): “Só uma constelação de métodos pode captar o silêncio que persiste entre cada língua que pergunta. Numa fase de revolução científica como a que atravessamos, essa pluralidade de métodos só é possível mediante transgressão metodológica”.

A abertura para o crescimento de uma diversidade de metodologias, a capacidade de aquisição da informação e a produção de conhecimento científico, apontam para o fato de que os princípios científicos estão em permanente desenvolvimento transgredindo ao que está posto. Indicando, com isso, que as teorias científicas não são exclusivamente reflexos da realidade objetiva, mas que também compõem importantes estruturas das condições sociais e culturais do conhecimento estruturado (MORIN, 2003).

Nas ciências humanas e sociais, de uma forma geral, a interpenetração de conceitos tem sido mais bem aceita, visto que seu objeto de estudo – o homem e suas relações sociais – exige, muitas vezes, a busca de outros domínios a fim de que possa ser apreendido em sua totalidade. Com o crescimento da ciência moderna surgiram novas disciplinas ou áreas de conhecimento como a Ciência da Informação, a Fisioterapia e os estudos do Meio-Ambiente, que fogem ao padrão da ciência clássica, possuindo características que as diferenciam de outras áreas cuja origem é mais remota. Estas disciplinas, já na sua formação, foram impelidas a estabelecer interações com outras por tratarem de problemas que exigiam novas formas de tratamento para sua solução, por se situarem em um contexto social, político e econômico totalmente novo, pós-moderno. Daí serem indicadas como áreas em que as práticas interdisciplinares são peculiares a elas como o caminho de desenvolvimento para as suas pesquisas (BICALHO; OLIVEIRA, 2005, p. 1).

Pombo (2005, p. 10) expõe que novas situações epistemológicas constituem novos tipos de disciplinas, sendo que algumas “[...] nascem nas fronteiras entre duas disciplinas tradicionais. Como exemplos, refiram-se a bioquímica, a biofísica, etc. Outras, como

interdisciplinas, aquelas que nascem na confluência entre ciências puras e ciências aplicadas”. A CI é reconhecida em 1960 como um campo de conhecimento interdisciplinar. A ideia de interdisciplinaridade que atravessa a sua constituição é de cerca de 1840, refletindo-se como um desafio ainda enfrentado na atualidade (PINHEIRO, 2007).

Le Coadic (2004, p. 5) contextualiza que a CI é de origem anglo-saxônica, nascendo com a contribuição de disciplinas como a Biblioteconomia. Para esse autor, a Informação, objeto dessa ciência, pode ser definida como “[...] um conhecimento inscrito (gravado) sob a forma escrita (impressa ou digital), oral ou audiovisual”. Constituindo-se como uma área interdisciplinar, acaba sendo determinada por condições históricas e socioeconômicas e, por conseguinte, pelo advento da eletrônica/informática, o que reforça as tendências de armazenamento de enormes volumes de informação na sociedade da informação para possibilitar o seu uso efetivo. Desde sua criação, depara-se com obstáculos insuperáveis nas inúmeras tentativas de reconhecer seu objeto

[...] porque, de um lado, supõe-se encontrá-lo perfeitamente identificado no mundo e, de outro, espera-se obter uma definição dele que seja universal e discriminante. Assim, recorre-se simultaneamente à simplificação e à naturalização a que conduz a razão moderna, reafirmando-se que o objeto do campo é a informação (TÁLAMO; SMIT, 2007a, p. 29-30).

Se a caracterização da CI deve ser buscada numa abordagem informacional do mundo, então, aquilo que constantemente é denominado de objeto para alguns autores torna-se um ponto de vista a que recorrem diversos pesquisadores para a problematização dos elementos no mundo com relevância social.

Outra possibilidade [de diálogo], que não seja puro reducionismo, consiste em observar como no passado os domínios que estão na origem da Ciência da Informação organizaram-se. Tomemos apenas dois: a Biblioteconomia Moderna marcada pelo pensamento de M. Dewey e a Documentação proposta por P. Otlet. Em comum, ambos protagonizam a aplicação como mote de sua atividade: organiza-se a coleção para a prestação de serviço do mesmo modo que se organizam os conteúdos para recuperação do documento. Traduzidas para o presente momento, tais concepções evidenciam que os conceitos “coleção”, “documento” e “recuperação” expressam o modo pelo qual cada um dos campos problematiza a questão da informação nos contextos em que se inseriam os respectivos autores. Não se tem, portanto, um objeto no sentido tradicional (TÁLAMO; SMIT, 2007b, p. 40).

Ao considerar, por exemplo, a recuperação da informação como o objetivo do processo documentário, a informação não é apresentada como objeto e sim como um ponto de vista adotado para analisar os processos e objetos no contexto da CI. Assim sendo, a importância da abordagem da noção de objeto para a ciência, por mais universal que seja, não se limita

apenas a uma definição exata. O objeto de pesquisa apresentado por Le Coadic (2004) é a base para desenvolvimento de todo conhecimento e o termo é usado na Administração, Biologia, Ciência da Computação, Comunicação Social e outras disciplinas, com visões e usos de diferenciados contextos. Então, qualquer que seja a abordagem, a fluidez do conceito de informação é sempre uma dificuldade para que essa ciência construa um domínio sólido, refletindo uma certa ambiguidade, o que segundo Tálamo e Smit (2007a, 2007b) acaba por construir numa diversidade de “ponto de vista”.

O entendimento dessa ciência como campo teórico e científico aparece marcada pela ausência de um modelo de origem consistente que lhe confira identidade. A colocação de que o estabelecimento de relações entre as disciplinas é o aspecto que mais identifica essa ciência, pode conduzir essa reflexão a algumas vertentes ligadas tanto ao fortalecimento quanto ao enfraquecimento, dependendo do tecido da discussão metodológica. O debate sobre a natureza da CI acontece desde a criação dela enquanto disciplina.

A indispensável necessidade para fazer a ponte entre as diferentes disciplinas é atestada pela emergência da pluridisciplinaridade e da interdisciplinaridade por volta do meado do século 20, sendo que ainda temos a multidisciplinaridade (ou seja, disciplinas que se ancoram uma nas outras) e transdisciplinaridade [...] (SOUZA, 2007).

Essa discussão indica caminhos de relevância social no campo da CI, ao envolver disciplinas como a Biblioteconomia, Arquivologia, Documentação e outras áreas do saber⁸¹. Da característica do pensamento monodisciplinar à transgressão metodológica destacam-se conceitos ligados a disciplinaridade que não se encerram nela. Procura-se, então, discutir a natureza interdisciplinar dessa ciência e reflete-se a capacidade de interação com outras disciplinas para assim obter a solução de problemas perante seu objeto.

5.1.1 Multi, pluri e interdisciplinaridade

Entende-se por disciplina a exploração científica especializada numa certa área ou domínio homogêneo de pesquisa/estudo, devendo, “[...] antes de tudo, estabelecer e definir fronteiras constituintes. Fronteiras estas que irão determinar seus objetos materiais e formais, seus métodos, sistemas, conceitos e teorias” (JAPIASSÚ, 1976, p. 61).

A discussão sobre as fronteiras entre as ciências e as “fronteiras conceituais” é certamente complexa. O que pode ser retido dessa discussão é que os domínios de

⁸¹ Questão trabalhadas no contexto do Grupo de Estudos e Pesquisas sobre Educação e Trabalho de Arquivistas e Bibliotecários, certificado pelo CNPq, especificamente na linha de pesquisa Sociedade, Informação e Cultura(s).

pertinência dos conceitos devem ser definidos dentro de fronteiras, não significando, porém, que os campos do saber não se relacionam, ou seja, não ultrapassam as próprias fronteiras que estabelecem (FRANCELIN, 2012, p. 158).

A disciplina também pode ser entendida como uma categoria do conhecimento científico, instituindo a divisão e a especialização do trabalho e respondendo à diversidade das áreas que as ciências compreendem. Dentro de um contexto mais amplo, tende naturalmente à autonomia pela delimitação das fronteiras, da linguagem, das técnicas elaboradas e utilizadas (MORIN, 2003). A disciplinaridade como organização da ciência em disciplinas, por um lado “[...] delimita um domínio de competência sem o qual o conhecimento torna-se fluido e vago, de outro, ela desvenda, extrai ou constrói um ‘objeto’ digno de interesse para o estudo científico” (JAPIASSÚ, 1976, p.40).

[...] a instituição disciplinar acarreta, ao mesmo tempo, um perigo de hiperespecialização do pesquisador e um risco de ‘coisificação’ do objeto estudado, do qual se corre o risco de esquecer que é destacado ou construído. O objeto da disciplina será percebido, então, como uma coisa auto-suficiente; as ligações e solidariedades desse objeto com outros objetos estudados por outras disciplinas serão negligenciadas, assim como as ligações e solidariedades com o universo do qual ele faz parte. A fronteira disciplinar, sua linguagem e seus conceitos próprios vão isolar a disciplina em relação às outras e em relação aos problemas que se sobrepõem às disciplinas (MORIN, 2003, p. 106).

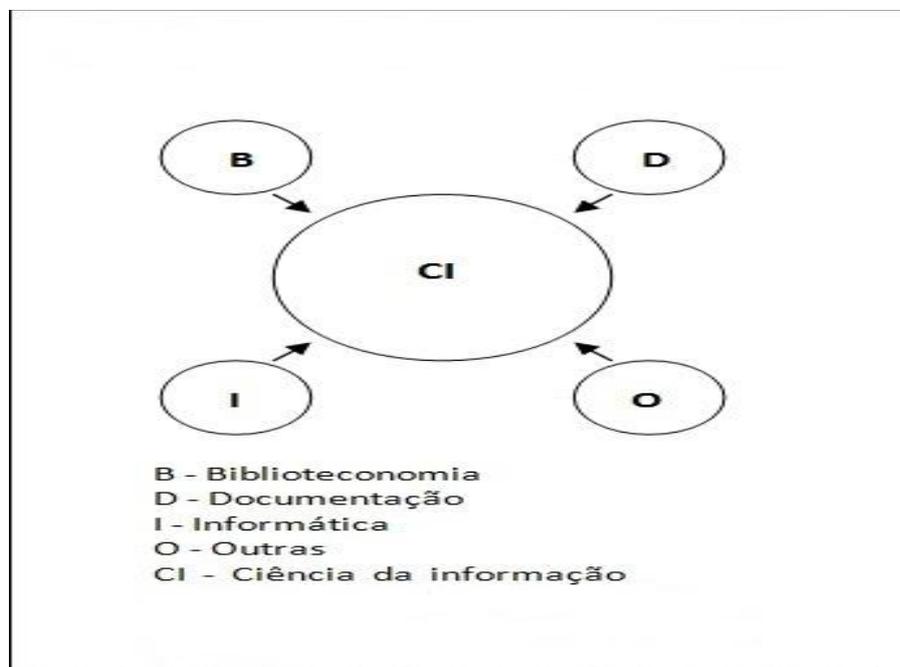
A perspectiva da especialização, resultado da disciplinaridade, traz benefícios e acaba promovendo inúmeros avanços no campo do conhecimento, “[...] mas é preciso que não percamos de vista a necessidade de compreender sempre essas especializações como parte de um todo completo e inter-relacionado, sob pena desvirtuarmos o próprio conhecimento adquirido ou construído” (GALLO, 2000, p. 21)”. Indubitavelmente, a CI como uma disciplina emergente recebeu a contribuição de outras disciplinas com campos especializados num determinado domínio de estudo. Destacam-se a biblioteconomia, a documentação e a informática que auxiliaram no seu processo constituição. Como disciplina esse campo do saber tem o mesmo sentido que ciência, caracterizando-se como um

[...] conjunto sistemático e organizado de conhecimentos que apresentam características próprias no plano de ensino, da formação, dos métodos e das matérias; esta exploração consiste em fazer surgir novos conhecimentos que se substituem aos antigos (JAPIASSÚ, 1976, p. 72).

Conforme as discussões sobre a consolidação do campo disciplinar avançam, cria-se uma maior dificuldade em fundamentar seu campo teórico em um sistema conceitual próprio. Com “[...] um sistema de conceitos encontra sua maior dificuldade no próprio conceito ‘Ciência da

Informação’. Geralmente, a tentativa em conceituá-lo reaviva, inevitavelmente, as teorias sobre a própria concepção” (FRANCELIN, 2012, p. 160).

Figura 3 – Disciplinaridade no contexto da Ciência da Informação



Fonte: Produzida durante a elaboração da pesquisa.

As disciplinas ao entorno da CI possuem fronteiras definidas (Figura 3), mas não se pode negar a necessidade de um diálogo mais intenso entre elas. Existem “[...] questões complexas que não podem ser tratadas a contento de forma monodisciplinar. Daí o desafio de religar elementos comuns de diferentes disciplinas para tratar de assuntos pertencentes a cada uma, sob diferentes ângulos” (BICALHO; OLIVEIRA, 2005, p. 3). Outras abordagens coexistem com os saberes disciplinares e representam transgressões necessárias à prática nesse campo de atuação científica. Pode-se, então, colocar que a constituição do campo da CI por natureza se constituiu

[...] como a interação de duas ou mais disciplinas. Essas interações podem implicar transferência de leis de uma disciplina a outra, originando, em alguns casos, um novo corpo disciplinar. A Ciência da Informação que tem como característica a interdisciplinaridade ao permitir que várias disciplinas interajam é um exemplo disso e esta interação pode ser caracterizada desde uma simples comunicação das ideias até uma integração mútua dos conceitos, da epistemologia, da terminologia, da metodologia, dos procedimentos, dos dados e da organização da pesquisa nessa ciência (BICALHO; OLIVEIRA, 2005, p. 4).

Pinheiro e Loureiro (1995, p. 10) expõem que “Diferentemente do exterior, no Brasil há pouca literatura sobre CI como campo científico”. O levantamento conceitual elaborado em

torno dela confirma que há consenso quanto à interdisciplinaridade dando visibilidade a algumas de suas interfaces que são mais evidenciadas. Para Japiassú e Marcondes (2001) o objetivo do método interdisciplinar e do desenvolvimento da especialização sem limite das ciências é a unidade do saber. Segundo esses autores, a interdisciplinaridade corresponde a uma nova etapa de desenvolvimento do conhecimento científico, assim como, da divisão epistemológica, exigindo que as disciplinas científicas estejam inseridas num processo de interpenetração. A interdisciplinaridade não nega as disciplinas, uma vez que está ancorada nelas para o seu desenvolvimento,

[..] é um método de pesquisa e de ensino suscetível de fazer com que duas ou mais disciplinas interajam entre si. Esta interação pode ir da simples comunicação das ideias até a integração mútua dos conceitos, da epistemologia, da terminologia, da metodologia, dos procedimentos, dos dados e da organização da pesquisa. Ela torna possível a complementaridade dos métodos, dos conceitos, das estruturas e dos axiomas sobre os quais se fundam as diversas práticas científicas (JAPIASSÚ; MARCONDES, 2001, p. 106).

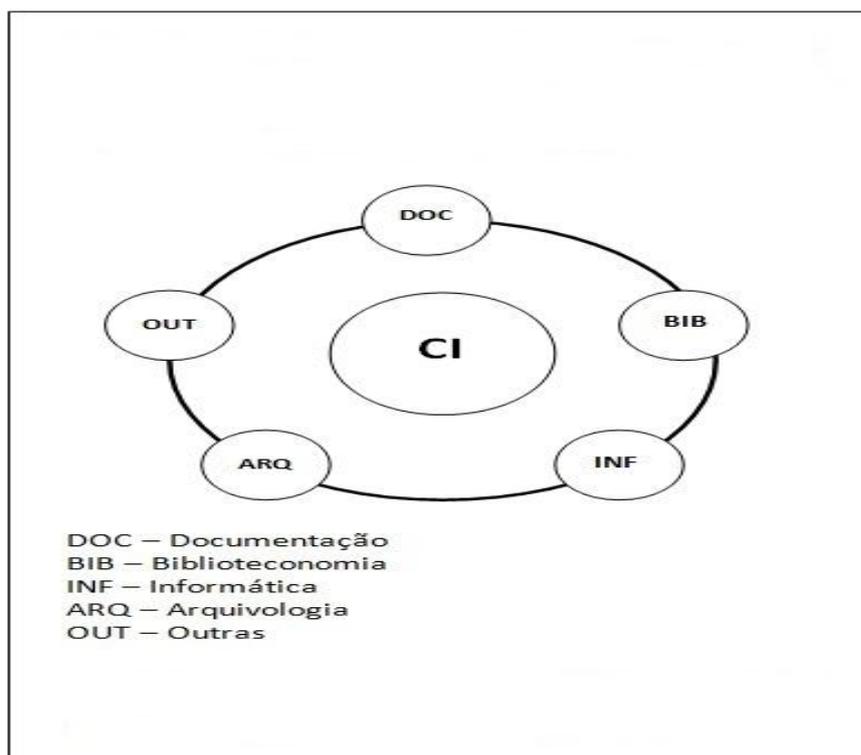
Pinheiro (1999, p. 156) expõe que "Em estudos e pesquisas sobre a interdisciplinaridade há o reconhecimento de que a CI incorpora muito mais contribuições de outras áreas, do que transfere para essas um corpo de conhecimentos gerados dentro de si mesma". No que diz respeito ao que é produzido pela literatura científica, principalmente, no que toca a interdisciplinaridade, a sua produção acaba por elencar disciplinas com as quais mantém relação, na maioria das vezes sem o devido aprofundamento ou mesmo uma teoria sólida que a justifique.

Se não existe um corpo conceitual próprio da Ciência da Informação, a busca de soluções para os problemas da área é deslocada para outras disciplinas, levando à importação de conceitos, nem sempre apropriados. Usa-se 'apropriados' no duplo sentido do termo, ou seja, nem sempre a Ciência da Informação se apropria de conceitos de outras áreas e lhes dá um sentido próprio, como nem sempre a apropriação é adequada (FRANCELIN, 2012, p. 160).

A interdisciplinaridade está longe de ser evidente no campo da CI. Presente nos ambientes de produção científica, ligados à pesquisa e a técnica, ainda pode ser relegada ao ostracismo imposto pelo pensamento positivista. A transgressão disciplinar que acontece devido a um rompimento com os modelos existentes, apresenta-se como uma exigência imposta pela contemporaneidade e como "[...] uma possibilidade de articulação entre a teoria e a ação direcionada para constituição de uma práxis fundamentada no campo da disciplinaridade" (PINHEIRO, 2007).

Com a Interdisciplinaridade, o problema a ser solucionado assume a possibilidade de não ser dividido em vários recortes (objetos), mas sim de ser analisado de uma maneira completa sob o ponto de vista de cada especialidade distinta. Nela os especialistas opinam ou atuam segundo seus conhecimentos e/ou práticas e a ação precisa ser coordenada. O esboço dos possíveis campos interdisciplinares possibilita a ideia de que “[...] a característica central da interdisciplinaridade consiste no fato de que ela incorpora os resultados de várias disciplinas, tomando-lhes de empréstimo esquemas conceituais de análise, a fim de fazê-los integrar depois de havê-los comparado e julgado” (PINHEIRO; LOUREIRO, 1995, p. 14). Esse contexto requer que cada especialista transcenda a própria especialidade, tomando consciência dos seus limites para acolher as contribuições das outras disciplinas (Figura 4).

Figura 4 – Interdisciplinaridade no contexto da Ciência da Informação.



Fonte: Produzida durante a elaboração da pesquisa.

Uma perspectiva pautada na interdisciplinaridade subentende *diálogo entre disciplinas* e/ou na apropriação de metodologias, princípios, teorias e conceitos entre duas ou mais disciplinas nesse processo de diálogo, ao adotar uma perspectiva teórica metodológica comum para as disciplinas envolvidas. Promovendo a integração dos resultados obtidos e no processo de diálogo, busca a resolução dos problemas por meio da articulação dos saberes entre as disciplinas, preservando o interesse das disciplinas. Consiste, então, na ideia de solução dos

problemas por meio da interação entre as disciplinas, porém, muito ainda deverá ser discutido sobre essa abordagem (PINHEIRO, 2007). A interdisciplinaridade constitui a CI impondo uma necessidade de promover a interação entre campos disciplinares diferentes na solução de problemas específicos.

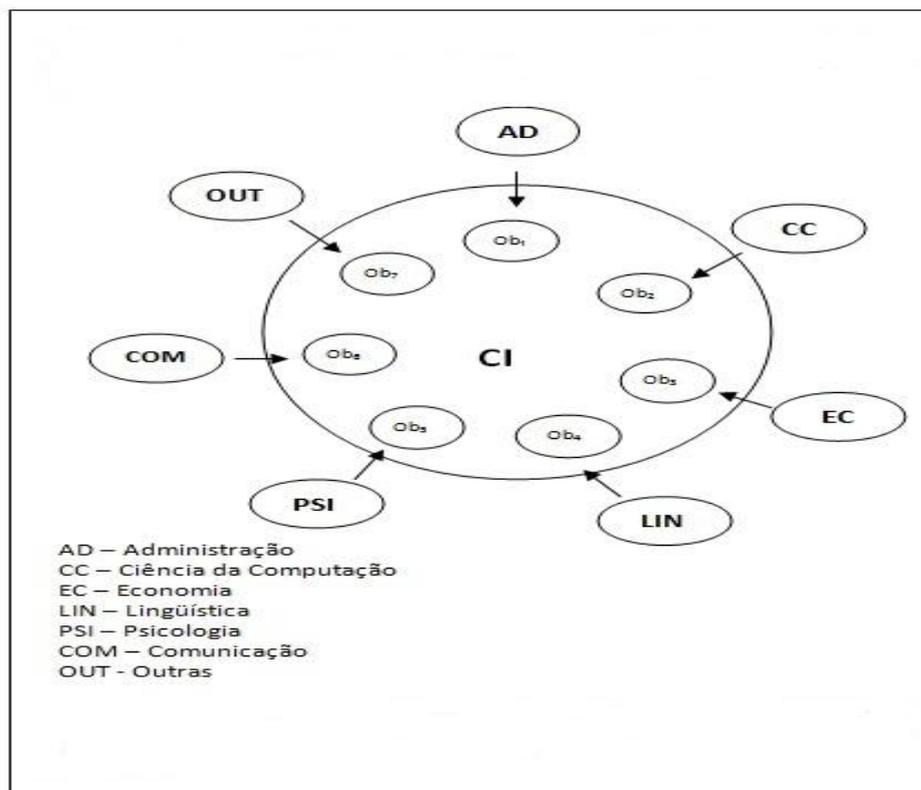
A apresentação do modelo multidisciplinar aparece como resultado dos saberes de outras disciplinas, como a Documentação, a Biblioteconomia e a Informática, sem, com isso, desconsiderar a contribuição delas. “A pluridisciplinaridade diz respeito ao estudo de um objeto de uma mesma e única disciplina por várias disciplinas ao mesmo tempo” (NICOLESCU, 1999, p. 51). A pluridisciplinaridade é outro exemplo de transgressão traduzida pela “[...] justaposição de diversas disciplinas situadas geralmente no mesmo nível hierárquico e agrupadas de modo a fazer aparecer relações existentes entre elas” (JAPIASSÚ, 1976, p. 73).

O conhecimento do objeto em sua própria disciplina é aprofundado por uma fecunda contribuição pluridisciplinar. A pesquisa pluridisciplinar traz um algo mais à disciplina em questão (a história da arte ou a filosofia, em nossos exemplos), porém este ‘algo mais’ está a serviço apenas desta mesma disciplina. Em outras palavras, a abordagem pluridisciplinar ultrapassa as disciplinas, mas sua finalidade continua inscrita na estrutura da pesquisa disciplinar (NICOLESCU, 1999, p. 52).

Apesar de constituir-se como uma relação de troca de informações, essa abordagem não representa modificação na base teórica, a fim de causar uma transgressão disciplinar e/ou metodológica que rompa com as estruturas do modelo disciplinar vigente. O momento em que uma enorme gama de disciplinas são propostas simultaneamente, sem fazer aparecer as relações que podem existir entre elas, seria traduzido como multidisciplinaridade. Japiassú (1976) apresenta a multidisciplinaridade como uma estratégia que permite a aproximação entre as disciplinas propostas simultaneamente, entretanto, sem que se tenha relações entre elas (Figura 5).

Se o objeto da CI é resultado de um conjunto de métodos assinalados por diferentes disciplinas e práticas no campo da informação e áreas afins, a abordagem multidisciplinar permite que o objeto dessa ciência seja estudado por várias outras disciplinas ao mesmo tempo. Para superar as dificuldades, torna-se necessário modificar o formato das interações para assim tornar possível que as metodologias das diferentes disciplinas possam originar novas disciplinas, imbricadas “[...] em um processo de interação que exige mais abertura à aprendizagem e ao novo” (BICALHO; OLIVEIRA, 2005, p. 4).

Figura 5 – Multidisciplinaridade no contexto da Ciência da Informação



Fonte: Produzida durante a elaboração da pesquisa.

A multidisciplinaridade se constitui como uma abordagem na qual os especialistas continuam em seus domínios de saber isolados, então a solução de problemas é particionada em vários recortes (objetos), sendo que cada recorte é abordado por uma especialidade distinta. Torna-se necessário existir cooperação, o que acaba não acontecendo com a multidisciplinaridade, tampouco com a pluridisciplinaridade que seria um estágio que privilegiaria uma complementação entre disciplinas próximas. A multidisciplinaridade, interdisciplinaridade e transdisciplinaridade são vertentes consideradas paralelamente.

Essas abordagens se propõem a oferecer alternativas aos modos de pensar e fazer da ciência clássica, disponibilizando, para além do pensamento analítico-reducionista, formas de investigação científica que atendam às necessidades de compreensão de fatos e fenômenos em toda a sua complexidade (BICALHO; OLIVEIRA, 2011, p. 89).

A multidisciplinaridade, interdisciplinaridade e transdisciplinaridade são vertentes consideradas paralelamente. O sufixo trans supõe ir além, uma ultrapassagem daquilo que é próprio da disciplina. Na adoção da abordagem transdisciplinar, portanto, o problema é tão complexo que não encontra possibilidade de solução com os saberes existentes. Ao mesmo tempo em que a práxis da CI permeia o campo disciplinar, com a transdisciplinaridade a

pesquisa pluri e multidisciplinar transgrediria de modo a abarcar os vários níveis de realidade (multidimensional) científica, mantendo, para além da característica interdisciplinar, a lógica da complexidade como a base metodológica da pesquisa (NICOLESCU, 1999). Aspectos conceituais que vão ao encontro das abordagens trans e interdisciplinar, para assim pensar uma possível interação entre a CI com outras disciplinas e/ou áreas de conhecimentos em diferentes níveis e formatos.

5.1.2 O contexto da transdisciplinaridade

A transdisciplinar ainda está em construção, sendo constantemente discutida no sentido de promover a integração dos saberes e ultrapassar as barreiras disciplinares (BICALHO; OLIVEIRA, 2011). Caracterizada como uma abordagem que possibilita que as disciplinas e as outras áreas do conhecimento dialoguem, permite o livre trânsito de um campo do saber para outro ultrapassando a concepção de disciplina.

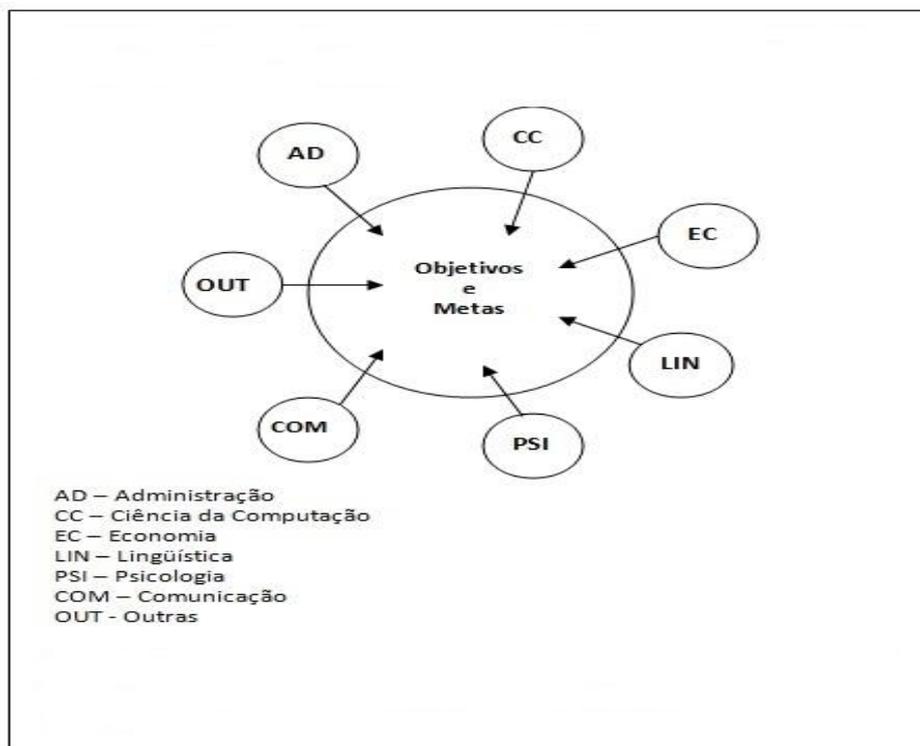
Adotar uma perspectiva trans para o campo desta pesquisa, inserida no contexto da CI, significa assumir e registrar uma mudança epistemológica e não apenas metodológica. Representa um nível de integração disciplinar para além da interdisciplinaridade e certamente da multidisciplinaridade, na qual não pode haver nenhuma fronteira que impossibilite a integração entre as disciplinas e o saber popular ao qual recorrem os narradores de histórias. Com a transdisciplinaridade nenhum saber disciplinar pode ser considerado mais importante do que o outro no processo de troca, instaurando momentos de diálogos.

A transdisciplinaridade pode representar a solução à departamentalização cada vez maior do conhecimento científico, mantendo-se e respeitando-se a contribuição de cada disciplina. Esta reforma, contudo, deve passar pelo entendimento de que a sociedade está em evolução permanente e que deverá ser feito um esforço para entender o todo, contextualizado, evitando-se as dicotomias próprias do paradigma cartesiano. O surgimento de abordagens complementares à disciplinaridade indicam que um movimento rumo a um novo paradigma científico está emergindo (BICALHO; OLIVEIRA, 2005, p. 2).

Na tentativa de compreender o mundo atual, com a transdisciplinaridade pode-se dialogar não necessariamente com uma disciplina (PINTO, 2007), com essa abordagem a produção de conhecimento pode ser considerada como uma práxis inovadora no campo da informação. Então, o diálogo estabelecido entre as disciplinas pode constituir-se como uma possibilidade de ampliar a aquisição de informação e produção de conhecimento com as áreas de informação (Arquivologia, Biblioteconomia, Documentação e outras) e com outras

disciplinas, conforme citadas por Pinto (2007): administração; Ciência da Computação; Economia; etc. caso seja necessário (Figura 6).

Figura 6 – Transdisciplinaridade no contexto da Ciência da Informação



Fonte: Produzida durante a elaboração da pesquisa.

Para que a prática transdisciplinar seja uma solução para os problemas na área da CI, faz-se necessário permanentemente pensar na reforma do pensamento, conforme pontua Morin (2003). Na medida em que a ausência de diálogo entre as disciplinas acaba por significar a ausência de estabelecimento de contato com a sociedade, essa abordagem aparece como uma postura da ciência contemporânea, em contraposição ao especialismo imposto pela ciência moderna. Com a sua adoção, há uma ação desenvolvida numa perspectiva “[...] que envolve aquilo que está ao mesmo tempo entre as disciplinas, através das diferentes disciplinas e além de toda e qualquer disciplina. Sua finalidade é a compreensão do mundo atual, na qual um dos imperativos é a unidade de conhecimento” (PINTO, 2007, p. 111).

Tendo em vista o resgate conceitual em torno da disciplinaridade que permeia as práticas da CI, para refletir a relação transdisciplinar tornou-se necessário entender melhor como se deu as transgressões disciplinares nesse campo, necessitando posteriormente incluir os avanços refletidos pela Educação, Cultura e outras áreas do conhecimento importantes para

pensar principalmente o objeto desta pesquisa. Entendemos que a “Transgressão é a possibilidade de transcendência, forma de romper com as amarras de toda acomodação que apequena, conduzindo às utopias concretas. Transgressão é a consolidação máxima da possibilidade de um novo tempo de educação” (ESPÍRITO SANTO, 1996, p. 8). A transgressão metodológica no campo da CI pode ser entendida então como a essência de todo trabalho transdisciplinar comprometido com a perspectiva de estabelecimento de diálogos que transcendam de certa maneira as práticas impostas pela ciência moderna.

Essas questões remetem à transgressão das leis cientificamente conhecidas, “Em outras palavras, trata-se de um processo de determinação ignorada, concernente à ocorrência de algo (objeto, força, vetor) que previamente não existia no sistema [...]” (ALMEIDA FILHO, 2005, p. 35). O estágio da transdisciplinaridade pode ser comparado então a uma transgressão das fronteiras entre as disciplinas, o que diferencia essa abordagem da multidisciplinaridade e até mesmo da interdisciplinaridade. Logo, a prática transdisciplinar pode ser entendida como uma possibilidade de transição (NICOLESCU, 1999).

Inicialmente a possibilidade de ligar as diversas disciplinas no campo da informação possibilitou o desenho da pluridisciplinaridade, já que essa prática pautada na disciplinaridade pode ser entendida como o estudo de uma dada disciplina perante a visão de outras. Assim como, a interdisciplinaridade, que se apresenta como uma abordagem pela qual se transferem os métodos adotados das diversas disciplinas que dialogam com a CI, também pode ser analisada perante o paradigma da ciência monodisciplinar. Entendemos que apesar desse campo de conhecimento dialogar metodologicamente com uma diversidade de disciplinas por meio da pluri e interdisciplinaridade, as finalidades permanecem limitadas à pesquisa disciplinar.

Dada a possibilidade de trocas entre as diversas disciplinas, também é possibilitada a CI a difícil arte de transcender, ou seja, encaminhar a práxis científica para além da compreensão da unidade do conhecimento comumente adotada, o que ultrapassa o pensamento clássico monodisciplinar. Com isso, não podemos desconsiderar então que “A disciplinaridade, a pluridisciplinaridade, a interdisciplinaridade e a transdisciplinaridade são as quatro flechas de um único e mesmo arco: o do Conhecimento” (NICOLESCU, 1999, p. 54).

Os termos interdisciplinar e transdisciplinar são às vezes tomados como equivalentes, como se fossem da mesma natureza, nem sempre de forma consciente. Mittelstrass e Carrier (2006, p. 246) afirmam que ‘quando pensada de uma forma realmente séria, a

interdisciplinaridade é uma transdisciplinaridade'. Guattari (2006, p. 156), ao discorrer sobre os fundamentos ético-políticos da interdisciplinaridade, diz preferir chamar transdisciplinaridade a interdisciplinaridade que passa 'pela reinvenção permanente da democracia nos diversos estratos do campo social'. As duas citações feitas são de textos publicados pela primeira vez em 1990 e 1992, respectivamente, época em que apareceu mais fortemente o termo transdisciplinaridade, o que pode explicar, em parte, as opções igualmente válidas para os autores de utilizarem alternativamente os termos. (BICALHO; OLIVEIRA, 2011, p. 97).

Com o conceito transdisciplinar novas estruturas de interação entre disciplinas foram favorecidas no contexto pós-guerra, entre as quais Bicalho e Oliveira (2011) citam os programas de pesquisa em meio ambiente, estudos culturais, estudos da mulher, entre outros. A proposta da transdisciplinaridade é a de caminhar em meio às disciplinas, transpondo as barreiras que costumam impedir seus diálogos.

Procuramos pensar em trabalhos que rompam com a disciplinaridade ao visualizar os processos de conhecimento gerados nesta tese de modo diferente da ciência tradicional (monodisciplinar e envolta por especialidades). Assim sendo, os caminhos desta pesquisa se propõem a pensar no planejamento de uma rede distribuída, requerendo trabalhos no futuro e no presente que sejam atravessados pelo diálogo. Diante da possibilidade que os autores pesquisados apresentam ao contextualizar a necessidade de abordagens que consigam propor soluções para problemas complexos no campo da CI, torna-se necessário promover pesquisas que consigam se (re)inventar... O trabalho com o estabelecimento de espaços de diálogos entre as disciplinas e outros campos do saber, serão (re)pensados no contexto desta pesquisa que pretende planejar um modelo de rede colaborativa que consiga possibilitar o *livre trânsito dos saberes* (GALLO, 2000).

5.2 PROCEDIMENTOS DA PESQUISA

Tomanik (2004, p. 169) dá visibilidade aos processos de pesquisas sociais nos quais o cientista participa da vida e do cotidiano das populações pesquisadas, apresentando esse tipo de atividade como sendo “[...] realizada dentro de um contexto social, influenciada, ou mesmo determinada por este contexto”. Numa experiência como essa, o cientista social sofre influências, tendo em vista suas próprias convicções e os interesses do grupo com o qual mantém contato, estabelecendo assim uma relação que não é baseada na neutralidade. Muitas vezes fazendo parte do próprio grupo com o qual está pesquisando e junto a ele propõe novos contornos para as questões que lhes são apresentadas.

Aquilo que foi exposto por Tomanik (2004) remete a abertura dos diálogos estabelecidos com os sujeitos da pesquisa tendo em vista a opção por um trabalho pautado transdisciplinaridade, o que permite que também seja estabelecido um contato mais direto com os saberes dos autores acadêmicos e dos atores da pesquisa. Na mesma direção, referimo-nos a um conto de Marina Colasanti (1985, p. 88) que auxilia no processo de contextualização da necessidade de uma aproximação mais direta com disciplinas e campos de atuação que o objeto de trabalho desta tese requer.

Cabe misturar ficção e realidade ao colocar que a ausência de diálogo, o silêncio, era algo que o rei do conto de Colasanti (1985) apreciava. “Por isso, muito jovem ainda, mandou construir altíssimos muros ao redor do castelo. E logo, não satisfeito, ordenou que por cima dos muros e, por cima das torres, por cima dos telhados e dos jardins, passasse imensa redoma de vidro. Agora sim, nenhum som entrava no castelo. O mundo podia gritar lá fora, que dentro nada se ouviria”. Nesse cenário constantemente narrado o tempo passa, as palavras acumulam-se pelos cantos, frases serpenteiam na superfície dos móveis, interjeições salpicam as tapeçarias. Tudo teria continuado assim, se em determinado momento da história, um *murmúrio, um rasgo de conversa* não tivesse colhido a lembrança de suas palavras, junto ao diálogo que há tantos anos estava trancado, religando-o a si mesmo.

[...] por entre o estilhaçar, subindo, planando, pássaro-grito que no azul se afasta, trazendo atrás de si em revoada frases, cantigas, epístolas, ditados, sonetos, epopeias, discursos e recados, e ao longe – maritacas – um bando de risadas. Sons que no espaço se espalham levando ao mundo a vida do castelo [da biblioteca, da escola, ciberespaço], e que, aos poucos, em liberdade se vão (COLASANTI, 1985, p. 92).

As questões possibilitadas por esse grito preso na garganta pode ser indicado como instrumento de compreensão e transformação das práticas instituídas nos territórios da pesquisa. Como pesquisadores, costumamos construir redomas em torno das estratégias adotadas, impedindo, muitas vezes, que um diálogo mais efetivo seja fomentado. Os caminhos adotados para a realização desta pesquisa, culminam em trocas de experiências que envolvem saberes, fazeres, atitudes, compartilhamento de conhecimento sobre as competências dos contadores de histórias. Abrem possibilidades de discutir os processos de um trabalho narrativo que é vivido e que entre as propostas que esta tese apresenta ganham visibilidade. Diante do exposto, apresentamos no percurso da pesquisa a identificação das competências dos contadores de histórias contemporâneos que culminou na proposição de um modelo de rede colaborativo dialogado.

5.2.1 Classificação da pesquisa

Quanto aos fins esta investigação se classifica como uma combinação de estudos exploratórios e descritivos. Os dados coletados e analisados permitiram buscar uma descrição das características do objeto estudado o que não apareceu como uma certeza, mas sim como possibilidades de buscar entendê-lo, ao mesmo tempo em que se procurou proporcionar maior contato com o problema com vista a explicitá-lo juntamente com a hipótese, porém, de maneira flexível. Esta pesquisa é do tipo qualitativa e, em determinados momentos, também assume contornos quantitativos (GIL, 2009).

Quanto aos procedimentos, assume as características de uma pesquisa participativa, devido ser imperativo a interação entre os sujeitos que dela participam: pesquisador contador de histórias; contador de histórias entrevistado; comunidade envolvida em projetos de pesquisas e extensão, etc. Acrescenta-se aos seus procedimentos a observação do fato de que o processo de pesquisa levou seus participantes a investigar e colocar em análise a realidade em que se encontra o seu trabalho no Estado do ES.

5.2.2 Estratégias, técnicas e instrumentos

Existem muitos caminhos que mostram como fazer e organizar os dados de uma pesquisa, por esse motivo, entramos em contato com várias teorias metodológicas, o que ampliou nosso campo de visão. Todavia, uma investigação que se consolida perante a relevância social de identificar as competências dos contadores de histórias, tendo ainda como finalidade pensar um modelo de rede colaborativa, não poderia caber apenas em uma maneira de pensar o problema.

Utilizamos, assim, como estratégia, a criação de espaços de interação em eventos de pesquisa e extensão organizados ao longo do processo de investigação, sendo alguns deles solicitados pelos membros da comunidade externa à Universidade. Por meio de diálogos, estabelecidos em ações como palestras, oficinas e outras, estabeleceu-se contato com os sujeitos narradores, bem como, procedeu-se ao processo de mapeamento e proposição da rede colaborativa dos contadores de histórias (APÊNDICE G).

Procedeu-se a técnica de *observação direta e extensiva* por meio da aplicação de um questionário contendo indicadores de perfil e contexto, com a finalidade de diagnosticar e identificar as competências dos contadores de histórias (APÊNDICE A e C). Por outro lado,

adotou-se a *observação direta e intensiva* por meio das entrevistas tendo como base um roteiro com questões semiestruturadas para complementar a identificação das competências e diagnosticar a dinâmica das conexões em redes dos contadores de histórias (GIL, 2009).

Em alguns momentos acompanhamos mais de perto os movimentos do grupo de contadores de histórias, permitindo a exploração da prática narrativa em territórios como livraria, escola, museu e ciberespaço. Esse tipo de observação foi guiada pela avaliação diagnóstica obtida após a aplicação do questionário contendo indicadores de perfil e contexto organizado junto com o roteiro de entrevistas (instrumentalização da pesquisa) (APÊNDICE E).

5.2.3 Coleta e análise dos dados

Da fase de construção dos instrumentos até a interpretação dos dados coletados, destaca-se a contribuição recebida da *análise de conteúdo* que resulta num conjunto de técnicas de análise dos dados coletados, por meio de procedimentos sistemáticos para abstrair a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção de indicadores e índices (BARDIN, 2011).

Essa técnica auxiliou no processo de identificação dos temas que se fizeram relevantes no processo de categorização dos assuntos trabalhados nos instrumentos da pesquisa. Também resultou no processo de análise detalhada do material coletado. Para isso, elaborou-se um escopo comparativo das informações relevantes (processo de categorização), o que tornou possível uma análise comparativa dos dados tabulados a partir da aplicação do questionário e da transcrição das entrevistas.

5.3 ESTRUTURAÇÃO DOS MOMENTOS DA PESQUISA

A pesquisa foi dividida em quatro momentos inteiramente interligados. Conforme observado nos capítulos anteriores, no *primeiro* procedeu-se ao levantamento teórico por meio da leitura flutuante⁸² daquilo que fora publicado sobre o tema, pela literatura no campo da CI e áreas afins. Destacando-se temas como competência em informação, redes colaborativas, competência narrativa, narrativa oral e memória. Os atores selecionados para essa revisão

⁸² Segundo Bardin (2011, p. 126) a leitura flutuante é a primeira atividade de uma pesquisa, consistindo-se como um contato com os documentos necessários a análise, culminando no “[...] ato de conhecer o texto deixando-se invadir por impressões e orientações”.

teórica são pesquisadores, docentes e contadores de histórias que passeiam por diferentes campos da informação, educação e cultura.

5.3.1 Mapeamento da rede e início da coleta dos dados

Esta investigação demandou a adaptação e a (re)criação de algumas estratégias, técnicas e ferramentas no campo da metodologia, culminando no estabelecimento de diálogos com os narradores de histórias possibilitados pelos diversos eventos organizados ao longo da pesquisa: Momentos de formação; Seminários; Cursos; etc. (APÊNDICE G). Sendo assim, em um *segundo momento* iniciou-se o mapeamento da rede dos contadores de histórias e a estruturação do desenho da rede de relacionamento desses atores sociais.

O mapeamento baseou-se nas técnicas de amostragem não probabilística intencional (GIL, 2009), popularmente denominada de “Amostragem bola de neve”. Na medida em que se estabeleceu um contato mais direto com os contadores de histórias por meio das ações dos eventos, tornou-se possível que outros membros desse universo fizessem parte da pesquisa ao serem citados. Com esse propósito, um contador de histórias indicava outro e assim sucessivamente.

Com a finalidade de coletar uma amostra heterogênea dos contadores de histórias capixabas, inicialmente selecionaram-se participantes de dois eventos, a saber: “II seminário No balanço das redes dos contadores de histórias” e “Oficina de contação de histórias”, ambos realizados nas dependências da Ufes no segundo período de 2014. Utilizou-se como critério a seleção de possíveis narradores e profissionais que pudessem indicar outros narradores para a composição da rede da pesquisa. Não foram selecionados os sujeitos que não se enquadraram no perfil de narrador de histórias e aqueles que não forneceram corretamente os seus contatos.

Ao iniciar o processo de mapeamento da rede de contadores de histórias capixabas e identificar as competências que fortalecem as suas conexões na sociedade da informação, as ações implantadas entre os anos de 2013, 2014 e 2015 deram passagem aos momentos de diálogos individuais e coletivos com os narradores de histórias (APÊNDICE G).

Na primeira fase foram enviados 22 convites aos participantes dos eventos, aos quais obtivemos 11 aceitações e 09 ausências de respostas. Na segunda solicitou-se que os 11 participantes indicassem mais outros contatos de contadores de histórias da sua rede profissional e/ou pessoal. A indicação se deu por meio de contato presencial, correio

eletrônico, redes sociais e/ou telefonemas. Nas duas fases do mapeamento foram enviados 66 convites que ocasionaram em 36 respostas positivas (Tabela 1).

As respostas positivas resultantes do mapeamento na primeira e segunda fases, ocasionaram na indicação de outros sujeitos para a rede e, posteriormente, esses sujeitos foram sendo convidados a participarem de eventos estruturados em torno da pesquisa (APÊNDICE G). Após o mapeamento, procedeu-se a coleta dos dados tendo inicialmente como meta diagnosticar as competências do contador de histórias do Estado do ES. Mediante a aplicação de um questionário contendo indicadores de perfil e contexto, procurou-se identificar as habilidades direcionadas ao desenvolvimento da prática narrativa, produção de conhecimentos e compartilhamento de informações em redes de colaboração.

Tabela 1 – O percurso do mapeamento da rede dos contadores de histórias da pesquisa

MAPEAMENTO	1ª FASE	2ª FASE	TOTAL
CONVITES ENVIADOS	22 participantes dos eventos	44 narradores indicados ⁸³	66
RESPOSTAS POSITIVAS	11 participantes dos eventos ⁸⁴	25 narradores indicados	36
RESPOSTAS NEGATIVAS	-	02 narradores indicados	02
AUSÊNCIA DE RESPOSTA	09 participantes dos eventos	17 narradores indicados	26

Fonte: Produzida pela autora durante a realização da pesquisa.

A primeira versão do questionário contendo indicadores de perfil e contexto fora feita com base em três categorias: memória social, competência em informação e competência narrativa. Nele continham três indicadores que consubstanciaram a coleta e análise dos resultados. No primeiro, denominado *indicador do perfil do contador de histórias*, reuniu informações sobre sexo, idade, formação, espaços de atuação, dentre outras. O *indicador do contexto da competência em informação* permitiu a identificação de aspectos relacionados com a inclusão digital e informacional desse narrador. O terceiro indicador foi criado especificamente para dar conta do contexto da narrativa oral ao receber a seguinte denominação: *indicador da competência narrativa* (GERLIN; SIMEÃO, 2015).

⁸³ Na segunda fase do mapeamento recebemos 18 nomes de contadores de histórias sem que os contatos fossem devidamente informados, o que contribuiu para que os convites não fossem enviados.

⁸⁴ Destes 3 participantes não possuem o perfil de contador de histórias, então, apenas indicaram outros sujeitos para participar da segunda fase do mapeamento da pesquisa.

Na primeira versão de questionário utilizado no pré-teste em Brasília (DF) (APÊNDICE A)⁸⁵, foi acompanhado de um termo de consentimento e esclarecimento (APÊNDICE B). Essa fase da pesquisa culminou numa análise prévia fruto das discussões realizadas entre pesquisadores do GPCI da UnB e GEETAB da Ufes. Para a sua constituição inicialmente utilizou-se como parâmetro o *Modelo de indicadores de inclusão digital e informacional direcionado para o desenvolvimento de competências (IDEAS)* (CERVERÓ et al; 2011), constantemente utilizado pelos pesquisadores do GPCI da UnB.

Posteriormente as categorias de análise foram aperfeiçoadas, resultando na segunda versão do questionário que foi aplicada no universo da pesquisa: Estado do ES (APÊNDICE C). Esse questionário é resultante da pesquisa teórica, culminando no processo de categorização de seis categorias, tornando possível o processo de investigação de competências específicas (*ser, fazer e conhecer*) do contador de histórias na sociedade da informação: indicadores do perfil profissional (categoria dados pessoais e categoria formação profissional) e indicadores do contexto de atuação (categoria atuação cultural; categoria competência narrativa; categoria competência em informação e categoria conexão em redes) (Quadro 11).

Quadro 11 - Categorias dos indicadores e descrição dos assuntos

INDICADORES DO PERFIL PROFISSIONAL		
Categoria dados pessoais e profissionais	Identificação pessoal (nome, idade, sexo)	Ligação com a área da contação de histórias: profissional remunerado, voluntário, etc.
	Início na carreira (ano e século)	Desenvolvimento de atividades relacionadas com a arte de narrar (narrador, formador, pesquisador, etc.)
	Profissões paralelas relacionadas com a arte de narrar	Territórios de desenvolvimento das atividades de contação de histórias
Categoria formação profissional	Formação escolar	Formação acadêmica
	Formação específica da área da narrativa oral	Instituições que forneceram espaços de formação no campo da narrativa oral
	Influência de narradores de contextos tradicionais	Contribuição do ciberespaço no processo de formação

⁸⁵ O pré-teste realizado com contadores de histórias de Brasília contribuiu para a inclusão de tópicos que consubstanciaram as questões norteadoras. Após a realização do pré-teste fora mapeada a rede dos contadores de histórias do ES e, por conseguinte, a seleção dos participantes da pesquisa. A primeira amostra da pesquisa (pré-teste) foi composta pelos sujeitos que participaram dos eventos promovidos pelo GEETAB da Ufes e GPCI da UnB.

INDICADORES DO CONTEXTO DE ATUAÇÃO		
Categoria atuação cultural	Agenciamento autônomo das atividades culturais	Apoio de sujeitos em instituições públicas e/ou privadas
	Avaliação do relacionamento com público, apoiadores e pares	Diálogo com profissionais de outras áreas de atuação
	Desenvolvimento do trabalho narrativo no ciberespaço	Caracterização das atividades culturais (ação cultural, animação, etc.).
Categoria competência narrativa	Seleção de narrativas para o repertório	Forma de seleção das narrativas novas
	Tipos de suportes/mídias consultadas para a seleção do material	Influência da faixa etária do público atendido na seleção das histórias
	Tipo de público atendido (infantil, juvenil, adulto, idoso)	Estratégias utilizadas na preparação das histórias (leitura, escrita, uso de recursos, ensaio, etc.)
	Ambientação e organização do ambiente da narrativa	Interação no processo de comunicação da narrativa
Categoria competência em informação	Inclusão digital	Tipos de equipamentos usados para acessar a rede digital
	Execução de tarefas simples	Utilização de mídia social para a comunicação em rede
	Intensidade de conexão em rede	Tipos de mídias sociais utilizadas em rede
	Uso de aplicações de acesso à internet	Ferramentas de busca e recuperação da informação
	Inclusão informacional	Seleção da informação por grau de importância dos objetivos
	Localização da informação em obras impressas e digitais	Processo de detectar palavras chaves na definição de um conteúdo do texto
	Critérios utilizados para avaliar a qualidade das fontes	Organização e disponibilização do conteúdo de documentos
	Tipos de arquivos compartilhados	Produção coletiva de novos arquivos para compartilhamento
Categoria conexão em redes	Participação em rede presencial de aprendizagem	Participação em rede virtual (digital) de aprendizagem
	Participação de rede social (presencial ou virtual)	Utilização de informações atualizadas da área da narrativa oral nas redes
	Uso da internet para divulgar informação atualizada de interesse dos contadores de histórias	Possibilidade de buscar informações relacionadas com a narrativa oral nas redes citadas

	Compartilhamento das tecnologias conhecidas	Importância atribuída ao acesso do contador de histórias nas redes digitais
	Importância atribuída ao processo de participação em atividades direcionadas para a formação do contador de histórias	Interesse em participar da rede colaborativa proposta pela pesquisa

Fonte: Produzido pela autora durante a realização da pesquisa.

Ao longo do processo muitas questões foram surgindo e, à luz das discussões teóricas, então, trabalhamos com a segunda versão dos indicadores de perfil e contexto, tendo como meta identificar as competências dos contadores de histórias. O estado da arte em termos de territórios dos sujeitos contadores de histórias da coleta da pesquisa pode ser representado da seguinte maneira: nos diversos eventos e momentos de diálogos individuais e coletivos realizados ao longo da pesquisa; nos quais entregamos 138 questionários contendo indicadores de perfil e contexto. Dentre os questionários entregados foram 68 questionários devidamente preenchidos (Tabela 2).

Tabela 2 – Total de questionários enviados e preenchidos (devolvidos)

TERRITÓRIOS DE ATUAÇÃO	QUESTIONÁRIOS ENVIADOS	QUESTIONÁRIOS DEVOLVIDOS
PMC	35	33
PMV	03	03
PM Viana	01	01
PMJM	01	01
Escola Primeiro Mundo	58 + 28 = 86 ⁸⁶	03 + 15 = 18
Ufes	03	03
Projeto Colorir	02	02
Autônomos	07	07
TOTAL DE ENVIADOS:	138	-
TOTAL DE DEVOLVIDOS:	-	68

Fonte: Produzida pela autora durante a realização da pesquisa.

⁸⁶ No primeiro contato estabelecido com essa unidade escolar foram distribuídos 58 questionários para professores da educação infantil que participaram do curso de contadores de histórias e na segunda fase 28 questionários do ensino fundamental, totalizando 86 questionários entregados.

No termo de consentimento e livre esclarecimento⁸⁷ (APÊNDICES D) que acompanhou a aplicação do questionário no Estado do ES, consta o compromisso de não identificarmos o nome do contador de história se assim fosse desejado. Desse modo, identificamos apenas os sujeitos entrevistados que permitiram a divulgação de seus nomes. Dentre os 68 questionários preenchidos (100%) conseguimos entrevistar 19 contadores de histórias (27,94%).

5.3.2 Entrevistas e proposição do modelo de rede colaborativa

No **terceiro momento** aconteceram as entrevistas. Nessa fase a aplicação dos indicadores de perfil e contexto teve continuidade, auxiliando na identificação de pontos importantes no processo de diálogo. Também foram realizados encontros coletivos para a aplicação dos questionários, realização das entrevistas e observação do campo. As entrevistas foram realizadas apenas presencialmente, individualmente e em grupo. Com isso, lançamos mão de encontros coletivos em eventos e roda de conversas para reunir um maior número de narradores nessa fase da pesquisa.

A coleta dos dados e análise do conteúdo das entrevistas foram feitas à luz dessas categorias que em muito auxiliaram no processo de categorização. Nesse momento, houve um aprofundamento das questões mais relevantes, segundo apontado no início da fase diagnóstica. O diálogo necessário à validação do modelo foi acontecendo cotidianamente em oficinas, cursos, seminários e outros tipos de eventos realizados com os contadores de histórias que atuam em territórios de informação, educação e cultura do Estado do ES. Esses eventos foram essenciais em todas as etapas da pesquisa e principalmente nessa fase de aplicação (APÊNDICE G).

Barreiras geográficas, de tempo e outras dificuldades do dia a dia impediram que todos os questionários fossem preenchidos e entrevistas realizadas. Mesmo não conseguindo agendar os momentos de diálogos com todos aqueles que aceitaram participar da pesquisa, tornou-se possível identificar territórios de informação, educação e cultura nos quais atuam os contadores de histórias da pesquisa⁸⁸.

⁸⁷ Consta no documento várias informações, tais como, objetivo, método e responsáveis pela pesquisa. Além disso, compromete-se tratar os dados de forma ética, divulgar os resultados da pesquisa ao final do processo e não divulgar o nome do participante sem a sua autorização.

⁸⁸ Por meio do mapeamento da rede conseguimos estabelecer contato com bibliotecários, professores, atores e contadores de histórias autônomos que atuam ou atuaram na Prefeitura Municipal de Vitória (PMV), ES - Prefeitura Municipal de Cariacica (PMC), ES - Prefeitura Municipal de Jerônimo Monteiro (PMJM), ES - Prefeitura Municipal de Viana (PM Viana), ES - Prefeitura Municipal de Vila Velha (PMVV), ES; Escola da Ilha da Rede de Ensino Particular de Vitória, ES; Escola Primeiro Mundo da Rede de Ensino Particular de

Na maioria das vezes os questionários foram preenchidos presencialmente e, em alguns momentos, devido a dificuldades como de tempo e espaços geográficos, também foram utilizados e-mails, redes sociais e telefone, alcançando-se, assim, os contadores de histórias que mostraram dificuldade em participar dos encontros presenciais. Desse modo, eticamente optamos pela divulgação dos narradores profissionais que permitiram o registro dos seus nomes artísticos durante as entrevistas:

Quadro 12 – Identificação dos entrevistados e descrição das atividades desenvolvidas⁸⁹

ENTREVISTADO	ÁREA DE ATUAÇÃO PARALELA	ATIVIDADES DESENVOLVIDAS
Alzinete Biancardi	Professora da Ufes - Ensino Superior	Narradora profissional, voluntária, formadora e pesquisadora
Alzira Bossois	Terapeuta holística – Autônoma	Narradora profissional e voluntária
Cláudia Perere	Professora - Autônoma	Narradora profissional e formadora
Eduardo Valadares	Bibliotecário escolar - Ensino Fundamental	Narrador profissional e formador
Elane Uliana	Bibliotecária escolar - Ensino Fundamental	Narradora profissional bibliotecária
Eugênia Broseguini	Bibliotecária escolar - Ensino Fundamental	Narradora profissional, voluntária e formadora
Eugênio Fernandes	Psicopedagogo – OSCIP	Narrador profissional e formador
Fabiano Moraes	Professor da Ufes - Ensino Superior	Narrador profissional, formador, pesquisador e escritor
Fábio Perere	Professor - Autônomo	Narrador profissional, voluntário e formador
Gab Kruger	Professora - Autônoma	Narradora profissional, formadora e empreendedora cultural
Ingrid Pereira	Bibliotecária escolar - Ensino Fundamental	Narradora profissional bibliotecária
Marcela Mendonça	Bibliotecária escolar - Ensino Fundamental	Narradora profissional e formadora
Márcia Helena	Bibliotecária escolar - Ensino Fundamental	Narradora profissional bibliotecária
Marta Samôr	Escritora - Autônoma	Narradora profissional, voluntária e escritora
Rita Santos	Pedagoga - Autônoma	Narradora profissional e formadora
Rosário Varejão	Pedagoga – Educação Infantil	Narradora profissional, formadora e pesquisadora
Tiana Magalhães	Advogada - Autônoma	Narradora profissional, voluntária e

Vitória, ES; Projeto Colorir (Organização da Sociedade Civil de Interesse Público - OSCIP); Grupo de Contadores de Histórias Chão de Letras da Biblioteca Pública Municipal de Vitória Adelphi Monjardim (FAFI); A Mala Produções; Filhos de Griô do MUCANI e GECHUFES via Projeto de Extensão Informa-Ação e Cultura da Ufes.

⁸⁹ Foram selecionadas apenas as atividades e áreas de atuação mais citadas pelos contadores de histórias no processo de entrevistas, assim como, todos são considerados como contadores de histórias profissionais com ou sem remuneração específica.

		formadora
Silvana Sampaio	Professora e Escritora - Ensino Fundamental	Narradora profissional, formadora, pesquisadora e escritora
Vânia Célia	Bibliotecária escolar - Ensino Fundamental	Narradora profissional bibliotecária

Fonte: Produzido pela autora durante a realização da pesquisa.

O trabalho de campo iniciado com o preenchimento do questionário contendo indicadores de perfil e contexto, acabou sendo iniciado em 18 de março e finalizado em 14 de agosto de 2015, culminando em diálogos possibilitados pelos processos de entrevistas⁹⁰. O desdobramento dos assuntos abordados tomaram rumos diferenciados devido a liberdade que um roteiro semiestruturado ofereceu aos participantes (APÊNDICE E). Na medida em que novas questões surgiram foram imediatamente acrescentadas às categorias da análise (Quadro 11). Processos de observação mais efetivos aconteceram na biblioteca escolar da EMEF Aristóbulo Barbosa Leão (PMV/ES), Escola da Rede de Ensino Particular Primeiro Mundo (Vitória/ES), Espaço infantil da Livraria Saraiva do Shopping Vitória (ES) e Museu Capixaba do Negro (MUCANE) (Vitória/ES). Essa fase teve como meta identificar competências necessárias às conexões dos contadores de histórias capixabas (centralizadas, descentralizadas e distribuídas).

No **quarto momento** ocorreu a análise do material observado no campo da pesquisa e procedeu-se a tabulação dos dados da avaliação diagnóstica, especificamente dos indicadores de perfil e contexto das competências dos narradores de histórias do Estado do ES. Nessa etapa, trabalhou-se com a apresentação de dados percentuais que, em alguns momentos, são visualizados em gráficos, tabelas e no corpo do texto. Os dados obtidos à luz da identificação das competências dos narradores de histórias foram analisados com o auxílio dos diálogos estabelecidos com os narradores entrevistados. Nessa fase procedeu-se ao desenho da rede dos contadores de histórias que participaram da pesquisa possibilitada pelos indicadores de perfil e contexto. No que se refere ao processo de representação gráfica dessa rede, desça-se o auxílio do software UCINET⁹¹.

⁹⁰ As entrevistas foram gravadas com o consentimento dos participantes que também permitiram a divulgação dos nomes e das imagens relacionadas ao seu trabalho no âmbito profissional (APÊNDICE F). No processo de gravação, utilizamos técnicas da História Oral para que o participante estivesse mais integrado com o processo e, em seguida, essas técnicas contribuíram para a transcrição das gravações. Um processo de observação do campo mais efetivo, apareceu como uma consequência dos diálogos.

⁹¹ O contexto de representação das conexões em rede dos sujeitos da pesquisa, teve o auxílio do software “UCINET 6.586” que instala automaticamente a ferramenta de desenho digital livre “Net Draw 2.155”. Para isso, utilizou-se o manual na versão em Português (ALEJANDRO; NORMAN, 2006).

Após esse processo elaboramos a proposição do planejamento da rede colaborativa voltada para a realidade de trabalho do contador de história. Obviamente essa etapa teve como meta dialogar sobre a proposta de um modelo de rede em que o narrador de histórias capixaba possa estabelecer relações com seus pares (companheiros de atividade), público e outros sujeitos interessados em acessar, produzir e compartilhar informação que gira em torno da prática narrativa. A proposição da rede (método de interlocução) levou em consideração a possibilidade do acesso, uso e compartilhamento de uma informação efetivamente direcionada à prática do narrador de histórias, de modo que possa atender as demandas desse profissional na sociedade da informação.

6 UMA ARTE MILENAR BORDADA NA ORALIDADE: PERFIL PROFISSIONAL E CONTEXTO DE ATUAÇÃO DOS ATORES SOCIAIS DA PESQUISA

Fotografia 10 - Contação de histórias com Tiana Magalhães (Museu Capixaba do Negro)



Fonte: Produzida pela autora durante a elaboração da pesquisa.

E, para não haver confusão de linguagens, é preciso perceber que um contador de histórias contemporâneo difere de um contador popular, de um declamador e de um ator, ainda que sua prática se beneficie de elementos também utilizados por esses artistas (SISTO, 2012a, p. 33).

6.1 INDICADORES DO PERFIL PROFISSIONAL

6.1.1 Categoria dados pessoais e profissionais

Ações de pesquisa e extensão universitárias possibilitaram uma aproximação com os sujeitos da pesquisa (APÊNDICE G). Por meio delas criaram-se espaços de reflexões e de diálogos sobre um perfil diferenciado dos contadores de histórias. Tornaram visível uma diversidade de contextos de atuação desses profissionais conectados em redes (digitais e presenciais) na sociedade da informação. Esses diálogos conduziram a um conto que comumente ouvimos dos narradores capixabas: “*O mundo*” de Eduardo Galeano (2002). À luz dessa história, delineamos um retrato um tanto diferente da diversidade humana:

Um homem da aldeia de Neguá, no litoral da Colômbia, conseguiu subir aos céus. Quando voltou, contou. Disse que tinha contemplado, lá do alto, a vida humana. E disse que somos um mar de fogueirinhas.

- O mundo é isso – revelou - Um montão de gente, um mar de fogueirinhas. Cada pessoa brilha com luz própria entre todas as outras. Não existem duas fogueiras iguais. Existe gente de fogo sereno, que nem percebe o vento, e gente de fogo louco, que enche o ar de chispas. Alguns fogos, fogos bobos, não alumiam nem queimam; mas outros incendeiam a vida com tamanha vontade que é impossível olhar para eles sem pestanejar, e quem chegar perto pega fogo (GALEANO, 2002, p. 11).

Os narradores de histórias podem muito bem ser representados dessa maneira: um mar de fogueirinhas! Um montão de gente diferente compartilhando experiências coletivas em territórios de educação, informação e cultura. O ato de recordar com os sujeitos narradores auxilia no tecido de histórias de vidas e de trabalhos, dando visibilidade ao lado performático da profissão. Cada um tem um brilho diferente, colocando-nos em contato com um fogo sereno que, ao mesmo tempo, queima e que poderia muito bem ter sido retratado por Galeano (2002) no *Livro dos abraços*.

A maioria dos narradores de histórias da pesquisa pertence ao sexo feminino (89,70%) e possui até 50 anos de idade (85,30%) (Tabela 3). Sem desconsiderar a menor representatividade do sexo masculino (10,30%), esse dado remete a uma questão social fortemente relacionada ao gênero, cabendo, então, refletir o motivo de muitas vezes as avós, mães e professoras permearem o imaginário social como narradoras de histórias. Essa parcela majoritariamente feminina remete ao fato de que “Em muitas culturas de tradição oral, as avós [...] Contam histórias que transmitem os frutos do seu aprendizado sobre a vida para o benefício das gerações futuras” (MATOS; SORSY, 2009, p. 37).

Tabela 3 – Média de idade do contador de histórias

IDADE	ATÉ 50 ANOS	MAIS DE 50 ANOS	MAIS DE 20 ANOS
	85,30%	13,23%	1,47%

Fonte: Produzida pela autora durante a realização da pesquisa.

No final do século XX houve uma intensificação do processo de narrar e, por conseguinte, da profissionalização do contador de histórias brasileiro (MATOS, 2014). O Programa Nacional de Incentivo à Leitura (PROLER)⁹² contribuiu “[...] para a proliferação dos contadores de histórias no Brasil, haja vista que considerava essa prática fundamental para implementar o gosto pela leitura e o consumo de livros” (FLECK, 2007, p. 222). Em nível nacional, percebe-se a intensificação do oferecimento de ações de extensão e de outros programas institucionais voltados para a narrativa oral nesse mesmo século. No Estado do ES identificou-se que boa parte dos narradores de histórias iniciou a sua atividade no século XX (30,90%), o que repercutiu positivamente no cenário de atuação no início deste século (Tabela 4).

Tabela 4 – Início da atividade do contador de histórias

INÍCIO DA ATIVIDADE	SÉCULO XX	SÉCULO XXI	SEM RESPOSTA
	30,90%	48,50%	20,60%

Fonte: Produzida pela autora durante a realização da pesquisa.

As atividades do PROLER constituíram-se como iniciativas ligadas à narrativa oral em diversas regiões brasileiras, incluindo o ES nesse contexto (MAROTO, 2009). Junto a esse programa, destacam-se as atividades extensionistas do GECHUFES que trabalharam com formação de contadores de histórias no século XX, prevalecendo até a primeira década do século XXI. A meta do PROLER vai ao encontro do grupo experimental ligado à Universidade, tendo em vista que ambos se baseiam na ideia de democratização da leitura junto às camadas populares, perpassando os territórios das bibliotecas, das escolas e de outros espaços de mediação da leitura.

Foi uma surpresa quando os movimentos começaram a se tornar públicos, porque eu sempre fui uma pessoa extremamente tímida. O maior desafio do PROLER foi um movimento grande que a Biblioteca Nacional empreendeu no final da década de 90, de incentivo à leitura. O maior desafio pra mim foi vencer a timidez. Não só a timidez, mas eu acho até que é um pouco de orgulho, sabe? Medo de errar em público. Então

⁹² Instituído pelo Decreto Presidencial nº 519, em 13 de maio de 1992 e vinculado à Fundação Biblioteca Nacional, órgão do Ministério da Cultura (FLECK, 2007).

hoje eu acho que aprender a contar histórias em público foi uma prova de humildade (Silvana Sampaio).

Desde 1996, em conjunto com a professora Maria da Conceição Carvalho⁹³, após a criação de um projeto de extensão a gente viu a necessidade de abrir essa área de formação dentro da Universidade. Bem no frígido dos ovos, do surgimento, vem o PROLER e inúmeros programas de formação de leitores tanto pra professor leitor quanto para estudantes leitores. E a gente começa, então, a trabalhar com um projeto de extensão nessa área. Depois da comemoração dos 100 anos de Malba Tahan, surge então o Grupo Experimental de Contadores de Histórias da Ufes - GECHUFES (Alzinte Biancardi).

As entrevistadas Silvana Sampaio e Alzinete Biancardi corroboram com os estudos publicados na área da narrativa oral, concernentes com o fortalecimento da arte do contador de histórias no final do século XX e, por conseguinte, com a criação de ações de incentivo à leitura (FLECK, 2009; MATOS, 2014). “O contador de histórias pode ser também um mediador de leitura, um leitor experiente capaz de apresentar a outros potenciais leitores o vasto universo dos livros e das histórias” (FLECK; CUNHA, 2015, p. 3). No cenário espírito santense todos os sujeitos da pesquisa tiveram algum tipo de ligação profissional com a área da contação de histórias (100%), envolvendo-se diretamente com práticas de leitura. A maior parte ainda exerce a atividade no campo da narrativa oral (77,95%) e mais da metade desempenha atividades paralelas relacionadas com a contação de histórias (67,65%) (Tabela 5).

Tabela 5 – Atividades paralelas e atuação no campo da contação de histórias

ATUAÇÃO NO CAMPO DA CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS	ATUA	NÃO ATUA	SEM RESPOSTA
	77,95%	22,05%	0,00%
DESENVOLVIMENTO DE ATIVIDADES PARALELAS À CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS	DESENVOLVE	NÃO DESENVOLVE	SEM RESPOSTA
	67,65%	29,40%	2,95%

Fonte: Produzida pela autora durante a realização da pesquisa.

Em termos do exercício de profissões paralelas à prática de contar histórias, os sujeitos desta pesquisa atuam ainda como: professore do ensino fundamental; professor da educação infantil; professor do ensino superior; bibliotecário escolar e de biblioteca pública; advogado; terapeuta; etc. A maior parte não recebe remuneração específica (67,65%), contudo desenvolvem um trabalho fixo em escolas, bibliotecas escolares, bibliotecas públicas, museus

⁹³ Professora da Escola de Ciência da Informação da Universidade Federal de Minas Gerais, na ocasião era professora do Departamento de Biblioteconomia da Ufes e coordenadora do GECHUFES.

e outros. Menos da metade enquadra-se na categoria de profissional remunerado autônomo (32,35%) atuando nesses e em outros territórios esporadicamente (Fotografia 11).

Fotografia 11 – Contação de histórias com Silvana Sampaio (Encontro com o escritor)



Fonte: ESCRITORA... (2015).

A autonomia está ligada a capacidade de controlar os insumos utilizados para o desenvolvimento da atividade de narrar. “No fazer dos contadores de histórias, uma das possíveis formas de controle do próprio trabalho é a liberdade de escolha do repertório, assim como, a delimitação de determinadas condições em relação aos trabalhos ‘sob encomenda’” (FLECK, 2009, p. 61). No processo desta pesquisa foram identificadas duas maneiras de atuação relacionadas com a área da contação de histórias: contador de histórias profissional remunerado autônomo e o contador de histórias profissional sem remuneração específica.

Não sou vinculado a nenhuma instituição como contador de histórias, tenho o registro de micro empreendedor individual, um CNPJ. Eu atuo autonomamente. Se fosse citar algum vínculo seria com a PMV, porque pela Prefeitura dou algumas formações e nela também faço um trabalho na biblioteca em que atuo como contador de histórias (Eduardo Valadares).

Costumo trabalhar como contadora de histórias voluntária. Eu acho que na escola atuo como profissional, mas [...] eu comecei na igreja, você vai ficar com as crianças e tem que dar um jeito, não é? Na igreja evangélica geralmente é assim. Então comecei faz uns 14 anos, com os pequenininhos de 0 a 4 anos e eu tinha que rebolar porque eles não prestam atenção (Ingrid Pereira).

Me iniciei na Biblioteca Pública, no setor infantojuvenil porque é específico. E agora diretamente na biblioteca escolar junto com as crianças, estou ensaiando enquanto

referência, não é? Porque agora eu viro referência e não sou uma contadora de histórias, não sei se teria coragem de contar histórias por aí, entende? Porque na verdade eu acabo sendo medrosa, mas é por conta do rigor de entender o que é a profissão (Vânia Célia).

Em 1970 quando eu já fazia normal, eu contava histórias para as crianças. Eu sou do tempo do normal⁹⁴ ainda. E eu sempre gostei muito de contar histórias para as crianças. Na atualidade eu desenvolvo momentos de contação de histórias, mas não formalmente. [Conto histórias para...] o CMEI⁹⁵ daqui, que responde por Creche ainda (Rosário Varejão).

No Estado, daquele período do GECHUFES para cá, eu percebi um crescimento muito grande de pessoas se interessando pela contação de histórias e se profissionalizando; ganhando um dinheiro com isso. E eu até penso que podia ter pensado nessa vertente, mas talvez não fosse a minha praia me profissionalizar para ganhar dinheiro. Eu já ganhei dinheiro com isso, mas não é aquilo que eu coloquei pra mim. Ainda tenho projetos em que conto e a gente têm projetos de incentivo à leitura em que convida os contadores de histórias. E quando acontece um imprevisto me coloco lá pra contar do meu jeito. Também já tive uma experiência num projeto de leitura na Igreja Presbiteriana do "Projeto Ágape" em que a contação de histórias foi mais uma biblioterapia do que simplesmente contar a história e as crianças cantarem (Eugênia Broseguini).

A atividade no campo da oralidade assume a importância de uma profissão que requer competência e aprendizagem contínua (GOMES, 2012). A aquisição de habilidades e técnicas é imprescindível para oferecer produtos e serviços, como a comunicação da narrativa oral baseada em textos de *autoria pessoal ou coletiva* (FLECK, 2009). O sujeito narrador precisa se enxergar como *pesquisador* do seu próprio trabalho e, muitas vezes, assumir a função de um sujeito *formador* que compartilha informações e conhecimentos adquiridos ao longo da vida.

Particpei do PROLER como formadora em Pancas, Montanha, Mantenópolis, Pinheiros, mais na parte norte do Estado. [...] Tinha o material que a gente preparava. O pessoal gosta muito de apostila, a gente gosta muito de papel, não é? Até a SEDU⁹⁶ cobrava o recurso material e tinha que deixar lá pra eles. Eu tinha que ir lá e passar pela assessora: - *Qual o recurso didático?* Como ensinar a arte de cantar e contar histórias [era o título da apostila]. Como incentivo à leitura eu botava algumas músicas chaves, acumulativas, músicas de domínio público. Músicas de mais 300, 400 anos que os portugueses ensinavam. Da colônia portuguesa e que não tem autoria, a Bia Bedran trabalha muito esse tipo de conto, não é? Então colocava algumas dessas músicas porque achava fundamental. E depois com o passar dos anos fui censurando algumas (Rosário Varejão).

Eu fiz muitos, mas eu ministrei muitos cursos também. Eu tenho uma geração de contadores de histórias que passaram pela minha mão aqui no ES. O Fernando Soledad⁹⁷ é um deles. Tem uma turma que fez cursos comigo bem no começo. Quando o PROLER parou de fazer o movimento aqui no ES, eu falei: - *Essa coisa não pode parar!* E como eu já tenho algum conhecimento e uma experiência eu

⁹⁴ Curso do ensino médio direcionado para formação de professores, para atuar no ensino infantil e nas séries iniciais do ensino fundamental.

⁹⁵ Centro Municipal de Educação Infantil (CMEI).

⁹⁶ Secretaria de Estado da Educação (SEDU) do Espírito Santo.

⁹⁷ Contador de histórias, ator e ex-participante do GECHUFES.

comecei a escrever algumas coisas e propus um curso no SENAC⁹⁸ de muitas horas. Nossa já faz muito tempo isso, deve ter tido uns vinte alunos. Foi um curso bem interessante, a gente fazia laboratório, gravava e assistia a filmagem e analisava a *performance* de cada um. Quem tinha vícios de linguagem conseguia se ver ali no vídeo e a gente comentava. Era um grupo assim que todo mundo ia comentando. Foi muito rico esse grupo do SENAC. Depois eu ministrei cursos para professores em escolas, oficinas em escolas também, em bibliotecas, em livrarias, etc. (Silvana Sampaio).

Fiz um curso de uma manhã na Paulinas. Tem uma narrativa que aprendi lá e conto até hoje, a história da Corujinha. Fiz com uma pessoa da área da pedagogia. A escola e acho que a livraria pode entrar também por conta desse curso que fiz. A oficina em que vou atuar como formadora com Eduardo será na Livraria Paulinas. Como formadora será a primeira vez, trabalho profissionalmente na escola em que atuo e desenvolvi um trabalho de voluntariado na APAE⁹⁹. Muito raramente em sala de aula. Atualmente em sala de aula apenas quando uma turma grande não cabe na biblioteca (Marcela Mendonça).

Ao compartilhar experiências o narrador de histórias torna-se formador e, com isso, pesquisador do seu próprio trabalho, assumindo vários tipos de ligações com a área da narrativa oral que se complementam. Ao oferecer serviços e produtos diversificados saem de seu casulo transformando-se em contadores de histórias espetaculares e, para isso, devem constantemente buscar uma (trans)formação no que se refere à aquisição da competência narrativa (habilidades e técnicas específicas) necessária para que a mágica do era uma vez aconteça (Fotografia 12).

Fotografia 12 – Curso de Formação com Fabiano Moraes (Projeto Colorir)



Fonte: PROJETO... (2015).

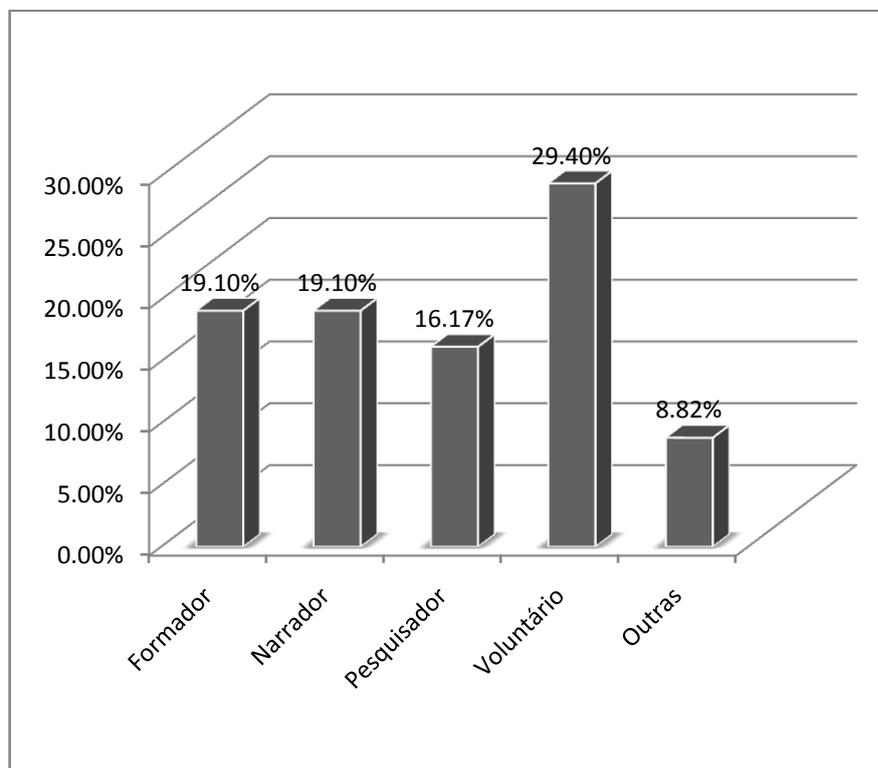
Dentro das duas categorias que descrevem as formas de ligação que os sujeitos da pesquisa têm com a narrativa de histórias (profissional autônomo remunerado ou sem remuneração específica), identificamos os seguintes tipos de ligação com a prática de narrar: formador;

⁹⁸ Serviço de Aprendizagem Comercial (Senac).

⁹⁹ Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais de Vitória (APAE).

narrador; pesquisador e voluntário. Entre elas destaca-se a ligação de voluntário (29,40%) que tanto o profissional autônomo remunerado quanto o profissional sem remuneração específica costuma desenvolver fora dos seus territórios de atuação (Gráfico 1).

Gráfico 1 – Tipos de ligação com a área da contação de histórias



Fonte: Produzido pela autora durante a realização da pesquisa.

Foram fornecidas “outras ligações” como as de escritor (4,41%), produtor cultural (1,47%) e promotor cultural (1,47%) que podem ser visualizadas no campo das profissões paralelas. Como exemplo apresenta-se Gab Kruger que é contadora de histórias, atriz prática, produtora cultural e empresária. Para dar conta do desenvolvimento de tantas atividades a narradora criou “A mala produções”, uma empresa com a finalidade de gerenciar as atividades relacionadas com a contação de histórias (Fotografia 13).

Que é um trocadilho com amor, não é? O pessoal diz assim: - É “A mala” porque você é uma mala, não é Gab (risos)? E digo assim: - Isso também! Mas o nome veio por conta de amor mesmo. Eu tinha que fazer uma coisa e eu só ia conseguir se eu amasse essa coisa, tinha que amá-la. E de tanto amá-la surgiu “A mala produções”. E na mala você carrega tudo, não é? E o contador de histórias é praticamente um viajante e o símbolo do viajante é a mala. Juntou tudo isso. [...] Eu até uso uma mala, mas uso mais um baú. Minha marca registrada é um baú. Apesar de eu ser “A mala produções”, o baú é o meu xodó. Um bauzão, assim, é o meu xodó. Ele está presente em todas as apresentações (Gab Kruger).

Fotografia 13 – Contação de histórias com Gab Kruger (A Mala Produções)



Fonte: GAB... (2015).

Atualmente a ligação mais forte que Fabiano Moraes, Marta Samôr e Silvana Sampaio possuem com a profissão é a de escritor. Esses contadores de histórias desenvolveram atividades paralelas nos campos da educação e cultura. “Esse contador de histórias também pode ser escritor, bastando que consiga dominar bem ambas as técnicas (falar e escrever), para que assim possa valorizar as duas, quando transfere a literatura oral para a escrita” (GOMES, 2012, p, 34).

Eu usava a história pra conduzir esse ensinamento na área da Educação (Magistério). Foi aí que eu comecei a criar as minhas próprias histórias, os livros que eu já editei. "Zabum" que é pra trabalhar as formas geométricas, "João o marinheiro azul" pra trabalhar as cores, "Queli e os números" pra trabalhar os números, "As três bruxinhas" pra trabalhar as cores secundárias e qual está faltando? “Os dois grandes amigos" pra trabalhar a amizade, uma virtude que eu adoro e procuro cativar a todo momento com essas meninas maravilhosas e você agora. A minha vida é palmilhada de histórias, graças a Deus (Marta Samôr).

Estou desenvolvendo um projeto sobre as lendas do Espírito Santo [...] e estou registrando uma que é o "Lobisomem de Guarapari". Quando eu comecei a resgatar lendas eu busquei historiadores, então, no meu penúltimo livro, "Lendas Capixabas em versos", foram publicadas dez lendas capixabas contadas em forma de poesia. Tem muita pouca coisa sobre o folclore capixaba infantojuvenil [...] (Silvana Sampaio).

Enquanto Marta Samôr produziu obras como "João o marinheiro azul" e "Queli e os números" com a finalidade de auxiliar nos processos de ensino e aprendizagem, Silvana Sampaio direcionou as suas para o universo infantojuvenil, dentre eles destacam-se, “Aventuras de um vermelho inquieto”, “Lenda capixabas em versos” e “Roda viva – poemas infantis”¹⁰⁰. A sua trajetória culminou na ocupação de uma cadeira na Academia Feminina Espírito-santense de Letras.

Fabiano Moraes também trabalhou no campo da literatura infantojuvenil ao escrever o “Menino e a atiradeira” e “Histórias de quem conta histórias”¹⁰¹, sendo esta última selecionada pela Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil (FNLIJ) para a Feira de Bolonha de 2011, para as Feiras de Frankfurt de 2011 e 2012, assim como, pelo Ministério da Educação (MEC) para o Programa Nacional Biblioteca da Escola (PNBE) de 2012. O entrevistado Fabiano Moraes salienta uma de suas produções técnicas voltadas para a prática de contar histórias:

"A arte de encantar: o contador de histórias contemporâneo e seus olhares" está disponível para encomendar na internet. Esse é um livro em que cada um dá o seu olhar, um contador de histórias é mais tradicional, todos atuam profissionalmente, mas todos são contemporâneos porque atuam em nosso tempo. Isso é um questionamento, realmente [...]. Eu prefiro chamar esse último contador de profissional. Exatamente, é como se o contador tradicional fosse do passado. O contemporâneo são todos eles, por exemplo, quando eu tenho trabalhado os olhares do contador de histórias contemporâneo, todo e qualquer contador de histórias, até mesmo o tradicional é contemporâneo (Fabiano Moraes).

A literatura aponta para uma diferenciação entre o contador de histórias contemporâneo que atua profissionalmente em grandes centros e o contador de histórias tradicional que adquire técnicas dentro das comunidades de origem (MATOS, 2014; BUSATTO, 2011a). No campo desta pesquisa e, principalmente, nos momentos de diálogos que foram estabelecidos com os contadores de histórias de Brasília (GERLIN; SIMEÃO, 2015), percebemos que todos os sujeitos narradores que atuam no século XXI são contemporâneos, um desenvolvendo sua prática com uma característica mais tradicional e outro aprendendo a aperfeiçoar a sua arte em cursos e outros eventos que são oferecidos nos grandes centros. Diante do cenário apresentado até o momento, o estado da arte da atuação do contador de histórias pode ser representado da seguinte maneira (Quadro 13):

¹⁰⁰ Títulos das obras informadas durante o processo de entrevistas.

¹⁰¹ Títulos das obras informadas durante o processo de entrevistas e pesquisadas na página web do entrevistado (MORAES, 2015).

Quadro 13 – O estado da arte da atuação do contador de histórias contemporâneo

FORMAS DE ATUAÇÃO	TIPO DE LIGAÇÃO	CAMPO DE ATUAÇÃO
Contador de histórias profissional remunerado autônomo	Formador, narrador, pesquisador e voluntário	Atuação em eventos esporádicos em territórios de educação, informação e cultura
Contador de histórias profissional sem remuneração específica	Formador, narrador, pesquisador e voluntário	Atuação fixa em eventos regulares em territórios de educação, informação e cultura

Fonte: Elaborado durante a elaboração da pesquisa.

O campo de atuação do contador de histórias é amplo e variado, podendo apresentar-se em eventos esporádicos ou regulares, atuando em hospitais, escolas, bibliotecas, centros culturais, museus, teatros, empresas, cafés, livrarias, etc. (FLECK, 2009). Nas andanças da pesquisa observamos a dinâmica das práticas desses atores sociais como contador de histórias profissional autônomo remunerado ou contador de histórias profissional sem remuneração específica.

Fotografia 14 - Grupo Filhos de Griô (1º Encontro Estudantil de Histórias Afro Brasileiras)

Fonte: Produzida pela autora durante a elaboração da pesquisa.

Nos territórios de atuação acompanhamos a dinâmica dos momentos de atuação do narrador de histórias profissional autônomo remunerado, destacando um coletivo de sujeitos que fazem parte do Grupo Filhos de Griô do MUCANE: Cláudia Perere e Fábio Perere que

paralelamente coordenam o Grupo Planeta Contos¹⁰², assim como, Alzira Bossoes, Marta Samôr e Tiana Magalhães também componentes do Grupo Chão de Letras¹⁰³.

Reunidos em torno de três grupos diferentes, esses artistas oferecem autonomamente uma diversidade de serviços e produtos: confecção de marionetes; oficinas de formação de contadores de histórias; produção cultural de eventos e apresentações performáticas. A observação do evento *1º Encontro Estudantil de Histórias Afro Brasileiras*, realizado no MUCANE, deu visibilidade ao movimento de um trabalho desenvolvido com o propósito de discutir a afrodescendência brasileira pela via da narrativa oral (Fotografia 14).

O primeiro encontro capixaba de estudantes com a matriz afrodescendente foi uma ideia do Fábio Perere. Ele levou para o Chico Aníbal, que trabalha contação de histórias no MUCANE, e todos nós abraçamos. Passou a ser um projeto de todos nós. A Livraria Paulinas também está nos ajudando nesse projeto (Tiana Magalhães).

Hoje a gente tem alguns trabalhos com públicos particulares, remunerados ou não, mas muito trabalho ainda no 0800 [...], mas isso está diminuindo um pouco e, agora, a gente está aqui no Museu do Negro. Depois de várias voltas que fiz no Brasil, encontrei algumas pessoas para discutir não só a questão afro, mas também da oralidade brasileira, mas aprendendo também com a questão do racismo, do preconceito contra mulher, negro, deficiente, o que for nesse sentido. Fazer um evento desse, 1º Encontro Estudantil de Histórias Afro Brasileiras, pra mim é melhor [...]. Eu trago crescimento coletivo pra todos os contadores de histórias que vieram, para estudantes que querem aprender um pouco mais sobre contação de histórias. Então gasto o meu tempo fazendo evento que é bem produtivo, porque eu aprendo a fazer um evento e ajudo as pessoas a trabalhar com contação de histórias (Fábio Perere).

Na observação do campo, percebemos a conexão entre os participantes do evento que teve a coordenação do Fábio Perere. A proposta do encontro foi baseada em demandas sociais identificadas pelo grupo de contadores de histórias, culminando na programação de momentos de audição de histórias, oficinas, exposições, etc. Por meio desse evento o MUCANE recebeu vários profissionais da área da informação, educação e cultura, dentre eles citamos os sujeitos interessados na arte de contar histórias e produção cultural, sendo eles bibliotecários, docentes e discentes de várias escolas do ensino fundamental, médio e técnico do Estado do ES.

O diálogo estabelecido com as contadoras de histórias Alzira Bossois, Tiana Magalhães e Marta Samôr, componentes do Grupo Chão de Letras, amplia a nossa visão dos espaços de atuação dessa categoria de profissionais autônomos. Tendo em vista que essas três narradoras participam de um grupo ligado a Secretaria de Cultura da PMV por meio da Biblioteca Pública Municipal de Vitória (ES), atendendo ao público em territórios diversificados.

¹⁰² Grupo criado e coordenado por Fábio Perere e Cláudia Perere para oferecer produtos e serviços na área da narrativa oral.

¹⁰³ Grupo coordenado pela Biblioteca Municipal de Vitória (ES).

Eu acho que é da minha formação e da minha natureza, só que estava esquecido. Então eu tomei posse de uma coisa que eu gosto. Foi maravilha e eu sou muito agradecida a todas as minhas amigas que tanto me incentivam (risos). Sou sinceramente muito agradecida, temos um grupo gostoso. Somos do Grupo Chão de Letras, efetivamente em quatro. Tem muita gente que entra e sai, entra e sai... (Alzira Bossois).

A gente oferece nossos serviços em todos os espaços que a Biblioteca Municipal de Vitória atende, praças, CAJUN¹⁰⁴, nos CRAS¹⁰⁵, na feira pública também a gente já se apresentou, na calçada (Tiana Magalhães).

Sim... Na calçada. A história cabe em qualquer espaço (Marta Samôr).

Asilos também a gente já foi e trabalhou com grupos de terceira idade (Alzira Bossois).

Ah! Nós também trabalhamos com dependentes químicos [...]. A gente encontra com eles às vezes na rua tomando conta de carros: - *Tia, você foi lá contar histórias!* Tem uma que me pega no colo e me levanta. Então é muito gratificante, sempre foi (Marta Samôr).

E casa que acolhe gente que mora na rua [...] (Alzira Bossois).

Tem também os espaços de igreja. Eu conto histórias também na catequese infantil da Igreja Católica (Tiana Magalhães).

Eu já contei também em hospitais [...]. Eu comecei a trabalhar com crianças em hospital que faziam acupuntura e tinham horror da agulha. Eu ia lendo histórias enquanto eram agulhados e deu certo. Isso foi no Hospital das Clínicas¹⁰⁶ (Alzira Bossois).

No que se refere à atuação do contador de histórias profissional sem remuneração específica, a observação da atuação dessa categoria de narrador no cotidiano da escola auxilia na compreensão de uma atividade desenvolvida em espaços de educação formal. O trabalho que gira em torno da criação de práticas de incentivo à leitura, realizado na área da narrativa oral na biblioteca da EMEF ABL exemplifica bem o exposto. “Quando seleciono algo para os alunos objetivando o incentivo à leitura, está ligado a esse objetivo. O que vai chamar a atenção dos alunos para alguma coisa, como trabalhar com o tema diversidade ao desenhar o próprio rosto” (Marcela Mendonça).

Ao trabalhar com a narrativa do poema Diversidade de Tatiana Belinky (Fotografia 15) a contadora de histórias sentiu a necessidade de criar outras formas de dialogar com os alunos durante os momentos de contação de histórias. O trabalho com o texto narrativo acontece em

¹⁰⁴ Serviço de Convivência para Crianças e Adolescentes – CAJUN

¹⁰⁵ Centro de Referência de Assistência Social - CRAS

¹⁰⁶ Hospital Universitário Cassiano Antonio Moraes (Hucam), foi incorporado à Ufes com a denominação de Hospital das Clínicas.

espaço fixo e no qual constantemente o público costuma retornar para garantir a continuidade do trabalho que é desenvolvido.

Fotografia 15 – Produções em torno da obra “Diversidade” de Tatiana Belinky



Fonte: Produzida durante a elaboração da pesquisa.

O trabalho ligado à narrativa oral na biblioteca da EMEF ABL resultou em um produto final: um livro feito pelos próprios alunos após a contação de histórias com o ensino fundamental. Culminou também no registro das atividades que proporcionam um diálogo sobre a autoestima, as características de cada um, etc. Segundo relata a narradora Marcela Mendonça existem crianças que se recusam a pintar a cor original de seu rosto no desenho do livro, demandando um trabalho maior durante a produção da atividade.

Construindo espaços de criação e de incentivo as diversas maneiras de leituras, as atividades desenvolvidas por essa contadora de histórias são apresentadas como um certo modo de proporcionar à criança entrar nas histórias narradas. Para isso, utiliza-se da música, da poesia, do desenho e outros meios de expressão artísticas e literárias para alcançar ao objetivo do contexto da educação formal que é a criação de práticas de incentivo à leitura (Fotografia 16).

Fotografia 16 – Contação de histórias com Marcela Mendonça (Biblioteca da EMEF ABL)



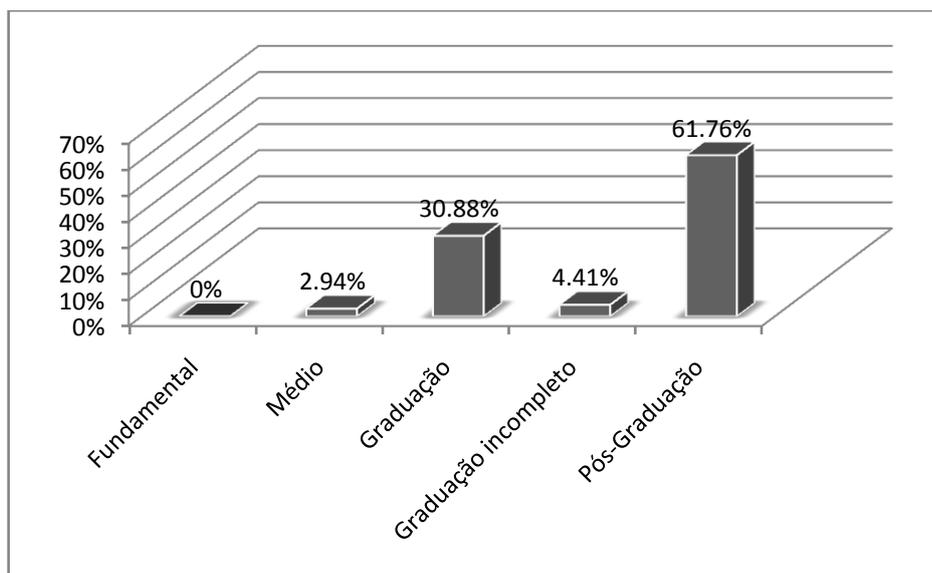
Fonte: Produzida pela autora durante a elaboração da pesquisa.

As atividades que giram em torno da contação de uma história não podem ser confundidas com atividades didáticas. O contador de histórias das duas categorias (profissional remunerado ou sem remuneração específica), deve aprender a conduzir de maneira lúdica os momentos de comunicação de uma narrativa. O mesmo se refere a outros tipos de produtos e serviços oferecidos pelo contador de histórias. No tópico seguinte aprofundaremos o entendimento sobre a categoria de formação desse profissional, ligado ou não institucionalmente ao cotidiano da escola, biblioteca e outros territórios de educação, informação e cultura.

6.1.2 Categoria formação profissional

A identificação de informações relacionadas com a aquisição de “competências acadêmicas e não acadêmicas” do contador de histórias, é pressuposto para entender o processo de aquisição das habilidades de comunicação no contexto da sua profissão. “Entre as habilidades pessoais contam-se também as de comunicação (apresentar-se, verbalizar pretensões, comunicar-se com linguagem adequada, entender informação e comunicação) [...]” (DEMO, 2012, p. 21). Inicialmente, identificamos o último nível de formação escolar ou acadêmica que os sujeitos narradores receberam em espaços formais de educação (Gráfico 2).

Gráfico 2 – Indicação da formação escolar e acadêmica do contador de histórias



Fonte: Produzido pela autora durante a elaboração da pesquisa.

Caso a investigação fosse conduzida em outros territórios de educação e cultura¹⁰⁷, talvez não tivéssemos identificado a predominância da formação superior de graduação (30,88%) e de pós-graduação (61,76%). Analisamos que por conta do exercício de atividades paralelas à área da contação de histórias, a maioria possui cursos de pós-graduação em nível de especialização completa (52,94%), seguido por mestrado (7,35%) e doutorado (1,47%). Isto posto, verificamos algumas áreas em que os atores da pesquisa realizaram seus cursos:

- **Graduação:** Arquivologia; Artes; Biblioteconomia; Ciências Sociais; Direito; Educação Física; Geografia; História; Inglês; Letras; Pedagogia; Serviço Social; etc.

- **Pós-Graduação:** Especialização em Direito do Trabalho; Especialização em Gestão Empresarial; Especialização em Gestão de Tecnologias Educacionais; Especialização em Planejamento e Gestão de Unidades de Informação; Especialização em Psicopedagogia; Mestrado em Educação; Mestrado em Ciência da Informação; Mestrado em Ciências Sociais; Mestrado em Psicologia Social; Doutorado em Educação; etc.

Meu ensino médio foi o de Magistério, depois cursei Serviço Social e Biblioteconomia no ensino superior. Eu acho que o Magistério dá uma base pra trabalhar na escola. Nunca trabalhei como professora. Eu saí do magistério trabalhei

¹⁰⁷ Tendo em vista que a maior parte da coleta de dados foi realizada com contadores de histórias da Região Metropolitana da Grande Vitória (ES), esse fato fornece elementos para pensar a realização de outras pesquisas no interior do Estado do ES, por exemplo, para identificar o nível de formação e de atuação cultural do narrador com características mais tradicionais. Todavia, essa questão dará pano para outros tecidos e outras pesquisas no campo da narrativa oral espírito santense.

um tempo e depois é que consegui ingressar na Ufes, primeiro no Serviço Social e depois no Curso de Biblioteconomia. Fiz tudo na Ufes (Marcela Mendonça).

Fiz mestrado na área de Ciências Sociais e antes trabalhava em serviços de escritório. Depois fui pra sala de aula porque eu achava que era algo melhor pra mim. E quando fui trabalhando com sociologia, dei a devida importância ao processo histórico da sociedade, coisas reais da sociedade (Fábio Perere).

Tenho especialização em Biblioteca Escolar e Mestrado em Ciência da Informação. Acho que a formação profissional auxilia, desde a graduação e talvez a minha área específica, tenha me levado pra isso [narrativa oral] por eu ser apaixonada por trabalhar com o visual, com a imagem (Elane Uliana).

Faço especialização na área de Gestão e Administração de Bibliotecas, por esse motivo cheguei mais cedo para pesquisar [...]. Meu ensino médio foi Auxiliar Técnico em Administração. Acho que a biblioteconomia por si só, quando você vai para a biblioteca escolar, como no meu caso que trabalhei a vida toda nesse espaço, a gente acaba tendo que desenvolver a narrativa de histórias (Ingrid Pereira).

O maior desafio das instituições de educação formais na contemporaneidade é propiciar a construção de conhecimentos que flexibilizem a estrutura rígida das disciplinas (DEMO, 2012). “Nenhuma prática educativa se dá no ar, mas num contexto concreto, histórico, social, cultural, econômico, político, não necessariamente idêntico a outro contexto” (FREIRE, 2006, p. 20). No campo da narrativa oral há que se considerar os vetores elencados por Freire (2006) de forma que trocas de informações e produções de conhecimentos em espaços informais possam complementar a estrutura da sua formação. Em alguns momentos, o contador de histórias é despertado para essa arte milenar por meio de ações informais que são promovidas dentro de instituições de ensino formais.

O curso de Biblioteconomia auxiliou no meu processo de formação, porque existiam cursos que eram divulgados, só que não consegui participar. A disciplina de ação cultural também possibilitou que conhecesse a arte de narrar. Assim como, tive contato com literaturas falando sobre isso, e a gente sempre dava um jeito de usar a contação de histórias ao longo do curso. Por exemplo, em um dos trabalhos que apresentei na disciplina de psicologia utilizei fantoches pra fazer a dinâmica da apresentação do seminário. Foi muito legal, foi na Biblioteca Central da Ufes (Márcia Helena).

O nível de formação formal que obtive e com o qual faço uma aproximação com a contação de histórias é a graduação em Biblioteconomia. Porque foi a partir dessa graduação que descobri que era contador de histórias. Eu não sabia que levava jeito pra isso e comecei a estagiar logo no primeiro período, em 2001, numa biblioteca escolar. Após auxiliar a bibliotecária a fazer o processamento técnico percebi que não fazia muito sentido fazer a automação do acervo, processamento técnico, registrar as obras no sistema e não usar (Eduardo Valadares).

Eu me formei em Letras e nesse curso a gente estuda literatura infantojuvenil e toda a base teórica da literatura, da oralidade e da escrita. Estudei bastante, estudei muito. E participei de alguns seminários e congressos na área de Letras. Nesses eventos sempre tinha alguma coisa voltada para a literatura infantil ou para a contação de histórias. Então participei de minicursos e oficinas durante o curso de Letras, mas nada com

intenção profissional, porque naquela época achava que seria professora de gramática do ensino fundamental. Quando tinha, sei lá, uns seis minicursos na bagagem, depois de 4 anos e meio de academia, já tinha feito muita coisa. Dei aula um bom tempo, na escola colocava em prática a contação de histórias, leitura, oralidade, só que não pensava em fazer isso profissionalmente, nem chamava de contação de histórias, nem pesquisava, estava mais preocupada com o serviço diário em torno do ensino da gramática pra crianças de 5ª a 8ª série (*Gab Kruger*).

A aquisição da competência narrativa pode acontecer de várias maneiras. Em ambientes formais e em ambientes informais de educação e cultura. No campo da informalidade também acontece por meio da audição de histórias em contextos tradicionais ou por meio da audição dos pares em apresentações performáticas. Na direção do diálogo estabelecido com os sujeitos da pesquisa, considera-se que o processo de formação também deve ser complementado por ações que aconteçam no campo da informalidade. “As pessoas sentem necessidade do encontro, da troca, da partilha” de experiências no campo de sua atuação [...] (FLECK, 2009, p. 10).

A influência dos narradores da tradição na formação dos contadores de histórias está ligada ao intercambiamento de experiências, remetendo-nos ao fato de que um “[...] grande narrador tem sempre suas raízes no povo, principalmente nas camadas artesanais” (BENJAMIN, 1996, 214). Nessa direção, recordamos do relato da audição de histórias de uma professora no período de sua infância, na qual o narrador mantinha a crença de que alguém de sua família realmente virava lobisomem. Essa lembrança provocou risos entre os sujeitos do grupo de formação na Escola Primeiro Mundo, evocando outras e outras histórias. A narrativa universal do lobisomem, constantemente é evocada pelos contadores tradicionais e pelo imaginário capixaba (CASCUDO, 2006).

Quando estava no processo de elaboração de meu primeiro livro, eu tinha uma ligação muito forte com Guarapari e ia todo o final de semana pra lá. Eu conhecia muita gente, conversava com muitas pessoas e quando eu lancei o livro eles começaram a me contar as lendas dessa região. O "Lobisomem de Guarapari" eu já procurei em um monte de lugar e ela não está registrada, então, já estou escrevendo um poema com a história. E o legal das lendas é a gente perceber a conexão que elas têm com a realidade. O "Lobisomem de Guarapari" tem a ver com o saneamento básico. Ele é um lobisomem que aparece em quintais que estão com casca de sururu porque as pessoas descascam e largam as cascas. Ela foi criada para assustar as pessoas que largam lixo no quintal, casas que proliferam ratos, mosquitos, etc. (Silvana Sampaio).

Papai contava histórias típicas da Paraíba, localizada na Região Nordeste. Narrava histórias como “A mula sem cabeça” que me influenciou pela riqueza da experiência, servindo até os dias de hoje como inspiração. Contava sobre o Lobisomem jurando que era verdade e colocava palitos de fósforo acesos na boca para encarnar o personagem. Teve uma época em que mudamos para um bairro que não tinha energia elétrica e, na varanda, enquanto ele contava várias histórias, jurava que meu avô, o pai dele, virava mesmo Lobisomem (risos) (Márcia Helena).

A experiência da audição de histórias afeta a prática cotidiana de Márcia Helena e alimenta a produção literária de Silvava Sampaio, conduzindo ao pensamento de que quem escuta um conto está sempre em companhia do repertório cultural de um narrador (BENJAMIN, 1996). “Além de entretenimento, ouvir histórias ao redor da mesa, na eira, **tem** como função um modo de aproximar familiares e trabalhadores” (YUNES, 2012, p. 68, grifo nosso). A maior parte dos contadores de histórias esteve acompanhado por esse tipo de narrador (75%), sendo, assim, influenciados por narradores da tradição (Tabela 6).

Tabela 6 – Influência de narradores da tradição no processo de formação informal

INFLUÊNCIA DE NARRADORES DA TRADIÇÃO	NÃO		
	INFLUENCIADO	INFLUENCIADO	SEM RESPOSTA
	75%	20,60%	4,41%

Fonte: Produzida pela autora durante a elaboração da pesquisa.

O percentual de contadores de histórias que foi influenciado narradores que contam histórias com características tradicionais é alto, remetendo ao fato de que durante décadas a atividade de narrar histórias era ligado às experiências e as “[...] reminiscência doméstica dos que tiveram a sadia promiscuidade de diferentes estratos socioculturais e geracionais nas famílias então mais numerosas, em cidades onde ‘causos’ vividos logo se transformavam em histórias que eram as notícias do lugar (YUNES, 2012, p. 60).

Minha avó e minha mãe, perfeitas contadoras de histórias [...] contavam histórias para me proteger e aos meus irmãos do rio profundo. Contavam histórias do povo das águas que eram tenebrosas e que viviam lá e que puxavam as pernas da gente pra morrer afogado, entendeu? Essas coisas todas para ficar com medo. Mas ao invés de sentir medo, eu tinha motivação pra caçar *Saci*, que era muito levado e enganador, *Mula sem cabeça*, *Curupira*. Todas essas histórias do grande folclore brasileiro que na verdade é mundial, porque acredito piamente, diante das minhas experiências, diante das minhas vivências e capacitações, que as histórias narradas fazem parte do patrimônio cultural universal (Alzinete Biancardi).

A minha mãe também era contadora de histórias, mas só que sem formação. Ela ainda é contadora de histórias da Barra do Jucú, em Vila Velha. Sempre me vi num ambiente em que ela contava histórias sobre o nosso bairro. Então eu acho que isso colaborou muito. O curso de Biblioteconomia e a minha história de vida também (Eduardo Valadares).

Tive a influência na família, minha avó contava histórias para nós, a minha tia também contava histórias. E a minha mãe, de certa forma fazia muitas brincadeiras conosco, [...] a gente brincava muito de roda. Aquelas brincadeiras infantis de belisca, não sei se você já viu? Com as pedrinhas! Ela ensinava a gente de fazer isso, brincava de passar anel, muitas outras coisas. Mamãe brincava muito com a gente. E essas pessoas, principalmente a minha avó e a minha tia contavam histórias (Tiana Magalhães).

Na verdade eu sou filho de sergipana, não é? Então minha mãe chegou ao Estado quando tinha de 8 pra 10 dez anos, e ela contava e cantava muito, cantava as cantigas de rodas. Ela contava muita história também de Lampião e de como que era na sua época, o receio que eles tinham e isso ficou na lembrança e é familiar. E isso foi passando, são 4 filhos e eu sou o caçula [...] e por ser minha mãe funcionária pública, quem me criou mesmo foram meus irmãos. Então, caçula e sendo bajulado e criado por irmãos tinha sempre uma parte da Literatura e de contar histórias (Fábio Perere).

Contar, ouvir e ler histórias fictícias ou reais permite “[...] ao sujeito a apropriação de sua própria história. É uma maneira de auto-expressão e de encontrar o seu lugar no mundo, de entrar em contato com as suas verdades, desejos e, especialmente, de dar significado à sua existência” (FLECK, 2009, p. 28). Os diálogos que giram em torno da influência da audição de histórias durante a infância, tornam visível uma certa autoridade dos familiares, parentes e outros narradores com características mais tradicionais que compartilharam por meio da experiência conhecimentos relacionados com a narrativa oral.

Aprendi a gostar de ler com uma família de contadores de histórias, a minha avó contava histórias, a mãe, a bisavó e as tias. Era uma família de contadores de histórias e de leitores também. Então eu aprendi a gostar de ler com as muitas histórias maravilhosas que elas me contavam. Eu tenho lembranças de quando eu tinha um ano, talvez um ano e meio, sentada numa cama macia de plumas, sabe um colchão de plumas da minha bisavó e ela lendo uma coisa que eu não entendia nada e depois é que eu fui resgatar essa memória [...]. Então, essa coisa de ouvir história na minha vida começou muito cedo. Ela tem uma conotação afetiva, porque eram familiares que me contavam e que me deram um desejo imenso de ler (Silvana Sampaio).

Na minha casa não tinha televisão até uns 11 ou 12 anos, e a minha mãe estudou até a 3ª série. Meu pai trabalhava no período da noite, então, a gente dormia na cama dela, mas antes de dormir ela sempre lia alguma coisa pra gente, sempre contava uma história [...]. Toda vez que penso nela eu lembro da minha mãe no meio, nós três (meus irmãos e eu) e minha mãe lendo um gibi, um livro e até a bíblia que fosse. Toda noite ela lia alguma coisa pra gente. Essa prática de narrar histórias vem dela na verdade (Ingrid Pereira).

Meu pai era cantor, ganhou um concurso na Rádio Espírito Santo nos anos 30 e meu avô não deixou ele ir, dizia que não era ambiente bom e tudo mais. Eu nasci com o saber artístico de meu pai, a gente cantava muito [...] era um cara muito musical e ele contava muita história também. Ele é descendente de Português, do meu avô Firmino Varejão e de vovó, mãe do meu bisavô Firmino. Ele contava muitas histórias da vinda dele pra o Brasil (Rosário Varejão).

A ausência de formação específica dos narradores de tradição, não impede que sejam fonte de inspiração, ocasionando em possíveis contribuições para a formação do contador de histórias profissional. “Ler junto em sala ou contar literatura cria uma cumplicidade que nos lembra o colo da ama, da mãe ou da avó, ao cair da noite, embalando o sono dos meninos com cobertores de imagens” (YUNES, 2012, p. 68). Ouvir histórias de assombração dos grandes mestres em torno de uma fogueira, fogão de lenha, ambientes rurais, rodas e em tantos outros ambientes atribuiu competência a esse profissional.

Eu nasci no interior e não havia luz elétrica e uma das diversões da gente era ir ao vizinho, um fazendeirão. A gente sentava à beira de um fogão de lenha nas noites frias. E ali os mais velhos ficavam contando histórias. Então, muitas das histórias que hoje eu sei, ouvia nessas noites. Depois eu voltava pra casa morrendo de medo, porque era muita história de assombração. Minha mãe também contou algumas histórias pra gente. Ela gostava muito de contar (Alzira Bossois).

No interior também encontrei grandes mestres durante minhas pesquisas. Por exemplo, uma coisa que eu acho bacana é que eles são importantes e fundamentais nesse aspecto profissional do meu trabalho. Porque quando eu fiz o curso com a Bia Bedran, percebi que ela é uma contadora de histórias que pesquisa as próprias histórias tradicionais, mas ela é profissional e a gente sabe disso. Só que eu não vi ela fazendo espetáculo, não tive sorte. Tive azar de um lado e sorte pelo outro de não assistir. Eu vi ela na roda, ela sentava numa cadeira e contava coisas que ela lembrava. Mesclava tanto histórias ensaiadas quanto histórias que ela se lembrava simplesmente de contar (Fabiano Moraes).

Diferente de um contador de histórias profissional, o narrador da tradição ao longo do tempo constrói sua competência numa aldeia de pescadores e em outras comunidades, constituindo-se como sujeito contemporâneo e dotado da prática de contar e ouvir histórias. O ato de memorizar a narrativa implica em não excluir da memória social as representações coletivas, então, o caráter repetidor é indissociável da atividade criativa (GONDAR, 2005). O mesmo acontece com o contador de histórias que aos poucos se torna profissional. Memorizando e divulgando, divulgando e disseminando os contos da tradição, nesse vai e vem, surge a necessidade de considerar a influência dos membros da família e de outros narradores com características mais ou menos tradicionais.

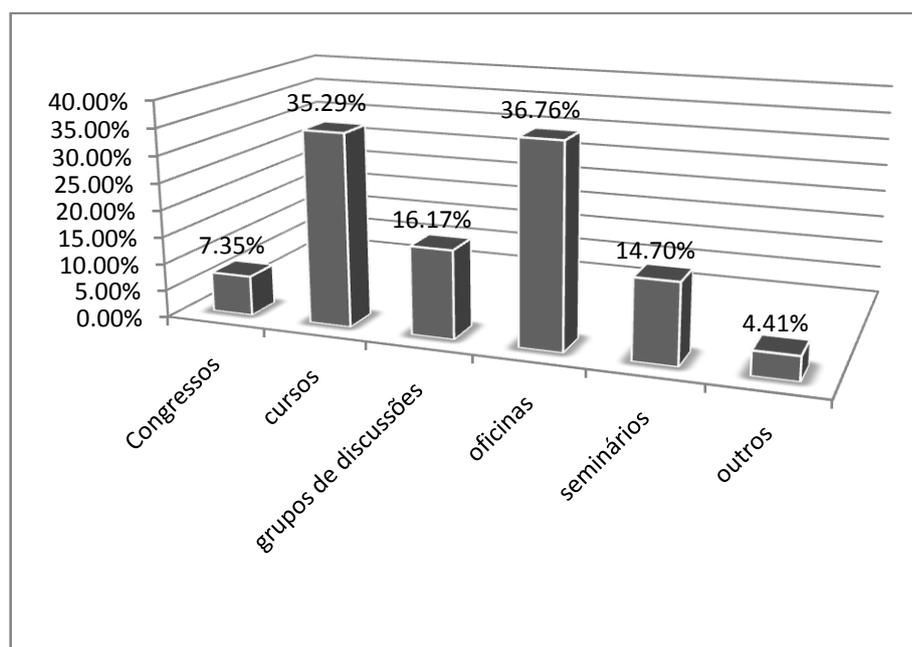
Eu comecei a contar como o pessoal conta no interior. Quando eu voltei em 2001, fui pra bienal do Rio só pra pesquisar, eu fui para o *Simpósio Internacional de Contadores de Histórias*, eu também tive a sorte de chegar lá e encontrar um espaço para me apresentar e as pessoas gostaram do meu jeito interiorano, tradicional de contar. Então eu comecei a contar histórias de um jeito tradicional, com técnicas e contava profissionalmente, mas com a valorização do método tradicional e bem capixaba de contar. Quando teve um documentário eles me chamaram justamente porque fazia essa ponte, entre o griô, que é totalmente tradicional e o urbano. Porque você conta histórias tradicionais, mas é urbano. Então eu fui entender que o meu perfil vinculava essa figura do rural (tradicionalismo) ao urbano. Eu tenho esse jeito de contar e a predileção por contos tradicionais vem desses mestres, dessas pessoas que não são consideradas profissionais (Fabiano Moraes).

Uma vez eu levei minha filha Alice a um congresso, um encontro de contadores de histórias que teve na Escola Maria Ortiz¹⁰⁸. Faz muito tempo não consigo lembrar o ano, mas teve uma maratona de contadores de histórias. E eu fui com ela nessa maratona. Ela era pequena e quem assistia realmente era eu, porque mamando dormiu. E eu vi as pessoas no palco e disse: - *Gente isso eu faço! Já faço em casa todo dia, isso eu faço*. E aí desciam os contadores e eu fiquei sei lá, umas seis horas vendo o pessoal se revezando pra contar histórias. Eu percebi o seguinte: eu ouvia a história que eles tinham contado uma vez e eu me sentia capaz de recontar aquela história imediatamente, não precisava ouvir de novo (Gab Kruger).

¹⁰⁸ Referência a Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio (EEEFM) Maria Ortiz da Rede Pública Estadual do ES.

Se por um lado a maioria dos contadores de histórias (75%) recebeu a influência de narradores com características tradicionais, por outro lado menos da metade dos contadores de histórias (45,58%) afirma ter recebido formação específica da área da contação de histórias. O fato de que os contadores de histórias foram mais influenciados informalmente do que participaram de atividades formais, fornece um indicativo de diálogo sobre a condução dos processos de formação na área da contação de histórias no Estado do ES.

Gráfico 3 – Participação em atividades de formação



Fonte: Produzido pela autora durante a elaboração da pesquisa.

Conforme visualizado, menos da metade dos contadores de histórias (45,58%) participou das formações que comumente são oferecidas em espaços de formação formais e informais, como cursos, oficinas, palestras, etc.; e um pouco mais da metade (52,95%) não participou de nenhuma atividade de formação voltada para a área¹⁰⁹. Ao verificar os tipos de atividades de formação das quais participaram, percebe-se que cursos (35,29%) e oficinas (36,76%) são as estruturas de formação mais procuradas (Gráfico 3). Nesse momento, porém, interessa dar visibilidade ao que pensam os contadores de histórias sobre os espaços de formação, destacando-se a importância desses espaços no cenário capixaba.

A minha primeira vez foi em um evento do PROLER que aconteceu aqui em Vitória, em que eu fiz uma oficina e um dos desafios foi que a gente justamente contasse uma história no auditório Manoel Vereza da Ufes¹¹⁰. Eu contei uma história do Moacyr

¹⁰⁹ 1,47% não respondeu essa questão.

¹¹⁰ Refere-se ao Auditório Manoel Vereza de Oliveira do Centro de Ciências Jurídicas e Econômicas da Ufes.

Scia¹¹¹ que falava do Gregório que era um dos nossos mentores no PROLER [...]. Eu tinha uma admiração profunda por todos os contadores que vinham com o pessoal da Biblioteca Nacional. [...] E um delas parou no meio da história e falou: - *Gente me desculpa eu esqueci, eu vou ter que começar tudo outra vez.* Então foi esse ato de humildade que me fez perceber que eu sou aprendiz (Silvana Sampaio).

Procurei algumas ideias e descobri no Jornal A Tribuna um curso da Livraria Paulinas sobre contação de histórias, de 4 horas. Quem ofereceu esse curso, depois que eu me lembrei, foi a Genilda Quirino, que é bibliotecária da PMV [...]. Depois eu fiz outro, um segundo módulo com Fabiano Moraes na livraria Paulinas também. A partir dessas 8 horas é que eu comecei a descobrir que levava jeito pra contar histórias. Fui buscando outras formações também e colocando em prática na escola. Um tempo depois saí um pouco da biblioteca escolar e fui para outras áreas de atuação durante o estágio do Curso de Biblioteconomia. Logo em seguida fiz outras formações durante 80 horas, seminários, simpósios, tudo isso no período da graduação. Foi muito importante a graduação na Biblioteconomia pra me descobrir como contador de histórias. Eu acho que o contador de histórias tem isso, você descobre que é (Eduardo Valadares).

Já participei de vários cursos de formações com vários contadores de histórias que têm formas diferentes de contar. Mas o que acontece? Por que é importante a gente participar dessas formações? Primeiro porque se coloca um pouco em cheque se aquilo que a gente está fazendo pode aprimorar. Pode pegar uma coisinha de cada um e melhorar o seu fazer. E também você pode descobrir uma daquelas vertentes a sua. Por exemplo, eu gosto de contar a história pura e simplesmente, de narrar usando pouquíssimos elementos de cena (Eugênia Broseguini).

Os eventos mais procurados são os cursos seguidos das oficinas. “Um espaço por excelência onde se pode visualizar a força dessa palavra, são as oficinas de contação de histórias, uma invenção contemporânea cada vez mais procurada por pessoas em busca de formação nas artes da narrativa” (FLECK, 2009, p. 28). O mesmo pode ser pensado dos cursos, mas não podemos desconsiderar a importância dos outros espaços de formação, como os grupos de discussões, como GECHUFES e demais eventos realizados por instituições de diversas modalidades.

Eu considero que a vivência no GECHUFES foi extremamente importante para a minha atuação profissional. Primeiro porque a primeira atuação profissional foi nas escolas da PMV. Lembro da gente chegando nas escolas, no próprio grupo de Revitalização¹¹² que tinha uma professora que contava histórias. Então uma das ações nossas nas escolas era a contação de histórias. E não só contávamos, mas nós também descobríamos crianças, adolescentes e jovens que gostavam e incentivávamos eles a contarem. Fazíamos muitas vezes intercâmbios com outros bibliotecários que contavam em outras escolas [...]. Essa vivência foi muito intensa dentro daquele momento em que nós participamos do Projeto de Revitalização, porque a biblioteca era o espaço por onde entravam os projetos da Secretaria de Educação. Para a minha vida profissional esse momento foi riquíssimo (Eugênia Broseguini).

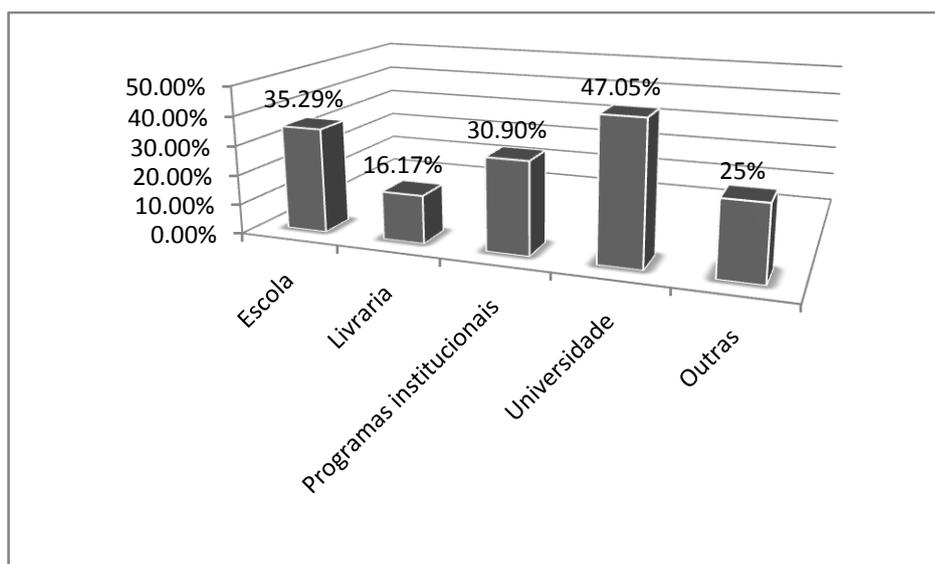
¹¹¹ Escritor brasileiro que atuou como médico e professor universitário. Como autor publicou crônicas, romances, ensaios e literatura infantojuvenil, etc. (MOACYR..., 2013).

¹¹² Refere-se ao *Projeto de Revitalização dos espaços escolares* da Secretaria Municipal de Educação de Vitória (PMV/ES), em que a arte de contar de contar histórias foi explorada por dinamizadores (bibliotecários e professores) do ensino fundamental (GERLIN, 2006).

Já na idade adulta foi o Fabiano Moraes a primeira pessoa que me influenciou porque ia à escola do meu filho e via o trabalho que ele desenvolvia de musicalização, depois nas festas da escola e ficava muito feliz. Então eu fui fazer o Curso de Letras e numa *Semana de Letras* a Silvana Sampaio participou e contou uma história que eu não esqueço nunca, foi a “Formiguinha Neve” e eu disse um dia vou contar essa história. Aí eu comecei realmente a me interessar pela contação de histórias. E hoje estou aqui! (Tiana Magalhães).

Das instituições que forneceram espaços para a formação para o contador de histórias capixabas destacam-se a universidade (47,05%), a escola (35,29%) e programas institucionais (30,90%). As respostas desse indicador foram fornecidas de maneira isolada o que tornou difícil o processo de análise. Em alguns momentos os participantes marcaram não haver participado de nenhuma atividade de formação formal e, em seguida, marcavam a escola ou a universidade como responsável pelo oferecimento de cursos no seu processo de formação (Gráfico 4).

Gráfico 4 – Instituições que oferecem espaços de formação



Fonte: Produzido pela autora durante a elaboração da pesquisa.

Outras instituições foram apontadas como viabilizadoras de eventos de formação, destacando-se, por conseguinte, a biblioteca pública, faculdades, secretarias de educação e cultura, programas de leitura como o PROLER e o GECHUFES, Igreja, etc. Entendendo os espaços de formação direcionados ao contador de histórias contemporâneo, como sendo de responsabilidade de um coletivo, nosso olhar direciona-se aos movimentos criados em instituições de educação formalmente ou informalmente.

Uma coisa que até hoje eu faço mesmo atuando no campo da formação, tem pessoas que param e só trabalham com formação. Procuo sempre estar participando das formações, procuro sempre estar buscando essas capacitações. E trocar com pessoas

como o Fabiano de Moraes que quando tem curso aberto eu faço. Eu já tive a oportunidade de estar com Gab Kruger numa contação de histórias e em espaços abertos, como, por exemplo, a FAFI, quando tem alguma formação de contação de histórias. [...] Um das histórias que eu, por exemplo, conto e que é do Fabiano Moraes, não sei se você teve a oportunidade de ouvir, é a história do “Corcunda pobre e do corcunda rico”, eu aprendi contar ouvindo narrativa dele (Eugênio Fernandes).

Fiz dois cursos um no início que eu não lembro com quem e esse último que vocês promoveram na Ufes com o João Vitor¹¹³ que já conhecia da Biblioteca Pública. Você mapeou a gente pelo curso e por que eu vim? Por que já gostava da área da contação de histórias e vi que eu poderia me capacitar pra contar na escola. E sabendo quem era e quem ia dar a oficina pra mim foi tranquilo, porque já conhecia o João Vitor da Biblioteca Pública quando contou histórias no meu setor [...]. Por causa do estilo e das técnicas de teatro, não é? Trabalhou a voz [e expressão corporal e facial...]. As duas oficinas que fiz foram via Universidade... Ah! Uma outra ação foi via SEDU, foi uma conversa com outras pessoas que também contavam e fomos trocando experiências, nela a Ana Pacheco¹¹⁴ contou histórias pra gente, ela conta muito bem (Vânia Célia).

Conforme explicitado, para a realização de sua atividade não procuram capacitação apenas em cursos e oficinas. De uma maneira ou de outra, os narradores de histórias desenvolvem a sua arte em diversos espaços tempos no Estado do ES. Também não se pode desconsiderar que um pouco mais da metade (52,95%) deixou de participar de atividades formais voltadas para a sua formação. Elaine Uliana não procurou nenhum curso ou outro evento para trilhar seu percurso nesse campo de atuação, buscou as histórias que conta na internet e com os próprios colegas, principalmente com “[...] os professores do infantil também que tem uma certa convivência com isso e tem uma habilidade também, então, o cotidiano acaba te levando. Um indica uma coisa e que indica outra, e você acaba buscando” (Elaine Uliana).

Fui buscando meios para isso, fazendo cursos, ouvindo um pouco outras pessoas contando na biblioteca, porque é um ambiente em que sempre acontecia contação de histórias. E com o pedido das crianças junta-se a necessidade de atender a uma demanda que já existia e a necessidade de suprir, buscar em livros e em cursos uma forma de contar histórias (Márcia Helena).

A troca de experiências, a troca de ideias sempre enriquece. Então quando eu vou pra um curso às vezes eu ensino e às vezes eu aprendo muito mais do que eu ensinei. Porque eu ensino algumas coisas que eu sei, só que se você juntar o saber de trinta pessoas você vai ter um saber muito maior (Silvana Sampaio).

Tendo em vista que muitos profissionais acabam contando histórias no seu próprio ambiente de trabalho, sem buscar uma formação específica, aparece a necessidade de (re)criação dos espaços de formação em que os narradores de histórias mais experientes e aqueles que estão se iniciando na área consigam trocar informações de maneira colaborativa. A maioria dos

¹¹³ João Vitor Lemos é ator, contador de histórias e graduando do Curso de Biblioteconomia da Ufes. Como aluno voluntário do Projeto de Extensão *Ideias e práticas em informação, educação e cultura* que atualmente responde por Projeto *Informa-Ação e Cultura*, foi responsável pelas oficinas de contação de histórias oferecidas por esse projeto para a comunidade interna e externa à Ufes (GERLIN, 2013).

¹¹⁴ Bibliotecária da SEDU.

espaços de formação é demarcado por atividades presenciais, todavia, registra-se que mais da metade dos contadores de histórias dá a devida importância ao ciberespaço no que se refere ao processo de formação (63,24%)¹¹⁵.

A atuação marcante dos contadores de histórias da tradição ou daqueles que aprimoram sua arte para dedicar-se a uma atuação profissional se complementa. Com a intensificação do uso das TIC por parte do narrador neste século, há que se considerar o alcance da diversidade em termos de práticas e repertórios de narrativas. Atualmente a internet exerce uma forte influência na área da contação de histórias, assim como a mídia televisiva e as emissoras de rádio fizeram no século XX.

Marquei que não tive influência de um círculo pessoal, apesar de passar a infância no Maranhão onde essa cultura é muito maior, não é? Não tive essa influência na infância, apesar de meu pai ser um grande narrador, de contar histórias de pescador e de caçador. [...] Mas tive a influência de um grupo chamado Ópera na Mala, que tinha um programa Baú de Histórias na TV Cultura na década de 90, depois até entrei em contato com a Cris Miguel que é a atriz que na época fazia o programa. Ela é de São Paulo, maravilhosa e super acessível (Gab Kruger).

No século XX o GECHUFES coordenou o *Contando histórias na Rádio Universitária da Ufes*. Trabalhando o contexto de cidadania cultural [...] tínhamos um momento de contar histórias, percebendo o que essa história gerava nas pessoas que ouviam as narrativas pelo rádio (Alzinete Biancardi).

Na atualidade as mídias de comunicação disponibilizam informações sobre as narrativas dos grupos de contadores de histórias na internet. “A narrativa ciberespacial, sem fim e sempre mutante, é um lugar de deleite num sentido de intermináveis transformações, mas, para que a narrativa eletrônica amadureça, ela deve ser capaz de incluir também a tragédia” (MURRAY, 2003, p. 170). As TIC têm um impacto significativo no cotidiano dos contadores de histórias na sociedade contemporânea, sendo um fator de importância para a criação de ambiência de facilidades de acesso e uso da informação e a criação de conhecimento (BASSETTO, 2013, p. 23).

Ampliaram-se as possibilidades de busca de informações no campo da narrativa oral, com o fortalecimento do uso da internet. Sem desconsiderar as dificuldades de acesso que ela ainda possui, torna evidente a oportunidade de um contador de histórias com características mais tradicionais profissionalizar-se no espaço virtual. Hoje o narrador de histórias também pode contar com as atividades de formação voltadas para a aquisição da técnica, em seminários, cursos, oficinas e outros eventos oferecidos por instituições formais ou informais.

¹¹⁵ 19,10% não dá a devida importância e 17,66% não respondeu essa questão.

Na linha da discussão sobre a potencialidade dos espaços tempos de formação pensamos sobre a importância que é atribuída para as informações disponibilizadas no espaço virtual. Nesse sentido, a rede de computadores interligados, a internet, aparece como uma ferramenta potente para um profissional da área da contação de histórias que aproveita o ciberespaço para fortalecer sua prática (CASTELLS, 2003).

Quando vem o virtual? Primeiro porque eu assisto pessoas contando, busco fontes, material [na internet]. Artigos para o processo de formação, então, também em 2005, você publicou na Roda de Histórias, não foi? Foi justamente por eu ter esse vínculo com a tecnologia, um vínculo com o tradicional e outro com a tecnologia (Fabiano Moraes).

O acesso às redes digitais me ajudou inclusive a melhorar a minha narrativa e em como fazer essa contação de histórias. E outras inúmeras questões, ligadas a Bia Bedran que usa a música e a própria contação de história através da internet. Então, eu acredito que é um recurso que auxilia muito ao professor e ao contador de histórias. Toda pessoa envolvida com a contação de história hoje tem que ficar em contato com isso, porque querendo ou não, até mesmo na escola pública se tem acesso à informática (Eugênio Fernandes).

Por meio da internet, a web oferece informação em formato de páginas hipermídia, disponibilizando não apenas textos, mas também imagens, sons e outras possibilidades de leituras disponíveis na grande rede. Essas mídias são utilizadas pelos contadores de histórias em territórios de informação, educação e cultura presenciais. Destaca-se que desde a sua criação a internet tem como meta permitir ao sujeito autonomia no espaço virtual, bem como, fornecer liberdade de expressão de modo que se possa “[...] inventar e criar serviços e produtos, utilizando ferramentas e *softwares* informáticos, contribuindo, assim, para o seu desenvolvimento” (CUSTÓDIO, SILVA, 2009, p. 179).

Algumas vezes eu busquei Bia Bedran pra ter ideias e pra ver porque é muito linda. Então, eu acho que a gente tem que resgatar essas pessoas que admira, para fazer não igual, mas ver como eles fazem e buscar fazer também. Tem uma dupla também da TV Educativa que agora não consigo lembrar o nome. É um homem e uma mulher, eles são um casal. Eles estiveram aqui no Campanelli fazendo um festival que o Rodrigo¹¹⁶ fez. Uma das coisas do projeto dele era trazer alguém de fora. Então depois que eu os conheci presencialmente, fui para o espaço virtual procurar em todos os programas da TV Educativa, pra assistir as contações de histórias. Eu acho que tenho usado o espaço virtual como espaço de pesquisa, pra ver como esse pessoal mais jovem, principalmente que usa os recursos eletrônicos, conta as histórias que estão registradas em internet via vídeos. Então, é assim que a gente aprende [...] (Silvana Sampaio).

O que aconteceu quando percebi que eu ia fazer esse serviço profissionalmente? Eu comecei a procurar, a pesquisar, como é o nome daquilo que a gente

¹¹⁶ Rodrigo Campanelli é ator, diretor teatral e escritor. Também atua como contador de histórias tendo participado da primeira versão do GECHUFES no ano de 1996, vencendo o concurso Malba Tahan de Contadores de Histórias promovido pelo Grupo Experimental e ministrado cursos nesse projeto de extensão (RODRIGO..., 2007).

pesquisa? Referências! Eu precisava de referências, então como ia eu fazer? Eu não queria chegar simplesmente do jeito que eu estou aqui de calça jeans e camiseta, chegar na sua frente e contar histórias. A criança não ia se interessar, não ia conseguir vender. Eu precisava de um produto diferente. Eu fui ver o que estava sendo feito no ES. Utilizei a internet como recurso pra fazer isso. Pesquisei todo mundo que estava trabalhando no Estado para ver o que eu podia fazer diferente. A partir do momento que eu percebi o que estava sendo feito aqui, eu usei o Google pra pesquisar o que estava sendo feito diferente no Rio de Janeiro, São Paulo e Portugal. Em língua portuguesa como se contava histórias. Eu encontrei alguns grupos de referência, alguns contadores de histórias de referência e eu assisti vorazmente tudo que postaram na rede (Gab Kruger).

A importância que é dada às tecnologias de informação na contemporaneidade é ressaltada pelos contadores de histórias, assim como, a audição de histórias continua sendo “[...] uma arma poderosa em favor da disseminação da literatura e uma provocação com gosto de ‘quero mais’” (YUNES, 2012, p. 63). A aprendizagem formal voltada para a formação do contador de histórias é efetivada em espaços educacionais presenciais, como universidade, escola, eventos e grupos institucionais. A aprendizagem informal é realizada fora de um contexto institucional recebendo a contribuição da audição dos narradores da tradição e do ciberespaço (DEMO, 2012).

Em função do diálogo estabelecido com os contadores de histórias, ocorre que a arte de contar histórias não seja uma atividade que se possa ensinar, talvez careça de aprendizagens autônomas em ambientes presenciais e virtuais. Apresentamos a seguir uma espécie de estado da arte dos espaços tempos de aprendizagem do contador de histórias (Quadro 14).

Quadro 14 – Espaços tempos de aprendizagem (formais e informais)

ESTRUTURA DA APRENDIZAGEM	TIPO DE FORMAÇÃO OFERECIDA	ESPAÇOS TEMPOS DE APRENDIZAGEM
FORMAL	Formação escolar, acadêmica; etc.	Ensino Médio; Graduação; Pós-Graduação; Ensino à distância; etc.
FORMAL/INFORMAL	Formação voltada para a arte de narrar; etc.	Cursos, oficinas, seminários, web conferências; etc.
INFORMAL	Audição de narradores da tradição; audição dos pares; etc.	Residências; espaços comunitários; ciberespaço; etc.

Fonte: Produzida pela autora durante a elaboração da pesquisa

Talvez devêssemos propor o compartilhamento de uma gama de informações em redes híbridas, auxiliando na aquisição da técnica necessária ao preparo de um texto que envolve

um processo de criação permanente. Ou precisássemos refletir um pouco mais sobre o que está posto em termos de aprendizagens no campo da competência narrativa. Conforme coloca Morin (2003, p. 103) é necessário reformular os modos de aprender: “A reforma do pensamento, deve, portanto, ser uma necessidade democrática fundamental: formar cidadãos capazes de enfrentar os problemas de sua época [...] em todas as áreas”.

Quando faço cursos de contação de histórias ou as oficinas para contadores de histórias, a impressão que eu tenho é que os profissionais que estão ministrando os cursos guardam a sete chaves um grande segredo: o de contar histórias. Porque a gente fica sempre numa coisa mínima, como se fosse um pequeno passo, a impressão que eu tenho é sempre essa. Já participei de vários e a sensação é a mesma. Até nos eventos realizados nas instituições em que trabalho a sensação é a mesma, que se divulga muito o que faz, o que acho válido, mas o objetivo principal não se preenche. Então você continua com a necessidade de buscar o que foi receber. De repente não seja alguma coisa que se ensine, mas talvez de você se propor a fazer, de querer, então, você faz do seu jeito encontrando a melhor forma de você contar a sua história. Talvez seja isso. Acho importante a troca de informações, para ajudar uns aos outros aprimorar o conhecimento das técnicas difíceis de praticar. O segredo que ninguém quer contar (risos). Ao meu ver [a rede] será importante para conhecermos os segredos guardados a sete chaves (Márcia Helena).

Muitas técnicas ainda deverão ser apreendidas e compartilhadas. Existem habilidades técnicas que o narrador de histórias não pode aprender em oficinas ou cursos, porque são inatas (DEMO, 2012), desse modo, torna-se necessário adotar uma perspectiva de colaboração para ampliar as trocas de experiências indispensáveis ao processo de formação, atribuindo valor aos movimentos que estão postos e (re)formas na forma de *aprender a aprender*. De certo modo a gestão cultural desse ator deve ser analisada mais de perto e, assim, quem sabe os segredos guardados a sete chaves não sejam revelados? Ou melhor, compartilhados entre os atores sociais...

6.2 INDICADORES DO CONTEXTO DE ATUAÇÃO

6.2.1 Categoria da atuação cultural

O agente cultural costuma ser visto como um profissional que não se envolve diretamente com a arte, contudo, essa distância não atende as especificidades de um gerenciamento de serviços voltados para a narrativa oral (COELHO NETTO, 2002)¹¹⁷. O profissional envolvido com produção ou agenciamento de um serviço cultural, precisa estar aberto ao processo de troca de informações e compartilhamento de conhecimentos necessários a esse contexto.

¹¹⁷ Para pensar a realidade de trabalho do gestor cultural recorre-se a Coelho Netto (2002) que expõe a realidade da gestão cultural inglesa, dos Estados Unidos da América e francesa, sendo que nessa última o agente geralmente está mais ligado a definição de Ação Cultural devido se envolver mais diretamente com o processo de produção (do serviço ou produto cultural) ou agenciamento (administração do processo).

Também deve considerar a diversidade cultural e as tradições no campo da oralidade. Perante a demanda de conhecimento sobre a área desse tipo de gestão, cerca de um terço dos narradores de histórias (33,82%) possuem conhecimento do campo da gestão cultural, enquanto a maioria afirma não possuir (63,24%)¹¹⁸.

Eu não sou gestor cultural, não faço gestão cultural. Mas como desde o doutorado eu não tenho feito mais apresentações, em termos de oficinas, agora só institucionalmente, então, o meu trabalho acaba sendo assim até desvinculado disso. Mas quando eu fiz apresentações profissionais e ministrei oficinas, eu divulgava e ao mesmo tempo enviava as propostas, fazia toda a gestão, todo o sentido do meu trabalho. Mas de eventos, nunca! (Fabiano Moraes).

Conheço a teoria da disciplina Ação Cultural. E por mais que você tenha esse conhecimento teórico, você tem que saber como gerenciar um projeto cultural. Você não precisa ser contador de histórias, não precisa se vestir de Emília, mas precisa gerir um projeto cultural. Então, perpassa pelo planejamento. Ai vem a calhar toda a experiência que eu tive da área administrativa, na questão de gerenciamento de coordenação, então, toda essa bagagem administrativa me põe aqui dentro como gestor cultural. [...] Eu acho que tenho conhecimento de gestão cultural sim (Vânia Célia).

A maior parte dos atores utiliza a própria experiência, adquirida no campo da contação de histórias para gerenciar o próprio trabalho (75%), enquanto uma parcela menor afirma não gerenciá-lo (22,05%). O autogerenciamento não desconsidera a necessidade de integração com uma equipe inter e transdisciplinar, assim como, quando necessário de receber assessoria com a finalidade de criar condições para a revitalização da sua arte, conforme expõe o Grupo Chão de Letras:

Na verdade o grupo faz parte do projeto Viagem pela Literatura, então, a Elizete¹¹⁹ que é a coordenadora, trabalha as ações do projeto no ambiente institucional. Nós somos voluntárias nesse projeto e o Chão de Letras é um braço do projeto, a Elizete faz todo esse trabalho por nós. Agora aqui fora, infelizmente, nós é que atendemos, nós é que temos que regatear com as pessoas [...] (Tiana Magalhães).

Uma das nossas dificuldades é justamente isso. Geralmente a gente não tem muito jeito para vender o trabalho. Essa é uma dificuldade nossa. A gente está tentando e não vai, porque não é do nosso perfil esse tipo de trabalho (Alzira Bossois).

Agora a gente pediu a assessoria do Fábio Perere que conta histórias. Na semana passada ele perguntou se a gente iria mesmo querer e se era verdade. É claro que a gente vai querer! Porque ele conta histórias, mas é um empreendedor. É uma pessoa que tem visão, ele busca, ele coloca e ele vai nos ajudar nesse processo que pra nós é tão difícil (Tiana Magalhães).

¹¹⁸ 2,94% não respondeu essa questão.

¹¹⁹ Elizete Caser Rocha é coordenadora do projeto “Viagem pela Literatura” da Biblioteca Municipal Adelphi Monjardim, vinculada à Secretaria Municipal de Cultura (Semc) de Vitória. Em 2014 o projeto que acolhe o Grupo Chão de Letras comemorou no Mucane 20 anos de existência, tendo a participação de contadores de histórias, produtores culturais, escritores e outros colaboradores (VIAGEM..., 2014).

A gestão do processo narrativo envolve a produção, a divulgação e a distribuição dos serviços/produtos (COELHO NETTO, 2002), o que se constitui como uma atividade importante para o contador de histórias que no cenário atual precisa fazer o marketing do próprio trabalho. Nesse contexto, insere-se o ciclo do processo de produção e de promoção do livro impresso, necessidade para o contexto de atuação do contador de histórias que é escritor.

Eu sempre agenciei, mas é uma pena porque eu acho que eu teria pernas pra atuar mais trabalhando do que agenciando, eu teria mais pernas. Eu poderia fazer muito mais coisas se eu tivesse alguém divulgando esse trabalho. E hoje em dia o meu foco é agenciar a distribuição de livros (Silvana Sampaio).

Não busco financiamento, chego e falo da importância da narrativa oral. Digo quais objetivos ela tem, com que missão desenvolvo o trabalho, apresento o panorama e o resultado disso. Faço o que realmente ensinam na área de marketing cultural [...], fazendo o uso desse conhecimento, porque sou especialista em marketing. Ao registrar o GECHUFES no Viva Leitura, por exemplo, acabamos desenvolvendo trabalhos no meio de comunicação (Alzinete Biancardi).

Eu não tenho ninguém que tenha agenciado o meu trabalho, no máximo eu recebi convites e fiz o meu trabalho, fui contratado num tempo anterior. O apoio de sujeitos de instituições públicas ou privadas para agenciamento, não. Não pra agenciamento, mas mais no sentido de contratação. [...] Com exceção de algumas vezes que alguma pessoa trabalhou na divulgação, fechando alguns trabalhos pra mim. Um amigo. E também com editoras. Às vezes a editora era quem divulgava, chamava e levava [o público], mas não era um agenciamento especificamente, era muito mais uma contratação e divulgação. Pra própria pessoa que era interessante divulgar, não era agenciando especificamente (Fabiano Moraes).

Na contemporaneidade o sujeito ou grupo que se envolve com a gestão deve considerar a (re)configuração do mundo atual: há profundas mudanças no cotidiano de trabalho do contador de histórias, ocasionadas pelo uso das novas tecnologias (LANZI, 2012; CASTELLS, 2003). Nesse sentido, um novo tipo de gestor é apresentado para suprir as demandas na sociedade da informação, focado nas oportunidades trazidas pelas conexões em redes sociais potencializadas pela internet.

Cancelei o Facebook e tive que voltar, porque fiz uma formação no SESC¹²⁰ e tive pouca procura. Tive que voltar porque a divulgação que fizeram não foi tão eficiente assim. Então eu tive que colocar na rede e aí teve procura. [...] Hoje a rede que eu utilizo é o Facebook. O e-mail também uso, mas uso mais o Facebook, não participo de fórum mais não (Eduardo Valadares).

Tenho um social mídia porque não estou dando conta de fazer tudo. Veja bem, mesmo com o social mídia cuidando da minha página profissional. A Mala Produções no Facebook, eu ainda passo um tempão com os contatos que tenho *in box*, porque a manutenção do meu público é feita num patamar muito pessoal. [...] A gente descobriu quem é meu público alvo. São mães de classe média que seguem um estilo de vida alternativo. [...] Mantenho isso transformando a minha página no Facebook numa página de uma pessoa que é super legal, que é engajada em algumas causas. E

¹²⁰ Serviço Social do Comércio (Sesc).

como essas causas tocam essas pessoas profundamente, defendo o aleitamento prolongado, criação com apego, que são causas que eu acredito pessoalmente. E ele faz a parte mais técnica e já sabe quais são as causas. Agora a parte pessoal, eu tenho que fazer. Eu tenho esse social mídia e ele faz também toda a parte gráfica da página e a manutenção dos *posts* com a arte gráfica. Por exemplo, datas comemorativas, cartaz de peças, cursos, isso tudo. E a gente se fala nas madrugadas. Ele já sabe do que eu gosto. Eu mando o texto, ele faz, posta e uma vez por mês ele vai lá pra casa. Eu pago a ele também *on line*. A vida toda é *on line* (Gab Kruger).

Os conhecimentos do campo da produção cultural são essenciais para a disponibilização de produtos e serviços relacionados com a área da contação de histórias. “Trata-se de criar o maior número possível de oportunidades para que o maior número possível de interessados conheça a parte essencial da aventura cultural que é a criação” (COELHO NETTO, 2002, p. 85). Esse campo de atuação requer busca de informações e diálogos de modo que possa tornar visíveis os fazeres e os saberes (habilidades) do contador de histórias. Esse contexto de participação requer desse narrador a participação em conselhos de cultura, grupos de discussões, reuniões com apoiadores, etc.

Na verdade eu busco estar sempre muito atenta para conhecer o mercado, as políticas públicas da área de cultura, a questão da formação, textos que tragam a formação profissional do bibliotecário, que é a área em que eu atuo. Livros, artigos, periódicos, reconhecimento e estudo dos projetos que a gente vê na área (Alzinete Biancardi).

Na área de ação cultural, diretamente ligada a área da contação de histórias não. Mas a gestão cultural sim. Porque eu participei do Conselho Municipal de Cultura de Vitória, lá então a gente trabalhava nessa área também. E hoje eu sou do Conselho Estadual de Cultura. Eu faço parte lá da cadeira da biblioteca. A câmara de literatura e biblioteca, eu estou participando nessa câmara. A contação de histórias ainda não é contemplada. De alguma maneira ela é contemplada mais um pouco pela área do teatro ainda. [...] Eu entrei nesse ano no conselho, então a gente está se apropriando um pouquinho mais do estatuto do regimento e trazer de alguma maneira. Então a gente não tem uma noção tão grande ainda (Eduardo Valadares).

A falta de conhecimento da área da gestão cultural pode dificultar a busca de auxílio com vários tipos de apoiadores que atuam, direta ou indiretamente, em instituições públicas e/ou privadas. Ausência de domínio das ferramentas tecnológicas também é uma barreira enfrentada pelo sujeito narrador e deve ser transposta com o auxílio de outros profissionais. Do total de entrevistados, um pouco menos da metade (42,64%) busca apoio para o desenvolvimento do seu trabalho, enquanto mais da metade (52,94%) afirma não buscar nenhum tipo de apoio¹²¹.

¹²¹ 4,42% não respondeu essa questão.

Eu submeti projeto no Fucultura¹²² uma vez, ele ficou classificado como primeiro suplente. Era pra fazer um trabalho no interior do Estado na área da narrativa tradicional da região. Então ele ficou de suplente, mas ninguém desistiu. E teve outro que foi aprovado pela Lei Chico Prego¹²³. A gente fez um trabalho junto com o Fabiano de Moraes, em educação infantil e biblioteca pública. Então a gente teve um apoio via edital de cultura (Eduardo Valadares).

[Concorrer aos editais de incentivo à cultura] pela minha experiência é um processo muito penoso digamos assim. Eu acho que quando se trata de uma pessoa só em busca disso é muito difícil. Se você me perguntar se eu vou fazer sozinha. Não! Eu acho que não estaria preparada pra esse processo todo de novo. Mas sempre fui aberta e sempre achei que quando você forma um grupo e você busca esses outros recursos as coisas tendem a ficar mais fáceis, você busca atividades e tem mais força junto com as instituições nas quais está buscando recursos, de contadores e pesquisadores em volta disso, tudo facilita, sozinha não faria mais. Mas com grupo sim (Elane Uliana).

A gente se relaciona com a Elkem¹²⁴, toda essa área de administração, diretoria da empresa, departamento pessoal. Pra estar fazendo esse trabalho a gente também vai buscar apoio no campo educacional. De toda categoria educacional, dos pedagogos, dos coordenadores, outros tipos de professores de outras áreas, porque às vezes a gente vai trabalhar com o ensino médio e todas as outras áreas afins (Eugênio Fernandes).

A perspectiva de trabalho inter e transdisciplinar facilmente podem ser identificadas no cotidiano de trabalho dos contadores de histórias. Embora a maioria tenha o costume de dialogar com sujeitos de outras áreas de atuação (75%), não podemos desconsiderar uma parcela menor que assegura não se dedicar ao estabelecimento dessa prática (20,60%)¹²⁵.

De modo a minimizar as barreiras encontradas e auxiliar na resolução dos problemas, parece necessário compreender como se dá as relações de trabalho entre contador de histórias e apoiadores. O estabelecimento de um bom diálogo com pares e público é relevante dentro de um contexto de atuação cultural desse narrador. Metade dos narradores avalia o relacionamento estabelecido com pares, público e apoiadores como sendo bom (50%), fornecendo minimamente indicativos para colocar em análise que as relações sociais necessitam de vínculos mais fortes com a finalidade de garantir ações colaborativas em redes de relacionamento profissionais (Gráfico 5).

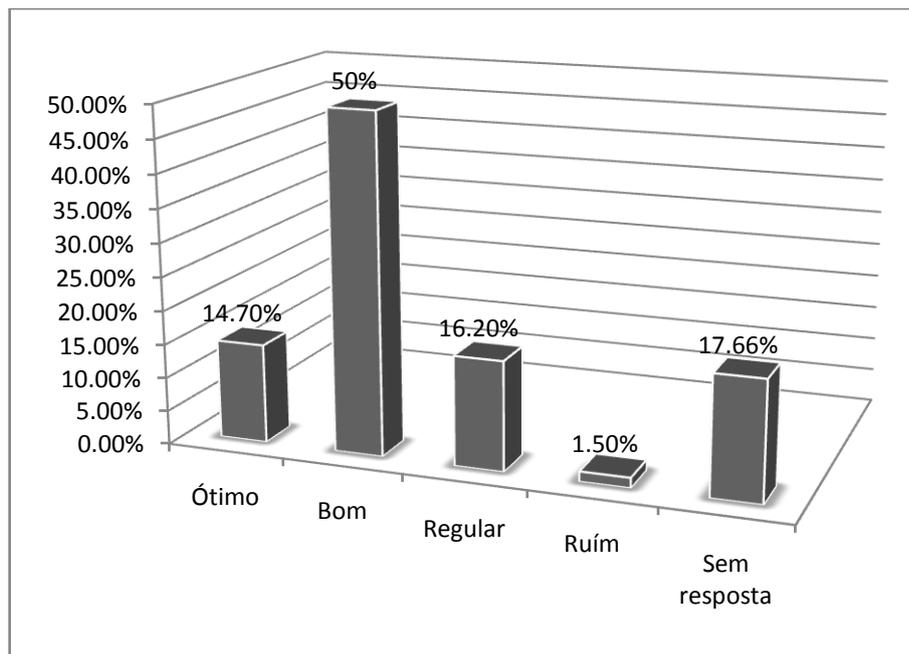
¹²² A partir do ano de 2009 o Estado do ES oferece acesso a uma nova forma de apoio de financiamento para atividades culturais. O Fundo de Cultura do Estado do Espírito Santo (FUNCULTURA), regido pela Lei Complementar nº 458 de 21/10/2008, tende a fomentar o planejamento, a criação/produção e a distribuição de produtos e serviços culturais no Estado (ESPÍRITO SANTO, 2008).

¹²³ Lei do município de Serra (ES) que tende a suprir a necessidade de incentivo de criação de projetos visando o desenvolvimento cultural (SERRA, 1999).

¹²⁴ Empresa idealizadora e que apóia até os dias de hoje a “OSCIP Colorir, Criando Valores”, coordenada pelos professores contadores de histórias Rita de Cássia Castro Fernandes dos Santos e José Eugênio Castro Fernandes.

¹²⁵ 4,40% não respondeu essa questão.

Gráfico 5 – Avaliação do relacionamento com pares, público e apoiadores



Fonte: Produzido pela autora durante a elaboração da pesquisa.

O narrador de histórias deve interagir com o público, apoiadores e pares, utilizando, para isso, todo o conhecimento demandado para a realização da sua atividade cultural. A ação cultural aparece como uma ferramenta potente para o contador de histórias, permitindo tecer redes no momento da comunicação de uma narrativa, assim como, proporcionar uma participação mais integradora e reflexiva (SIMEÃO, 2006). Estabelecer espaços de diálogos e, por conseguinte, trabalhar *junto e não sobre*, considerando o público como sujeitos e não como objetos, torna-se um desafio (FREIRE, 2006).

O relacionamento com pares, públicos e apoiadores eu considero ótimo, ao mesmo tempo que a negociação com o coletivo de fato auxilia muito no desenvolvimento da arte de narrar, porque você percebe que é necessário negociar em todos os sentidos. No sentido do repertório e da proposta de trabalho principalmente. Como abordado mais adiante na pergunta, a atividade cultural que eu fiz nas instituições capixabas eu considero que foram ação cultural. No processo de diálogo uma das negociações era essa (Fabiano Moraes).

O diálogo sempre foi ótimo e transparente, baseado na sinceridade e na troca de ideias para ver qual era efetivamente o tipo de serviço que eles gostariam de ter do contador de histórias, a ponto de conseguir ver o quanto gostariam da gente atuando. Em aniversários, por exemplo, o diálogo tinha que ser muito transparente e claro. Porque contar histórias em ambientes de aniversário, onde as crianças querem farrear, brincar, correr, comer bolo, docinho e cantar parabéns, não é um lugar muito apropriado pra ter contação de histórias. Tem barulho e tumulto, fica difícil a concentração da criança. Mas a ação pode acontecer desde que o contrato possibilite um lugar específico para o contador estar lá realmente com um grupo de crianças e adultos dessa festa de aniversário (Alzinete Biancardi).

Muitos não sabem trabalhar com o professor e o professor não sabe trabalhar com a gente [...]. Eles não conhecem o bibliotecário, não sabem que eu posso ser um excelente agente cultural e que posso promover a leitura [...]. Planejo sozinha porque não tenho visibilidade, mas acredito que na medida em que eu for conhecida e saberem da importância da biblioteca, eu vou ser convidada pra fazer as coisas, você pode ter certeza. No entanto, algumas profissionais que eu entrei num seminário enlouqueceram, queriam que eu participasse, houve uma interação [...] (Vânia Célia).

Na condição de bibliotecário que conta história nesse lugar, a gente tem essa dificuldade. Temos dificuldade de aproximação entre o bibliotecário e o professor. O diálogo é realmente complicado. Mas seria muito importante se conseguíssemos ter um diálogo mais próximo [...]. Não é ótimo, mas eu avalio como sendo bom. Tem que melhorar. Tudo é negociar e dialogar para chegar a um ponto comum, ver o que eles pensam e o que a gente defende também (Eduardo Valadares).

A capacidade de dialogar é muito importante para garantir o sucesso de ações voltadas para a gestão de serviços e produtos que giram em torno da contação de histórias. Numa escola, palco de atuação do profissional remunerado e sem remuneração específica, deve-se pensar *a priori* em estabelecer contato com a equipe pedagógica que geralmente trabalha na organização do serviço narrativo. Entretanto, não é sempre que o diálogo costuma fluir entre os sujeitos.

A ação cultural, desenvolvida em diversos territórios e construída coletivamente pelos sujeitos, pode ser comparada à transformação da lagarta em borboleta, na qual “[...] é possível antecipar a imagem transfigurada e multicolorida que dela vai surgir” (COELHO NETTO, 2002, p. 94)¹²⁶. Para que essa metamorfose social aconteça deve-se ativar a esfera da imaginação com a qual se possa reinventar a consciência reflexiva, assim como, da ação e da reflexão, vetores com os quais se pode viabilizar e permitir que a atividade comunicativa do profissional realmente aconteça.

O contador de histórias geralmente participa do processo de construção da própria atividade cultural, tendo conhecimento da importância das ações no campo da narrativa oral para a sociedade. Em geral se dedicam ao contexto de duas frentes de atuação: animação cultural e ação cultural, tendo essas ações, nos diversos espaços de atuação, metas diferenciadas. Há também uma predileção muitas vezes por uma ou por outra. Na ação cultural aspectos relacionados com a memória do narrador ganham maior visibilidade, enquanto que na ação cultural as lembranças evocadas pela narrativa oral são entendidas como manifestação de um coletivo (COELHO NETTO, 2002; HALBWACHS, 2013).

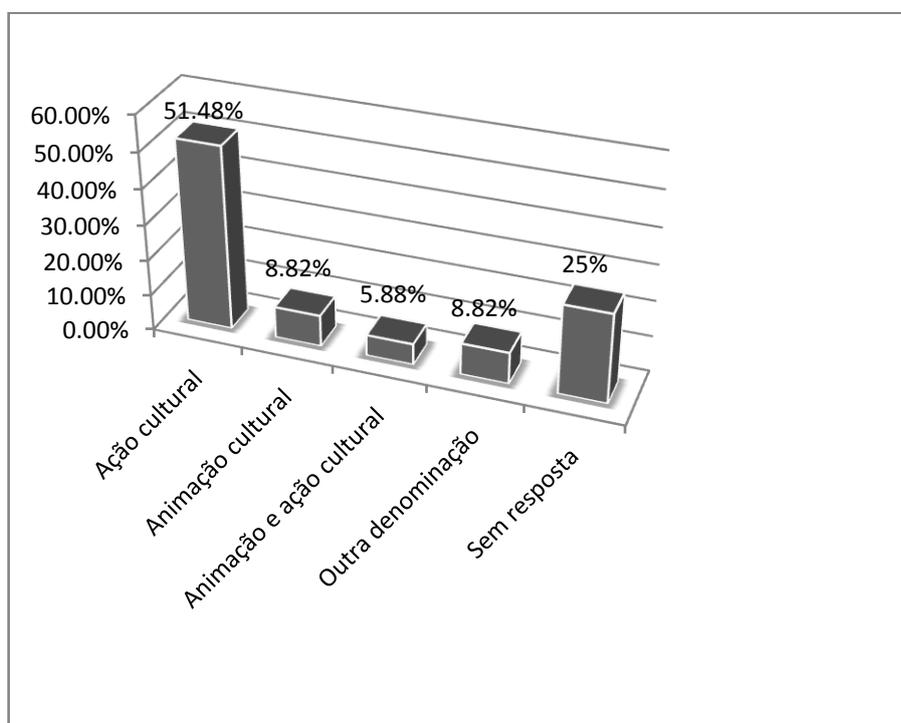
¹²⁶ Coelho Netto (2002) compara o processo de ação cultural com a metamorfose da borboleta, para, assim, exemplificar o processo de transformação dos sujeitos ao ativar três esferas no processo de ação cultural: a imaginação; a ação e a reflexão.

Algumas pessoas trabalham com animação cultural e outras com ação cultural, também negociam com essa última área. Eu negocio no sentido de não fazer animação cultural. Mas tudo é uma questão de negociação. Ao mesmo tempo eu indico várias pessoas, porque de repente tem alguém que faça mais animação, alguma coisa mais vinculada a uma festa e tudo mais. Tenho amigos que fazem atividades nas duas áreas e têm outros que só fazem a parte mais vinculada ao processo de animação (Fabiano Moraes).

Acho que é uma ação cultural porque não vejo como animação, porque você está agindo junto. E é uma ação coletiva, não é? Quando você fala ação cultural eu entendo que, por exemplo, mesmo que seja uma contação de história dentro da escola e você tenha uma turma pequena, definiria como ação cultural. Mas não adianta eu ser agente cultural sozinha, eu só consigo ser agente e eu só consigo produzir uma ação cultural, se eu tiver um receptor e ele entender esse conhecimento. Então eu vejo que eu só sou agente cultural se tiver resposta (Elane Uliana).

A ação cultural diferencia-se da animação cultural em diversos momentos, desde o processo do planejamento até o momento da oferta do serviço ou produto, o que não significa a sua finalização no ato de seu oferecimento. Ao destacar aspectos importantes relacionados com as atividades culturais que os contadores de histórias desenvolvem, verificou-se a predominância da utilização do termo ação cultural (51,48%) (Gráfico 6).

Gráfico 6 – Caracterização da atividade cultural comumente desenvolvida



Fonte: Produzido pela autora durante a elaboração da pesquisa.

Enquanto na ação cultural a memória coletiva guia o planejamento envolvendo os sujeitos no processo, no desenvolvimento da animação não se considera os aspectos sociais do público

com o qual o contador de histórias irá trabalhar (COELHO NETTO, 2002; HALBWACHS, 2013). Diferente da animação cultural, no processo de ação cultural o narrador é um mediador podendo (re)criar a atividade narrativa junto com o coletivo. Além da diversão a comunicação de uma história, por exemplo, possibilita práticas reflexivas que podem gerar transformação (COELHO NETTO, 2002).

Eu vivi a contação de história, fui educada com história narrada, pela minha avó, minha mãe, minhas tias, minhas irmãs mais velhas, tenho isso inato em mim. Mas quando eu me capacitei me tornei especialista, tive condição de compreender como um projeto deve ser implantado pra gerar modificação e transformação no sujeito. A narrativa é uma ação cultural e não uma fabricação, uma promoção de cultura do texto escrito, texto narrado, causo contado e todas essas coisas. Então, aprendi e pude compreender o tanto que a narrativa de minha avó me educou, me transformou num ser melhor e com maior compreensão do mundo (Alzinete Biancardi).

Na animação cultural é difícil “Pensar nas formas de exteriorização humana por intermédio do discurso [da narrativa] e em [como] sua relação com os processos de transmissão cultural e de representações nos faz pensar na memória” (OLIVEIRA; ORRICO, 2005, p. 82), contudo, esse tipo de atividade pode transformar-se *na imagem multicolorida* da ação cultural gerida pelo contador de histórias. “Não tem como você trabalhar com ação cultural sem buscar conhecer a gestão cultural, se não olharmos o mercado, se não entendermos um pouco de marketing cultural” (Silvana Sampaio).

Eu acho que faço ação cultural e animação cultural. A animação cultural quando a gente pensa em eventos de aniversário e livraria. Ação cultural principalmente quando desenvolvo na escola, na área da educação. Faço os dois, mas gosto mais da ação cultural. Mas a gente faz também animação cultural [...]. Na educação 95% é ação cultural. Em questões de apresentações maiores e fora da biblioteca escolar entendo a atividade que faço como animação. Eu acho que a memória é sempre coletiva, essa influência do outro pra mim é importante, essa minha história é importante. E quando faço as apresentações em que acontecem coisas que não esperava que fossem acontecer, então, isso vai me transformar. A ação no coletivo é muito importante. Sem ter o outro não tem sentido (Eduardo Valadares).

Porque muitas pessoas que contratam o serviço do narrador não têm noção, às vezes confundem a narrativa oral com teatro, com dramatização, às vezes acham que é uma animação cultural e não é. Você pode contratar um animador cultural e fazer a narrativa no meio da animação cultural. Mas a narrativa não é animação, é mais ação cultural porque o contador de histórias trabalha com gestos e palavras, então, ele pode usar a contação como um momento da animação, mas na contação propriamente dita não se pode usar muitos gestos, deve-se ser fiel ao texto e proporcionar que o ouvinte construa os quadros com a sua imaginação. Ele tem que construir a história, a imagem do texto narrado, deve viver as emoções que o texto traz (Alzinete Biancardi).

O oferecimento de serviços caracterizados como animações culturais, torna mais difícil a identificação das estruturas sociais da memória que constantemente influenciará a comunicação narrativa no cotidiano de trabalho. A ação cultural desenvolvida pelo contador

de histórias aciona algumas esferas da vida do sujeito e, por conseguinte, da memória coletiva e social do grupo com o qual estabelece contato (HALBWACHS, 2013).

Engraçado, cada um lembra de alguma coisa e nunca é igual. Porque cada um se apega ao que achou importante. E o que é importante pra mim, pode não ser importante pra você. Então eu penso a história de um ângulo, mas você vai pensar de um ângulo diferente. Importa o que você achou mais importante e assim se vai tecendo a sua memória e completando-a a partir da memória do outro (Ingrid Pereira).

Até mesmo numa aula, justamente por ser uma ação coletiva, o próprio estabelecimento de histórias se dá coletivamente. Ao mesmo tempo em que você conta histórias, outras histórias vêm à tona. Até mesmo quando eu conto, posso lembrar de outras histórias que eu contei, de quando eu escutei, li no livro que eu li (Fabiano Moraes).

Tudo o que somos hoje faz parte de uma história que nos formaram. Todas as formas de contribuição que recebemos de alguém. Dos nossos pais, das pessoas que nos ajudaram, das nossas referências, dos contadores de histórias que nós conhecemos [...]. Eu busquei na memória os momentos em que eu tive experiências de perda e momentos de doença, para poder entender o que eu ia narrar e o que ia ter de *feedback* dessas pessoas que estavam me ouvindo. Então, eu acredito que a nossa forma de narrar, o nosso envolvimento e as pessoas que interagem com o próprio contador de histórias se tornam personagens (Eugênio Fernandes).

A memória coletiva perpassa a memória individual e social, primeiro porque o trabalho da memória individual é intelectual e, dependendo das estruturas da sociedade, acaba localizando lembranças com as quais se faz uso da inteligência no presente. Depois porque “[...] a rememoração parte do presente (experiência exterior, social) para o passado (experiência interna, individual)” e, por último, devido às lembranças serem compartilhadas e relacionadas a um conjunto de lembranças com os grupos dos quais o contador de histórias faz, fez ou fará parte (OLIVEIRA; ORRICO, 2005, p. 83).

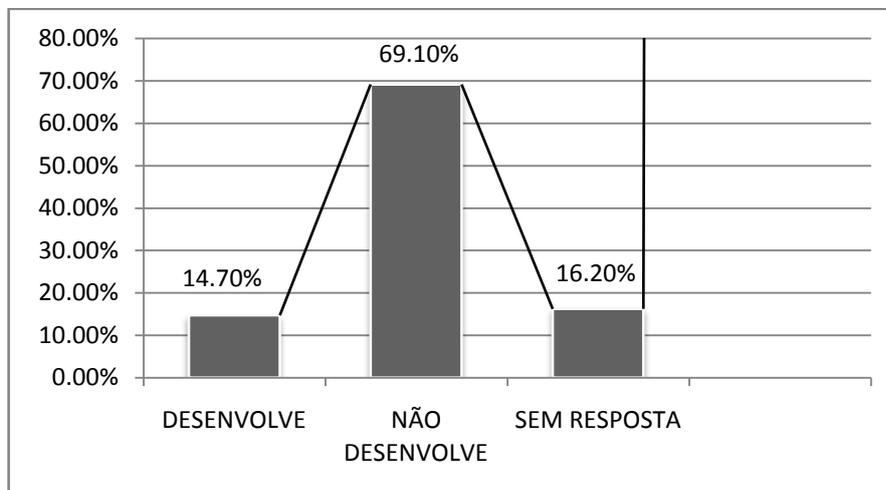
Sobre a questão da memória, às vezes trabalho com um tema, por exemplo, com dois poemas em que faço com que eles trabalhem com a realidade deles [das crianças], quando trabalho com o verso: “E no tom que sopra o vento, toca o barco...”. Então, tem muita família de pescador aqui da Praia do Suá. Então eles começam a falar sobre os pais deles. Então pergunto: - *o seu pai sai pra pescar se tiver um céu bem preto?* Eles respondem: - *não, não sai não é perigoso... Tem uma pedra no céu lá em Cariacica que se tiver uma nuvem em cima, não vai não porque é perigoso.* [...] Quando conto histórias acabo trabalhando com determinado tema com uma turma e quando inicio o trabalho com uma outra turma, aquilo que trabalhei com uma turma anterior acaba sendo lembrado com outra também. Exatamente. Mas todo trabalho não é realizado dessa forma não. Tenho que confessar. Às vezes, leio um poema com eles [acerca do referencial poético]. A música é que foi o “tchan” (Marcela Mendonça).

A ação cultural é uma modalidade geralmente colocada em prática pelos narradores de histórias que atuam mais diretamente em instituições de educação formal e informal. A relação com a memória coletiva é importante num contexto de compartilhamento da história

sociocultural do grupo. Independente da caracterização da ação cultural, a narração de histórias é sem dúvida uma habilidade que o sujeito narrador possui, sendo desenvolvida ao longo dos séculos a capacidade de proporcionar ao seu público uma participação mais integradora.

No ciberespaço a memória social e afetiva pode ser expandida com o uso de computadores e outros recursos eletrônicos, sendo assim a capacidade de armazenamento da memória oferece “[...] recursos infinitos. Devido a eficiência de representação de palavras e números no formato digital, podemos armazenar e recuperar quantidades de informação muito além do que antes era possível” (MURRAY, 2003, p. 88). Nessa direção, questiona-se em que medida o trabalho cultural (ação cultural e animação cultural) e comunicativo do narrador de histórias contemporâneo é desenvolvido no espaço virtual. O fato de que mais da metade (69,10%) não desenvolve o seu trabalho no espaço virtual, conduz a necessidade de dominar as ferramentas disponibilizadas pela sociedade da informação que podem auxiliá-lo na navegação desse espaço ainda pouco explorado (Gráfico 7).

Gráfico 7 - Desenvolvimento do trabalho narrativo no espaço virtual



Fonte: Produzido pela autora durante a elaboração da pesquisa.

Não se pode negar que a memória humana foi estendida com o meio digital em todos os sentidos, destaca-se que as mudanças vividas tornam efetiva a disseminação da informação narrativa em um livro, CD-ROM, etc. para “[...] banco de dados globais da internet, acessíveis através de uma teia mundial de computadores interligados, [e que] os recursos crescem esponencialmente” (MURRAY, 2003, p. 88).

Então acontece de uma escola do Estado Amazonas ligar e falar pra gente: - *Ah! Eu gostaria de trabalhar com os livros de vocês. Vocês podem enviar?* Digo que os livros estão todos disponibilizados na internet, estão abertos e tem um programa como se fosse uma folha. As crianças têm de acesso de forma virtual ao nosso material também. Esse material está todo disponibilizado. A única coisa que a gente ainda não conseguiu foi atender a dica de uma portadora de necessidades especiais, que é uma deficiente visual. Ela pediu que a gente pudesse estar gravando o conteúdo do material, porque quem não lê não tem esse mesmo acesso. Então, seria uma ótima oportunidade de futuramente a gente estar colocando o áudio nessas histórias pra que a gente possa atender também os portadores de necessidades visuais (Eugênio Fernandes).

O contador de histórias utiliza a internet para divulgar o trabalho desenvolvido no espaço presencial, precisando igualmente dominar as ferramentas que a sociedade atual oferece para também desenvolvê-lo no ciberespaço. “Vivemos um momento de somar diferentes tecnologias e experiências. As TIC ampliam também as possibilidades de **leituras**” (LANZI, 2012, p. 46, grifo nosso). As leituras possibilitadas pelas novas tecnologias e as “leituras de mundo” do sujeito narrador são igualmente importantes (FREIRE, 1997; 2006).

Mesmo tendo o mundo passado por um processo de mudança, não podemos desconsiderar que a *leitura de mundo* precede sempre a leitura dos textos, dos *tablets*, das palavras, do computador, do som, da narrativa, da imagem e outras. Nesse movimento dinâmico o contador de histórias recorre aos conhecimentos do campo da gestão, acompanhando o processo cultural desde o momento da captação de recursos até o processo de comunicação da narrativa (serviço) ou publicação de um livro (produto). Para isso, em alguns momentos precisa captar recursos em empresas privadas, submeter suas ideias em editais de incentivo à cultura¹²⁷, etc.

E saiu realmente na época certa, foi justamente nesse momento que eu estava tendo esse convite da Elkem pra poder estar trabalhando no enfrentamento à violência escolar, que ganhei de presente essa palavra “Colorir”. Eu lembro como se fosse hoje eu chegando em casa, eu encontrei com Eugênio e disse: - *Eugênio eu ganhei um presente. Ganhei a palavra colorir pra gente trabalhar e construir um projeto. O que a gente pode fazer com isso? E logo veio na mente, não é? Por que não estar trazendo a contação de histórias* (Rita Santos).

Quando fomos convidados, a empresa pediu pra que a gente pudesse sonhar, então, pensamos nos personagens e em como estar trabalhando com esses personagens nessa faixa etária [...]. Logo no início do projeto a gente não tinha os livros prontos e íamos munidos de avental, acho que fui um dos primeiro contadores de histórias do sexo masculino que usava avental pra poder contar histórias. Usava velcro pra prender os personagens e aquilo se tornava lúdico no espaço escolar, o que foi chamando a atenção das crianças [...]. Tanto que os objetivos do projeto direcionados para a

¹²⁷ Os editais de incentivo à cultura são ferramentas de fomento e difusão da produção e gestão nos Estados Brasileiros, tendo por objetivo conseguir investimentos das empresas privadas para a área da cultura, oferecendo como contrapartida deduções no Imposto de Renda. A meta dos editais de cultura é tornar possível uma interseção entre política pública e capital cultural em benefício da sociedade (GRUMAN, 2010).

redução da violência e depredação foi realmente comprovado e nós conseguimos atingir nosso objetivo (Eugênio Fernandes).

Dos vários produtos e serviços oferecidos pelo Projeto Colorir, tanto no espaço presencial quanto no ciberespaço, destacamos a publicação de livros que expande a atuação dos seus contadores de histórias, Rita Santos e Eugênio Fernandes, para a condição de escritores (Fotografia 17). Dentre os livros lançados destacamos *A vitória do consumo eficiente de energia*, *Todos contra as drogas*, *Todos contra o Bullying*. No processo de escrita das obras os narradores criaram o personagem *Colorido*, criado juntamente com uma turma que os acompanham em momentos de contação de histórias e cursos de formação na área da narrativa oral (PROJETO..., 2015).

Fotografia 17 – Contadores de histórias Rita Santos e Eugênio Fernandes (Projeto Colorir)



Fonte: PROJETO... (2015).

Tendo em vista as inúmeras possibilidades de trabalho desse narrador no espaço presencial e virtual, afinal de contas quem é o contador de histórias? Aproveitamos a pergunta da narradora Vânia Célia para contextualizar que esse sujeito atua no espaço presencial (69,10%) e gerencia o próprio trabalho (75%), desenvolvendo sua atividade em diversos territórios do Estado do ES. Tece redes de relacionamentos com público, apoiadores e pares, etc., porém, assume desenvolver mais ação cultural (51,48%) do que qualquer outra atividade, ainda tendo que buscar respostas sobre a composição da competência narrativa.

O que é um contador de histórias? O contador tem que ter técnica, tem que ter domínio, entendeu? Só que você vai para o curso e eles dizem você tem que contar por que senão você não irá se profissionalizar. Quanto mais se conta mais vai aprendendo e melhorando, melhorando, melhorando até ficar bom no negócio. E se eu ficar com medo nunca vou me profissionalizar, o que é uma contradição. Ao mesmo tempo acho legal contar e que devo romper a barreira do desconhecido. Eu arrisco

com um grupo pequeno, porque é *Mil e uma noites*, é por isso, isso, isso... mas pra saber o final você vai ter que ler o livro. Então, você faz uma contação de histórias que o menino se encanta com o livro (Vânia Célia).

Todos os atores da pesquisa são considerados contadores de histórias profissionais de nossa época, buscando formação específica para atuar numa área em ascensão. O trabalho coletivo que é desenvolvido entre comunidade interna e externa à Universidade e outras instituições, há algum tempo é movido pela colaboração. Ao oferecer produtos e serviços variados, saem de seu casulo e transformam-se em *contadores de histórias espetaculares com asas multicoloridas* (e isso não cansamos de repetir!). Não são super heróis que tudo podem, mas buscam uma trans-formação no que se refere a sua atuação profissional, o que requer habilidades e técnicas específicas para que isso aconteça no campo da narrativa e da informação.

6.2.2 categoria da competência narrativa

Os saberes e fazeres adquiridos nas atividades cotidianas e formativas com pares, públicos, apoiadores, narradores da tradição, formadores, etc., acabam requerendo do contador de histórias um aprendizado permanente. Torna-se necessário perceber o “[...] ato de contar histórias, como uma prática política e crítica, **como uma** sensibilidade, guiada pela voz sutil da intuição, que nos conduz à escolha de uma história com a qual tenhamos afinidade” (MORAES, 2012, p. 49, grifo nosso).

Gostei dessa definição de saberes e fazeres adquiridos por meio da experiência, porque na verdade a competência narrativa é isso aí, você adquire fazendo. Mas tem outra questão: o que adianta participar de vários cursos sem os meus pré conhecimentos, sem todo o meu jeito, porque eu acho que a competência narrativa também está ligado a questão do meu jeito enquanto pessoa, porque você pode ver que os contadores de histórias têm um perfil. Pelo menos eu ainda não encontrei um contador de histórias que seja extremamente sério e calado (Vânia Célia).

Quando tocamos na dimensão educativa e política da palavra do contador de histórias, não estamos localizando-a especificamente no contexto da escola ou de outros ambientes formais de educação (MATOS; SORSY, 2014). A aquisição de informações e a apropriação de conhecimentos em ambientes informais como o ciberespaço também são igualmente necessários à manutenção da competência narrativa desses narradores.

[...] o sujeito se apropria da cultura, do conhecimento, da informação que a narrativa leva. Ele se torna um sujeito interativo, pró-ativo em sala de aula, fora dela, em família, sei lá onde [...]. Daí vejo a importância das pessoas que estão envolvidas na arte de contar histórias passar por espaços de formação que possuem variadas linhas. A gente prioriza a naturalidade da pessoa de contar que é inata, mas determinados

públicos estão mais audiovisuais do que auditivos, estão interagindo mais com a imagem e o som. Então quando a gente usa a simples narrativa de corpo presente com o público, tem que ter um texto muito bem preparado pra cativar, porque senão as pessoas em época de altas tecnologias não te darão ouvido (Alzinete Biancardi).

Então, às vezes, os saberes que você vai adquirindo influencia o contador, o seu jeito de contar, como eu vejo a Alzinete Biancardi, como eu vejo o Eduardo Valadares, e eu vou vendo como eles desenvolvem a técnica deles. Eu acho que há uma técnica para cada um, quando eu vou pra um curso eu busco um parâmetro de todos [...]. Então você estuda as técnicas justamente porque em você é nato, são as experiências que você vivenciou, são saberes que você adquiriu um a um e você se identifica com a prática. Pelo menos eu penso assim, eu peguei todas as experiências que eu vi de vocês e conquistei para mim. [...] e aí chegou o momento que eu queria exercer, e o que eu fiz? Fui fazer alguns cursos para adquirir a técnica (Vânia Célia).

Quando você assiste a um vídeo de contação de histórias está ouvindo histórias, o que é basicamente meu ponto de partida para contar histórias. Ao ouvir histórias eu estou vendo como eles se posicionam, que tipo de figurino utilizam. Como eles usam a voz, se fazem voz [diferente], se tem cenário, se não tem cenário, tem têm malas, se têm baús, se tem luz, se tem edição, tudo isso, não é? Nessa minha busca também faço cursos *on line*. Fiz um montão de cursos *on line*, presencial. Um montão mesmo. Todos que encontrei disponível eu fiz. Eu tenho sei lá, uns dez cursos diferentes (Gab Kruger).

Convém refletir o lugar que o narrador de histórias ocupa na sociedade da informação, ao considerar a importância das habilidades culturais adquiridas ao longo da vida. A exploração do conteúdo de um texto selecionado ao longo de sua caminhada é algo que se propõe a fazer naturalmente no seu cotidiano de trabalho. Para isso, abre mão de um conjunto de habilidades técnicas para auxiliá-lo no processo de comunicação da narrativa e no oferecimento de uma diversidade de produtos e serviços que giram em torno da oralidade.

A pesquisa de histórias é a primeira habilidade que destacamos no contexto da competência narrativa, englobando a seleção de textos novos para o repertório utilizado em apresentações culturais, cursos ministrados, gravação de vídeos e outras atividades. A importância dessa habilidade conduz a identificação de que a maioria dos contadores de histórias selecionam narrativas novas para a constituição de seu repertório (73,53%) (Tabela 7).

Tabela 7 – Pesquisa e seleção de histórias para o repertório

PESQUISAM E SELECIONAM	NÃO MAIS PESQUISAM E SELECIONAM	SEM RESPOSTA
73,53%	17,65%	8,82%

Fonte: Produzida pela autora durante a elaboração da pesquisa.

Há uma variedade de repertório que o Brasil oferece de procedência de diversas origens: europeia; africana e indígena (CASCUDO, 2003; 2006). Também há uma variação no jeito como o narrador de histórias busca as histórias, utilizando diversos suportes e mídias que a sociedade em rede oferece (CASTELLS, 2001). O contador de histórias competente em informação "**Sabe** como o mundo da informação é estruturado, como acessar as redes formais e informais de informação, conhecem as estruturas de comunicação" (DUDZIAK, 2010, p. 8, grifo nosso).

A pesquisa de histórias requer competência na busca e seleção de informações em diferentes contextos, então, deve-se considerar nesse processo, desde as habilidades em informação necessárias a seleção em espaços tempos presenciais e virtuais até "A escolha de uma história [que] também pode partir da necessidade da plateia para a qual você irá contar" (MATOS; SORSY, 2009, p. 39).

Eu renovava o repertório na medida em que surgia demanda geralmente. Quando havia a necessidade de dar conta de um convite e, às vezes, a demanda era minha mesmo. Eu quero preparar uma apresentação só de contos indianos! Então eu pesquisava pra isso. Era lendo, ouvindo, também com sugestões. Tem história que eu contei e quando eu terminei de fazer a apresentação, uma pessoa que assistia a apresentação, pai de uma criança, falou: - *Oh, tem uma história que eu vou trazer pra você, que eu acho que ia ficar muito bom você contando. Uma história de uma enciclopédia muito antiga Ciglo o contador de histórias.* Eu contei por anos e anos essa história. Ou seja, foi uma sugestão de pais, de pessoas que escutaram. Já aconteceu de outras histórias que quando a pessoa indicava eu dizia: - *Eu não me vejo contando essa história.* Mas nesse caso deu tudo certo. E a audição de pares é muito importante, é claro, isso sempre. CDs, DVDs, livros e internet também (Fabiano Moraes).

As habilidades de seleção de histórias acabam requerendo a articulação das competências necessárias aos contextos não apenas de busca, mas também de avaliação do processo da busca do texto direcionado para a comunicação. O processo de avaliação encontra-se imbricado com a capacidade técnica e humana de selecionar a informação narrativa, sendo essa etapa altamente importante para a sua recuperação.

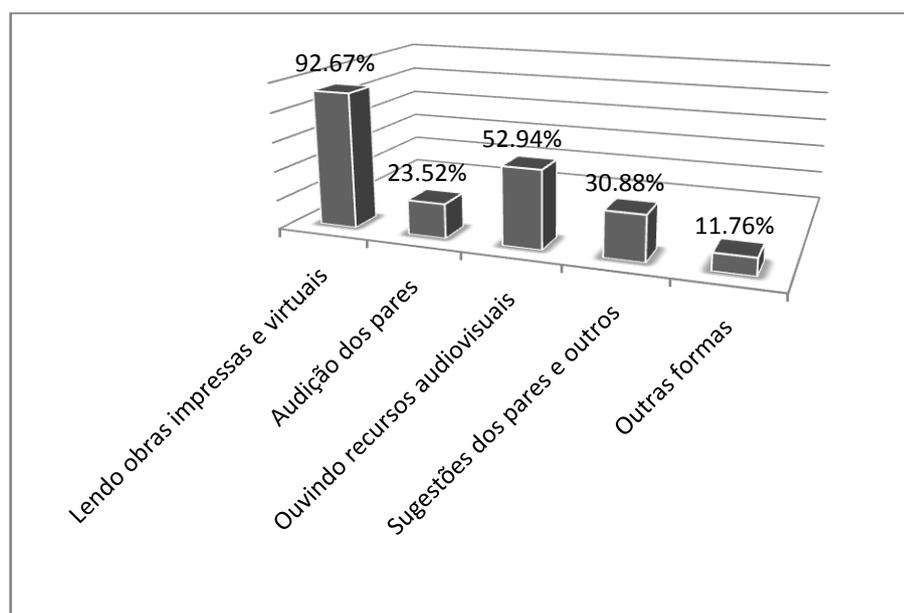
Busco as histórias em livro, CD, DVD e quando parece que vai dar certo ensaio. Para umas turmas dá certo, para outras não [...]. Tem histórias que você conta para qualquer público e têm histórias que é mais complicado, por ser mais complexa você não pode contar para os pequenos, porque vai ter que parar o tempo inteiro para explicar a história. Ou se conta uma história muito bobinha para os maiores também vão ficar rindo da gente. Eles são debochados com força (risos) (Ingrid Pereira).

A maioria lendo! Ouvindo também, as histórias do seu livro eu já usei aqui, as histórias e a música da panela de barro, então, eu já trabalhei com eles. Às vezes uso livros que tem o CD, para trabalhar lendo e ouvindo (Marcela Mendonça).

São várias, lendo, ouvindo, sugestão dos pares não tanto, audição dos pares sim, e outras formas. Às vezes, eu busco coisas na internet e às vezes eu pego coisas na internet, algum vídeo que eu gosto e olho e preparo a história tendo como base aquele vídeo, livros, catálogos não, internet de vez em quando, CD não (Eduardo Valadares).

Sabendo que ao contador de histórias do século XXI é requerido o letramento, a alfabetização digital e competência em informação, identificamos que os sujeitos deste estudo utilizam as TIC para a consecução das suas pesquisas, buscas e seleção de textos narrativos. O exposto permite “[...] reconsiderar o que significa uma pessoa alfabetizada para redefinir as competências, habilidades e conhecimentos que precisamos” no campo da narrativa oral (GARCÍA-MORENO, 2011). Há também que se considerar que a audição dos pares pode ser feita tanto no espaço presencial quanto no ciberespaço. A realização das pesquisas que conduzem a escolha de um bom texto pode, então, partir da audição dos pares, da leitura de textos extraídos de livros impressos, blogs, páginas web, etc.

Gráfico 8 – Forma de seleção das histórias contadas



Fonte: Produzido pela autora durante a elaboração da pesquisa.

Tendo em vista que um processo de seleção de histórias acontece de diferentes maneiras: lendo (92,67%); ouvindo (52,94%) e sugestões dos pares (30,88%) (Gráfico 8), “Aos textos impressos, somam-se os hipertextos e os livros eletrônicos (e-books) que surgem como novas ferramentas de comunicação e interação, instaurando outros paradigmas nas relações entre autores, textos e leitores” (CACCIOLARI; MATSUDA, 2009, p. 2). Em relação aos tipos de suportes/mídias em que buscam histórias para seu repertório, obtivemos as seguintes

indicações¹²⁸: livros impressos e digitais (86,76%); material multimídia na internet (60,29%); DVD (23,52%); CD (25%) e outras opções (8,82%).

Tanto na audição dos pares que envolvem a tradição da oralidade, quanto dos recursos audiovisuais que demandam o uso das TIC, “Ouvir não é uma atitude passiva; ao contrário, envolve um grande esforço de imaginação, de análise e de assimilação do discurso que estamos ouvindo” (NKAMA, 2012, p. 254). A atração pelo conto selecionado é muito importante no processo de audição, influenciando na maneira como posteriormente o narrador irá contá-lo. “De modo geral, as histórias que escolhemos nos atraem pelo humor, pela mensagem, pelas imagens [que fazemos dela] ou por qualquer outro motivo” (MATOS; SORSY, 2009, p. 39).

Acho que a internet ajuda sim, por exemplo, para saber o que está acontecendo sobre contação. Eu acabo utilizando o que está sendo produzido fora do Estado, então, eu uso sim com certeza. Se você quer alguma sobre narrativa e literatura, então, usamos a internet pra buscar. Algum artigo também. Não tanto em redes, não é? Depende da perspectiva de rede. Uso vídeos pra pesquisar um cara que eu gosto. Procuo um pouco da história dele no Youtube. O Roberto Carlos Ramos¹²⁹ que eu gosto muito, Roberto de Freitas¹³⁰. Gosto muito do estilo do pessoal de Minas Gerais, então eu sempre procuro o contador de histórias dessa região (Eduardo Valadares).

Até agora eu não vi um contador que faz aquilo só por dinheiro, tem o prazer de contar [...]. Quando você pensa num contador eu penso na Meri Nadia que gosta de tocar, que põe música, que tem todo um molejo, que faz uma cara e conta história, eu penso no Eduardo que bate tambor que brinca e conta histórias, eu penso na Alzinete que indaga na hora em que está fazendo a sua exposição oral, entende? Que chama o ouvinte pra participar da história. Então você pensa assim, nossa quantos modelos! (Vânia Célia).

Mesmo com todo aparato possibilitado pelas tecnologias de informação e pelos meios de comunicação, as pesquisas constantemente são realizadas em suportes mais tradicionais como os livros impressos. Os contadores de histórias não costumam dispensar a leitura de uma boa obra impressa. Mas não se pode desconsiderar a importância dos contos populares de diversas culturas e a facilidade com que são constantemente assimilados (MATOS; SORSY, 2009).

O contador de histórias tem que ter repertório atualizado [...], deve conhecer fábulas de Esopo, deve conhecer contos de fadas e tudo mais, pra depois ele vir com esse repertório e ter a condição de adequá-lo ao seu público ouvinte. Então, o contador de histórias que passa pelo GECHUFES, passa sabendo que se ele quer agradar um público qualquer deve ter um bom repertório de contos de fadas que ouvimos desde criança. Automaticamente quando se narra um conto de fadas faz a pessoa viver a construção do ser que ela é hoje (Alzinete Biancardi).

¹²⁸ Questão de múltipla escolha com um percentual de 2,94% sem resposta.

¹²⁹ Pedagogo, escritor e contador de histórias de Minas Gerais que inspirou o filme “O contador de histórias” de Luiz Vilaça (ROBERTO..., 2015).

¹³⁰ Contador de histórias de Minas Gerais (ROBERTO..., 2008).

Tento não me ater apenas a histórias tradicionais por que têm umas que são tão tradicionais de contador de histórias... Então, não conto de fadas e fábulas, eu detesto, não consigo nem ler. Sei lá... *A princesa e o sapo*, contei uma vez eu acho. Eu coloquei que eu detesto essas duas vertentes, são gigantescas não é? O que me sobra? Literatura. Eu compro! Eu sou uma compradora de livro infantil. Todo mês eu devo comprar quatro ou cinco unidades de livros infantis nacionais e estrangeiros, de autores nacionais e estrangeiros. Ana Maria Machado, tenho toda a coleção dela. Lygia Bojunga... tem muita gente lá em casa! Muita coletânea de contos irlandeses, contos africanos, contos chineses. Quando eu acho uma coletânea assim, eu pego tudo, sabe? (Gab Kruger).

Eu preservo muito o direito do autor, advogada é triste, não é? Tem a questão legal, então, quando eu busco um texto eu procuro ver se ele é de domínio público ou se ele é autoral. Se ele é autoral compro o livro. A Marta Samôr¹³¹ também faz muito isso, a gente carrega o livro, não se prende apenas a fonte da internet (Tiana Magalhães).

Quando vou para uma creche eu gosto de contar e levar o livro para estimular a criança. Então, mesmo tendo o texto eu procuro comprar o livro. E toda vez que eu vou contar levo o livro (Alzira Bossois).

Por meio da seleção os narradores de histórias estabelecem contato com autores de obras literárias, narradores da tradição que transmitem contos populares, com os pares comunicam suas narrativas na internet, etc. Essa habilidade é identificada na pesquisa teórica e nas entrevistas como sendo primordial para o preparo do texto que cativa ao público. A seleção é uma habilidade importante e, antes de mais nada, uma tarefa inteiramente coletiva. “O coletivo entra até nas escolhas que a gente faz. Quando se vai escolher uma história, por exemplo, a escolha é coletiva, se eu me proponho a fazer um trabalho numa determinada escola também” (Fabiano Moraes).

Para selecionar histórias eu procuro conhecer meu acervo e adquirir livros diferentes, se a história me toca penso que também tocará a criança. Então quero contá-la e sempre tem alguma coisa a mais. Não seleciono sempre o mesmo estilo e penso em encontrar histórias diferentes para que a narrativa seja contada. Se o autor é sensível e a história encanta, conto e incorporo ao repertório. Sempre levo em conta a faixa etária, mas a narrativa acaba tocando quem ouve independente da idade, como no caso das professoras que acabam sendo tocadas. Mas conto histórias direcionadas para o público infantil. Faço perguntas, olho para eles porque acho que seja importante e percebo se estão retribuindo e fazendo perguntas também (Márcia Helena).

A narrativa é selecionada de acordo com a temática, já falei. Então eu penso em como eu vou trabalhar a narrativa de acordo com a temática, não é? Eu poderia pegar uma receitinha pronta, mas se tiver uma receita pronta e não tiver nada com a temática não valeu nada. O que adianta contar o Macaquinho numa época de páscoa? Mas eu posso contar no dia internacional da família, porque o macaquinho fala do papel desse sujeito que não fica em casa e não cuida do filho. E o filho só quer atenção... (Vânia Célia).

A frequência com que a seleção das histórias é feita varia de narrador para narrador, devendo ser analisada dentro de cada realidade de atuação cultural. Experiências diferenciadas são

¹³¹ Membro do Grupo Chão de Letras.

tecidas em termos de atuação profissional e mudam totalmente o contexto da seleção e, por conseguinte, a apropriação das histórias oralizadas.

Em relação à frequência posso dizer que ela depende das oportunidades de acesso em livrarias e consultas aos catálogos *on line* das editoras. Sempre que encontro uma história com a qual me identifico ela é selecionada e preparada (Alzinete Biancardi).

Atualmente é uma frequência pequena, mas antes estava sempre buscando. Às vezes, você vê uma história e pensa foi feita pra mim e você nem planeja muito isso. Chega um livro a sua mão e você diz: - *Olha, que legal! Dá pra contar*. Você assiste a apresentação de uma pessoa e pensa que história legal, parece comigo. E vendo que a história é legal coloco no repertório. Quando surgem demandas específicas também, como no ano passado, no segundo semestre de 2014, quando surgiu uma questão específica e temática sobre o trânsito, e eu nem gosto tanto porque você fica muito preso tem que ser daquele tema [...]. Pra mim foi muito complicado. Teve outra sobre reciclagem e eu achei muito bacana. Depois virou meu também. Da Livraria Paulinas, então, quando é planejado, é mais difícil. Quando é natural é mais gostoso (Eduardo Valadares).

Conto sempre a mesma história pra todas as turmas em cada semana e, às vezes, mudo. Uma história que acho muito infantil, quando chega o quarto ou quinto ano mudo, troco pra outra. Escolho uma coisa diferente. Às vezes, me perco, então eles dizem: - *Você já contou essa!* Aí então tenho que escolher outra. Então separo uns livros só pra ler pra eles. Escolho a cada semana que eles vêm uma história diferente. Como a maioria eu leio, fica mais fácil! Mas tenho que repassar a voz do personagem da história... (Marcela Mendonça).

Procuro sempre inserir uma nova, porque as histórias que contei no ano passado não posso contá-las de novo. Eles dizem assim: - *Ah! Tia essa eu sei*. Tem uma história que todo mundo ama que é aquela que repete: *A casa sonolenta de Audrey Wook*. Aí eu conto pra o primeiro ano, porque antes não tínhamos primeiro ano, não tinha nem biblioteca quando entrei lá. Então contava para os alunos do CMEI, então, nesse ano eu não posso contar para o segundo ano a mesma história. A partir do segundo ano em diante eu tenho que ter histórias diferentes. Porque eles lembram, essa história você já contou (Ingrid Pereira).

O processo de pesquisa de uma história perpassa a história de vida profissional de cada ator social, os diálogos que são constantemente estabelecidos com os autores, as relações que tecem com os pares que ouvem numa audição de histórias profissional, narradores de comunidades tradicionais e outros sujeitos narradores. Nesse contexto, “[...] O autoconhecimento e a experiência de narrar são provenientes do buscar conhecer-se ao narrar uma história, buscar conhecer-se ao ter contato com as culturas dos povos, as sabedorias concernentes de tais tradições [...]” (MORAES, 2012, p. 35).

O contador de histórias profissional direciona a busca do material ao público que de uma maneira geral irá atender. No processo de busca da informação narrativa a “[...] faixa etária predominante e características socioculturais do grupo devem ser observadas enquanto

caracteres que tangenciam o papel social do receptor, ou seja, seu lugar enquanto destinatário” (MORAES, 2012, p. 44).

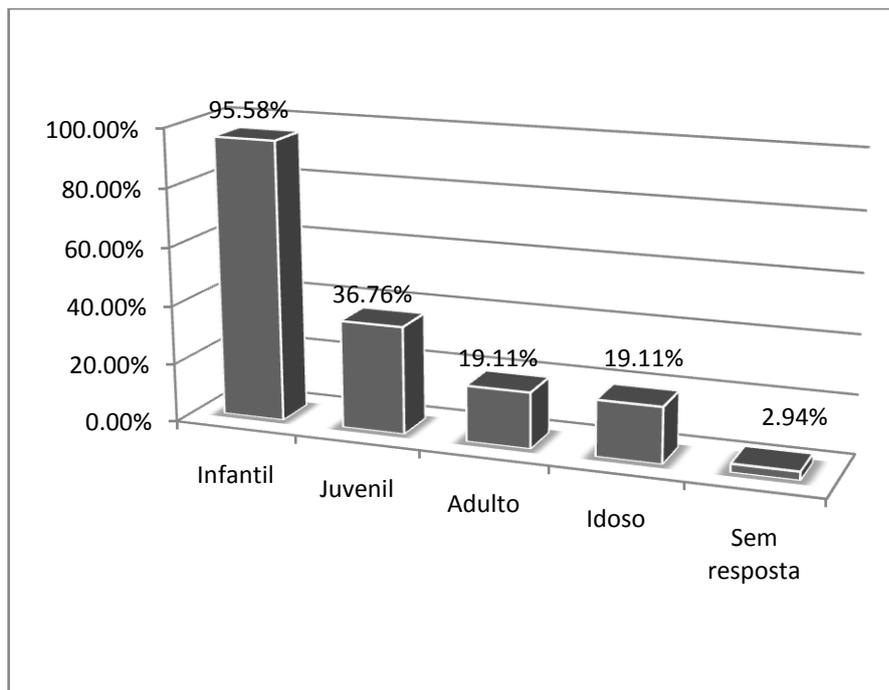
Eu posso ter no meu repertório histórias para todas as idades, inclusive os contos de fadas e as fábulas de Esopo que você pode contar para qualquer público, porque as fábulas eram narradas para qualquer tipo de criança para educá-las nos princípios morais daquela comunidade. Então, se conto *A raposa e a uva de Esopo*, através dessa fábula educa-se a criança a não desrespeitar e ser perseverante. Agora você vai contar histórias para crianças que passam de 10 minutos e que tem um vocabulário extremamente evoluído, como fará para contar um texto desse para uma criança da pré-escola? Da educação infantil? Vamos pegar um neto de três anos que tenho, como conto uma história de morte de um idoso que ludibria a morte na educação infantil? Você deve então respeitar a faixa etária porque conforme o texto que você narrar, ele não atinge seu público. No seu repertório se você trabalha com crianças da educação infantil, você tem que ter histórias curtíssimas, normalmente repetitivas que a criança gosta [...] (Alzinete Biancardi).

Levando em consideração a minha faixa etária *Eu aprendi, eu aprendi...* que os livros você não deve podar, selecionar por faixa etária... Mas quando eu estou selecionando o material observo pra qual faixa etária vou estar contando histórias. E quando estou numa faixa etária maior, se estou contando histórias, o meu vocabulário eu modifico, eu acrescento mais no verbo, na palavra, nos adjetivos nos significados dos adjetivos pra mais ou pra menos, de acordo com a platéia, faixa etária. Se eu vou falar de *Chapeuzinho Vermelho* de zero a 4, 5, 6 anos de idade, do infantil, eu só falo do lobo mal como um bicho, conforme foi maquiado pela Disney. Quando estou falando da *Chapeuzinho Vermelho* na faixa etária de 15 a 80 anos eu já tenho uma outra visão de que não é bem assim [...]. Eu já falo do lobo mal que eram os débeis mentais que no tempo dos grandes feudos atacavam as velhas, as moças e a libido delas. Elas saíam para o bosque e estavam os monstregos atrás das árvores, como lobo mal. E elas voltavam dizendo que era o lobo mal que tinha comido literalmente elas (Rosário Varejão).

Quando vou contar as histórias nos lugares, eu conto a lenda e digo que faz parte do livro. Então, é uma forma de merchandise do livro. Agora os outros eu não tenho, o livro é de poema, e às vezes eu até digo, mas depende do público. Quando você sabe o lugar que irá contar vai direto ao foco: o público é de tal idade, você vai com o repertório pensado. Agora, muitas vezes, você vai sem saber. Então, às vezes, entra um poema desse livro *Roda Vida*, principalmente quando falo pra professores porque é uma subversão da música *Carneirinho, carneirão* que eu dediquei aos meus alunos (Silvana Sampaio).

O ouvinte de diferentes idades difere-se de um espectador passivo, é considerado como coautor ou ouvinte-autor no processo narrativo (MATOS, 2014), desse modo, os serviços e produtos no campo da narrativa oral devem ser direcionados para esse sujeito e toda a sua diversidade cultural. No ato de seleção do repertório a maioria dos narradores de histórias (95,58%)¹³² leva em consideração a faixa etária do público atendido e, na mesma proporção, a maior parte (95,58%) costuma atender a esse tipo de público (Gráfico 9).

¹³² 1,47% afirma que não e 2,94% não responderam essa questão.

Gráfico 9 – Faixa etária do público atendido

Fonte: Produzido pela autora durante a elaboração da pesquisa.

O narrador de histórias considera que está tratando de uma prática destinada a um público diverso que deve ser atendido como um coletivo que possui particularidades. As habilidades que compõem a competência no campo da narrativa oral, também perpassam a capacidade da comunicação do conto selecionado. O exposto permite considerar que o processo de comunicação exige uma boa preparação, resta, então, fornecer detalhes de como isso tem sido feito no cotidiano do contador de histórias espírito santense.

Preparar uma história não é um processo simples, não é só pegar e ler e preparar rapidinho. É um processo demorado [...] a gente demora, estuda, assimila e mastiga. Tem que trabalhar muito em cima de uma história para que ela saia de uma maneira leve e prazerosa, causando impacto que a gente trabalhou (Marta Samôr).

A gente tem no repertório histórias mais longas, histórias mais curtas, todas elas exigem um tempo de preparação. Temos um laboratório no Grupo Chão de Letras, a gente conta e ouve as histórias uma das outras, isso é muito importante (Tiana Magalhães).

Em casa o meu filho já se acostumou. Eu conto histórias pra ele desde pequeno e agora ele é o meu crítico. Eu conto e ele franze a testa e eu vou melhorando. Às vezes estou dentro de casa, de um lado e para o outro. Outro dia a namorada dele estava lá em casa e ele disse assim: - *Ah! Ela está preparando as histórias dela, não liga, doído é assim mesmo.* Às vezes, eu saio com eles na rua e eles estão conversando, agora ela não pergunta mais: - *O que foi?* Ele dizia: - *É com ela* (risos). E, às vezes, eu estou no ônibus, eu gosto de andar de ônibus, e eu conto a história, faço caras e bocas, faço exercícios, na rua também (Tiana Magalhães).

O mesmo narrador que prepara um conto é um leitor extensivo que consome muitos e variados tipos de textos para dar conta do exercício de sua arte (SIMEÃO, 2006), nesse sentido, leitura e escrita relacionam-se ao contexto da alfabetização (técnica de saber ler e escrever) que não exclui o conhecimento de mundo que o narrador de histórias possui (letramento) (TFOUNI, 2010). As habilidades de preparo de uma história estão inteiramente relacionadas com as técnicas de leitura, (re)escrita, memorização e ensaio e, posteriormente, com as habilidades de comunicação que envolvem o uso da voz, expressão corporal e facial (Tabela 8).

Tabela 8 – Estratégias utilizadas no preparo da narrativa oral

ESTRATÉGIA	PERCENTUAL (questão de múltipla escolha)
Leitura em voz alta	82,35%
Leitura em voz silenciosa	30,88%
Escrita das partes da história para memorizar	33,82%
Memorização literal	20,58%
Reescrita da história para contá-la	17,64%
Caretas e outros tipos de expressões faciais	33,82%
Abuso da expressão corporal	17,64%
Expressão corporal na medida certa	38,23%
Técnica de mudança de voz para diferenciar os personagens	47,05%
Velocidade, tonalidade e volume da voz	50%
Uso de recursos	44,11%
Ensaio das histórias com diversos sujeitos, gravação e narração na frente do espelho	30,88%

Fonte: Produzida pela autora durante a elaboração da pesquisa.

No processo de preparação de um conto o narrador de histórias “[...] pode escolher, criar, recriar, decidir contar ou não, iniciar, modificar, resumir ou enriquecer, e até mesmo encerrar a história caso considere conveniente” (MORAES, 2012, p. 37). A leitura principalmente em voz alta (82,35%) é uma habilidade importante para a composição da competência narrativa, sendo a grande responsável pela preparação e pela comunicação de um conto, evidentemente em articulação com outras habilidades.

Depois da leitura silenciosa namoro o texto e fico imaginando com que tipo de público poderei utilizá-lo. Depois faço o planejamento de entonação da voz, vírgula, ponto, exclamação, ler em voz alta e gravação para corrigir virose verbal. Quando o texto não está preparado ao fazer a leitura em voz alta auxilia a detectar onde não está preparado e evitar conectivos, evitar virose verbal: aí, né, etc. (Alzinet Biancardi).

Seleciono e preparo as histórias lendo. Quando a gente ouve uma história boa a gente corre atrás pra saber dela. Por meio de sugestões dos colegas também: - *Ah! Eu contei tal história, assim, assim, assim.* Ontem eu estava conversando com a Márcia Helena sobre a obra *Viviana, a rainha do pijama* de Steve Web, que na escola dela dá super certo e eu não conseguia contar na minha escola. Não deu certo. Aí ela estava me contando o jeito que ela faz e talvez se eu fizer dê certo. O jeito dela é mais interativo do que o meu (Ingrid Pereira).

Faço a leitura silenciosa e dali eu já vou maquiando e vou lendo em voz alta e vou vendo o que eu posso fazer dentro da minha experiência anterior, uso algumas coisas, adaptações. Sem fugir é lógico do texto, não escrevo as partes. Faço caras e bocas. Ao contar a verdadeira história do lobo mal na visão de Jon Scieszka, sou até caricata. [...] Uso caracterização no corpo, vou tirando do baú e colocando coisas. Tiro e boto, tiro e boto, tiro e boto... (Rosário Varejão).

Todos veem a contação da história *Maquinho* como a Bia Bedran conta, mas quando peguei o livro e li tive uma outra visão [...]. No momento eu estou brincando de contar histórias, pra mim é uma diversão, eu me divirto junto com os meninos [...] (Vânia Célia).

No processo de preparação alguns narradores de histórias da pesquisa separam as histórias em partes (33,82%). Também há aqueles que optam pela memorização literal (20,58%). Existe a opção de contar sem alterar o texto escrito e, sobretudo no caso de histórias provenientes de obras literárias autorais, a narrativa deve ser literal. “Por outro lado há os que consideram que a modalidade oral, diferindo da escrita, requer outros aspectos que podem vir a redefinir não apenas a moldura, mas também a estampa final do conto” (MORAES, 2012, p. 27). O uso de um recurso aparece como consequência para os contadores de histórias (44,11%), jamais podendo aparecer mais do que a narrativa apresentada, segundo a opinião de alguns narradores.

Eu juntei um pouco da teoria com a experiência, pra não fazer feio, entende? Então eu acabei juntando experiência pra tentar fazer algo que fosse meu, único, do meu jeito. Porque por mais que você queira cantar igual à narradora Bia Bedran você não é ela, assim como a sua voz, entonação, expressão, tudo! Sem falar que você vai contar oralmente, tudo depende da sua entonação, da sua fala, do seu sorriso, da sua expressão, e não adianta nada você ter toda essa bagagem e não saber expressá-la, você ser travado, não estar num dia legal, eu acho que contar é uma arte mesmo, é a diversão, é você entrar naquilo (Vânia Célia).

Às vezes uso um anel, um objeto que vai tornar curiosa a apresentação e que irá aguçar a curiosidade da criança. Eu contei uma história pro meu filho em casa da montanha encantada que foi uma história da minha adolescência de escola. Depois contei para os coleguinhos dele na escola, porque ele falava que a professora não gostava de contar histórias e eu contava muita história pra ele em casa. Quando cheguei lá o que tinha no primeiro capítulo? Um binóculo! E eu levei um binóculo escondido na roupa e na hora em que falava do binóculo eu peguei e eles ficaram loucos (Eugênia Broseguini).

A gente não pode abusar porque a verdadeira arte, o melhor método é a narrativa oral, de corpo presente com seu público. Mas tem determinados públicos que você pode inovar porque irá querer. Então, quando você forma contadores de histórias você dá a ele essa abertura, de se auto reconhecer. *Canção do Sul*, por exemplo, é um filme que

sempre usei no espaço de formação, porque o personagem principal narra história com simples narrativa e consegue fazer a transformação do sujeito (Alzinete Biancardi).

A simples narrativa, recurso utilizado no filme *Canção do sul* (1946), conduz a uma trama de histórias tecidas pelo Tio Remus, personagem vivido pelo ator James Baskett, um experiente contador de histórias retratado como um narrador tradicional. Com a riqueza da sua experiência os narradores podem oferecer conselhos e lições de vida (BENJAMIN, 1996). Contudo, o uso de recursos (44,11%), a reescrita da história (17,64%) juntamente com as mudanças de tom e velocidade da voz (50%) são estratégias utilizadas pelo narrador capixaba no preparo da narrativa oral (Tabela 8). Na educação infantil, por exemplo, os contadores de histórias exploram o uso dos recursos com maior intensidade.

Eu uso alguns recursos em algumas histórias, mas no geral uso mais a narrativa mesmo (Alzira Bossois).

Eu uso pouco recurso, meu perfil não é de estar cheia [de recursos...]. Com fantoches, tem hora que eu esqueço que ele está na minha mão. Às vezes, o recurso que eu utilizo é a própria criança que eu vou colocando algumas coisas nela. A música também, porque de vez em quando eu sou atrevida, não é? Mas como o contador de histórias pode, eu uso a música (Tiana Magalhães).

No Grupo Chão de Letras o nosso perfil é bem parecido. A gente não usa muito recurso não (Marta Samôr).

O uso de variados recursos e tipos de textos (gênero) dependerá do público atendido, das habilidades artísticas do narrador de histórias que, muitas vezes, domina o uso de instrumentos musicais, da dança, da dramatização, da declamação, etc. As adaptações de poesias e musicalização das narrativas da tradição oral são algumas possibilidades de trabalhos que permitem “[...] a cada vez que narramos uma mesma história, mesmo que texto físico tenha sido memorizado e narrado integralmente, executamos um evento único e original” (MORAES, 2012, p. 17).

Quando vou trabalhar com os alunos escolho o conteúdo. Por exemplo, para trabalhar sobre valores esse exercício se torna mais difícil. Se for de Ricardo Azevedo já sei que é bom. Enviei um e-mail pra ele agradecendo porque aquela premiação [Prêmio Karol Kuntal, em 2013] que obtive foi graças ao trabalho com um poema dele. Ele ficou feliz e me enviou até um livro, autografado e tudo... Teve um seminário de bibliotecários da Rede e falei do trabalho de Ricardo Azedo e uma profissional da USP questionou se o autor sabe que eu trabalho... O autor sabe! (Marcela Mendonça).

Eu li *Chapeuzinho Vermelho*, em seguida apresentei *Chapeuzinho Amarelo* do Chico Buarque e *Chapeuzinho Redondo* que é do francês Geoffroy Pennart. Então, são duas histórias baseadas na história clássica de *Chapeuzinho vermelho*. E então, os alunos produziram as histórias deles, inclusive podendo ser sobre qualquer Chapéu. Só que colocando no contexto deles, no contexto atual e inserindo elementos da atualidade, bicicleta, celular, GPS, verificando o vestuário, que música que ela canta. Ouvi de um aluno: - *Não posso levar doce porque a vovó é diabética, então ela vai levar outra*

coisa. As adaptações vão fazendo com que eles produzam e que a criatividade vá aflorando. Tem uma aluna que está fazendo a história *da Chapeuzinho* toda em rima. Está ficando divertida (Elane Uliana).

É tão interessante, justamente porque tem todo um processo de identidade dentro do local. Eles não sabem do que eu sou capaz, então, eu sou obrigada a correr atrás das minhas coisas. Pra eles ter uma bonequinha de papel foi uma coisa incrível. Quando eu trabalhei Monteiro Lobato eu fiz um resgate, eu queria resgatar o livro, o autor no dia do livro através da figura da Emília. Era automático, quem vê a Emília vê Monteiro Lobato que iniciou toda essa história de literatura infantil. Então a figura da Emília representa sim. Vem toda a questão da contação de histórias. Eu perguntei pras pessoas o que lembrou a Emília: - *Nossa você me trouxe lembranças da época em que ouvia histórias do sítio*. Eu falei assim: - *É isso! Bingo! Eu atingi o meu objetivo através da figura da Emília* (Vânia Célia).

Na fase de preparação uma das preocupações dos contadores de histórias direciona-se para a ambientação e organização do local em que será contada a história (50%). Enquanto outros narradores afirmam não se preocupar com essa atividade (32,35%) e uma parcela considerável não respondeu a essa questão (17,65%).

Geralmente quando chego no local vou até onde irei contar, vejo o que eu preciso para a apresentação no local, mas na maioria das vezes eu não uso de nenhum artifício. Mas quando eu usava colocava lá alguns instrumentos, uma cadeira, um banquinho, mesmo que não sentasse, mas pra ter uma referência. Também procurava alguns lugares em que estaria o ouvinte pra imaginar como eu seria visto, do lado de fora da janela pra ver como a pessoa iria me visualizar. Verificava como estariam me olhando. Às vezes, tinha uma janela atrás, então eu pensava como eles iriam me ver. Pra ter uma noção. Iluminação, um lugar que não tivesse nenhum foco de luz maior na plateia do que em mim [...]. Como aprendi tudo isso? Por meio de experiência, experimentação fui aprendendo, também lendo alguns livros de espaços teatrais (Fabiano Moraes).

Porque tem ambientes que querem que a gente faça a narrativa como livraria, no shopping em que não temos condição ambiental e sem microfone. Então esse diálogo eu sempre tive e foi sempre muito bom, porque a gente afina o momento da narrativa com todo o material necessário e com o ambiente necessário. Porque nem sempre o ambiente que querem nos dar para narrar é apropriado pra estar sem microfone [...]. Se temos um bom relacionamento é mais fácil ter as condições necessárias para o desenvolvimento da arte. Porque se você fizer em lugar não apropriado, barulho em um ambiente que não permite a concentração e em que a projeção da voz é prejudicada, você terá problemas, terá a desqualificação da arte narrativa (Alzinete Biancardi).

A preparação dos momentos de contação de histórias aparece, então, como uma condição necessária para a *performance* desse narrador que deve manter o local organizado para se dedicar com maior facilidade a etapa da comunicação da história. Nessa fase da competência narrativa, o ambiente direcionado para a contação de histórias deve ser “[...] o lugar em que se pretende narrar uma história devendo ser um ambiente arejado, aconchegante, silencioso, tranquilo, isento de elementos que dispersem a atenção dos ouvintes” (MORAES, 2012, p. 43).

Depende do que eu planejo, porque tem o cantinho da leitura, tem os tatames, às vezes senta todo mundo nos tatames e a gente faz uma roda no tatame. Tento sentar no chão também. Às vezes, sentam nas mesas mesmo, depende do que eu quero deles. Se for só uma conversa, convido: vamos sentar no chão que fica uma coisa mais íntima, parece que eles têm mais liberdade de falar. Mas, às vezes, eu quero uma outra coisa mais formal e a atividade é escrita, então eu deixo eles na mesa mesmo. São os tatames com almofadas mesmo, esse é o meu cantinho da leitura (Ingrid Pereira).

Não faço muito não. Fiz uma vez no SESC, no antigo prédio do teatro Glória, era lançamento de um livro sobre a história do teatro e fui muito bem pago. Tive que contar com algum cenário, porque o pessoal que contratou é da literatura. Enfim, eu fiquei um pouco sem graça de levar minha mala e peguei emprestado com a Gabi Kruger um fundo de uma floresta, um tapete e algumas coisas pra ficar mais bonito. Foi a única vez que eu usei, mas fora isso me preocupa se é algum lugar que não tem a interferência de barulho externo. Se a gente vai sentar e não vai ser virado para a janela, se não vai ser virado pra porta. Nessa linha de organização, mas não de levar elementos para compor o cenário (Eduardo Valadares).

As habilidades citadas são acompanhadas de técnicas cênicas e de estratégias peculiares de cada contador de histórias, sendo elas extremamente necessárias para a fase da comunicação da história. Destaca-se que o tempo reservado para a apresentação de cada narrativa deve ser considerado, procurando pensar que cada público requer um momento de narrativa oral diferenciado:

Geralmente minha apresentação de contação de histórias dura 40 minutos. Fiz apresentações mais longas, com mais de uma hora, apenas com adultos e usei muitos artifícios, como uma música ou alguma outra coisa. Mas geralmente dura 40 minutos, até por ser um tempo que a gente acaba determinando mesmo para pessoa sair querendo mais (Fabiano Moraes).

Não mais que 20 minutos, depois disso costuma dispersar a atenção dos alunos na biblioteca (Ingrid Pereira).

O encontro todo dura cerca de 50 minutos. A contação dura cerca de 10 a 15 minutos. Tem a ver com você conhecer o público. Com aquilo que eles gostariam enquanto informação [narrativa]. Na minha opinião é assim. Se eu conto uma história, tenho que ter pronto uma outra história se aquela não agradar, entendeu? Ou, às vezes, eu conto uma e eles pedem outra e outra. Dependendo do grupo a história rende. Depende de sua atenção para aquilo que vai fazer (Marcela Mendonça).

No processo de observação identificamos que a maioria dos contadores de histórias costuma interagir com seu público (86,76%) e que uma pequena parcela não permite nenhum tipo de interação (8,83%)¹³³. Percebe-se, com isso, que a comunicação da narrativa exige que todas as habilidades citadas anteriormente sejam somadas a capacidade de sentir o público.

Uma criança em sala de aula, dentro de uma escola ela reage de uma maneira diferente de quando ela está com os pais num espaço como o Tapete Mágico, num espaço cultural que também era uma loja mas era um espaço cultural. Às vezes, as escolhas podiam mudar também por conta disso, não é? E o público? Eram todos eles: infantil,

¹³³ 4,41% não respondeu essa questão.

juvenil, adulto e idoso. Eu trabalho em um lar de idoso, no Avedalma¹³⁴ também. Adultos eu sempre gostei de contar histórias para adultos. Em teatro em que eu tive a oportunidade de contar pra adultos especificamente. E nos próprios cursos, não é? E pra idosos no Lar Avedalma que foi a maior experiência que nós fizemos, eu e os alunos do curso. Foi uma experiência muito boa também. Tivemos idosos que contavam histórias também lá e em outros espaços da terceira idade em que eu tive a felicidade de trabalhar (Fabiano Moraes).

Em algumas histórias [tem a integração com o público] sim, em outras não. Tem uma história do tatu que coloquei um trecho de música, então elas começam a cantar e participam. A da corujinha primeiro eu conto a história e depois eles vão contando de novo ao fazer as dobraduras e contam comigo. Em algumas histórias eles interagem e em outras não (Marcela Mendonça).

Eu permito interferências. Lógico que em momentos em que a história não vá se perder. Eu vejo a hora em que podem interromper, porque se você parar toda hora não dá. Mas dá pra fazer essas interferências durante as histórias, mas a discussão maior é sempre depois do final da história. Às vezes, você conta uma história inteira sem interferência nenhuma, principalmente para os menores. Os mais pequenos que são mais curiosos e não têm muita noção, vão interrompendo a história, mas mesmo assim eu permito. Pra ser um agente cultural você precisa ter a resposta do outro por que senão você não é agente (Elane Uliana).

Ao trabalhar principalmente com a perspectiva da ação cultural, os narradores de histórias consideram que “Contar histórias não é um monólogo, pois, para além das tantas vozes que permeiam a fala do contador, muitos diálogos interiores se dão durante a narração” (MORAES, 2012, p. 49). Importa fazer fluir o diálogo entre o contador de histórias, os pares, o público, etc.

Assim que eu quero fazer, por exemplo, a história da centopeia¹³⁵, pergunto pra eles: - *A centopeia tem quantas pernas?* Respondem: - *A centopeia tem 10 pernas.* Então no diálogo [...] vou contar quantas pernas tem a centopeia que eu uso: - *Ela tem 18 pernas? Então se tem 18 pernas, dezoitopeia.* E no final já que vou retirando as perninhas ela fica com perna nenhuma. Então se não tem perna nenhuma, às vezes, eles criam o zeropeia ou então outro nome [...]. Na própria composição da história, nas perguntas que a gente faz, tem um diálogo. Tanto que essa história que você citou¹³⁶ é um ótimo exemplo pra fazer isso aí. Eles descobrem o que é rima. E aí eles constroem as rimas deles. Às vezes, rimas que não são tão boas a gente usa mesmo assim. Eu acho que se dialoga assim! Bem lembrado (Eduardo Valadares).

Às vezes, a interação é essencial para o andamento da história, é o que faz a história existir. Você faz uma pergunta e ninguém responde o que fará a história existir? As estratégias que utilizo são perguntas. Peço para adivinhar algumas coisas ou pergunto que final que eles dariam para a história: - *Vamos conferir o final do livro?* - *Esse é o mesmo que o autor deu?* - *Vocês gostaram mais do final do livro ou mais do final de vocês?* (Ingrid Pereira)

¹³⁴ Abrigo à Velhice Desamparada Auta Loureiro Machado (AVEDALMA), localizado no município de Caricica (ES).

¹³⁵ História infantil “A Zeropeia” de Hebert de Souza, publicada pela editora Moderna, citada na entrevista de Eduardo Valadares.

¹³⁶ História “Xula do Palhaço”, ouvida na observação do campo, especificamente no Espaço Infantil da Livraria Saraiva. Tendo em vista a audição dessa história no momento de entrevista lembramos com Eduardo que ao contá-la com música, instrumentos e rimas, a estratégia utilizada proporcionou o diálogo com o público no momento das interferências.

Olho para o público e faço perguntas relacionadas com a história, gesticulo sempre procurando envolver o público também. Como no caso do recurso de sons de copos que quero utilizar. Costumo buscar inovar o repertório e descobrir novas formas de interação com o público, como o exemplo citado dos copos que achei fantástico e irei utilizar (Márcia Helena).

Entendemos que o narrador contemporâneo mais do que nunca precisa adquirir informações de como usar a informação narrativa e comunicá-la em diferentes territórios de atuação. Deter, então, conhecimento de técnicas que tornem possível preparar uma narrativa e posteriormente comunicá-las são habilidades componentes da competência narrativa, sendo muito importantes para a nova era conectada por redes de informação (CASTELLS, 2001; 2003).

O exposto não isenta o narrador de histórias da necessidade de deter competência em informação voltada igualmente aos processos de busca e comunicação da informação em espaços presenciais e virtuais. A competência de buscar, avaliar e usar a informação efetivamente em contextos aparece como uma necessidade, um caminho em termos de colaboração que se deva seguir e sem volta. Na contemporaneidade os contadores de histórias acabam requerendo uma base de conhecimentos sobre as TIC, bem como, a aquisição de conhecimentos para que se possa acessar aos serviços que as redes de comunicação oferecem. Nessa direção, a reflexão de Cláudia Perere permite que pensemos um pouco mais sobre essa questão:

Eu acho que a gente está resgatando a contação de histórias. Teve uma exposição aqui e a exposição falava justamente sobre isso, não lembro o nome da artista agora, ela pegou uma cadeira de balanço antiga e colocou no canto da sala com um pano branco jogado em cima, um radinho velho, não é? Cantando músicas antigas, músicas de roda. E tinha uma caixa preta e nessa caixa preta tinha um celular em cima, não esqueço dessa exposição, e pelo celular você via tudo o que estava dentro daquela caixa, que eram coisas antigas. A cadeira simbolizada o que? Pra mim, o que o mais gostava quando minha avó sentava e a gente sentava em volta e ela contava causos, histórias, músicas, e hoje você não vê isso (Cláudia Perere).

De um lado, situa-se o uso das tecnologias que tendem a diminuir a capacidade do sujeito contemporâneo narrar histórias (BENJAMIN, 1996); de outro, a habilidade profissional do contador de histórias que é fundamental para resgatar a prática de narrar na sociedade da informação. Percebemos, então, o encontro da tradição oral com as tecnologias de informação e comunicação na fotografia apresentada a seguir, no momento em que um aluno do ensino fundamental conecta-se às redes digitais ao mesmo tempo em que participa de uma audição de histórias (Fotografia 18).

Fotografia 18 – Contação de histórias com Fábio Perere (MUCANE)



Fonte: Produzida pela autora durante a elaboração da pesquisa.

O contador de histórias que mantém contato com uma geração conectada, também pesquisa na internet e usa as redes sociais para se comunicar. Todavia, a pergunta que constantemente foi feita ao longo do contexto desta pesquisa é como têm utilizado as TIC em sua área de atuação. Essa questão começou a ser respondida ao longo da apresentação dos indicadores de perfil e contexto e será aprofundada com a exploração dos últimos indicadores apresentados no capítulo a seguir.

Numa época em que a velocidade da informação circula com maior força, Yunes (2012) coloca que a comunicação de uma história ainda oferece ao público *um gosto de quero mais*. A intensificação do uso das tecnologias não impediu que houvesse interação do contador de histórias com seu público, remetendo ao fato de que a arte de narrar fadada a extinção tem resistido aos impactos da nova era (BENJAMIN, 1996).

7 A VISTA DE UM PONTO SOBRE AS COMPETÊNCIAS E AS CONEXÕES DO CONTADOR DE HISTÓRIAS NA SOCIEDADE DA INFORMAÇÃO

Fotografia 19 - Narradora de histórias Rosário Varejão conectada às redes digitais



Fonte: Produzida pela autora durante a elaboração da pesquisa.

“Do primeiro movimento, ao redor da fogueira, onde soou pela primeira vez a voz de um contador de histórias, até a imersão no ciberespaço, onde pode soar a voz de um contador do tempo de agora, se passaram séculos” (BUSATTO, 2011b, p. 101).

7.1 INDICADORES DA COMPETÊNCIA NARRATIVA E DAS CONEXÕES EM REDES

7.1.1 Categoria da competência em informação

A inclusão em informação aparece como uma necessidade para qualquer profissional brasileiro. E por que não dizer do mundo? Diante das discussões que giram em torno do processo de globalização mundial, o contador de histórias recebe importantes contribuições com a intensificação do uso das TIC. No entanto, a aquisição da competência em informação exige um contato mais direto com aparelhos eletrônicos que os conectam a rede mundial de computadores, requerendo os saberes necessários para manuseá-los.

Como pode você colocar computador pra criança e não saber nada daquilo? Aqueles computadores vindo com teclados com letras, eu me lembro que o meu laboratório foi o mais bem montado. Eu estava no "CMEI Magnólia na Ilha das Caeiras"¹³⁷ e foi uma referência aquele laboratório de informática para a pré-escola. Como eu não podia entender aquilo? Como eu poderia ficar a margem daquilo? E resistente ao não querer saber de informática? Eu tinha que saber! [...]. Como eu poderia ficar longe daquilo ali, de clicar, deletar e não era mais tirar cópia. Tudo era imprimir, não era mais manda isso, era envia. Desmancha, passa a borracha... Não! Deleta! Control C, Control V, eu não quis ficar por fora. Tanto que hoje o celular está aqui [...]. Minha sobrinha me deu de presente, um iPhone da Apple que faz tudo! É um espetáculo, eu falo com o mundo inteiro, com quem eu quero (Rosário Varejão).

No escritório eu tinha uma máquina que era fantástica. Ela tinha memória, gravava não sei quantas petições e depois eu fui obrigada a comprar o computador, sabe? O técnico chegou instalou aquele negócio pra mim e me ensinou a ligar e a fazer tudo. E houve um dia em que ele chegou lá e disse: - *Tiana, tenho um negócio que você vai amar*. Ainda vejo aquele mouse que ele botou na minha mão e que eu não conseguia controlar. Então, eu falei assim: - *Você me desculpa [...] pode levar esse negócio daqui porque a nossa relação não está muito boa*. Ele falou: - *Vou deixar aqui e daqui uma semana eu volto*. Porque também era uma coisa cara e achava que era inviável. Mas na semana seguinte falei: - *Pode deixar aí que eu já estou próxima e já consigo rodar minha mão sem me perder*. E aí eu fui vendo que a gente precisava disso, não é? Depois eu comprei o telefone celular (Tiana Magalhães).

Na biblioteca não tenho computador, utilizo mais em casa, na sala dos professores e na secretaria. Quando entrei a biblioteca era um espaço mínimo cheia de livro didático, depois teve uma ampliação e a biblioteca passou a funcionar junto com vários outros setores. Hoje o espaço é amplo, ainda não tenho um computador mas avancei bastante (Ingrid Pereira).

Na sociedade da informação o contador de histórias deve desenvolver habilidades para alcançar a competência necessária para acessar, buscar, avaliar e usar informações relevantes para comunicar a narrativa oral numa sociedade conectada por redes sociais. A competência em informação é importante para agregar valor aos produtos e serviços que são constantemente oferecidos aos sujeitos de sua rede de comunicação. Tendo em vista que na

¹³⁷ CMEI Infantil Magnólia Dias Miranda Cunha da PMV.

atualidade essa antiga estrutura de comunicação se alimenta das relações sociais e pela estrutura da internet (CASTELLS, 2003), os contadores de histórias do Projeto Colorir contextualizam a importância do uso do computador e, por conseguinte, dos benefícios por ele trazidos:

Eu sou menos pesquisadora do que o Eugênio e eu tenho mais do que 50 anos, não é professora? A internet é uma coisa nova e quando a gente ganhou esse presente da Elkem [o projeto], em 2003, quando a pessoa disse olha vocês podem mandar um e-mail dizendo o que vocês estão pensando, a gente não tinha nem computador e a gente ficou pensando o que será esse negócio de e-mail? (Rita Santos)...

... E fomos comprar um computador. A nossa parte tecnológica é muito elogiado por jornalistas, por quem acompanha as mídias sociais, porque a gente tem esse cuidado de estar sempre atualizando, colocando informações novas. A gente está sempre de alguma forma interagindo com as comunidades (Eugênio Fernandes).

A gente foi fazer uma atividade com o livro do bullying com a Escola Marista, e como as crianças podiam dar um feedback pra gente? Através do site. Lá eles falaram com a gente, colocaram os pareceres dos encontros, como foi a leitura do livro e como que contribuiu. Então a gente tem esse feedback dos leitores, não é? Esse canal de comunicação funciona e estamos monitorando o tempo todo (Eugênio Fernandes).

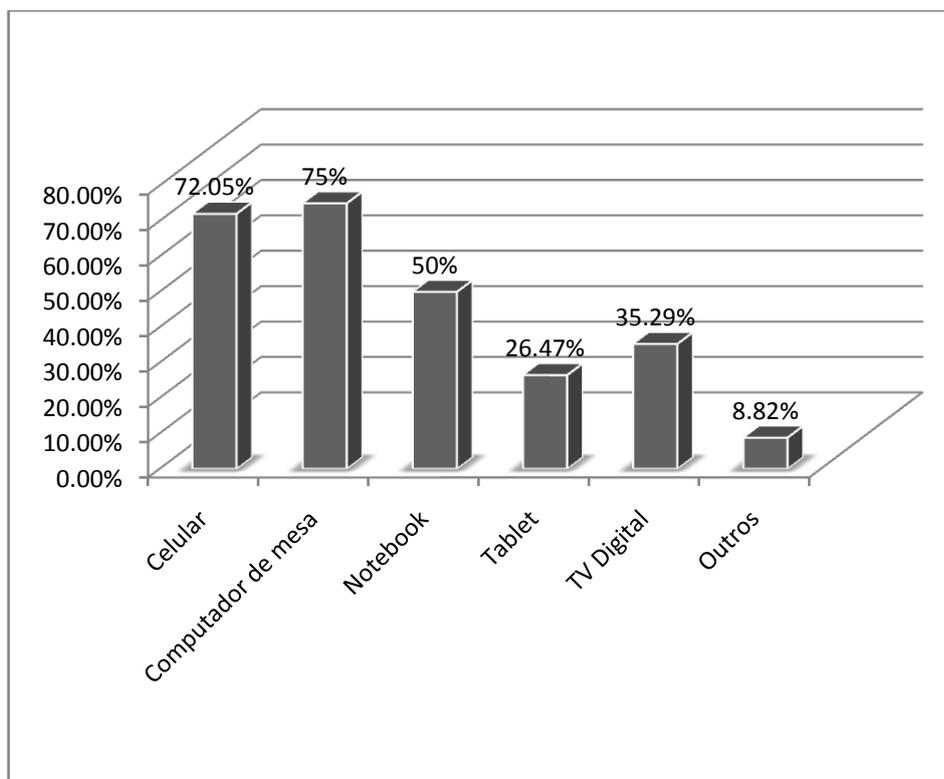
Eugênio desenvolveu bem esse lado de informática, não é Eugênio? E um complementa o outro. Nunca a gente está sozinho (Rita Santos).

O conhecimento de informática possibilita o uso de computadores e outros equipamentos, comumente definidos pelos narradores da pesquisa como importantes para a comunicação em rede. Sendo assim, “Desde a década de 50, os computadores vêm nos oferecendo a oportunidade de apreender e armazenar um volume enorme de informação” (DAVENPORT, 1998, p. 27), ainda se constituindo como o recurso mais utilizado pelo contador de histórias para conectar-se em rede (75%), juntamente com o celular (72,05%) que atualmente mantêm os sujeitos contemporâneos conectados a maior parte do tempo (Gráfico 10)¹³⁸.

Quase todos os contadores de histórias executam tarefas simples com seus equipamentos (94,11%), sendo que uma minoria afirma não executar (1,48%)¹³⁹. Esse aspecto relaciona-se com a competência digital e nos remete ao advento da intensificação do uso das tecnologias de informação e, por consequência, dos equipamentos eletrônicos que são de extrema importância para permitir fluir a comunicação em redes digitais.

¹³⁸ Questão de múltipla escolha.

¹³⁹ 4,41% não respondeu essa questão.

Gráfico 10 – Equipamentos mais utilizados para o acesso á rede digital

Fonte: Produzido pela autora durante a elaboração da pesquisa.

O fato de que a comunicação, mediada pelo computador, telefone e outros recursos eletrônicos, amplificou as capacidades de conexão, a cada dia tem permitido que variados formatos de conexões fossem criados no espaço virtual (RECUERO, 2009, p. 16). Não se pode esquecer que a rede digital tende a reforçar o relacionamento presencial do contador de histórias e não o contrário. Entendendo então a alfabetização digital como importante para a utilização das TIC (GARCÍA-MORENO, 2011), os sujeitos da pesquisa apresentaram as tarefas que costumam realizar com seus equipamentos (Tabela 9).

Tabela 9 – Tarefas simples que os contadores de histórias executam

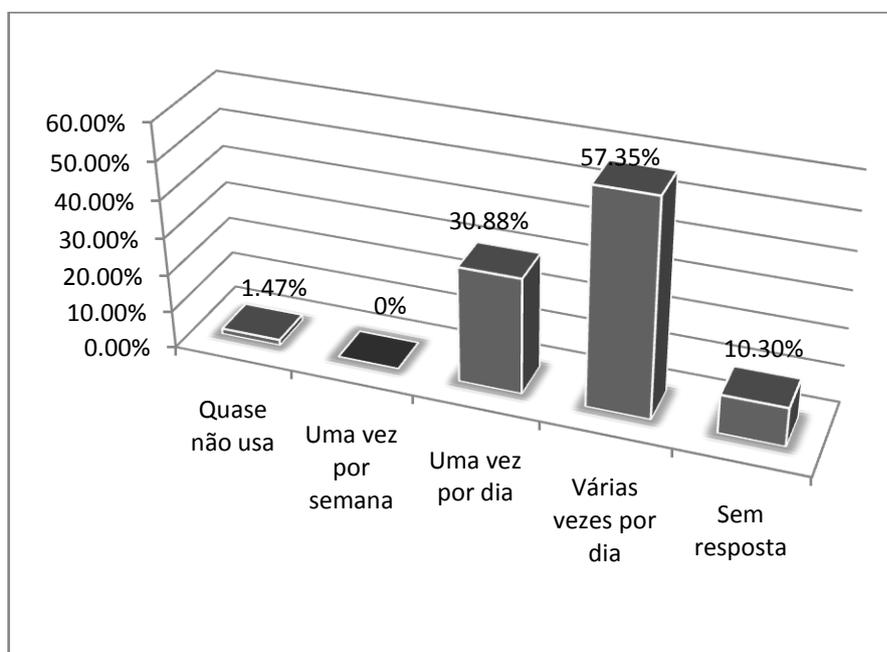
TAREFAS EXECUTADAS	PERCENTUAL (questão de múltipla escolha)
Entender mensagens do sistema operacional que as máquinas emitem	57,35%
Copiar arquivos e pastas	83,82%
Modificar área de trabalho	58,82%
Impressão de textos, imagens, etc.	83,82%
Apagar	72,05%
Criar diretórios	47,05%
Guardar dados e informação no disco	55,88%
Transferir e capturar imagens e textos digitais	66,17%
Outras	14,70%

Fonte: Produzida pela autora durante a elaboração da pesquisa.

Dudziak (2010, p. 8) coloca que "Pessoas competentes em informação estão familiarizadas com as várias mídias de informação, incluindo jornais, revistas, televisão, internet, entre outras" (DUDZIAK, 2010, p. 8). Em se tratando dos tipos de mídias sociais utilizadas para se comunicar e buscar informação na rede digital, foram citadas os tradicionais grupos de e-mails (58,82%) e os mais modernos, tais como, blogs (29,41%), wikis como a Wikipédia (39,70%), redes de relacionamento como o Facebook (79,41%), redes de vídeos como o Youtube (69,11%) e outras mídias que não foram especificadas (16,17%)¹⁴⁰.

O conhecimento de informática possibilita o uso do celular, computador e outros equipamentos importantes para o narrador de histórias comunicar-se em rede, quase todos os sujeitos afirmam que se apropriam de mídias sociais para comunicar-se em redes sociais (88,24%). De outro lado identificamos que apenas uma pequena parcela dos narradores deixa de utilizar algum tipo de mídia social para comunicar-se em rede (5,88%)¹⁴¹. Um pouco mais da metade dos contadores de histórias colocam que usam as mídias sociais com frequência (57,35%) (Gráfico 11).

Gráfico 11 – Intensidade do uso das mídias sociais



Fonte: Produzido pela autora durante a elaboração da pesquisa.

¹⁴⁰ Questão de múltipla escolha com um percentual de 5,88% sem resposta.

¹⁴¹ 5,88% não respondeu essa questão.

A influência das informações multimídias no espaço virtual é citada, ao mostrar que o contador de histórias contemporâneo se apropria tanto da experiência do contador de histórias tradicional quanto dos modernos meios que os narradores profissionais oferecem no dia a dia. Esse espaço requer a capacidade de se conectar em redes presenciais e virtuais para compartilhar informações e produzir conhecimento. Perante a necessidade de atender às necessidades de formação de um cidadão apto a enfrentar os desafios trazidos pelas transformações sociais, conhecimento é uma necessidade cada vez mais presente na sociedade da informação (CACCIOLARI; MATSUDA, 2009).

Ser capaz de entender o significado do acesso a uma rede de comunicações, seja no ambiente de trabalho, numa residência ou outro local que permita serviços de internet por meio de wifi, é realmente importante para o contador de histórias e, conseqüentemente, para qualquer outro cidadão, principalmente para aqueles que se encontram a margem do processo de inclusão digital.

Podemos entender que a inclusão digital é um novo direito humano procedente do novo ambiente tecnológico que tem sido criado na rede. [...] Os avanços na informação e comunicação devem ser desfrutados por todos os seres humanos, e cabe considerar que na atualidade exclusão digital equivale a exclusão social [...] (LÓPEZ, SAMEK, 2011, p. 31).

Diante da importância de acessar as redes de comunicações (a internet) em diferenciados locais de acesso remoto, quase todos os contadores de histórias que participaram da pesquisa expressaram fazer uso de aplicações de acesso à internet (95,58%).¹⁴² Em se tratando da descrição das aplicações que costumam utilizar, obtivemos a resposta de que em maior proporção utilizam os correios eletrônicos (89,70%), mensagens instantâneas (83,82%) e navegadores como o Google (77,94%). Registram-se em menor proporção o uso de chats (22,05%) e fóruns de discussões (19,11%)¹⁴³.

A rede digital aparece como uma ferramenta de busca e recuperação da informação potente para os contadores de histórias que, muitas vezes, encontram seus textos no espaço virtual. Nesse espaço as relações são as mais variadas possíveis, tendo, com isso, compartilhamento e acesso às informações que vai da esfera pessoal a profissional (RECUERO, 2009). Em relação ao uso das ferramentas de busca e recuperação da informação, quase todos os

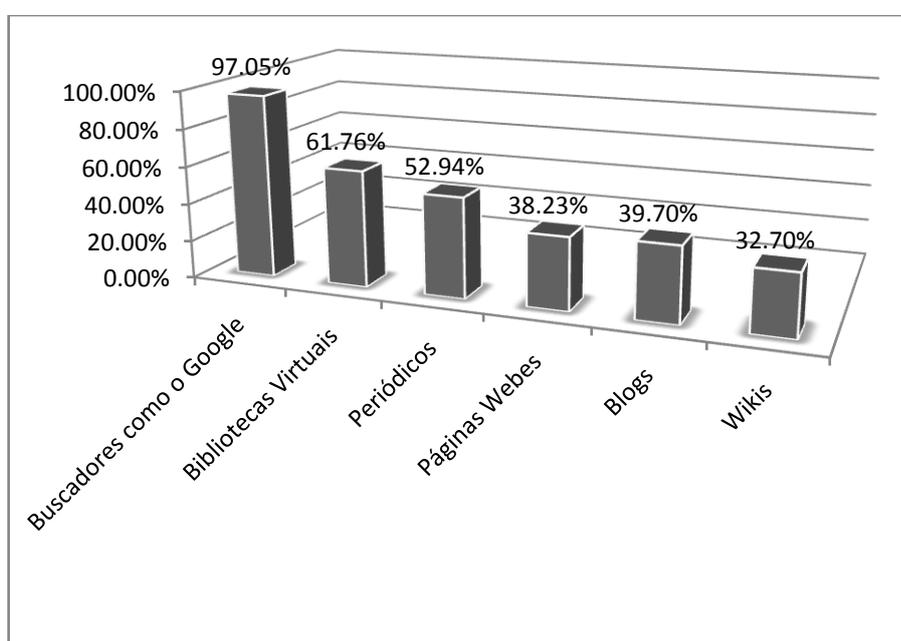
¹⁴² 1,47% não faz uso de aplicações de internet e 2,94% não respondeu essa questão.

¹⁴³ Questão de múltipla escolha com um percentual de 4,41% que não respondeu essa questão.

contadores de histórias utilizam a internet com frequência para buscar informações (95,58%)¹⁴⁴.

Em relação aos recursos (ferramentas) que são utilizados para a realização das pesquisas na internet, numa questão de múltipla escolha foram assinalados que os buscadores (especificamente o Google) são usados com maior frequência (97,05%), tendo também as redes sociais sido apontadas como campo potente para a recuperação de informações dos narradores (58,82%) (Gráfico 12).

Gráfico 12 – Ferramentas de busca e recuperação da informação na internet



Fonte: Produzido pela autora durante a elaboração da pesquisa.

A alfabetização digital e em informação torna possível que o contador de histórias profissional também trabalhe no ambiente de rede digital. Ao ressaltar a importância que damos para a utilização do Google, Fabiano Moraes traz uma perspectiva diferente no que se refere à realização das pesquisas. Esse buscador alcança o propósito de muitos pesquisadores no que se refere a rapidez nos mecanismos de busca, contudo, “As tecnologias de busca têm ido mais além dos próprios buscadores e, na atualidade, os usuários se movem por diversos espaços de busca” (GARCÍA-MORENO, 2011, p. 48).

Eu nunca participo de fóruns, não costumo responder. Apenas se for muito relevante mas mesmo assim não é prática. Não é por nada. Por exemplo, hoje mesmo estava com uma dúvida e eu achei vários fóruns e aí eu vou comparando. E não era relativo a

¹⁴⁴ 4,41% não respondeu essa questão.

narrativa oral, era relativo a Correio porque estou esperando um livro que vou pegar. Outro dia queria pesquisar sobre o interior do Estado. Coloquei no Google e ele apontou a Wikipédia. Então eu vou pra Wikipédia. Da mesma forma ele aponta para o livro, para um blog. Chego [ao assunto da wiki], mas não através dela, é muito raro nela pesquisar. É muito mais fácil dentro da Wikipédia entrar em um outro *hyperlink*. Então estava lá, comunidade de Linhares eu clico nesse link, raramente que vou buscar alguma coisa. Biblioteca Virtual, Google Books, ou então eu procuro em geral o livro e encontro numa biblioteca virtual. Mas eu não vou em cada biblioteca. Mas do que direto no próprio periódico. Muitas vezes eu procuro por tema. Não, vou direto ao Google. Nunca pesquisei dentro do blog. E nas redes sociais é muito difícil, acho difícil pesquisar nas redes sociais. É mais fácil eu pesquisar dentro do próprio Google e ele me aponta o que tem dentro do Facebook. É impressionante. Eu uso muito mais o Google. Embora questione algumas coisas do Google que sei que tem que ser questionadas. Mas, infelizmente, têm coisas que eu não acho por meio de outros. Isso é uma questão de pesquisa mesmo, então eu vou comparando aquela informação que está ali acho em um livro também (Fabiano Moraes).

O Google ainda é mais utilizado do que a wiki que significa "rápido", sendo o nome que se dá a toda uma família de programas e serviços utilizados para escrever de maneira colaborativa (UGARTE, 2008). Estão à disposição do contador de histórias outros motores de busca como as próprias wikis, conteúdos multimídia, repositórios digitais, bases de dados, marcadores sociais e conteúdos colaborativos (GARCÍA-MORENO, 2011).

Eu costumo buscar a informação em sites, revistas e sites especializados. Prefiro buscar por esse caminho, sempre procuro uma fonte que tenha mais confiança [...]. Mas da contação de histórias mesmo, de tentar buscar alguma coisa, alguma informação que preencha, eu sou das antigas, ainda prefiro os periódicos. Vou diretamente aos periódicos, posso até buscar no Google os periódicos que existem, usar o Google como artifício, mas a informação em si, realmente que eu quero no Google não (Elane Uliana).

Utilizo o data show quando utilizo um vídeo na internet, pois acesso à rede digital várias vezes por dia, isso depois de usar o telefone celular [...]. É interessante, eu tenho computador em casa, mas se não tenho nada interessante para fazer no computador, nem ligo o computador e tampouco o notebook se posso fazer do telefone. Se posso fazer no telefone, faço no telefone. [...] Não sou tão internet não (Ingrid Pereira).

Auxilia vendo vídeos, porque como eu tenho essa deficiência de habilidade de técnicas então você escutar alguém contar uma história, te abre possibilidades, às vezes você não pode estar pensando que aquilo pode funcionar e você está vendo o contador de histórias mostrando uma técnica e adapta em outro momento pra você. Então auxilia sim (Elane Uliana).

Entende-se que o contador de histórias deve buscar uma parcela significativa do conteúdo acessível nas redes que tornam possível as consultas realizadas, por exemplo, em bibliotecas e outros espaços de informação presenciais e virtuais. Para isso, é necessário selecionar com maior autonomia a informação por grau de importância e em função dos objetivos. Nesse

sentido, maior parte dos contadores de histórias (94,11%) declara que são aptos para a realização dessa tarefa, enquanto uma pequena parte afirma não selecionar (1,97%)¹⁴⁵.

A maioria dos sujeitos da pesquisa (95,58%) se considera capaz de localizar a informação de que necessita não apenas na internet, mas também em obras impressas¹⁴⁶. Durante o processo de busca e avaliação do processo, a maior parte dos narradores (94,12%) afirma ser capaz de detectar as palavras que são mais importantes (palavras chaves) para definir o conteúdo do texto¹⁴⁷. No final do século passado Assmann (2000) apresenta um estado da arte bem interessante sobre esse assunto:

Essas coisas devem parecer bastante estranhas, ou não ter nenhum sentido, para quem usa o computador apenas como uma espécie de máquina de escrever incrementada com alguns recursos a mais. Talvez já comecem, porém, a fazer sentido para quem redige textos com abundante manejo de mixagem redacional que inclui deslocamentos de porções de texto, recurso constante a muitos arquivos, abertura de multitelas, uso simultâneo da internet, etc. Creio que aumentará de sentido para quem é cibernauta, isto é, navegante mais ou menos assíduo da internet, pesquisando com os robôs de busca [...] no ciberespaço transformado em imensa biblioteca virtual escancarada, incrivelmente versátil e cada vez mais ilimitada. E é tão fácil aprender meia dúzia de truques para incrementar a busca, por exemplo, interligando verbetes compostos de várias palavras ou até frases inteiras com um simples sinal de +, ou colocando entre aspas, etc. (ASSMANN, 2000, p. 10).

O processo de acesso e busca à informação descrito por Assmann (2000) ainda está valendo, basta trocarmos uma tecnologia por outra, o Alta Vista que era bastante utilizado na época pelo Google, para verificar que o ciberespaço continua sendo apresentado como uma biblioteca sem fim, podendo ou não auxiliar sujeitos que buscam informação na internet. Para que a grande rede possa assessorar verdadeiramente nos processos de busca e recuperação da informação, a procura por palavras chaves na rede digital é destacada pelos entrevistados.

Foi aquilo que eu te falei de quando eu pesquisei as referências de que eu precisava para contação de histórias. Usei realmente o maior número de palavras chaves possíveis na minha busca, não é? Então usava contador de histórias, contação de histórias, contos populares, narrativa oral, usava no Google. Textos para a narrativa oral, textos para a contação de histórias... E depois quando eu achava alguma coisa, Pedro Malasartes, por exemplo, Pedro Malasartes narrado, Pedro Malasartes narrativa oral, Pedro Malasartes contador de histórias, eu ia achando um maior número e enumerava, às vezes, me sinto controladora de voo, uns oito abas abertas assim, todas, da mesma história, Pedro Malasartes *A sopa de pedra*, contado por pessoas diferentes e versões diferentes da história escrita, assisto tudo, leio tudo, pra poder descobrir como que eu vou fazer. É um “trampo”. O pessoal ficava assim, onde você perde tanto tempo na sua vida é nesse tipo de coisa (Gab Kruger).

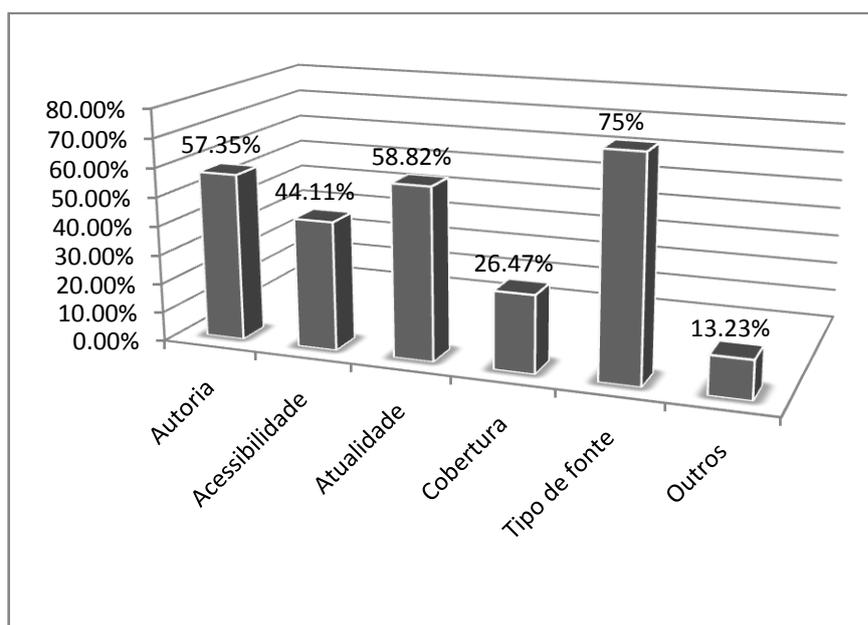
¹⁴⁵ 4,41% não respondeu essa questão.

¹⁴⁶ 1,47% não localiza a informação de que necessita e 2,94% não respondeu essa questão.

¹⁴⁷ 2,94% afirma não possuir essa capacidade e 2,94% não respondeu essa questão.

Os sujeitos narradores citam que utilizam vários critérios para verificar a qualidade das fontes e dos conteúdos de informação que constantemente são buscados. Critérios como fonte; conteúdo; atualidade; domínio; instituições; etc. As questões abordadas baseiam-se no fato de que saber avaliar diferentes fontes de informação distinguindo-as de acordo com a sua qualidade, autoria e confiabilidade, caracterizam-se como habilidades importantes desenvolvidas em articulação com a competência narrativa (Gráfico 13).

Gráfico 13 – Critérios de avaliação da qualidade das fontes de informação



Fonte: Produzido pela autora durante a elaboração da pesquisa.

De maneira geral mais da metade (67,65%) entende como sendo preciso ter a capacidade de localizar, recuperar e apreender criticamente as informações que comumente são buscadas e recebidas em diversos formatos (imagem, texto, som)¹⁴⁸. Não se pode desconsiderar que os narradores são responsáveis pela organização e disponibilização do conteúdo de documentos informativos (palestras, artigos, apresentações, etc.) para os seus pares: cerca da metade dos contadores de histórias (51,47%) afirma que trabalha coletivamente na produção de novos arquivos com a finalidade de compartilhá-los, enquanto que um pouco menos da metade (42,65%) declara não trabalhar com essa perspectiva¹⁴⁹.

Os sujeitos da pesquisa compartilham mais informações contendo apenas fotos (44,11%) e textos (39,70%), seguidos pelos tipos de arquivos multimídia (32,53%). Em proporção a esses tipos de arquivos citados, compartilham menos informações que contenha apenas som

¹⁴⁸ 27,94% reconhece não possuir essa capacidade e 4,41% não respondeu essa questão.

¹⁴⁹ 5,58% não respondeu essa questão.

(20,58%) e vídeo (22,05%)¹⁵⁰. Produzir e compartilhar informações requer o domínio das habilidades de acessar, buscar, avaliar e usar informações para o desenvolvimento de sua prática. Sendo, com isso, necessário considerar nos momentos de diálogos os polos da inclusão digital e em informação.

O uso das TIC é importante no sentido de dar suporte. Nesse sentido, uso as tecnologias para buscar a informação e já usei livros digitais, um e-book em PDF para contar histórias. Quando não encontro o livro impresso utilizo as tecnologias da informação como ferramentas no processo de narrativa oral. As TIC são ferramentas importantes para a busca da informação narrativa. Porque quebram fronteiras na medida em que quero uma história que não está mais disponível, então, vou buscar por meio delas uma forma de encontrar essa informação. Muitos livros que não são fáceis de encontrar estão disponíveis no meio virtual, bem como histórias que ainda não foram registradas em livros posso ter acesso a pessoas contando essas histórias em vídeos, encontrar fragmentos de textos dessas histórias e consigo acessá-las (Márcia Helena).

A competência em informação engloba tanto o contexto da alfabetização digital quanto da alfabetização em informação, requerendo o diálogo e a participação do sujeito narrador em projetos inclusivos. A “[...] inclusão digital deve ser contextualizada para priorizar o papel que as escolas, bibliotecas, universidades, museus e outras entidades do âmbito cultural em todo o mundo devem julgar na produção de informação e conhecimento” (LÓPEZ, SAMEK, 2011, p. 35). A competência em informação exige que a alfabetização digital e em informação seja direcionada para o desenvolvimento de habilidades de utilização das TIC e conexão em redes.

Às vezes, poderia ser visto por algumas pessoas como contraditório. Você faz um trabalho que busca uma aproximação presencial com o outro e você usa pra fazer isso a internet? Pode ser um modo de trabalhar, mas eu gosto muito mais do que? Dessa proximidade. A narrativa oral pressupõe o olhar, a interatividade imediata de tudo, do barulho, do cheiro, do olhar, do outro, da expressividade [...]. Acho que tudo isso compõe a contação de histórias. Eu não consigo ver na internet você fazendo tudo isso que no espaço presencial se faz. Então acho que seria até um pouco contraditório, não é? Talvez para outros não [...], mas não faz meu estilo. Eu acho que não é tão legal (Eduardo Valadares).

Acredito que seja muito importante no que se refere a utilização de novos recursos no momento de contar histórias. No que se refere ao processo de inovação do repertório e de usar novos artifícios no momento narrativo, descobrindo, por exemplo, que a utilização de copos fazendo sons pode ser um importante recurso, assim como, livros, artigos, etc. (Márcia Helena).

Eu uso a internet aqui no curso, inclusive a gente usa muito material, eu vou fazer um comentário aqui que os autores não vão ficar muito felizes, mas a gente sabe que o livro é muito caro, e com o projeto a gente procura fazer com que esses livros possam chegar pras crianças. Alguns básicos a gente consegue encontrar na internet disponíveis pra download. Mas a gente consegue encontrar muita coisa também, por

¹⁵⁰ 48,52% não respondeu essa questão de múltipla escolha.

exemplo, no Youtube. Essa história que contei *A história de uma folha*¹⁵¹, apesar de eu ter lido o livro eu encontrei ela no Youtube narrada por um outro contador de histórias [...]. Então, a gente tem utilizado os nossos livros que chegam as nossas crianças eles estão disponíveis, estão abertos [disponibilizados na internet] (Eugênio Fernandes).

A contação de histórias é alimentada milenarmente pelo contato presencial, no entanto, desde o surgimento da internet a rede digital tem potencializado a atividade presencial que comumente é realizada pelo narrador. A importância da Internet para o contador de histórias está posta, porém, como infere Fabiano de Moraes: “De certa forma é arriscado, mas podemos usá-las para potencializar a colaboração em rede”. Agora só resta pagar pra ver!

7.1.2 Categoria da conexão em rede do contador de histórias

O percentual de utilização de redes sociais voltadas para a profissão do contador de histórias é baixo, entretanto, se percebe, com as entrevistas e com o resultado deste indicador, um crescimento exponencial no que se refere à participação desse ator social em redes de relacionamento quando a meta é atingir as conexões de amizade.

Muitas vezes você olha para o amigo de Facebook que nunca viu. E você consegue conversar com ele, manda mensagens e de certa forma você bebe naquela fonte, não é? Porque eles contam com um estilo diferente e você vai trocando. Existem pessoas as quais já pedi histórias e elas enviaram pra mim (Tiana Magalhães).

Participo de uma rede social de bicicleta. Eu tenho uma rede social de bicicleta, de amigos que se veem. Meu ciclo de amigos está mais voltado para a bicicleta, o pessoal da Ufes [...], da bicicleta, da igreja. Então é uma rede [...] tanto presencial quanto virtual. Temos uma rede no WhatsApp, Facebook e é uma rede de amizade mesmo (Eduardo Valadares).

Tabela 10 – Participação em redes sociais (presenciais e virtuais) da área

PARTICIPAÇÃO	REDE PRESENCIAL	REDE VITUAL
Participa dos dois tipos de rede	19,12%	17,65%
Não participa de nenhuma das duas	79,41%	79,41%
Sem resposta	1,47%	2,94%

Fonte: Produzida pela autora durante a elaboração da pesquisa.

Percebe-se um fortalecimento da conexão no ciberespaço e de maneira geral os narradores participam de alguma rede social voltada ou não para a área da narrativa oral, sendo bastante destacada nesse processo a utilização de redes de relacionamentos, como o Facebook, possibilitada perante o acesso à internet. Os contadores de histórias não participam de redes

¹⁵¹ Referencia a obra *A história de uma folha: uma fábula para todas as idades* de Leo Buscaglia.

presenciais caracterizadas como comunidades de aprendizagens voltadas para a arte de narrar (79,41%). O mesmo percentual foi obtido na questão sobre a não participação em rede virtual voltada para a contação histórias (79,41%) (Tabela 10).

Esse mesmo narrador utiliza a internet para se comunicar com seus pares tendo ou não o objetivo de compartilhar e/ou produzir informação no campo da contação de histórias. Os contadores de histórias declaram aproveitar as redes sociais mais para a divulgação do trabalho narrativo. A necessidade de compartilhar está timidamente presente nos diálogos: “Compartilho sim, não tenho problema nenhum, indicar falar que é legal [...]” (Eduardo Valadares).

O Facebook é diferente do Orkut. Entrei nele pela primeira vez ano passado e quis sair. Todo dia eu tenho vontade de sair. Às vezes, publico mil coisas de uma vez só, depois digo nunca mais quero publicar nada. Mas eu entrei pra tentar me comunicar e vi que [da forma que desejava] não é possível. A comunicação você não faz mais com uma pessoa. É estranho para coisa passageira. Se eu não entrar hoje, eu não vou ficar sabendo provavelmente quase nada do que aconteceu hoje. Se eu não entrar amanhã também. O Orkut era diferente você tinha uma comunidade. Agora acabou. Mas é uma boa possibilidade de publicação e para [compartilhar] a informação. Li ontem, por exemplo, um artigo sobre a arte de contar histórias de uma revista, então eu considero a tecnologia importante pra divulgação das nossas tradições. As leituras são curtas e vejo que as pessoas gostam de curtir fotos, vídeos, etc. As pessoas querem uma coisa rápida, um passa tempo pra descontrair (Fabiano Moraes).

No que se refere a uma participação em rede presencial ou virtual voltada para qualquer área, o percentual aumentou bastante (60,30%), enquanto um percentual considerável disse não participar (35,29%)¹⁵². Percebe-se que um percentual significativo de contadores de histórias utiliza redes sociais em contextos híbridos e nos mais variados formatos: Roda de histórias (portal digital); Grupo Chão de letras (presencial); GECHUFES (grupo presencial); Projeto Colorir (presencial e virtual); Encontros de formação da Rede de Bibliotecários da PMC (presencial e virtual); vários grupos do WhatsApp e Facebook (virtual); etc.

Um pouco mais da metade utiliza informações atualizadas e voltadas para a narrativa oral nas redes de seu interesse (54,41%) e uma parcela significativa afirma não utilizar (42,65%)¹⁵³. A maior parte dos contadores de histórias (63,24%) não usa a internet para divulgar informação atualizada nas redes de comunicação. Ainda assim, observa-se um percentual significativo de

¹⁵² 4,41 não responderam essa questão.

¹⁵³ 2,94% não responderam essa questão.

narradores que usa a rede digital para divulgar informação relacionada a contação de histórias (33,82%)¹⁵⁴.

Já participei do Portal Roda de História e Conta Brasil. Mas atualmente não. Anteriormente participei, mas nos dois últimos estou afastado. [...] Adicionei algumas comunidades no Facebook, mas não entro [no sentido de participar], apenas olho. Fazem parte do meu rol de amigos, mas não entro. Quando faço o trabalho de divulgação nessas comunidades costumo divulgar a informação nelas. O trabalho narrativo no espaço virtual não. Apenas divulgo, mas fazer o desenvolvimento da narração não. Divulgo o trabalho presencial de narração, digamos assim. Quando eu quero, por exemplo, fazer minha agenda, pra que as pessoas possam acompanhar eu coloco a agenda do mês que eu vou fazer em lugar público. Materiais que saem sobre o meu trabalho em jornais e sites eu também coloco. No Facebook que é uma rede de relacionamento virtual eu coloco pra divulgar realmente (Eduardo Valadares).

Vejo como uma ferramenta para alcançar os objetivos planejados, por meio da internet, nessa rede consegue-se acessar documentos, vídeos e outros para incrementar o seu dia a dia de trabalho e conseguir também dialogar com seus pares. Uso também pastas no computador, disponibilizo no e-mail, mas prefiro o pen drive. Utilizo um link pelo Facebook, realmente assim não fica pesado realmente compartilho também informações no grupo de Bibliotecários da PMC (Márcia Helena).

O contador de histórias beneficia-se com a transferência de informações eletrônicas proporcionadas digitalmente pelos computadores em redes (internet). Essas questões envolvem a necessidade de pensar formas de o contador de histórias aprender autonomamente em redes colaborativas, assim como, de se integrar regionalmente e globalmente na medida em que trabalha nas redes sociais a divulgação de produtos e serviços. A divulgação também possibilita a troca de experiências, busca e compartilhamento de informações e conhecimento.

Eu sou! Eu sou internauta¹⁵⁵! Não gosto muito de ser não, mas eu sou, não é? Ainda mais que eu faço campanha contra. Falo: - *Gente vão pra fora! Vamos botar as crianças pra brincar na rua.* Mas estou em casa o tempo todo conectada, boa parte do tempo pelo celular. [...] Eu devo perder umas dez horas por dia eu acho, pra responder e-mail, atualizar Facebook. Eu sei que é muito, mas é o que acontece. 100% das vendas que eu faço hoje são vendas orgânicas a partir da movimentação do Facebook, do e-mail e agora a gente vai entrar com o Youtube. Vai ser inaugurado agora principalmente pra divulgação de serviços (Gab Kruger).

A internet é um dos primeiros lugares em que as pessoas buscam um serviço. Inclusive já fui contactada porque assinei uma lista de advogados. Na realidade paguei para isso. E a pessoa viu meu nome e área em que eu atuava e ligou pra mim. Então a gente não pode fugir disso mais, a gente está num caminho sem volta. Mas que não dispensa o encontro, assim como nesse momento em que a gente está aqui, de tomar café, comer biscoitinho e conversar (risos) (Tiana Magalhães).

Não queria voltar a dar aula e o que eu fiz? Nessa época tinha pouca intimidade com o Facebook, mas eu olhei para o meu Facebook e falei assim beleza, não vou voltar a dar aula não, vou fazer um negócio aqui. E troquei o meu nome no Facebook de Gabriela para Gab Kruger contadora de histórias. Ponto no Facebook. A partir do

¹⁵⁴ 2,94% não responderam essa questão.

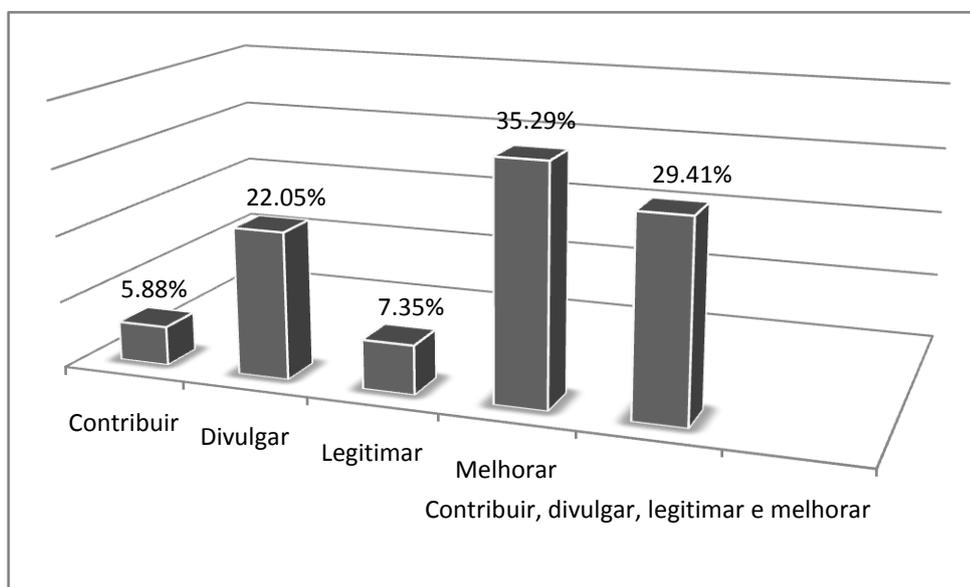
¹⁵⁵ Refere-se a um usuário interativo da internet (rede nacional e internacional de computadores conectados).

momento em que eu admiti isso *on line*, parece que as pessoas acreditaram que isso era uma verdade. Eu já até tinha contado histórias em lugares públicos antes, mas sempre como voluntária em igreja, escola, creche. Profissionalmente eu nunca tinha feito, por dinheiro eu nunca tinha feito (Gab Kruger).

Atualmente não trabalho no espaço virtual, mas no Facebook já fiz uma página chamada Carapicho poético. É uma página pra postar poesias e alguns trabalhos que as crianças fazem em relação a poesia. Então a prefeitura bloqueou o Facebook. No telefone até que dava mas era complicado. Desbloqueou outro dia e pensei vou começar novamente. Fui então tentar e bloqueou novamente (Marcela Mendonça).

Em se tratando do compartilhamento de algum tipo de informação multimídia (som, texto e imagem) nas redes sociais ou utilizando algum outro tipo de mídia, um pouco mais da metade dos contadores de histórias dedica-se ao compartilhamento de informação multimídia na internet (61,76%), enquanto uma parcela menor não costuma compartilhar esse tipo de informação (16,17%)¹⁵⁶. A maior parte dos contadores de histórias declara que o acesso à internet torna possível buscar informações relacionadas com a narrativa oral (76,48%)¹⁵⁷. Paralelo a essa categoria identificou-se que a maioria costuma compartilhar com os pares as tecnologias que conhecem (76,52%)¹⁵⁸.

Gráfico 14 – Importância atribuída às redes digitais



Fonte: Produzido pela autora durante a elaboração da pesquisa.

¹⁵⁶ 2,94% não respondeu essa questão.

¹⁵⁷ 16,17% afirma que a internet não torna possível buscar informação da área da narrativa oral e 7,35% não respondeu essa questão.

¹⁵⁸ 23,54% não costumam compartilhar e 2,94% não respondeu essa questão.

Quase todos os narradores consideram o acesso à informação nas redes digitais importante para a sua área de atuação (88,24%)¹⁵⁹. Avaliam se as redes digitais são mais importantes para melhorar, divulgar, legitimar sua profissão ou para contribuir para o reconhecimento da prática que desenvolvem (Gráfico 14).

Mais da metade dos contadores de histórias (67,65%) consegue visualizar positivamente a constituição das redes existentes na área da contação de histórias¹⁶⁰. O aumento da participação em redes sociais (potencializada ou não pelas tecnologias) é uma realidade nas últimas décadas. No século XX destaca-se o acesso aos portais¹⁶¹ como uma maneira de reunir os sujeitos em torno do tema contação de histórias.

A Roda de Histórias, projeto coordenado pelo Fabiano de Moraes, era um portal sobre contação de histórias, que abordava várias questões sobre contar histórias. E acabou se transformando em um dos mais conhecidos nessa área em que me inseri. Na minha linha de atuação, porque tudo tem os grupos. Cada um caminha para um lado. Para o lado em que caminhei, a *Roda de Histórias* era o mais interessante dessa área, era muito conhecido. E teve uma época em que recebeu um patrocínio do Governo Federal também. Ganhou prêmio, foi premiado. E nós formamos a Ong *Roda de Histórias*. Com a ideia de congregar contador de histórias e tal. Mas acabou que não conseguimos patrocínio para ver acontecer. Nós criamos, mas ela não teve a continuidade. Teve uma boa intenção sim [...] Como rede de comunicação entendendo como sendo as redes sociais. O simpósio da Benita Prieto¹⁶² que hoje se chama Conta Brasil¹⁶³, era uma rede interessante de contadores de histórias profissionais do Brasil e de fora do Brasil também, então eu já utilizei (Eduardo Valadares).

O portal A Roda de Histórias criado por Fabiano de Moraes no início do século XXI, fez parte da História do Estado do ES, funcionando como uma rede social no espaço virtual. Contextualizar o trabalho desenvolvido pelo portal torna-se importante para entender a articulação das futuras conexões virtuais e presenciais do contador de histórias no cenário capixaba. Foi uma iniciativa que possibilitou a conexão de alguns contadores de histórias contemporâneos, sendo finalizado devido as dificuldades que seu administrador encontrou para viabilizar um tipo de rede como essa para os interessados pelo tema.

¹⁵⁹ 8,82% não considera importante e 2,94% não respondeu essa questão.

¹⁶⁰ 25% sequer visualizar a constituição das redes na área da contação de histórias e 7,35% não respondeu essa questão.

¹⁶¹ Esse tipo de tecnologia conhecido como um site que reúne outros sites, podendo integrar dados estruturados e não estruturados da área da narrativa oral, fornecendo acesso à informação a partir de uma interface disponível na rede hipertextual. O portal público, denominado portal Internet ou portal web, provê ao usuário uma interface à imensa rede de servidores que compõem a Internet (DIAS, 2001).

¹⁶² Produtora cultural e contadora de histórias do Grupo Morandubetá desde 1991. Criadora do Simpósio Internacional de Contadores de histórias promovido pelo SESC Rio desde 2002. É presidente do Instituto Conta Brasil e coordenadora da Red Internacional de Cuentacuentos (BENITA..., 2015).

¹⁶³ Organização não Governamental (ONG) que nasceu para preencher uma lacuna no espaço cultural brasileiro (CONTA..., 2009).

Em 2005 veio a ideia de criar um portal de contadores de histórias. Direcionado para o Brasil inteiro. Então eu comecei a colocar links de sites de contadores e grupos. Tinha um link para o GECHUFES, por exemplo. Tinha artigos como o seu, tinha histórias de Lúcia Fidalgo¹⁶⁴, de Bia Bedran, não é? Tinha vozes, histórias contadas em vozes, tinha ainda uma sessão com dicas de livros sobre a arte de contar histórias, livros para contar e tinha também uma coisa fantástica que era um calendário de eventos nacionais e internacionais. Ele foi lançado no Simpósio Internacional de Contadores de Histórias do RJ, e depois do lançamento ele foi crescendo cada vez mais. A *Roda de Histórias* foi crescendo e começou a ser uma referência no Brasil. Em 2007 ele foi premiado pela coordenação desse portal, pelo Ministério da Cultura. E em 2008 ele também foi contemplado pela Lei Rouanet¹⁶⁵. E depois com o patrocínio do Banestes¹⁶⁶ aumentou, o site mudou, era bilíngue, um contador de histórias colombiano é quem traduzia. Mas depois disso o patrocínio acabou e depois de algum tempo entrei no Mestrado e era tudo muito voluntário. Eu não recebi nada. Estava [*on line*] como blog, e só as imagens, mas em breve deve sair, porque o domínio não renovei na verdade. Porque eu acabava pagando pra trabalhar. Era o tempo todo pra atualizar. Mas era uma coisa muito boa, chegou a hora que não era mais possível fazer isso tudo. Ao mesmo tempo surgiram outras redes, por exemplo o site é da época da internet que se transforma rapidamente. Chegou a época do Orkut e a mala direta não tinha tanta função, por exemplo, hoje tem gente que nem entra em e-mail. Só fica sabendo das coisas pelo *messenger*, usando o Facebook. Então eu nem sei se teria espaço hoje. Foi a coisa de uma época. Não é mais uma novidade. E quando você faz uma rede some, você publica e a pessoa não vai mais saber da informação (Fabiano Moraes).

O portal A Roda de Histórias conseguiu fazer uma boa articulação no espaço virtual, ao conectar contadores de histórias brasileiros e internacionais. Também apresentava uma agenda de eventos que mobilizava os narradores capixabas presencialmente. Assim como, sugeria material de estudo e aplicação técnicas para os interessados pelos temas da área. A sua estrutura continha links de páginas pessoais e grupos de contadores de histórias como o GECHUFES, segundo informa Fabiano Moraes. Tinha muito mais! Havia no portal a estrutura de uma rede de contadores de histórias, mas por outro lado, apresentava a dificuldade de manutenção e ausência de fomento financeiro.

Ela foi mesmo, eu não espera isso, ela foi o maior portal de contadores de histórias do Brasil, por isso o prêmio também, porque foi uma coisa despreziosa no princípio. E tinha uma arte fantástica. E tinha um outro fator, é o fator artístico, o Helio Matos Júnior que é fantástico, ele fazia toda a arte do Tapete Mágico, já ilustrou livros e tem um trabalho muito bacana, ele fez essa arte. E a parte do site, que era um grande amigo também, Alexandre Fidelis, que também fez um trabalho espetacular. Todos voluntários, só depois quando a gente conseguiu ampliar o trabalho de produção com o patrocínio do Banestes, eles puderam ser remunerados, pelo menos uma vez, por tudo que eles já tinham feito como voluntários e pelo que eles fizeram na renovação do site. Eu não sei se teria espaço hoje na internet, a minha dúvida é essa, se hoje seria um espaço viável. A ideia é essa, já se tem um trabalho bem encaminhado (Fabiano Moraes).

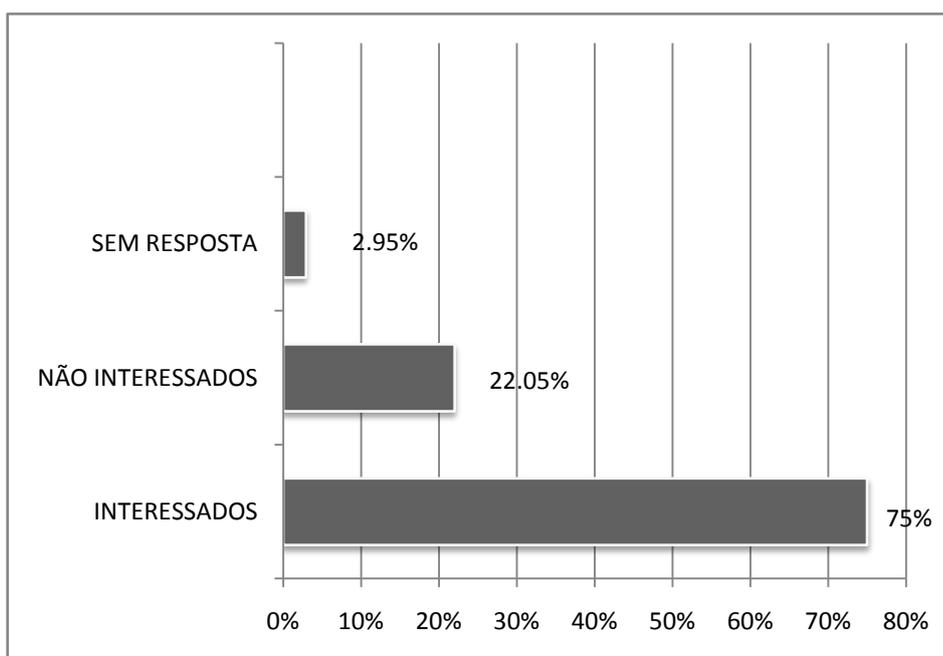
¹⁶⁴ Contadora de histórias, escritora, bibliotecária e professora universitária. Criou o Grupo Morandubeté e atuou como especialista dos projetos Leia Brasil e de Leitura do SESC Rio, entre outros (LUCIA..., 2011).

¹⁶⁵ Lei de incentivo fiscal 8.313/91 na qual o proponente apresenta uma proposta cultural ao Ministério da Cultura (MinC) (LEI..., 2015).

¹⁶⁶ Banco do Estado do Espírito Santo.

Essas questões forneceram material para a tarefa de pensar na proposição da rede de colaboração dos contadores de histórias, nessa direção, a ideia de trabalhar na arquitetura de uma página web que consiga, como A Roda de Histórias, conectar aos sujeitos, aparece como uma possibilidade que deve ser melhor estudada nesta pesquisa. Além do exposto quase todos (92,65%) consideram importante trabalhar em eventos presenciais como oficinas e seminários que abordem o tema da competência narrativa, possibilitando trocas de experiências e o aprimoramento das técnicas que possuem¹⁶⁷. Percebe-se, com isso, que o planejamento da rede desta pesquisa também deverá privilegiar o polo da conexão presencial em eventos que possam discutir a competência em informação e a competência narrativa.

Gráfico 15 – Interesse em participar da rede colaborativa proposta



Fonte: Produzido pela autora durante a elaboração da pesquisa.

Tendo em vista que partimos de uma abordagem transdisciplinar que possibilitou o diálogo entre os saberes das disciplinas e dos sujeitos que participaram desta pesquisa, a principal pergunta foi feita ao final do processo de preenchimento dos questionários e em meio os diálogos das entrevistas. Se havia por parte dos narradores de histórias o interesse em participar da rede que esta pesquisa propõe e o quão importante ela seria para a conexão dos narradores. Para nosso contentamento a maioria (75%) dos narradores mostrou interesse em participar da rede colaborativa dos contadores de histórias capixabas (Gráfico 15).

¹⁶⁷ 1,47% não consideram importante e 5,88% não respondeu essa questão.

Terminamos o relato de uma fase que para o leitor pode parecer exaustiva: a descrição dos resultados dos indicadores de perfil e contexto das competências do contador de histórias conectado em redes na sociedade da informação. A fase de sua apresentação, nos capítulos 6 e 7, acabam por requerer um olhar direcionado para a capacidade de reconhecer não apenas a ausência de uma conexão significativa em redes na vida do narrador, mas também suas reais possibilidades em termos de atuação. Tendo em vista o resultado obtido, partiremos para a descrição de um planejamento que não é apenas da pesquisadora e da orientadora, mas também dos sujeitos que aqui se manifestaram.

8 A PROPOSIÇÃO DO MODELO DE REDE DE COLABORAÇÃO DOS CONTADORES DE HISTÓRIAS CAPIXABAS

Fotografia 20 - Rede de formação do Grupo Experimental de Contadores de Histórias da Ufes



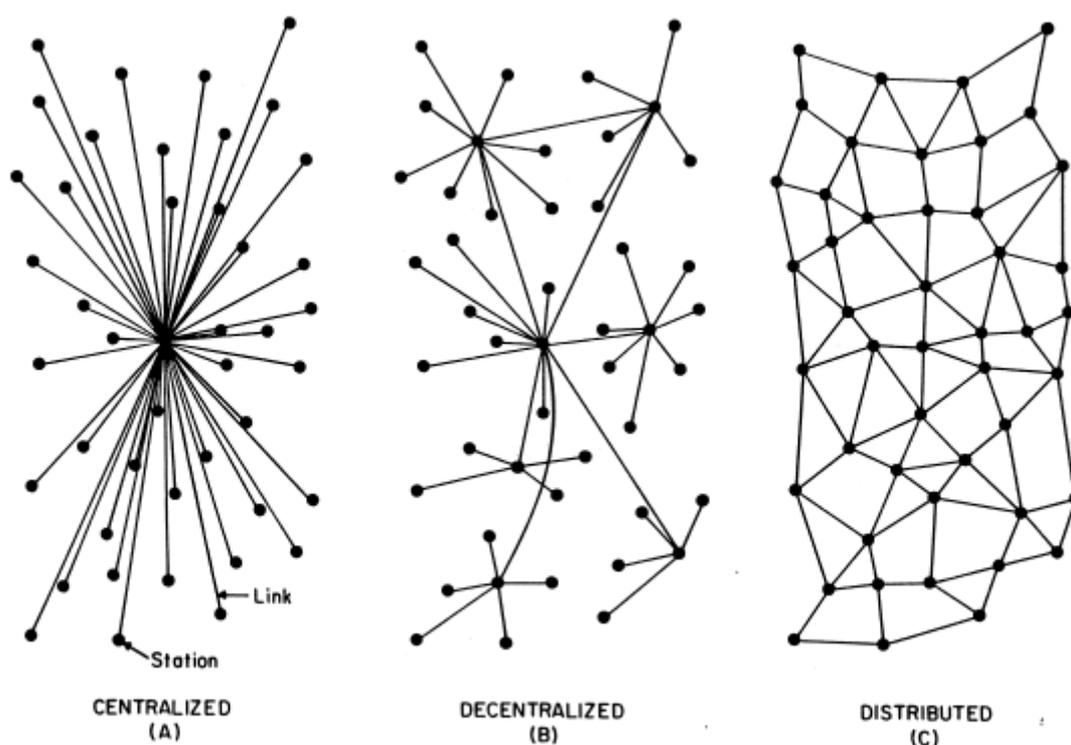
Fonte: GECHUFES (2011).

“Enquanto o homem serenar seu olhar e coração para ouvir e contar histórias o tecer do Era uma Vez será sempre fio que acompanhará a humanidade por todos os tempos e por todas as fases sejam elas artesãs ou tecnológicas” (ARAÚJO; GOMES, 2009).

8.1 REDE DO CONTEXTO DE ATUAÇÃO DOS CONTADORES DE HISTÓRIAS DA PESQUISA

Baran (1964) enfoca o potencial das ferramentas de conexão e transmissão, computador e rede de telefonia que por sua vez devem fornecer um serviço acessível para uma ampla gama de usuários em redes digitais de comunicação¹⁶⁸. O estudo desse pesquisador auxilia no estudo de redes de comunicação de nossa época e, com isso, inspira o planejamento do modelo da rede colaborativa desta pesquisa. A diversidade de composições que as redes podem ter, são representadas por meio de três desenhos idealizados por Baran (1964) no século XX (Figura 7).

Figura 7 – Rede centralizada (a), rede descentralizada (b) e rede distribuída (c)¹⁶⁹



Fonte: Baran (1964).

Perante a representação desses três desenhos denominados topologias, percebemos que os mesmos pontos unem as representações das estruturas das redes, porém, com contornos

¹⁶⁸ Os relatórios produzidos por esse pesquisador em sua época tornam visível que seus estudos giraram em torno de uma proposta de conexão de redes voltadas na ocasião para a segurança orgânica militar.

¹⁶⁹ “Centralized networks (a), decentralized networks (b) e distributed networks (c)” (Baran, 1964).

diferenciados. Essas topologias descrevem modos diferenciados de organização de redes de comunicação: centralizada (a), descentralizada (b) e distribuída (c).

Quando Paul Baran escreveu seu famoso relatório, incluiu essa ilustração para argumentar até que ponto uma rede distribuída era algo completamente diferente, em termos de sua natureza, de uma rede descentralizada. Nós a incluímos com o mesmo objetivo, mas se ele imaginava computadores nos pontos que unem os segmentos, nós imaginaremos quase sempre pessoas e instituições. Se Baran imaginava as conexões como linhas e cabos telefônicos, nós veremos nelas relações entre pessoas (UGARTE, 2008, p. 15).

As topologias apresentadas por Baran (1964) tornam-se relevantes para entender uma diversidade de elementos presentes nas redes de comunicação dos contadores de histórias contemporâneos. Entretanto, a representação desses três tipos de redes é trazida junto a uma importante constatação: as conexões do sujeito narrador não podem ser exemplificadas e classificadas de maneira inflexível a exemplo desses modelos¹⁷⁰.

No que se refere ao contexto das conexões dos contadores de histórias capixabas, compreendemos que a estrutura centralizada seja predominante. Na visão de Baran (1964, p. 1) “A rede centralizada é vulnerável de tal forma que a destruição de um nó central elimina a comunicação entre estações terminais”¹⁷¹. Em linhas gerais, ao possuir um único nó central (um único sujeito responsável), uma rede que tenha uma característica centralizada dominante diminui consideravelmente a possibilidade de comunicação com os seus outros nós (sujeitos). Na rede centralizada as tarefas são de responsabilidade de um sujeito apenas, restringindo a atividade de transmissão da informação para os demais membros de um grupo, por exemplo. “A rede centralizada é, portanto, aquela onde um nó centraliza a maior parte das conexões” (RECUERO, 2009, p. 57).

A estrutura de relacionamento nas redes centralizadas do contador de histórias capixaba torna possível que apenas um nó dessa rede (sujeito narrador) seja responsável por transmitir a informação para os demais membros, diferente de um modelo de rede descentralizada em que a hierarquia possui vários centros.

Uma rede em que mais de um sujeito se torna responsável por transmitir a informação (descentralizada) para os demais membros, ainda apresenta uma característica hierarquizada e

¹⁷⁰ A análise dos dados desta pesquisa possibilitou a identificação de desenhos diferenciados das interações dos contadores de histórias, assim como, das competências necessárias aos narradores nelas conectados no universo espírito santense.

¹⁷¹ “The centralized network is obviously vulnerable as destruction of a single central node destroys communication between the end stations”.

não se caracteriza como uma rede distribuída. Numa rede distribuída todos os nós possuem mais ou menos a mesma quantidade de conexões, não há valoração hierárquica desses nós (BARAN, 1964; RECUERO, 2009; UGARTE, 2008). Nela os sujeitos narradores podem estabelecer contato e tornarem-se livres para buscar as informações que são disponibilizadas e para transmitir qualquer outro tipo de informação que julgue necessária. O exposto permite citar que, “[...] toda rede distribuída é uma rede de iguais, ainda que existam **nodos** mais conectados que outros. Mas o importante é que em um sistema desse tipo, a tomada de decisão não é binária” (UGARTE, 2008, p. 26, grifo nosso).

Nas redes distribuídas, por definição, ninguém depende exclusivamente de ninguém para poder levar a qualquer outro sua mensagem. Não há filtros únicos. Em ambos os tipos de rede ‘tudo conecta com tudo’, mas nas distribuídas a diferença está no fato de que um emissor qualquer não tem que passar necessariamente e sempre pelos mesmos nodos para poder chegar a outros (UGARTE, 2008, p. 25).

A conexão de milhões de sujeitos hierarquicamente semelhantes no ciberespaço expressa muito bem o exposto, na internet podemos visualizar uma rede distribuída na qual os contadores de histórias possam livremente se comunicar com pares, apoiadores e públicos (CASTELLS, 2003; LÉVY, 2010 e 2011). Dessa visualização surge a probabilidade do desenvolvimento de ações efetivas com “[...] *redes distribuídas*, que abrem a possibilidade de passar de um mundo de poder descentralizado a outro mundo de poder distribuído. O mundo que estamos construindo” (UGARTE, 2008, p. 25).

Observar, portanto, as redes sociais dos narradores de histórias e suas conexões, expressas no espaço presencial e virtual, permite explorar uma metáfora estrutural para compreender elementos dinâmicos e de composição dos grupos sociais dos narradores de histórias. “Uma rede, assim, é uma metáfora para observar os padrões de conexão de um grupo social, a partir das conexões estabelecidas entre os diversos atores” (RECUERO, 2009, p. 24).

A abordagem de rede tem, assim, seu foco na estrutura social, onde não é possível isolar os atores sociais e nem suas conexões. O estudo das redes sociais [no contexto presencial e] na internet, assim, foca o problema de como as estruturas sociais surgem, de que tipo são, como são compostas através da comunicação mediada pelo computador e como essas interações mediadas são capazes de gerar fluxos de informações e trocas sociais que impactam essas estruturas. Para estudar essas redes, no entanto, é preciso também estudar seus elementos e seus processos dinâmicos (RECUERO, 2009, p. 25).

A identificação da competência narrativa que o contador de histórias possui é relevante para o desenvolvimento de um trabalho com a rede da pesquisa. Então, deve-se pontuar que a associação dessa habilidade ao contexto da competência em informação é essencial para esta

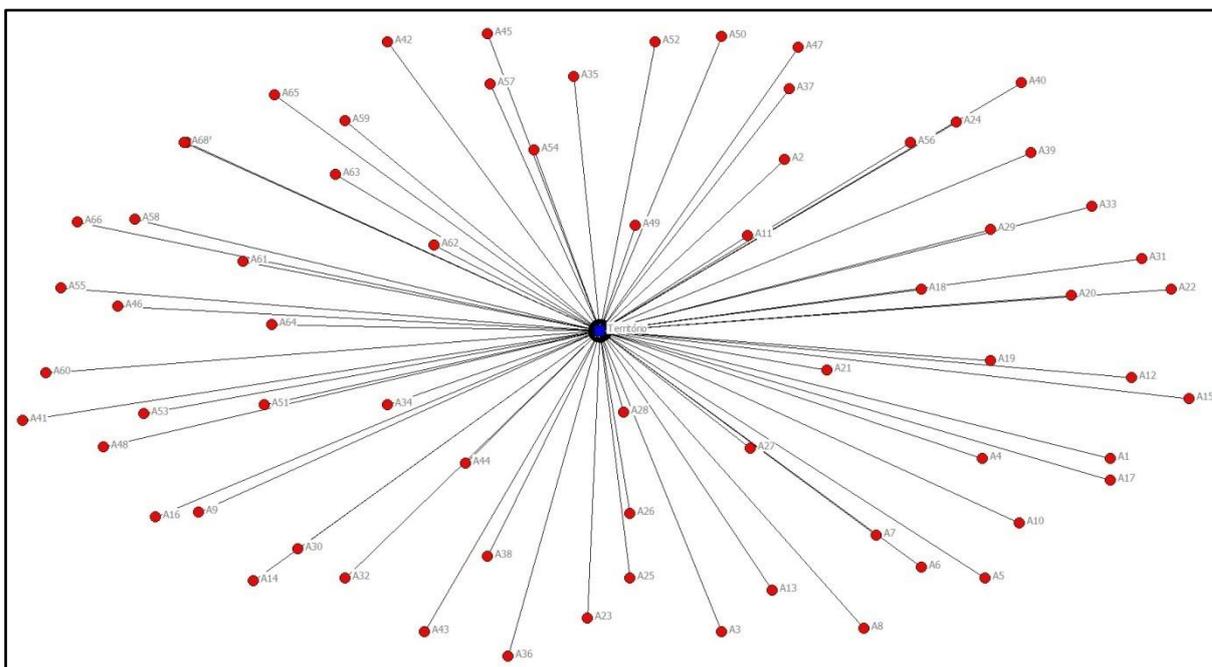
discussão. As habilidades (saberes, fazeres e atitudes) abordadas no campo da área de atuação desse sujeito e no campo da informação, são adquiridas por meio da experiência da prática cultural e da formação. A práxis desse sujeito demanda um constante aprimoramento que pode ser buscado e compartilhado com outros sujeitos nas redes de comunicação (digitais e presenciais). Então associamos as habilidades componentes da competência em informação ao contexto da competência narrativa (identificadas ao longo da pesquisa), com a finalidade de trabalhar na proposição do planejamento do modelo de rede colaborativa dos contadores de histórias capixabas.

Tendo em vista que o sujeito é o primeiro elemento a ser considerado numa rede, podemos defini-los conforme apresentado a seguir: “Trata-se das pessoas envolvidas na rede que se analisa. Como partes do sistema, os atores atuam de forma a moldar as estruturas sociais, através da interação e da constituição de laços sociais” (RECUERO, 2009, p. 25). Os atores sociais são representados pelos nós (ou nodos) da rede e a conexão é o foco dos participantes da pesquisa. Perante o exposto, a realização do mapeamento que foi iniciado por meio de eventos de pesquisa e extensão da Ufes (cor azul) torna-se relevante. De certo modo todos os atores da rede (cor vermelha) estão conectados a esse território de educação do ensino superior, todavia, essa contribuição de modo algum poderia aparecer de forma centralizada¹⁷² (Figura 8).

Caso o mapeamento fosse realizado em um único evento de pesquisa e extensão universitária a rede acabaria sendo fechada e não permitiria aos participantes a oportunidade de interagir. Também não permitiria o compartilhamento de informação e a produção de conhecimentos e aprendizagens autônomas em territórios diferenciados. A falta de abertura e a impossibilidade de estabelecer contato com outros membros que não sejam de sua rede pessoal impossibilitaria a ampliação dos campos de aprendizagens colaborativas, o que significaria cercear os possíveis meios de compartilhamento de informação e produção coletiva de conhecimento que pudessem surgir.

¹⁷² “[...] a centralização é uma medida do grafo, enquanto a centralidade é uma medida dos nós. A centralização é normalmente medida a partir dos nós e generalizada para as relações do grafo com os demais grafos”. Um grafo é, assim, a representação de uma rede, constituído de nós e arestas que conectam esses nós (RECUERO, 2009, p. 25).

Figura 8 – Território que deu início ao processo de mapeamento da rede



Fonte: Produzida durante a elaboração da pesquisa.

Nota: Uso do software “UCINET 6.586” e do “Net Draw 2.155”.

Com base na análise dos processos de observação intensiva e extensiva identificamos que as redes colaborativas são importantes para o contador de histórias em duas versões: presencialmente e virtualmente. Navegar em estruturas que alcançam essas duas modalidades, garante a aprendizagem ao longo da vida desse profissional. As conexões presenciais ganham a devida importância para o contador de histórias e o seu maior desafio é a utilização das redes digitais em prol do desenvolvimento da sua arte.

Tendo em vista que a maior parte dos contadores de histórias não participa de redes presenciais (79,41%) e virtuais (79,41%) voltadas para os temas de sua profissão, cabe pensar em estratégias que possam incentivar a participação desse narrador em redes voltadas para a área da contação de histórias.

Não podemos desconsiderar que uma parcela significativa (60,30%) está conectada às redes de amizade como o Facebook e outras estruturas de relacionamentos. Os laços sociais dos sujeitos da pesquisa podem então ser denominados como “multiplexos” (RECUERO, 2009; JOHNSON, 2011), tendo em vista que se verifica a participação do contador de histórias em estruturas de relacionamento com amigos e em menor grau com profissionais. “O grau de multiplexidade tem sido vinculado a tópicos como a intimidade dos relacionamentos, sua

estabilidade ao longo do tempo, a redução da incerteza, o status, o grau de controle de uma “panelinha” [dos grupos fechados] sobre seus membros” (JOHNSON, 2011, p. 58).

As conexões em redes presenciais continuam sendo apontadas como importantes para o narrador de histórias buscar formações de maneira mais autônoma, de modo a culminar em processos de formação contínua. Esse sujeito social navega em redes digitais utilizando a internet para buscar informações (95,58%). Tendo mais da metade recebido uma contribuição do espaço virtual no seu processo de formação (63,24%), ainda assim, uma pequena parcela se considera competente para gerir a sua atividade culturalmente no ciberespaço (14,70%).

A maioria (88,24%) considera importante o acesso às redes digitais, bem como, uma porcentagem menor (35,29%) avalia como sendo mais importantes para melhorar a sua prática narrativa. Uma parcela significativa (26,47%) aponta igualmente a importância desse tipo de acesso para contribuir, divulgar, legitimar e melhorar a sua prática na contemporaneidade. Os diálogos estabelecidos com os atores sociais da pesquisa (representados pelos nós ou nodos da rede) encaminham para uma breve análise das conexões formais e informais desses contadores de histórias e apontam para a verificação de como elas se sobrepõem.

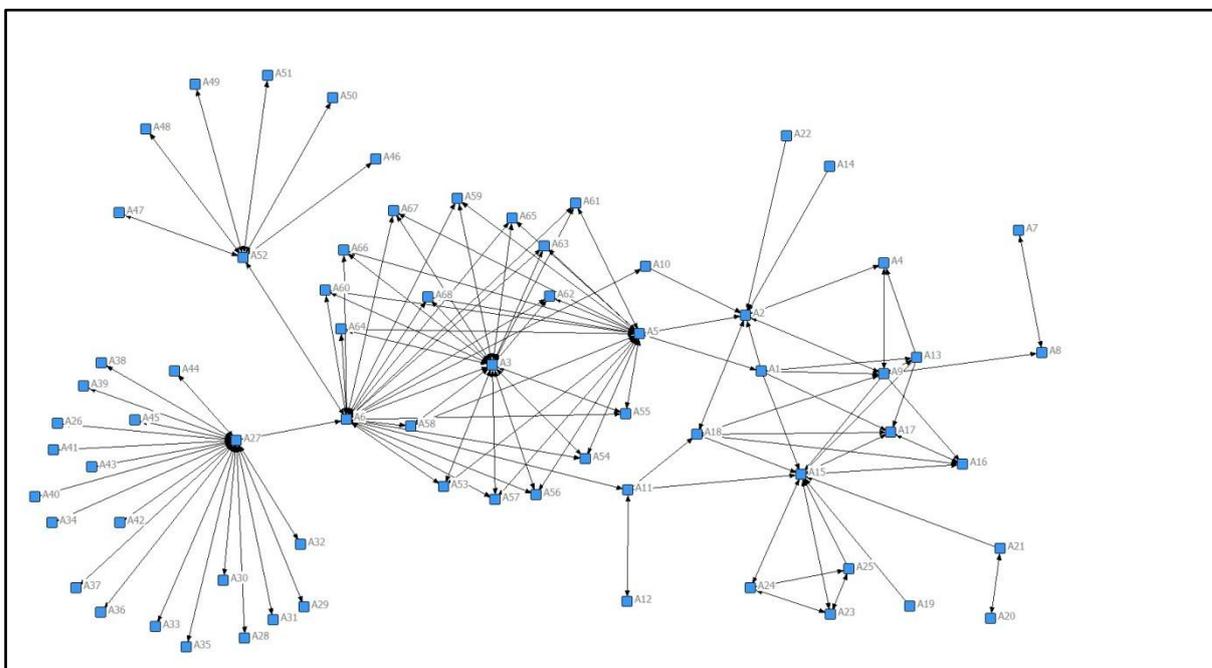
A representação gráfica da rede dos contadores de histórias capixabas acaba dando visibilidade aos atores sociais¹⁷³. Cabe colocar que os nós mapeados são elementos importantes para a rede da pesquisa, tendo em vista que o termo rede acaba sendo adotado para designar um conjunto de unidades (nós) que representam as relações de tipos específicos que costumam acontecer no contexto capixaba (JOHNSON, 2011, p. 47).

O desenho apresentado a seguir, teve como base o estabelecimento das interações dos atores da pesquisa, sendo identificadas da seguinte maneira: de 1 até 25 identificamos narradores mapeados em vários territórios de atuação, tendo a maioria participado das entrevistas e preenchido os questionários. De 26 até 45 identificamos contadores de histórias que atuam na Escola Primeiro Mundo, sendo participantes de eventos de formação realizados no território dessa escola e que preencheram questionários. De 46 até 52 identificamos nós que representam contadores de histórias da PMC que atuam na sala de aula, sendo indicados pelos atores mapeados pela rede, preencheram questionários. De 53 até 68 representamos contadores de histórias que atuam em bibliotecas escolares da PMC, participantes de eventos

¹⁷³ Dos 68 atores sociais (100%) que responderam ao questionários da pesquisa, 19 sujeitos (27,94%) também concederam entrevistas.

de formação realizado no início da pesquisa e que preencheram os questionários (APÊNDICE H) (figura 9).

Figura 9 – Representação gráfica da rede dos contadores de histórias da pesquisa.



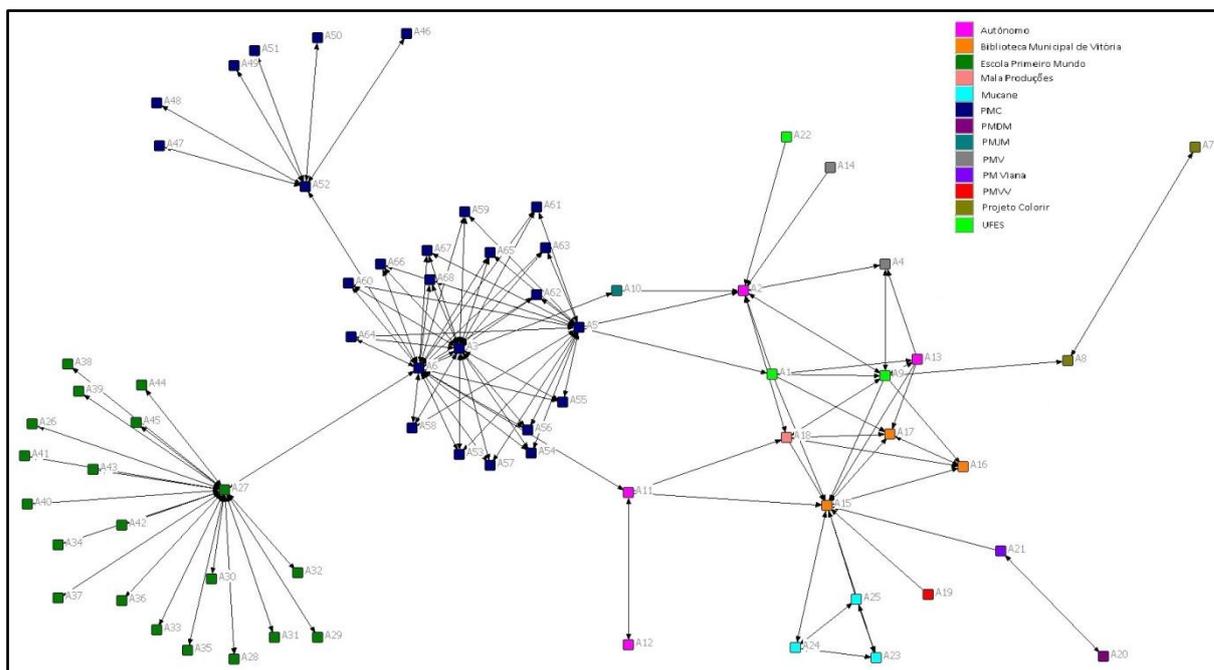
Fonte: Produzida durante a elaboração da pesquisa.

Nota: Uso do software “UCINET 6.586” e do “Net Draw 2.155”.

Por meio da visualização das relações dos contadores de histórias da pesquisa, verificamos conexões que em alguns momentos apresentam-se como centralizadas (lado esquerdo da rede) e descentralizadas (lado direito da rede), e em outros momentos assume o formato de uma rede distribuída (centro da rede). Nesse sentido lembramos daquilo que Baran (1964) expõe, no que se refere ao desenho das redes centralizadas, descentralizadas e distribuída. Esse autor contribui com a possibilidade de pensar uma proposição do planejamento do modelo de rede, que de certa forma assuma os contornos dos três tipos de desenhos.

A proposição de uma rede de colaboração requer entender minimamente como as relações dos atores sociais é desenhada no cotidiano espírito santense. A busca de algumas possibilidades de análise nos conduziu para a identificação das relações que são estabelecidas nos diversos territórios, unidades sociais que ligam e religam grupos, atores sociais, contadores de histórias uns aos outros. O fato de que os participantes foram indicando uns aos outros para participar da pesquisa, estendeu o campo de observação para variados territórios identificados por cores nos nós da rede (figura 10).

Figura 10 – Atributo de territórios de atuação do contador de histórias.



Fonte: Produzida durante a elaboração da pesquisa.

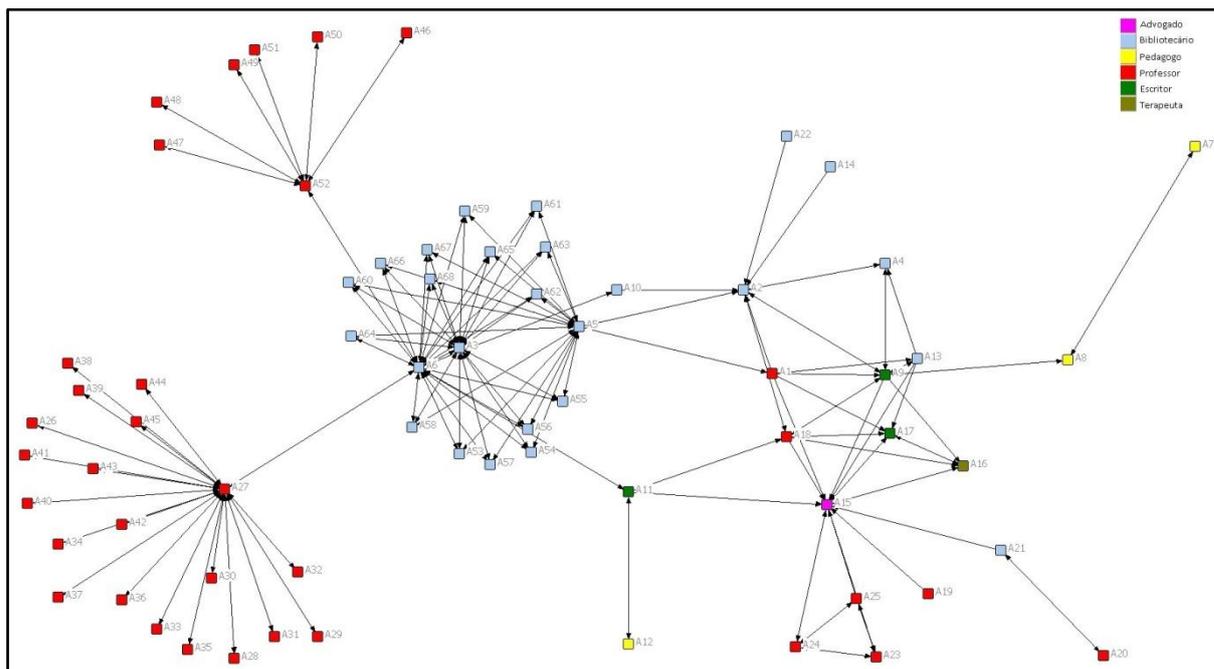
Nota: Uso do software “UCINET 6.586” e do “Net Draw 2.155”.

O mapeamento dos territórios da pesquisa mostra vários tipos de relações delineadas entre as instituições e os grupos dos atores sociais: Chão de Letras da Biblioteca Municipal de Vitória (ES) (cor laranja); Filhos de Griô do Museu do Negro (cor azul); Professores da Escola Primeiro Mundo (cor verde escuro); Projeto Colorir (verde musgo); Grupo de Bibliotecários da Rede Municipal de Cariacica (cor azul); GECHUFES (cor verde claro); etc. Existe também um grupo de contador de história que trabalha totalmente como autônomo (representado pela cor rosa) que não está ligado diretamente a nenhum território, trabalhando em vários deles na medida em que são contratados para apresentar-se performaticamente.

As profissões paralelas identificadas são as de advogado, bibliotecário, professor, pedagogo, escritor e terapeuta. Contudo, todos atuam/atuaram profissionalmente como contadores de histórias no cenário espírito santense. Os territórios de atuação perpassam os espaços tempos (formais e informais) de educação, informação e cultura como bibliotecas, centros de educação infantil, escolas, praças, livrarias e OSCIP, etc. No que se refere ao processo de troca de informação e produção de conhecimento, não se trata apenas de pensar na estrutura da rede dos contadores de histórias conectados em redes e, sim, direcionar o olhar para as estruturas de relacionamentos cotidianamente formadas e tendo como base essas duas estruturas. Nesse sentido, a análise do perfil permite considerar que a maior parte dos

contadores de histórias possui curso superior (35,29%) e cursos de pós-graduação (61,76%), representando um tipo de sujeito que possui profissões paralelas e que, ao mesmo tempo, tem ligações com outras áreas de atuação. Enfocaremos nesse momento o atributo da rede que se volta para a representação da profissão paralela que os contadores de histórias desenvolvem (Figura 11).

Figura 11 – Atributo de profissões paralelas à área da contação de histórias.



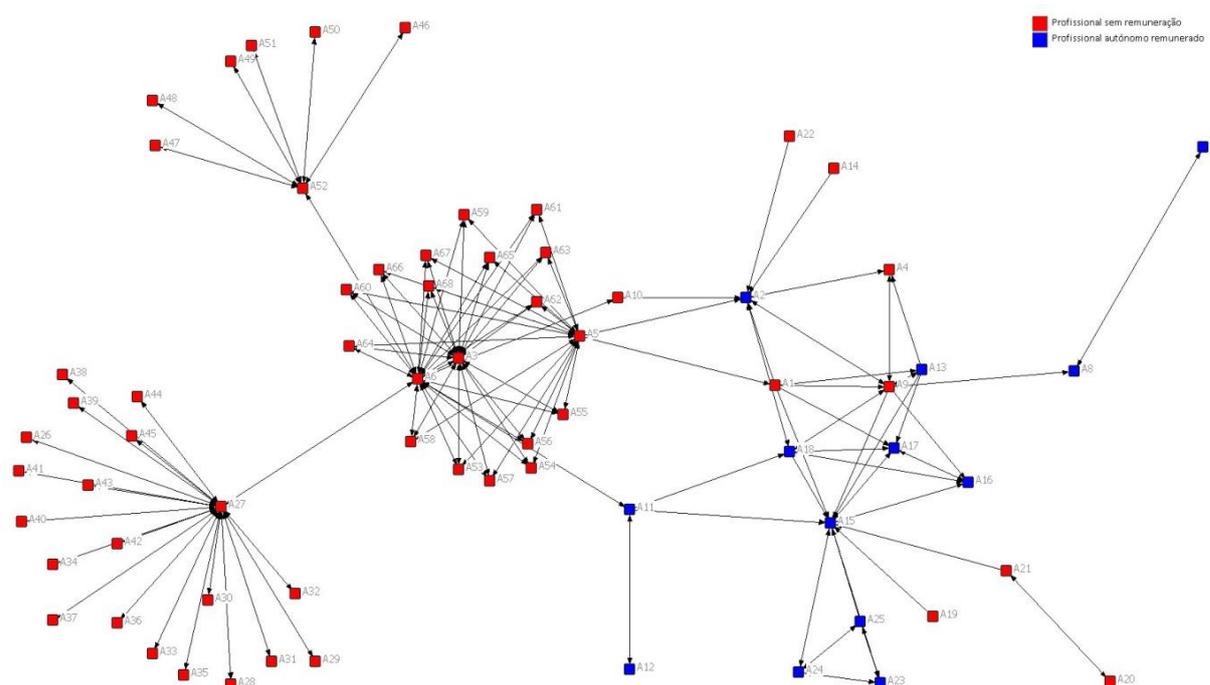
Fonte: Produzida durante a elaboração da pesquisa.

Nota: Uso do software “UCINET 6.586” e do “Net Draw 2.155”.

Os laços fracos¹⁷⁴ da rede em alguns momentos estão relacionados com os tipos de profissões paralelas às áreas da contação de histórias representadas em menor número, como, por exemplo, na função de pedagogo (cor amarela). Se por um lado o atributo de profissões paralelas em menor número confere sentido para a constituição dos laços fracos, por outro lado a profissão de professor (cor vermelha) e bibliotecário (cor azul) representado em maior número parece fortalecer os vínculos sociais dos contadores de histórias dessas classes de profissionais. Agora se formos analisar o atributo de tipo de ligação com a área da contação de histórias, conseguiremos visualizar um certo fortalecimento no que se refere as relações sociais dos sujeitos (Figura 12).

¹⁷⁴ “Refere-se às nossas relações menos desenvolvidas, mais limitadas no espaço e no tempo e de menor profundidade afetiva. Esse conceito está intimamente associado ao fluxo da informação dentro das organizações e, por definição, seu uso carece de sentido em vínculo sociais mais fortes, como em relações multiplexas e de influência” (JOHNSON, 2011, p. 59).

Figura 12 – Atributo do tipo de ligação com a área da contação de histórias



Fonte: Produzida durante a elaboração da pesquisa.

Nota: Uso do software “UCINET 6.586” e do “Net Draw 2.155”.

Perante a análise do atributo de tipo de ligação com a área da contação de histórias, verificamos que os profissionais sem remuneração específica (cor vermelha), na maioria das vezes, se relacionam entre si. Pouco identificamos laços fracos no desenho da parte centralizada e distribuída da rede. Enquanto que na representação do tipo de ligação profissional autônomo remunerado (cor azul) estão localizados na parte descentralizada da rede.

Cabe colocar que identificamos laços fracos em todos os pontos da rede, já que representam pontes que ligam diferentes territórios: escola à biblioteca; museu à biblioteca; rede particular à rede pública de educação; etc.¹⁷⁵. As conexões em redes desses sujeitos podem ser entendidas com a representação dos territórios de atuação dos narradores de histórias e, principalmente, pela interação síncrona ou assíncrona que posteriormente deve ser melhor estudada (RECUERO, 2009).

Conforme observado nos atributos de profissões paralelas e tipos de ligação com a área da contação de histórias, a centralidade está fortemente relacionada com os territórios de

¹⁷⁵ Para visualizar o exposto basta verificar a legenda de atributo de território.

Tabela 11 – Grau de entrada e saída e entrada.

Atores	Grau de saída	Grau entrada	Percentual do grau saída	Percentual do grau de entrada
A1	5,000	1,000	0,075	0,015
A2	3,000	8,000	0,045	0,119
A3	17,000	17,000	0,254	0,254
A4	2,000	3,000	0,030	0,045
A5	18,000	16,000	0,269	0,239
A6	21,000	19,000	0,313	0,284
A7	1,000	1,000	0,015	0,015
A8	2,000	2,000	0,030	0,030
A9	7,000	6,000	0,104	0,090
A10	1,000	1,000	0,015	0,015
A11	3,000	2,000	0,045	0,030
A12	1,000	1,000	0,015	0,015
A13	4,000	2,000	0,060	0,030
A14	1,000	0,000	0,015	0,000
A15	4,000	12,000	0,060	0,179
A16	2,000	4,000	0,030	0,060
A17	2,000	5,000	0,030	0,075
A18	5,000	3,000	0,075	0,045
A19	1,000	0,000	0,015	0,000
A20	1,000	1,000	0,015	0,015
A21	2,000	1,000	0,030	0,015
A22	1,000	0,000	0,015	0,000
A23	3,000	3,000	0,045	0,045
A24	3,000	3,000	0,045	0,045
A25	3,000	2,000	0,045	0,030
A26	1,000	1,000	0,015	0,015
A27	20,000	20,000	0,299	0,299
A28 até A51	1,000	1,000	0,015	0,015
A52	7,000	7,000	0,104	0,104
A53 até A68	3,000	3,000	0,045	0,045

Fonte: Produzida pela autora durante a elaboração da pesquisa.

Nota: Uso do software “UCINET 6.586” e do “Net Draw 2.155”.

A proposição do modelo de rede de colaboração se justifica pela intenção de captar a estrutura de relacionamento dos contadores de histórias analisada (predominantemente centralizadas e descentralizadas) e, com isso, pensar a criação de uma estrutura mais distribuída que envolva os contadores de histórias do Estado do ES. Destaca-se nesse contexto, a característica híbrida que essa rede deve assumir na contemporaneidade, possuindo espaços que possam engendrar estruturas de comunicação presenciais e virtuais, sendo capaz de ampliar os contatos desses profissionais que se relacionam cotidianamente pelos territórios da vida.

O modo como as pessoas categorizam seu mundo social em grupos de filiação é fundamental para entender como elas buscam informação de maneira direcionada, uma vez que o primeiro passo muitas vezes incorpora certos pressupostos sobre as

classes de pessoas que podem ter determinados tipos de conhecimento (Watts, 2003). Pode-se esperar que as panelinhas altamente densas e relativamente isoladas tenham altos níveis de conhecimento tácito, ao passo que o pertencimento a vários grupos seja crucial para compartilhar conhecimentos e lograr perspectiva comuns na organização como um todo (JOHNSON, 2011, p. 79).

O pertencimento a diferentes grupos muitas vezes formadas nos territórios de atuação justifica o grau de entrada e de saída em termos de indicação dos atores da rede. O pertencimento aos grupos que os identificam (grupos de trabalhos; grupos de formação presenciais; espaços de relacionamento virtual; etc.), muitas vezes, dificultam uma identificação clara dos agrupamentos.

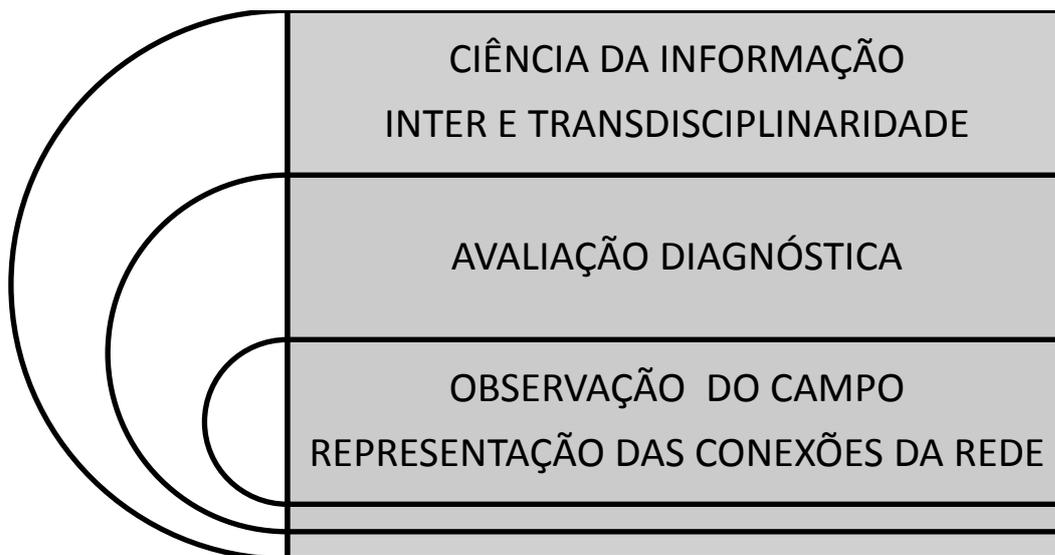
Embora tanto a densidade social quanto a proximidade ajudem a determinar o acesso de indivíduos uns aos outros, este também é afetado pela sua mobilidade relativa. Uma maior mobilidade pode ser consequência direta da tecnologia, mas sua necessidade pode derivar de imperativos funcionais determinados pela urgência de desenvolver problemas (JOHNSON, 2011, p. 175).

As tecnologias de informação foram em grande parte responsáveis pelo processo de indicação dos atores da rede, tendo em vista que muitos estão conectados às redes sociais da internet. Não apenas em termos de comunicação, mas também relacionado ao processo de busca da informação aparece a necessidade de transcender o meio físico local para alcançar aos objetivos propostos.

9.2 A PROPOSIÇÃO DO PLANEJAMENTO DO MODELO DE REDE

As contribuições da Ciência da Informação e áreas afins nos conduziram a um trabalho pautado na transdisciplinaridade, permitindo pensar na criação de uma estratégia que absorveu a contribuição de renomados pesquisadores e narradores de histórias do Estado do ES. Os caminhos trilhados na trajetória desta pesquisa viabilizaram a articulação de conceitos relacionados com a memória social, narrativa oral, competência narrativa e em informação, conduziu-nos ao processo de categorização que fundamentou a identificação das habilidades necessárias aos contadores de histórias conectados em redes digitais/sociais. O *saber, a atitude e o fazer* (Belluzzo, 2013), necessários à manutenção da vida pessoal e profissional desses sujeitos sociais, foram devidamente identificados (por meio da junção das técnicas de observação intensiva e extensiva), auxiliando na avaliação diagnóstica necessária para a análise da rede dos sujeitos da pesquisa e, posteriormente, ao planejamento do “Modelo de colaboração dos contadores de histórias capixabas” (Figura 14).

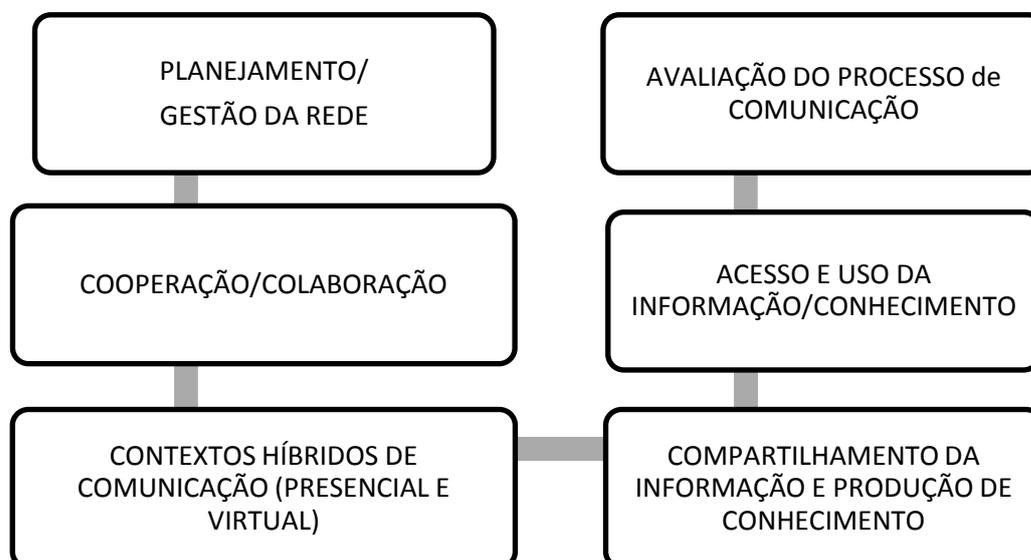
Figura 14 - Estratégia de análise da rede colaborativa dos contadores de histórias capixabas



Fonte: Produzida pela autora durante a elaboração da pesquisa.

Com os resultados da pesquisa delineou-se uma proposta para a arquitetura de uma rede voltada para a prática dos contadores de histórias capixabas, pensando nos seguintes elementos para a sua constituição: o processo de planejamento; estrutura da gestão da rede; processo de cooperação e colaboração; contextos híbridos de comunicação entre os sujeitos; compartilhamento da informação e produção de conhecimento voltado para o contexto da narrativa oral; acesso e uso da informação narrativa e uma avaliação constante do processo de comunicação (Figura 15).

Figura 15 - Elementos da estrutura do planejamento da rede de colaboração.



Fonte: Produzida durante a elaboração da pesquisa.

- PLANEJAMENTO/GESTÃO DA REDE

Com a intenção de chegar a um aproveitamento das ideias compartilhadas e obtidas em espaços presenciais e virtuais, não se deve abrir mão das competências necessárias no campo da informação. Nesse sentido, entra em cena a função do gestor da rede que, pode ser representado pelos sujeitos que obtiverem um grau de centralidade maior dentro do grupo (retornar à Figura 13). Ao grupo de gestores, muitas vezes, caberá criar canais para a transmissão e disseminação das informações necessárias ao fortalecimento para as conexões dos contadores de histórias nos espaços híbridos da rede (presenciais e virtuais).

A atenção sobre as relações que são estabelecidas entre os sujeitos do grupo deve ter visibilidade. Dois tipos de relações que são apontados por Johnson (2011) nos interessam nesse momento: as relações determinadas pelo contexto que dizem respeito aos papéis definidos culturalmente e as relações determinadas pelos atores que refletem os elos específicos que caracterizam a sua conexão:

- a) As relações determinadas pelo contexto cultural podem ser visualizadas no desenho assimétrico da rede, com isso, percebe-se uma relação não igual para todas as partes, já que existem diferenças em termos de ligação profissional com a área, campo de atuação, estrutura dos grupos de formação, etc. Essas diferenças podem ser visualizadas nas análises dos indicadores do contexto de formação e atuação profissional (retornar a Figura 11);
- b) As relações determinadas pelos próprios atores da rede refletem por meio das suas conexões, as relações que comumente são estabelecidas formal e informalmente. Os tipos de consultas que são feitas informalmente aos pares, público e/ou apoiadores, são realizadas em paralelo com os canais formais de busca de informação que as redes digitais e sociais oferecem em diferentes territórios de atuação (retornar a Figura 10).

Com a avaliação diagnóstica e identificação de atributos da rede, analisamos um contexto que revela redes multiplexas. A potência do estabelecimento dos laços sociais dos atores também auxiliará no processo de identificação do perfil do grupo e planejamento das ações que posteriormente serão melhor detalhadas (voltar as figuras 11 e 13). Nesse contexto, os laços

fortes e fracos, assim como outras tipologias e outras definições principalmente no que concerne ao relacionamento no virtual deverão ser levados em questão (CASTELLS, 2003; RECUERO, 2009).

- COOPERAÇÃO/COLABORAÇÃO

Tendo em vista que a cooperação é entendida como “um trabalho em comum” desenvolvido pelos contadores de histórias no campo da narrativa oral, tende a “[...] auxiliar no processo de um objetivo comum juntamente com outras ações conjuntas, tendo um propósito comum. E [assim pensamos que] colaboração tem um sentido de ‘fazer junto’, de trabalhar em conjunto com interação, não tendo uma figura hierarquizada do grupo” (KNIHS; ARAÚJO JÚNIOR, 2007, p. 4).

A cooperação e a colaboração são elementos importantes para diminuir processos de resistência por parte dos membros de um grupo e, por conseguinte, para que o planejamento da rede híbrida (presencial e virtual) efetivamente aconteça. Para isso, é preciso, por exemplo, pensar a arquitetura dos encontros presenciais e em estratégias de acesso à página web (RECUERO, 2003).

Tocaremos em questões centrais da rede colaborativa na tentativa de contribuir com a fruição de produção de conhecimento e disseminação de informação, com a finalidade de que o contador de histórias possa melhor buscar, avaliar e usar a informação por meio das “[...] relações de colaboração que unem **seus** membros em comunidades de prática” (JOHNSON, 2011, p. 49, grifo nosso).

Pensar numa estrutura de rede colaborativa que envolve a cooperação, requereu o conhecimento da estrutura dos encontros e das possíveis trocas de experiências voltadas para a área da narrativa oral. Contudo, percebemos que essas estruturas pouco acontecem de maneira mais integrada. A proposta da rede de colaboração da pesquisa então deve ser visualizada como uma estrutura de cooperação útil para o contador de histórias. O fato de trabalhar com a possibilidade de disponibilizar informação nessa estrutura é muito importante, então, quanto melhor elaborado o planejamento do modelo da rede mais eficiente/eficaz será a comunicação e os benefícios para seus atores sociais.

- CONTEXTOS HÍBRIDOS DE COMUNICAÇÃO

A distância geográfica e a limitação de tempo torna necessária a criação da arquitetura da rede também no espaço virtual, para que seja estabelecido um tipo de comunicação que consiga agregar valor ao contexto de atuação do grupo de narradores. A comunicação virtual tende a se consolidar no campo de atuação do contador de histórias. Para além das tecnologias da atualidade que fortalecem as relações no espaço virtual, esse tipo de comunicação resulta na constituição de um recurso de coleta e transmissão de informações importantes para a criação e/ou manutenção das redes de colaboração desses profissionais.

Ser alfabetizado digitalmente e em informação é importante para usufruir dos recursos oferecidos pelas TIC. A competência em informação também é necessária para que os contadores de histórias possam aproveitar as inúmeras vantagens que as tecnologias oferecem no ciberespaço em espaços de busca de informações presenciais. Diante das vantagens oferecidas pelas tecnologias, sugere-se que a rede de contadores de histórias seja expandida também para o espaço virtual. E para isso apresenta-se a proposta de um modelo de rede que possa realmente ser útil a essa categoria de trabalhadores.

O estabelecimento de uma rede virtual não é sinônimo de um desenho de comunicação descentralizado ou distribuído. A estruturação dessas redes torna possível a ampliação do oferecimento de produtos e serviços, compartilhamento de informação e produção de conhecimento. Logo, requer competência em informação e, por conseguinte, habilidades específicas a esse ambiente, para mudar a estrutura de comunicação centralizada comumente visualizada no campo da narrativa oral presencialmente.

Com o desenvolvimento da pesquisa observou-se que as relações mantidas com os pares no ambiente presencial, comumente possibilitam a aquisição de experiência para a composição da competência narrativa do contador de histórias. O espaço presencial ainda é muito utilizado para pesquisar material de trabalho, auxiliar no processo de aprendizagem que se dá por meio do compartilhamento da experiência dos contadores de histórias tradicionais e por meio da participação em pesquisas, cursos e outros eventos da área. Obtendo, assim, informações relacionadas com a prática de narrar se conduzem a produção de conhecimentos sobre a narração de histórias e a criação de produtos e serviços indispensáveis à manutenção do trabalho baseado numa tradição milenar.

- COMPARTILHAMENTO DA INFORMAÇÃO E PRODUÇÃO DE CONHECIMENTO

O estabelecimento de contato do contador de histórias com seu público no espaço presencial, poderá conduzir, por exemplo, ao resgate e registro de histórias que posteriormente poderão ser publicadas num livro de literatura infantil. O produto publicado resulta da prestação de serviço da área da narrativa oral e poderá ser disponibilizado no mercado capixaba. Outros exemplos poderiam ser abstraídos da rede de contadores de histórias mapeada por essa pesquisa. Na rede temos vários escritores que registram suas práticas em livros publicados por diversas editoras regionais e nacionais.

Tendo em vista a grande quantidade de projetos na área da contação de histórias e que são implantados nos espaços de educação e cultura presenciais (conforme pode ser verificado nos capítulos anteriores), em que a rede colaborativa de comunicação do contador de histórias capixaba poderá auxiliá-los? Os projetos que ocasionam no registro de produtos e serviços merecem uma melhor divulgação e, para isso, as ações devem acontecer colaborativamente. Se as redes presenciais são centralizadas os projetos pouco são compartilhados e divulgados. Também há algumas barreiras no processo de relacionamento entre os pares, apoiadores e público que, de uma maneira geral, podem ser traduzidas como geográficas, de linguagem, tempo, etc.

A divulgação dos produtos e serviços disponibilizados tradicionalmente em espaços presenciais e que proporcionam interações face a face, geralmente tornam possível o estabelecimento de contato com vários atores em escolas, bibliotecas, residências, comunidades; projetos de extensão, secretarias municipais e estaduais, etc. As relações presenciais revitalizam de maneira mais direta projetos comuns entre os sujeitos que formam suas redes, mas os contatos que conformam uma rede paralela devem ser constituídos e ampliados em ambientes virtuais. O ciberespaço tende a auxiliar na superação das barreiras que impedem o relacionamento em rede tornando-a mais descentralizada em alguns momentos.

Por outro lado, entende-se que o compartilhamento de informações relacionadas com as habilidades da competência narrativa ainda são vitais aos contadores de histórias, uma vez que poderiam potencializar as relações de compartilhamento do conhecimento que cada um possui sobre a área, bem como, auxiliar na ampliação do oferecimento de produtos e serviços.

Há necessidade de expandir os processos de busca de informação e compartilhamento de conhecimento voltado para a competência narrativa, o que também exige conhecimentos no campo da competência em informação.

- **ACESSO E USO DA INFORMAÇÃO/CONHECIMENTO**

A identificação da relação assimétrica visualizada nas conexões dos sujeitos nos seus territórios de atuação, encaminha para uma proposição de rede que torne as relações mais distribuídas. Tendo em vista que os narradores encontram-se inseridos na sociedade da informação, o parâmetro desse modelo leva em consideração o acesso às redes digitais e disponibilização de uma ampla gama de informação igualmente em contextos formais e informais. Requerendo, para isso, o uso efetivo dos recursos de conexão presenciais e virtuais já existentes. Leva também em consideração a “[...] compreensão das redes de comunicação informais – em particular aquelas centradas nas relações interpessoais [...]” (JOHNSON, 2011, p. 17). Desse modo, recorreremos a duas abordagens de estrutura de comunicação para colocar em análise a proposição da estrutura dessa rede de colaboração: formal e informal (Quadro 15).

Quadro 15 - Rede formal e informal dos contadores de histórias

REDE DE COMUNICAÇÃO	FORMAL (presencial)	INFORMAL (ciberespaço)
Fluxo de informação	Centralizado	Descentralizado/distribuído
Estrutura	Conhecimento explícito	Conhecimento tácito
Tecnologia	Em papel ou outro tipo de suporte	Publicado em meio digital

Fonte: Adaptado de Johnson (2011).

A estrutura da rede de comunicação visualizada no campo da pesquisa compreende o conhecimento que comumente é registrado (conhecimento explícito) pelos narradores em livros impressos, CDs e outros suportes. Outro tipo de conhecimento que deve ser levado em consideração na estrutura da rede é aquele que o contador de histórias adquiriu ao longo da vida, porém, que não está organizado (tácito). Em alguns momentos esse tipo de conhecimento pode ser recuperado informalmente no ciberespaço (meio digital). Tendo em vista que uma característica desse espaço é a ausência de organização das informações que propiciem uma recuperação mais eficaz e eficiente, cabe aos sujeitos da rede pensar em estratégias de organização dessa informação.

- AVALIAÇÃO DO PROCESSO DE COMUNICAÇÃO

Espera-se que o planejamento de ações voltadas à proposição da rede colaborativa afete positivamente o narrador de histórias profissional que potencialmente aumentará as possibilidades de compartilhamento de informação, produção e registro de conhecimento direcionado para a sua área de atuação. Nesse processo a competência em informação é imprescindível para a inserção desse profissional numa sociedade cada vez mais conectada por redes digitais e para (re)pensar a estrutura das redes presenciais.

Com a avaliação diagnóstica realizada ao longo da pesquisa, visualizamos uma baixa participação em redes de colaboração de interesse de sua área de atuação, sejam elas presenciais ou virtuais. Esse fato foi comprovado tanto na pesquisa realizada no Distrito Federal (GERLIN; SIMEÃO, 2015) quanto no Estado do Espírito Santo. O resultado desse processo de avaliação auxiliou na proposição da rede de colaboração de contadores de histórias capixabas, então, após a implantação da rede os processos avaliativos terão continuidade e, por conseguinte, deverão ser repensados tendo em vista a realidade vivida pelos atores sociais.

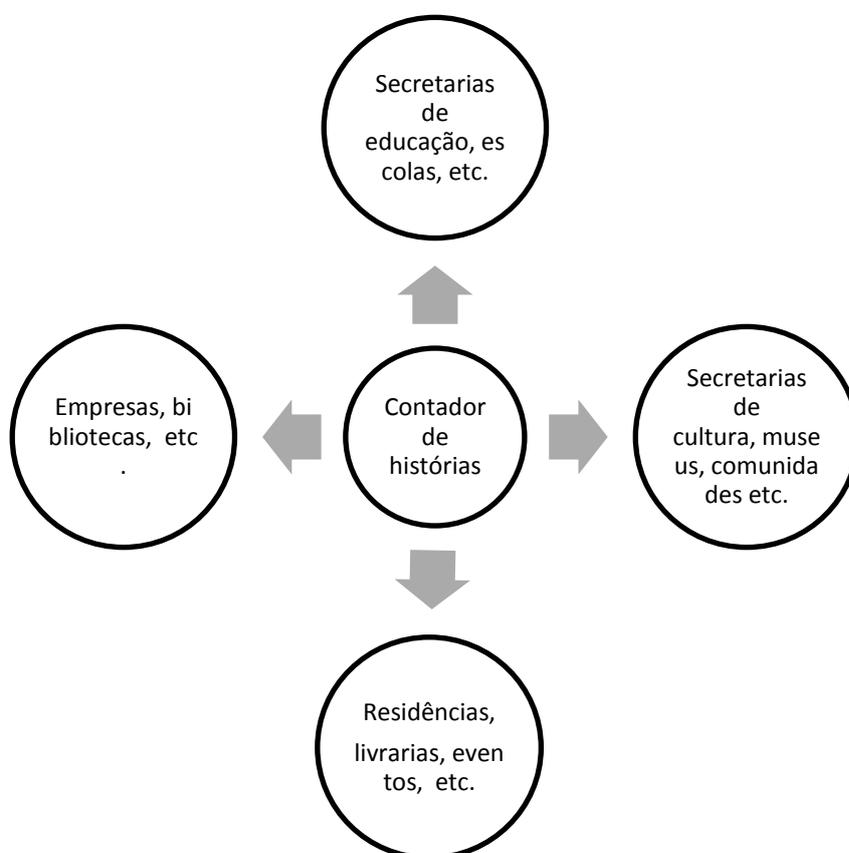
Nessa direção aparece a necessidade de que os sujeitos da rede (re)pensem em estratégias de avaliação constantemente. Nesse sentido, algumas perguntas podem auxiliar no processo de monitoramento da estrutura de relacionamento instituída, desde o planejamento da sua arquitetura que envolve o polo da comunicação presencial até a sua implantação no espaço tempo virtual: Quando e de que forma a rede será implantada? Como os sujeitos estão trabalhando com a gestão dos seus processos? Que estratégias de avaliação deverão ser estruturadas pelo coletivo? Outras perguntas poderão ser pensadas para diagnosticar e prognosticar as etapas de planejamento e implantação da rede, porém, deverão ser trabalhadas de forma colaborativa.

8.3 ALGUNS POSSÍVEIS EM TORNO DA REDE COLABORATIVA

A primeira estrutura de relacionamento a ser exemplificada, conta com um contador de histórias profissional que desenvolve o seu trabalho no espaço presencial. A princípio a rede de relacionamento desse ator social apresenta-se como uma *estrutura de colaboração constituída a partir de relações de trabalho* que deverá consubstanciar a arquitetura tanto da rede presencial quanto virtual (VALENTIM, 2013).

Comumente essas estruturas de relacionamentos estão voltadas para a gestão cultural da prática da contação de histórias, então, o narrador de histórias se constitui como um sujeito que está no centro da rede sendo ele o responsável por disseminar informações relacionadas com a sua prática (produtos e serviços) para os outros nós. Esses outros sujeitos (público, apoiadores, etc.) nutrem o interesse de adquirir produtos como livros, CDs, etc. ou de contratá-lo para atuar performaticamente em instituições escolares e outros territórios que absorvem esse tipo de trabalho (Figura 16).

Figura 16 - Estrutura de relacionamento centralizada

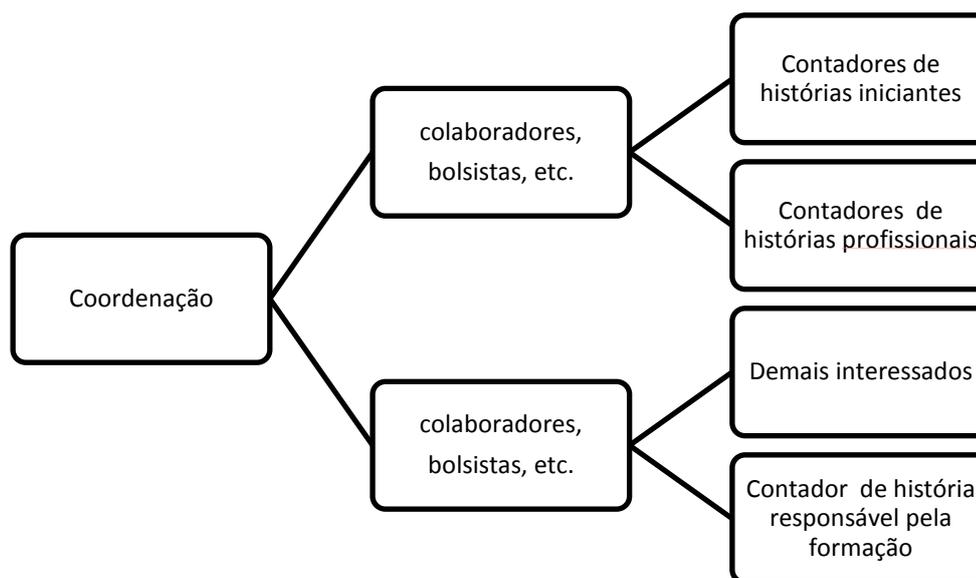


Fonte: Produzida pela autora durante a elaboração da pesquisa.

Por meio das relações que são tecidas numa estrutura de comunicação centralizada, muitas vezes o contador de histórias busca apoio em instituições como as secretarias de cultura e de educação para a subsistência de sua arte. Esse tipo de rede pode chegar ao formato de uma estrutura descentralizada, na qual mais de um sujeito se torna responsável por comunicar a informação, mas mesmo assim o controle por parte de um dos membros continua sendo sua marca registrada, não chegando a assumir a característica de uma rede distribuída. “Em toda estrutura descentralizada aparece necessariamente a hierarquia” (UGARTE, 2008, p. 25).

Para melhor ilustrar a estrutura de relacionamento de uma rede descentralizada no campo da contação de histórias, tomemos como parâmetro os cursos extensionistas universitários direcionados para a formação na área da narrativa oral (Figura 17). Especificamente citamos os encontros do GECHUFES, com a finalidade de tentar ilustrar *estruturas de colaboração hierárquicas com características técnico-científicas, culturais e ao mesmo tempo artísticas* com ênfase na formação do contador de histórias (VALENTIM, 2013).

Figura 17 - Estruturas de colaboração descentralizada



Fonte: Produzida durante a elaboração da pesquisa.

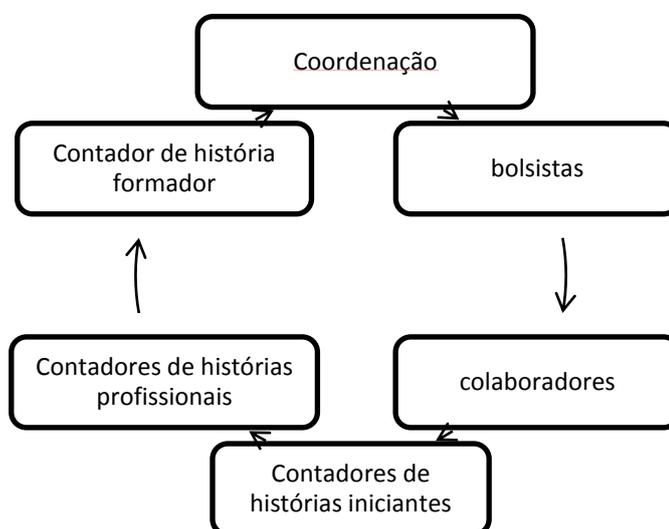
A estrutura de colaboração citada se caracteriza como uma ação formativa e pode se constituir como uma estrutura descentralizada, na qual a comunicação da informação é limitada a alguns nós da rede (coordenadores, bolsistas, monitores, colaboradores e narradores formadores). Essa estrutura na maioria das vezes é presencial, mas potencialmente pode assumir características de uma rede virtual na medida em que informações sobre as atividades do projeto de extensão podem ser divulgadas num site da internet.

Essa estrutura de comunicação descentralizada continua possuindo como característica a hierarquia e o controle daquilo que deve ou não ser disseminado, ao passo que numa rede distribuída os sujeitos estão livres para buscar, produzir e compartilhar informação. O espaço virtual da internet é um exemplo do exposto e ainda podemos citar a característica dos encontros de formação do GECHUFES, que disponibilizaram informações sobre os cursos

oferecidos numa página web (GECHUFES, 2011), tornando possível que os participantes tivessem acesso livre ao conteúdo da página sem precisar de intermediários (Figura 18).

O espaço virtual possibilita aos sujeitos uma estrutura de comunicação distribuída na medida em que tenham interesse de se manifestarem, podendo facilmente criar blogs que democratizem a informação nesse espaço, por exemplo. Como descrito por Ugarte (2008) a estrutura da informação na internet abre possibilidades para uma nova distribuição do poder por meio da estrutura de uma rede distribuída.

Figura 18 – Estrutura de comunicação extensionista



Fonte: Produzida pela autora durante a elaboração da pesquisa.

De uma maneira geral os desenhos apresentados (Figuras 16, 17 e 18) partem das estruturas de comunicação dos sujeitos que participam do Grupo Experimental ligado à Universidade (GECHUFES), porém, ainda não se caracterizam como redes de comunicação descentralizadas e distribuídas conforme apresentadas por Baran (1964). Nesse sentido, os movimentos dos projetos de pesquisa e extensão funcionam como um elemento de comparação para o processo de proposição do modelo de rede de colaboração dos contadores de histórias capixabas, já que sua concepção parte de ações propostas pela Universidade. Entretanto, a sua implantação demandaria um tipo de gerenciamento da rede que deve partir dos próprios atores que a utilizarão, levando a constituição de um quadro comparativo das ações do GECHUFES e da rede proposta (Quadro 16).

Quadro 16 – Grupo experimental e rede de colaboração

GRUPO EXPERIMENTAL		REDE DE COLABORAÇÃO	
Rede centralizada e descentralizada	Gestão é da coordenação do grupo de extensão universitária	Rede descentralizada e distribuída	Gestão dos atores centrais da rede
Estrutura hierárquica	Público composto por narradores profissionais, iniciantes e interessados em adquirir habilidades técnicas.	Estrutura colaborativa tendo o apoio de projetos de pesquisa e extensão universitária	Público composto por narradores profissionais autônomos, sem remuneração específica, apoiadores e público, etc. interessados em compartilhar informações variadas.
Foco do trabalho na competência narrativa	Atuação no espaço presencial	Foco do trabalho na competência narrativa e em informação	Atuação em espaços híbridos
Atendimento em territórios presenciais	Acesso e busca da informação em encontros de formação presencial e na página web do grupo.	Atendimento em territórios presenciais e virtuais	Acesso e busca da informação na rede colaborativa, porém não se encerrando nela.
Produção de conhecimento e compartilhamento no espaço de formação presencial.	Avaliação do processo realizado na maioria das vezes pela coordenação do grupo.	Produção de conhecimento e compartilhamento na rede colaborativa, podendo assumir diversas formas.	Avaliação do processo realizada pelos sujeitos da rede colaborativa.

Fonte: Produzida durante a elaboração da pesquisa.

O modelo de rede colaborativa dos contadores de histórias deve, então, ser gerido coletivamente por um grupo que possa reunir elementos da competência narrativa e em informação num âmbito institucional e ao mesmo tempo autônomo. Deve promover ações relevantes em diversos espaços de atuação presenciais e virtuais (híbrido).

O modelo proposto é idealizado ao partir de dois eixos norteadores, representando na atualidade inúmeras possibilidades de compartilhamento de informação e produção de conhecimento: ambiente presencial e ambiente virtual; englobando ações inteiramente relacionadas com a competência narrativa e imbricadas com a competência em informação, ambas em permanente construção. Cada um desses eixos pode ser entendido como etapas juntamente com a sua respectiva contribuição para a proposição do modelo.

8.4 ESTRUTURA DE COLABORAÇÃO NECESSÁRIA AO PLANEJAMENTO DO MODELO DA REDE

8.4.1 Principais eixos da arquitetura da rede de colaboração híbrida: foco na estrutura do grupo presencial

Na tentativa de definir o processo de planejamento da arquitetura da rede de colaboração, recorreremos a Oliveira (2008) quando expõe que a primeira dimensão do planejamento corresponde ao tema que deve ser abordado e a segunda aos objetivos que conduzem, no nosso caso, a proposição da rede direcionada ao contador de histórias. Cabe, então, expor que o planejamento tem como meta apresentar um modelo de colaboração em que o contador de histórias possa refletir sobre a busca e o uso de informação relacionada com a sua área de atuação, bem como, sobre o compartilhamento de conhecimento relacionado com os produtos e serviços que oferece ao seu público no Estado do ES. Estando essa meta inteiramente relacionada com a competência narrativa e em informação desse ator social, enfoca o polo presencial o qual poderá assumir o formato de um grupo de estudos, sendo ele responsável pela promoção de pesquisas, oficinas, rodas de diálogos, cursos, seminários e outros eventos no campo de atuação desse narrador do século XXI.

O grupo que representa esse coletivo deve estar voltado para as estruturas de comunicação formais e informais, sendo constituídas de maneira a alcançar alguns propósitos entre os quais destacamos a fruição da informação existente e a produção de conhecimento voltada para a arte de narrar histórias. A competência (narrativa e em informação) desse profissional deverá ser colocada em questão (JOHNSON, 2011), para pensar uma estrutura de relacionamento mais voltada para os encontros presenciais dos atores da pesquisa¹⁷⁷. Para isso, recorreremos aos pontos abordados no Quadro 15 que remete a aspectos práticos da organização da estrutura da rede de colaboração do contador de histórias. Com base no conteúdo desse quadro, apresentam-se algumas demandas para o planejamento desse polo da rede de colaboração que também está ligado ao espaço de discussão virtual:

- **Definição de público alvo:** A rede deverá reunir contadores de histórias profissionais autônomos remunerados e contadores de histórias profissionais sem remuneração específica, bem como, contadores de histórias experientes e iniciantes; colaboradores; demais sujeitos interessados em participar (retornar a Figura 12);

¹⁷⁷ Tendo em vista que os pólos da comunicação presencial e virtual se complementam, também podemos pensar num contexto de comunicação híbrido e não apenas presencial.

- **Tipo de rede e gestão (estrutura colaborativa):** O primeiro tópico a ser abordado é o fato de que a rede descentralizada e distribuída acaba requerendo de seus sujeitos um trabalho colaborativo que passa pela via da cooperação. Desse modo, o grupo não teria apenas um gestor e sim diversos sujeitos identificados como nós centrais para a rede. Se tivéssemos que apontar os gestores de nossa rede nesse exato momento, seriam os sujeitos que se destacaram com os graus de entrada e saída e que potencializaram a representação da rede desta pesquisa (retornar à imagem 13);

O desejo de criação de uma arquitetura que torne viável as conexões de um grupo de estudos voltado para a prática do narrador de histórias, é facilmente percebido no contexto das entrevistas apresentadas nos capítulos anteriores. Esse desejo ao encontro com práticas geralmente vivenciadas pelos narradores em eventos de formação e grupos de estudos. Nesses espaços, percebemos a potência que a relação interpessoal tem para os sujeitos da pesquisa. Recorre-se, então, ao contexto de trabalho de pesquisa e extensão universitária para pensar a estrutura de colaboração inicialmente no espaço presencial.

Tendo em vista que no processo de diálogo com o campo, desde o pré-teste até o mapeamento da rede desta pesquisa, obtivemos o envolvimento de grupos de pesquisa e extensão das instituições de ensino da Ufes e UnB, a primeira estrutura a que recorremos é a de um “Grupo de extensão” que costuma estar ligada a algum projeto ou programa registrado na Pró-Reitoria de Extensão de uma Universidade ou outra instituição de ensino superior, desenvolvendo, portanto, uma das suas funções sociais que é a promoção do desenvolvimento social fora dessa instituição de ensino.

Esse tipo de grupo tem como meta estimular a utilização das tecnologias disponíveis para ampliar a oferta de oportunidades e considerar as atividades voltadas para o desenvolvimento, a produção e a preservação cultural e artística relevantes no contexto das manifestações sociais (FÓRUM DE PRÓ-REITORES DE EXTENSÃO DAS UNIVERSIDADES PÚBLICAS BRASILEIRAS, 2012)¹⁷⁸.

A segunda estrutura que citamos é a do “Grupo de Pesquisa” universitário, denominação utilizada para sujeitos pesquisadores que se organizam em torno de uma ou mais linhas de pesquisa de uma área do conhecimento, com o objetivo de desenvolver processos de investigação científica. Nessa estrutura há o envolvimento de pesquisadores e profissionais

¹⁷⁸ Em se tratando do contexto desta pesquisa no processo de investigação tivemos o envolvimento da extensão universitária nas ações de mapeamento do Projeto de Extensão Informação e Cultura, registrado no Sistema da PROEX da Ufes.

ligados à área de pesquisa, bem como, demais membros internos e externos à universidade interessados em um permanente diálogo¹⁷⁹.

- **Seleção dos temas de trabalho:** ao definir estratégias para a abordagem de temas relacionados com a competência narrativa e em informação para o grupo de estudos, apresentaremos o resultado da identificação das habilidades e técnicas necessárias ao contador de histórias conectado em rede. Desse modo, o processo de pesquisa forneceu elementos para posteriormente estudarmos assuntos relacionados com a narrativa oral, memória social e competência narrativa e em informação.

Compreendemos que o contador de histórias deve dialogar sobre o aprimoramento das estratégias de acesso, busca e recuperação de informações voltadas para a sua prática, aspecto pouco figurado nos indicadores do contexto da competência narrativa e competência em informação. Esse fato aponta para necessidade de compartilhamento de informação em torno de sua prática e que cresce se comparado em proporção ao contexto da inclusão no campo da informação. Tendo em vista que a maioria considera importante o acesso às redes digitais para melhorar a prática e auxiliar nos processos de formação de maneira autônoma, percebe-se a importância que deve ser dada aos temas em questão.

- **Foco nos processos de busca, recuperação e uso de informações:** para dialogar sobre as ferramentas de busca e recuperação de uma informação, voltada para a prática do narrador de histórias, enfocaremos o compartilhamento de conhecimentos produzidos em termos de produtos e serviços no campo da contação de histórias, como a informação vem sendo buscada e como os contadores de histórias avaliam e verificam a qualidade das fontes selecionadas (GERLIN; SIMEÃO, 2015). Esse enfoque conduz a necessidade de realização de oficinas e outros eventos que abordem o contexto da alfabetização em informação e digital no cenário capixaba, tendo para isso a parceria do GPCI da UnB.

Mesmo tendo o sujeito narrador afirmado possuir competência para o acesso da informação nas redes digitais, avaliar a informação em função de seus objetivos e em menor grau produzir arquivos coletivos para compartilhá-los com seus pares; o resultado da pesquisa aponta para o fato de que esse ator ainda deve atualizar-se com os processos de busca e recuperação de uma

¹⁷⁹ São cadastrados na PRPPG, os Grupos de Pesquisa da UFES registrados no Diretório dos Grupos de Pesquisa do CNPq (DGP/CNPq) e certificados pela UFES. No caso desta investigação tivemos o envolvimento direto do Projeto de pesquisa *No balanço das redes dos contadores de histórias e Banco de Lendas da Região Metropolitana da Grande Vitória (ES)*, ambos devidamente registrados (UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO, [2008-2013?]).

informação que possibilitará o aperfeiçoamento da sua prática por meio do uso inteligente e efetivo. O exposto requer uma reflexão sobre como o uso das suas habilidades possibilitará aplicação no contexto de seu trabalho por meio de trocas de experiências entre os participantes da rede (BELLUZZO, 2013).

- **Estabelecimento de estratégias de diálogos e avaliações coletivas:** tendo em vista que um processo de planejamento envolve uma série de modificações, ao abranger os sujeitos e as tecnologias existentes (OLIVEIRA, 2008), as modificações conduzem à necessidade de um processo de avaliação que seja realizada pelos próprios sujeitos da rede. Desse modo, o processo de conexão dos sujeitos da rede colaborativa, inicialmente deverá levar em consideração a avaliação diagnóstica realizada no contexto dos territórios de atuação híbridos conforme colocado anteriormente.

Registra-se a necessidade de a estrutura da rede acompanhar ações na área de interesse dos contadores de histórias, em ambientes educacionais, como escolas, bibliotecas, família, comunidade, enfim, de diversas instituições de ensino escolares e não escolares, tendo como finalidade continuar o processo de identificação do perfil do narrador capixaba. Também é necessário considerar aspectos cognitivos, narrativos, históricos, imagéticos, tecnológicos, sociais e ambientais, dentre outros compreendidos nas aproximações teóricas e práticas de relevância social (práxis).

Após a avaliação realizada no contexto desta pesquisa, os diálogos deverão girar em torno da definição de novos parâmetros para avaliações futuras, ao organizarmos oficinas de competência narrativa e em informação como foi feito no decorrer da pesquisa (APÊNCIDE G), para, assim, pensarmos em espaços tempos de formação e de discussão com uma equipe transdisciplinar.

Pensamos, então, em propor eventos em que os próprios narradores pudessem estar na condução das formações e/ou organização dos eventos. Neles criaríamos espaços de trocas de experiências sobre a competência narrativa e a competência em informação. Para isso, recorreremos aos dados dos indicadores de contexto para iniciar o processo, tendo sido apontados pelos sujeitos como o planejamento das ações futuras deverão acontecer.

8.4.2 Fases de planejamento da arquitetura da rede de colaboração: foco na arquitetura da página web

A proposição de um modelo de rede de colaboração, direcionada para a realidade do contador de histórias, permitirá que os sujeitos sociais interajam e compartilhem informações em espaços híbridos. O planejamento da estrutura de comunicação que se dará no ambiente digital estende-se para o espaço presencial, estimulando, com isso, a interatividade e participação dos sujeitos narradores que poderão contar com as duas estruturas de relacionamento.

Ao identificar as necessidades dos contadores de histórias por meio dos indicadores de perfil e contexto, o maior desafio é posteriormente saber como “[...] conhecer melhor o ‘modelo mental do usuário’, **podendo obter** resultados significativos que permitam melhorar a usabilidade dos *sites*, disponibilizando as informações de forma correta em suas *homepages*” (CUSTÓDIO, SILVA, 2009, 184, grifo nosso).

Pode-se comparar as *homepages* com as páginas introdutórias de livros. A introdução de um livro deve estar bem redigida, de forma clara, informando ao leitor o assunto que aborda. E, o mais importante, deve instigar e atrair o leitor para que ele complete a leitura. Assim também deveria ocorrer com as *homepages*, mas nem sempre isso acontece (CUSTÓDIO; SILVA, 2009, p. 179).

Uma *homepage* (portal, sítio, página), portanto, pode ser entendida como um ambiente para alguns autores e como um gênero textual emergente para outros (MARCUSCHI, 2004), todavia, mais do que focar denominações é importante conceber que ela deve ser constituída por uma equipe, por se tratar de um trabalho que assume a perspectiva transdisciplinar.

Ante a proposta que culminará em espaços de interação por meio da organização de uma *homepage*, torna-se necessário pensar na sua arquitetura. Um caminho a seguir seria a realização de um planejamento voltado para a sua estrutura com a interface centrada no principal ator social da rede, culminando numa projeção em termos do *design*, ao considerar como público alvo contadores de histórias capixabas e demais interessados pelos temas de interesse desse profissional. O planejamento terá esses sujeitos como parâmetro de adequação, assim como, às suas características e necessidades educacionais, culturais, informacionais, tecnológicas, dentre outras necessárias visando ao desenvolvimento da competência leitora (GERLIN; ROSEMBERG, 2012).

A arquitetura de uma *homepage* favorecerá o acesso às informações na web pelos seus usuários potenciais, podendo nesse ambiente proporcionar-lhes um direcionamento no ato da

busca das narrativas orais do Estado do ES: as lendas capixabas; assim como fora pensado no projeto Banco de Lendas da Região Metropolitana da Grande Vitória (ES) (GERLIN; ROSEMBERG, 2012). A disponibilização de informações voltadas para a prática do narrador, seria, então, um compromisso assumido pela gestão da rede colaborativa. Entretanto, essa tarefa não é fácil já que a pretensão é também disponibilizar na *web* textos, imagens e sons constituem-se como potentes mecanismos interativos de comunicação entre os sujeitos.

A equipe de trabalho que cuidará do planejamento da página deverá ser composta por profissionais da arquitetura da informação e outros membros do grupo que cuidará do planejamento. O valor da participação do profissional de Arquitetura da Informação nesse tipo de projeto é tão importante quanto a efetiva participação do narrador de histórias que melhor conhece as demandas dos sujeitos da rede.

De um modo geral a arquitetura da informação encontra-se distribuída em diversas outras atividades ou mesmo englobada numa delas, seja no gerenciamento do *site*, no design ou na área de marketing das empresas. No início da internet, quando os profissionais de informática eram os mais familiarizados com as ferramentas e com o computador, eles assumiam as atividades de design, redação e organização do *site*. Com o passar do tempo estas atividades foram – e estão sendo – gradualmente ocupadas por profissionais diversos e mais capacitados. [...] Seu trabalho consiste em criar uma organização própria e particular para o conjunto de informações do *site*, planejar a distribuição destas informações, determinar o conteúdo apropriado e relacioná-lo dentro do site. [...] O profissional de arquitetura da informação deve participar dos trabalhos desde seu início. As mesmas informações que irão nortear os trabalhos de redação e design serão as bases de seus trabalhos (LARA FILHO, 2003).

Nessa área de atuação, os membros do grupo juntamente com o arquiteto da informação, podem se deparar com frustração, sucesso, alternativas, aprendizagem, produtos, serviços, projetos e necessidade dos sujeitos envolvidos. Desse modo, Haverly (2002, p. 844) atenta para o fato de que “O que direciona alguns arquitetos de informação para o seu campo é a mesma coisa que oferece uma luta em termos de moldá-lo como uma disciplina: a natureza aberta, sem limites do fenômeno emergente da experiência do usuário”¹⁸⁰.

Em se tratando do trabalho a ser desenvolvido por esse profissional, que pertence a uma área que está em busca da constituição de uma disciplina, cabe uma atuação inserida em uma equipe transdisciplinar de modo a considerar as necessidades do usuário e assim possibilitar o acesso às informações sobre serviços e produtos nas páginas da web. Nesse contexto, deverá ser considerada a realidade cultural, social, econômica dos sujeitos narradores. Entretanto,

¹⁸⁰ “The thing that draws some Information Architects to their field is the very thing that offers such a struggle in terms of shaping it as a discipline: the open, unbounded nature of the emergent phenomenon of user experience”.

paralelo a esse processo é fundamental um planejamento voltado para os sistemas de navegação universal ou global.

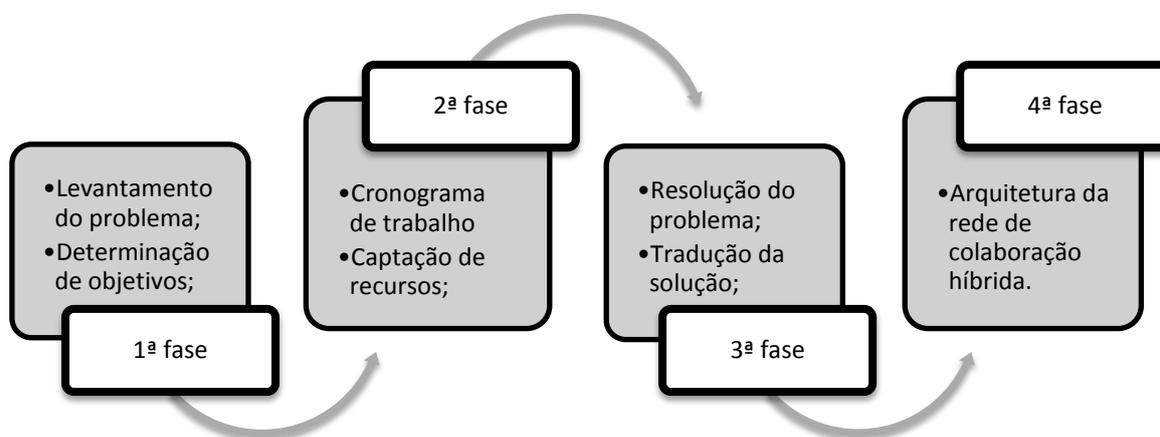
Perante uma perspectiva de trabalho inserida no campo da CI, a adaptação das informações para disponibilização das informações por meio do site, exige um processo de planejamento baseado no diálogo com diversas disciplinas e campos de organização de conhecimentos. Tendo em vista o exposto por Saracevic (1996) essa área científica deve dedicar-se às questões voltadas para os problemas da efetiva comunicação do conhecimento e de seus registros entre os seres humanos, no contexto social, institucional ou individual das necessidades e uso de informação.

Na região da pesquisa, as ações dos trabalhadores/pesquisadores que envolvem o planejamento da adequação das informações no ambiente virtual, como, por exemplo, relacionadas com as lendas capixabas (GERLIN; ROSEMBERG, 2012), deve se abrir para o diálogo com outras disciplinas, tais como a Biblioteconomia e Informática, além de estabelecer contato com o conhecimento popular para além do conhecimento científico (PINTO, 2007).

Haverty (2002) torna possível pensar na arquitetura da rede do contexto da pesquisa, sendo indispensável identificar uma solução para o direcionamento das atividades no contexto tanto virtual quanto presencial. Apesar da teoria desse autor ser voltada para a arquitetura de rede virtual, visualizamos a facilidade com que as fases se adequam aos dois espaços de comunicação. Para planejar a arquitetura da rede presencial e virtual adaptamos as seguintes fases de trabalhos pensadas por Haverty (2002):

1º Trabalhar na determinação de objetivos que consigam prever as necessidades dos sujeitos sociais, tendo em vista o problema levantado para o contexto de proposição da rede pesquisa: como iniciar o processo de planejamento da arquitetura da rede de colaboração dos contadores de histórias; 2º Por meio do diálogo estabelecido entre os sujeitos sociais deve-se proceder a uma previsão dos insumos necessários, bem como, da definição do cronograma de trabalho com vistas a encontrar a solução para o problema levantado; 3º Encontrar uma solução tendo em vista a atenção que é dada pelo grupo da rede de colaboração para o problema e 4º Proceder ao processo de criação da arquitetura da “Rede de colaboração dos contadores de histórias capixabas” em contextos híbridos (Figura 19).

Figura 19 – Fases do planejamento da arquitetura da rede de colaboração.



Fonte: Adaptado de Haverty (2002).

1ª fase: para trabalhar na determinação de objetivos que consigam prever as necessidades dos sujeitos sociais, tendo em vista o problema levantado para o planejamento da arquitetura da rede: *como iniciar o processo de planejamento da arquitetura da rede de colaboração dos contadores de histórias*; contempla-se a visão dos usuários/sujeitos sociais às exigências que a sociedade da informação impõe e, por consequência, deve identificar-se os atributos dos sujeitos que participarão do grupo presencial e se utilizarão dos serviços da *homepage* (objetivos e características do público alvo), assim como, do conteúdo que será discutido nos grupos e disponibilizado para o site.

Nessa fase definem-se os problemas que movem o projeto de criação da rede e que, por conseguinte, exige soluções direcionadas para os temas que serão debatidos sobre a competência narrativa e em informação, bem como, a adaptação das informações contidas nas lendas numa página da web. Importa colocar que os trabalhos desenvolvidos no grupo presencial, produtos e serviços oferecidos pelo contador de histórias também no espaço presencial também deverão ser divulgados na página Web. O exposto prova a ligação entre os serviços oferecidos pelos dois tipos de espaços de comunicação (presencial e virtual) e comprova a necessidade de pensar a arquitetura de uma rede de colaboração híbrida.

2ª fase: por meio do diálogo estabelecido entre os sujeitos sociais procede-se a previsão dos insumos necessários e cronograma de trabalho com vistas a encontrar a solução para o problema identificado na etapa anterior. Nessa fase acontece a representação do quadro gestacional, para, assim, poder tratar de cada problema considerado como sendo básico, ao procurar a identificação de soluções nesse âmbito. Considera-se a natureza do problema de criação e identifica-se um quadro adequado de representação que pode produzir soluções.

3ª fase: à luz da teoria da CI e áreas afins, discutem-se possíveis soluções tendo em vista a atenção que é dada ao problema. Traduz-se uma solução em torno da estrutura do problema do projeto de criação da rede (relacionados aos trabalhos de criação do grupo presencial e do *site*), etapa na qual se identifica uma solução que seja aplicável.

4ª fase: procede-se a criação da arquitetura da “Rede de colaboração dos contadores de histórias capixabas” voltada para contextos híbridos de conexões dos atores sociais. Uma vez que as soluções foram traduzidas a fim de resolver os problemas básicos, constitui-se a viabilização da arquitetura da rede, o que significa que ao longo deste processo as soluções da estruturação do grupo presencial e do design da página, são validadas em relação às metas originais, usuários/atores e conteúdos disponíveis. Nessa etapa as atividades como comentários da equipe e testes de usabilidade poderão ajudar a atingir a validação da arquitetura.

A qualidade de uma arquitetura de informação é discutida em termos de como a facilidade de uso e satisfação podem influenciar nas atividades do processo (HAVERTY, 2002). Ao definir como requisito as necessidades dos sujeitos da rede por meio da adaptação de modelos de planejamento e adequação textual das informações narrativas, apresenta-se a necessidade de considerar a cultura, a língua e a necessidade de informação dos contadores de histórias e de outros possíveis usuários.

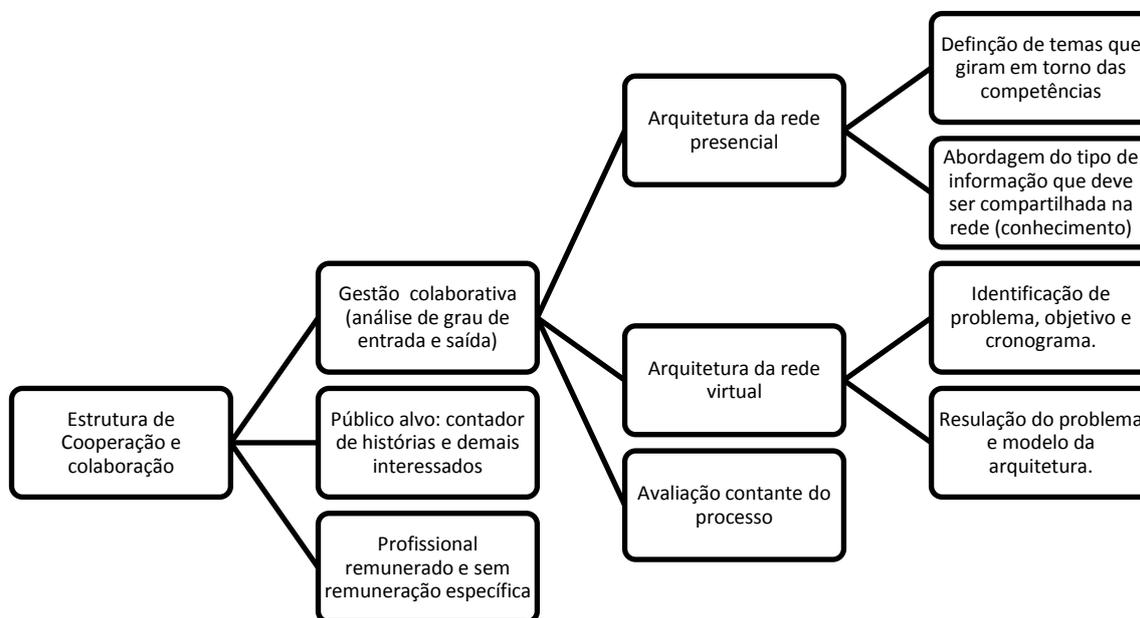
Um exemplo que caminha para o modelo de uma rede distribuída do contador de história capixaba é a estrutura da *Red Internacional de Cuentacuentos* (2014)¹⁸¹, que conecta narradores de diversas nacionalidades e divulga em páginas individuais vídeos, fotografias e informações textuais sobre produtos e serviços dos contadores de histórias. Esse tipo de rede se apresenta como um espaço tempo de comunicação potencial para o sujeito contador que atua em diferenciados territórios, viabilizando o compartilhamento de experiências.

¹⁸¹ A maioria dos coordenadores da rede são contadores de histórias e escritores de diversos países, dentre eles Espanha, Brasil e Índia. Constituído como um portal aberto para a divulgação da contação de histórias, literatura e artes cênicas, reúne mais de 1.000 contadores de 50 países dos 5 continentes.

Esse tipo de organização de rede oferece também uma oportunidade de qualificação em consonância não apenas com os ambientes virtuais disponibilizados, mas também para atender aos espaços presenciais, a saber, escolas, bibliotecas e livrarias em que tradicionalmente se fortalecem as relações interpessoais dos profissionais.

Refletir a adequação da informação narrativa, suas múltiplas linguagens e contextos de comunicação numa rede virtual e presencial voltada para os contadores de histórias, implica saber quais são suas reais necessidades. O próximo passo é colocar em prática o planejamento da estrutura de cooperação e colaboração a qual esta tese dedicou-se (Figura 20). A proposição do modelo de planejamento da rede alimentou-se diretamente do estabelecimento de diálogos teóricos e práticos (práxis) (FREIRE, 2005). Para isso, bebeu na fonte da experiência de pesquisadores e narradores de histórias contemporâneos, caracterizando-se como transdisciplinar.

Figura 20 – Proposta de planejamento da rede colaborativa



Fonte: Produzida durante a elaboração da pesquisa.

Os principais atores da pesquisa, os contadores de histórias, são sujeitos que auxiliaram no processo de constituição da pesquisa de campo (com características mais tradicionais ou urbanas), fornecendo, com isso, importantes elementos para o delineamento da tese (processo de entrevista e preenchimento dos questionários). Segundo esses narradores a rede teria que

ser o mais autoadministrável possível. Na visão de alguns contadores de histórias, deve auxiliar em questões práticas do cotidiano de trabalho.

O formato de associação funcionaria muito bem para a rede. Entender o formato de associação seria muito bom. Como funciona a associação? - *Ah, eu quero contratar o Eduardo Valadares.* O Eduardo cobra 800 reais para a diária. Liga-se então para a associação e pergunta-se: - *É isso mesmo? É isso mesmo! Ah! Saquei.* Ou então se faz o contrário. Liga-se para a associação e se fala: - *Queria um contador de histórias. - Qual o perfil que você quer? - Ah! Eu quero o perfil assim, assim e assado. - Ah! Nesse perfil a gente tem essa pessoa assim.* Então se a gente compreendesse como funciona o perfil dessa associação, a gente conseguiria passar isso para a rede. Auto administrável, para a gente não precisar ter um administrador, ser auto administrável. A rede é um veículo maravilhoso pra gente poder categorizar a profissão (Gab Kruger).

Acho que seria interessante, porque já tem rede de poetas e algumas redes que são interessantes. Iria ser importante pra mim e para os colegas também. Legal se for alguma coisa prática e rápida de fazer, eu acho que seria interessante. O principal é a praticidade, que é o que as redes sociais oferecem pra gente e não precisamos ficar dando manutenção (Eduardo Valadares).

O modelo de rede direcionada para a prática do narrador de histórias deverá ser planejado com o coletivo. A metáfora da rede dos contadores de histórias, utilizada no título e no texto desta pesquisa, acaba definindo o contexto das relações do grupo dos atores sociais do qual também faço parte. Pensar nos grupos que reunirá permite *a priori* visualizar a estrutura das suas conexões, bem como, das possibilidades de compartilhamento de informações e produção de conhecimentos requeridos durante os processos de observação da pesquisa. Cita-se, como exemplo, o encontro realizado com o Grupo Chão de Letras (Fotografia 21), momento no qual surgiram algumas possibilidades para a (re)criação do grupo de estudos que se iniciou com o GEGHUFES.

Fotografia 21 – Encontro com o Grupo Chão de Letras na Ufes



Fonte: Produzida durante a elaboração da pesquisa.

Na hora em que abri veio a rede do pescador na minha frente e descobri como ela é desenhada. Como ela em cada pedacinho é conectada um com outro e como dá tudo certo e eles colhem aquele monte de peixes. Então eu falei: - *Estou dentro!* Quando eu vi o seu e-mail eu falei assim: - *Gente é muito legal isso!* Porque foi essa a imagem que me abriu e, então, eu disse pra mim: - *Olha o livro não vai acabar, seus amigos não vão deixar de existir, você não vai deixar de ir a casa de seu vizinho, você tem mais um recurso pra utilizar, só isso!* (Tiana Magalhães).

Para trabalhar na proposição de um modelo de rede (método de interlocução) que atenda as demandas do sujeito narrador na sociedade da informação, os próximos passos que daremos será aprofundar na análise das conexões dos contadores de histórias da rede da pesquisa. Bem como, colocar em análise questões relacionadas com a acessibilidade, colaboração, interatividade, relevância (da informação) e outras que possam ser identificados no processo de implantação. Entretanto, essas demandas não serão refletidas nesse momento, esses fios serão puxados em outras pesquisas coletivas...

À GUISA DE CONCLUSÕES

Era uma vez

“São os últimos dias de agosto. Não muito longe daqui, sabe-se que o inverno começou a morrer. O frio está impregnado pelo cheiro de flores amarelas das acácias e se anuncia para breve o estalar das glicínias, as flores azuis, as flores brancas; logo o ar terá cheiro de maçã e diabruras. Os dias serão mais longos” (GALEANO, 2014, p. 17).

9 ERA UMA VEZ... A PROPOSIÇÃO DE TRABALHOS QUE SE INICIAM NO DIÁLOGO COM OS SUJEITOS DA PESQUISA

Os últimos dias de agosto, conforme descrito na literatura por Galeano (2014), foram realmente mais longos, devido ao acúmulo de trabalho requerido pela articulação do referencial teórico com o trabalho alimentado no campo. Com a finalização das principais etapas desta pesquisa, algumas considerações se fizeram necessárias, alimentando uma projeção das próximas ações. O término dessa fase aponta para as algumas questões delineadas à luz do problema e do estabelecimento dos objetivos que nortearam o processo de investigação.

A observação no campo da pesquisa levou seus participantes a colocar em análise a realidade em que se encontra o seu trabalho no Estado do ES, encaminhando para um entendimento coletivo de como se dá a articulação dos seus *saberes, fazeres e atitudes* (BELLUZZO, 2013). Também forneceu parâmetros para melhor entender as mudanças impostas pela sociedade da informação. Não se perdeu de vista a articulação de uma prática cultural que comumente é autogerida pelo contador de histórias no espaço presencial (75%), demandando competência narrativa e competência em informação para atuar com animação e ação cultural em diferentes espaços tempos de educação e cultura.

O entendimento sobre a gestão de produtos e serviços culturais encaminha para o desenvolvimento de um trabalho no campo da ação cultural (51,48%), envolvendo o diálogo com pares, apoiadores e públicos. Essa perspectiva de trabalho aponta para a necessidade de articulação entre várias áreas do saber (transdisciplinaridade), trazendo, com isso, a possibilidade de integrar o saber do contador de histórias profissional com o saber do narrador da tradição, do gestor cultural, do público, apoiadores, etc. (BICALHO; OLIVEIRA, 2011).

Tendo em vista que a maioria (69,10%) não explora o espaço virtual para desenvolver o trabalho cultural, na medida em que analisamos os dados da pesquisa tornou-se visível a existência do fortalecimento de uma nova demanda de trabalho *no ciberespaço* para aqueles que se iniciaram na arte de contar histórias ao final do século XX e início do XXI. Nesse sentido o contador de histórias precisa conciliar a competência narrativa e a competência em informação de forma a desenvolver o seu trabalho em contextos híbridos (presencialmente e virtualmente).

Com os indicadores *da categoria competência em informação* identificaram-se sujeitos narradores que se utilizam com competência os equipamentos eletrônicos (celular, computador, etc.) e que se apropriam de recursos que as redes digitais oferecem. A maioria executa tarefas simples (94,11%) com seus equipamentos e, com isso, usam facilmente as mídias sociais para comunicar-se (88,24%). Mais da metade dos narradores da pesquisa (57,35%) acessam essas mídias várias vezes ao dia. As mídias sociais mais utilizadas são as redes de relacionamento como o Facebook (79,41%), redes de compartilhamento de vídeos como o Youtube (69,11%) e o e-mail que perdeu terreno (58,82%) mas que não desapareceu completamente. Quase todos os narradores fazem uso de aplicações de acesso à internet (95,58%), aproveitando o acesso a essa grande rede para buscar informações de seu interesse (95,58%). As aplicações de acesso mais citadas foram o correio eletrônico (89,70%), mensagens instantâneas (83,32%) e navegadores (77,94%).

Verificou-se que os sujeitos da pesquisa são capazes de localizar a informação desejada (95,58%), selecionam a informação por grau de importância (94,11%) e detectam palavras chaves no processo de busca (94,12%). Em relação aos recursos utilizados para o acesso à informação na web, a análise dos indicadores tornou visível que buscadores como o Google são diretamente mais utilizados (97,05%) do que as bibliotecas virtuais (61,76%), periódicos *on line* (52,94%), páginas webs (38,23%), blogs (39,70%) e wikis (32,70%). Os narradores também não descartam o uso de periódicos digitais e bibliotecas virtuais que de maneira geral auxiliam no processo de acesso à informação. Esse tipo de busca consideravelmente poderá conduzir a uma aprendizagem autônoma e altamente importante para o aperfeiçoamento das habilidades adquiridas e para a aquisição daquelas que ainda são necessárias para compor a competência em informação.

Como os contadores de histórias avaliam e verificam a qualidade das fontes selecionadas, conduzem às amostras do *contexto da categoria da competência em informação*. Os critérios mais utilizados para a avaliação da qualidade da informação selecionada são tipo de fontes (75%), autoria (57,35%), acessibilidade (44,11%) e atualidade (58,82%). A maioria dos contadores de histórias capixabas possui competência para o acesso à informação nas redes digitais, bem como, para avaliar a informação em função de suas necessidades. A informação buscada auxilia cerca de metade do grupo (51,47%) no processo de produção e disponibilização de conteúdos nas redes digitais. O resultado dessa fase da pesquisa esclarece que esse sujeito deve atualizar-se com os processos de busca que permitem o acesso à

informação de forma a possibilitar sua efetiva produção, organização e disponibilização em redes de relacionamentos.

Em se tratando da competência narrativa identificou-se que a maior parte dos contadores de histórias dedica-se ao processo de pesquisas de fontes direcionadas para a prática de narrar necessitando fazer uso da competência em informação que conservam. Com isso, a maioria seleciona histórias novas (73,53%) lendo (92,67%), ouvindo (23,52%) e por meio de recursos áudio visuais (52,94%). Também aceitam sugestões (30,88%) dos pares, público, etc. Recorrem aos livros impressos (86,76%), outras fontes na internet (60,29%), CD (25%), etc. No ato de selecionar levam em consideração a predileção do público e em sua maioria atendem ao infantil (95,58%). Sua apresentação é performática envolvendo o público na maioria das vezes (86,76%), fazendo valer o processo de preparação da narrativa lida com diversas habilidades e técnicas para que o show possa acontecer (memorização, recriação da história, uso de recursos, ensaio, etc.).

A categoria conexão em redes está relacionada com a competência narrativa e competência em informação do sujeito narrador, auxiliando no entendimento de como buscam e compartilham informações nas redes sociais e digitais potencializadas pela internet na sociedade contemporânea (CASTELLS, 2003). Depreende-se que o contador de histórias contemporâneo deve aprimorar as estratégias de busca, acesso e recuperação de informações voltadas para a sua prática, aspecto pouco figurado nos indicadores do *contexto da narrativa oral*. Na categoria da conexão em rede visualiza-se uma baixa participação em ambientes de colaboração de interesse de sua atuação, todavia, há uma boa aceitação no que se refere ao interesse em participar da rede de colaboração que está sendo proposta pela pesquisa (75%).

A estruturação da proposta da rede de colaboração teve como base a análise das possíveis conexões do narrador de histórias que precisa aproveitar-se dos recursos da sociedade da informação. A validação do modelo aconteceu em oficinas e outros eventos que foram estabelecidos com os narradores de histórias que atuam em espaços tempos de educação e cultura (APÊNDICE G). Ficou claro que posteriormente esses sujeitos trabalharão na rede com a finalidade formação de outros sujeitos narradores, possibilitando, assim, a fruição das trocas de experiências. Então, por que não enriquecer a escrita deste capítulo com as falas dos principais interessados?

Eu a princípio era um pouco contra a essa onda de conexão em redes digitais, mas eu acho que a gente não pode remar também contra a correnteza. Hoje eu acho que você pode usar esses recursos em seu favor, em seu benefício. E depois, [...] eu fui entender a função da rede. E até mesmo quando entendi a função da rede visualizei a rede do pescador na minha frente, entendeu? E a rede do pescador, estão, não é assim? Composta por aqueles nós? Aonde a gente vai se conectando, vai se comunicando e não vai perder o presencial (Tiana Magalhães).

A rede vai ajudar bastante nisso, não é? A escola pública não tem recursos [...] e, a gente vai fazendo assim... Tem uma professora que tem um grupo de teatro, então, a gente tá sempre tentando fazer alguma coisa junto. Inclusive ela apresentou um espetáculo no Teatro Carlos Gomes na semana passada sobre Eliz Regina. Também estabeleço contato com os bibliotecários, ligo pra Geovana, bibliotecária da PMC e pra outras pessoas. Bibliotecário geralmente conhece alguém, não é? Conheço alguém que conhece alguém e vamos assim. Primeiro temos que conhecer a pessoa, quem indica tem que conhecer. Você tem que ter uma pessoa que realmente conheça o fulano que levará para a sua biblioteca e seu espaço (Ingrid Pereira).

Parabéns pela iniciativa porque é um assunto cabível e carente. E se a rede se concretizar será de extrema importância para uma comunidade grande, como a rede de contadores bibliotecários que dizem não saber contar, mas no fim acabam contando. Como uma professora de laudo com quem trabalhei, ela disse assim: - *Posso te ajudar em qualquer coisa, mas não me peça para contar histórias*. Três meses depois ela perguntou: - *Posso contar essa história?* Ela se apaixonou e logo estava narrando histórias. O ambiente da biblioteca escolar pede isso, você se apaixonou, mobiliza e logo está contando histórias... (Márcia Helena).

A análise dos indicadores do perfil profissional ocasionou no estabelecimento de parâmetros, para entender os movimentos em torno das competências adquiridas nos territórios de atuação e formação do contador de histórias. Também tornou possível compreender que nenhuma instituição contemporânea está dissociada do movimento de transformação que a atualidade apresenta na era da informação. Antes de encerrar no próximo capítulo convém contextualizar que o resultado desta pesquisa não conduz ao fim, mas sim ao começo do fortalecimento de uma rede que nos apresenta inúmeras possibilidades...

10 NÃO É O FIM!

De maneira alguma esta pesquisa se encerra com a defesa da tese. A investigação desenvolvida no campo teórico e observada nos territórios de atuação conduz a comprovação da hipótese inicialmente levantada: os contadores de histórias possuem competências que torna possível a sua conexão em redes na sociedade da informação. Com os resultados apresentados anteriormente, comprova-se que esses sujeitos dominam os mecanismos da comunicação interpessoal, mas precisam melhor utilizar os benefícios trazidos pelas redes digitais de maneira a buscar e a produzir informação direcionada para a sua área de atuação.

No decorrer do processo de investigação tornou-se visível que a maioria dos sujeitos pertence ao sexo feminino (89,70%) e possui até 50 anos (85,95%), tendo iniciado a sua prática entre o final do século XX (30,90%) e início do século XXI (48,50%). Identificou-se no perfil do grupo de participantes um qualificado nível de formação no que se refere à obtenção de cursos de graduação (30,88%) e pós-graduação (61,76%), o que facilmente pôde ser associado ao fato de que a maioria desenvolve atividades paralelas à arte de contar histórias (67,65%) que exigem capacitação em diversas áreas do conhecimento.

A análise dos indicadores de contexto refletem o elo existente entre pares (contador de histórias da tradição e do meio urbano), público, apoiadores, etc., permitindo perceber um movimento de profissionalização em espaços tempos de informação, educação e cultura e dividir, de modo a dividir os contadores de histórias em duas categorias: profissional remunerado autônomo (32,35%) e profissional sem remuneração específica (67,65%). A representação dessas duas categorias é importante para pensar o perfil dos sujeitos da rede de colaboração (público alvo).

Os dados da observação (intensiva e extensiva) do campo apontaram para o fato de que a maioria sofreu a influência de narradores da tradição oral (75%), apresentando, porém, características distintas do narrador tradicional de culturas orais. Mesmo tendo herdado traços da tradição oral, buscam formação em cursos, oficinas e outros eventos presenciais (45,58%) e navegam no ciberespaço (63,24%). O fato de utilizarem as TIC disponibilizadas no processo de formação ao longo da vida, auxiliou no processo de planejamento da arquitetura da rede de colaboração que trabalhará aspectos relacionados com as conexões desses trabalhadores tanto no espaço presencial quanto virtual (espaços híbridos).

Os vínculos dos narradores de histórias nos grupos em que atuam e, por conseguinte, os laços derivados (associativo, dialógico, fraco, forte, etc.) são constituídos nas instituições as quais comumente estão ligados (em eventos esporádicos ou regulares). As conexões refletem aspectos da formação e do exercício profissional conduzindo-os a uma estrutura de relacionamento “multiplexa”, devido a maioria dos grupos serem formados nos seus territórios de atuação (RECUERO, 2009; JOHNSON, 2011). A pesquisa ainda não permitiu aprofundar aspectos relacionados com a comunicação que é gerada nas redes desses sujeitos (interação mútua, reativa, etc.), contudo, informações iniciais sobre esse assunto foram identificadas e mais tarde poderão auxiliar no processo de implantação da rede de colaboração.

A proposta de planejamento da rede do contador de histórias baseia-se na abordagem transdisciplinar e, com isso, suas ações devem transpor as barreiras que costumam impedir os diálogos entre as disciplinas e outros campos do conhecimento como o saber popular (que continua alimentando a arte desse narrador contemporâneo) (BICALHO; OLIVEIRA, 2011). Nesse ínterim, por meio das entrevistas (entre diálogos), entendeu-se mais de perto como trabalham e compartilham experiências nos seus territórios de atuação.

Quando pensamos em trabalhar na proposta do modelo da rede desejamos ao longo do processo produzir algo simples e possível de ser colocado em prática. Além disso, idealizamos uma estrutura em que o contador de histórias pudesse livremente estabelecer relações e compartilhar experiências que permeiam seus saberes, fazeres e atitudes. Nesse sentido, a gestão colaborativa apareceu como uma solução para a descentralização das conexões dos narradores, ao buscar nos modelos de grupos de estudos (no campo da extensão e pesquisa universitária) uma arquitetura híbrida e um desenho mais distribuído para as suas conexões centralizadas.

O resultado da pesquisa aponta para o fato de que a rede de colaboração dos contadores de histórias deve ter dois polos: da comunicação presencial que alimenta a sua prática milenar e comunicação virtual que paulatinamente insere esse profissional na sociedade da informação. O histórico do portal *A Roda de Histórias* forneceu exemplos de sucesso e de dificuldade, permitindo repensar a estrutura da rede de colaboração idealizada no decorrer desta investigação. A proposta levantada pelos contadores de histórias também auxiliou no processo de proposição do modelo da rede, na medida em que procuramos pensar que a sua estrutura

deverá ser o mais fácil possível de gerir, bem como, compreenderá encontros presenciais e não apenas o aspecto virtual da rede de comunicação.

A necessidade de sustentar a atividade dos narradores do século XXI perpassa representação gráfica da rede desses sujeitos com todos os seus atributos, o que vai de encontro com uma atuação isolada que não possibilita o compartilhamento das experiências que comumente por eles são vividas. Assim sendo, esse narrador deve adquirir habilidades que conduza a ampliação de sua prática cultural nos territórios de atuação e a produção de conteúdos necessários para uma formação dotada de relevância. Também necessitam de uma mudança de foco, de entendimento e de aceitação de outras perspectivas de aprendizado perante o acesso de redes de colaboração digitais e presenciais, para, assim, fazer fluir uma conexão interativa que permita o compartilhamento de informações de interesse da classe de profissionais.

No atual estágio da pesquisa constata-se que os contadores de histórias são possuidores de habilidades que constituem as suas competências no campo da narrativa e da informação, passíveis de serem compartilhadas em espaços presenciais e virtuais de diversas regiões que os grupos de estudos viabilizarão, porém, que, ainda assim, precisam aprimorar estratégias de busca, acesso e recuperação de informação para uma conexão mais efetiva em redes de cooperação, colaboração e interação.

Os textos e os contextos desta tese de doutoramento, levaram em consideração o fato de que as novas tecnologias tendem a ampliar a conexão entre os contadores de histórias em redes, sejam elas centralizadas, descentralizadas e distribuídas, devendo então o modelo proposto envolver nas diversas fases de planejamento espaços de conexões (presenciais e virtuais) e as potencialidades por elas trazidas. O modelo apresentado, então, caracteriza-se como uma tentativa de estimular a organização de vários grupos de contadores de histórias (profissional, voluntário, etc.) em redes que se mostrem mais distribuídas, o que não elimina a centralidade na estrutura de comunicação.

Envolve também as relações dos atores sociais que já atuam em diversos territórios de informação, educação e cultura e que ainda não foram contactados, presencialmente e virtualmente. A estrutura da rede de colaboração, então, também deverá incluir grupos de contadores de histórias que ainda não foram privilegiados com os benefícios gerados pelas TIC.

Tendo em vista que a maior parte dos sujeitos da pesquisa não participa de redes (presenciais ou virtuais) voltadas para o campo da narrativa oral, preocupar-se em fomentar contextos de acesso e de compartilhamento de informação fortalecerá a competência narrativa em contextos híbridos de comunicação. Desse modo, a organização e apresentação dos dados e análises desta pesquisa não significa finalizar e sim iniciar um processo de discussão coletiva ainda maior em torno dos seus resultados.

A proposição da rede estimula a participação em contextos de busca, avaliação e uso da informação narrativa, assim como, permite o compartilhamento e a produção de conhecimentos voltados para uma área de atuação profissional envolvida em contextos culturais e sociais que, acima de tudo, encontra-se em permanente constituição... Faz-se, então, um convite para um trabalho coletivo que envolve pesquisas contínuas, procura de saberes, formações específicas, planejamentos flexíveis, reflexões constantes, olhares diferenciados, ressignificação de práticas, novas descobertas e muita cooperação. O trabalho não se finda aqui, não é o fim! Ao contrário, é o início da criação da rede de colaboração sob o prisma da transdisciplinaridade, prometendo futuras descobertas para o cenário do contador de histórias capixaba, brasileiro e, por que não colocar, do Mundo?

REFERÊNCIAS

- ALEJANDRO, Velázquez Álvarez; NORMAN, Aguilar Gallegos. **Manual introdutório à análise de redes sociais**: exemplos práticos com UCINET 6.109 e NETDRAW 2.28. 2006. Disponível em: <
http://api.ning.com/files/ib7AWBiwEwSRilCmh7sNfwlCgobUCA5QiUqiZOskSh15AhSOE9XhzcVRUr5JXYapSVS45I5OKOBEjoSvbD-ykrzDOcrBPq7N/Manualintrodutorio_ex_ucinet.pdf>. Acesso em: 10 set. 2015.
- ALMEIDA FILHO, Naomar de. Transdisciplinaridade e o Paradigma Pós-Disciplinar na Saúde. **Saúde e Sociedade**, v.14, n.3, p.30-50, set./dez. 2005. Disponível em: <
<http://www.scielo.br/pdf/sausoc/v14n3/04.pdf>>. Acesso em: 15 mai. 2015.
- AMERICAN LIBRARY ASSOCIATION. **Presidential Committee on Information Literacy**: Final Report. Chicago: ALA, 1989. Disponível em: <
<http://www.ala.org/acrl/publications/whitepapers/presidential>>. Acesso em: 10 mar. 2015.
- ANCIENT Africa: Griots and Storytellers. 2015. [Figura representativa]. Disponível em: <
http://www.ducksters.com/history/africa/griots_storytellers.php>. Acesso em: 10 ago. 2015.
- ARAÚJO, Ana Carolina Lemos; GOMES, Roberta Núbia Soares. No território do era uma vez: tecendo com os fios do contar histórias. In: CONGRESSO INTERNACIONAL DE TECNOLOGIA NA EDUCAÇÃO, 7., 2009, Pernambuco. **Anais...** Pernambuco: SENAC, 2009. p. 7-9. Disponível em: <
<http://www.pe.senac.br/ascom/congresso/anais/2009/AnaisSenac2009.pdf>>. Acesso em: 28 jun. 2015.
- ARROYO, Leonardo. **Literatura infantil brasileira**. São Paulo: Editora Unesp, 2011.
- ASSMANN, Hugo. A metamorfose do aprender na sociedade da informação. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 29, n. 2, p. 7-15, maio/ago. 2000.
- ASSOCIATION OF COLLEGE AND RESEARCH LIBRARIES. **Information Literacy Competency Standards for Higher Education**. Chicago: ACRL/ALA, 2000. Disponível em: <
<http://www.ala.org/acrl/standards/informationliteracycompetency>>. Acesso em: 10 mar. 2015.
- BARAN, Paul. On distributed communications networks. **Communications Systems – IEEE Transactions on**, v.12, n. 1, p. 1-9, 1964.
- BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011.
- BARRETO, Aldo de Albuquerque. A condição da informação. **São Paulo em Perspectiva**, v.16, n.3, p. 67-74, São Paulo, 2002. Disponível em: <
<http://www.scielo.br/pdf/spp/v16n3/13563.pdf>> Acesso em: 16 jun. 2014.
- BARRETO, Aldo de Albuquerque. As tecnoutopias do saber: redes interligando o conhecimento. **DataGramZero**: Revista de Ciência da Informação, v.6, n.6, dez. 2005. Disponível em: <
http://www.dgz.org.br/dez05/Art_01.htm>. Acesso em: 16 jun. 2014.

BASSETTO, Clemliton Luís. **Redes de conhecimento**: espaço de competência em informação nas organizações contemporâneas. Bauru, SP: Ide@ Editora, 2013.

BAYARD, JEAN-PIERRE. **História das lendas**. [S.I.]: Ed Ridendo Castigat Mores, 1957. Disponível em: <http://www.robertao.com.br/biblioteca/literatura/jean%20pierre%20bayard/historia_lendas.pdf>. Acesso em: 16 jun. 2014.

BAÚ de histórias. 2015. Disponível em: <<http://tvratimum.cmais.com.br/baudehistorias>>. Acesso em: 20 ago. 2015.

BEDRAN, Bia. Macaquinho sai daí. 2008. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=9NrOMDp1FSU>>. Acesso em: 21 jul. 2014.

BELLUZZO, Regina Célia Baptista. Competência em informação: vivências e aprendizados. In: BELLUZZO, Regina Célia Baptista; FERES, Glória Georges (Org.). **Competência em informação**: de reflexões as lições aprendidas. SP: FEBAB, 2013. p. 65-80.

BELLUZZO, Regina Célia Baptista. **Construção de mapas**: desenvolvendo competências em informação e comunicação. 2. ed. Bauru, SP: Cá Entre Nós, 2007.

BELLUZZO, Regina Célia Baptista; KOBAYASHI, Maria do Carmo; FERES, Glória Georges. *Information literacy*: um indicador de competência para a formação permanente de professores na sociedade do conhecimento. **Educação Temática Digital**, Campinas, v.6, n.1, p.88-99, dez. 2004. Disponível em: <<http://www.fae.unicamp.br/revista/index.php/etd/article/view/2009/1837>>. Acesso em: 11 dez. 2013.

BENITA Prieto. 2015. Disponível em: <<http://www.benitaprieto.com.br/default.aspx?code=2>>. Acesso em: 30 out. 2015.

BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política**: ensaios sobre literatura e história da cultura. SP: Brasiliense, 1996.

BERNERS-LEE, Tim; HENDLER, James; LASSILA, Ora. The semantic WEB. **Scientific American**, mai. 2001. Disponível em: <<http://www.jeckle.de/files/tblSW.pdf>>. Acesso em: 10 abr. 2012.

BIA Bedran. 2015. Disponível em: <<http://biabedran.com.br/>>. Acesso em: 30 out. 2015.

BICALHO, Lucinéia Maria; OLIVEIRA, Marlene de. Aspectos conceituais da transdisciplinaridade e a pesquisa em Ciência da Informação. **Informação & Sociedade: Estudos**, João Pessoa, v.21, n.2, p. 87-102, maio/ago. 2011. Disponível em: <<http://www.ies.ufpb.br/ojs2/index.php/ies/article/view/9746/5964>>. Acesso em: 30 ago. 2015.

BICALHO, Lucinéia Maria; OLIVEIRA, Marlene de. Transdisciplinaridade nas ciências: o lugar da Ciência da Informação. In: ENCONTRO BRASILEIRO DE ESTUDOS DA COMPLEXIDADE, 1., Curitiba, PR, 2005. **Anais...** Curitiba, PR: PUC Paraná, UFPR e UFSC, 2005.

BOFF, Leonardo. **A águia e a galinha**: a metáfora da condição humana, Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.

BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade** - lembranças de velhos. 3ed. São Paulo: Cia das Letras, 1994. 484p.

BURKE, Peter. **Testemunha ocular**: história e imagem. Bauru, SP: EDUSC, 2004.

BUSATTO, Cléo. **A arte de contar histórias no século XXI**: tradição e ciberespaço. 3. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011a.

BUSATTO, Cléo. **Contar e encantar**: pequenos segredos da narrativa. RJ: Vozes, 2012.

BUSATTO, Cleo. Paiquerê Piquiri Fiieté, o um experimento com as linguagens. In: PRIETO, Benita (Org.). **Contadores de Histórias**: um exercício para muitas vozes. Rio de Janeiro: [s.n.], 2011b.

CACCIOLARI, Neide Aparecida; MATSUDA, Alice Atsuko Matsuda. A importância da contação de histórias para o futuro da leitura literária no século XXI: cibercultura, literatura, escola e novas tecnologias: uma ponte necessária. **Diálogo e interação**, v. 2, 2009. Disponível em: <www.faccrei.edu.br/files/revista/anexo/35/diartigos39.pdf>. Acesso em: 10 dez. 2014.

CANÇÃO do sul. Direção: Harve Foster e Wilfred Jackson. Elenco: James Baskett; Bobby Driscoll; Luana Patten; Glenn Leedy e outros. Roteiro: Bill Peet; Ralph Wright; George Stallings e Joel Chandler Harris. Estados Unidos: Walt Disney Productions, 1946. 1 bobina cinematográfica (94 minutos).

CAMPELLO, Bernadete. **Letramento informacional**: função educativa do bibliotecário na escola. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

CAMPELLO, Bernadete. O movimento da competência informacional: uma perspectiva para para o letramento informacional. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 32, n. 3, p. 28-37, set./dez. 2003.

CARTA DE MARÍLIA. 2014. Disponível em: <http://www.lti.pro.br/userfiles/downloads/CARTA_de_Marilia.pdf>. Acesso em: 30 ago. 2015.

CASA da Stael está com programação especial para o mês das crianças. Vitória, nov./2015. 1 fotografia. Disponível em: <<http://www.vemprocentro.com.br/a-casa-da-stael-esta-com-programacao-especial-para-o-dia-das-criancas/>>. Acesso em: 16 nov. 2015.

CASCUDO, Luís da Câmara. **Lendas brasileiras**. São Paulo: Global, 2003.

CASCUDO, Luís da Câmara. **Literatura Oral no Brasil**. São Paulo: Global, 2006.

CASTELLS, Manuel. **A galáxia da internet**: reflexões sobre a internet, os negócios e a sociedade. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

CASTELLS, Manuel. **A Sociedade em Rede: a era da Informação: Economia, sociedade e Cultura**. São Paulo: Paz e Terra, 2011.

CASTELLS, Manuel . A sociedade em rede: do conhecimento à política. In: CASTELLS, Manuel; CARDOSO, Gustavo (Org.). **A sociedade em rede: do conhecimento à ação política**. Belém, Portugal: Imprensa Nacional, 2005. p. 17-30. Disponível em: <http://www.cies.iscte.pt/destaques/documents/Sociedade_em_Rede_CC.pdf> Acesso em: 18 fev. 2013.

CASTRONOVO, Adela; MARTIGNONI, Alicia. **Caminos hacia el libro: narración y lectura de cuentos**. Buenos Aires: Colihue, 1994.

CERVERÓ, Aurora Cuevas. et al. Instrumentos de aplicação do modelo IDEIAS. In: CERVERÓ, Aurora Cuevas; SIMEÃO, Elmira. **Alfabetização informacional e inclusão digital: modelo de infoinclusão social**. Brasília: Thesaurus, 2011. p. 111-120.

CERVERÓ, Aurora Cuevas. Competencia lectora y alfabetización en información: un modelo para la biblioteca escolar en la sociedad del conocimiento. **Revista Ibero-americana de Ciência da Informação (RICI)**, v.1 n.1, p.3-20, jan./jun. 2008.

CHARTIER, Roger. Do código ao monitor: a trajetória do escrito. **Estudos Avançados**, São Paulo, v..8, n.21, p. 185-199, 1994. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ea/v8n21/12.pdf>>. Acesso em: 11 mar. 2015.

CHARTIER, Roger. “Escutar os mortos com os olhos”. **Estudos avançados**, São Paulo, v. 24, n. 69, p. 7-30, 2010. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ea/v24n69/v24n69a02.pdf>>. Acesso em: 8 ago. 2015.

CLASSIFICAÇÃO BRASILEIRA DE OCUPAÇÕES. Brasília: Ministério do Trabalho e Emprego. 2010. Disponível em: <<http://www.mteco.gov.br/cbsite/pages/home.jsf>>. Acesso em: 15 mar. 2015.

COELHO, Maria do Carmo Pereira. **As narrações da cultura indígena do Amazônia: lendas e histórias**. 2003. 206 f. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2003. Disponível em: <http://www4.pucsp.br/pos/lael/lael-inf/teses/Maria_carmo.pdf>. Acesso em: jun. 2014.

COELHO NETTO, José Teixeira. **O que é ação cultural**. São Paulo: Brasiliense, 2002.

COLASANTI, Marina. **Doze reis e a moça no labirinto do vento**. Rio de Janeiro: Global, 1985.

CONTA Brasil. 2009. Disponível em: <<http://www.contabrasil.org.br/noticias.html>>. Acesso em: 25 ago. 2015.

CORADINE, Márcia; GERLIN, Meri Nadia Marques. **Pássaro de fogo: lendas, contos e cantos**. Vitória, ES: GSA, 2007.

CUSTÓDIO, Daniela Macário. SILVA, José Carlos Plácido da. Design de homepage: a usabilidade na Web. In: MENEZES, Marizilda dos Santos; PASCHOARELLI, Luis Carlos (org.). **Design e planejamento: aspectos tecnológicos**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2009.

DALÍ, Salvador. **A Persistência da Memória**. [2014]. 1 fotografia. Disponível em: <<http://www.infopedia.pt/>>. Acesso em: 24 jun. 2014.

DAVENPORT, Thomas Hayes. **Ecologia da informação: por que só a tecnologia não basta para o sucesso na Era da Informação**. São Paulo: Futura, 1998.

DECLARAÇÃO DE MACEIÓ SOBRE A COMPETÊNCIA EM INFORMAÇÃO. 2011. Disponível em: <http://www.febab.org.br/declaracao_maceio.pdf>. Acesso em: 20 ago. 2014.

DEMO, Pedro. **Habilidades e competências no século XXI**. 3. ed. Porto Alegre: Mediação, 2012.

DIAS, Cláudia Augusto. Portal corporativo: conceitos e características. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 30, n. 1, p. 50-60, jan./abr. 2001. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ci/v30n1/a07v30n1>>. Acesso em: 11 jun. 2015.

DODEBEI, Vera. Memória, circunstância e movimento. In: GONDAR, Jô; DODEBEI, Vera (Org.). **O que é memória social?** RJ: Contra Capa Livraria, 2005.

DOHME, Vania D'Angelo. **Técnicas de contar histórias: um guia para os adultos usarem as histórias como um meio de comunicação e transmissão de valores**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

DUDZIAK, Elisabeth Adriana. Competência Informacional: análise evolucionária das tendências da pesquisa e produtividade científica em âmbito mundial. **Informação & Informação**, Londrina, v. 15, n. 2, p. 1-22, dez. 2010. Disponível em: <<http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/informacao/article/view/7045/6994>>. Acesso em: 05 mar. 2015.

DUDZIAK, Elisabeth Adriana. Information literacy: princípios, filosofia e prática. **Ciência da Informação**, Brasília, DF, v. 32, n. 1, p. 23-35, 2003. Disponível em: <<http://revista.ibict.br/ciinf/index.php/ciinf/article/view/123/104>>. Acesso em: 16 jan. 2014.

EAGLETON, Terry. **A ideia de cultura**. SP: UNESPE, 2005.

ESCRITORA capixaba Silvana Sampaio visita o Darwin. 2015. Disponível em: <<http://www.darwin.com.br/index.php/escritora-capixaba-silvana-sampaio-visita-o-darwin/>>. Acesso em: 30 set. 2015.

ESPÍRITO SANTO, Ruy César do. **Pedagogia da Transgressão: um caminho para o autoconhecimento**. Campinas: Papirus, 1996.

ESPÍRITO SANTO (Estado). Governo do Estado do Espírito Santo. Lei Complementar nº 458. Dispõe sobre a criação do Fundo de Cultura do Estado do Espírito Santo – FUNCULTURA, de 21 de outubro de 2008. **Diário Oficial do Estado do Espírito Santo**,

Vitória, 2008. Disponível em: <http://secult.es.gov.br/_midias/pdf/1723-49c3c40445b5b.pdf>. Acesso em: 11 jul. 2015.

FERNANDES, Ciane. **O Corpo em Movimento: O Sistema Laban/Bartenieff na Formação e Pesquisa em Artes Cênicas**. São Paulo: Annablume, 2006. 400 p.

FLECK, Felícia de Oliveira. O contador de histórias: uma nova profissão? **Encontros Bibli: Revista Eletrônica de Biblioteconomia e Ciência da Informação**, Florianópolis, n. 23, 1º sem. 2007. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/eb/article/view/1518-2924.2007v12n23p216/404>>. Acesso em: 15 out. 2013.

FLECK, Felícia de Oliveira. **A profissionalização do contador de histórias contemporâneo**. 89 f. 2009. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2009.

FLECK, Felícia de Oliveira; CUNHA, Miriam Figueiredo Vieira da. Contadores de histórias: oralidade e escrita. In: ENCONTRO DE PESQUISA EM INFORMAÇÃO E MEDIAÇÃO (II EPIM), 2., Marília, SP, 2015. Anais... Marília, SP: UNESP, UEL, 2015. Disponível em: <<http://gicio.marilia.unesp.br/index.php/IIEPIM/IIEPIM/paper/viewFile/20/40>>. Acesso em: 10 set. 2015.

FÓRUM DE PRÓ-REITORES DE EXTENSÃO DAS UNIVERSIDADES PÚBLICAS BRASILEIRAS. **Extensão Universitária: organização e sistematização**. Manaus, AM: Forproex, 2012.

FRADE e freira. 2013. 1 foto. Disponível em: <<http://jornalismocolaborativo.com/frade-freira/>>. Acesso em: 10 jan. 2014.

FRANCELIN, Marivalde Moacir. Conceitos, domínios do saber e fronteiras epistemológicas. **Revista Digital de Biblioteconomia e Ciência da Informação**, Campinas, v.8, n. 2, p. 172-165, jan./jun. 2011. Disponível em: <http://www.sbu.unicamp.br/seer/ojs/index.php/sbu_rci/article/viewFile/491/333>. Acesso em: 10 jul. 2012.

FRANÇA, Maria Cristina Caminha de Castilhos. Instrumentos para atuar no mundo da vida: a leitura do mundo. In: **Mediadores de leitura na bibliodiversidade**. Porto Alegre: Evangraf, SEAD-UFRGS, 2012.

FREIRE, Paulo. **Ação cultural para a liberdade**. SP: Paz e Terra, 2006.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler: três artigos que se completam**. São Paulo: Cortez, 1997.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 31. ed. São Paulo: Editora Paz e Terra, 2005.

GAB conta outra? 2015. Disponível em: <<http://blogs.gazetaonline.com.br/bloguinho/tag/gab-kruger/>>. Acesso em: 30 set. 2015.

GALLO, Sílvio. Transversalidade e educação: pensando uma educação não-disciplinar. In: ALVES, Nilda; GARCIA, Regina Leite (Org.). **O sentido da escola**. Rio de Janeiro: DP&A, 2000. p.16-39.

GALEANO, Eduardo. **O livro dos abraços**. Porto Alegre: L&PM, 2002.

GALEANO, Eduardo. **Vagamundo**. Porto Alegre: L&PM, 2014. 160 p.

GANCHO, Cândida Vilares. **Como analisar narrativas**. 9. ed. São Paulo: Ática, 2006.

GARCÍA, CARLES. Muitos anos atrás, aconteceu em um lugar distante chamado Europa...! – A arte de contar histórias e a Europa moderna. In: GOMES, Lenice; MORAES, Fabiano (Orgs.). **A arte de encantar: o contador de histórias contemporâneo e seus olhares**. São Paulo: Cortez, 2012. p. 313-333.

GARCÍA-MORENO, Maria Antonia. As tecnologias da informação e comunicação no contexto da alfabetização digital e informacional. In: CERVERÓ, Aurora Cuevas; SIMEÃO, Elmira. **Alfabetização informacional e inclusão digital: modelo de infoinclusão social**. Brasília, DF: Thesaurus, 2011. p. 39-53.

GASQUE, Kelley Cristine Gonçalves Dias. Arcabouço conceitual do Letramento Informacional. **Ciência da Informação**, Brasília, DF, v. 39, p. 83-92, 2011.

GASQUE, Kelley Cristine Gonçalves Dias. **Letramento Informacional: pesquisa, reflexão e aprendizagem**. Brasília, DF: Faculdade de Ciência da Informação, Universidade de Brasília, 2012.

GECHUFES. 2011. Disponível em: <<https://sites.google.com/site/pegechufes/>>. Acesso em: 11 ago. 2014.

GERLIN, Meri Nadia Marques. **Fiando textos e contextos: A narrativa tece o trabalho de professores em bibliotecas escolares**, 2006. 141 f. Dissertação (mestrado) – Centro de Educação, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2006.

GERLIN, Meri Nadia Marques. Ideias e Práticas em informação, educação e cultura. In: Congresso Brasileiro de Biblioteconomia, Documentação e Ciência da Informação, 24., 2011, Maceió, AL. **Anais...** Maceió, AL: FEBAB, 2011. Disponível em: <<http://febab.org.br/congressos/index.php/cbbd/xxiv/paper/view/618/247>>. Acesso em: jun. 2014.

GERLIN, Meri Nadia Marques. A informação contida nas lendas capixabas: o trabalho com a competência leitora tendo como aporte a oralidade da Região Metropolitana da Grande Vitória (ES). In: DUQUE, Cláudio Gottschalg (Org.). **Ciência da informação: estudos e práticas**. Brasília: Thesaurus, 2015,

GERLIN, Meri Nadia Marques. O pilão assombrado. In: CORADINE, Márcia; GERLIN, Meri Nadia M. **Pássaro de fogo: lendas, contos e cantos**. Vitória, ES: GSA, 2007a.

GERLIN, Meri Nadia Marques. A raposa e a cegonha. In: CORADINE, Márcia; GERLIN, Meri Nadia M. **Pássaro de fogo: lendas, contos e cantos**. Vitória, ES: GSA, 2007b.

GERLIN, Meri Nadia Marques. Relatório das atividades do Projeto de Extensão Ideias e Práticas em Informação, educação e cultura. Departamento de Biblioteconomia/Pró-Reitoria de Extensão da Ufes, 2013.

GERLIN, Meri Nadia Marques; ROSEMBERG, Dulcinea Sarmiento. As lendas capixabas no ambiente virtual e a produção de competência leitora na escola e no mundo. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO - ENANCIB, 13., 2012, Rio de Janeiro, RJ. **Anais...** Rio de Janeiro: ENANCIB, 2012. Disponível em: <http://repositorios.questoesemrede.uff.br/repositorios/bitstream/handle/123456789/1330/Gerlin_Rosemberg.pdf?sequence=1>. Acesso em: jun. 2014.

GERLIN, Meri Nadia Marques; SIMEÃO, Elmira Luzia Melo Soares. No balanço das redes dos contadores de histórias: a identificação das competências em informação dos narradores contemporâneos. **DataGramZero**: Revista de Informação, v.16, n.2, abr. 2015. Disponível em: <http://www.datagramazero.org.br/abr15/Art_01.htm>. Acesso em: 12 abr. 2015.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed.- São Paulo: Atlas, 2009.

GOMES, Lenice. Cantares e contares: brincadeiras faladas – A arte de contar histórias e as brincadeiras faladas. In: GOMES, Lenice; MORAES, Fabiano (Org.). **A arte de encantar: o contador de histórias contemporâneo e seus olhares**. São Paulo: Cortez, 2012. p. 23-39.

GONDAR, Jô. Quatro proposições sobre memória social. In: GONDAR, Jô; DODEBEI, Vera (Orgs.). **O que é memória social?** RJ: Contra Capa Livraria, 2005.

GRUMAN, Marcelo. Nem tanto ao céu, nem tanto a terra: limites e possibilidades da lei de incentivo fiscal à cultura. **Revista Espaço Acadêmico**, n. 107, abr. 2010. Disponível em: <<http://eduem.uem.br/ojs/index.php/EspacoAcademico/article/viewArticle/9332>>. Acesso em: 27 jul. 2015.

GRUPO Hannah Contadores de Histórias. 2014. Disponível em: <<http://hannahcontadoresdehistoria.blogspot.com.br/p/oficinas.html>>. Acesso em: 20 jun. 2014.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Centauro, 2013.

HORTON JUNIOR, Floresta Woody. **Understanding Information Literacy: a primer**. Paris: Information Society Division, Communication And Information Sector, 2007. (UNESCO Information for All Programme). Disponível em: <<http://www.uis.unesco.org/Communication/Documents/157020E.pdf>>. Acesso em: 10 mar. 2015.

HORTON JUNIOR, Floresta Woody. **Overview of Information Literacy Resources Worldwide**. Paris: Information Society Division, Communication And Information Sector, 2013. (UNESCO Information for All Programme). Disponível em: <http://www.unesco.org/new/fileadmin/MULTIMEDIA/HQ/CI/CI/pdf/news/overview_info_lit_resources.pdf>. Acesso em: 10 mar. 2015.

INTERNATIONAL FEDERATION OF LIBRARY ASSOCIATIONS AND INSTITUTIONS. **Faróis da Sociedade da**

Informação: Declaração de Alexandria sobre Competência Informacional e Aprendizado ao Longo da Vida. Alexandria: IFLA, 2005. Disponível em: <<http://www.ifla.org/files/assets/wsis/Documents/beaconinfosoc-pt.pdf>>. Acesso em: 03 mar. 2015.

JAPIASSÚ, Hilton; MARCONDES, Danilo. **Dicionário básico de filosofia**. 3. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001.

JAPIASSÚ, Hilton. **Interdisciplinaridade e patologia do saber**. Rio de Janeiro: Imago, 1976. 221 p.

JOHNSON, J. David. **Gestão de redes de conhecimento**. São Paulo: Editora Senac, 2011.

KNIHS, Everton; ARAÚJO JÚNIOR, Carlos Fernando de. Cooperação e colaboração em ambientes virtuais e aprendizagem matemática. In: Congresso de Leitura do Brasil, 16., 2007, Campinas, SP, **Anais...** Campinas, SP: ALB/UNICAMP, 2007. Disponível em: <http://alb.com.br/arquivo-morto/edicoes_anteriores/anais16/sem15dpf/sm15ss10_02.pdf>. Acesso em: 30 out. 2015.

LANZI, Lucirene Andréa Catini. Do papel às TIC: o dinamismo da contação de histórias através do viés digital. **Biblios**: Revista do Instituto de Ciências Humanas e da Informação, v. 26, n.2, p. 31-46. Jul./dez. 2012.

LANGDON, Ester Jean. A fixação de narrativa: do mito para a poética de literatura oral. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, ano 5, n. 12, p. 13-36, dez. 1999. Disponível em: <<http://www.ufrgs.br/ppgas/ha/pdf/n12/HA-v5n12a02.pdf>>. Acesso em: 10 ago. 2014.

LARA FILHO, Durval. O fio de Ariadne e a arquitetura da informação na WWW. **DataGramZero**: Revista de Ciência da Informação, v. 4, n. 6, dez. 2003. Disponível em: <http://www.dgz.org.br/dez03/Art_02.htm>. Acesso em: abr. 2012.

LE COADIC, Yves-François. **A ciência da informação**. Brasília: Briquet de Lemos, 2004.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. Campinas, São Paulo: Editora UNICAMP, 1990.

LEI Rouanet. 2015. Disponível em: <http://www.incentivecultura.com.br/?page_id=250>. Acesso em: 10 ago. 2015.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. São Paulo: Editora 34, 2010. 270 p.

LÉVY, Pierre. **O que é virtual?** São Paulo: Editora 34, 2011. 160p.

LIMA, Eduardo. **O contador de histórias**. Portal Artclub. 2014. 1 fotografia. Disponível em: <<https://www.artclub.com.br>>. Acesso em: 24 jun. 2014.

LISBOA, Henriqueta. **Literatura oral para a infância e a juventude**: lendas, contos e fábulas populares no Brasil. São Paulo: Peirópolis, 2002.

LÓPEZ, Pedro López; SAMEK, Toni. Inclusão digital: um novo direito humano. In: CERVERÓ, Aurora Cuevas; SIMEÃO, Elmira. Alfabetização informacional e inclusão digital: modelo de infoinclusão social. Brasília: Thesaurus, 2011. p. 21-37.

LUCIA Fidalgo. [2011?]. Disponível em: < <http://www.luciafidalgo.com/biografia/default.asp> >. Acesso em: 30 out. 2015.

MACHADO, Leila Domingues. Subjetividades contemporâneas. In: BARROS, Maria Elizabeth Barros de. **Psicologia: questões contemporâneas**. Vitória: EDUFES, 1999.

MANIFESTO DE FLORIANÓPOLIS SOBRE A COMPETÊNCIA EM INFORMAÇÃO E AS POPULAÇÕES VULNERÁVEIS E MINORIAS. 2013. Disponível em: <http://www.lti.pro.br/userfiles/downloads/MANIFESTO_de_Florianopolis.pdf>. Acesso em: 20 ago. 2014.

MAROTO, Lucia Helena. **Biblioteca escolar, eis a questão!** Do espaço do castigo ao centro do fazer educativo. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

MATOS, Gislayne Avelar. **A palavra do contador de histórias: sua dimensão educativa na contemporaneidade**. São Paulo: Martins Fontes, 2014.

MATOS, Gislayne Avelar; SORSY, Inno. **O ofício do contador de histórias: perguntas e respostas, exercícios práticos e um repertório para encantar**. São Paulo: Editora: WMF Martins Fontes, 2009.

MCGARRY, Kevin. **O contexto dinâmico da informação**. Brasília: Briquet de Lemos, 1999.

MENSAGEM pra você (You've Got Mail). Direção: Nora Ephron. Elenco: Dave Chappelle; Gerg Kinnear; Jean Stapleton; Meg Ryan; Parker Posey; Steve Zahn; Tom Hanks e outros. Roteiro: Delia Ephron, Miklós László e Nora Ephron. EUA: [s.n.], 1998. (119 minutos).

MINISTÉRIO DO TRABALHO E EMPREGO. Classificação Brasileira das Ocupações. 2010. Disponível em: <<http://www.mtecbo.gov.br>>. Acesso em: 22 ago. 2015.

MIRANDA, Antonio Lisboa Carvalho de; SIMEÃO, Elmira Luzia Melo Soares. Da comunicação extensiva ao hibridismo da animaverbivocovisualidade. In: **Informação & Sociedade: Estudos**, Paraíba, v. 24, n. 3, p.49-62, set./dez. 2014. Disponível em:<<http://www.ies.ufpb.br/ojs/index.php/ies/article/view/19075>>. Acesso em: 25 mar. 2015.

MOACYR Scia. 2013. Disponível em: < <http://www.scliar.org> >. Acesso em: 30 out. 2015.

MONTENEGRO, Oswaldo. Sempre não é todo dia. Disponível em: < <http://letras.mus.br/oswaldo-montenegro/47887/> >. Acesso em: 10 jul. 2014.

MORAES, Fabiano. **Contar histórias: a arte de brincar com as palavras**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

MORAES, Fabiano. 2015. Disponível em: <<http://professorfabianomoraes.blogspot.com.br/>>. Acesso em: 20 set. 2015.

MORIN, Edgar. **A cabeça bem feita**: repensar a reforma, reformar o pensamento. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.

MUELLER, Suzana Pinheiro Machado. Literatura Científica, Comunicação Científica e Ciência da Informação. In: TOUTAIN, Lídia Maria Batista Brandão (org.). Para entender a ciência da informação. Salvador: EDUFBA. 2007. p. 125 a 144.

MUNCH, Edvard. **O Grito**. 2015. 1 fotografia. Disponível: <https://es.wikipedia.org/wiki/El_grito>. Acesso em: 29 set. 2015.

MURRAY, Janet Horowitz. **Hamlet no holodeck**: o futuro da narrativa no ciberespaço. São Paulo: Editora UNESP, Itaú Cultural, 2003.

NARRADORES de Javé. Direção: Eliane Caffé. Elenco: José Dumont; Matheus Machtergaele; Néelson Dantas; Néelson Xavier e outros. Roteiro: Luiz Alberto de Abreu; Eliane Caffé. Brasil: Bananeira Filmes; Gullane Filmes; Laterit Productions, 2003. 1 bobina cinematográfica (100 minutos).

NEVES, Luiz Guilherme Santos. **Breviário do folclore capixaba**. Vitória, ES: Cultura, 2009.

NICOLESCU, Basarab. **O manifesto da transdisciplinaridade**. São Paulo: Triom, 1999. p. 49-65.

NORRIS, Sigrid. **Analyzing multimodal interaction**: a methodological framework. EUA: Taylor & Francis e-Library, 2004.

NOVAES, Maria Stella de. **Lendas capixabas**. São Paulo: FTD, 1968. 162 p.

NKAMA, Boniface Ofogo. Arte de contar histórias na África: entre o mito a ponte e a realidade – A formação do contador de histórias na África. In: GOMES, Lenice; MORAES, Fabiano (Orgs.). **A arte de encantar**: o contador de histórias contemporâneo e seus olhares. São Paulo: Cortez, 2012. p. 247-267.

OLIVEIRA, Carmen Irene Correia de; ORRICO, Evelyn Gonçalves Dill. Memória e discurso: um diálogo promissor. In: GONDAR, Jô; DODEBEI, Vera (Org.). **O que é memória social?** RJ: Contra Capa Livraria, 2005. p. 73-87.

OLIVEIRA, Djalma de Pinho Rebouças de. **Planejamento estratégico**: conceitos, metodologia e práticas. São Paulo: Atlas, 2008.

OLIVEIRA, Zilma Ramos de. **Educação infantil**: fundamentos e métodos. São Paulo: Cortez, 2002.

ONCE Upon a Time. 2015. Disponível em: <[https://pt.wikipedia.org/wiki/Once_Upon_a_Time_\(s%C3%A9rie_de_televis%C3%A3o\)](https://pt.wikipedia.org/wiki/Once_Upon_a_Time_(s%C3%A9rie_de_televis%C3%A3o))>. Acesso em: 10 jun. 2015.

ONG, Walter. **Oralidade e cultura escrita**: a tecnologização da palavra. Campinas: Papirus, 1998.

PERRENOUD, Philippe. **Dez novas competências para ensinar**. Porto Alegre: Artes Médicas, 2000.

PINHEIRO, Lena Vânia Ribeiro. Pilares conceituais para mapeamento do território epistemológico da ciência da informação: disciplinaridade, interdisciplinaridade, transdisciplinaridade e aplicações. In: Virgínia Bentes Pinto; Lídia Eugênia Cavalcante; Casemiro Silva Neto (Orgs.). **Ciência da Informação: abordagens transdisciplinares, gêneses e aplicações**. Fortaleza: Edições UFC. 2007. p. 71-104.

PINHEIRO, Lena Vânia Ribeiro. Campo interdisciplinar da Ciência da Informação: fronteiras remotas e recentes. In: _____. **Ciência da Informação, Ciências Sociais e interdisciplinaridade**. Brasília: IBICT, 1999. p.155-182.

PINHEIRO, Lena Vania Ribeiro; Loureiro, José Mauro Matheus. Traçados e limites da ciência da informação. **Ciência da Informação**, v. 24, n. 1, 1995. Disponível em: <http://revista.ibict.br/ciinf/index.php/ciinf/article/view/531/483>. Acesso em: mai. 2012.

PINTO, Virgínia Bentes. Interdisciplinaridade na Ciência da Informação: aplicabilidade sobre a representação indexal. In: Virgínia Bentes Pinto; Lídia Eugênia Cavalcante; Casemiro Silva Neto (Org.). **Ciência da Informação: Abordagens Transdisciplinares, Gêneses e Aplicações**. Fortaleza: Edições UFC. 2007.

POMBO, Olga. Interdisciplinaridade e integração dos saberes. **Liinc em Revista**, v.1, n.1, p. 13-14, mar. 2005. Disponível em: <http://revista.ibict.br/liinc/index.php/liinc/article/viewFile/186/103>>. Acesso em: 20 mar. 2012.

POUZADOUX, Claude. **Contos e lendas da mitologia grega**. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

PROJETO Colorir. 2015. Disponível em: < <http://www.projetocolorir.org/>>. Acesso em: 30 set. 2015.

RAMOS, Anália Cristina Pereira. A sequência didática no ensino da língua portuguesa por meio da fotonovela: um estudo do gênero narrativo que emprega as novas tecnologias digitais. 33 f. 2011. Monografia (Conclusão de Curso). Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, 2011. Disponível em: < http://www.rededosaber.sp.gov.br/portais/Portals/84/docs/tcc/REDEFOR_1ed_TCC_An%C3%A1lia%20Cristina%20Pereira%20Ramos.pdf>. Acesso em: jul. 2014.

RECUERO, Raquel. **Redes sociais na internet**. Porto Alegre: Sulina, 2009.

RED Internacional de Cuentacuentos. [2015?]. Disponível em: < <http://www.cuentacuentos.eu/index.htm> >. Acesso em: 14 mai. 2014.

RIBEIRO, Ana Elisa. Percepções de adultos e crianças (ainda) analfabetos sobre multimodalidade e discurso visual em jornais impressos. In: Cláudio Gottschalg Duque (Org.). **Ciência da Informação estudos e práticas**. Brasília: THESAURUS, 2012.

ROBERTO Carlos. 2015. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Roberto_Carlos_Ramos>. Acesso em: 30 out. 2015.

ROBERTO de Freitas – contador de histórias. 2008. Disponível em: <<http://www.redacaocriativa.com.br/roberto-de-freitas-contador-de-historias.html>>. Acesso em: 30 out. 2015.

RODRIGO Campaneli. [2007?]. Disponível em: <http://www.morrodomoreno.com.br/site_2011_bkp/rodrigo.htm>. Acesso em: 30 out. 2015.

SANCHCHEZ VÁZQUEZ, Adolfo. **Filosofia da práxis**. Buenos Aires: Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales, 2007. Disponível em:<<http://pt.scribd.com/doc/78898381/Vasquez-Filosofia-Da-Praxis#scribd>>. Acesso em: 06 jul. 2015.

SANTIS, Ana Júlia Gaiani de; CARMELINO, Ana Cristina. O feminino e o imaginário popular: discurso e ideologia nas lendas brasileiras. **Diálogos Pertinentes - Revista Científica de Letras**, São Paulo, v. 7, n. 1, p.31-58, jan./jun. 2011.

SANTOS, Boaventura de Souza. **Um discurso sobre as ciências**. 7. ed. São Paulo: Cortez, 2010.

SERRA (ES). Prefeitura. Decreto nº 11.089/99. Regulamenta a concessão de incentivo prevista na Lei Municipal de nº 2204/99 que dispõe sobre o Projeto Cultural “CHICO PREGO”. Serra, 1999. Disponível em: <<http://www.serra.es.gov.br/site/download/1434045459763-R.pdf>>. Acesso em: 11 jul. 2015.

SILVA, Maria Betty Coelho. **Contar histórias: uma arte sem idade**. 10. ed. São Paulo: Ática, 1999.

SILVEIRA, Maria Inez Matoso. **Análise de gênero textual: concepção sócio-retórica**. Maceió: EDUFAL, 2005.

SIMEÃO, Elmira Luzia Melo Soares. **Comunicação extensiva e informação em rede**. Brasília: UnB, DCID, 2006.

SIMEÃO, Elmira Luzia Melo Soares; MELO, Cristiano Oliveira. Alfabetização em informação para a capacitação do agente comunitário de saúde no Brasil: proposta de mediação baseada no modelo extensivo e colaborativo. **RECIIS – R. Eletr. de Com. Inf. Inov. Saúde.**, Rio de Janeiro, v.3, n.3, p.58-66, set., 2009.

SIMEÃO, Elmira Luzia Melo Soares; PROENÇA, Déborah. Oficinas de Alfabetização em Informação no contexto da saúde coletiva: explicações sobre a proposta e resultados de sua implementação em Sobradinho. In: CERVERÓ, Aurora Cuevas; SIMEÃO, Elmira. **Alfabetização informacional e inclusão digital: modelo de infoinclusão social**. Brasília: Thesaurus, 2011. p. 121-141.

SISTO, Celso. O griô que eu não sou e as histórias africanas que me enredam – as histórias africanas: uma herança viva. In: GOMES, Lenice; MORAES, Fabiano (Orgs.). **A arte de**

encantar: o contador de histórias contemporâneo e seus olhares. São Paulo: Cortez, 2012a. p. 269-291.

SISTO, Celso. **Textos e pretextos sobre a arte de contar histórias**. Belo Horizonte: Aletria, 2012b.

SOARES, Magna. Alfabetização e letramento, caminhos e descaminhos. **Revista Pátio**, p. 96-100, fev. 2004. Disponível em:

<<http://www.acervodigital.unesp.br/bitstream/123456789/40142/1/01d16t07.pdf>>. Acesso em: 30 out. 2015.

SOUZA, Maria da Paixão Neres de. Abordagem inter e transdisciplinar em ciência da informação. In: TOUTAIN, Lídia Maria Batista Brandão (Org.). **Para entender a Ciência da Informação**. Salvador: EDUFBA, 2007.

TÁLAMO, Maria de Fátima Gonçalves Moreira; SMIT, Johanna Wilhelmina. Ciência da Informação: a transgressão metodológica. In: Virgínia Bentes Pinto; Lídia Eugênia Cavalcante; Casemiro Silva Neto (Org.). **Ciência da Informação**: abordagens transdisciplinares, gêneses e aplicações. Fortaleza: Edições UFC. 2007a.

TÁLAMO, Maria de Fátima Gonçalves Moreira; SMIT, Johanna Wilhelmina. Ciência da Informação: pensamento informacional e integração disciplinar. **Brazilian Journal of Information Science**, v.1, n.1, p.33-57, jan./jun. 2007b. Disponível em: <<http://www.bjis.unesp.br/>>. Acesso em: 20 jul. 2012.

TFOUNI, Leda Verdiani. **Letramento e alfabetização**. SP: Cortez, 2010.

THOMPSON, Paul. **A voz do passado**: história oral. RJ: Paz e Terra, 1992.

TOMANIK, Eduardo Augusto. **O olhar no espelho**: conversas sobre a pesquisa em Ciências Sociais. Maringá: Eduem, 2004.

TRICOTANDO palavras. 2014. Disponível em: <<http://tricotandopalavras.com.br/>>. Acesso em: ago. 2014.

UGARTE, David. **O poder das redes**: manual ilustrado para pessoas, organizações e empresas, chamadas a praticar o ciberativismo. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2008. Disponível em: <<http://pt.scribd.com/doc/23701745/O-Poder-das-Redes-David-de-Ugarte>>. Acesso em: 24. fev. 2015.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO. [2013?]. Departamento de Biblioteconomia. Disponível em: <<http://www.biblioteconomia.ufes.br/>>. Acesso em: 21 abr. 2014.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO. Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação. Vitória, [2008-2013?]. Disponível em: <<http://www.prppg.ufes.br/grupos-de-pesquisa-cnpqfes>>. Acesso em: 15 set. 2015.

VALENTIM, Marta Ligia Pomim. Gestão da informação e do conhecimento em unidades e serviços de informação. Florianópolis, 2013. 26 slides, color. Disponível em: <<http://pt.slideshare.net/FEBAB/gesto-da-informao-e-do-conhecimento-em-unidades-e-servios-de-informao>>. Acesso em: 17 mar. 2014.

VALENTIM, Marta Ligia Pomim. Inteligência competitiva nas organizações: dados, informação e conhecimento. **DataGramZero**: Revista de Ciência da Informação, v.3, n.4, ago, 2002. Disponível em: <http://www.dgz.org.br/ago02/Art_02.htm>. Acesso em: ago. 2014.

VIAGEM pela literatura celebra 20 anos em clima de nostalgia e emoção. 2014. Disponível em: <<http://www.vitoria.es.gov.br/noticia/viagem-pela-literatura-celebra-20-anos-em-clima-de-nostalgia-e-emocao-16296>>. Acesso em: 30 out. 2015.

YUNES, Eliana. Contar para ler: a arte de contar histórias e as práticas de leitura. In: GOMES, Lenice; MORAES, Fabiano (Org.). **A arte de encantar**: o contador de histórias contemporâneo e seus olhares. São Paulo: Cortez, 2012. p. 59-77.

ZURKOWSKI, Paul G. The Information Service Environment Relationships and Priorities: related paper nº 5. Washington: National Commission on Libraries and Information Science, DC, National Program for Library and Information Services, 1974. Disponível em: <<http://files.eric.ed.gov/fulltext/ED100391.pdf>>. Acesso em: 05 mar. 2015.

APÊNDICES

APÊNDICE A – INDICADORES DE PERFIL E CONTEXTO DAS COMPETÊNCIAS DOS CONTADORES DE HISTÓRIAS DE BRASÍLIA (1ª FASE, PRÉ-TESTE)

Objetivos: compartilhar experiências vividas pelos contadores de histórias conectados em rede, assim como, identificar as competências necessárias para a manutenção da sua arte na contemporaneidade.

1.PERFIL

1.1 Nome completo:

1.2 Idade:

() até 20 anos () até 50 anos () mais de 50 anos

1.3 Sexo:

() masculino () feminino

1.4 Formação:

() não frequentei a escola

() primeiro grau incompleto (até a 4ª série)

() primeiro grau completo (até a 8ª série)

() segundo grau incompleto

() segundo grau completo

() superior incompleto

() superior completo

() pós-graduação incompleta

() pós-graduação completa: () especialização () mestrado () doutorado

1.5 Atua como contador de histórias? () SIM () NÃO

1.6 Sou contador desde:

1.7 Em que instituições atua/atuou como contador?

1.8 Exerce outra profissão? () SIM () NÃO

Qual?

1.9 Recebeu algum tipo de formação na área da contação de histórias? () SIM () NÃO

Que tipo de formação?

2.CONTEXTO

2.1 CATEGORIA INCLUSÃO DIGITAL

2.1.1 Assinale os tipos de equipamentos (suportes) utiliza para ter acesso a redes digitais:

() telefone fixo;

() telefone celular;

() tablet;

() aiped;

() tv digital;

() computador de mesa;

() notebook;

() outros. Escreva quais:

2.1.2 Utiliza algum tipo de mídia social para comunicar-se em rede e se utiliza com que intensidade?

() não uso;

() uma vez por semana;

() uma vez por dia;

() várias vezes por dia;

Quais?

2.1.3 Faz uso das aplicações de acesso a internet?

SIM NÃO

Se respondeu sim assinale quais aplicações costuma utilizar:

- correio eletrônico (gmail, hotmail, yahoo e outros);
- mensagens instantâneas (messenger, skype e outros);
- chats;
- foros;
- navegador (explore, mozilla; google e/ou outros);
- outras indicações:

2.1.4 Em relação ao uso das ferramentas de busca e recuperação da informação, responda:

Acessa a internet para buscar a informação? SIM NÃO

2.1.5 Caso a resposta anterior seja negativa, indique algumas razões por que não busca a informação na internet:

- não sei como se busca;
- não sei o que posso buscar;
- não sei onde e como buscar;
- não tenho a possibilidade de me conectar;
- até o momento não necessitei buscar a informação na internet;

2.1.6 Caso a sua resposta tenha sido positiva, marque os recursos que comumente utiliza para pesquisar na internet:

- google e/ou outros buscadores;
- bibliotecas virtuais;
- periódicos e revistas digitais;
- páginas webs institucionais;
- blogs;
- wikipedia ou outros wikis;
- redes sociais (orkut; facebook; linkedin e outras);

2.2 CATEGORIA INCLUSÃO INFORMACIONAL

2.2.1 Seleciona a informação por grau de importância em função de seus objetivos?

SIM NÃO

2.2.2 Consegue detectar as palavras chaves ou aquelas que são mais importantes para definir o conteúdo do texto? SIM NÃO

2.2.3 Que critérios utiliza para verificar a qualidade das fontes e dos conteúdos de informação?

- autoria;
- tipo de fonte;
- atualidade;
- cobertura;
- acessibilidade;
- Outros:

2.2.4 Se considera capaz de localizar a informação que necessita na internet? SIM NÃO

2.2.5 Organiza o conteúdo dos documentos informativos (palestras, artigos, apresentações, etc.) para os seus pares? SIM NÃO

2.2.6 Trabalha coletivamente na produção de novos arquivos? SIM NÃO

Se respondeu sim especifique:

- fotos;
- textos;
- som;
- vídeo;

multimídia;

2.3 CATEGORIA NARRATIVA ORAL

2.3.1 Participa de alguma comunidade virtual ou presencial de aprendizagem voltada para a arte de narrar histórias? SIM NÃO

Qual?

2.3.2 Usa a internet para divulgar informação atualizada de interesse dos contadores de histórias?

SIM NÃO

2.3.3 Compartilha algum tipo de informação multimídia (com som, texto e imagem) na internet ou utilizando algum outro tipo de mídia? SIM NÃO

Que tipo de mídia?

2.2.4 O acesso a internet possibilita buscar informações relacionadas com a narrativa oral?

SIM NÃO

Caso tenha respondido sim, especifique que tipo de informações relevantes costuma encontrar e que auxilia/auxiliou no processo de narração de histórias?

2.3.5 Compartilha com outras pessoas as tecnologias que você conhece e utiliza voltadas para a narrativa oral? SIM NÃO

2.3.6 Considera importante o acesso a informação nas redes digitais para a prática de narrador de histórias? SIM NÃO

SIM NÃO

Se respondeu sim avalie como as redes sociais auxiliam na sua prática, ordenando, para isso, de 1 a 4 em ordem crescente, ao considerar que 1 é o menos importante e 4 o mais importante:

para melhorar a sua prática como contador de histórias;

para legitimar a sua prática como contador de histórias;

para contribuir para o reconhecimento dessa prática;

para divulgar a sua prática como contador de histórias.

Por fim, agradecemos a sua participação na pesquisa. Caso tenha alguma sugestão para melhorar esse instrumento de pesquisa escreva no espaço a seguir:

APÊNDICE B - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIMENTO (1ª FASE)

Brasília (DF), 08 de novembro de 2013.

Em cumprimento ao protocolo de pesquisa apresenta-se o termo de consentimento e livre esclarecimento, com a finalidade de garantir a sua participação na pesquisa realizada no seminário *No balanço das redes dos contadores de histórias*, tendo como objetivos compartilhar experiências vividas pelos contadores de histórias conectados em rede, assim como, identificar as competências necessárias para a manutenção da sua arte na contemporaneidade. Convém informar que a investigação é de responsabilidade da pesquisadora Meri Nadia Marques Gerlin, docente do Departamento de Biblioteconomia da Universidade do Espírito Santo e discente do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação (PPGCIInf) da UnB, sob a orientação da profª Drª Elmira Simeão. Para isso, utilizam-se *indicadores de perfil e contexto para identificar as competências necessárias aos contadores de histórias de Brasília conectarem em redes sociais*. Ao assumir o compromisso de tratar os dados colhidos de forma ética, garante-se a não identificação dos participantes e, por conseguinte, ao término da pesquisa o compromisso de divulgar os resultados. Caso não seja de sua vontade participar da pesquisa, não assine o documento em anexo.

Pesquisador: _____

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIMENTO

ASSINATURA DOS CONTADORES DE HISTÓRIAS PARTICIPANTES DA PESQUISA:

1. _____
2. _____
3. _____
4. _____
5. _____
6. _____
7. _____
8. _____
9. _____
10. _____
11. _____
12. _____
13. _____
14. _____
15. _____
16. _____
17. _____
18. _____
19. _____
20. _____

APÊNDICE C – INDICADORES DE PERFIL E CONTEXTO DAS COMPETÊNCIAS DOS CONTADORES DE HISTÓRIAS DO ESTADO DO ESPÍRITO SANTO (2ª FASE, QUESTIONÁRIO)

Objetivo: Identificar competências narrativas e em informação que os contadores de histórias possuem e aquelas que lhes são necessárias para uma conexão colaborativa na sociedade da informação.

A - INDICADORES DO PERFIL PROFISSIONAL

1 CATEGORIA DADOS PESSOAIS E PROFISSIONAIS

1.1 Nome completo:

1.2 Idade: () ATÉ 20 ANOS () ATÉ 50 ANOS () MAIS DE 50 ANOS

1.3 Sexo: () FEMININO () MASCULINO

1.4 Quando se iniciou na arte de contar histórias (informar século e ano)?

1.5 Na atualidade desenvolve atividades relacionadas com a contação de histórias? () SIM () NÃO

1.6 Assinale a sua ligação profissional com a área da contação de histórias:

- () PROFISSIONAL REMUNERADO e/ou () PROFISSIONAL VOLUNTÁRIO

- () NARRADOR () FORMADOR () PESQUISADOR () OUTRAS. Especifique quais são:

1.7 Exerce atividades/profissões paralelas relacionadas (ou não) com a contação de histórias? () SIM () NÃO.

Cite as outras atividades e profissões paralelas e em que instituições costuma desenvolvê-las:

2 CATEGORIA FORMAÇÃO PROFISSIONAL

2.1 Assinale os níveis de formação formal que obteve ao longo da vida:

- Ensino médio: () normal completo () normal incompleto () profissionalizante completo () profissionalizante incompleto

- Ensino superior: () completo () incompleto

- Nível da pós-graduação: () especialização completa () especialização incompleta () mestrado incompleto () mestrado completo () doutorado incompleto () doutorado completo

2.2 Ao longo do seu processo de formação foi influenciado por narradores tradicionais de sua família e/ou do seu círculo de amizade? () SIM () NÃO

2.3 Recebeu formação específica para atuar na área da contação de histórias? () SIM () NÃO

2.4 Se a resposta for sim de que atividades/espços de formação participou? () CURSO () OFICINA () GRUPO DE DISCUSSÃO () SEMINÁRIO () CONGRESSO () OUTRAS ATIVIDADES. Especifique as outras atividades:

2.5 Que instituições forneceram espaços para a sua formação na área da narrativa oral? () LIVRARIA () ESCOLA () UNIVERSIDADE () PROGRAMA INSTITUCIONAL () OUTRAS INSTITUIÇÕES. Cite as outras instituições:

2.6 O espaço virtual forneceu algum tipo de auxílio no processo de sua formação? () SIM () NÃO

B - INDICADORES DO CONTEXTO DE ATUAÇÃO

1 CATEGORIA ATUAÇÃO CULTURAL

1.1 Possui algum tipo de conhecimento da área de gestão cultural? () SIM () NÃO

1.2 Você mesmo agencia/administra o seu trabalho cultural? () SIM () NÃO

1.3 Busca o apoio de sujeitos em instituições públicas e/ou privadas para o agenciamento do seu trabalho cultural? () SIM () NÃO

1.4 Costuma dialogar com profissionais/sujeitos de outras áreas de atuação para o desenvolvimento do seu trabalho cultural? () SIM () NÃO

1.5 De maneira geral como avalia o seu relacionamento com pares, público e apoiadores do trabalho cultural? () ÓTIMO () BOM () REGULAR () RUÍM

1.6 Costuma desenvolver o trabalho narrativo no espaço virtual? () SIM () NÃO.

1.7 Como caracteriza a atividade cultural que desenvolve nas instituições capixabas em que atua? () ANIMAÇÃO CULTURAL () AÇÃO CULTURAL () OUTRA DENOMINAÇÃO. Especifique:

ANIMAÇÃO CULTURAL

- () o processo de planejamento, criação e desenvolvimento das atividades narrativas é realizado apenas por você;
- () as atividades desenvolvidas se resumem apenas em práticas diversionistas;
- () os aspectos relacionados com a memória são apenas seus;
- () na ação de recordar do momento narrativo impera apenas o seu ponto de vista.

AÇÃO CULTURAL

- () as atividades que você planeja e desenvolve possibilitam a intervenção do coletivo;
- () a elaboração do planejamento também pode ser de responsabilidade do coletivo;
- () além de diversão a atividade narrativa possibilita o desenvolvimento de práticas reflexivas possíveis de gerar transformações;
- () as lembranças evocadas pela narrativa também podem se constituir como manifestações do coletivo;
- () na ação de recordar impera não apenas o seu ponto de vista, tornando-se também uma ação coletiva.

OUTRA DENOMINAÇÃO. Caso seja necessário especifique quais são as características da outra denominação:

2 CATEGORIA COMPETÊNCIA NARRATIVA

2.1 Seleciona frequentemente narrativas novas para a constituição de seu repertório? () SIM () NÃO

2.2 De que forma seleciona as histórias a serem contadas: () LENDO () OUVINDO () SUGESTÕES DOS PARES () AUDIÇÃO DOS PARES () OUTRAS FORMAS. Cite as outras formas:

2.3 Em que tipo de suportes/mídias busca as histórias para seu repertório? () LIVROS () INTERNET () DVD () CD () OUTRAS OPÇÕES. Especifique as outras opções:

2.4 Ao selecionar as histórias de seu repertório costuma levar em conta a faixa etária do público atendido? () SIM () NÃO

2.5 Para que tipo de público costuma contar histórias? () INFANTIL () JUVENIL () ADULTO () IDOSO

2.6 Ao preparar uma história costuma utilizar que tipo de estratégias? () Leitura em voz alta () Leitura em voz silenciosa () Escrita das partes da história para memorizar () Memorização literal () Reescrita da história para contá-la () Caretas e outros tipos de expressões faciais () Abuso da expressão corporal () Expressão corporal na medida certa (gestos) () Técnica de mudança de voz para diferenciar os personagens () Velocidade, tonalidade e volume da voz () Recursos como música, instrumentos, bonecos, fantoches, ilustrações, flanelógrafo, etc. () Ensaio da história com amigos (filhos, escola), gravação (para correção do vocábulo) e narração em frente do espelho.

2.7 A sua atenção é dispensada para a ambientação e organização do local em que será contada a história? () SIM () NÃO

2.8 No processo de comunicação da história possibilita que o público interaja com a narrativa? () SIM () NÃO

3 CATEGORIA COMPETÊNCIA EM INFORMAÇÃO

A INCLUSÃO DIGITAL – Exige que a alfabetização digital seja direcionada para o desenvolvimento de competências do acesso e de utilização das tecnologias de informação e comunicação, bem como, das habilidades de aprendizagens de recursos digitais e eletrônicos.

3.1 Tendo em vista o exposto, assinale os tipos de equipamentos (suportes) que utiliza para ter acesso a redes digitais: () telefone celular () tablet () tv digital () computador de mesa () notebook () outros. Cite outros tipos:

3.2 Costuma executar tarefas simples com seus equipamentos? () SIM () NÃO.

Cite as tarefas simples que costuma executar: () entender mensagens do sistema operacional que as máquinas emite () copiar arquivos e pastas () modificar área de trabalho () imprimir () apagar () criar diretórios () guardar dados e informação no disco () transferi-los, capturar imagens e textos digitais (). Cite outras tarefas:

3.3 Conhecimentos de informática possibilitam usar computadores e outros equipamentos que são frequentemente definidos como importantes para a comunicação em redes digitais. Nessa direção, responda também se utiliza algum tipo de mídia social para comunicar-se em rede? () SIM () NÃO.

Se respondeu sim assinale com que intensidade: () QUASE NÃO USO () UMA VEZ POR SEMANA () UMA VEZ POR DIA () VÁRIAS VEZES POR DIA.

3.4 Quais são os tipos de mídias sociais que utiliza para esse fim?

() Grupos de e-mails e/ou outros fóruns de discussão () blogs e/ou outras páginas de publicações independentes () Wikipédia e/ou outros tipos de wikis () Facebook e/ou outras redes de relacionamento () YouTube e/ou outras redes de compartilhamento de vídeos () Outros tipos de mídias sociais. Que outros tipos:

3.5 Ser capaz de entender o significado do acesso a uma rede de comunicações, seja no trabalho, em casa, em um café ou em qualquer outro local que permita serviços de internet é realmente importante. Então, talvez seja redundante perguntar se faz uso de aplicações de acesso a internet, mas mesmo assim responda a essa questão: () SIM () NÃO

3.6 Quais aplicações de acesso à internet costuma utilizar?

() correio eletrônico (gmail, hotmail, yahoo e/ou outros); () mensagens instantâneas (Messenger, WhatsApp, Skype e/ou outros); () chats; () fóruns; () navegador (explore, mozilla; google e/ou outros); () outras indicações. Cite as outras:

3.7 Em relação ao uso das ferramentas de busca e recuperação da informação, responda se costuma acessar a internet para busca informações? () SIM () NÃO

Caso a sua resposta tenha sido positiva, marque os recursos que comumente utiliza para pesquisar na internet: () Google e/ou outros buscadores () bibliotecas virtuais () periódicos e revistas digitais () páginas webs institucionais () blogs () wikis () redes sociais (Facebook; LinkedIn e outras).

Caso a resposta anterior seja negativa, indique algumas razões por que costuma não busca a informação na internet: () não sei como se busca () não sei o que posso buscar () não sei onde e como buscar () não tenho a possibilidade de me conectar () até o momento não necessitei buscar a informação na internet.

A INCLUSÃO INFORMACIONAL – Engloba o contexto da alfabetização em informação que de forma alguma desconsidera a importância do processo de formação de uma leitura com significado e entendimento. Convida a um questionamento sobre às habilidades do contador de história no que se refere a saber localizar, avaliar, buscar e utilizar informações.

3.8 Ao entender que o contador de histórias deve buscar uma parcela significativa do conteúdo acessível na internet, em bibliotecas e em outros espaços tempo presenciais e virtuais de informação, responda se costuma selecionar a informação por grau de importância e em função de seus objetivos? () SIM () NÃO

3.9 De maneira geral, se considera capaz de localizar a informação que necessita em obras impressas e na internet por exemplo? () SIM () NÃO

3.10 A alfabetização em informação engloba a capacidade de o sujeito encontrar as informações de que precisa, dessa maneira, responda se durante o processo de busca consegue detectar as palavras chaves ou aquelas que são mais importantes para definir o conteúdo de um texto por exemplo? () SIM () NÃO

3.11 Saber avaliar diferentes fontes de informação, distinguindo-as de acordo com sua qualidade e confiabilidade é outra habilidade que deve ser desenvolvida pelo contador de histórias. Então, responda que critérios utiliza para verificar a qualidade das fontes e dos conteúdos de informação? () AUTORIA () TIPO DE FONTE () ATUALIDADE () COBERTURA () ACESSIBILIDADE () OUTROS.

3.12 Entendendo como necessária a capacidade de localizar, recuperar e apreender criticamente as informações que busca ou recebe em diversos formatos (imagem, texto, som), responda se organiza e disponibiliza o conteúdo de documentos informativos (palestras, artigos, apresentações, etc.) para os seus pares? () SIM () NÃO

3.13 Trabalha coletivamente na produção de novos arquivos para serem compartilhados? () SIM () NÃO

3.14 Se respondeu sim especifique que tipo de arquivos são esses e se de maneira geral costuma compartilhar informações com () FOTOS () TEXTOS () SOM () VÍDEO () MULTIMÍDIA – FOTOS, TEXTOS, SOM E VÍDEO.

4 CATEGORIA CONEXÃO EM REDES

4.1 Participa de alguma rede/comunidade presencial de aprendizagem voltada para a arte de narrar histórias? () SIM () NÃO. Cite as redes:

4.2 Participa de alguma rede/comunidade virtual de aprendizagem voltada para a arte de narrar histórias? () SIM () NÃO. Cite as redes:

4.3 De maneira geral faz parte de alguma rede social (presencial ou virtual) potencializada ou não pelas tecnologias de informação e comunicação? () SIM () NÃO. Cite-as:

4.4 Utiliza informações atualizadas e voltadas para a narrativa oral nas redes de seu interesse? () SIM () NÃO

4.5 Usa a internet para divulgar informação atualizada de interesse dos contadores de histórias nas redes de comunicação citadas? () SIM () NÃO

4.6 Compartilha algum tipo de informação multimídia (som, texto e imagem) na internet ou utilizando algum outro tipo de mídia nessas redes sociais? () SIM () NÃO

4.7 O acesso a internet possibilita buscar informações relacionadas com a narrativa oral nas redes citadas? () SIM () NÃO

4.8 Costuma compartilhar com seus pares as tecnologias que conhece? () SIM () NÃO

4.9 Considera o acesso a informação nas redes digitais importante para o narrador de histórias? () SIM () NÃO. Se respondeu sim avalie como as redes sociais o auxiliam ordenando de 1 a 4 em ordem crescente, ao considerar que 1 é menos importante e 4 mais importante: () para melhorar a sua prática como contador de histórias () para legitimar a sua prática como contador de histórias () para contribuir para o reconhecimento dessa prática () para divulgar a sua prática como contador de histórias.

4.10 Consegue visualizar a constituição das redes existentes com sendo potentes para a área de contação de histórias? () SIM () Não

4.11 Considera importante trabalhar na rede da pesquisa por meio de oficinas e seminários com a competência narrativa, possibilitando assim trocas de experiências e o aprimoramento das técnicas que possui? () SIM () Não

4.12 Tem interesse em participar da rede colaborativa de comunicação dos contadores de histórias capixabas que esta pesquisa propõe? () SIM () NÃO

4.13 Caso tenha interesse de participar dessa rede deixe aqui os seus contatos:

4.14 Agradecemos a sua participação no processo de pesquisa! Caso tenha alguma sugestão escreva a seguir:

APÊNDICE D: TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIMENTO DOS INDICADORES DE PERFIL E CONTEXTO DO CONTADOR DE HISTÓRIAS DO ESTADO DO ESPÍRITO SANTO (2ª FASE, QUESTIONÁRIO)

Vitória, 18 de março de 2015.

Considerando que este documento tem como finalidade registrar o consentimento de sua participação na pesquisa “*No balanço das redes dos contadores de histórias*”, apresenta-se o seu objetivo que é identificar competências em informação e narrativa que os contadores de histórias capixabas possuem e aquelas que lhes são necessárias para uma conexão em redes colaborativas. Convém destacar que a investigação é de responsabilidade da pesquisadora Meri Nadia Marques Gerlin, docente do Departamento de Biblioteconomia da Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes) e discente do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação (PPGCInf) da Universidade de Brasília (UnB). Sob a orientação da profª Drª Elmira Simeão, nessa fase da investigação utiliza-se um questionário contendo *Indicadores de perfil e contexto* resultado de processos de diálogos estabelecidos durante os processos da pesquisa. Após tratar os dados coletados, ao término da investigação assume-se o compromisso de divulgá-los de forma ética. Garante-se a não identificação do seu nome caso seja indesejada e, ao término da pesquisa, assegura-se o compromisso de divulgar os resultados alcançados. Autorizo a divulgação do meu nome () Não autorizo a divulgação do meu nome (). Caso o campo de autorização seja rasurado o seu nome não será divulgado na rede mapeada durante o processo de investigação.

Data do preenchimento: _____

Assinatura do participante: _____

Assinatura do pesquisador: _____

APÊNDICE E: QUESTÕES NORTEADORAS DO PROCESSO DE ENTREVISTA E INDICADORES DE PERFIL E CONTEXTO DO ESTADO DO ESPÍRITO SANTO NA VERSÃO COMPLETA (2ª FASE, ENTREVISTAS)

Objetivo: Identificar competências narrativas e em informação que os contadores de histórias possuem e aquelas que lhes são necessárias para uma conexão colaborativa na sociedade da informação, com a finalidade de proposição de um modelo de rede potencializado pelas tecnologias de informação e comunicação.

A - INDICADORES DO PERFIL PROFISSIONAL

1 CATEGORIA DADOS PESSOAIS E PROFISSIONAIS – A CBO¹⁸² apresenta a contação de histórias como um campo de atuação do ator, ligado a interpretação e representação de um personagem diante de um público, requerendo o auxílio de técnicas de expressão gestual e vocal, exigindo, muitas vezes, um diretor externo. Tendo em vista que o contador de histórias geralmente não requer um diretor externo para o desenvolvimento de sua performance, identifique-se e contextualize a sua ligação com essa área de atuação autônoma:

1.1 Nome completo:

1.2 Idade:

ATÉ 20 ANOS ATÉ 50 ANOS MAIS DE 50 ANOS

1.3 Sexo:

FEMININO MASCULINO

1.4 Quando se iniciou na arte de contar histórias (informar século e ano)?

1.5 Na atualidade desenvolve atividades relacionadas com a contação de histórias? SIM NÃO

1.6 Assinale a sua ligação profissional com a área da contação de histórias:

- PROFISSIONAL REMUNERADO PROFISSIONAL VOLUNTÁRIO

- NARRADOR FORMADOR PESQUISADOR OUTRAS. Especifique quais são as outras formas de ligação:

1.7 Exerce atividades/profissões paralelas relacionadas (ou não) com a contação de histórias? SIM NÃO.

1.8 Quais são as outras atividades e profissões paralelas e em que instituições costuma desenvolvê-las:

2 CATEGORIA FORMAÇÃO PROFISSIONAL – Herdeiro de uma prática tradicional, na contemporaneidade o narrador de histórias realiza pesquisas e participa de cursos, oficinas e outras atividades que possibilitam uma aprendizagem necessária ao desenvolvimento de sua arte. Tendo em vista o exposto, emita um parecer sobre o processo de profissionalização do contador de histórias contemporâneo:

2.1 Assinale os níveis de formação formal que obteve ao longo da vida:

- Ensino fundamental: completo incompleto

- Ensino médio: normal completo normal incompleto profissionalizante completo profissionalizante incompleto

- Ensino superior: completo incompleto

- Nível da pós-graduação: especialização completa especialização incompleta mestrado incompleto mestrado completo doutorado incompleto doutorado completo

¹⁸² Classificação Brasileira de Ocupações.

- 2.2 Especifique que tipo de ensino profissionalizante/normal, graduação e pós-graduação cursou:
- 2.3 Caso seja possível relacione os tipos de formação que obteve com a arte de narrar:
- 2.4 Ao longo do seu processo de formação foi influenciado por narradores tradicionais de sua família e/ou do seu círculo de amizade? () SIM () NÃO
- 2.5 Caso tenha recordação da influência de contadores de histórias tradicionais comente a importância desse tipo de narrador para a sua formação:
- 2.6 Recebeu formação específica para atuar na área da contação de histórias? () SIM () NÃO.
- 2.7 Se a resposta for sim de que atividades/espços de formação participou? () CURSO () OFICINA () GRUPO DE DISCUSSÃO () SEMINÁRIO () CONGRESSO () OUTRAS ATIVIDADES. Especifique as outras atividades:
- 2.8 Que instituições forneceram espaços para a sua formação na área da narrativa oral? () LIVRARIA () ESCOLA () UNIVERSIDADE () PROGRAMA INSTITUCIONAL () OUTRAS INSTITUIÇÕES
- 2.9 Que outras instituições forneceram formação na área da narrativa oral?
- 2.10 Contextualize a importância dos espaços tempos de formação presenciais dos quais participou:
- 2.11 O espaço virtual forneceu algum tipo de auxílio no processo de sua formação? Forneça alguns exemplos:
- 2.12 Faça uma avaliação dos espaços tempos de formações e sobre a aquisição da experiência cotidiana no campo da narrativa oral (conhecer e o fazer):

B - INDICADORES DO CONTEXTO DE ATUAÇÃO

1 CATEGORIA ATUAÇÃO CULTURAL - Tecer redes no momento da comunicação de uma narrativa é uma habilidade que o contador de histórias possui, assim como, proporcionar uma participação mais integradora por meio da gestão do momento cultural oferecido. Contextualize a dinâmica das atividades culturais e comunicativas que costuma promover:

- 1.1 Possui algum tipo de conhecimento da área de gestão cultural? () SIM () NÃO
- 1.2 Se respondeu sim descreva que informações foram buscadas para sedimentar esse tipo de conhecimento:
- 1.3 Você mesmo agencia/administra o seu trabalho cultural? () SIM () NÃO
- 1.4 Se a resposta for não qual é o perfil do profissional e/ou do grupo que agencia o seu trabalho?
- 1.5 Busca o apoio de sujeitos em instituições públicas e/ou privadas para o agenciamento do seu trabalho cultural? () SIM () NÃO.
- 1.6 Caso tenha assinalado sim descreva as instituições e os sujeitos apoiadores com os quais estabeleceu contato para o agenciamento de seu trabalho:
- 1.7 Costuma dialogar com profissionais/sujeitos de outras áreas de atuação para o desenvolvimento do seu trabalho cultural? () SIM () NÃO.
- 1.8 Caso tenha assinalado sim cite a quais áreas pertencem esses profissionais/sujeitos?
- 1.9 De maneira geral como avalia o seu relacionamento com pares, público e apoiadores do trabalho cultural? () ÓTIMO () BOM () REGULAR () RUÍM
- 1.10 O processo de negociação com o coletivo (pares, público e apoiadores) auxilia no desenvolvimento da arte de narrar?

1.11 Em que espaços tempos presenciais desenvolve o trabalho narrativo?

1.12 Costuma desenvolver o trabalho narrativo no espaço virtual? () SIM () NÃO.

1.13 Se a resposta for sim descreva o trabalho que é desenvolvido no ciberespaço:

1.14 Especifique quais são os serviços e os produtos que costuma oferecer ao seu público?

1.15 Como caracteriza a atividade cultural que desenvolve nas instituições capixabas? () ANIMAÇÃO CULTURAL () AÇÃO CULTURAL () OUTRA DENOMINAÇÃO.

1.16 Se for o caso qual é a outra denominação utilizada para caracterizar as atividades que desenvolve:

1.17 Assinale as alternativas que melhor caracterizam as atividades que costuma desenvolver:

ANIMAÇÃO CULTURAL

- () o processo de planejamento, criação e desenvolvimento das atividades narrativas é realizado apenas por você;
- () as atividades desenvolvidas se resumem apenas em práticas diversionistas;
- () os aspectos relacionados com a memória são apenas seus;
- () na ação de recordar do momento narrativo impera apenas o seu ponto de vista.

AÇÃO CULTURAL

- () as atividades que você planeja e desenvolve possibilitam a intervenção do coletivo;
- () a elaboração do planejamento também pode ser de responsabilidade do coletivo;
- () além de diversão a atividade narrativa possibilita o desenvolvimento de práticas reflexivas possíveis de gerar transformações;
- () as lembranças evocadas pela narrativa também podem se constituir como manifestações do coletivo;
- () na ação de recordar impera não apenas o seu ponto de vista, tornando-se também uma ação coletiva.

OUTRA DENOMINAÇÃO. Caso seja necessário especifique quais são as características da outra denominação:

1.18 Tendo em vista que para recordar os sujeitos baseiam-se nas estruturas sociais da memória que os antecedem, comente como o exercício de contar histórias influencia no seu cotidiano de trabalho:

2 CATEGORIA COMPETÊNCIA NARRATIVA – A atividade cultural do contador de histórias exige competências e habilidades advindas da experiência adquirida no cotidiano de trabalho e em atividades de formação. Desse modo, faça uma articulação entre os saberes e os fazeres (técnicas adquiridas em cursos e no cotidiano por exemplo) que permitem aprender ao longo da vida, ao destacar a forma como seleciona, prepara e comunica uma história:

2.1 Seleciona narrativas novas para a constituição de seu repertório? Caso a resposta seja sim, com que frequência realiza essa atividade e que tipo de conhecimento é necessário para a sua realização?

2.2 De que forma seleciona as histórias a serem contadas: () LENDO () OUVINDO () SUGESTÕES DOS PARES () AUDIÇÃO DOS PARES () OUTRAS FORMAS.

2.3 Caso tenha assinalado outras formas especifique quais são:

2.4 Em que tipo de suportes/mídias busca as histórias para seu repertório? () LIVROS () INTERNET () DVD () CD () OUTRAS OPÇÕES.

2.5 Quais são as outras opções de suportes/mídias buscadas para a composição do repertório?

2.6 Ao selecionar as histórias de seu repertório costuma levar em conta a faixa etária do público atendido? () SIM () NÃO.

2.7 Para que tipo de público costuma contar histórias? () INFANTIL () JUVENIL () ADULTO () IDOSO.

2.8 Ao preparar uma história costuma utilizar que tipo de estratégias?

- Leitura em voz alta
- Leitura em voz silenciosa
- Escrita das partes da história para memorizar
- Memorização literal
- Reescrita da história para contá-la
- Caretas e outros tipos de expressões faciais
- Abuso da expressão corporal
- Expressão corporal na medida certa (gestos)
- Técnica de mudança de voz para diferenciar os personagens
- Velocidade, tonalidade e volume da voz
- Recursos como música, instrumentos, bonecos, fantoches, ilustrações, flanelógrafo, etc.
- Ensaio da história com amigos (filhos, escola), gravação (para correção do vocábulo) e narração em frente do espelho

2.9 Quantos minutos comumente é reservado para o momento de contação de histórias que está sob sua coordenação?

2.10 A sua atenção é dispensada para a ambientação e organização do local em que será contada a história? () SIM () NÃO

2.11 Se a resposta for sim costuma envolver o público no processo de organização do espaço? () SIM () NÃO

2.12 No processo de comunicação da história possibilita que o público interaja com a narrativa? () SIM () NÃO

2.13 Que estratégias costuma utilizar para fomentar o diálogo durante o processo de comunicação da narrativa?

2.14 As habilidades citadas acabam requerendo uma base de conhecimentos sobre as tecnologias de informação e comunicação (TIC), bem como, a aquisição de conhecimentos para que se possa acessar aos serviços que as redes de comunicação oferecem. Entendendo que a atuação cultural do narrador contemporâneo exige saber usar a informação narrativa e comunicá-la no contexto da sociedade da informação, contextualize a função das TIC para uma arte milenar como a contação de histórias:

3 CATEGORIA COMPETÊNCIA EM INFORMAÇÃO – Tendo em vista a necessidade de acessar, buscar, avaliar e usar informações para o desenvolvimento de sua prática, contextualize pontos específicos da competência em informação que engloba os polos da inclusão digital e informacional:

A **INCLUSÃO DIGITAL** – Exige que a alfabetização digital seja direcionada para o desenvolvimento de competências do acesso e de utilização das tecnologias de informação e comunicação, bem como, das habilidades de aprendizagens de recursos digitais e eletrônicos.

3.1 Tendo em vista o exposto, assinale os tipos de equipamentos (suportes) que utiliza para ter acesso a redes digitais:

- telefone celular;
- tablet;
- tv digital;
- computador de mesa;
- notebook;
- outros

3.2 Se assinalou outros tipos de equipamentos (suportes) para acesso a redes digitais especifique quais são:

3.2 Costuma executar tarefas simples com seus equipamentos? () SIM () NÃO

3.3 Se a resposta assinalada for sim, quais são as tarefas simples que costuma executar:

entender mensagens do sistema operacional que as máquinas emite copiar arquivos e pastas modificar área de trabalho imprimir apagar criar diretórios guardar dados e informação no disco transferi-los, capturar imagens e textos digitais Outras tarefas.

3.4 Que outras tarefas simples considera importante citar para esse contexto de pesquisa?

3.5 Conhecimentos de informática possibilitam usar computadores e outros equipamentos que são frequentemente definidos como importantes para a comunicação em redes digitais. Nessa direção, responda também se utiliza algum tipo de mídia social para comunicar-se em rede? SIM NÃO.

3.6 Se respondeu sim assinale com que intensidade: QUASE NÃO USO UMA VEZ POR SEMANA UMA VEZ POR DIA VÁRIAS VEZES POR DIA.

3.4 Quais são os tipos de mídias sociais que utiliza para esse fim?

Grupos de e-mails e/ou outros fóruns de discussão blogs e/ou outras páginas de publicações independentes Wikipédia e/ou outros tipos de wikis Facebook e/ou outras redes de relacionamento YouTube e/ou outras redes de compartilhamento de vídeos Outros tipos de mídias sociais

3.5 Que outros tipos de mídias sociais possibilitam interação, produção e compartilhamento de informações?

3.6 Ser capaz de entender o significado do acesso a uma rede de comunicações, seja no trabalho, em casa, em um café ou em qualquer outro local que permita serviços de internet é realmente importante. Então, talvez seja redundante perguntar se faz uso de aplicações de acesso a internet, mas mesmo assim responda a essa questão: SIM NÃO.

3.7 Quais aplicações de acesso à internet costuma utilizar:

correio eletrônico (gmail, hotmail, yahoo e/ou outros); mensagens instantâneas (Messenger, WhatsApp, Skype e/ou outros); chats; fóruns; navegador (explore, mozilla; google e/ou outros); outras indicações.

3.8 Que outras aplicações de acesso à internet costuma utilizar?

3.9 Em relação ao uso das ferramentas de busca e recuperação da informação, responda se costuma acessar a internet para busca informações? SIM NÃO.

3.10 Caso a sua resposta tenha sido positiva, marque os recursos que comumente utiliza para pesquisar na internet:

- Google e/ou outros buscadores;
- bibliotecas virtuais;
- periódicos e revistas digitais;
- páginas webs institucionais;
- blogs;
- wikis;
- redes sociais (Facebook; LinkedIn e outras);

Caso a resposta anterior seja negativa, indique algumas razões por que costuma não busca a informação na internet:

- não sei como se busca;
- não sei o que posso buscar;
- não sei onde e como buscar;
- não tenho a possibilidade de me conectar;
- até o momento não necessitei buscar a informação na internet;

A INCLUSÃO INFORMACIONAL – Engloba o contexto da alfabetização em informação que de forma alguma desconsidera a importância do processo de formação de uma leitura com significado e entendimento. Todavia, esse diálogo convida a um questionamento sobre às habilidades do contador de história no que se refere a saber localizar, avaliar, buscar e utilizar informações:

3.12 Ao entender que o contador de histórias deve buscar uma parcela significativa do conteúdo acessível na internet, em bibliotecas e em outros espaços tempo presenciais e virtuais de informação, responda se costuma selecionar a informação por grau de importância e em função de seus objetivos? () SIM () NÃO

3.13 De maneira geral, se considera capaz de localizar a informação que necessita em obras impressas e na internet por exemplo? () SIM () NÃO

3.14 A alfabetização em informação engloba a capacidade de o sujeito encontrar as informações de que precisa, dessa maneira, responda se durante o processo de busca consegue detectar as palavras chaves ou aquelas que são mais importantes para definir o conteúdo de um texto por exemplo? () SIM () NÃO

3.15 Saber avaliar diferentes fontes de informação, distinguindo-as de acordo com sua qualidade e confiabilidade é outra habilidade que deve ser desenvolvida pelo contador de histórias. Então, responda que critérios utiliza para verificar a qualidade das fontes e dos conteúdos de informação? () AUTORIA () TIPO DE FONTE () ATUALIDADE () COBERTURA () ACESSIBILIDADE () OUTROS.

3.16 Caso tenha assinalado outros, especifique quais são os outros critérios que utiliza para verificar a qualidade das fontes e dos conteúdos de informação:

3.17 Entendendo como necessária a capacidade de localizar, recuperar e apreender criticamente as informações que busca ou recebe em diversos formatos (imagem, texto, som), responda se organiza e disponibiliza o conteúdo de documentos informativos (palestras, artigos, apresentações, etc.) para os seus pares? () SIM () NÃO

3.18 Caso tenha respondido sim cite que tipo de recursos utiliza para organizar e disponibilizar conteúdos de documentos informativos?

3.19 Trabalha coletivamente na produção de novos arquivos para serem compartilhados? () SIM () NÃO.

3.20 Se respondeu sim especifique que tipo de arquivos são esses e se de maneira geral costuma compartilhar informações com () FOTOS () TEXTOS () SOM () VÍDEO () MULTIMÍDIA – FOTOS, TEXTOS, SOM E VÍDEO.

4 CATEGORIA CONEXÃO EM REDES – Alfabetização digital e informacional possibilita ao contador de histórias profissional trabalhar em ambiente de rede, integrar-se globalmente e apreender autonomamente. As novas tecnologias de informação e comunicação reforçam as relações nas redes digitais recentemente integradas a sua realidade de vida e trabalho. Sem desconsiderar o perfil de comunicação interpessoal contextualize a sua formação e os seus fazeres (ser, conhecer e fazer) no contexto da rede digital:

4.1 Participa de alguma rede/comunidade **presencial** de aprendizagem voltada para a arte de narrar histórias? () SIM () NÃO.

4.2 Se respondeu sim de qual rede/comunidade presencial voltada para a arte de narrar participa?

4.3 Participa de alguma rede/comunidade **virtual** de aprendizagem voltada para a arte de narrar histórias? () SIM () NÃO.

4.4 Se respondeu sim de qual rede/comunidade virtual voltada para a arte de narrar faz parte?

4.5 De maneira geral faz parte de alguma rede social (presencial ou virtual) potencializada ou não pelas tecnologias de informação e comunicação? () SIM () NÃO.

4.6 Se a sua resposta for sim de qual rede social com essas características faz parte?

4.7 Utiliza informações atualizadas e voltadas para a narrativa oral nas redes de seu interesse? () SIM () NÃO.

4.8 Usa a internet para divulgar informação atualizada de interesse dos contadores de histórias nas redes de comunicação citadas? () SIM () NÃO.

4.9 Compartilha algum tipo de informação multimídia (som, texto e imagem) na internet ou utilizando algum outro tipo de mídia nessas redes sociais? () SIM () NÃO.

4.10 Se a sua resposta foi sim, que tipo de mídia?

4.11 O acesso a internet nas redes citadas possibilita buscar informações relacionadas com a narrativa oral? () SIM () NÃO.

4.12 Se a sua resposta foi sim, que tipo de informações relevantes costuma encontrar?

4.13 Costuma compartilhar com seus pares as tecnologias que conhece? () SIM () NÃO.

4.14 Considera o acesso a informação nas redes digitais importante para o narrador de histórias? () SIM () NÃO.

Se respondeu sim avalie como as redes sociais o auxiliam ordenando de 1 a 4 em ordem crescente, ao considerar que 1 é menos importante e 4 mais importante:

() para melhorar a sua prática como contador de histórias () para legitimar a sua prática como contador de histórias () para contribuir para o reconhecimento dessa prática () para divulgar a sua prática como contador de histórias.

4.15 Como consegue visualizar a constituição das redes existentes na área de contação de histórias?

4.16 Considera importante trabalhar por meio de oficinas e seminários, com inclusão digital e informacional (competência em informação), estimulando as habilidades e buscando soluções para os problemas relacionados com atividades cotidianas em redes?

5.17 Considera importante trabalhar por meio de oficinas e seminários com a competência narrativa, possibilitando assim trocas de experiências e o aprimoramento das técnicas que possui?

4.18 Tem interesse em participar da rede colaborativa de comunicação dos contadores de histórias capixabas que esta pesquisa propõe? () SIM () NÃO.

4.19 De que forma aceita participar das ações de formação rede? () ouvinte () formador () outra forma.

4.20 Caso tenha assinalado outras formas especifique:

4.21 Tendo em vista que indicou anteriormente contadores de histórias de sua rede para participar da pesquisa inicial, quem mais indicaria para participar dessa rede?

4.22 Agradecemos a sua participação no processo de pesquisa! Caso tenha alguma sugestão escreva no espaço a seguir:

APÊNDICE F: TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIMENTO DO PROCESSO DE ENTREVISTAS COM CONTADORES DE HISTÓRIAS DO ESTADO DO ESPÍRITO SANTO (2ª FASE, ENTREVISTAS)

Vitória, 18 de março de 2015.

Considerando que este documento tem como finalidade registrar o consentimento de sua participação na pesquisa “*No balanço das redes dos contadores de histórias*”, apresenta-se o seu objetivo que é identificar competências em informação e narrativa que os contadores de histórias capixabas possuem e aquelas que lhes são necessárias para uma conexão em redes colaborativas. Convém destacar que a investigação é de responsabilidade da pesquisadora Meri Nadia Marques Gerlin, docente do Departamento de Biblioteconomia da Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes) e discente do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação (PPGCIInf) da Universidade de Brasília (UnB). Sob a orientação da prof^a Dr^a Elmira Simeão da UnB, nessa fase da pesquisa utiliza-se um roteiro com questões semi-estruturadas resultadas dos processos de diálogos que foram estabelecidos durante um processo de pesquisa. Após tratar os dados coletados, ao término da investigação assume-se o compromisso de divulgá-los de forma ética. Garante-se a não identificação do seu nome caso seja indesejada e, ao término da pesquisa, assegura-se o compromisso de divulgar os resultados alcançados. Autorizo a divulgação do meu nome () Não autorizo a divulgação do meu nome (). Caso o campo de autorização seja rasurado o seu nome não será divulgado na rede mapeada durante o processo de investigação e no campo da descrição do resultado das entrevistas.

Data da entrevista: _____

Assinatura do participante: _____

Assinatura do pesquisador: _____

APÊNDICE G – AÇÕES PROMOVIDAS DE FORMA A VIABILIZAR O DIÁLOGO COM OS NARRADORES DURANTE O PROCESSO DE PLANEJAMENTO DAS DIVERSAS FASES DESTA PESQUISA

EVENTO/LOCAL	ORGANIZAÇÃO/PERÍODO	OBJETIVO	AÇÃO
Formação de bibliotecários e agentes de bibliotecas da Rede Municipal de Educação realizado em Cariacica (ES).	Prefeitura Municipal de Cariacica (ES)/ Projeto de Extensão Informa-Ação e Cultura e Projeto de Pesquisa Banco de Lendas da Região Metropolitana da Grande Vitória (Ufes) – 2013/2.	Criar espaços de reflexão sobre a competência leitora em bibliotecas escolares. Enfocar o trabalho que é desenvolvido com contação de histórias.	Por meio da palestra “A função da biblioteca escolar no processo de ensino aprendizagem”, estabelecer contato com bibliotecários contadores de histórias da pesquisa.
Formação de bibliotecários e agentes de bibliotecas da Rede Municipal de Educação realizado em Cariacica (ES).	Prefeitura Municipal de Cariacica (ES)/ Projeto de Extensão Informa-Ação e Cultura e Projeto de Pesquisa Banco de Lendas da Região Metropolitana da Grande Vitória (Ufes) – 2013/2.	Criar espaços de reflexão sobre a competência leitora em bibliotecas escolares. Enfocar o trabalho que é desenvolvido com competência leitora.	Por meio da palestra “O trabalho com a competência leitura tendo como aporte as lendas capixabas”, estabelecer espaços de diálogos com bibliotecários contadores de histórias da pesquisa.
1º Seminário No balanço das redes dos contadores de histórias e Sarau de contação de histórias realizados em Brasília (DF).	Biblioteca Demonstrativa de Brasília (BDB)/ Faculdade de Ciências da Informação (UnB)/ Projeto de Extensão Informa-Ação e Cultura e Projeto de Pesquisa No balanço das redes dos contadores de histórias (Ufes) – 2013/2.	Compartilhar experiências vividas pelos contadores de histórias conectados em redes e identificar as competências necessárias para essa conexão.	Por meio da realização da palestra “No balanço das redes dos contadores de histórias”, estabelecer momento de diálogo inicial sobre a prática de narrar histórias e aplicar a primeira versão do questionário da pesquisa (pré-teste).
Oficina de contação de histórias realizada nas dependências da Ufes.	Projeto de pesquisa No balanço das redes dos contadores de histórias, projeto extensionista Informa-Ação e Cultura e projeto Atividades de comemoração dos 40 anos do Curso de Biblioteconomia (Ufes) – 2014/2.	Trabalhar com a aplicação de técnicas relacionadas com a narrativa oral.	Por meio da realização de uma oficina dialógica sobre a arte de contar histórias, iniciou-se o mapeamento da rede dos contadores de histórias capixabas.
2º Seminário No balanço das redes dos contadores de histórias e Sarau de contação de histórias realizados nas dependências da Ufes.	Faculdade de Ciências da Informação (UnB)/Dinter UnB-Ufes/ Projeto de Pesquisa No balanço das redes dos contadores de histórias e projeto de extensão Informa-Ação e Cultura (UFES) – 2014/2.	Discutir assuntos relacionados com a narrativa oral e competência em informação no Estado do ES.	Por meio do estabelecimento de diálogos sobre a competência em informação e competência narrativa, iniciou-se o mapeamento da rede dos contadores de histórias capixabas.
Contação de histórias realizado na EMEF Aristóbulo Barbosa Leão em Vitória (ES).	Ação da unidade escolar da Prefeitura Municipal de Vitória/Projeto de pesquisa No balanço das redes dos contadores de histórias – 2015/1.	Estabelecer diálogos em torno da arte de contar histórias na pesquisa de campo.	Por meio de intervenção prática da área de atuação do narrador de histórias, complementou-se o trabalho de observação e dialogou-se com outros narradores indicados no mapeamento da rede.
Curso de formação em contação de histórias na Escola Primeiro Mundo da rede de ensino particular de Vitória (ES).	Escola Primeiro Mundo/ Projeto de extensão Informa-Ação e Cultura e projeto de pesquisa No balanço das redes dos contadores de histórias – 2015/1.	Refletir habilidades específicas da área da narrativa oral com professores contadoras de histórias da educação infantil.	Por meio da palestra Contando, encantando e contando histórias, complementou-se o trabalho de observação e dialogou-se com outros narradores indicados no mapeamento da rede.

EVENTO/LOCAL	ORGANIZAÇÃO/PERÍODO	OBJETIVO	AÇÃO
Oficina de competência em informação realizada no Fórum de discussão: <i>Information Literacy</i>, possíveis caminhos e reflexões.	CRB6/Projeto de Extensão Informa-Ação e Cultura e projeto de pesquisa No balanço das redes dos contadores de histórias – 2015/1.	Criar espaços de diálogos sobre a competência em informação.	Por meio do oferecimento de oficina sobre competência em informação, complementou-se o trabalho de observação e dialogou-se com outros narradores indicados no mapeamento da rede.
Oficina de competência narrativa realizada no Fórum de discussão: <i>Information Literacy</i>, possíveis caminhos e reflexões.	CRB6/Projeto de Extensão Informa-Ação e Cultura e projeto de pesquisa No balanço das redes dos contadores de histórias – 2015/1.	Criar espaços de diálogos sobre a competência narrativa.	Por meio do oferecimento de oficina sobre competência narrativa, complementou-se o trabalho de observação e dialogou-se com outros narradores indicados no mapeamento da rede.
Curso de formação em contação de histórias na Escola Primeiro Mundo da rede de ensino particular de Vitória (ES).	Escola Primeiro Mundo/ Projeto de extensão Informa-Ação e Cultura e projeto de pesquisa No balanço das redes dos contadores de histórias – 2015/2.	Refletir a aquisição de técnicas da narrativa oral com professores contadoras de histórias do ensino fundamental.	Por meio da palestra Contanto e encantando: encontros de (in)formação com contadores de histórias, complementou-se o trabalho de observação e dialogou-se com outros narradores indicados no mapeamento da rede.

Fonte: Dados coletados pela pesquisadora durante a realização da pesquisa.

APÊNDICE H: QUADRO DE RELAÇÃO DAS INTERAÇÕES DOS SUJEITOS DA REDE DA PESQUISA

ATORES	INTERAÇÕES
A1 (Azinete Biancardi/Docência/Ufes)	A13; A2; A9; A15; A17
A2 (Eduardo Valadares/Autônomo)	A4; A9; A18
A3 (Ingrid Pereira/Biblioteca/PMC)	A6 A53; A54; A55; A56; A57; A58; A59; A60; A61; A62; A63; A64; A65; A66; A67; A68
A4 (Marcela Mendonça/Biblioteca escolar/PMV)	A2; A9
A5 (Vânia de Oliveira/ Biblioteca escolar/PMC)	A1; A2 A53; A54; A55; A56; A57; A58; A59; A60; A61; A62; A63; A64; A65; A66; A67; A68
A6 (Márcia Helena/Biblioteca escolar/PMC)	A3; A10; A11; A27; A52; A53; A54; A55; A56; A57; A58; A59; A60; A61; A62; A63; A64; A65; A66; A67; A68
A7 (Rita dos Santos/Projeto Colorir/Autônoma)	A8;
A8 (Eugênio Fernandes/Projeto Colorir/Autônomo)	A7; A9
A9 (Fabiano Moraes/Docência/Ufes)	A2; A4; A8; A13; A15; A16; A18
A10 (Biblioteca Pública/PMJM)	A2
A11 (Silvana Sampaio/Autônoma)	A12; A18; A15
A12 (Rosário Varejão/Autônoma)	A11
A13 (Eugênia Broseguini/Autônoma)	A4; A9; A15; A17;
A14 (Elane Uliana/Bibliotecária/PMV)	A2
A15 (Tiana Magalhães/Autônoma)	A16; A17; A23; A24
A16 (Alzira Bossois/Autônoma)	A15; A17
A17 (Marta Samôr/Autônoma)	A15; A16
A18 (Gab Kruger/Autônoma)	A2; A9; A15; A16; A17
A19 (Ens. Fundamental/PMVV)	A15
A20 (Biblioteca Pública/PMDM)	A21
A21 (Biblioteca Pública/PM Viana)	A15; A20
A22 (Biblioteca/Ufes)	A2
A23 (Cláudia Perere/Mucane/Autônoma)	A15; A24; 25
A24 (Fábio Perere/Mucane/Autônomo)	A15; A23; 25

A25 (Mucane/Autônoma)	A15; A23; A24
A26 (Ens. Fundamental/Primeiro Mundo)	A27
A27 (Ens. Fundamental/Primeiro Mundo)	A6; A26; A28; A29; A30; A31; A32; A33; A34; A35; A36; A37; A38; A39; A40; A41; A42; A43; A44; A45
A28 (Ens. Fundamental/Primeiro Mundo)	A27
A29 (Ens. Fundamental/Primeiro Mundo)	A27
A30 (Ens. Fundamental/Primeiro Mundo)	A27
A31 (Ens. Fundamental/Primeiro Mundo)	A27
A32 (Ens. Fundamental/Primeiro Mundo)	A27
A33 (Ens. Fundamental/Primeiro Mundo)	A27
A34 (Ens. Fundamental/Primeiro Mundo)	A27
A35 (Ens. Fundamental/Primeiro Mundo)	A27
A36 (Ens. Fundamental/Primeiro Mundo)	A27
A37 (Ens. Fundamental/Primeiro Mundo)	A27
A38 (Ens. Fundamental/Primeiro Mundo)	A27
A39 (Ens. Fundamental/Primeiro Mundo)	A27
A40 (Ens. Fundamental/Primeiro Mundo)	A27
A41 (Ens. Fundamental/Primeiro Mundo)	A27
A42 (Ens. Fundamental/Primeiro Mundo)	A27
A43 (Educação Infantil/Primeiro Mundo)	A27
A44 (Educação Infantil/Primeiro Mundo)	A27
A45 (Educação Infantil/Primeiro Mundo)	A27
A46 (Ensino Fundamental/PMC)	A52
A47 (Ensino Fundamental/PMC)	A52
A48 (Ensino Fundamental/PMC)	A52
A49 (Ensino Fundamental/PMC)	A52
A50 (Ensino Fundamental/PMC)	A52
A51 (Ensino Fundamental/PMC)	A52
A52 (Ensino Fundamental/PMC)	A6; A46; A47; A48; A49; A50; A51
A53 (Biblioteca Escolar/PMC)	A3; A5; A6;

A54 (Biblioteca Escolar/PMC)	A3; A5; A6;
A55 (Biblioteca Escolar/PMC)	A3; A5; A6;
A56 (Biblioteca Escolar/PMC)	A3; A5; A6;
A57 (Biblioteca Escolar/PMC)	A3; A5; A6;
A58 (Biblioteca Escolar/PMC)	A3; A5; A6;
A59 (Biblioteca Escolar/PMC)	A3; A5; A6;
A60 (Biblioteca Escolar/PMC)	A3; A5; A6;
A61 (Biblioteca Escolar/PMC)	A3; A5; A6;
A62 (Biblioteca Escolar/PMC)	A3; A5; A6;
A63 (Biblioteca Escolar/PMC)	A3; A5; A6;
A64 (Biblioteca Escolar/PMC)	A3; A5; A6;
A65 (Biblioteca Escolar/PMC)	A3; A5; A6;
A66 (Biblioteca Escolar/PMC)	A3; A5; A6;
A67 (Biblioteca Escolar/PMC)	A3; A5; A6;
A68 (Biblioteca Escolar/PMC)	A3; A5; A6;